UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Samuel Ayobami Akinruli

A ETNOGRAFIA DE MUSEUS ANCORADA NA MEMÓRIA SOCIAL:

o sistema de informação e inovação social do médium Chico Xavier

Belo Horizonte
2023

Samuel Ayobami Akinruli

A ETNOGRAFIA DE MUSEUS ANCORADA NA MEMÓRIA SOCIAL:

o sistema de informação e inovação social do médium Chico Xavier

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Escola de Ciência da Informação (ECI), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito à obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação. Área de Concentração: Informação, Mediações e Cultura. Linha de Pesquisa: Memória Social, Patrimônio e Produção do Conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Moura.

Coorientadora: Profa. Dra. Joëlle Le Marec

Belo Horizonte

2023

A315e Akinruli, Samuel Ayobami.
A etnografia de museus ancorada na memória social [recurso eletrônico] : o sistema de informação e inovação social do médium Chico Xavier / Samuel Ayobami Akinruli. - 2023.
1 recurso online (568 f. : il., color.) : pdf.

Orientadora: Maria Aparecida Moura.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 472-504.
Apêndice: f. 505-568.
Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Museus – Etnografia – Teses 3. Patrimônio cultural – Teses 4. Memória – Aspectos religiosos – Teses. 5. Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002 – Espiritismo – Teses. I. Moura, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 069:39

Ficha catalográfica: Elaine Diamantino Oliveira - CRB: 6/2742

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Ciência da Informação
Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DE DEFESA DE TESE

Às 08:00 horas do dia 12 de julho de 2023, por meio da plataforma Webconf - PPGCI, realizou-se a sessão pública para a defesa da tese de SAMUEL AYOBAMI AKINRULI, número de registro 2018662737**.** A presidência da sessão coube a Profa. Maria Aparecida Moura - orientadora. Inicialmente, a presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Prof. Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior (UFSM), Profa. Andréa Rizzotto Falcão (IFRJ), Profa. Maria Guiomar da Cunha Frota (ECI/UFMG), Profa. Letícia Julião (ECI/UFMG), e Profa. Maria Aparecida Moura - Orientadora (ECI/UFMG). Em seguida, o candidato fez a apresentação do trabalho que constitui sua tese de doutorado, intitulada: "*A etnografia de museus ancorada na memória social: o sistema de informação e inovação social do médium Chico Xavier*". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a tese de doutorado. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, se aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 12 de julho de 2023

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Documento assinado eletronicamente por **Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior**, **Usuário Externo**, em 15/07/2023, às 21:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Leticia Juliao**, **Professora do Magistério Superior**, em 18/07/2023, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Moura**, **Presidente de comissão**, em 26/07/2023, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Guiomar da Cunha Frota**, **Professora do Magistério Superior**, em 03/08/2023, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Andrea Rizzotto Falcão**, **Usuário Externo**, em 04/08/2023, às 14:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2473914** e o código CRC **47BB7579**.

Dedico este trabalho aos meus pais *Bàbá àti Yèyé láfin Akínrúlí*, especialmente à minha mãe *Yèyé Atinúkẹ́ Akínrúlí – Òjíkùtùpẹ́kùn, òjíbọ́barẹ́ aráa Òkèèjìgbò.*

Àbá kúnlẹ̀ ká kóbìrín, ṣebí Obìrín ló bíwa kí àwa ó tó dènìyàn,
Agbẹ̀ẹ̀ngẹ̀dẹ̀ àjùbà, àjùbà náà agbẹ̀ẹ̀ngẹ̀dẹ̀.
Ọ̀ṣẹ́ Òtúrá

Deveremos ajoelhar e reverenciar as nossas mães, pois é a mulher que deu luz primeiramente a nós, antes de nos tornamos sujeitos. Portanto, reverenciamos todas.

Dedico também este processo e seus frutos às mulheres da minha vida que se engajaram do início ao fim – *Yèyé Luana Campos Akínrúlí* e *Àyọ̀mídé Campos Akínrúlí*. Às *Yèyé* – aquelas que existem para que outros possam existir.

AGRADECIMENTOS

Manifesto minha gratidão afetiva e calorosa à minha orientadora, professora Dra. Maria Aparecida Moura que, além de exemplo de luta e determinação, sua competência em combinar afeto e erudição foi determinante na minha trajetória profissional e confirma a retidão do compromisso com o conhecimento científico crítico e que deve ser ampliado, acessível e sensível às interseccionalidades. Também dedico reconhecimento à minha coorientadora, professora Dra. Joëlle Le Marec que, com muita sensibilidade e percepção aguçada, promoveu acessos e permanências em locais e ambientes por vezes impérvios.

Registo meus agradecimentos tanto à Escola de Ciência da Informação (ECI) em sua totalidade, incluindo seu corpo docente e discente, quanto às instituições de pesquisa que ao longo deste percurso, financiaram e acreditaram na transformação da ciência no Brasil e que, apesar dos pesares, nós cientistas resistimos aos ataques de desmonte da nossa jovem *res*pública ("coisa pública"). Cito, em especial, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFMG).

Aos professores com os quais realizei disciplinas durante o doutorado e que foram fundamentais para a minha formação intelectual. E, em especial, àqueles que contribuíram diretamente no meu exame de qualificação e na defesa final. Ainda, aos docentes e pesquisadores de outras instituições as quais estive engajado ao longo desta pesquisa e que colaboraram de muitas e diversas formas.

Dra. Alcenir Soares dos Reis (UFMG)
Dra. Andréa Rizzotto Falcão (IFRJ)
Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo (UFMG)
Dr. Carlos Xavier de Azevedo (UFPB)
Dra. Déborah de Magalhães Lima (UFMG)
Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira (UFMG)
Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior (UFSM)
Dra. Letícia Julião (UFMG)
Dra. Márcia Regina Romeiro Chuva (UNIRIO)
Dra. Maria Guiomar da Cunha Frota (UFMG)
Dr. Plinio da Costa Temba (UFMG)
Dra. Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (UNIRIO)

Quando estive em pesquisa no exterior, notoriamente na realização do doutorado-sanduíche em Paris/França, os professores e instituições abaixo elencados foram de grande receptividade e de colaboração para esta investigação e a quem retribuo com este gesto de gratidão:

Dra. Agnés Parent (Muséum National d'Histoire Naturelle)
Dr. Alexandre Delarge (Federation des Ecomusee et des Musées de Société)
David Labreure (Maison d'Auguste Comte)
Dr. François Mairesse (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 / ICOM)
Gérard Audinet (Maison de Victor Hugo)

Groupe de Recherches en Sciences de l'Information et de la Communication, Sorbonne Université (Neuilly-sur-Seine/FR)
Dr. Hugues de Varine (ICOM)
Dr. Igor Babou (Université Paris Diderot-Paris 7)
Dra. Marion Aubrée (École des Hautes Etudes en Sciences Sociales / Centre d'Etudes en Sciences Sociales du Religieux)
Dr. Notteghem Patrice (Ecomusée du Creusot)
Dra. Severine Marechal (Maison de Balzac)
Dr. Yves Gagneux (Maison de Balzac)

Gratidão aos colegas e parceiros da *Maison du Brésil* em Paris, passando também pela diretoria aos funcionários, que propiciaram amizades de grande importância para o período de estadia na França:

Amanda Patrícia Sales
Ana Beatriz Romero Novelli
Antônio Mota Filho
Caio Teixeira Brandão
Dayse Bandeira
Denise Leitão
Frederico de Sá Filho
Gabriel Silveira Andrade Antunes
Hiba-Allah Hilali Najm
Irina Pi Juamà
Ivet Serra i Aynó
Kelly Pacheco
Lívio Amaral
Lui Txai Calvoso Habl
Marcela Maria de Paiva Azevedo
Palmireno Moreira Neto
Pedro Vivas Ponte
Raphael Guilherme de Carvalho
Simita Delaire
Thiago Manhães Cabral
Viviane Ribeiro Correia

Agradecemos à equipe e colaboradores do Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural (INSOD) que foram fundamentais para a realização do Plano de Ação Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier:

Carolina Vaz de Carvalho
Msc. Conceição Linda de França
Dra. Cristiane Maria Magalhães
Msc. Januaceli Felizardo Murta
Msc. Kleumanery de Melo Barboza
Leonardo Nominato Mantovani Santos
Dra. Luana Carla Martins Campos Akinruli
Dra. Marina Mesquita Camisasca
Msc. Valdinêy Amaral Leite

O nosso reconhecimento às comunidades espíritas, em nome de pessoas e instituições, que foram colaboradoras nesta pesquisa. Em especial à Eurípedes Humberto Higino dos Reis que dividiu conosco a intimidade da casa, da vida e das recordações.

Aliança Municipal Espírita de Uberaba (Uberaba/MG)
Association Parisienne d'Études Spirites (Vincennes/FR)
Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (Uberaba/MG)
Casa de Oração Casa do Caminho (Araxá/MG)

Casa Espírita da Sopa Adolfo Fritz (Uberaba/MG)
Centre d'Etudes Spirites Allan Kardec (Bagnolet/FR)
Centro Espírita e Memorial Luiz Gonzaga (Pedro Leopoldo/MG)
Colégio Allan Kardec (Sacramento/MG)
Federação Espírita Brasileira (Brasília/DF)
Fundação Caminho, Verdade e Vida (Belo Horizonte/MG)
União Espírita Mineira (Belo Horizonte/MG)

Abadia da Silva Souza (Dona Abadia)
Anita Becquerel
Belmiro Chagas Neto (Netinho) – *In memorian*
Celeste Helena Carvalho – *In memorian*
Célia Diniz Rodrigues
Dalva Rodrigues Borges – *In memorian*
Dinorá Cândida Fabiano
Doralice Freire Valença (Dora)
Elizandra Pereira Alves
Eurípedes Humberto Higino dos Reis
Fernanda dos Santos Terra
José da Silva Madeira (Dr. Madeira) – *In memorian*
Juselma Maria Coelho
Geraldo Leão dos Santos
Henrique Kemper Borges Júnior
Hilda Vieira Braga
Isaque de Carvalho Silva
Jorge Godinho Barreto Nery
Lisle Heusi de Lucena
Maria Aparecida Higino
Maria Dirce Antunes Jacintho
Maria Elisa Dias
Maria Izabel Mazzucatti
Maria Luísa Andrade Oliveira (Jô)
Marta Rita Vilela Silva Castro
Mônica Madalena dos Santos
Neusa Aparecida de Assis (Donda)
Nereu Nice de Sousa Alves
Nildete Batista
Oswaldo de Godoy Bueno – *In memorian*
Pedro Antônio Garcia (Tio Pedro) – *In memorian*
Romário Américo
Ronaldo Cardoso Cadete
Rosângela Espírito Santo
Rubens Sílvio Germinhasi
Sandra Cristina Pereira
Sebastiana da Silva Fernandes (Tana)
Sérgio Luiz Ferreira Gonçalves
Sidney Pereira Flávio (Antônio)
Silma Alves Borges – *In memorian*
Silvana Gomes
Sônia Isabel Benaventana
Sonia Maria Barsante Santos
Sueli de Carvalho Rodrigues da Cunha
Venerando Vitória Junior (Juninho)
Vilmar Velho Pacheco Filho
Wagner da Silva
Yeda Peres Hungria

Agradecimentos são estendidos, notoriamente, às dezenas de devotos, caravaneiros, peregrinos, turistas e visitantes do museu-casa Casa de Memórias e Lembranças de Chico Xavier em Uberaba/MG que colaboraram com suas impressões – não exclusivamente orais, mas gestuais e corporais, sensoriais e emocionais –, de

forma a comporem a experiência etnográfica fundamental a esta investigação. Ademais, ao Dr. Thales Messias Pires Cardoso, Procurador da República em Uberaba, pela confiança depositada na pesquisa desenvolvida ao longo de anos.

E, por fim, gratidão à

Luana e Ayomide Akinruli
Família Morais de forma estendida, mas fundamentalmente à Luís e Celeste Morais
Vasco Azevedo e família
Carolina Palhares Pena
Elisabeth Anne Jeanne Guesnier
Leila Beatriz Ribeiro – *In memorian*
Lilian de Oliveira
Lorena Tavares de Paula
Luis Gustavo Molinari Mundim
Manuelina Maria Duarte Cândido
Marilécia Oliveira Santos
Natascha Stefania Carvalho Ostos
Nely Ferreira de Oliveira
Ousmane Sané
Priscilla Gontijo Leite
Stener Carvalho Fernandes Barbosa
Thiago Machado de Lima

Awáyé málọ kan kòsí,
eyí tí abáṣe sílẹ̀ ní àbọ̀wábá.

Nós todos viemos e partiremos desta esfera de existência, portanto,
são os nossos feitios que ficam na memória para as próximas gerações.

Antigo Provérbio Yorùbá

RESUMO

Título: A etnografia de museus ancorada na memória social: o sistema de informação e inovação social do médium Chico Xavier

Esta pesquisa se baseia na experiência etnográfica desdobrada na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier localizada em Uberaba – Minas Gerais, a fim de promover reflexões intrínsecas ao contexto museológico deste museu-casa do médium mineiro, local de sua última morada e ambiente de produção de um complexo evangelizador do Espiritismo. Por meio da realização da etnografia no museu, desenvolveu-se a interpretação da relação entre o universo público e privado de Chico Xavier, entre patrimônios culturais e museológicos, e entre as narrativas expográficas e os dispositivos mnemônicos acionados não somente pelo ou sobre o médium, mas que são intrínsecos ao Kardecismo. O que também coloca em evidência as ritualísticas, processos e cosmovisões espíritas, bem como controvérsias em torno do ato de lembrar e esquecer no interior da própria Doutrina. Este estudo nos leva à constatação da realidade de que, sustentada pela prática da caridade e da evangelização, Chico Xavier conduziu à conformação de um sistema de informação baseado em tecnologias voltadas à inovação social por meio da articulação de suas experiências devocionais sob sua ação personalista e liderança espírita. A modelagem desta gestão do conhecimento *à la manière de* Chico Xavier, que previu o manuseio de diversos suportes e linguagens comunicacionais, deu-se a partir de duas frentes basilares, uma vez que tanto a assistência social quanto a produção editorial foram condicionantes à delineação da sua prática missionária. Ao mesmo tempo, conduzia-se a capilarização do Espiritismo pelo Brasil por meio do agenciamento de pessoas e instituições e com a conformação de territórios espíritas em expansão com aderência e financiamento, inclusive, de uma oligarquia agropecuarista que flertava com a modernidade. Neste sentido, a inspiração em modelos eurocêntricos relacionados às práticas colecionistas e à perspectiva patrimonial marcou os modelos e regimes de memória doutrinária que foram expostos, por exemplo, na conformação da Exposição Espírita Permanente. Por sua vez, o confronto com outros lugares de memória associados a Chico Xavier e ao Kardecismo indicaram interditos, esquecimentos e esmaecimentos, disputas por representação e legitimidade, além dos interesses em um crescente mercado fomentado pelo turismo religioso.

Palavras-chave: etnografia de museus; sistema de informação; patrimônio cultural; memória social; inovação social; Espiritismo.

ÌSỌNÍṢÓKÍ

Àkọ́lé: Ìwádìí ìjìnlẹ̀ ẹtinógíráfì nínúu mùsíọ́mù tí a dá lóríi ìmọ̀ àti ìrántí àwùjọ: ètòo ìmọ̀ àti ìsọdọ̀tun awujọ ti afifọ̀ tí wọ́n pè ní Chico Xavier

Ìwádìí yìí dá lóríi ìrírí ìjìnlẹ̀ sáyẹ́nsì àpèjúwe ẹtinógíráfì tí a ṣe ni mùsíọ́mù tí a npè ní Casa de Lembranças e Memórias Chico Xavier tí ó wà ní ìlúu Uberaba - Minas Gerais / Brasil, láti lè ṣe ìgbéga àwọn ojúlówó ìfojusọ́nà sí ààyèe irúfẹ́ mùsíọ́mù onílé tí ó jẹ́ ti afifọ̀ ọmọ ìlú Minas Gerais yìí, nínúu ilé rẹ̀ tí ó gbé kẹ́hìn ayé rẹ̀ kí ó tó pa ipò dà, èyí tí ó jẹ́ ìbùgbé àti agbègbè ìṣelọ́pọ̀ ti ẹ̀kọ́ ihìnrere ti ẹ̀sin abẹ́mìílò. Nípasẹ̀ ìwádìí ẹtinógíráfì ti mùsíọ́mù, a ṣe àgbékalẹ̀ ìtúmọ̀ọ ìbátan láàárín àwọn ìṣe Chico Xavier ni ìgbesiayé rè ni ikọkọ àti ní gbangba, láàrin àṣà àti ohun-ìní àjogúnbáa musiọ́lọ́jì, àti láàrin àwọn àlàyé tí ngbe ìtẹ́pẹpẹ ati ìfihàn ibẹ̀ láruge, pẹlú ìrànlọ́wọ́ àwọn ẹ̀rọ amúnirántí ti a mu ṣiṣẹ́ tí kò sì nṣe nipasẹ afifọ̀ yìí nikan, ṣugbọn bẹ́ẹ̀ náà lába ní ìtan àti iṣẹ́ àwo ẹlẹ́sìn ìgbàgbọ́ ti ẹ̀yàa Kadesísímò. Èyí tún fúni ní ẹ̀rí lóri àṣà, àwọn ìlànà àti ìwòye àwọn ẹlésìn abẹ́mìílò, béè náà ni ó nmúni tan pinpin lóríi àwọn àríyànjiyàn tí nṣeni ní kàyéfì nídìí ìṣe ti ìrántí àti ti ìgbàgbé láàrin ẹkọ yìí tí òun fúnra rẹ̀ wá jẹ́ ẹrí. Ìwádìí yìí ṣe ìtọ́ṣọ́nà wa sí ìfọwọ́sí pé, nípasẹ̀ inú rere àti àtilẹ́yìn àwọn ìṣe ihinrere rẹ̀, Chico Xavier yọrí sí ìlọsíwájú ètò òye tí ó dá lóríi ìwúlò àwọn ìmọ̀-ẹ̀rọ pẹlú èrò ìsọdọ̀tun àwùjọ nípasẹ̀ẹ síso nípa àwọn ìrírí ìfọkànsí rẹ̀ lábẹ́ẹ̀ ìṣe ti ara ẹni tí ó yàn. Àwòṣe ìṣàkóso ìmọ̀ yìí ní ìwọn àṣà titi Chico Xavier, èyítí o gbádùn ègbè léhìn ọ̀pọ̀lọpọ̀ àwọn alátìlẹ́yìn ẹ̀ro ibaraẹnisọrọ àti àwọn oríṣi èdè, wá dá lé lórí awọn àbùjá ònà Méjì, níwọ̀n ìgbà tí ìrànlọ́wọ́ àwùjọ méjèèjì àti ìṣelọ́pọ̀ olóòtú yìí jẹ́ oun ìwúlò fún àwọn ifọ́síẹ́wẹ́ẹ̀ ìṣe ihìnrere ẹ̀sin abẹ́mìílò rẹ̀. Lẹ́sẹ̀ kan náà, níṣe ni ẹ̀sin abẹ́mìílò ń tàn kálẹ̀ jákèjádò orílè èdé Brazil nípasẹ̀ àbójútóo àwọn ènìyàn àti àwọn ilé iṣẹ́ àti ìṣètò àwọn àgbègbè abẹ́mìílò ní ìmúgbòòrò fún ìgbòkègbodò pẹlú ìrànlọ́wọ́ tòun ti ìfọwọ́sowọ́pọ̀ àwọn ọmọlẹ́yìn àti àwọn onínáwó láti ọ̀dọ̀ àwọn gbajúmọ̀ iṣẹ́ àgbẹ̀ àti àwọn olóko ẹran-ọ̀sìn tí wọ́n fìfẹ́ hàn sí ẹ̀sìn yìí títí di òde òní. Ní ori èyíí, àwòkọṣe wọn ni àwọn àsà ìlú yúrópù tí ó ní ìbátan mọ́n àwọn ìṣe ìkójọpọ́ àti sí ìrírí lóríi ohun-ìní àjogúnbá tí sàámì sí àwọn àwòṣe àti àwọn ìlànà ìjọba ẹ̀kọ́ ìrántí tí ó farahan ẹni, fún àpẹẹrẹ, ní ìbámu ti ìfihàn abẹ́mìílò tí o yè koro - Exposição Espírita Permanente. Ní agbede ìmúnirántí mìíràn tí ó ní nkan ṣe pẹlu Chico Xavier àti Kadesísímò ṣe àfihàn àwọn ìdíwọ́, ìgbàgbé àti ìdínkù, àwọn àríyànjiyàn fún aṣojú àti ẹ̀tọ́, ní àfikún àwọn ìwúlò tí ó jọ mọ́ ọjà ìrìn-àjò ẹlẹ́sin tí ndàgbà tí ó sìn gbèrú lówó.

Awọn kókó-ọ̀rọ̀: ìwádìí ìjìnlẹ̀ ẹtinógíráfì nínúu mùsíọ́mù; ètòo ìmọ̀; ohun-ìní àjogúnbá; èrò òun ìrántí àwùjo; ìsọdọ̀tun àwùjọ; ẹ̀sin abẹ́mìílò.

ABSTRACT

Title: Museum ethnography anchored in social memory: the information system and social innovation of the medium Chico Xavier

This research is based on the ethnographic experience unfolded at Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier located in Uberaba – Minas Gerais, in order to promote reflections intrinsic to the museological context of this museum-home of the medium from Minas Gerais, place of his last dwelling and production environment of an evangelizing complex of Spiritism. Through the ethnographic study of the museum, we developed an interpretation of the relationship between the public and private worlds of Chico Xavier, between cultural and museological heritage, and between the expographic narratives and the mnemonic devices activated not only by or about the medium, but also intrinsic to Kardecism. What also puts in evidence the ritualistic, processes and spiritist cosmovision, as well as controversies around the act of remembering and forgetting within the doctrine itself. This study leads us to the acknowledgment that, sustained by charity and evangelization practices, Chico Xavier led to the conformation of an information system based on technologies aimed at social innovation through the articulation of his devotional experiences under his personalistic action. The modeling of this knowledge management at Chico Xavier's style, which foresaw the handling of several communication supports and languages, was based on two basic fronts, since both social assistance and editorial production were conditioning factors in the delineation of his missionary practice. At the same time, Spiritism was being spread throughout Brazil through the agency of people and institutions and the conformation of spiritist territories in expansion with adherence and financing, including from an agricultural and cattle-raising oligarchy that flirted with modernity. In this sense, the inspiration in Eurocentric models related to collection practices and to the patrimonial perspective marked the models and regimes of doctrinal memory that were exposed, for example, in the conformation of the Exposição Espírita Permanente. In turn, the confrontation with other places of memory associated with Chico Xavier and Kardecism indicated interdictions, forgetfulness and fading, disputes for representation, legitimacy, in addition to the interests in a growing religious tourism market.

Keywords: museum ethnography; information system; cultural heritage; social memory; social innovation; Spiritism.

RÉSUMÉ

Titre: Ethnographie muséale ancrée dans la mémoire sociale: le système d'information et l'innovation sociale du médium Chico Xavier

Cette recherche est basée sur l'expérience ethnographique menée à la Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier située à Uberaba – Minas Gerais, afin de promouvoir des réflexions intrinsèques au contexte muséologique de ce musée – maison du médium du Minas Gerais, lieu de sa dernière demeure et environnement de production d'un complexe évangélisateur du Spiritisme. À travers l'étude ethnographique du musée, nous avons développé une interprétation de la relation entre les mondes public et privé de Chico Xavier, entre le patrimoine culturel et muséologique, et entre les récits expographiques et les dispositifs mnémotechniques activés non seulement par ou sur le médium, mais aussi intrinsèquement au Kardécisme. L'exposition met également en évidence les rituels, les processus et les cosmovisions spirites, ainsi que les controverses autour de l'acte de mémoire et d'oubli au sein même de la doctrine. Cette étude nous conduit à vérifier que, soutenu par la pratique de la charité et de l'évangélisation, Chico Xavier a conduit à la conformation d'un système d'information basé sur des technologies visant l'innovation sociale à travers l'articulation de ses expériences dévotionnelles dans le cadre de son action personnaliste. La modélisation de cette gestion de la connaissance à la manière de Chico Xavier, qui prévoyait le traitement de plusieurs supports et langues de communication, s'est appuyée sur deux fronts fondamentaux, puisque autant l'assistance sociale ainsi que la production éditoriale ont été des facteurs conditionnant dans la définition de sa pratique missionnaire. En même temps, le Spiritisme se répandait dans tout le Brésil par l'intermédiaire des personnes et des institutions et par la conformation des territoires spirites en expansion avec des adhésions et des financements, y compris de la part d'une oligarchie agricole et d'élevage qui flirtait avec la modernité. Dans ce sens, l'inspiration des modèles eurocentriques liés aux pratiques de collecte et à la perspective patrimoniale a marqué les modèles et les régimes de mémoire doctrinale qui ont été exposés, par exemple, dans la conformation de l'Exposição Espírita Permanente. À son tour, la confrontation avec d'autres lieux de mémoire associés à Chico Xavier et au kardécisme a indiqué des interdictions, l'oubli et l'évanouissement, des disputes pour la représentation, la légitimité, en plus des intérêts d'un marché du tourisme religieux en pleine croissance.

Mots-clés: ethnographie muséale; système d'information; patrimoine culturel; mémoire sociale; innovation sociale; Spiritisme.

LISTA DE ABREVIAÇÕES E SIGLAS

ABCZ	Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
ABL	Academia Brasileira de Letras
AME	Aliança Municipal Espírita
amp.	ampliação
APA	Área de Proteção Ambiental
APM	Arquivo Público Mineiro
c.	certamente
CEAEC	Centro de Altos Estudos da Conscienciologia
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CDOR	Centro de Documentação de Obras Raras da Fundação Espírita André Luiz
CEC	Comunhão Espírita Cristã
CEI	Conselho Espírita Internacional
CEU	Centro Espírita União
CMLCX	Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONPHAU	Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba
cor.	cores
ed.	edição
EEP	Exposição Espírita Permanente
FAFICH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FEB	Federação Espírita Brasileira
FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul
FLE	Feira do Livro Espírita
ft.	foto
GDBE	Grupo de Divulgação de Bibliografia Espírita
Há	hectare
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IDE	Instituto de Difusão Espírita
IEPHA/MG	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IHGMG	Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
Il.	ilustração

INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
INSOD	Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LP	*Long Playing Record*
MPF	Ministério Público Federal
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OFM	Ordem dos Frades Menores
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
p&b	preto e branco
p.	página
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PRM Uberaba	Procuradoria da República no Município de Uberaba
PT	Partido dos Trabalhadores
rev.	revisado
s. d.	sem data
SI	Sistema de Informação
Sic	*sic erat scriptum* ou assim estava escrito
SRTM	Sociedade Rural do Triângulo Mineiro
SUMAV	Superintendência de Museus e Artes Visuais do Estado de Minas Gerais
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UEM	União Espírita Mineira
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIMED	União dos Médicos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 18

1. **TERRITÓRIOS BIOGRÁFICOS ENQUANTO LUGARES DE MEMÓRIA: a capilarização do Espiritismo no Brasil** 36

1.1. “Uberaba tem duas riquezas: o boi e o Chico”, mas e Pedro Leopoldo, tem o quê?.....40

1.2. Oligarquias agrárias e influência política: interseções e redes de relacionamentos com a Doutrina 62

1.3. Uberaba – agora sim “uma Meca para o Espiritismo”!.....108

2. **NARRATIVAS DE VIAGENS, ENTRE UBERABA E PARIS: práticas, experiências e diálogos museológicos no Espiritismo**.....143

2.1. “Ecos da Grande Viagem”: inspiração, caminhos e repertórios missionários.....148

2.2. A Exposição Espírita Permanente: formação, organização e divulgação de acervos espíritas.....195

3. **O SISTEMA DE INFORMAÇÃO DO ESPIRITISMO: o complexo evangelizador e ritualístico de Chico Xavier**..... 238

3.1. Gestão do conhecimento *à la manière de* Chico Xavier: o *modus operandi* da tarefa doutrinária espírita-cristã.....247

3.1.1. A assistência social e fraterna: a caridade como um fundamento.....254

3.1.2. De casa, um parque editorial: a gestão da inovação é um pilar.....276

3.2. Chico é pop! Chico é mito!.....309

4. **ETNOGRAFIAS DE MUSEUS: entre bricolagens, pastiches e apagamentos**.....321

4.1. Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier: uma casa para um museu, ou um museu para uma casa?.....333

4.2. A casa, a edificação, um conjunto de moradas: um muro e seus interditos.....375
4.3. Os objetos-memória: estratégias e estéticas memorialísticas no museu-casa.....395
4.4. Territórios mnemônicos de Chico Xavier: cartografias do esquecimento e das controvérsias.....427

CONSIDERAÇÕES FINAIS.,.....466

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS.....472
5.1. Bibliografia.....472
5.2. Fontes documentais.....497
5.2.1. Acervo físico.....497
5.2.2. Acervo virtual.....499
5.3. Fontes eletrônicas.....501
5.4. Fontes orais.....503

6. APÊNDICE.....505

introdução

> Humildemente, chegamos em Pedro Leopoldo. Na casa simples, cor de rosa desbotado, onde Chico recebia o povo e os espíritos, nós entramos. Três bancos apenas para os assistentes, mesa tosca para os trabalhos e um banco rústico para o médium e aqueles que o ajudavam. Chão de tijolo. O sol da tarde caia pouco a pouco no acaso. Naquela época, uma viagem de automóvel a Pedro Leopoldo levava no mínimo duas horas e a estrada de terra nos cobria de pó. [...] Chico chegou, muito gordo, com o olho defeituoso e a face morena, com um grande sorriso de fraternidade. [...] Sentados no banco ouvíamos respeitosamente os seus esclarecimentos. Não havia ninguém. Só nós, com toda a liberdade. Rindo e ensinando Chico ia nos falando da comunicação entre os dois mundos. Consolava e ensinava. Ensinava e amparava. O sol ainda quente esbatia-se na poeira. A rua quase deserta, poucas pessoas. [...] O mundo inteiro haveria de encontrá-lo e aquela terra esquecida que o vira nascer iria se tornar célebre no mundo inteiro.[1]

A interlocução entre a memória, a museologia e a etnografia são pontos de partida e de chegada nesta tese de doutorado. A aproximação com o contexto, a realidade, a devoção e a visão de mundo deste "outro" – a comunidade espírita – promoveu em sua complexidade a realização desta pesquisa, bem como a produção dos seus resultados. Também, indicou caminhos metodológicos, além de ter orientado ferramentas analíticas, percepções conceituais e visões polifônicas sobre a realidade. Ainda, conformou métodos, mobilizou conceitos e perspectivas analíticas, organizou e sistematizou os capítulos ora apresentados. Um olhar de dentro para fora, levando em consideração os recortes, valores, percepções, estruturas e hierarquias espíritas no contexto do Espiritismo praticado por Francisco Cândido Xavier (1910-2002).

A necessidade de imersão na comunidade espírita kardecista, que tem ainda hoje como liderança renomada o médium Chico Xavier, levou-nos para dentro de sua casa: no acolhimento da cozinha mineira, a convivência foi estabelecida entre os anos de 2014 a 2023 a fim de ver pelos olhos dos outros, de entender os diversos vieses deste homem multifacetado, o que foi instigado pela execução do Plano de Ação Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Este Plano surgiu em decorrência de uma denúncia realizada ao Ministério Público Federal no ano de 2009, que apontava para possíveis intercorrências em relação ao patrimônio

[1] RANIERI, Rafael Américo. *Recordações de Chico Xavier*. 2ª ed. Guaratinguetá: Editora Fraternidade, 1986 [1976], p. 9-10.

edificado e ao acervo documental deixado por Francisco Cândido Xavier sob propriedade de Eurípedes Humberto Higino dos Reis, considerado filho do coração de Chico Xavier. Foi solicitado pela procuradora da República em exercício à época em Uberaba, Raquel Cristina Rezende Silvestre, que fosse informado à Procuradoria se havia inventário dos bens pessoais e das obras de Chico Xavier, bem como de que forma ocorria o acesso aos bens e a maneira na qual estariam armazenadas as documentações do médium.

Houve manifestação de Eurípedes dos Reis em resposta à Procuradoria da República no Município de Uberaba (PRM Uberaba) por meio de um relatório sintético contendo fotografias e informações sobre a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX), local que serviu de residência de Chico Xavier entre os anos de 1975 a 2002 e que, desde dezembro daquele último, seis meses após o falecimento do médium, passou a receber visitantes e turistas na casa que se transformava em museu.

Deu-se instauração de procedimento administrativo a partir de tais diligências, de modo a ser verificada a possibilidade de tombamento do imóvel onde residiu o líder espírita em Uberaba – Minas Gerais, com possível antecipação da tutela ou mesmo a declaração de interesse público do acervo, além de incluir a responsabilização dos órgãos públicos de proteção do patrimônio cultural em nível municipal, estadual e federal, sob a prerrogativa de que todos foram inquestionavelmente omissos em adotar medidas protetivas. Assim, desde então, existem requerimentos que apontam para a tomada de deliberações relacionadas aos bens deixados pelo médium Francisco Cândido Xavier em âmbito da proteção do patrimônio cultural. Um memorando deste caso direcionado à Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) teve como resposta por parte da equipe do escritório técnico de Belo Horizonte, a existência de metodologias de pesquisa disponíveis pelas instituições de salvaguarda visando o estudo e proteção do patrimônio cultural deixado por Chico Xavier.[2]

Em 2012, ocorreu a abertura de uma ação destinada à proteção dos interesses difusos ou coletivos que trata do tombamento do imóvel e bens integrados onde viveu Francisco Cândido Xavier, localizado na Rua Dom Pedro I, nº

[2] Ministério Público Federal (MPF). *Inquérito Civil Público nº 1.22.0022.000120/2009-11*. 2009.

145/165, bairro Parque das Américas, Uberaba/MG.[3] Em audiência pública realizada em 28 de junho de 2012, foi definido como salvaguarda mais adequada o Registro do Patrimônio Imaterial, com contribuição das metodologias dos órgãos públicos de proteção do patrimônio cultural também considerados réus, a saber: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais (IEPHA-MG), Superintendência de Museus e Artes Visuais do Estado de Minas Gerais (SUMAV).

Reuniões técnicas se seguiram ao longo do ano de 2012, de modo que foi esboçado um plano de ação para a realização da preservação do acervo relacionado à pessoa do médium Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier. Decidiu-se incluir no do Plano de Ação Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier a realização do inventário do patrimônio edificado e de natureza imaterial relacionado à memória de Chico Xavier e acervos culturais associados, além da organização do museu com estruturação de um Plano Museológico com indicação de medidas de proteção e salvaguarda.

O Plano de Ação, entendido como um termo de referência que orienta as ações a serem realizadas em diálogo com as legislações concernentes à preservação do patrimônio, fundamentou as frentes de pesquisa baseadas em três grandes grupos de ações, ou seja, o Inventário Cultural, a Organização do Acervo do Museu e o Plano de Preservação. Assim, as metodologias indicadas se relacionam à realização das três etapas do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) indicado pelo IPHAN (Levantamento Preliminar; Identificação; Documentação);[4] o Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais

---

[3] Ministério Público Federal (MPF). *Ação Civil Pública nº 7942-75.2011.4.01.3802*. 2012.

[4] No âmbito da política nacional do patrimônio imaterial sob a chancela do IPHAN, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) é a metodologia desenvolvida pelo órgão para esse fim. O INRC pode ser definido como um processo de identificação e descrição de bens ou referências culturais, realizado de forma sistemática, detalhada e exaustiva, baseado em critérios explícitos de "aplicação universal", mas com o reconhecimento de que todos os valores e todo o conhecimento decorrente "são relativos". As referências culturais ali tratadas dizem respeito aos sentidos e valores atribuídos, por diferentes sujeitos a seus bens culturais, objetos e práticas sociais. Trata-se de sentidos e valores de importância diferenciada conferidos aos diversos domínios da vida social e que, por isso, constituem-se como marcos de identidade e memória para determinado grupo. O INRC se estrutura, de maneira geral, na definição de um objeto de pesquisa, que aborda as referências culturais de interesse coletivo com investigação baseada a partir de conceitos estruturantes, como sítio e localidade, que inserem o bem estudado em uma configuração socioespacial relacional com as categorias utilizadas para a sistematização das referências culturais, a saber: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000, p. 13.

(IPAC/MG) preconizado pelo IEPHA/MG;[5] o inventário e organização do acervo do museu proposto pela SUMAV de acordo com os volumes 1 e 2 do Caderno de Diretrizes Museológicas, publicação dos anos de 2006 e 2008, respectivamente.[6] Por fim, um Plano de Preservação final deverá ainda contar com a participação efetiva de todos os envolvidos e interessados na preservação dos bens materiais e imateriais de Chico Xavier, tomando-os isoladamente ou em conjunto.

O procurador da República que assumiu esta incumbência, Thales Messias Pires Cardoso, registrou o acordado por meio de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) do MPF em fevereiro de 2014.[7] Assim, em agosto do mesmo ano a equipe do Instituto de Inovação Social e Diversidade Cultural (INSOD) – instituição na qual sou fundador e um de seus diretores – foi contactada para a execução do Plano de Ação Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, cujas ações foram assumidas e têm sido desenvolvidas até hoje. Tomando como termo de referência as indicações do Plano de Ação, que definiu as responsabilidades entre as partes, bem como as metodologias a serem empregadas para a pesquisa, os trabalhos realizados ao longo dos anos de 2014 a 2023 exigiram pesquisa de campo, trabalho de gabinete e articulação institucional realizada por equipe interdisciplinar, conformando uma diversidade de relatórios finais apresentados às instituições.

---

[5] Em se tratando da política estadual do patrimônio cultural sob a chancela do IEPHA-MG, o Inventário de Proteção do Acervo Cultural (IPAC/MG) é a metodologia desenvolvida pelo órgão para esse fim que foi criado em 1984. O IPAC-MG pode ser definido como um processo de identificação e descrição de bens do patrimônio cultural, de natureza material e imaterial, realizado de forma sistemática, detalhada e extensiva, baseado em critérios de reconhecimento social dos sentidos e valores atribuídos às referências culturais, por diferentes sujeitos a seus bens culturais, objetos e práticas sociais. Trata-se, portanto, de uma medida administrativa de proteção ao patrimônio cultural, com ações permanentes de identificação, pesquisa, documentação e gestão do patrimônio cultural. In: INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). *IPAC MG*: inventário de proteção do acervo cultural de Minas Gerais. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1985.

[6] Em relação à política museológica de Minas Gerais, as ações são orientadas pelo Caderno das Diretrizes Museológicas, publicado em dois volumes, que articulado com a política nacional do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), sistematiza a implementação de ações efetivas de gestão, difusão e preservação do patrimônio museológico. Esta pesquisa acompanhou, portanto, sugestões de construção de fichas de inventário e o roteiro de preenchimento que são preconizados pelo Caderno de Diretrizes Museológicas, bem como no Estatuto dos Museus e na Política Nacional de Museus. E, especialmente em se tratando das indicações presentes no Plano de Ação, o estudo em tela se dedicou ao acervo dos bens museológicos associados à Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. *Cf*. BRASIL. *Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: https://sabermuseu.museus.gov.br/legislacao-museologica/, acessado em 14 de junho de 2018. *CADERNO de Diretrizes Museológicas 1*. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006. *CADERNO de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

[7] Ministério Público Federal (MPF). *Procedimento Administrativo nº 1.22.002.000104/2014-95*. 2014.

O principal objeto das preocupações dos órgãos envolvidos com o caso judicial se configura na adequada realização de pesquisas e gestão do acervo de forma a promover o conhecimento, a divulgação e a preservação da história e memória de Chico Xavier, que se perfaz não somente por meio de seu acervo material, formado por uma diversa sorte de bens culturais móveis e imóveis, como também e talvez principalmente, pelo conjunto de experiências e vivências que conformam sua história e memória junto a uma coletividade composta não somente por indivíduos praticantes do Espiritismo, mas por um conjunto de beneficiários e apoiadores de ações e políticas socioeconômicas e assistencialistas no Brasil.

Não obstante a ostensiva dedicação na preservação da memória e história do renomado médium mineiro Francisco Cândido Xavier, chama-se atenção a urgência da adequação da instituição museal que possui a guarda do acervo do médium, conforme se apresenta na própria demanda judicial. Além da importância *sine qua non* do conjunto do patrimônio cultural associado ao médium Chico Xavier, que expressa sua relevância social para o Brasil e mesmo para o mundo, o volume do acervo cultural inventariado e diagnosticado aponta para necessidades muito específicas de gestão desse conjunto.

Neste processo que demandou investigação bastante aprofundada ao longo de quase uma década, as necessidades de interlocução com a pesquisa acadêmica se fizeram necessárias, situação de interpretação crítica sobre um conjunto experiências e de dados de extrema relevância que deveriam alçar ambiente de debate para além dos relatórios técnicos produzidos. Nesta dinâmica, esta pesquisa se desenvolveu levando em consideração a experiência privilegiada de ser responsável e realizar o Plano de Ação Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, como também de forma a fazer jus ao lugar das universidades públicas como ambiente de pensamento crítico e de contribuição ao impacto nos usos sociais do conhecimento.

O projeto da tese foi apresentado no ano de 2017 e aprovado para o ingresso em 2018 junto à linha de pesquisa “Memória Social, Patrimônio e Produção do Conhecimento” e procurava, ainda de maneira muito seminal, compreender as disputas por memórias, as representações sociais e a mediação entre os objetos museológicos de Chico Xavier. Zonas temáticas proximais de debate foram traçadas – memória, história, patrimônio, identidade, territorialidade, museologia –, cujo emaranhado mobiliza as linhas narrativas desta tese. De maneira mais profunda,

uma pergunta mobilizada por um dos interlocutores – “Será que esqueceram do Seu Chico?” – provocou o olhar sobre os processos memorialísticos e as ressignificações da memória do médium Chico Xavier, de modo a alcançar contribuições pelos debates da área de concentração na qual estou filiado – Informação, Mediações e Cultura – junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFMG).

Além da própria situação peculiar relacionada ao levantamento da maior parte dos dados – por se relacionar inicialmente à finalidade de produção de laudos de uso judicial, que produz um grande volume de documentação adicional e de experiências etnográficas privilegiadas e específicas a partir do relacionamento com os diferentes agentes e agências envolvidos com o caso –, para esta tese foi incluída pesquisa bibliográfica e documental complementar versando as respostas a algumas questões problemas engendradas com o desenvolvimento desta pesquisa.

Neste ínterim, ressaltam-se os grandes desafios no tocante à abordagem desta figura emblemática, um líder religioso, considerado por muitos como um mito o que, portanto, adiciona um nível ainda maior de sensibilidade ao contexto da pesquisa. Por outro lado, o grande volume de dados e informações relacionados à Chico Xavier, representante de uma cultura religiosa letrada que produz muitas informações, gerou outras complexidades em relação aos recortes de pesquisa e suas abordagens. Assim, a experiência etnográfica foi determinante para conceder o sentido do conteúdo científico a que uma pesquisa como esta se propõe, partindo da casa, do âmbito privado, para se compreender este homem público e suas interações com o meio espírita e com suas fronteiras.

E, de dentro de casa, em uma visão periférica, tão privilegiada pela imersão quanto também submersa no ambiente privado, o olhar se ateve ao cenário caleidoscópico daquele museu: quem eram aquelas pessoas que estavam nas fotografias, por que apareciam naquela posição nos cômodos da casa, quais eram os usos daqueles objetos, como Chico Xavier se relacionava com os espaços da sua casa, quem poderia adentrar àqueles espaços, de que forma se estabelecem suas representações por meio daquela expografia? Os instintos e perguntas mobilizadoras de problemas científicos seguiram os caminhos do paradigma indiciário de Carlos Ginzburg, no qual cada elemento serve de pista para a

investigação, interpretação e montagem do quebra-cabeça, não aparecendo de forma fortuita ou ao acaso.[8]

Outra parte adicional do levantamento de dados e informações foi feita em pesquisa de campo especialmente na cidade de Paris, França, onde estive inicialmente em dezembro de 2018 e, posteriormente na realização do doutorado sanduíche entre setembro de 2019 à março de 2020.[9] Desenvolvi pesquisas junto ao *Groupe de Recherches Interdisciplinaires sur les Processus d'Information et de Communicatio*n (GRIPIC) vinculado à *Grande École en Sciences de l'Information et de la Communication* (CELSA) da *Sorbonne Université* (Paris-Sorbonne – Paris 4), sob coorientação da Profa. Dra. Joëlle Le Marec. Estive presencialmente engajado em diversas frentes de atuação junto ao laboratório, notoriamente no diálogo com o eixo *Cultures, savoirs et communication* (GRIPIC/CELSA), além de ter me dedicado ao avanço no levantamento de dados em outras instituições europeias, com realização de visitas técnicas em centros de memória e a realização de entrevistas semiestruturadas com registros audiovisuais. Todavia, mais uma vez a perspectiva etnográfica foi responsável e me levou até Paris, quando se fazia necessário entender as influências da *Maison de Balzac* na embrionária imaginação da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier em Uberaba.

A farta produção intelectual no seio da comunidade espírita em nível nacional e internacional, composta por uma diversidade de ensaios, biografias, epístolas, manuais, dentre outros, no entanto, não é ainda proporcional à produção acadêmica tanto sobre o Espiritismo, quanto sobre uma de suas maiores lideranças, Chico Xavier. De acordo com a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, o Espiritismo é ainda pouco estudado diante da importância e de sua presença na sociedade brasileira.[10] Esta pesquisadora que produziu, entre fins da década de 1970 e em princípios dos anos de 1980, uma investigação de mestrado sobre a cosmologia, o sistema ritual e a noção de pessoa no Espiritismo, já estava atenta em

---

[8] GINZBURG, Carlo. Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*: morfologia e história. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

[9] Além destes dois momentos especificamente na França, durante a pesquisa doutoral estive ainda na Bélgica, Portugal e Espanha para a realização de visitas técnicas em instituições museais durante julho de 2018. Estas situações foram de extrema importância para a conformação de um olhar mais específico e qualificado tanto sobre a diversidade quanto sobre as especificidades das realidades e linguagens museológicas.

[10] CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível*: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 5. Esta publicação é resultado de sua dissertação de mestrado defendida no ano de 1983.

relação aos fenômenos e impactos socioculturais desta religião na sociedade brasileira.

Antes é preciso apontar as pesquisas desenvolvidas pelo sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo que em uma perspectiva weberiana trouxe, na década de 1960, um quadro de continuidade entre algumas expressões religiosas brasileiras marcadas pela experiência mediúnica, especialmente transitando entre a Umbanda e o Kardecismo, que eram tratadas de maneira geral como espíritas. Abordou, inclusive, um dado de grande interesse que diz respeito ao censo brasileiro de 1950 que indicou a presença de 824.553 espíritas no país, tendo forte presença e tendência de crescimento localizada no Estado de São Paulo. O que reflete, portanto, mudanças da realidade brasileira no sentido do desenvolvimento industrial, urbanístico e modernizador e, assim, expresso nestas formas religiosas não-convencionais como uma resposta aos processos de racionalização da vida.[11]

Deste grupo do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) no qual Cândido Procópio tinha destaque, ali também teve atuação o sociólogo Reginaldo Prandi, cujas investigações deram origem às publicações sobre as religiões mediúnicas brasileiras, notoriamente relacionadas à matriz afro-brasileira, mas que por meio da contraposição no que diz respeito à possessão, tratou o Espiritismo Kardecista como uma “religião discreta” da classe média que tomou forma e assumiu características bem brasileiras, notoriamente pelo fato de em nosso território existirem outras religiões que também partilhavam a experiência do transe e da mediunidade. Mas, era contraposta às outras pelo prestígio do Espiritismo advindo de suas origens europeias, o que também facilitou a sua aderência e expansão no Brasil através das camadas urbanas.[12]

De forma a promover o diálogo com a Antropologia e a Sociologia da Religião, diferentes discussões se aventaram e tiveram repercussão acadêmica mais recente por meio da pesquisa de doutorado de Bernardo Lewgoy dedicada ao estudo da cultura escrita e das práticas de leitura no Espiritismo Kardecista.[13] Por outro lado,

---

[11] CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Aspectos sociológicos del espiritismo en São Paulo*. Bogotá: Oficina Internacional de Investigaciones Sociales de FERES, 1961. CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

[12] PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos*: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

[13] LEWGOY, Bernardo. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Bauru: Edusc, 2004. Esta publicação é resultado de sua tese de doutorado defendida no ano de 2000.

também nos anos de 1990, o antropólogo Emerson Alessandro Giumbelli produziu dissertação de mestrado que abordou a trajetória da Federação Espírita Brasileira (1890-1950).[14] Registra-se ainda a pesquisa de Sandra Stoll que tratou de demonstrar as aproximações e os distanciamentos entre o Espiritismo praticado no Brasil e na França, de modo a defender a premissa de que o modelo de exportação do Espiritismo *à brasileira* seria devido a uma combinação muito conveniente com o catolicismo.[15] Ademais no campo da Sociologia, Célia da Graça Arribas produziu pesquisa de mestrado e doutorado com enfoque no aspecto religioso da Doutrina na interpretação das disputas por um mercado de "bens de salvação".[16]

É preciso fazer referências às discussões acadêmicas em outros campos do conhecimento como nas Ciências da Religião, História, Comunicação Social, Letras e Educação, em especial, com uma diversidade de abordagens que demonstra as miríades de caminhos interpretativos possíveis no tocante aos estudos acadêmicos sobre o Espiritismo, que ainda carecem de investidura, mas que se veem em ascendência.[17] Tanto que nos últimos anos surgiram alguns dossiês publicados em periódicos acadêmicos que abordam especificamente a questão do Espiritismo, especialmente no contexto de sua interlocução religiosa.[18] Uma temática que parece

---

[14] GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos*. Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. Esta publicação é resultado de sua dissertação de mestrado defendida no ano de 1995.

[15] STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003. Esta publicação é resultado de sua tese de doutorado defendida no ano de 1999.

[16] ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal espiritismo é religião?* A doutrina espírita na diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010. Esta obra resulta de sua pesquisa de mestrado da autora defendida em 2008.

[17] No campo da Comunicação, destacam-se as publicações de Magali Oliveira Fernandes dedicadas ao universo dos impressos e das edições, a saber: FERNANDES, Magali Oliveira. *Vozes do céu – os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*. São Paulo: Mandacaru Edições, 2003. FERNANDES, Magali Oliveira. *Chico Xavier*: um herói brasileiro no mundo da edição popular. São Paulo: Annablume, 2008. Este último é fruto de sua tese de doutorado defendida no ano de 2001. Em uma perspectiva histórica, notoriamente voltada para a expansão do Espiritismo no Brasil e em suas variáveis regionais, além de levar em conta as questões sociopolíticas, destacam-se as seguintes pesquisas: DAMAZIO, Sylvia. *Da Elite ao Povo*. Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994. ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. PRIORE, Mary del. *Do outro lado*: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014. SOARES, Ana Lorym. *O livro como missão*. A publicação de textos psicografados no Brasil (1944-1968). Rio de Janeiro: Gramma, 2018. ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. *Uma Fábrica de Loucos: Psiquiatria X Espiritismo no Brasil (1900-1950)*. Belo Horizonte: Dialética, 2021. Nas Ciências da Religião, realce pode ser concedido à CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Espiritismo em sete lições*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

[18] FRANÇA, Dilaine Soares Sampaio de (org.). Dossiê Religiões Afro-brasileiras e Espiritismo. In: *Religare*, vol. 9, nº 1, 2012. ARAÙJO, Augusto César Dias de (org.). Dossiê Espiritismos e Neo-espiritismos: doutrinas, narrativas e práticas. In: *Religare*, vol. 14, nº 1, 2017. ALMEIDA, Angelica

ganhar fôlego e projeção neste contexto se trata tanto da comunicação espírita em âmbito digital – que utiliza de maneira muito estratégica os diversos formatos de mídias digitais –, quanto dos movimentos e coletivos que têm interpretado a experiência espírita de maneira progressista, incluindo a relação de envolvimento entre religião e política, de forma a promover críticas a uma pretensa neutralidade que tende ao conservadorismo e ao individualismo no interior do movimento espírita brasileiro.[19]

É necessário ressaltar que, em se tratando da produção internacional no que tange o Espiritismo no diálogo com o contexto brasileiro, os trabalhos de Roger Bastide foram basilares na conformação de uma tradição de contraposição do Espiritismo às religiões de matriz afro-brasileira. O que implica em uma interpretação dedicada à sua estrutura ritual, doutrinária e social baseadas em uma polarização e inversão de sentidos e significados, posto que as referências foram tomadas por ele não a partir do universo espírita por si. Assim, esta dicotomia expressaria a contraposição entre uma classe espírita intelectualizada e outra considerada como sendo mais baixa e, portanto, "menos evoluída", esta última associada à Umbanda.[20]

Na tradição anglófona, temos uma pesquisa contemporânea àquela de Bastide produzida por J. Parke Renshaw que foi bastante influenciada pela interpretação, de mesma época, advindas do sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo.[21] A tese de doutorado do norte-americano promoveu uma análise

---

Aparecida Silva de; GOMES, Adriana; PIMENTEL, Marcelo Gulão (orgs.). Dossiê Espiritismo em Perspectivas. In: *Interações*, vol. 17, nº 2, 2022.

[19] SIGNATES, Luiz. Espiritismo e Política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. In: *Caminhos*, vol. 17, p. 138-154, 2019. ARRIBAS, Célia da Graça. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. In: *Contemporânea*, vol. 10, nº 2, p. 613-638, mai./ago. 2020. MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre "neutralidade" conservadora e aspirações socialistas. In: *Sæculum*, vol. 25, nº 42, p. 86-104, 2020. SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contra hegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. In: *Tropos – Comunicação, Sociedade e Cultura*, vol. 10, nº 1, p., 2021. SOUZA, André Ricardo de; TORRES, Natália Cannizza. As duas faces evangélicas do espiritismo brasileiro. In: *Religião & Sociedade*, vol. 42, nº 1, p. 221-240, 2022. SCARPIONI, Marcos. Espíritas de esquerda: rupturas, dissidências e (re)construção de novo ou (do novo). In: *Interações*, vol. 17, núm. 2, p. 376-393, 2022. É importante destacar que estes movimentos, manifestos e textos que demonstram a fratura e as secções na comunidade espírita tiveram maior ascendência na esfera pública brasileira a partir do golpe de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016 e, especialmente, com a eleição de Jair Bolsonaro na presidência do Brasil (2019-2022), quando muitos intelectuais, oradores e influenciadores espíritas apoiaram publicamente o então presidente, a exemplo de Divaldo Pereira Franco, Carlos Antônio Baccelli e Haroldo Dutra Dias.

[20] BASTIDE, Roger. *Aspects sociologiques du spiritisme à São Paulo*. Fribourg: Feres, 1961. BASTIDE, Roger. Le spiritisme au Brésil. In: *Archives de Sociologie des Religions*, n° 24, 1967, p. 3-16.

[21] RENSHAW, J. Parke. *Sociological Analysis of Spiritism in Brazil*. University of Florida, 1969.

histórica com levantamento de dados diversos, a fim de compreender esta religião em seu rápido desenvolvimento e ampliação na sociedade brasileira, bem como as características fundamentais do Espiritismo. O autor se dedicou, portanto, a descrever a doutrina, o culto, os seus aspectos sociais, de modo a refletir a respeito das suas fortes influências advindas de movimentos intelectuais como o racionalismo, o ecletismo, o ocultismo e o humanismo positivista. O que, para o autor, interferiu nas formas de mobilidade e estratificação social da sociedade brasileira, especialmente na configuração da família, na relação com a racialidade e no *status* social das diversas classes.[22]

Em contraposição à Bastide e em momento posterior, outro estadunidense, o antropólogo David Hess partiu para a interpretação da arena ideológica do Espiritismo, notoriamente na articulação enquanto uma crença popular, religião e ciência. Isto, por defender que as categorias seriam menos estanques, mais embaçadas e dinâmicas na realidade brasileira em contraste aos contextos da América do Norte e da Europa. Em sua narrativa, a comunicação com os mortos por meio de médiuns espíritas e a cura de doenças através de terapias espirituais ganharam destaque neste que é considerado por Hess, um importante movimento religioso de classe média.[23]

Em evidência e de maneira contemporânea à Hess, mas no contexto francês, temos as pesquisas de Marion Aubrée e François Laplantine que, certamente, foram aquelas que mais impactaram a produção acadêmica brasileira sobre o Espiritismo nas últimas décadas. Desenvolvendo uma profunda interpretação sócio-histórica do Espiritismo e tangendo por aspectos associados aos princípios da Doutrina até a atualidade, o interesse dos autores, de maneira geral, foi no sentido de traçar uma transversalidade entre a França e o Brasil. Posteriormente e de maneira independente, Aubrée avança suas pesquisas no campo da Antropologia das

---

[22] Concomitantemente, Donald Warren Jr. que desenvolvia investigações com foco na história das religiões, produziu alguns artigos sobre o Espiritismo. Ele também foi responsável por organizar, à época, um centro de pesquisa denominado “The Brooklyn Center Spiritism in Brazil”. Posteriormente, uma coleção de cerca de 50 títulos sobre a Doutrina Espírita no Brasil conformou um fundo do acervo da *Brasiliana Collection* da *Brown University Library* a partir da doação de Donald Warren da *Long Island University*. *Cf*. WARREN JR., Donald. Spiritism in Brazil. In: *Journal of Inter-American Studies*, vol. 10, nº 3, p. 393-405, jul.-aug. 1968. WARREN JR., Donald. The Portuguese Roots of Brazilian Spiritism. In: *Luso-Brazilian Review*, vol. 5, p. 3-33, dec.1968.

[23] HESS, David J. *Spirits and Scientists*. Ideology, Spiritism and Brazilian Culture. University Park: Penn State University Press, 1991. HESS, David J. *Samba in the Night*: Spiritism in Brazil. New York: Columbia University Press, 1994.

Religiões para compreender, em profundidade, aspectos específicos das práticas religiosas no contexto brasileiro.[24]

Para esta tese de doutorado que ganha conformação nestas páginas, todavia, a contribuição vai no sentido de, tendo sido profundamente impactado pela experiência etnográfica desdobrada na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier localizada em Uberaba, ambicionou-se promover reflexões intrínsecas e provocadas pelo museu-casa do médium mineiro, local de última morada e ambiente de produção de um complexo evangelizador do Espiritismo. A interlocução de perspectiva do "dentro para fora" e de "fora para dentro" – na interpretação de ali ser um ponto nodal da relação entre o universo público e privado de Chico Xavier, entre patrimônios culturais e museológicos, e discursos expográficos – permitiu aventar leituras sobre os regimes de memória intrínsecos ao Espiritismo, bem como seu especifico sistema de informação, que articulam ritualísticas, processos e cosmovisões, bem como disputas em torno do ato de lembrar e esquecer no interior da própria Doutrina.

O que também entremeia um específico relacionamento no contexto entre espíritas e não-espíritas com interações específicas entre identidades e territórios, patrimônios e acervos, que dão a tônica das controvérsias de narrativas e representações sobre Chico Xavier e o Espiritismo. Estas idiossincrasias que já nos provocavam em pesquisa de campo, foram contrastadas com farta documentação e fontes primárias e secundárias levantadas em diversos contextos. Há de se ressaltar, neste sentido, a demanda pelo diálogo interdisciplinar, com uma combinação em grande parte advinda dos campos da Ciência da Informação, Antropologia e História.

São muitos os narradores e interlocutores que contribuíram nesta pesquisa, mas que são influenciados pela perspicácia do sistema de informação modulado pelo próprio Chico Xavier ao longo de sua vida e sustentado por uma articulação bastante personalista entre evangelização e assistencialismo. E, nesta tese, esta premissa é uma das tônicas na contribuição sobre a interpretação em relação à excepcionalidade do fenômeno Chico Xavier. As narrativas memorialísticas surgidas pelo acervo do médium, materializados e imaterializados na casa transformada em

[24] AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *La Table, le Livre et les Esprits*. Naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil. Paris: JC Lattès, 1990. AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *O livro, a mesa e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

museu, são transversais e se estendem por diversos territórios. Assim, levar à sério a cosmovisão espírita, na qual a relação entre encarnados e desencarnados se dá de maneira muito peculiar, foi uma opção crucial para também compreender e significar os termos, expressões, narrativas, memórias, histórias e referências apresentadas pelos interlocutores ao longo da pesquisa.[25]

A estrutura da pesquisa fragmenta e reúne abordagens metodológicas e conceituais interdisciplinares cunhadas entre a Ciência da Informação, a Museologia, a Antropologia e a História, de modo a privilegiar a etnografia com o cruzamento dos dados e contraste das informações documentais, o que transcorre ao longo do texto.[26] As pesquisas documentais que consolidam esta tese foram abordadas por meio do cruzamento de fontes primárias e secundárias de diversas naturezas, cuja diversidade foi resultante das próprias demandas advindas da pesquisa na medida em que esta transcorria. Faz-se necessário explicitar que em todos os documentos acessados e utilizados nesta tese, houve respeito à grafia original de época.

O levantamento dos documentos foi realizado tanto em acervos físicos quantos em formato digital, mas se distinguem aquelas instituições às quais os documentos foram efetivamente postos em diálogo e interpretados ao longo deste trabalho. No Brasil, temos: Arquivo Geraldo Leão dos Santos (Pedro Leopoldo/MG); Memorial do Centro Espírita Luiz Gonzaga (Pedro Leopoldo/MG); Arquivo Público de Uberaba (Uberaba/MG); Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (Uberaba/MG); Comunhão Espírita Cristã (Uberaba/MG); Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte/MG); Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro/RJ). Na França, temos:

---

[25] De maneira geral, a cosmovisão se trata de uma interpretação sobre o modo de ser e viver dos povos, em sua relação simbólica com as noções intrínsecas ao grupo e, portanto, como se reconhecem a si mesmos e àqueles que não estão filiados ao grupo. Estas percepções próprias em suas diversas modalidades constroem uma humanidade compartilhada que se efetiva e se mantém entre aqueles membros que compactuam com a mesma perspectiva. Neste sentido, a percepção da cosmovisão compartilha "uma preocupação com a interpretação da expressão cultural, a relação entre forma, significado e contexto cultural", incluindo os elos dos domínios entre homem e natureza, humanos e não-humanos, natural e sobrenatural, sagrado e profano. In: WINTHROP, Robert H. *Dictionary of Concepts in Cultural Anthropology*. New York: Greenwood Press, 1991, p. 196. Tradução nossa.

[26] A interdisciplinaridade no âmbito da Ciência da Informação é tomada, neste trabalho, como uma contribuição que implica em ganhos para o seu próprio campo científico e que também agrega valor para a sua identidade disciplinar. *Cf*. SATUR, Roberto Vilmar; SOUZA, Edivanio Duarte de; Eneide Nóbrega Duarte. A interação com outras ciências fortalece a Ciência da Informação: a interdisciplinaridade entendida por metáforas. In: DUARTE, Eneide Nóbrega; LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; LIRA, Suzana de Lucena (orgs.). *Gestão do Conhecimento e Fluxo Informacional*: reconfigurações de comunicações com eventos. João Pessoa: Ed. UFPB, 2018, p. 125-150.

Maison du Balzac (Paris/Île-de-France); *Musée Carnavalet* (Paris/Île-de-France); *Bibliothèque nationale de France* (Paris/Île-de-France).

Ressalta-se que em algumas destas instituições ainda não há organização dos seus acervos, o que gerou a necessidade de busca e análise de um grande volume de massa documental. Em outros casos, temos documentos ainda não digitalizados e não inseridos em um banco de dados que facilitaria sua interpretação e cruzamento por palavras-chave, e que foram manipulados de maneira física e analisados de forma particularizada nas próprias instituições de guarda. Em que pese o destaque e maior volume de fontes documentais primárias (entre manuscritos e impressos), conjuntos fotográficos e cartográficos, também foram muito perscrutados para a condução desta tese as fontes orais.

Em alguns casos, de forma adicional à condução da etnografia durante o trabalho de campo, e que evidentemente o diálogo se estabeleceu, foram realizadas entrevistas com roteiros previamente estabelecidos com alguns interlocutores específicos no sentido de produzir uma entrevista com conteúdo sistematizado – e, portanto, gerar um registro documental –, o que conformou fontes orais também acessadas e contrastadas para a construção deste texto doutoral. Estas entrevistas foram colhidas, fundamentalmente, entre os anos de 2014 a 2016.

Relevo ainda deve ser dado, no que concerne aos dados primários até aqui arrolados, às fontes da cultura material que conformam os acervos museológicos de algumas instituições espíritas acessadas. Neste caso, nossa opção, no entanto, restringiu-se ao conjunto museológico bastante vasto presente na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, museu-casa localizado em Uberaba, instituição que é estudo de caso desta pesquisa. Ao todo, mais de 180 dias de pesquisa etnográfica transcorreram em Uberaba para essa finalidade e que estiveram concentrados em campanhas semanais que ocorreram, fundamentalmente, entre os anos de 2014 a 2017.

Ainda, em se tratando dos dados primários, é preciso fazer menção aos periódicos – notoriamente jornais espíritas e seculares – que foram passíveis de seleção de algumas coleções em particular. Seja pelo seu diálogo com a comunidade espírita brasileira – como o caso do “Reformador”, mais antiga e maior referência no Espiritismo brasileiro, e do “Anuário Espírita”, que registrou o cotidiano de décadas da Doutrina no Brasil – seja pelo forte apelo pela grande circulação e impacto na opinião pública – a exemplo do “O Globo” e de “O Cruzeiro”. E, por fim,

em relação às fontes secundárias, ressaltam-se notoriamente as obras espíritas existentes – especialmente os próprios livros de Chico Xavier, fundamentalmente em sua primeira edição –, bem como as biografias produzidas sobre o médium mineiro, que precisaram de uma análise que intentou ir além de seu conteúdo explícito e, portanto, no sentido de colocar em debate os processos mnemônicos no contexto do Espiritismo em uma leitura intertextual e metalinguística. Até as dedicatórias presentes nas fotografias e livros acessados concederam importantes dados contrastados em conjunto.

Esclarece-se que ao longo da pesquisa, seja pelo grande volume de informações e dados colhidos – juntamente com a necessidade de se cruzar, contrastar, comparar, divergir e consolidar as fontes e matrizes das informações –, ou pela complexidade e vasto tempo envolvido com a pesquisa, foram sendo produzidos bancos de dados com diversos conteúdos que previam temáticas de interesse à tese. Isso gerou neste texto final, um tratamento especial e finalização dos dados a fim de auxiliarem na composição e interpretação das problemáticas levantadas nesta tese. Por isso, além de vasto uso de figuras ao longo deste documento, há composições específicas e autorais de pranchas, tabelas, infográficos, plantas arquitetônicas e cartografias que permitem melhor acompanhamento por parte do leitor da construção argumentativa aqui desenvolvida e arregimentada, de forma a se conformarem como fontes e subsídios analíticos fundamentais à tese. Pede-se atenção aos apêndices que apresentam listas de livros, além dos mapas em maior tamanho para melhor visualização.

Em grande medida, esta questão metodológica se deu em resposta à necessidade de identificação de acervos, especialmente fotografias, que invocam dados concernentes a eventos, lugares, instituições e pessoas que precisavam adquirir sentido naquela guerra de narrativas memorialísticas travada na arena pública sobre o médium Chico Xavier e que respalda nos acervos em exposição na CMLCX e em outras instituições de memória do Espiritismo. Processo de identificação que, além de bastante minucioso, exige tempo lento de execução e ação de vasculhar um conjunto de documentos e acesso a diversos interlocutores. Ainda, as informações geográficas levantadas precisaram ser georreferenciadas e geoprocessadas, a fim de ser vislumbrado o alcance das ações empreendidas por Chico Xavier e traçar os enlaces territoriais na ação missionária do médium.

Não menos importante foi o processo de sistematização das próprias obras produzidas por Chico Xavier – e aquelas *post-mortem* cuja autoria é a ele tributada – , que se tratou de outra operação metodológica fundamental nesta tese e que foi de grande complexidade. Isto porque além do volume de dados, as controvérsias narrativas se fazem manifestadas especialmente em obras biográficas e memorialísticas sobre o médium. Neste sentido, intentou-se traçar um caminho informacional que concedesse segurança aos dados aqui empregados, de forma a compreender a matriz da informação e citar adequadamente as origens das fontes. Por outro lado, também esteve relacionado ao fato de que tamanho volume de informações também precisava ser passível de interpretação, contraste, justaposição e inquirição, na medida em que a desnaturalização da composição das informações, permitiu entender as estratégias memorialísticas – por vezes bastante sutis – empregadas nos atos mnemônicos dentre a comunidade espírita.

Ao se desnaturalizar e mesmo dessacralizar informações sobre Chico Xavier, compreendem-se melhor as relações entre as partes, identificavam-se datas, eventos, situações, relações, fatos, objetos e pessoas. Para isso, foi de grande importância a busca pelas primeiras edições dos livros de Chico Xavier, bem como aquelas obras produzidas por biógrafos e memorialistas do médium – o que deixava entrever múltiplas controvérsias narrativas admitidas, todavia, na interpretação do livro como um artefato de memória, posto que os dados sobre o número de edições, as tiragens dos exemplares, as traduções e as editoras agregaram um campo de análise indispensável nesta pesquisa. Processo semelhante se desenvolveu em relação ao acervo fotográfico, notoriamente no intuito de identificação das imagens originais em suas diversas formas, tal qual em negativos, positivos (slides), revelações ou cópias fotográficas feitas a partir da matriz original.

Em que pese a estrutura deste texto de doutoramento, após esta introdução, a tese segue para o Capítulo 1 composto por três subseções, que privilegia sua abordagem na relação entre as cidades de Pedro Leopoldo e Uberaba que se manifesta por meio de aspectos em comum: ambientes interioranos, cuja agropecuária praticada por uma oligarquia que flertava com a modernidade e a urbanização, promoveu e mesmo sustentou a prática da caridade e da evangelização no contexto do Espiritismo. Neste processo de capilarização da Doutrina, houve o agenciamento de pessoas e instituições, com conformação de territórios espíritas em expansão. A partir de uma interpretação biográfica, que

privilegiou a recuperação de narrativas advindas do próprio médium – ou daqueles que estiveram em acesso direto e privativo a ele –, delineou-se o cotidiano das práticas em sua articulação com a produção de narrativas memorialísticas produzidas ao longo do tempo sobre Chico Xavier e sua trajetória.

Assim, o texto segue para o Capítulo 2 que é formado por duas subseções que se detém à identificação e interpretação das viagens internacionais que o médium fez – incluindo à França –, quando se chega à conformação da Exposição Espírita Permanente com auspícios da consolidação de um lugar de memória para o Espiritismo na década de 1960. Projeto ainda inédito no contexto do Espiritismo brasileiro, Chico Xavier mobilizou seus interesses de exportação de um modelo do Kardecismo praticado e difundido por ele, em sintonia com os procedimentos de formação, organização e divulgação de acervos espíritas. A perspectiva patrimonial e colecionista, neste aspecto, passa por referências, inspirações, caminhos e repertórios em diálogo com os locais visitados durante suas ações missionárias no exterior, de modo a expor os modelos e regimes de memória no Espiritismo.

Por sua vez, o Capítulo 3 composto por duas subseções aborda os aspectos da constituição de um Sistema de Informação baseado em tecnologias voltadas à inovação social por meio da articulação de suas práticas devocionais sob a ação personalista do médium. Ao produzir um modelo de Espiritismo conformado no Kardecismo, Chico Xavier confirma a sua liderança na comunidade espírita e avança no seu projeto missionário, com a crescente aderência de não-espíritas à sua causa missionária. Serão abordados, neste sentido, a modelagem desta gestão conhecimento *à la manière* de Chico Xavier a partir de duas frentes basilares: a assistência social fraterna e a produção editorial, ambas atuantes de maneira inseparável na conformação da prática evangelizadora e ritualística espírita. De maneira concomitante, os dispositivos comunicacionais, que tinham a função de consolidar uma imagem e identidade do médium, foram sendo manejados, reinventados e vertidos para o seu projeto, sendo de grande utilidade o manuseio com diversos suportes comunicacionais e tecnológicos. Assim, consolida-se a autoridade desse que se tornou o maior líder religioso do Espiritismo no Brasil.

No derradeiro Capítulo 4 a discussão é engendrada por meio, prioritariamente, da escrita etnográfica na situação de contato e de conhecimento com a comunidade espírita em uma narrativa de “dentro para fora” a partir da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Através da interpretação do acervo e da

estrutura edificada do museu-casa, com leitura da conformação expográfica tomada a partir de cada um dos cômodos, aventa-se no campo dos interditos, dos esquecimentos, dos esmaecimentos, para se compreender a perspectiva museológica ali expressa. As estéticas e estratégias escolhidas expõem procedimentos de bricolagens, pastiches e apagamentos de idiossincrasias e controvérsias da relação com a comunidade espírita e não-espírita, do ser-humano Chico Xavier na sua vida cotidiana. Também, confronta-se com outros lugares de memória associados ao médium que passam por disputas de legitimidade e inserção em um crescente mercado de turismo religioso.

Ao fim, algumas considerações são tecidas, de modo a encerrar o trabalho com a retomada de questões fundamentais desenvolvidas ao longo da tese, seguindo para a organização das referências bibliográficas e documentais, além da inclusão de apêndices. Desta forma, almeja-se que esta pesquisa possa contribuir, ao menos em parte, no debate aqui proposto de forma que possa cumprir com as expectativas necessárias à condição de uma tese de doutorado. Importante registrar, ainda, que o compromisso desta pesquisa acadêmica foi de grande responsabilidade, de modo que também tenho consciência dos limites que aqui também se fizeram presentes.

Desejamos boa leitura!

******

1. Territórios biográficos enquanto lugares de memória: a capilarização do Espiritismo no Brasil

> Era uma vez um moço ingênuo e feliz, vivendo numa cidadezinha ingênua e feliz, perto de Belo Horizonte. O moço se chamava Francisco Cândido Xavier e não desmentia o nome.[27]

Quando se trata do médium Francisco Cândido Xavier, é costumeira a associação memorialística entre duas cidades em Minas Gerais: Pedro Leopoldo, local de seu nascimento em 1910 e, Uberaba, onde faleceu em 2002. Em ambas existem museus e espaços de memória que tratam da trajetória de Chico Xavier, dentre estes a Casa de Memória e Lembranças Chico Xavier (CMLCX). O percurso que iremos traçar neste capítulo seguirá, todavia, uma cadência marcada pela compreensão dos lugares de memória[28] privilegiados pelo Espiritismo a partir da experiência[29] de Chico Xavier e que foi determinante para a expansão dessa religião no Brasil. O que também influenciou as acepções e práticas memorialísticas do Espiritismo a partir da atuação do médium, conformando territórios de relevo, configurando parcerias de trabalho, reforçando aspectos religiosos dogmáticos, trazendo contradições entre o universo público e o privado, constituindo redes de relacionamentos.

Neste sentido, a partir destes marcos territoriais, Pedro Leopoldo e Uberaba, procurou-se entender a capilarização do Espiritismo que nos projetou para outras geografias, o que expôs a forma como as ações memorialísticas estiveram no rastro de ações de Chico Xavier de maneira bastante consciente e, inclusive, definindo a

---

[27] NASSER, David; MANZON, Jean. Chico, detetive do além. In: *O Cruzeiro*, ano XVI, nº 42, 12 de agosto de 1944, p. 5.

[28] Por lugares de memória se entende "os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia", locais onde a memória se torna residual, consagrada, ancora-se. In: NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, nº 10, dez.1993, p. 7.

[29] O conceito de experiência pode ser entendido de muitas maneiras no campo das ciências. Segundo Yi-Fu Tuan, este "é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade", sendo que estas "variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização", incluindo as emoções que "dão colorido a toda experiência humana". Dito de outra forma, "a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência", de forma que a experiência "significa atuar sobre o dado e criar a partir dele". In: TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015, p. 16. De maneira complementar, retomamos Paulo Freire que teve em seu pensamento profunda relação com esta categoria de análise, de forma que para ele a experiência conforma um "*locus* das relações dinâmicas que vincula linguagem e realidade" e está associada ao ato de conhecer o "mundo da vida". In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 172.

fundação da CMLCX após o seu desencarne em 2002. Os grandes impactos de suas ações intervieram, inclusive, na composição urbana da cidade de Uberaba, que se tornou lugar de referência para a Doutrina Espírita.

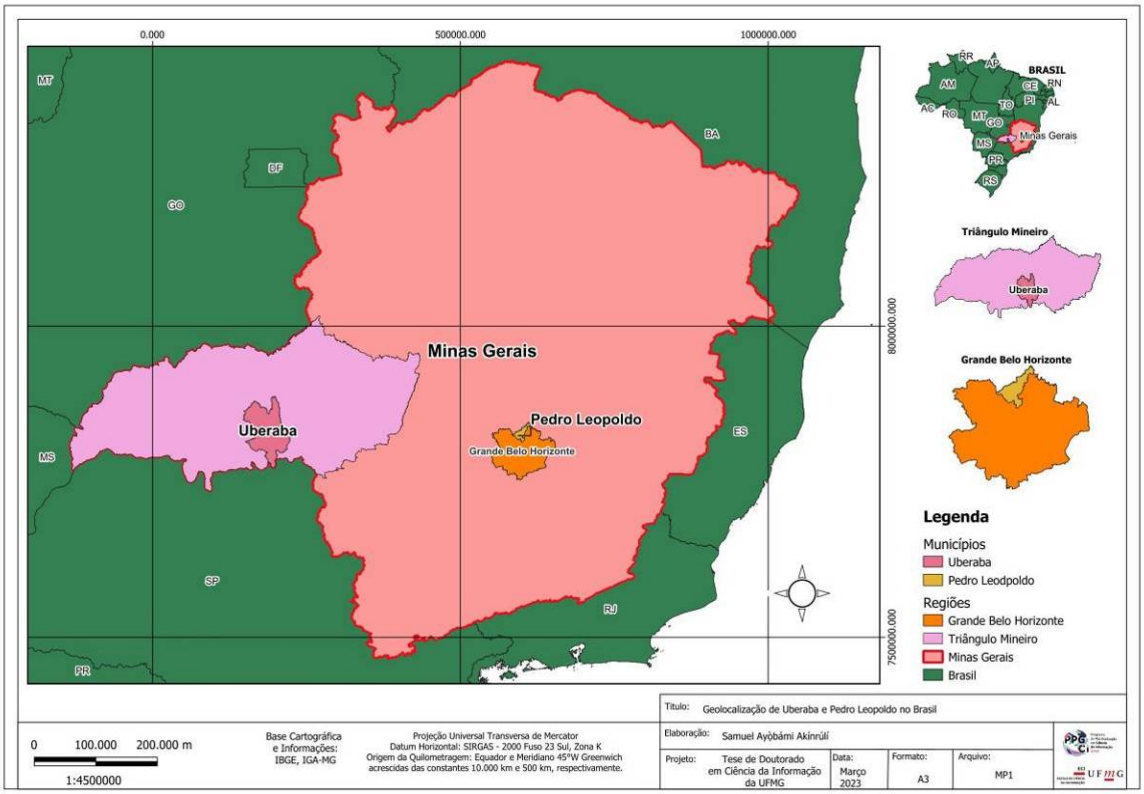


Figura 1 – Localização das cidades de Pedro Leopoldo na Grande Belo Horizonte e Uberaba no Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Ainda, esta jornada perseguida a partir destes lastros territoriais deu realce às parcerias e a uma rede de relações que também sustentaram e foram sustentadas pelas práticas espíritas concatenadas por Chico Xavier, ângulo de análise que intenta privilegiar, por sua vez, o que quer ser lembrado e esquecido do ponto de vista de uma história oficial sobre Chico Xavier e o Espiritismo de matriz Kardecista. Isto, porque para além de se restringir a uma ilusão biográfica, ressalta-se a percepção da existência de uma guerra de narrativas como questão emblemática e orientadora às reflexões pautadas pelos aspectos metodológicos no campo de estudos da memória social, pauta que integra os debates desenvolvidos ao longo desta tese.

Em seu texto “A ilusão biográfica” (2006), Pierre Bourdieu ponderou sobre o tratamento metodológico dado às histórias de vida que conformam muitos estudos nas ciências humanas e sociais. O autor destacou que para além de uma simples

narrativa que expõe uma unidade de acontecimentos de uma existência individual, que comumente aborda um conjunto coerente e orientado de eventos, o pesquisador que dialoga com este tipo de fonte precisa romper com uma narrativa linear de história que transcorre segundo uma ordem cronológica e, portanto, logicamente orientada para sequências espaço-temporais ordenadas por relações inteligíveis. Essa organicidade que sustenta a necessidade de dar sentido às histórias de vida, em um *continuum* que expressa previsibilidade e harmonia, trata-se de uma ilusão retórica apoiada em narrativas totalizantes e unificadoras.[30]

O interesse pelo desvio desta ilusão biográfica nos remete, portanto, à necessidade de reflexões mais profundas sobre a memória, em seus aspectos individuais e coletivos, que expõem as intenções dos relatos e das narrativas, os agenciamentos das informações, bem como demarca a escolha crítica de interpretação sobre a atribuição de sentidos e significados das narrativas em contraste com suas controvérsias. Na dialética entre o lembrar e o esquecer, a memória que é fonte da história se exibe como um "fenômeno sempre atual", enquanto a própria história se mostra como "reconstrução sempre problemática e incompleta", posto que é uma "operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico".[31] Deste ponto de vista, memória e história estão longe de serem sinônimos, de modo que a consciência historiográfica deixa explícito um passado de lacunas, silêncios e disputas por narrativas e, assim, um campo de relevância para a análise do social.[32]

Beatriz Sarlo afirmou que a "história é um horizonte de debate entre narrações diversas, que reaparecem mesmo ao serem condenadas ao

---

[30] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, p. 183-191, 2006. Este texto foi originalmente publicado em 1986 na revista "Actes de la Recherche en Sciences Sociales" (volumes 62 e 63) juntamente com outros 12 artigos do dossiê intitulado "L'illusion Biographique", revista que foi fundada e era dirigida pelo próprio sociólogo.

[31] NORA, 1993, p. 9.

[32] "A memória está nos próprios alicerces da História, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade. Mas só muito recentemente se tornou objeto de reflexão da historiografia. Só no fim da década de 1970 que os historiadores da Nova História começaram a trabalhar com a memória. Na Filosofia, na Sociologia, na Antropologia e principalmente na Psicanálise, no entanto, os estudos sobre a memória individual e coletiva já estavam avançados. Foi o fundador da Psicanálise, e um dos ícones da modernidade, Sigmund Freud, quem no século XIX iniciou amplos debates em torno da memória humana, trazendo à tona seu caráter seletivo: ou seja, o fato de que nos lembramos das coisas de forma parcial, a partir de estímulos externos, e escolhemos lembranças. Freud distinguiu a memória de um simples repositório de lembranças: para ele, nossa mente não é um museu". In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Vanderlei Silva e Maciel Henrique. 2ª ed. 2ª reimp. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p.275.

esquecimento", ao passo que do ponto de vista da memória, "parece quase impossível eliminar o objeto da lembrança, impedir que essa lembrança continue a se reconstruir, repetir, alterar". Neste sentido, para a autora, a ação de aceitar "saber menos" seria condescendente à "possibilidade de esquecer".[33] Por outro lado, Andreas Huyssen destaca a ideia da existência contemporânea de uma cultura da amnésia que define, de forma mais ampla, uma cultura da memória marcada pela apatia ou embotamento, pela "incapacidade e falta de vontade de lembrar", e que lamenta "a perda da consciência histórica", o que é pressionado, em grande medida, pelas novas tecnologias de informação, pelas mídias e pelo consumismo desenfreado. Portanto, o autor afirma que hoje em dia coexistem muitas "memórias imaginadas" e, assim, "facilmente esquecíveis" que se distanciam e se diferenciam, cada vez mais, das memórias vividas. Há uma luta e um embate constante em torno da memória, que é acompanhada de reflexões dirimidas ao esquecimento.[34]

Neste panorama há, todavia, marcadores que incidem em determinadas interpretações e apropriações sobre a memória que necessitam de investigações sobre suas conexões e impactos nas conformações de memórias. A estrutura do inter-relacionamento entre memória, identidade, história, patrimônio e território são estruturantes nesta interpretação e que respaldam discussões ao longo da tese a fim de tensionar as guerras de narrativas identificadas sobre Chico Xavier. Isto porque as referências de memória dão sentido ao ser, em modo individual e coletivo, representam suas identidades, seus patrimônios, seus modos de ser e viver no mundo, seus marcadores espaciais e temporais, eventos e datas de significância, definem práticas de memória.[35] Neste sentido, compreende-se que existe uma experiência e visão espírita que precisam ser consideradas em seus próprios termos para que o entendimento sobre as balizas e os pilares do mundo espírita também sejam dimensionados e considerados nesta narrativa e para que, portanto, sejam perscrutados os elementos memorialísticos que a compõem.

---

[33] SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 2005, p. 34 e p. 42.

[34] HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 18.

[35] De acordo com Michel de Certeau (2008), as práticas seriam formas ou maneiras de fazer o cotidiano acontecer por meio de ações de indivíduos e organizações. O cotidiano se estabeleceria, portanto, a partir de questões histórico-sociais e por meio de tecnologias do agir ou operações que configuram o que o autor designa tanto de estratégias – relações de forças sociais que isolam sujeitos de saber e de poder que produzirem discursos totalizantes – quanto de táticas – maneiras de produzir improvisação e que também determinam o movimento dos jogos sociais. *Cf*. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

1.1. "Uberaba tem duas riquezas: o boi e o Chico", mas e Pedro Leopoldo, tem o quê?

Nas narrativas da população ouvidas comumente pelas ruas, a cidade de Uberaba possui especialmente dois marcadores temporais atrelados a uma cronologia fatalística: se a partir da exploração colonial, o gado foi a maior riqueza herdada até os tempos atuais, a chegada de Chico à Uberaba no século XX, por sua vez, deu ao Espiritismo uma cidade sagrada, tal qual a representação de Meca para o Islamismo.[36] O que indica, portanto, a conformação de uma sede, um núcleo ou um epicentro onde as diversas atividades relacionadas ao Espiritismo no Brasil estariam, a partir de então, vinculadas depois de uma tortuosa peregrinação, e de onde teriam um comando ou, melhor dizendo, uma explícita orientação e liderança religiosa.

E este movimento não surge de um dia para o outro tanto no interior do movimento espírita, quanto na própria trajetória de Chico Xavier, tendo muitas vezes aspectos destas narrativas entrelaçadas em fatos, eventos, personalidades, lugares e situações comumente compartilhadas. Um universo de efemérides que têm como ponto nodal a peregrinação de Chico Xavier de Pedro Leopoldo à Uberaba, expressando raios de abrangência, inter-relações entre os elementos e um sentido de conjunto que determina aspectos da memória social.[37]

---

[36] Meca é considerada a cidade mais sagrada para o Islã, onde está a *Kaaba* (santuário de granito em forma de cubo dedicado a Alá, construção com cerca de 2.000 a.C.) localizada próxima à Grande Mesquita e onde se encontra a "pedra preta de Abraão" que, segundo a tradição, é beijada pelos muçulmanos em peregrinação. Tornou-se o epicentro da peregrinação islâmica e, portanto, local de grande devoção, pelo fato de que nesta cidade, no século VII, o Profeta Maomé (571 d.C.- 632 d.C.) proclamou a religião do Islamismo. Por outro lado, considerada a segunda cidade sagrada para o Islã, Medina é onde o Profeta Maomé migrou em 622 (hégira, fato que marca o início da era islâmica), sendo local de seu túmulo e lugar de peregrinações. Por sua vez, a terceira cidade mais sagrada para o Islã é Jerusalém, para onde o Profeta foi transportado por um Buraque, um ser mítico, a partir de onde ascendeu ao céu e se encontrou com outros Profetas e Deus. As peregrinações anuais dos muçulmanos entre as cidades de Meca e Medina são denominadas *Hajj*, cujo ritual espiritual deve ser realizado pelo menos uma vez na vida de todos os fiéis. Registra-se que Meca e Medina são cidades atualmente localizadas na Arábia Saudita, que se distanciam cerca de 450 km uma da outra, enquanto Jerusalém está em Israel e distante cerca de 900 km de Meca. *Cf*. ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

[37] Estamos nos baseando, neste ponto, na discussão de KIevin Lynch que indica que os pontos nodais ou os nós são focos estratégicos de análise que permitem ao observador compreender as confluências dos caminhos ou mesmo as concentrações de determinadas características no espaço que são de grande relevância por também contribuírem na observação em escalas distintas das relações de vizinhança, confluência, aproximação ou distanciamento. In: LYNCH, Kevin. *The image of city*. Cambridge: The MIT Press, 1960, p.91-92.

É preciso, neste ínterim, inserir o próprio deslocamento de Chico Xavier de Pedro Leopoldo para Uberaba, movimento importante e marcante na sua trajetória e mesmo ao contexto espírita, que definiu caminhos, bordas, nós e inter relações entre estes diversos elementos. Traçou repertórios e estratégias memorialísticas para a Doutrina, de modo a constituir práticas entre os lembrar e o esquecer, ancorado em determinados suportes, relacionamentos, dinâmicas, territórios, identidades e patrimônios.

Tendo nascido na cidade mineira de Pedro Leopoldo em 2 de abril de 1910, foi registrado como Francisco de Paula Cândido em homenagem ao santo católico do dia. Era filho do vendedor de bilhetes de loteria João Cândido Xavier (±1874-1960) e da lavadeira Maria João de Deus (1881-1915). O casal teve 9 filhos, a saber: Maria Cândida Xavier, conhecida por Bita (1896-1972); Maria Luísa Xavier Ferreira (1897-1985); Carmozina Xavier Pena de apelido Zina (1904-1975); José Cândido Xavier Filho (1905-1939); Maria de Lourdes Xavier Fernandes (±1907-1980); Francisco de Paula Cândido, o Chico Xavier (1910-2002); Raimundo Cândido Xavier, tratado por Mundico (1913-1942); Maria da Conceição Xavier Pena, a Tiquinha; Geralda Xavier Quintão (1914-2007).[38]

[38] É muito interessante observar que apesar da efusão de livros e matérias sobre Chico Xavier, incluindo seus dados biográficos, informações exatas sobre sua genealogia são de difícil comprovação, demonstrando ainda certa preservação privativa de sua vida familiar e íntima em comparação a sua faceta pública. Também, pode-se relacionar as idiossincrasias do seu relacionamento familiar e a tentativa de se bloquear ou mesmo proteger sua privacidade, posto que publicamente foram expostos problemas e contradições entre os membros da família. Sabe-se que Maria João de Deus, Maria de São José de Deus e Maria de São João de Deus são variações citadas do nome da genitora de Chico Xavier. Sua biografia é ainda pouco detalhada, mas o que se identifica até o momento, incluindo informações do de Marcos Paulo de Souza Miranda (promotor público, membro do IHGMG e sócio do Colégio Brasileiro de Genealogia) é que ela foi batizada na Igreja Matriz de Santa Luzia em 2 de outubro de 1878, tendo falecido em Pedro Leopoldo em 29 de setembro de 1915 por um problema de angina. Há contradições com estas informações a partir de entrevista de uma de suas filhas, Maria Xavier Pena, que informou que Maria de São João de Deus nasceu em Santa Luzia no ano de 1881, sendo filha única de Francelina, não tendo conhecido seu pai. Ela se casou aos 13 anos com João Cândido Xavier, quando ambos trabalhavam na Fábrica de Marzagânia, distrito de Sabará. Ela desencarnou aos 34 anos de idade, ou seja, em 1915. In: RANIERI, Rafael Américo. *O Prisioneiro de Cristo*. São Paulo: LAKE, 1978, p. 86. Um livro mediúnico psicografado em 1935 por Chico Xavier tratou da experiência além-corpo da sua mãe. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas de uma Morta*. Pelo espírito de Maria João de Deus. São Paulo: Editora LAKE, 1935. Ela era filha de José da Rocha e Francelina Gomes, ambos da cidade mineira de Santa Luzia, sendo Francelina servente do Hospital São João de Deus em Santa Luzia. Sua mãe e, portanto, avó materna de Chico Xavier nasceu em 1841 em Santa Luzia e faleceu em 27 de abril de 1908 em Pedro Leopoldo, ou seja, antes mesmo do nascimento do médium. A avó materna de Chico Xavier era filha de José Gomes e Senhorinha de Souza. A mãe de Chico Xavier, Maria João de Deus, casou jovem com João Cândido Xavier, na época em que ele trabalhava na Fábrica de Tecidos Marzagão, localizada no município mineiro de Sabará. O pai do médium, João Cândido Xavier, foi batizado em 7 de junho de 1874, sendo filho de Vicente Pinto da Silva e Joaquina Cândida Xavier, nascido em Santa Luzia, sendo que a avó paterna de Chico Xavier foi batizada na Matriz de Santa

Com o falecimento da mãe de Chico Xavier com problemas cardíacos em 1915, quando o médium tinha 5 anos de idade, seis filhos do casal foram entregues para criação a padrinhos e amigos.[39] Chico Xavier foi viver com sua madrinha chamada Maria Rita de Cássia, conhecida como Ritinha, que era casada com o comerciante José Felizardo Sobrinho, padrinho do médium e que, posteriormente, tornou-se seu chefe e praticante do Espiritismo. De acordo com informações biográficas e os próprios relatos do médium ao longo de sua vida, sua madrinha o castigava rotineiramente durante os dois anos que viveu com ela.[40]

Por aqueles tempos, Chico Xavier já manifestava suas faculdades mediúnicas de inúmeras maneiras, inclusive vendo e conversando com o espírito de sua falecida progenitora. O pai do médium realizou um segundo casamento em 1917, de modo que conseguiu reunir todos os filhos em sua casa novamente agora com sua nova esposa, Cidália Batista Xavier (1896-1931), com que teve outros seis filhos, a saber: André Luiz Batista Xavier (1918-2009); Lucília Xavier Silva; Neusa Xavier Leroy; Cidália Xavier de Carvalho, tratada por Dália (1923-2015); Doralice Xavier, conhecida por Dóris ou Dorinha; João Cândido Xavier Filho, o Joãozinho.[41]

Chico Xavier começou cedo a trabalhar: a partir dos sete anos vendia pelas ruas da cidade as hortaliças e legumes produzidos em seu quintal; aos nove passou a atuar na Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande como tecelão; aos doze foi ajudante de cozinha no Bar do Dove (depois Bar Elite) de propriedade de Claudovino Rocha;[42] aos dezesseis foi caixeiro no armazém de José Felizardo Sobrinho; aos vinte e três se tornou auxiliar de serviços gerais e aos vinte cinco escrevente-datilógrafo ou escriturário para o Ministério da Agricultura na Fazenda

---

Luzia em 2 de janeiro de 1849. O pai de Chico Xavier, João Cândido Xavier, faleceu em 4 de dezembro de 1960. In: *Geni*. Disponível em https://www.geni.com/people/Chico-Xavier/6000000125050553403, acesso em 10 de fevereiro de 2022. Consta-se que João Cândido Xavier trabalhou como operário na Fábrica de Tecido Cachoeira Grande quando da sua inauguração. In: *O Globo*, 3 de maio de 1935, p. 3.

[39] BACCELLI, Carlos Antônio. *100 Anos de Chico Xavier*: fenômeno humano e mediúnico. Uberaba: Livraria Espírita Edições Pedro e Paulo, 2010, p.17.

[40] BARBOSA, Elias. *Presença de Chico Xavier*. São Paulo: Editora Calvário, 1970, p. 3.

[41] In: *FamilySearch*. Disponível em https://ancestors.familysearch.org/en/L4BF-G76/francisco-de-paula-c%C3%A2ndido-xavier-1910-2002, acesso em 11 de fevereiro de 2022. *Cf*. HARLEY, Jhon. *O voo da garça*: Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010, p. 297-299.

[42] "Voltando do serviço, passava-se nos botequins. Não havia outra coisa a fazer. A turma conversava e se embebedava mesmo. No bar do Dove havia um gramofone, ficávamos escutando música, conversando fiado enquanto bebíamos cachaça, tomávamos mingau e tijelinhas de arroz doce que custavam um tostão". In: COSTA, Geraldo [Chuá]. Pedro Leopoldo, outubro de 1994. Fita de 60 min. *Entrevista concedida a Marcos Lobato e Geraldo Leão*. Apud MARTINS, Marcos Lobato. *Pedro Leopoldo*: memória histórica. 2ª ed. Pedro Leopoldo: Gráfica Ed. Tavares, 2006, p. 141.

Modelo onde funcionava a Inspetoria Regional do Fomento da Produção Animal, tendo se aposentado como funcionário público federal por aquela repartição em 17 de janeiro de 1961.[43]

É relevante destacar que a família Xavier confessava grande devoção católica, de modo que era rotina seguirem seus cultos e calendários devocionais. Mesmo assim, continuavam as externações espirituais de Chico Xavier, que recebia explicações de que ele estava endemoniado, segundo os dogmas católicos. Apesar de o Padre Sebastião Scarzello da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, que atendia a Igreja Nossa Senhora da Conceição em Pedro Leopoldo, relegar qualquer possibilidade de vida após a morte, a devoção de Chico Xavier à Jesus Cristo o protegia de ações mais extremistas, como um internações em hospitais psiquiátricos. Chico comungava, confessava, ia às missas e acompanhava procissões até o ano de 1927, quando foi fundado o Centro Espírita Luiz Gonzaga.[44]

---

[43] "Entrei para os serviços do Ministério da Agricultura, precisamente em 1933, conquanto trabalhasse nas horas que me sobravam do expediente na repartição, no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, com quem servi na condição de caixeiro. Acontece que em 1932, ele fora acometido de uma trombose cerebral, que o deixou praticamente incapaz de atender às atividades comerciais. O armazém dele era muito pequeno e eu era o empregado único. Doente, não conseguiu o Sr. Felizardo Sobrinho movimentar os negócios que lhe diziam respeito e, em 1933, não mais pôde pagar-me os salários a que eu tinha direito e que eram, então, de sessenta mil réis por mês (seis centavos na moeda brasileira de hoje) e, em vista disso, conhecendo a minha situação, um generoso amigo, Fausto Joviano, conseguiu um lugar de serviço, em meu favor na ex Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, em Pedro Leopoldo. [...] no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, a quem continuei prestando serviço gratuitamente nas horas vagas. O armazém teve as suas atividades encerradas, a 30 de junho de 1935, pela impossibilidade em que se via o proprietário de pagar os impostos do segundo semestre daquele ano, motivo pelo qual somente a 1º de junho de 1935, me fixei de maneira definitiva nos serviços da repartição que mencionei". In: XAVIER, Francisco Cândido; BARBOSA, Elias. No Mundo de Chico Xavier. Pelo espírito de Emmanuel. Araras: IDE, 1967, p. 103-104. No Programa Pinga Fogo, exibido pela TV Tupi Canal 4 de São Paulo em 28 de julho de 1971, Chico Xavier disse ter trabalhado na Fazenda Modelo entre os anos de 1931 a 1961. In: *Programa Pinga Fogo (Parte I)*, 28 de julho de 1971. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=wsKvEK869tI, acesso em 10 de fevereiro de 2022.

[44] "[...] devo esclarecer que minha família era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui, pois, criado com as teorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor, desde os tempos de criança; quando ia às aulas de catecismo era para mim um prazer". In: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além Túmulo*. Por espíritos diversos. 10ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1978 [1932], p.31.

Figura 2 – Fotografia da família de Chico Xavier em 25 de maio de 1929, tendo o médium ao lado do pai (de chapéu) e da madrasta. Fonte: Acervo CEC.

O primeiro contato oficial de Chico Xavier com a Doutrina Espírita se deu em 7 de maio de 1927, quando ele tinha dezessete anos e sua irmã Maria da Conceição Xavier, operária da Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande, apresentou um conjunto de distúrbios que colocaram em xeque a sua integridade física e mental, de tal forma que foram compreendidas, naquele momento, como uma perturbação espiritual. A resolução da situação, que não conseguiu se materializar por meio da medicina, deu-se pela intervenção espírita. Maria Xavier foi levada até a Fazenda Maquiné na cidade mineira de Curvelo, residência do casal José Hermínio Perácio (-1967) e Carmen Pena Perácio, conhecido de um amigo espírita do pai de Chico Xavier, sendo José Hermínio um médium curador.

> Na segunda quinzena de junho de 1927, meu marido e eu acompanhamos a irmã de Chico a Pedro Leopoldo, com a alegria de restituí-la ao lar, curada da obsessão de que fora acometida, aí demorando-nos por alguns dias. Compreendemos então que os nossos irmãos em Pedro Leopoldo necessitavam de um grupo espírita evangélico. Meu esposo e eu, com alguns companheiros, fundamos o Centro Espírita Luiz Gonzaga, que ali funciona até hoje.

> Lembro-me de que na sessão pública de 8 de julho de 1927 (o Centro iniciante funcionava então numa residência particular), ouvi um amigo espiritual aconselhando para que o Chico tomasse o lápis, a fim de experimentar a psicografia; transmiti a recomendação e o Chico obedeceu imediatamente, recebendo de maneira muito rápida várias páginas que foram assinadas por um benfeitor do Alto. Ficamos todos muito contentes com o fato, sendo que, daí a dois dias, voltávamos para a nossa casa de Maquiné. Chico acompanhou-nos para ficar em nossa companhia alguns dias na fazenda e, aí, na primeira reunião mediúnica que efetuamos, após a chegada, no momento das orações, com aquela humildade que sempre o acompanhou, perguntou-nos se "podia fazer parte em nossas preces", o que, naturalmente, foi permitido com muita alegria para mim e para o meu companheiro.[45]

Foi pela intervenção do casal de médiuns que em uma das reuniões das sextas-feiras, especificamente em 8 de julho de 1927, que Chico Xavier foi aconselhado por Carmem Perácio a "pegar o lápis", quando fez a sua primeira psicografia de 17 páginas.[46] O recado vinha do além, do seu mentor espiritual, Emmanuel, que somente foi visto por Chico Xavier por clarividência no Açude do Capão, às margens do Ribeirão da Mata próximo da Fábrica de Tecidos, em uma tarde de domingo do ano de 1931.[47]

Naquela noite de julho de 1927, que marcou sua primeira psicografia em sessão espírita, assinava "um espírito amigo", o que indicava a convocação para uma das grandes missões do trabalho missionário de Chico Xavier: a produção de livros através das palavras ditadas pelos mortos a fim de divulgar a doutrina dos espíritos. Carmen Perácio chegou a ter uma visão por meio de um quadro fluídico, mas que não foi claramente entendida à época: "que do teto estava 'chovendo livros' sobre a cabeça do Chico e sobre todo o nosso grupo". Também, presenciaram nas

---

[45] XAVIER; BARBOSA,1967, p. 196-197.

[46] BARBOSA, 1970, p.133-137. LEMOS NETO, Geraldo (org.). *Mandato de Amor*. Belo Horizonte: UEM, 1992, p. 294-295.

[47] "Lembro-me de que foi numa tarde de domingo, em 1931, durante uma pequena reunião de preces, ao ar livre, que eu costumava fazer, em companhia de duas senhoras, irmãs da seara espírita, D. Joaninha Gomes e D. Ornélia Gomes de Paula, num local de nome 'Açude', ao lado da linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Pedro Leopoldo". In: XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 104. "Lembro-me de que, em 1931, numa de nossas reuniões habituais, vi a meu lado, pela primeira vez, o bondoso Espírito Emmanuel. Eu psicografava, naquela época, as produções do primeiro livro mediúnico, recebido através de minhas humildes faculdades e experimentava os sintomas de grave moléstia dos olhos. Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso, sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença, mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim, dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz". In: XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Rio de Janeiro: FEB, 1937, p. 5.

sessões fatos extraordinários, como “pétalas que caíam do teto” e “perfume de rosas no ambiente”.[48]

Figura 3 – Ilustração sobre a aparição de Emmanuel a Chico Xavier no Açude do Capão.
Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

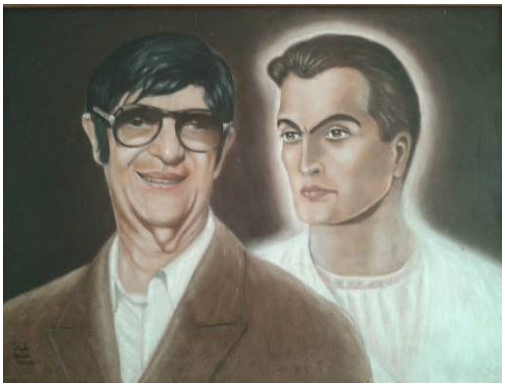


Figura 4 – Montagem feita com imagens de Chico Xavier e Emmanuel.
Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

O casal Perácio se mudou para Pedro Leopoldo, onde residiu entre o período de seis anos, de 1928 a 1934, oportunidade de iniciação e aprofundamento de Chico Xavier ao Espiritismo.[49] Além das sessões habituais no Centro Espírita Luiz Gonzaga, Chico Xavier juntamente com o casal Perácio se reunia em trabalho mediúnico, oportunidade na qual muitas mensagens familiares e íntimas eram psicografadas, além de “poesias comoventes e lindas, assinadas por poetas que não conhecíamos, nem mesmo de nome. Havia noites em que até mesmo três poesias eram psicografadas”.[50]

---

[48] Em entrevista realizada no ano de 1967, Carmen Perácio ainda informou que “Amigos Espirituais me disseram, por várias vezes, que ele acompanhava Chico, de muito perto, desde a infância e que, ainda depois dos seus primeiros passos na mediunidade, ele, Emmanuel, o observava e protegia, deixando que outros amigos desencarnados lhe exercitassem as faculdades na mediunidade escrevente, antes que ele pudesse começar com ele a grande tarefa dos livros psicografados. In: XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 197-199 e p. 201.

[49] Há informações de que o casal Perácio tenha tido, pelo menos, três filhas chamadas Áurea, Enid e Ruth. No ano de 1934, a família Perácio muda-se para a cidade de Belo Horizonte, em residência na rua Genoveva de Souza, número 864, bairro Sagrada Família. De acordo com matéria da imprensa, que tratava “Perasso” de “o feiticeiro”, em Belo Horizonte ele dedicava-se “exclusivamente à sua profissão de chofer”. In: *O Globo*, 31 de maio de 1935, p. 3.

[49] BARBOSA, 1970, p. 5.

[50] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 200. Observa-se atuação e mesmo a preferência das realizações de atividades mediúnicas por Chico Xavier em ambientes menores, mais acolhedores e, por vezes, privados: “Grande parte delas [psicografias] foram escritas fora das reuniões e tenho tido ocasião de observar que, quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido”. In: XAVIER, 1978 [1932], p. 33.

Figura 5 – O casal José Hermínio Perácio e Carmem Pena Perácio com a filha Áurea Perácio, s.d. Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

Figura 6 – Fazenda Maquiné, localizada em Curvelo/MG. Imagem capturada pelo fotógrafo Wilson Granella em fevereiro de 2013. Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

Foi por meio da fundação do Centro Espírita Luiz Gonzaga, que as atividades de assistência mediúnica pública se iniciaram em 21 de junho de 1927, em um salão emprestado do imóvel de Josepha Barbosa Chaves na Rua São Sebastião, tendo presença do grupo inicial que incluíam, ainda, Josepha Barbosa Chaves, Ataliba Ribeiro Vianna, Agripino de Paula Cruz.[51] Aquele logradouro era antigamente conhecido por Rua Central, cujo Centro Espírita distava não mais que 100m da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.[52]

De acordo com o próprio Chico Xavier, naqueles tempos faziam assistência fraterna Ataliba Ribeiro Vianna, que foi o primeiro presidente do Centro Espírita Luiz Gonzaga, "José Felizardo Sobrinho, José Cândido Xavier, José Hermínio Perácio,

[51] "Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semimecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando daí o ingresso do meu humilde nome nos jornais espíritas, para onde comecei a escrever sob a inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam. Só nos últimos dias de 1931, com a graça de Deus, desenvolveram-se em mim, de maneira clara e mais intensamente, a vidência, a audição e outras faculdades mediúnicas". In: XAVIER, 1978 [1932], p.32.

[52] A Rua São Sebastião, de acordo com o memorialista José Issa Filho, era inicialmente conhecida como Rua da Matriz – pela posição em relação à Igreja de Nossa Senhora da Conceição –, mas tinha também destaque na cidade porque não "havia em nossa rua um único homem de mais de trinta anos que não gostasse de uns tragos de pinga. Talvez bebessem por ter onde se divertirem. Os que bebiam menos tomavam um cálice de cachaça antes do almoço, um cálice antes do jantar, outro à noite. E quando iam beber, diziam que iam matar o bicho ou que iam tomar um mata-bicho. E foi por isso que José Felizardo, dono de uma pequena venda na Rua São Sebastião, onde os fregueses tomavam seus cálices de pinga, ficou com o apelido de Juca Bicheiro". In: FILHO, José Issa. *Coisas do Reino de Pedro Leopoldo*. Pedro Leopoldo: Ed. do autor, 1993, p.22-23. A Rua São Sebastião era também conhecida como Rua Quebra Nariz, segundo o José Issa Filho, nome que "surgiu porque moradores da rua, alterados pelo consumo de bebida alcóolica, ao passarem por ela, uma rua irregular, costumavam cair e machucar, principalmente, o nariz. A rua também era palco de brigas e discussões constantes". In: HARLEY, 2010, p. 71.

Carmen Pena Perácio, Antônio Barbosa Chaves,[53] Agripino de Paula, Ornélia Gomes de Paula, Jacy Pena, Maria Penna Xavier, Zina Xavier, Nelson Pena" entre outros.[54] Em casa de Josepha Barbosa Chaves na Rua São Sebastião, a sede interina do centro Espírita Luiz Gonzaga funcionou entre 21 de junho de 1927 a 28 de outubro de 1928, sob a presidência de Ataliba Ribeiro Viana, e vice-presidência de José Cândido Xavier.

Portanto, foi somente em 29 de setembro de 1928, que o Centro Espírita Luiz Gonzaga registrou sua primeira ata e passou a funcionar em outra sede interina, agora no salão alugado em casa de José Felizardo Sobrinho. Assim, refundado em 29 de outubro de 1928, teve ali sua primeira reunião em 31 de outubro de 1928, oportunidade na qual Chico Xavier psicografou uma mensagem mediúnica do espírito João. Seu irmão José Cândido Xavier "continuou como presidente da instituição", sendo secretário o próprio Chico Xavier e o tesoureiro José Felizardo Sobrinho.[55] O Centro Espírita Luiz Gonzaga ocupava um salão aos fundos da casa do comerciante, posto que na parte da frente da residência de José Felizardo Sobrinho funcionava o armazém onde Chico trabalhou por cerca de 10 anos. Localizado na Rua Ferreira e Mello, o Centro Espírita funcionou ali entre o período de 29 de setembro de 1928 a 23 de junho de 1929, continuando na mesma estrutura anterior: na presidência estava Ataliba Ribeiro Viana e na vice-presidência José Cândido Xavier. [56]

O Centro Espírita Luiz Gonzaga funcionou, posteriormente, em um cômodo anexo na casa de José Cândido Xavier e, mesmo após o falecimento deste em 1939, a viúva Geni Penna Xavier deu sequência às atividades mediúnicas. Naquele imóvel localizado na Rua Comendador Antônio Alves, antiga Rua Dr. Neiva, as

---

[53] Sobre Antônio Barbosa Chaves, que era músico da Corporação Musical Cachoeira Grande, ver PIETRA, Ana Carolina Malaquias. *"Complexo Banda"*: a prática das corporações musicais em Pedro Leopoldo/MG. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação da Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011, p. 127.

[54] XAVIER; BARBOSA,1967, p. 20-21.

[55] XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier*: o Primeiro Livro. Pedro Leopoldo: Grupo Espírita Scheilla, 2010, p. 21-25.

[56] Era vice-presidente José Cândido Xavier, tesoureiro José Felizardo Sobrinho, procurador Jacy Pena. Estavam presentes naquela sessão, além dos já citados, Deudit de Carvalho, José Gomes Teixeira, João Cândido Xavier, Galaor Teixeira, Antônio Coelho, José Carlos Malaquias, Raimundo Xavier e Francisco Vieira. "Conforme a opinião do diretor dos trabalhos, ficou deliberado que às segundas, quartas e sextas-feiras se fizessem reuniões públicas de propaganda da Doutrina Espíritas científica cristã e que às quintas-feiras fossem levadas a efeito as sessões privadas, experimentais e de caridade". In: SANTOS, Geraldo Leão dos; LEMOS NETO, Geraldo (orgs.). *Pedro Leopoldo vista por Chico Xavier*: 1910-1959, 49 anos da presença do maior médium de todos os tempos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2011, p. 290.

atividades doutrinárias se desenvolveram em sessões públicas contemplando o período de 24 de junho de 1929 à 01 de abril de 1950.[57] Entre 1929 a 1934, era presidente da instituição Galaor Teixeira da Costa e a vice-presidente era Jacy Xavier, enquanto em fins de 1934, uma nova diretoria tomou posse, sendo composta por apenas três componentes: presidente (José Cândido Xavier), secretário e tesoureiro. Com o desencarne de José Xavier em 1939, Chico Xavier assumiu a responsabilidade dos trabalhos, acompanhado por José Martins Filho e José Soares que foram presidentes da instituição por volta dos anos de 1943-1947.[58]

A última e atual sede do Centro Espírita Luiz Gonzaga foi inaugurada em 2 de abril de 1950, sendo o imóvel localizado na Rua São Sebastião nº 55, em terreno da família Xavier e onde Chico havia nascido.[59] A edificação desta sede própria, apta a receber os visitantes que cada vez mais se avolumavam com destino à Pedro Leopoldo, teve atuação decisiva de Rômulo Joviano a partir do ano de 1946, que participou ativamente na aquisição de recursos, coordenação e construção do imóvel. Em 1947, um coronel residente na cidade de Santos/SP de nome Arlindo Ribeiro de Andrade doou ao Chico a importância de CR$ 50.000,00, que inicialmente foi recusada, mas depois foi aceita desde que servisse com os propósitos do Centro Espírita Luiz Gonzaga.[60]

---

[57] "A casa onde Chico Xavier reside com irmãos e irmãs, quasi todos menores, é tão pequena e tão pobre no seu mobiliário que ali não podem realizar as reuniões. Essas têm logar ás quartas e sextas-feiras, na casa também pobre, porém, maior, do seu irmão casado, José Cândido, que tem ali uma pequena officina de selleiro". In: *O Globo*, 3 de maio de 1935, p. 1. Sabe-se que José Cândido Xavier nasceu em Pedro Leopoldo/MG em 30 de maio de 1905 e se casou na data de 7 de janeiro de 1928 com Geni Penna Xavier, natural de Pará de Minas/MG. Nascida em 27 de agosto de 1906, era filha de Herculano Penna e Anna Penna. Em relação às suas profissões, sabe-se que José era seleiro, enquanto Geni era operária fabril.

[58] Em ata do Centro Espírita Luiz Gonzaga, consta-se que "reorganizado em 1º de outubro de 1934, teve seus estatutos registrados, em 11 de novembro do mesmo ano, estatuto esses que foram publicados no 'Minas Gerais', órgão oficial do Estado, em 31 do mesmo mês de novembro providencia com a qual o Centro Espírita Luiz Gonzaga adquiriu personalidade jurídica, perante as autoridades legalmente constituídas", indicando ainda eleições da próxima diretoria para a sexta-feira seguinte. In: Dados da exposição permanente do Memorial do Luiz Gonzaga, Pedro Leopoldo/MG, visita realizada em agosto de 2015.

[59] Consta-se que no ano de 1943, a casa de Chico Xavier "de aparência precária e de interior quase inabitável" onde o médium morava juntamente com "seu velho pai, irmãs menores e sobrinhos órfãos", local onde "sobre quatro tábuas brutas, sustentadas por toscos cavaletes, que surgiu o 'Parnaso de Além Túmulo', e, posteriormente, a enorme série de obras mediúnicas" foi reformada com ajuda de uma pessoa afamada do Rio de Janeiro por meio da "oferta espontânea de um pequeno grupo de amigos que se cotizaram para formar a quantia de dez mil cruzeiros". In: *Reformador*, nº 12, dez. 1943, p. 17.

[60] Na sexta ata do grupo, com data de 9 de junho de 1948, consta a seguinte informação: "Em fase da doação de um predio com terrenos, localizados na mesma rua, influência de Emmanuel sobre a organização do centro". In: Dados da exposição permanente do Memorial do "Luiz Gonzaga", Pedro Leopoldo/MG, visita realizada em agosto de 2015. XAVIER, Francisco Cândido; GERMINHASI, Rubens Silvio. *Luz Bendita*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1977, p. 138.

Novos integrantes passaram a compor a diretoria da instituição, tendo como secretários Chico Xavier (27/06/1927-09/06/1948), o irmão do médium André Luiz (11/06/1948-31/12/1954) e o colega de trabalho na Fazenda Modelo, Nelson Sbampato (01/01/1955-1964). O chefe na Fazenda Modelo, Rômulo Joviano, foi eleito presidente do Centro Espírita Luiz Gonzaga em 11 de junho de 1948, mas com sua mudança para a cidade do Rio de Janeiro em 1952, o então também eleito tesoureiro e "diretor doutrinário" Manoel Ferreira Diniz (Lico), assumiu a presidência executiva e Rômulo ficou na presidência honorária até o seu falecimento em 1970. Lico foi presidente do Centro Espírita Luiz Gonzaga de 1952 a 1979, cargo depois assumido por sua filha, a professora Célia Diniz Rodrigues.[61]

Observa-se uma formação inicial de cunho familiar entre os membros fundadores e que prestavam assistência ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, experiência comum na conformação da comunidade espírita, o que pode ser exemplificado seja pela expressiva presença dos irmãos consanguíneos de Chico Xavier – fundamentalmente aqueles que já eram jovens adultos e, portanto, filhos do primeiro casamento de João Cândido Xavier –, seja pela relação de parentesco por afinidade com a família Penna, uma vez que vários irmãos de Chico Xavier se casaram com membros daquela linhagem. Com o tempo, os vínculos familiares e as ligações fraternas proporcionadas pelos novos adeptos do Espiritismo também consolidam as relações de solidariedade doutrinárias, o que permitiu o início das ações espíritas naquele contexto de Pedro Leopoldo na primeira metade do século XX. [62]

---

[61] RODRIGUES, Célia Diniz. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Pedro Leopoldo/MG, Brasil. 14 ago. 2015, mp3.

[62] É importante frisar a existência de um centro espírita em Pedro Leopoldo anterior ao Luiz Gonzaga: "Em fins de março ou princípios de abril de 1903, fundava-se a primeira associação espírita de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais. Sete anos antes de naquela terra vir à luz o grande missionário da mediunidade – Francisco Cândido Xavier, um pugilo de abnegados espíritas, entre senhores e senhoras, fundaram ali humilde núcleo de estudantes da Nova Revelação, denominando-o 'Amor e Luz', Foi sua primeira directoria assim constituída: presidente, Raul Hanriot; vice-presidente, Luís A. Soares Horta; 1º secretário, Aristides Florival da Rocha; 2º secretário, Domingos C. de Avelar Sobrinho; encarregado da beneficência, José A. Soares Horta; procuradores, Pedro Cláudio de Sales e Eduardo Augusto Soares. [...] O Centro Espírita 'Luiz Gonzaga' que há muitos anos existe na cidade natal de Chico Xavier, constitui o herdeiro dos objetivos cristãos que nortearam aquela associação pioneira". *Cf*. Pedro Leopoldo. In: *Reformador*, nº 5, mai. 1953, p. 19. "[...] recebemos de Matosinhos, Estado de Minas Gerais, uma bela carta da distinta consóror Hermelita Soares Horta, que registra sua profunda emoção ao ler os nomes do seu pai, José Augusto Soares Horta, antigo vizinho e amigo de Chico Xavier, e desencarnado em 1934; do seu tio, Luís Augusto Soares Horta e do seu primo Eduardo A. Soares, todos incluídos na primeira directoria do Centro Espírita 'Amor e Luz', que funcionou em Pedro Leopoldo, a partir de 1903, à rua Dr. Herbster, em casa que hoje já não existe". *Cf*. Pedro Leopoldo II. In: *Reformador*, nº 8, ago. 1953, p. 13. Registra-se que Raul Hanriot é

Figura 7 – Casa de Josepha, na Rua São Sebastião, primeira sede do Centro Espírita Luiz Gonzaga entre 1927-1928, s.d.
Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

Figura 8 – Armazém de José Felizardo Sobrinho, localizado na Rua Ferreira e Mello, segunda sede do Centro Espírita Luiz Gonzaga entre 1928-1929, s.d.
Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

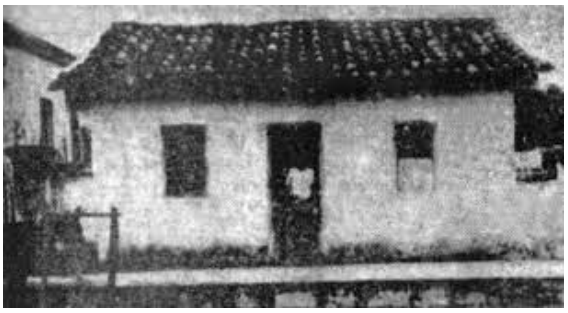


Figura 9 – Imóvel de José e Geni Xavier, onde funcionou a terceira sede do Centro Espírita Luiz Gonzaga no período de 1929-1950, localizado na Rua Comendador Antônio Alves, em foto de 4 de maio de 1935. Fonte: Acervo “O Globo”.

Figura 10 – Casa onde Chico Xavier morou entre 1917-1948, localizada na Rua São Sebastião, cujo lote serviu de construção para a sede própria do Centro Espírita Luiz Gonzaga, s.d. Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

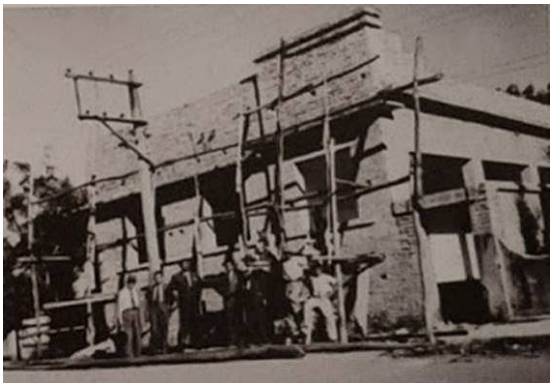


Figura 11 – Quarta e atual sede do Centro Espírita Luiz Gonzaga, localizada na Rua São Sebastião n° 55, durante sua construção, c.1949.
Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

Figura 12 – As reuniões públicas acontecem ainda hoje às segundas e sextas-feiras às 20hs no Centro Espírita Luiz Gonzaga, tendo como anexo o Memorial do Luiz Gonzaga. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, ago. 2015.

---

considerado um dos fundadores da União Espírita Mineira (UEM) no ano de 1908, e foi o segundo presidente da instituição entre os anos de 1913-1914.

Foi por influência de José Hermínio Perácio, que sugeriu a Chico Xavier que escrevesse para Manoel Quintão – então diretor da Federação Espírita Brasileira (FEB), que se materializou a iniciativa de publicação da primeira obra mediúnica de Chico Xavier. A troca de cartas entre Chico e Manoel se estendeu por alguns anos, com êxito tanto na aquisição de uma amizade bastante influente no meio espírita, quanto pela intermediação para que a publicação do "Parnaso de Além Túmulo" (1932) se concretizasse.[63]

Todavia, é relevante destacar que desde o ano de 1928, Chico Xavier já havia iniciado as publicações das mensagens psicografadas. Estas eram divulgadas em periódicos e logo auxiliaram na própria divulgação do médium que, inicialmente, assinava apenas "F. Xavier". Constam mensagens em periódicos como "A Nação"; "Almanaque de Notícias"; "Aurora"; "Correio da Manhã"; "Diário Carioca"; "Diário da Noite"; "Gazeta de Notícias"; "Jornal das Moças", "Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro"; "Nação Brasileira"; "O Jornal"; "Reformador", dentre outros.[64]

O processo de editoração da produção espírita de Chico Xavier merece atenção em relação à sua rotina e aos seus procedimentos. Após a realização da psicografia durante as sessões mediúnicas, sejam estas privativas ou públicas, é necessário realizar uma ação de transcrição deste manuscrito original em uma cópia mais inteligível caligraficamente e, por vezes, também melhor organizada visualmente. Assim, ao passar a limpo, a mensagem psicografada fica legível e qualquer revisão necessária de um pequeno erro de grafia pode ser realizada neste momento.

Nos primeiros anos de psicografia de Chico Xavier, pelo menos entre fins de 1920 a meados de 1930, observa-se a sua própria caligrafia nestas versões de mensagens já passadas a limpo, o que demonstra que por aquela época, o médium além de psicografar, era também responsável por essa transcrição. Não há identificação do emprego de máquina de escrever neste momento, o que será de uso de Chico Xavier posteriormente, ou seja, identificado com predominância a partir dos tempos em que trabalhava na Fazenda Modelo, onde era justamente um

---

[63] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 14. Por influência de Manuel Quintão, Chico Xavier conheceu outras autoridades da Doutrina Espírita no Brasil à época, como Guillion Ribeiro, Frederico Figner, Manoel Jorge Gaio e Wantuil de Freitas.

[64] BACCELLI, 2010, p. 97. "A imprensa do Brasil e de Portugal lhe lançaram o nome – F. Xavier – ao mundo das letras, em algumas páginas de prosa e poesia, entre 1929 e 1931, quando o médium de Emmanuel mal chegava aos vinte de idade". In: XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 6. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Cândida Missão*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2022.

escriturário. Por outro lado, há também escritos pessoais de Chico Xavier, datados de 1928, que demonstram sua aproximação e interesse pela temática da produção de livros. Trata-se de alguns manuscritos, produções manuais contendo poesias de autoria de Chico Xavier, que contemplavam também desenhos, ilustrações e poesias com letras capitulares.[65]

Em Pedro Leopoldo Chico Xavier escreveu 60 obras que foram publicadas entre os anos de 1932 a 1958, lançando no ano de 1932 o seu primeiro livro mediúnico intitulado “Parnaso de Além Túmulo”, que continha 59 poemas atribuídos a dezenas de poetas desencarnados.[66] Enquanto isso, na cidade já se espalhavam notícias sobre assombrações, tormentos espirituais, feitiçarias, o contato com o sobrenatural, o místico: rumores que viraram lendas pelas ruas e que tinham como protagonista Chico Xavier. Também falavam do desabrochar de um jovem poeta espírita, que desdobrava viagens fantásticas. Trouxeram consigo olhares de jornalistas interessados em contar ao mundo as proezas do que ali se passava e tentando atestar.[67]

Por outro lado, a cidade de Pedro Leopoldo nas primeiras décadas do século XX, refletia um momento de expansão de seu contato com outras cidades por influência da construção do trecho central da Estrada de Ferro Central do Brasil, cujo km 648 passou nas proximidades da Cachoeira das Três Moças localizada na Fazenda Cachoeira das Moças de propriedade da família Fonseca Moreira. A estação ferroviária ali inaugurada aos 698 m de altitude em 19 de junho de 1895, com linha de bitola mista (métrica de 1,0 m e larga de 1,60 m), estava implantada em terreno doado pela fábrica levando o nome do engenheiro responsável: Pedro

---

[65] XAVIER, 2010, p. 51.

[66] Em 1958, antes de se mudar para Uberaba, Chico Xavier já tinha 60 livros publicados. In: LEMOS NETO, 1992, p. 448. *Cf.* Apêndice “6.1. Relação dos livros publicados por Chico Xavier (1927-2002)” ao fim desta tese.

[67] A primeira grande reportagem em nível nacional que se deslocou até Pedro Leopoldo foi a do repórter Clementino Alencar no jornal carioca “O Globo”, que acompanhou Chico Xavier durante quatro meses e publicou 44 edições sobre o médium, grande parte destas em manchetes de capa. Em uma das suas primeiras matérias, destacou que “a sessão de ontem [sessão mediúnica] com a presença da reportagem e personalidades locais, viera dar à data uma significação muito especial para a cidade”. In: *O Globo*, 4 de maio de 1935, p. 1. Inicialmente descrito pelo repórter como um “matuto bisonho” ou o “homem confidente da morte”, após passar por todo tipo de teste em relação à idoneidade do médium e das suas psicografias, as reportagens que se iniciaram com o intuito de desmascarar uma fraude, acabaram se tornando panfletárias e divulgadoras da Doutrina Espírita.

Leopoldo da Silveira. Instituiu-se, assim, um novo distrito do município de Santa Luzia em 17 de julho de 1901 com o nome de Pedro Leopoldo.[68]

A demanda por um canal ferroviário, portanto, não era ao acaso: em 1893, teve início a construção de uma indústria têxtil por Antônio Alves Ferreira da Silva (-1914), fazendeiro escravocrata, cujo capital oriundo da agricultura e da pecuária passou a ser investido no Setor Secundário.[69] Em 1895, foi inaugurada a Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande que beneficiava o algodão produzido fundamentalmente em Minas Gerais e na Bahia, de modo que o setor têxtil em Pedro Leopoldo passou a atrair diversas famílias a fim de trabalhar na fábrica.[70] Ocupavam cargos, portanto, que iam desde os processos produtivos (fiação e tecelagem), passando pela manutenção do maquinário e pela administração. Tal realidade acompanhou o

---

[68] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XXVI. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, 320. Constata-se divergência na data de fundação da Estação Pedro Leopoldo, sendo também indicada para o dia 17 de junho de 1895. In: SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1907, p. 207.

[69] Antônio Alves Ferreira da Silva era filho de Antônio Ferreira da Silva em seu segundo casamento, que ocorreu com Sinforosa Tiburtina Guedes, tendo o casal dois filhos: Antônio Alves Ferreira da Silva e Tibúrcio Alves Ferreira da Silva. Do primeiro casamento de Antônio Ferreira da Silva com Francisca Moreira da Silva, resultou em seis filhos: Francisca de Paula Moreira da Silva; Maria Moreira da Silva; João Alves Ferreira da Silva; Conceição Alves Ferreira da Silva; Angélica Alves Ferreira da Silva; Maria da Conceição Ferreira da Silva. In: *Descendentes do Capitão Manuel Bahia da Anunciação, Bahia da Rocha – Notas*. Disponível em https://bahiavianna.wordpress.com/author/jbvianna/, acesso em 24 de abril de 2022. Uma das irmãs do fundador da fábrica que se chamava Angélica, casada com Teodoro Barbosa da Silva, era proprietária da Fazenda Quilombo localizada em Pindaíbas (antigo Pindaré e atual Vera Cruz, antigo distrito de Sabará e, posteriormente de Contagem e Pedro Leopoldo, próximo de Venda Nova em Belo Horizonte). Nesta propriedade de 500 alqueires de terras contava com a mão-de-obra de mais de 100 escravizados, além de benfeitorias como piladeira de arroz, engenho de cana e alambique, incluindo sete retiros com gados de diversas raças. Ela apresentou ao seu irmão Antônio Alves Ferreira da Silva a região da Fazenda Cachoeira que, já sendo proprietário da Fazenda dos Macacos, onde se instalou a fábrica têxtil denominada Companhia Fabril Cachoeira de Macacos fundada em 1886, no povoado de Cachoeira de Macacos (distrito de Inhaúma em Sete Lagoas, mas atual município Cachoeira da Prata), ficou atraído pelo grande potencial da Cachoeira das Três Moças. Ele então adquiriu a Fazenda da Cachoeira Grande ou Fazenda das Três Moças, bem que estava hipotecado para um grupo de homens como pagamento de dívidas de jogo, e que era originária do período de colonização da região quando Fernão Dias Paes Leme fundou o arraial do Sumidouro (Quinta do Sumidouro) para abastecer suas tropas nos idos de 1673. Registra-se que juntamente com seu irmão Tibúrcio Alves Ferreira da Silva, o proprietário da fábrica tinha escravaria composta por cinquenta cativos e mais de vinte léguas quadradas de terras que abrangiam áreas dos atuais municípios de Pará de Minas e Esmeraldas, terminando próximo aos limites da Fazenda do Quilombo. A família se dedicava às plantações de cana, engenhos de açúcar, alambiques para fabricação de cachaça e criação de gado. In: MARTINS, Júnia Maria Lopes; MARTINS, Marcos Lobato. *Vera Cruz de Minas*: história de um distrito de Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo: Faculdades Pedro Leopoldo, 2000. Antônio Alves Ferreira da Silva era casado com Francisca de Paula Moreira da Silva. In: *GeneaMinas*. Disponível em https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/restrita/enlace.asp?codenlace=1358981, acesso em 22 de fevereiro de 2022.

[70] CARMO, Osvaldo Gonçalo do. *Esta Pedro Leopoldo!* Fatos, coisas e pessoas da minha cidade. [s.l.]: [s.n.], 1995, p.115.

processo de consolidação na região central de Minas Gerais, entre fins do século XIX e início do XX, como o principal centro manufatureiro de tecidos no Estado.[71]

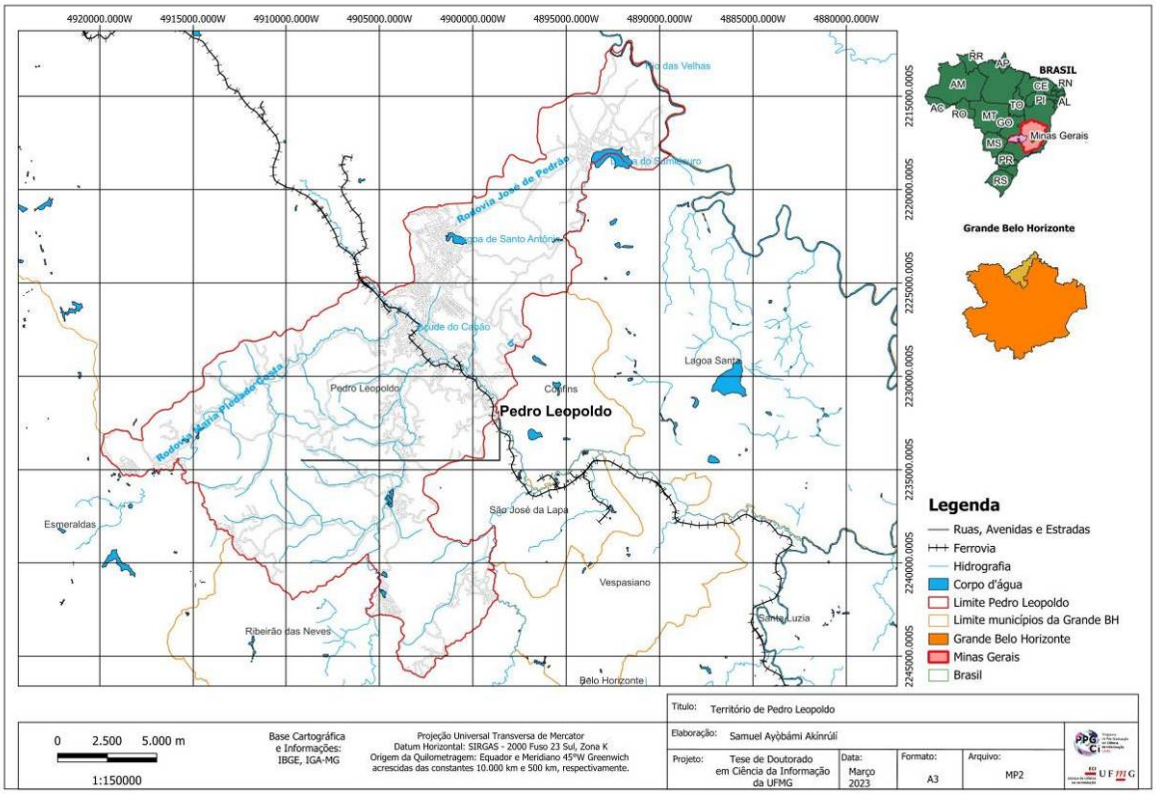


Figura 13 – Localização de Pedro Leopoldo tomando suas referências territoriais, hidrográficas e da via ferroviária. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

A linha de ferro foi de fundamental importância para a dinamização econômica, especialmente por meio da industrialização com o aproveitando do potencial hidráulico da própria Cachoeira Grande, também chamada de Cachoeira das Três Moças do Ribeirão da Mata, afluente do Rio das Velhas. E, também, fator determinante para o incremento de atividades locais, seja por meio da comunicação

[71] Em 1906, a Fábrica da Cachoeira Grande, de propriedade da Companhia Fabril Cachoeira Grande, tinha como capital e reservas o valor de 700:000$00, contando com 3.520 fusos em 120 teares movidos à força hidráulica estimada em 160 cavalos. Contava com 240 operários que produziam anualmente, a partir de 18.000 kg de algodão, 1.800.000 metros de tecidos tanto crus quanto tingidos. Destacava-se, portanto, entre as maiores produtoras têxteis de Minas Gerais. In: SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1906, p. 128. Em 1920, em outro contexto produtivo com a pressão da ampliação da concorrência e modernização no mercado têxtil, a empresa foi incorporada à Companhia Industrial Belo Horizonte, localizada na Praça da Estação.

do arraial com outras localidades, facilitando o transporte de matéria-prima, do produto industrializado e da produção agrícola.[72]

A mineração – por meio da transformação de minerais não-metálicos, especialmente a produção e beneficiamento de cal, brita, fabricação de cimento e de pré-moldados de concreto e fibrocimento, além da mineração de pedras decorativas como a ardósia e a Pedra Lagoa Santa –, apesar de também ter raízes históricas locais experienciou ampliação ao longo da primeira metade do século XX.[73] Não por menos que a emancipação política de Pedro Leopoldo aconteceu em 1923, quando Pedro Leopoldo até então pertencia ao município de Santa Luzia do Rio das Velhas, passando a ser constituído pelo território do distrito sede e dos distritos de Matozinhos, Capim Branco, Fidalgo (antigo Laginha, posterior Sumidouro, distrito de Lagoa Santa), Prudente de Morais e Vera Cruz (antigo Pindaíbas e Pindaré).[74]

---

[72] As antigas instalações da Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande foram objeto de tombamento em nível municipal a partir de distintos dossiês que segmentaram a integridade do conjunto: Antigas Instalações da Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande, Vila Operária, Casa de Máquina e Casa de Força da Fábrica de Tecidos (por meio do Decreto n° 221, de 24/04/1999); Casa da Corporação Musical Cachoeira Grande e Casa do Açougue da Cooperativa (Decreto n° 223, de 29/04/1999); Conjunto Residencial da Rua Nossa Senhora da Saúde e Conjunto Residencial da Rua São Paulo com Clube Industrial (Decreto n° 217, de 14/04/1999); Chaminé da Antiga Fábrica de Tecidos (Decreto n° 1.175, 11/05/2011); Praça Interna (Decreto n° 221, de 02/04/1999). In: *IPatrimônio*. Disponível em http://www.ipatrimonio.org/pedro-leopoldo-praca-interna-da-fabrica-dos-tecidos/#!/map=38329&loc=-19.61481796178432,-44.04249966144562,17, acesso em 24 de abril de 2022.

[73] Especialmente a partir da década de 1950, os reflexos da ampliação da indústria siderúrgica e da construção civil impactaram a demanda pela produção de cal, o que direcionou os empregos na cidade de Pedro Leopoldo para esse setor e para a fundação de novas indústrias. Temos o exemplo da Companhia de Cimento Portland Cauê – inaugurada em 1956 –, cujo número de empregos superou a Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande a partir de 1950. In: IBGE, 1959, vol. XXVI, p. 322. Em 1974, por sua vez, foi instalada a Fábrica de Cimento Ciminas, atualmente denominada HOLCIM.

[74] Em 1º de dezembro de 1920, Pedro Leopoldo tinha uma área de 110,62 km^2 onde se distribuíam 6.024 habitantes. Na mesma época, a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, distante 42 km de Pedro Leopoldo, contava com 55.563 habitantes distribuídos em uma área de 321,63 km^2. Documento do ano de 1927 informa ainda que o município de Santa Luzia era composto pelos seguintes distritos: sede; Baldim (emancipado em 1948); Capim Branco (emancipado em 1953); Ribeirão de Jaboticatubas (emancipado como Jaboticatubas em 1938); Lagoa Santa (emancipado em 1938); Lapinha (atual distrito de Lagoa Santa); Matozinhos (emancipado em 1943); Pedro Leopoldo (emancipado em 1923); Riacho Fundo (emancipado como Santana do Riacho em 1962); Vespasiano (emancipado em 1948). In: MINAS GERAIS, Secretaria da Agricultura. *Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927. Atualmente, a configuração espacial de Pedro Leopoldo se dá pelo distrito sede e os distritos de Doutor Lund (ex-Horta Velha), Fidalgo e Vera Cruz de Minas. In: ARAÚJO, Ordália da Conceição Pires de *et. al.* (org.). *As Denominações Urbanas de Minas Gerais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Instituto de Geociências Aplicadas; Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1997, p.84.

Figura 14 – Cachoeira das Moças junto à Fábrica Cachoeira Grande, [1900-1910].
Fonte: Acervo APM.

Figura 15 – Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo, 27 de janeiro de 1924.
Fonte: Acervo Geraldo Leão dos Santos.

Ponto nodal para a nossa interpretação é a percepção de que a elite agrária passou a investir seu capital advindo da agricultura e da pecuária, entre fins do século XIX e primeiras décadas do XX, nos primórdios do processo de industrialização.[75] E, ao mesmo tempo, criava expectativas no estudo e desenvolvimento de tecnologias voltadas para a melhoria da produção agropecuária. Um processo que, todavia, retroalimentava a concentração de renda nas mãos de poucos, a relação de dependência pela população pobre àquela elite rural e tratava em um ritmo mais vagaroso a diversificação industrial.[76] O que anuncia a premissa de que a existência de uma elite agrária é de grande importância para a expansão, desenvolvimento, financiamento e capilarização do Espiritismo no contexto brasileiro, e também que o contato e aproximação de Chico Xavier a este circuito foi determinante para a Doutrina.

Nesta seara, atualizando a tradição da cultura da produção de gado, mas com vistas a desenvolver a sua indústria, observa-se a introdução em Pedro Leopoldo de estabelecimentos dedicados não somente aos cuidados dos animais, como também

[75] O termo elite tem sua concepção relacionada à Teoria das Elites, na qual se compreende que "em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada" ou que na "sociedade há uma classe 'superior' que detém geralmente o poder político e o poder econômico, à qual se deu o nome de 'aristocracia' ou elite". In: BOBBIO, Norberto et.al. (orgs.). *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 822-823.

[76] O projeto desenvolvimentista de diversificação e modernização da agricultura para o Estado de Minas foi uma proposta resultante do Congresso Agrícola, Comercial e Industrial de 1903, que indicou caminhos por meio do estímulo à expansão agrícola, colonização e investimentos em meios de transportes modernos. In: DULCI. Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 111.

à seleção e seu aperfeiçoamento por meio da criação e reprodução de espécies com *pedigree* e raças melhoradas, a exemplo do que ocorria na Fazenda Pastoril.

> Os irmãos Janssen, austríacos, possuem importante coudelaria, na sua Fazenda Pastoril sita no distr. De Pedro Leopoldo, neste mun., e para ella importaram da Europa (maio de 1913) uma bela partida de 85 exemplares apurados da raça equina (cavalos, potros, éguas, garanhões), vindos de Trieste a bordo do vapor "Georgia". Os animais são quase todos de sangue árabe e se destinam á produção do cavalo de guerra, para remonta do Exercito do Brasil. Foi avaliada em 100 contos a coudelaria Janssen.[77]

Foi necessário que os irmãos Hans Jansen e Ernesto Jansen adquirissem no mesmo ano de 1913, das mãos de Manoel Thomaz Carvalho de Brito, outra propriedade de nome Fazenda Riachuelo onde ampliaram o haras de animais árabes trazidos da Áustria e da Hungria. Todavia, este patrimônio foi comprado pelo governo estadual no ano de 1917, a fim de ali se desenvolverem pesquisas voltadas à indústria pastoril por meio da experimentação da criação de animais, o que promoveu a fundação da Granja Pastoril Riachuelo. Em grande medida, eram ações que intentavam expandir a indústria leiteira e de corte próxima da capital do Estado, cuja demanda estava em ampliação de seu mercado consumidor. Mas, o que também remetia à tradição econômica da ocupação local de tempos coloniais, uma vez que em Pindaíbas (Vera Cruz, distrito de Pedro Leopoldo), Curral D'el Rei (Belo Horizonte), São Gonçalo de Contagem das Abóboras (Contagem), Capela Nova Betim (Betim), Santa Quitéria (Esmeralda) e Arraial do Capão (Vespasiano), existiam negócios de gado que geravam fortunas locais.

Em 1919, foi instaurada a Estação de Monta da Granja Pastoril Riachuelo sob os cuidados do governo federal por meio do Ministério da Agricultura, o que permitiu que a prática da criação de animais sob cuidados reprodutivos especiais ganhasse maiores investimentos em Pedro Leopoldo. Para tanto, eram adquiridos reprodutores estrangeiros – seja de bovinos, equinos e carneiros – e o governo emprestava esses animais por um período entre um a três anos aos pecuaristas interessados. O lugar funcionou com esta designação até o ano de 1921, quando a

> propriedade foi doada pelo Estado de Minas Gerais, para a manutenção por parte do Ministério da Agricultura, de um estabelecimento de criação de bovinos das raças leiteiras para o

[77] SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1913, p. 761-762.

> fomento da produção de laticínios do Estado mineiro. Este funcionou com o título de Estação de Monta da Granja Pastoril Riachuelo até 25 de março de 1921, quando então, pelo Decreto número 1.471 foi elevado à categoria de Fazenda Modelo de Criação e em 25 de fevereiro de 1933, pelo Decreto 22.509, foi criada a Inspetoria Regional de Pedro Leopoldo em Minas Gerais, verificando-se a instalação e respectiva sede na antiga Fazenda Modelo de Criação de Pedro Leopoldo onde, por muitos anos manteve jurisdição do Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura neste Estado.[78]

Tendo por atividade principal o fomento da produção animal visando o incentivo, ampliação e melhoria do gado de leite e de corte, o plantel da antiga Fazenda Modelo era enorme e se destinava à "multiplicação das espécies para o abastecimento de reprodutores aos criadores em todo o estado de Minas Gerais".[79] Passou a promover ainda exposições de animais com fins de reprodução – a exemplo da I Exposição Agropecuária do Ministério da Agricultura em 6 de janeiro de 1924 – o que também gerou maior evidência à cidade de Pedro Leopoldo no contexto regional e nacional.[80]

A Fazenda Modelo se tornou, ao longo dos anos, uma referência nacional de gestão e produção agropecuária, contando ainda com postos de criação, fazendas e subinspetorias em outros municípios mineiros, como em Lavras, Barbacena, Juiz de Fora e Rio Pomba.[81] Em 1933, foi nomeada como Inspetoria Regional de Fomento da Produção Animal na Fazenda Modelo, posteriormente convertida em Fazenda Experimental de Criação e, mais tarde, conhecida apenas como Fazenda de Criação de Pedro Leopoldo. Uma Inspetoria em um Estado, poderia administrar, às vezes, dois ou três outros diferentes Estados do Brasil.[82]

Assim, o dinamismo da Fazenda Modelo, que fazia o abastecimento de reprodutores às fazendas de Minas e mesmo de outras regiões, contribuiu para o incremento da pecuária em todo o Estado. Sua infraestrutura produtiva foi sendo

---

[78] OLIVEIRA, Murilo Luiz Gentil de. História da Fazenda Modelo da UFMG em Pedro Leopoldo – MG. In: *Revista Científica Semana Acadêmica*, vol. 1, 2018, p. 2-3.
[79] CARMO, 1995, p. 12.
[80] A importância do boi alçava escaladas ainda não dimensionadas na história local e, imaterialmente, também foi representada no cotidiano da população. Em 1919, ocorreu a fundação do Boi da Manta que ganhou as ruas da cidade e ainda hoje é uma referência cultural em Pedro Leopoldo. Encabeçado pela família de Calango, a "festa do Boi da Manta começa no mês de dezembro e se prolonga até às vésperas do Carnaval, cujas brincadeiras são realizadas aos sábados, previamente anunciadas através do serviço de alto-falante do Geraldo 'Panela Cheia'". In: *Idem*, p. 105.
[81] LOPES, Bruno. *A história da criação de Pedro Leopoldo contada pelo Arquivo Geraldo Leão*. Monografia. Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2010, p.114.
[82] OLIVEIRA, 2018, p. 3.

ampliada – inclusive gerando subprodutos como verduras, legumes, leite, manteiga, queijo, mel e cera de abelhas africanas – ao mesmo tempo em que empregava centenas de funcionários.[83]

> [...] segundo o Censo Agrícola de 1920, 81,9% do valor da produção do setor primário mineiro provinham da agricultura, e 17,4% da pecuária. Em São Paulo, por contraste, os números correspondentes são respectivamente de 95,5% e 4%. Daí que, por exemplo, a produção mineira de laticínios fosse cerca de cinco vezes maior que a paulista.[84]

O Recenseamento de 1920 feito pela Diretoria de Estatística, do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio é, até hoje, o censo mais complexo e profundo realizado em determinados segmentos, como é o caso do universo agrícola e industrial. Os dados compuseram um conjunto de 19 volumes físicos com uma média de 600 páginas cada, que apresentaram além dos dados numéricos, comentários e ilustrações. Por ali sabemos que em 1920, os Estados de São Paulo e Minas Gerais respondiam por um pouco mais da metade (53,3%) da área agrícola cultivada em todo o país. Ademais, havia o predomínio de grandes propriedades rurais e que as pequenas propriedades – com até 100 ha –, por sua vez, apesar de representarem 71% do total dos estabelecimentos rurais, respondiam a 9% da área cultivada total.[85] Também, que aquele momento marcou a emergência da preponderância econômica do Estado de São Paulo no contexto nacional, de forma a assumir a frente da modernidade e do crescimento econômico brasileiros, isto porque o censo refletiu também o processo de transição da economia agrícola para a industrial.[86] Note-se que os Estados de Minas Gerais e São Paulo foram também aqueles que constituíram as duas principais linhagens do Espiritismo no Brasil, e locais de onde saíram os principais patrocínios para a pauta espírita.

Neste sentido, a tendência ao longo das décadas seguintes foi de inversão em relação à relevância da agricultura e da pecuária na economia de Minas Gerais, o que também foi experienciado em Pedro Leopoldo. De tal forma que, no Censo

---

[83] O coronel José Belisário Viana, conhecido como Juca Belisário e um dos chefes políticos do município de Pedro Leopoldo, implementou a construção de um campo de pouso próximo à Fazenda Modelo para servir de base militar na Revolução de 1930. In: LOPES, 2010, p. 149.
[84] DULCI, 1999, p. 112.
[85] FIORAVANTI, Carlos. Radiografia do campo. In: *Pesquisa FAPESP*, ed. 289, p. 92-95, mar. 2020. Disponível em https://revistapesquisa.fapesp.br/radiografia-do-campo/, acesso em 10 de junho de 2022.
[86] *Cf*. CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. 5ª ed. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 2007. [1977]

Agrícola de 1940, tem-se o dado de que a produção agrícola no município era de 2.518.000 cruzeiros em 1939, enquanto a pecuária atingia a marca de 2.227.000; ao passo que em 1955, temos a produção agrícola em 13.990 e da pecuária em 3.162.500 cruzeiros.[87]

Portanto, ao longo das décadas de 1940 e 1950, a maioria das fazendas de Pedro Leopoldo também passou a funcionar em torno da pecuária e da produção de leite, deixando a lavoura em plano secundário, seguindo ainda a tendência da industrialização. Não é por menos que uma manteiga fabricada na Fazenda Busca Vida de propriedade de Antônio Elias da Costa denominada Narceja chegou a ganhar um prêmio numa exposição nacional no Rio de Janeiro. A indústria que naquele momento ainda era de produtos básicos, principalmente de têxtil e vestuário, foi aos poucos se diversificando, o que incluiu o setor de laticínios e frigoríficos.

> A carne, além de consumida localmente, passou a ser exportada para São Paulo e Rio de Janeiro, por intermédio de representações de poderosos frigoríficos daqueles Estados, no decorrer da segunda metade da década de 1930. Teve início, também nesse período, a exploração industrial do leite nas fazendas do município. No setor primário da economia da região de Pedro Leopoldo, observa-se a ocorrência de um rápido processo de crescimento do valor da produção pecuária (carnes e leite), em detrimento do valor da produção agrícola (milho, feijão, mandioca).[88]

Ainda de acordo com Marcos Lobato, Pedro Leopoldo “experimentou uma espécie de *Belle Époque* tardia na década de 1930 e a Segunda Guerra”. Com isso os serviços ali também se expandiram, de modo que se instalaram na cidade os Correios, bancos, jornais, rádios, clubes, cinemas, novas bandas de música foram fundados, bem como o primeiro centro espírita foi aberto ao público. Houve a modernização da cidade por meio das reformulações arquitetônicas, pelo calçamento, construção de pontes e praças, abertura de novos bairros para além do centro, implantação da Comarca em termos judiciais. Mas, entre novas casas construídas em estilo eclético, resistia a presença dos fogões à lenha em suas cozinhas, enquanto os animais continuavam a correr soltos pelos terreiros e pelas ruas da cidade.[89]

---

[87] *Cf*. IBGE, 1959, vol. XXVI.
[88] MARTINS, 2006, p.84.
[89] *Idem*, p.137.

1.2. Oligarquias agrárias e influência política: interseções e redes de relacionamentos com a Doutrina

Nos anos 40, quando a Fazenda Modelo estava em seu auge, teve expansão de terras que chegam, em dias atuais, a um total de 452 ha, de forma a contemplar as áreas em confrontação com o Sítio Nhô Antônio, Granja Lagoa Preta, Vargem do Totó, Sítio dos Coqueiros, Sítio do Papo Sujo, Fazenda dos Coqueiros, além de terrenos adjacentes e vizinhos ao Ribeirão do Matuto. Compunha-se por várias seções de trabalho que estando distantes uma das outras, contavam com um meio de transporte peculiar que virou característica da Fazenda Modelo: o charretão que foi implementado pelo chefe Dr. Rômulo Joviano.[90]

> Àquele tempo [década de 30], a cidade era pequena, com poucos recursos, sendo que a Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande, a Fazenda Modelo e a Estrada de Ferro, eram as únicas firmas que geravam emprego. O diretor da Fazenda Modelo, Dr. Rômulo Joviano, homem de descortino vibrante, amante das artes, foi um dos pioneiros musicais de Pedro Leopoldo, pois não poupava esforços para dar trabalho a todos os músicos que viessem para cá.[91]

[90] CARMO, 1995, p. 44-45.
[91] *Idem*, p. 32.

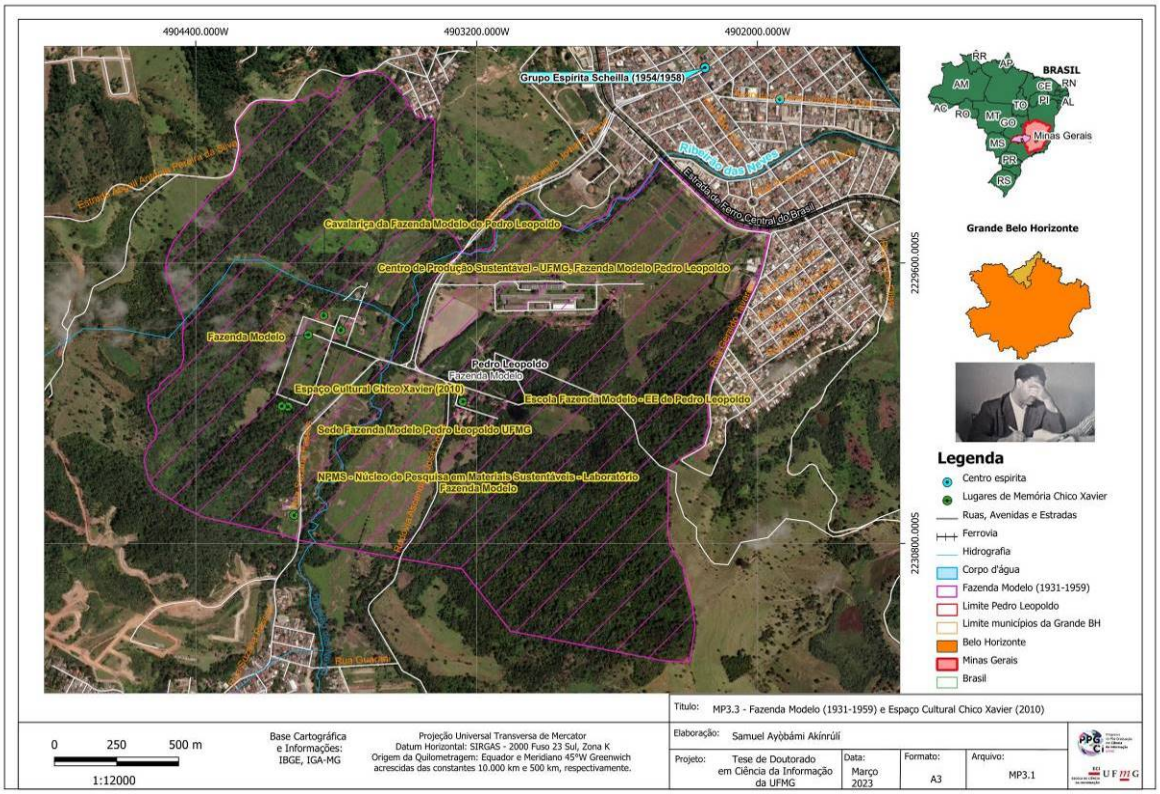


Figura 16 – Área pertencente à Fazenda Modelo, Pedro Leopoldo – Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

O engenheiro-agrônomo Rômulo Joviano (1892-1970), descrito ainda como "homem de larga visão administrativa e cultural, que fez da Fazenda Modelo um 'modelo de fazenda' que era conhecida e respeitada no Brasil inteiro", merece atenção nesta narrativa.[92]

> Semanalmente, às quartas-feiras, a partir de 1935, Francisco Cândido Xavier comparecia ao culto do Evangelho no lar de Dr. Rômulo Joviano e D. Maria Joviano, pais da jovem Wanda. Durante as preces habituais, diversos amigos espirituais se manifestaram pela psicografia de Chico. Emmanuel, Abílio Machado, Augusto de Lima, Casimiro Cunha e outros tantos escreveram pelas mãos de Chico Xavier. Mas é Artur Joviano, pai de Dr. Rômulo, quem se destaca na assistência amorosa e desvelada pelos que ficaram na retaguarda do mundo terrestre, escrevendo-lhes as belíssimas páginas de consolação e esclarecimento [...]. A comunidade espírita já o conhece como Neio Lúcio, autor de alguns livros da psicografia de Chico Xavier. É a mesma personalidade de Cneius Lucius, do romance *50 anos depois*, e de Jaques Duchesne Davenport, do romance *Renúncia*, [...]. O leitor se achará surpreso com as revelações dos personagens de dois dos romances de Emmanuel e a estreita ligação entre eles: *50 anos depois* e *Renúncia*, por abrigarem as mesmas personalidades em momentos distintos da

[92] *Idem*, p. 12.

> história humana. É a irrevogável lei do progresso incessante envolvendo os seres humanos pelas vidas sucessivas na escola da reencarnação.[93]

Temos aqui um ponto crucial de interseção em relação às práticas espíritas desenvolvidas por Chico Xavier em Pedro Leopoldo e seu processo de capilarização: a aderência ao Espiritismo local também se deu por meio de uma prática comum à ritualística da Doutrina, o culto do Evangelho no lar, além das sessões espíritas públicas realizadas no Centro Espírita Luiz Gonzaga fundado por Chico Xavier em 1927.[94] Importa ressaltar, ainda, que Rômulo Joviano havia tido contato com a Doutrina Espírita em 1924, quando comprou na Federação Espírita Brasileira (FEB) no Rio de Janeiro um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, sob indicação de sua esposa Maria, cuja mãe alcançou sucesso em um tratamento feito pelo médium Ignácio Bittencourt. Seus filhos, Roberto e Wanda, também passaram a ser tratados com o mesmo médium.[95]

Em agosto de 1930, Rômulo Joviano voltou a ser designado diretor da Fazenda Modelo, cargo que havia deixado em 1923 para ocupar igual atribuição na cidade de Ponta Grossa, Paraná.[96] Além disso, Fausto, irmão de Rômulo Joviano, era vizinho de Chico Xavier ainda quando o médium trabalhava no armazém de José Felizardo Sobrinho e foi o responsável por fazer a mediação entre Rômulo e Chico Xavier. Chico já trabalhava na Fazenda Modelo desde o ano de 1933, mas foi no dia 1º de junho de 1935, que o jovem de 25 anos foi admitido na inspetoria, de forma

---

[93] XAVIER, Francisco Cândido. *Sementeira de Luz*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2006, p. 23-24.

[94] O Culto do Evangelho no Lar também tratado de culto doméstico é uma reunião realizada semanalmente no mesmo horário e em ambiente doméstico, oportunidade na qual se lêem passagens do "Evangelho Segundo o Espiritismo" (1864) de Allan Kardec acompanhadas de preces e meditações. Neste momento, diversos espíritos acompanham a reunião, sendo alguns evangelizadores e outros evangelizados, o que inclui a realização de passes espirituais. Sobre o culto doméstico realizado na casa de Rômulo Joviano, seu pai lhe escreveu: "Presente quase a todas as reuniões efetuadas por vocês, embora sem registrar diretamente as minhas vibrações de afeto paternal, acompanho, com satisfação justa, o progresso evangélico que vão conquistando, com as bênçãos de Jesus. E não assinalo o acontecimento apenas por vocês, mas também pelos netos que, gradativamente, enriquecem os celeiros dos conhecimentos religiosos, necessários à vida com as suas multiformes experiências". In: *Idem*, p. 264.

[95] *Idem*, p. 27. Rômulo Joviano se casou com Maria Amorim Joviano (1901-1960) no ano de 1923, que foram pais de Roberto Amorim Joviano (1924-2002) e de Wanda Amorim Joviano (1926-), além de terem adotado José.

[96] No ano de 1931, há o seguinte registro: "Fazenda Modelo de Criação de Pedro Leopoldo – Director: Romulo Joviano / Ajudante: Arthur Hermeto Corrêa da Costa, Veterinario / Auxiliar technico: Ulysses de Souza Bezerra / Secretario: Manoel Alves Ribeiro / Guarda-material: Edison Guedes.
Inspecção de Leite e Derivados – Inspector: Socrates Renan de Faria Alvim / Veterinario: Darwin Rezende Alvim. Veterinário de 3ª classe". In: *Almanak Laemmert*: Administrativo, Mercantil e Industrial, 87º ano, vol I, 1931, p.311.

que Chico Xavier passou a desempenhar funções administrativas como funcionário federal sendo um escriturário.[97]

> Pessoalmente, dou meu testemunho sobre o Chico: [...] iniciando por volta de 1940 uma convivência mais de perto com o nosso amigo Chico Xavier, que era o responsável pela parte burocrática de maior importância da repartição. Como exímio datilógrafo, conhecer profundo da língua portuguesa, o Chico redigia e datilografava, sem rascunhar, todos os ofícios, cartas e extensos relatórios endereçados às autoridades do Ministério da Agricultura e outras, usando somente pequenas anotações ao lado de sua máquina.[98]

Estes dados apresentam uma dinâmica de constituição de uma rede de solidariedade entre os praticantes e apoiadores do Espiritismo e de conformação de uma rotina ritualística que se arraigava pelo Brasil. Por outro lado, expressam um contexto de relevância na trajetória do médium mineiro, cuja rotina e ambiente de trabalho, além de certa estabilidade financeira, possibilitou os momentos iniciais da produção intelectual de Chico Xavier e consequente desenvolvimento do Espiritismo no Brasil. Ainda, respalda a proximidade de Chico Xavier com a escrita e a transcrição de documentos por datilografia.

Rômulo Joviano, chefe de Chico Xavier na Fazenda Modelo, vinha de uma classe intelectual que se tornava ascendente na estrutura burocrática do Estado na Primeira República e que também promoveu uma ambiência para o crescimento do Espiritismo. Ele estudou zootecnia em universidades estrangeiras entre os anos de 1913 a 1916 (*The University of Reading* na Inglaterra e *The University of Edinburgh* na Escócia), tendo ingressado no serviço público federal em 1918. Entre 1918 a 1919, foi professor de zootecnia na Escola Mineira de Agricultura e Veterinária de Belo Horizonte; além de ter sido o organizador e diretor da Granja Pastoril Riachuelo do Governo do Estado de Minas Gerais que, em 1919, tornou-se Estação de Monta da Granja Pastoril Riachuelo do Ministério da Agricultura. Entre os anos de 1921-1922, foi diretor da Fazenda Modelo de Criação de Pedro Leopoldo, cargo que voltou a exercer entre 1930-1952.[99]

Rômulo Joviano era filho primogênito de Arthur Joviano, professor que deixou legado na história da educação em Minas Gerais, tendo escrito, inclusive, manuais

---

[97] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 103-104.
[98] CARMO, 1995, p. 65-66.
[99] XAVIER, 2006, p. 64-65.

que promoviam o combate ao analfabetismo.[100] Arthur Joviano faleceu em 14 de dezembro de 1934, e enviou a primeira mensagem psicografada na data de 14 de agosto de 1935, ou seja, exatamente oito meses após seu desencarne. Trata-se de uma nota ditada pelo espírito de Emmanuel e psicografada por Chico Xavier, este que tinha começado a trabalhar com Rômulo Joviano na Fazenda Modelo a pouco mais de um mês: "Amigos o irmão mencionado [Professor Arthur Joviano] repousa das suas muitas fadigas da sua existência terrena. [...] e em breve, espero, tereis oportunidade de ouvi-lo".[101]

A partir de então, especificamente a partir do dia 13 de novembro de 1935, na residência do casal Joviano passou a ser realizado o "Culto Doméstico Arthur Joviano" na sede da Fazenda Modelo nas noites das quartas-feiras e excepcionalmente às terças-feiras. Rômulo, Maria e Chico Xavier se colocaram à disposição dos amigos espirituais para a recepção de mensagens psicográficas e, entre estas, a primeira mensagem ditada pelo espírito de Arthur Joviano que ocorreu em 9 de outubro de 1935. Suas mensagens seguem entre os anos de 1935 a 1952, de forma a abordar questões familiares, receituários mediúnicos, temas religiosos, indicações de livros e até concedem orientações de cunho profissional.[102]

---

[100] Arthur Joviano (1862-1934) nascido na cidade de Barra Mansa no Rio de Janeiro, foi responsável pela primeira reforma do ensino primário no Estado de Minas Gerais durante o governo de João Pinheiro. Quando residiu em Barbacena – Minas Gerais, era conhecido pela defesa da agenda abolicionista e republicana. Foi professor de português do Ginásio Mineiro e da Escola Normal de Barbacena, além de diretor da Escola Normal Modelo em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ainda, trabalhou como inspetor de ensino como superintendente da Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Em 1907, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Também é conhecido por ser tipógrafo e jornalista, tendo fundado o jornal "A Folha" em Barbacena, além do "Diário de Minas", o "Jornal do Povo" e a "Folha Pequena" em Belo Horizonte. In: XAVIER, 2006, p. 30 e p.58. Arthur Joviano se casou com Francisca da Rocha Joviano (1873-1962) em 1891, de modo que o casal teve oito filhos, a saber: Rômulo Joviano (1892-1970), Martha (1984-1960), Célia (1895-1962), Lúcia (1896-1969), Zina (1898-1998), Fausto (1900-1960), Flora (1901-1992), Albino (1903-1974). In: *FamilySearch*. Disponível em https://ancestors.familysearch.org/en/G3Z1-WS3/francisca-da-rocha-joviano-1873-1962, acesso em 11 de junho de 2022.

[101] XAVIER, 2006, p. 69.

[102] "Noto que o estabelecimento que você dirige há tantos anos [Fazenda Modelo] se ressente lamentavelmente com a falta de novas pastagens. A exiguidade das terras não permite o pleno desdobramento das possibilidades técnicas da Fazenda. Não se desespere, porém. O Governo se lembrará, um dia, das necessidades de organização". In: *Idem*, p. 79. Os livros que apresentam as psicografias de cunho familiar dos Joviano foram organizados em uma trilogia, a saber: XAVIER, Francisco Cândido. *Sementeira de Luz*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2006. XAVIER, Francisco Cândido. *Sementeira de Paz*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010. XAVIER, Francisco Cândido. *Colheita do Bem*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010. Outros dois livros foram publicados em formato condensado a partir do "Sementeira de Luz" (2006): XAVIER, Francisco Cândido. *Pérolas de Sabedoria*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014. XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções para a Vida*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2018.

Figura 17 – Chico Xavier na Fazenda Modelo, notoriamente na casa de Rômulo Joviano, década de 1950. Fonte: Acervo Darwin de Rezende Alvim Neto. In: HARLEY, 2010, p.13.

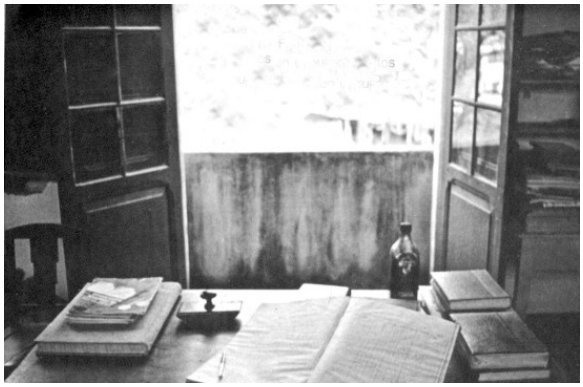


Figura 18 – Sala de trabalho de Chico Xavier, na Fazenda Modelo, s. d.
Fonte: Acervo Editora IDEAL.

As mensagens passaram a ser mais constantes no ano de 1939, até que em 29 de junho, foram apresentadas informações sobre a personalidade de Neio Lúcio:

> Filhos, a personalidade de Neio Lúcio está para mim como uma veste usada há muito tempo. É meu ardente desejo que todos vocês procurem entender assim, na órbita das revelações que hão sido feitas, revelações que implicam responsabilidades para todos nós. Permita Jesus que das lições colhidas ao transcurso dos séculos possamos nós retirar as experiências mais santificadas e puras![103]

Neste sentido, é importante refletir sobre a relação entre identidade e memória no contexto do Espiritismo. Se a constituição identitária dos indivíduos é entremeada pelos elementos memorialísticos – estes balizados pelo pêndulo lembrar e esquecer –, no contexto espírita tais referências são remodeladas levando em consideração as possibilidades infinitas – e mesmo inumeráveis – do processo reencarnacionista.[104] São camadas e camadas de identidades cumulativas ao longo da vida do espírito, sendo que a vida não é definida apenas pela experiência do

---

Por sua vez, outros livros foram publicados com outras psicografias realizadas no culto privado na Fazenda Modelo, a saber: XAVIER, Francisco Cândido. *Deus conosco*. Pelo espírito de Emmanuel. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2007. XAVIER, Francisco Cândido. *Militares no Além*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008. XAVIER, Francisco Cândido. *Iluminuras*. Pelo espírito de Emmanuel. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2009. XAVIER, Francisco Cândido. *Depois da Travessia*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013. Um outro livro foi publicado a partir de fragmentos extraídos do "Militares no Além" (2008): XAVIER, Francisco Cândido. *Militares com Jesus*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

[103] XAVIER, 2006, p. 129.

[104] A "reencarnação significa recomeço" ou "é o curso repetido de lições necessárias", que reflete os "processos de evolução ou de retificação" do ser. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1945, p. 232. A reencarnação pode ser entendida também como a pluralidade das existências da alma, sendo um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

corpo físico e, portanto, pela nomeação daquele ser na Terra, mas pelo espírito que pode assumir diferentes roupagens no corpo físico, o que alargaria também o tempo de vida deste ser para um intervalo em longa duração e, assim, ao longo de milênios. Trataremos aqui neste trabalho desta questão enquanto um "eclipse pseudonímico memorial", ou seja, o ser espiritual que reencarna, por vezes, tem acesso a algumas de suas identidades em vidas passadas, de modo que ele pode incorporar em sua experiência presente na Terra informações de vivências anteriores. Isso gera, inclusive, uma outra dimensão interpretativa das obras psicografadas como testemunhos da história.

A relação entre identidade e memória no contexto do Espiritismo admite, neste sentido, um aporte de metalinguagens que se expressam no diálogo entre o mundo dos vivos e dos mortos, com personagens de livros e personalidades de encarnações anteriores dos indivíduos ainda em vida que se entrecruzam a partir da intervenção das psicografias de Chico Xavier.[105] Há um diálogo atemporal entre o tempo da vida (presente e futuro) e o tempo da morte (passado e futuro) que se apresentam nas narrativas reencarnacionistas, tendo como palco da experiência a própria vida dos encarnados em curso. Portanto, esta temporalidade diacrônica ocorre, por exemplo, na relação entre encarnados e desencarnados e admite outras relações e interpretações sobre o tempo, posto que o Espiritismo se baseia em uma interpretação determinista baseado no evolucionismo, de modo que

> se pensarmos o mundo como um devir, um processo que caminha no tempo no qual os espíritos existem. No caso do espiritismo, esse caminho no tempo, rege a vida dos espíritos que é vista, através das sucessivas encarnações, como um progresso numa evolução linear e sempre do mais imperfeito e incompleto rumo ao mais perfeito, superior e completo.[106]

---

[105] A obra "Há 2000 Anos..." (1939) aborda episódios do Cristianismo no século I, tendo como protagonista o senador Públio Lentulus Cornelius, de modo a trazer à tona a história de uma das encarnações de Emmanuel em mensagens psicografadas entre 24 de outubro de 1938 a 9 de fevereiro de 1939. Por sua vez, outra encarnação de Emmanuel seguinte àquela do senador romano, é narrada na obra "50 Anos Depois" (1939), ou seja, cinquenta anos depois das ruínas de Pompéia quando desencarnou o senador Públio Lentulus e renasceu sob a personalidade do escravizado Nestório. Por fim, outras "velhas recordações" de Emmanuel são apresentadas ao público no livro "Renúncia" (1943) e por meio da personalidade de Padre Damiano. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Há 2000 Anos...* Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1939. XAVIER, Francisco Cândido. *50 Anos Depois*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1940. XAVIER, Francisco Cândido. *Renúncia*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1943.

[106] WOLFART, Graziela. "O espiritismo se vê como uma religião cristã". Entrevista com Maria Laura Viveiros de Castro. In: *IHU on-line*, ed. 349, 1º de novembro de 2010. Disponível em https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3624-maria-laura-viveiros-de-castro, acesso em 14 de dezembro de 2022.

Assim, o próprio livro psicografado narra a vida anterior por meio da relembrança de encarnações pretéritas, convocadas por meio de personagens apresentados aos seus leitores que são também encarnações atuais daqueles protagonistas. É o caso, por exemplo, de Arthur Joviano que apresentou outra encarnação, a de Caius Fulvius. Tal qual o pai, o próprio Rômulo Joviano foi identificado nas obras de Chico Xavier como Pompílio Crasso em “Há 2000 Anos...” (1939), Helvídio Lucius em “Cinquenta Anos Depois” (1940) e Cirilo Davenport em “Renúncia” (1943), sendo Rômulo partícipe das recepções das mensagens psicografadas que dão origem a estas obras.

Tabela 1 – Reencarnações de alguns indivíduos/espíritos identificados nas obras de Chico Xavier

Títulos Obras de Chico Xavier (ano de publicação) e personagens			**Identidade no século XX**
“Há 2000 Anos...”	**“Cinquenta Anos Depois”**	**“Renúncia”**	
Públio Lentulus Cornelius	Nestório	Padre Damiano	Emmanuel[107]
--	Cneio Lucius	Jacques Duchesne	Arthur Joviano (Espírito de Neio Lúcio)
Pompílio Crasso	Helvídio Lucius	Cirilo Davenport	Rômulo Joviano

[107] Sobre seu mentor espiritual, Chico Xavier se pronunciou no prefácio do livro “Emmanuel”: “Desde 1933, Emmanuel tem produzido, por meu intermédio, as mais variadas páginas sobre os mais variados assuntos. [...] Convidado a identificar-se, várias vezes, esquivou-se delicadamente, alegando razões particulares e respeitáveis, afirmando, porém, ter sido, na sua última passagem pelo planeta, padre católico, desencarnado no Brasil. Levando as suas dissertações ao passado longínquo, afirma ter vivido ao tempo de Jesus, quando então se chamou Públio Lêntulos. E de fato, Emmanuel, em todas as circunstâncias, tem dado a quantos o procuram os testemunhos de grande experiência e de grande cultura. [...] Muitas vezes, quando me coloco em relação com as lembranças de minhas vidas passadas e quando sensações angustiosas me prendem o coração, sinto-lhe a palavra amiga e confortadora. Emmanuel leva-me, então, às eras mortas e explica-me o grande e pequeno porquê das atribulações de cada instante. Recebo invariavelmente, com a sua assistência, um conforto indescritível, e assim é que renovo minhas energias para a tarefa espinhosa da mediunidade, em que somos ainda tão incompreendidos.”. In: XAVIER, 1937, p. 5-6. Outros autores desencarnados também assumiram pseudônimos espirituais, a exemplo de Humberto de Campos, tratado de Irmão X.

--	Alba Luínia	Madalena Vilamil	Maria Amorim Joviano[108]
--	Fábio Cornélio	D. Inácio Ortegas Vilamil	Aurélio Amorim
--	Júlia Spinter	D. Margarida F. de Saint-Megrin e Vilamil	Júlia Amorim

Fonte: Adaptado de XAVIER, 2006, p. 31.[109]

[108] Maria Amorim Joviano, esposa de Rômulo Joviano, era a filha mais velha do deputado federal e depois General Aurélio Amorim (1869-1952) e da professora Júlia Pêgo de Amorim (1879-1974). Júlia de Amorim teve atuação na educação em Braille a partir do apoio de sua tia Engrácia Ferreira (-1937), que foi pioneira na transcrição do livro espírita para o Braille. *Cf*. RIBEIRO, Adalberto. O Instituto Benjamin Constant e os nossos cegos. In: *Revista do Serviço Público*, ano V, vol. III, nº 2, p. 60-72, 1942. Consta mensagem de Engrácia psicografada por Chico Xavier na data de no dia 6 de maio de 1937, tratando de incentivar Júlia para a continuidade daquelas transcrições para o Braille, inclusive de projetos que a desencarnada não havia conseguido terminar. “Entre a grande bibliografia transcrita estão: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec (3 volumes), doados à Federação Espírita Brasileira, *Pequenas mensagens*, de Emmanuel (3 volumes), *Voltei*, de Irmão Jacob (3 volumes), *Catecismo espírita* (1 volume), *Agenda cristã*, de André Luiz (1 volume), todos doados à Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille (Spleb)”. In: XAVIER, 2013, Anexo C – Sobre Júlia Pêgo Amorim.

[109] Um tema sensível no meio espírita se trata das encarnações de Chico Xavier. Postumamente, são crescentes as correntes que afirmam ser o médium a reencarnação de Padre Anchieta e de Allan Kardec, por exemplo, com vasto número de publicações e polêmicas. Também, que Emmanuel já teria reencarnado no século XXI, sendo um jovem garoto residente no interior de São Paulo. *Cf*. XAVIER, 2007, “As vidas sucessivas de Emmanuel”. Há, ainda, interpretações que associam o ex-juiz federal Sério Moro, responsável pelas investigações da operação Lava-Jato em Curitiba, como sendo a reencarnação de Emmanuel. *Cf*. FÉLIX, Franklin. Os espíritas vão continuar afirmando que Moro é Emmanuel reencarnado? In: *Carta Capital*, 10 de junho de 2019. Disponível em https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-espiritas-vao-continuar-afirmando-que-moro-e-emmanuel-reencarnado/, acesso em 21 de maio de 2022. Neste caso, é importante registrar a existência da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), que no ano de 1999, foi fundada sob a iniciativa de nove magistrados: Paulo Costa Leite (Ministro do STJ); Milton de Moura França (Ministro do TST); desembargador Matias Washington de Oliveira Negry (SP); juiz Antônio Mazzuca (SP); juiz Carlos Humberto de Souza (GO); juíza Carmelita Indiano Americano (SP); juiz Luiz Eduardo de Souza (GO); juiz Weimar Muniz de Oliveira (GO); juiz Zalmino Zimmermann (SP). Dentre os presidentes da ABRAME constam: juiz Zalmino Zimmermann (SP); juiz Weimar Muniz de Oliveira (GO); juiz Kéops de Vasconcelos Amaral Vieira Pires (PB); juiz Mário Motoyama (DF). A ABRAME está organizada em delegacias estaduais e distrital e organiza, periodicamente, o Congresso Brasileiro dos Magistrados Espíritas. Dentre os *cards* de divulgação de reconhecidos espíritas produzidos para o *Instagram* da ABRAME, consta um dedicado à Cesare Lombroso: “Foi psiquiatra, cirurgião, higienista, criminologista, antropólogo e cientista. Suas pesquisas e seus livros, notadamente sobre antropologia criminal, tornaram-no conhecido e respeitado mundialmente. Foram-lhe concedidas inúmeras honrarias. Lombroso converteu-se ao Espiritismo [...]”. In: *Abramenacional*. Disponível em https://www.instagram.com/p/CknfZVRNcYb/?utm_source=ig_web_copy_link, acesso em 6 de novembro de 2022. Sobre Cesare Lombroso (1835-1909), é importante destacar que sua teoria defendia a ideia da predisposição biológica do indivíduo à conduta antissocial, ou seja, que havia um biotipo que indicaria a criminalidade. Tornou-se, portanto, autor referenciado no sistema de identificação forense baseado na perspectiva higienista do estudo de traços faciais e das compleições corporais dos indivíduos para a criminalização, o que é muito criticado nos campos das ciências sociais e humanas, notoriamente por estar atrelado ao atavismo decorrente das teorias racialistas do darwinismo social. O médico brasileiro Nina Rodrigues (1862-1906) foi um grande adepto da perspectiva determinista e evolucionista de Lombroso. *Cf*. LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007. [1876] É importante lembrarmos a participação de Hippolyte Rivail (Allan Kardec) como secretário da Sociedade Frenológica de Paris, campo que foi tratado com frequência na “Revue Spirite” notoriamente entre os anos de 1860-1862. *Cf*. THIESEN, Francisco; WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec*: meticulosa pesquisa bibliográfica. Vol. I. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

Neste sentido, o processo memorialístico no Espiritismo admite também um uso terapêutico, no qual o “eclipse pseudonímico memorial” se desenvolve por meio de uma regressão memorial com a manutenção dos vínculos terrenos e a ligação com os laços considerados sagrados das famílias espirituais e terrestres, inclusive em vista de reverter situações-problemas de vidas anteriores.

> Recordar, meu caro Rômulo, é viver outra vez, conforme a velha sabedoria popular. Toda lembrança é uma evocação e caminhando ao seu lado, nas rememorações do passado recente, penetrei nas antigas câmaras da memória, experimentando a alegria do trabalho atendido.
> [...]
> A felicidade do espírito é criar mais vida e mais amor e enquanto se adubam certos campos realizam-se semeaduras em outros. Que Deus nos ajude sempre a apagar sombras do passado e acender novas luzes do presente. Assim agindo, o futuro ser-nos-á sempre risonho e promissor.[110]

Essa relação memorialística, inclusive, define percepções sobre a existência de um patrimônio em sua concepção de legado, herança imaterial, ou seja, um patrimônio sagrado e espiritual que precisa ser preservado para as gerações futuras:

> Talvez (…) nem todos possam compreender as finalidades profundas do nosso trabalho, mas também isso não nos deverá interessar.
> Nosso escopo, acima de tudo, é a defesa de um patrimônio sagrado, preservando-o para o futuro, não somente no que concerne às providências de natureza material, mas igualmente às reservas morais da Cruz para os que vierem depois de nossos passos e em seguida às nossas influenciações. Ainda mais agora que tantas energias nacionais se coadunam para movimentos defensivos é razoável recordar que a tarefa não se circunscreve às frentes de combate, aos atritos no mar. Há uma vanguarda sutil e de essencial importância na defesa da ordem e do progresso nacionais, conhecida quase apenas por aqueles que experimentam nos ombros o peso dos serviços coletivos.[111]

Nesta percepção de constituição de um patrimônio espiritual, a comunidade espírita passava a se posicionar e também refletir sobre sua preservação, sendo a memória o cerne da definição desta identidade conformada pela experiência da reencarnação:

---

[110] XAVIER, 2006, p. 407-408.
[111] Mensagem do espírito do Marechal Antônio José Maria Pêgo Junior. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Militares no Além*. Por espíritos diversos. 2ª ed. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2009, p. 39.

> O santuário da memória
> O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios de sua identidade através de todas as mutações e transformações da matéria.
> Emmanuel[112]

Portanto, a concepção de memória, identidade e patrimônio a partir da visão espírita prevê a interpretação de passagens contidas nas diversas comunicações entre encarnados e desencarnados e, assim, nesse inter-relacionamento. Nas palavras de Emmanuel, onde não há amor não há esquecimento, o que se refletia nas mensagens psicografadas que conformavam diversos livros, dentre este o "Renúncia" (1943):

> Em singular e sombrio recôncavo, pequeno grupo de Espíritos culposos comentava largos projetos de atividades futuras. [...]
> – Agora, – dizia um que evidenciava posição de relevo, – necessitamos renovar ideais, imprimir novo impulso à nossa volição enfraquecida. O passado vai longe e faz-se imprescindível arregimentar todas as forças para as lutas que vêm perto. A providência misericordiosa do Todo-Poderoso nos concede ensanchas de novas experiências na Terra. Meditemos em nossas quedas dolorosas no redemoinho das paixões do mundo e firmemo-nos nos santos propósitos de triunfo. Quantos anos temos perdido em amaríssimos sofrimentos, no Plano dos remorsos devastadores?… Recordemos as angústias da vida expiatória e agradeçamos a Deus o ensejo de voltar às tarefas purificadoras. Esqueçamos a vaidade que nos envelheceu o coração; a ambição e o egoísmo que nos torturam a alma ingrata, e preparemo-nos para as experiências justas e necessárias.
> A voz do locutor, porém, embargava-se afogada em lágrimas. A lembrança dolorosa do passado empolgava o grupo de antigos sacerdotes desviados do nobre caminho que o Senhor lhes havia traçado.
> Iniciara-se a troca de impressões entre todos. Alguns expunham dificuldades íntimas, outros comentavam a intenção de trabalhar devotadamente, até à vitória.
> – O que mais me impressiona, – proclamava um companheiro, – é o fantasma do esquecimento que nos obscurece o espírito, lá na Terra. Antes da experiência, arquitetamos mil projetos de esforço, dedicação, perseverança; somos nababos de preciosas intenções, mas, chegado o momento de as executar, revelamos as mesmas fraquezas ou incidimos nas mesmas faltas que nos compeliram aos desfiladeiros do crime e das reparações acerbas.

[112] Mensagem psicografada por Chico Xavier no Centro Espírita Luiz Gonzaga. In: *O Globo*, 24 de maio de 1935, p. 3. Também publicada em XAVIER, 1937, p. 62. Interessante observar que entre a publicação no periódico – que coletou a mensagem no momento da psicografia – e a mensagem publicada no livro impresso, nesta última ocorreu a revisão e alteração de apenas algumas vírgulas.

> – Mas, onde estaria o mérito, – explicava o amigo a quem eram dirigidas aquelas observações, – se o Criador não nos felicitasse com esse olvido temporário? Quem poderia aguardar o êxito desejável, defrontando velhos inimigos, sem o bálsamo dessa bênção celestial sobre a chaga da lembrança? Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a Terra deixasse de ser escola abençoada para ser ninho abominável de ódios perpétuos.
> – Entretanto, – objetava o interlocutor, – semelhante situação me atemoriza. Sinto enorme angústia só em pensar que perderei novamente a memória, que ficarei quase inconsciente de meu patrimônio espiritual, ao palmilhar as estradas terrestres, qual enterrado vivo a quem fosse subtraída a faculdade de recordar.[113]

Por outro lado, as referências territoriais, que são balizas tão importantes para a concepção memorialística, precisam também ser pensadas à luz desta discussão. Destaca-se que os parâmetros espaciais parecem estar atrelados a um contexto circunscrito ao mundo ocidental e, inclusive temporalmente, em diálogo com o ambiente cristão. Dá-se a entender que os espíritos, mesmo os mentores espirituais e, portanto, guias dos desencarnados, estão também ali cognitivamente atrelados. As primeiras obras de Chico Xavier, estas publicadas em Pedro Leopoldo entre os anos de 1932 à 1958, refletiam questões sobre a geopolítica mundial, de forma a trazer ao debate a ambiência histórica e cultural de meados do século XX.[114]

Assim, eram temas de abordagem dos espíritos comunicantes a questão das guerras, a economia mundial, a democracia em perigo frente a crescente onda totalitária, os avanços da ciência, dentre outros. Mas, em um território mais atrelado ao ocidente, notoriamente aos continentes europeus e americanos, fazendo referência às suas origens e, assim, ao contexto greco-romano, associando ao plano espiritual outras faixas vibratórias formando lugares, cidades, comunidades ou colônias espirituais, como é o caso da Capela ou o Umbral.[115]

---

[113] XAVIER, 1943, p. 6-7. No mesmo livro, outras passagens sobre a temática do tempo e da memória vão configurando a visão espírita sobre isto, como em “Recuerdos… recuerdos de viejos tiempos…” “Recordações, recordações de velhos tempos…” que, segundo Emmanuel, “Quem poderá deter as velhas recordações que iluminam os caminhos da eternidade?”, porque para ele se tratam apenas de “anos-minutos do relógio da eternidade”. In: *Idem*, p. 7.

[114] Neste sentido, Marion Aubrée aborda a “reapropriação mítica que a nova literatura espírita realiza de acontecimentos marcantes da história recente do país”. In: AUBRÉE, Marion. Entre história e mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil. In: *Caminhos*, vol. 10, nº 2, jul./dez. 2012, p. 145.

[115] “Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. [...] Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho”.

A antropóloga Maria Laura Cavalcanti em sua pesquisa de mestrado realizada em princípios da década de 1980, de maneira seminal tratou a ideia de que o espiritismo kardecista é uma religião cuja cosmologia e sistema ritual característicos se baseiam na perspectiva inter relacional entre evolução, carma e reencarnação. A partir destas noções-chave, entende-se a relevância de outros princípios, como o livre-arbítrio, a valorização do estudo e as características muito próprias da experiência da mediunidade. Esta apresenta uma dinâmica de relacionamento entre os homens e os espíritos, que imprime uma específica interpretação da noção de pessoa no Espiritismo e que é mediada pela experiência do transe. O que leva a entender que a noção de pessoa se aplica tanto às entidades, espíritos e desencarnados, quanto aos sujeitos encarnados.[116]

Ainda de acordo com a autora, também no eixo diacrônico se considera toda a evolução cósmica de um espírito através das suas sucessivas encarnações, sendo que na atual experiência encarnatória o "eu" é considerado em uma dimensão menos preponderante, ou seja, trata-se de um "eu menor". Isto porque o "eu maior", que seria essa identidade mais ampla, o espírito individual, corresponde a uma

---

In: XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1939, p. 33-34. "Convém esclarecer que 'Nosso Lar' é uma colônia-cidade, habitada por homens e mulheres, jovens e adultos, que já se desvencilharam do corpo físico. Outras colônias-cidade espirituais, porém, existem, às centenas, em torno da Terra, obedecendo às leis que lhe regem os movimentos de rotação e translação". Já o Umbral, trata-se de uma das sete esferas do campo magnético da Terra: "A primeira esfera comporta o Umbral 'grosso', mais materializado, de regiões purgatoriais mais dolorosas e de cujas organizações comunitárias, conquanto estejam tão próximas, temos poucas notícias. A segunda esfera abriga o Umbral mais ameno, onde os Espíritos do Bem localizam, com mais amplitude, sua assistência, e onde estão situadas as 'Moradias'. Cada desenho, semirretangular, que está assinalado nessa região, representa uma 'Moradia'. A terceira esfera, a rigor, ainda faz parte do Umbral, pois, sendo de transição, abriga Espíritos necessitados de reencarnação. Nessa terceira esfera se localiza a cidade 'Nosso Lar', num ponto situado sobre a cidade do Rio de Janeiro e com uma altura que não podemos definir, mas que se encontra na ionosfera". In: XAVIER, Francisco Cândido; CUNHA, Heigorina. *Cidade no Além*. Pelo espírito de André Luiz. Araras: IDE, 1983, p. 4 e p. 35. Esta obra apresenta uma impressão em formato A3 com pranchas de ilustrações da cidade do além.

[116] Sobre isto é necessário fazer menção à sessão de desobsessão, que "é um ritual realizado a portas fechadas, com um número restrito de médiuns considerados já desenvolvidos, e tem como finalidade a cura da obsessão. O alvo do ritual não é, no entanto, o homem obsidiado, que encontra-se ausente e não é necessariamente identificado. [...] No transe de incorporação, o espírito do médium apenas se desloca, sem ausentar-se: ele apenas empresta o corpo que lhe pertence ao espírito desencarnado inferior, mas deve manter o domínio de sua vontade sobre esse corpo". *Cf*. CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Espiritismo. In: LANDIM, Leilah (org.). *Sinais dos Tempos*: diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1990, p. 153. A ideia de possessão pode ser tomada como um eixo fundamental para a conexão – e distanciamento – entre diversas religiões, sendo uma forma de comunicação espiritual. No Espiritismo, a possessão é tomada de forma negativa e, portanto, entendida na condição de obsessão, enquanto o seu oposto, o transe mediúnico, demonstraria o contato com os espíritos superiores. "Com base nessa concepção, os espíritas distinguem o transe mediúnico da possessão". *Cf*. STOLL, Sandra Jacqueline. Encenando o Invisível: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de "auto-ajuda". In: *Religião e Sociedade*, vol. 29, nº 1, 2009, p. 16.

pluralidade, pois sempre somos mais do que podemos saber ou conhecer na vida em percurso. Por outro lado, no eixo sincrônico “que considera a comunicação desse eu menor com os outros espíritos desencarnados nesta encarnação de agora, eu nunca estou segura de que uma ideia, pensamento ou mesmo atitude seja exatamente minha”, uma vez que pode ser influenciada pela experiência mediúnica, ou seja, pela comunicação espiritual. Temos, neste sentido, outros espíritos que representam o “não eu”, que participam decisivamente da constituição individual do “meu eu” ao longo da encarnação. Neste sentido, a noção da pessoa no Espiritismo é aqui fundamentalmente relacional, incompleta, processual.

> A pessoa, no espiritismo kardecista, era concebida como um “Eu menor”, ou seja, como um espírito encarnado, enredado na roda de reencarnações do carma. Seu livre-arbítrio incompleto estava sempre posto à prova por espíritos desencarnados, desejosos da corporalidade humana, e mesmo pelo “Eu menor” de suas encarnações passadas, apagadas da memória quando da nova encarnação. Como distinguir entre um “eu” e um “outro”? Como exercer o livre-arbítrio num cosmos cheio dos determinismos do carma e da evolução? Essa tensão movia todo o sistema ritual espírita. E a individualidade plena, a conquista total do livre-arbítrio, ou seja, a transformação de um espírito em “Eu Maior” situava-se fora da vida terrena, colocada no término do ciclo evolutivo cármico. Ela significava, também, a dissolução imediata de um espírito no seio divino, no instante mesmo de sua realização final.[117]

Ao que tudo indica, é de bastante interesse compreender as experiências vividas pelo grupo familiar Joviano, que explicitam caminhos indissociáveis para o Espiritismo desenvolvido por Chico Xavier, com momento germinal na Fazenda Modelo, marco territorial e memorialístico para a Doutrina. Ali, deu-se a produção de obras mediúnicas de grande volume de páginas, literatura espírita escrita em gênero romance que ficaram mundialmente conhecidas, como além dos já citados “Há 2000 Anos...” (1939), “Cinquenta Anos Depois” (1939)[118] e “Renúncia” (1943), citam-se também “Paulo e Estevão” (1942) e “Nosso Lar” (1944).[119]

---

[117] CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. In: *Debates no NER*, ano 15, nº 26, p. 85-91, jul./dez. 2014, p. 88-89.

[118] No caso da primeira citada, o recebimento das suas páginas iniciais foi registrado em psicografia de 19 de junho de 1939, tratada por Arthur Joviano como “grafia das memórias longínquas” que são “recordações do passado”. Falavam ainda sobre Emmanuel e a “grandiosa meta a atingir”. In: XAVIER, 2006, p. 127 e 132.

[119] A obra “Paulo e Estêvão” (1941), que narra a trajetória de Paulo de Tarso, é considerada no meio espírita, como um complemento ao texto bíblico por se tratar de uma narrativa epistolar. Segundo informações, na Fazenda Modelo “Chico Xavier psicografou a obra ‘Paulo e Estevão’ em 1941, sempre à noite, durante 8 meses”. In: Dados da exposição permanente do Espaço Cultural Chico

Os membros da família Joviano, encarnados e desencarnados, estiveram juntos no trabalho mediúnico diário de Chico Xavier na chamada primeira fase de seu mediunato: “Tenho acompanhado com muita simpatia o novo trabalho que vocês vão recebendo”, ou seja, tratava do livro “Nosso Lar” (1944) ditado pelo espírito de André Luiz.[120] Ou, ainda sobre o livro “Reportagens de Além-Túmulo” (1942) pelo espírito de Humberto de Campos:

> O nosso amigo Humberto de Campos está presente e pede agradeça a vocês pelo aparecimento do “Reportagens”. Um livro é sempre um trabalho concretizado e quando esse trabalho atende à verdade e ao bem é serviço de Cristo em função de esclarecimento e conforto, amparo e iluminação dos espíritos imortais. E, felizmente, todos os de nosso grupo timbram em não falar ao homem-matéria, mas ao homem – espírito, que vai vencer a morte e transpor os séculos.[121]

O cotidiano da produção de outros livros também foi sinalizado naquelas mensagens mediúnicas no culto doméstico, como foi o caso de “Os Mensageiros” (1944) “o novo livro de André Luiz”; ou em “Obreiros da Vida Eterna” (1946) quando foi informado que estavam “satisfeitos com a possibilidade aberta a novo trabalho de André Luiz”; ou ainda em se tratando do “Missionários da Luz” (1945):

> Estamos muito satisfeitos com o término do novo esforço de André Luiz. Essas páginas são toques de alarme espiritual, despertando corações e consciências. Muitos amigos espirituais prestaram a ele o concurso de que podiam dispor, a fim de que o seu livro fosse terminado e entregue à circulação de ideias renovadoras. Com tempo, à medida que vocês fizerem a releitura, observarão as vivas claridades que jorram dessa fonte. [...] É muito confortador para nós

---

Xavier da Fazenda Modelo, Pedro Leopoldo/MG, visita realizada em agosto de 2015. Em relação ao livro “Nosso-Lar” (1944), este é considerado um *best-seller* entre as publicações espíritas, tendo adaptação para o cinema no ano de 2010, e também foi um sucesso de bilheterias com um alcance de 1,6 milhão de espectadores nos cinemas em apenas 10 dias de exibição. *Cf*. ASSIS, Wagner de. *Nosso Lar*. 2010. 105 min.

[120] XAVIER, 2006, p. 379.

[121] *Idem*, p. 398. Vale à pena ressaltar que no ano de 1944, Chico Xavier e a FEB responderam processo movido pela viúva do renomado escritor Humberto de Campos desencarnado em 1934, que questionava sobre a autoria das mensagens e demandava direitos autorais da vendagem dos livros que continham poesias de autoria do seu esposo. O litígio foi resolvido nos tribunais com ganho de causa à Chico Xavier no chamado “caso Humberto de Campos”. A fim de evitar outros inconvenientes, o espírito de Humberto de Campos que desde 1935 se comunicava por meio de Chico Xavier, ausentou-se por um período e quando retomou a comunicação do além, passou a assinar as mensagens psicografadas pelo nome de Irmão X. De autoria espiritual da obra ou participação de Humberto de Campos/Irmão X, temos 16 livros: “Palavras do Infinito” (1936); “Crônicas de Além-Túmulo” (1937); “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (1938); “Novas Mensagens” (1939); “Boa Nova” (1940); “Reportagens de Além-Túmulo” (1942); “Lázaro Redivivo” (1945); “Luz Acima” (1947); “Pontos e Contos” (1950); “Contos e Apólogos” (1950); “Contos Desta e Doutra Vida” (1964); “Cartas e Crônicas” (1966); “Estante da Vida” (1969); “Relatos da Vida” (1988); “Histórias e Anotações” (1989); “No Roteiro de Jesus” (2008).

> contribuir para a formação de um novo campo de estudo e realização dentro do Espiritismo comum.[122]

De partícipes do processo intelectual e registro em forma de livros das mensagens dogmáticas do Espiritismo, na conformação como foi dito deste "novo campo de estudo e realização dentro do Espiritismo", o próprio espírito de Arthur Joviano passou a também promover pedagogias espirituais por meio da sua identidade como Neio Lúcio.[123] Ditados por ele e psicografados por Chico Xavier, deu-se a produção de "Mensagem do Pequeno Morto" (1946), "Alvorada Cristã" (1948) e "Jesus no Lar" (1949).

> Alvorada Cristã foi realmente para mim um novo dia, porque variados centros de atividade edificante me abriram novos ensejos de trabalho educativo e vocês não avaliam quanto bem me fazem os apelos à personalidade de Neio Lúcio nos setores da fé viva! [...] concluí que o professor mineiro não devia sobreviver, pelo menos por enquanto, nos círculos da mente infanto-juvenil de nosso pátrio lar. Mas Neio Lúcio poderia disputar essa posição de cooperador e, com a graça de Jesus, alcancei o meu objetivo![124]

Assim, nas reuniões de culto doméstico, a audiência trabalhava de forma cooperativa na produção intelectual concatenada por Chico Xavier, uma marca indelével de sua prática espiritual ao longo de sua vida. De acordo com Wanda Joviano, neta de Arthur Joviano, a maioria dos livros psicografados por Chico Xavier entre os anos de 1938 a 1952, foi datilografado à máquina pelo médium em um escritório destinado a este fim que ficava localizado no andar térreo da residência de seus pais na Fazenda Modelo. Em seguida, as páginas eram levadas diariamente por Chico Xavier ao "gabinete de Rômulo e eram lidas à noite pelo casal, que aguardava com muito interesse, as do dia seguinte, qual bendita novela. As páginas

---

[122] XAVIER, 2006, p. 429, p. 623, p. 561-562.

[123] A pedagogia espírita pode ser entendida como uma herança e uma abordagem muito conveniente ao Espiritismo desenvolvido no contexto brasileiro, que foi emergente desde princípios do século XX, sendo encabeçada por espíritas como Anália Franco (1853-1919), Pedro de Camargo (Vinicius) (1878-1966), Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), Tomás Novelino (1901-2000), José Herculano Pires (1914-1979) e Ney Lobo (1919-2012). Para Dora Incontri. A educação nesta perspectiva espírita se verte para promover uma "vida interexistente", ou seja, não dedicada somente ao "somente ajuste sociocultural, somente profissionalização, somente desenvolvimento cognitivo. Tem de ser tudo isso e mais ainda, pois deve colocar o indivíduo na trilha de seu desabrochar espiritual completo". In: INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita*: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 287.

[124] XAVIER, 2006, p. 665-666.

eram todas arquivadas por Rômulo, que, ao final de cada livro, as remetia" para sua publicação.[125]

Figura 19 – Chico Xavier em seu trabalho datilográfico, 1948.
Fonte: Acervo "O Cruzeiro" e Acervo "A Cigarra".

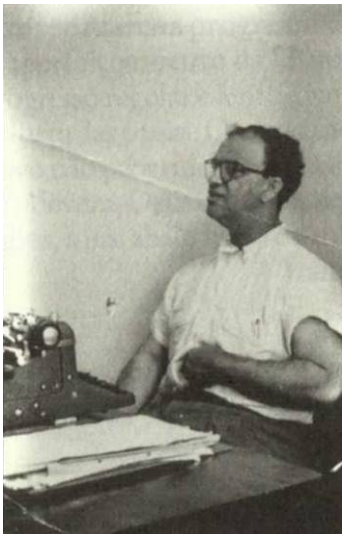


Figura 20 – Chico Xavier em trabalho na Fazenda Modelo, junho de 1953. Fonte: Acervo "Flan – O Jornal da Semana".

Figura 21 – Chico Xavier na década de 1930.
Fonte: Acervo "O Globo".

Figura 22 – Chico Xavier certamente em meados de 1950, em seu trabalho datilográfico na máquina de escrever Underwood.
Fonte: Acervo CMLCX

A influência do Espiritismo na família Joviano, especialmente naquele cotidiano vivido na Fazenda Modelo ia, portanto, além da rotina do trabalho de Chico Xavier como agente administrativo. Fomentou ainda processos de iniciação como obreiros do Espiritismo, a exemplo da psicografia que parece ter sido estimulada ao

[125] *Idem*, p. 562.

casal Rômulo e Maria – além do sobrinho Roberto e, posteriormente, da própria filha Wanda que publicou um livro denominado “No Roteiro do Evangelho” (1989).[126] A família Joviano em suas ações domésticas testemunhou, inclusive, “incorporação da entidade espiritual pelo médium Chico Xavier” e viram o desabrochar da mediunidade de Rômulo Joviano quando ele passou a estudar e praticar passes ou serviços magnéticos de auxílio.[127]

Figura 23 – O casal Maria Amorim Joviano e Rômulo Joviano fotografado em suas Bodas de Prata na data de 27 de dezembro de 1948. Fonte: SANTOS; LEMOS NETO, 2011, p. 170.

Figura 24 – Chico Xavier e Wanda Joviano em abril de 1952 na Fazenda Modelo, na ocasião de transferência da chefia de Rômulo Joviano para Darwin de Rezende Alvim. Fonte: Acervo Darwin de Rezende Alvim Neto. In: HARLEY, 2010, p.131.

Os impactos desta articulação com Chico Xavier ainda podem ser sentidos pela atuação da família Joviano na comunidade espírita mais ampla. Rômulo Joviano que participou dos trabalhos do Centro Espírita Luiz Gonzaga desde o ano de 1934, foi eleito e reeleito presidente da instituição entre 1948 a 1970, ano de seu falecimento na cidade do Rio de Janeiro. Isto, mesmo na situação de transferência de Rômulo Joviano para a capital federal em 1952, quando passou a presidir a Comissão Nacional de Pecuária de Leite, tornou-se presidente honorário no Centro

[126] “Em referindo-se a Rômulo Joviano, que dava passes, à noite [1944], no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo | MG”. In: XAVIER, 2007, Capítulo 17. Chico Xavier e Wanda Joviano eram colegas de trabalho administrativo na Fazenda Modelo, sendo que um trabalhava em mesa posicionada ao lado de um e de outro. Infere-se que Wanda Joviano certamente realizou suas primeiras psicografias sob a batuta de Chico Xavier, assumindo pseudônimo espiritual de Vera Lúcio, ou seja, uma referência ao seu avô Neio Lúcio. Algumas das mensagens contidas em seu livro já haviam sido publicadas separadamente na imprensa. *Cf*. LÚCIO, Vera. *No Roteiro do Evangelho*. Pelo espírito de Ottilia. Araras: IDE, 1989.

[127] XAVIER, 2006, p. 145.

Espírita. Ademais, as ações do grupo doméstico funcionaram em Pedro Leopoldo entre os anos de 1935 a 1952, e de 1952 a 1970 na cidade do Rio de Janeiro.

No contexto dos espíritas mineiros, a família Joviano articulou ainda em outros municípios em prol da Doutrina Kardecista concatenada por Chico Xavier, a exemplo das cidades de Leopoldina e Uberaba:

> Ficamos, Rômulo, muito satisfeitos com a prudência que adotaram em Leopoldina, referentemente ao movimento do Espiritismo, junto dos companheiros de crença. A hora, meu filho, pede muita vigilância, nesse particular, em virtude dos debates abertos à opinião pública, em função de política que amesquinha, ao invés de engrandecer. E não falta o espírito calunioso nas grandes cidades que vocês visitam.[128]

Os “debates abertos à opinião pública” em meados da década de 1940, refletem os impactos externos e internos do Espiritismo no contexto social, em suas frentes de aceitação e rejeição. Mas, particularmente em se tratando de Uberaba, é interessante destacar que Rômulo Joviano foi juiz – consecutivamente por 17 anos – da comissão de avaliação das exposições que ali se desenvolviam relacionadas aos “bovinos indianos das raças Gir, Nelore, Guzerá e Indobrasil”, evento organizado pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro. Arthur Joviano em suas mensagens psicografadas também fez menção à visita realizada ao Sanatório de Uberaba, onde “um grupo numeroso de entidades abnegadas trabalha sob a égide de Jesus para as divinas realizações humanas”. Ainda, em maio de 1945, realizou-se a materialização de Arthur Joviano instrumentalizada por Garibaldi Cavalcanti, médium de efeitos físicos do Centro Espírita Uberabense.[129]

Nestas viagens de trabalho era acompanhado por seu funcionário, Chico Xavier. Em entrevista concedida pelo próprio médium, ele confirmou que visitou o município de Uberaba por anos consecutivos sempre no mês de maio, hospedando-se no Hotel do Comércio, quando eram realizadas as exposições agropecuárias na cidade e ele tinha atribuições como auxiliar de Rômulo Joviano. Por aquela época, entre meados da década de 30 até fins dos anos 50, Chico Xavier teve contato com muitos membros da comunidade espírita, “dentre eles Omar Prata, Garibaldi Cavalcanti”, o “Professor João Augusto Chaves, D. Maria Modesto Cravo, Dr. Henrique Krugger e Manoel Roberto”. Esta ampliação da rede de contatos entre os

---

[128] *Idem*, p. 593.
[129] *Idem*, p. 65, p. 221, p. 569.

espíritas permite uma maior influência e penetração das próprias atividades espíritas de Chico Xavier. Ademais, nestas situações ele teve contato com diversos membros da elite agrária local, a exemplo de Mário de Almeida Franco, que terá papel decisivo para as ações mediúnicas de Chico Xavier na cidade de Uberaba a partir de 1959.[130]

Na relação com o contato de Chico Xavier com as elites que, por vezes e de maneira ascendente era partícipe da comunidade espírita – ou pelo menos muito interessada aos modismos e inovações do seu tempo –, Rômulo Joviano promoveu esta interlocução com indivíduos de afluência, inclusive política, como no caso de dois mineiros, o advogado e deputado estadual Abílio Machado (1885-1938), e o imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) e político Abgar Renault (1901-1995). O médium espírita português atuante no Rio de Janeiro, o jornalista Inácio Bittencourt (1862-1943) que tinha proximidade com a família Joviano, atuou na vice-presidência da FEB e foi o fundador do jornal espírita "Aurora" em 1912 – periódico que Chico Xavier também já havia publicado suas primeiras psicografias.[131]

A Doutrina Espírita se desenvolvia também em âmbito internacional e era crescente a conformação de redes de interesse comum, que incluíam a ampliação das publicações em diversos idiomas, bem como iam se organizando agremiações em diversas partes do mundo.[132] O diálogo internacional de Chico Xavier teve indução de Rômulo Joviano o que permitiu, por exemplo, a recepção na Fazenda

---

[130] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 128-129.

[131] Enquanto médium, Bittencourt se dedicou a algumas faculdades mediúnicas, notoriamente como como médium receitista e curador, além de ter grande atuação nas tarefas de divulgação evangélica e de assistência espiritual aos necessitados. "Um fato bastante pitoresco é o que o médium Francisco Cândido Xavier foi lançado, na imprensa leiga, por José Machado Tosta e na imprensa espírita por Inácio Bittencourt". In: LUCENA, Antonio de Souza; GODOY, Paulo Alves. *Personagens do Espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1982, p. 141. Sobre as psicografias publicadas no jornal "Aurora" do Rio de Janeiro, no período de 1928 a 1933, totalizando 83 mensagens, há uma coletânea organizada post mortem. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier, a aurora de uma vida entre o Céu e a Terra*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2012.

[132] "Tenho, meu filho, acompanhado suas leituras de Silver BIrch" [obra mediúnica *Teachings of Silver Birch*: Londres: Psychic Press Ltd., 1938]. In: XAVIER, 2006, p. 494. É necessária a menção ao médium português Fernando Augusto de Lacerda e Mello (1865-1918) que recebia comunicações mediúnicas de diversos espíritos de poetas desencarnados, como Eça de Queiroz, Émile Zola, Napoleão Bonaparte, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, dentre outros, cujas mensagens foram publicadas no livro "Do Paiz da Luz" (1908). Mudou-se para o Brasil em 1911 para fugir da perseguição político-religiosa que sofria em Portugal, posto que se declarava um espírita cristão e monarquista, o que era contraditório às suas funções de servidor público como policial na recém instaurada República Portuguesa. Recebeu abrigo no Rio de Janeiro com ajuda do compatriota Fernando de Moura e continuou a receber mensagens psicografadas, de forma a organizar outros volumes da obra "Do Paiz da Luz" que totalizaram em quatro. *Cf*. RIZZINI, Jorge. *Kardec, Irmãs Fox e Outros*. Capivari: Editora EME, 1994.

Modelo do médium italiano Pietro de Alleori Ubaldi (1886-1972) em agosto de 1951.[133]

Pietro Ubaldi era uma celebridade à época, especialmente no meio espírita sendo tratado como o “Profeta da Nova Era”, o “Profeta de Gúbio” ou “Apóstolo da Úmbria”, uma vez que já havia publicado obras produzidas sob a condição de mediunizado ou “atingido por inspiração”. Os espíritas Clóvis Tavares juntamente com Newton Boechat, Rubens Romanelli e César Burnier haviam planejado a vinda do médium italiano desde o ano de 1949, o que acabou se concretizando apenas em 1951, de forma a organizar um roteiro de conferências no Brasil. Por duas vezes Pietro Ubaldi esteve no Brasil (1951 e 1952), sendo que na segunda visita acabou aqui se estabelecendo até o seu falecimento na cidade de São Vicente/SP no ano de 1972.

---

[133] Piero Ubaldi era um professor nascido em Foligno/Itália, que pesquisou e escreveu sobre correntes filosóficas e religiosas, tornando-se referência sobre o reencarnacionismo e se destacando como pensador cristão no século XX. Publicou ao longo da vida 24 livros, sendo que “A Grande Síntese” (1935), – que recebeu intuitivamente pela entidade sob o pseudônimo de “Sua Voz” – teve grande repercussão e foi publicada pela FEB com o título “Síntese e Soluções dos Problemas da Ciência e do Espírito” (1939). Trata-se de uma obra mediúnica versando sobre uma proposta de compreensão unificada entre as formas de conhecimento humano. Por apresentar um paralelismo com o Espiritismo, notoriamente nesta obra, conquistou a simpatia e a amizade dos espíritas brasileiros, mas que foi desfeita pelas lideranças espíritas encabeçadas por Herculano Pires na advertência que os conceitos ubaldinos passaram a conflitar com a Doutrina Espírita. Especialmente, após a realização do VI Congresso Espírita Pan-americano (CEPA) em Buenos Aires/Argentina, quando Ubaldi propôs que suas obras fossem utilizadas como referência para uma reforma no Espiritismo, situação apontada contra a FEB como um grave “acidente doutrinário”. *Cf*. *Anais do VI Congresso Espírita Pan-americano*, out. 1963. Há discrepâncias entre as vertentes que dialogam com o Espiritismo também é expressa além do ubaldismo (Pietro Ubaldi), como também nas correntes do roustanguismo (Jean-Baptiste Roustaing), a ultrafania (Gino Trespioli), o ramatisismo/ramatisianismo (Ramatis), o divinismo (Oswaldo Polidor), dentre outras. Tais vertentes são incluídas e desanexadas do Espiritismo ao longo do avanço e consolidação no Brasil de um Espiritismo Kardecista, este defendido e referendado por Chico Xavier que se baseia em Jesus Cristo e Allan Kardec. É necessário, ainda, fazer referência à Umbanda Kardecista, também chamada de Umbanda de Mesa Branca ou Umbanda de Cáritas, que de maneira sincrética passou a desenvolver giras junto às sessões de estudo do Evangelho baseadas nos livros de Allan Kardec. Em documento de 1942, produzido pela Federação Espírita de Umbanda, temos na apresentação a informação de que "Introduzido neste país poucos anos após o aparecimento das obras de Kardec, no último quartel do século passado, o maior desenvolvimento do Espiritismo operou-se principalmente na parte religiosa, que é o trabalho dos dirigentes dos centros espíritas com a finalidade de implantar a fé no coração das massas, despertando nelas o sentimento de fraternidade e amor ao próximo. Neste sentido a codificação realizada por Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail, 1804-1869) ainda constitui a obra fundamental sobre a qual se baseiam os espíritas no Brasil, desconhecendo a maioria dos adeptos desta corrente de pensamento filosófico a grande bibliografia oriental, de cuja fonte multimilenar emanaram todas as seitas, crenças e filosofias, o Espiritismo inclusive”. *Cf*. *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda*. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942, p. 4. Ao longo do tempo, o Espiritismo Kardecista se consolidou como a prática de Espiritismo mais aceita no Brasil, de modo a afastar outras correntes e mesmo outras religiões que tentavam se atrelar à Doutrina Espírita, com alegações de que realizavam práticas esotéricas, místicas ou espiritualistas. *Cf*. STOLL, 2003.

> Às seis horas da tarde, reunimo-nos em oração, numa sala da residência do Dr. Rômulo. Éramos vários confrades paulistas, fluminenses e mineiros, entre os quais alguns membros da Comissão Pró-visita do Professor Ubaldi ao Brasil.
> Ao nos sentarmos em torno de grande mesa, verificamos que éramos doze os presentes... Chico e o Prof. Ubaldi começam a escrever...
> Excelsas mensagens são recebidas: uma, do Pobrezinho de Assis, o grande São Francisco, através do lápis célere de Chico. Outra, de "Sua Voz", pela caneta também velocíssima do Missionário de Gubbio.
> Após a recepção e leitura dos dois luminosos documentos, como de hábito, Chico passa a descrever, em sua encantadora simplicidade, os acontecimentos por ele percebidos no ambiente psíquico que se formara durante os serviços espirituais da noite.
> Declara o sensitivo mineiro que dele se aproximou uma Entidade Espiritual, revelando chamar-se Lavínia e haver sido mãe do Prof. Ubaldi. Abraçou o filho, carinhosamente, dizendo: - Para Cristo ele é um apóstolo, mas para mim será sempre o meu 'bambino'. E entre expressões afetuosas chamou-lhe: "Mio garofanino".
> O Prof. Ubaldi, muito feliz e muito comovido, sentindo igualmente a presença maternal, comprova tudo, declarando que era com esse "vezzeggiativo' (espécie de diminutivo de carinho) que sua mãezinha o apelidava ternamente, quando pequenino: "mio garofanino" "meu pequeno cravo".[134]

Figura 25 – Membros da Comissão Pró-visita do Professor Ubaldi ao Brasil na Fazenda Modelo em 17 de agosto de 1951. Fonte: SANTOS; LEMOS NETO, 2011, p. 229.

Figura 26 – Pietro Ubaldi e Chico Xavier na Fazenda Modelo em 17 de agosto de 1951. Fonte: *O Cruzeiro*, 1951, nº 3, p. 14.

Naquele encontro de agosto de 1951, em reunião doméstica na casa de Rômulo Joviano, Chico Xavier psicografou em italiano, mas não foi a sua primeira vez e, aliás, foi um dos primeiros pontos de aproximação entre Chico Xavier e Rômulo Joviano:

> O Sr. Rômulo Joviano, inspetor-chefe da Fazenda Experimental do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo, depois de ouvir o que se contava sobre os feitos do caixeiro de Zé Felizardo, teve a

[134] TAVARES, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*. Araras: IDE, 1967, p. 56-57.

> curiosidade de assistir a algumas sessões, embora sem manifestar crença alguma, a respeito.
> Numa dessas reuniões, o médium em transe grafou, ou melhor, psicografou algumas frases que os componentes da mesa não puderam decifrar: eram escritas em inglês.
> O Dr. Rômulo, naturalmente desconfiado, solicitou que a mensagem lhe fosse entregue para poder examiná-la melhor, em casa.
> Conhecedor do inglês observou, então, que as frases continham alguns erros. Anotou-os e compareceu à sessão seguinte, disposto a interpelar o médium e os Espíritos sobre tais erros.
> Antes, porém, que pudesse fazê-lo, Emmanuel, o Espírito-guia do Chico Xavier respondia, logo ao início do transe, às interpelações que não tinham sido ainda feitas, esclarecendo que os "erros observados pelo doutor Rômulo e sobre os quais este pretendia fazer perguntas" resultavam da deficiência do aparelho, isto é, do médium: como este nada conhecesse do idioma inglês, a mensagem, transmitida por seu intermédio, podia ressentir-se dessa falha, fato esse, aliás, já previsto e explicado dentro da doutrina.[135]

O excerto trata das noites de 23 e 30 de novembro de 1933, quando Rômulo Joviano teve contato com as psicografias em inglês recebidas por Chico Xavier. Enquanto na primeira noite de quarta-feira a mensagem, depois de examinada em detalhes por Joviano, constou a divergência do uso do artigo "the", na segunda psicografia na noite do dia 30, ele recebeu uma contraprova de Emmanuel: a mensagem psicografada em inglês possuía ainda escrita invertida, ou seja, havia sido redigida debaixo para cima e da direita para a esquerda, e necessitava do uso de um espelho para que pudesse ser lida. Em fevereiro de 1933, uma mensagem em italiano já havia sido grafada da mesma maneira curiosa que esta citada.[136]

Com estas demonstrações, não restam dúvidas que o guia espiritual de Chico Xavier colocava em prática uma de suas premissas difundidas pelo Espiritismo, no ideário de união dos povos em torno da causa da espiritualidade, baseada na ideia de que "Nossa língua é o pensamento".[137] Ao mesmo tempo, explicava sobre a existência de barreiras linguísticas do "aparelho", ou seja, do médium Chico Xavier na condução da psicografia.[138] Neste sentido, demonstrava também a relevância dos estudos e do controle psíquico e emocional, ou seja, da formação moral e

---

[135] *O Globo*, 6 de maio de 1935, p. 3.
[136] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 104.
[137] *O Globo*, 15 de maio de 1935, p. 1.
[138] "Em todo o caso, a [mensagem] que o médium escreveu foi a que lá deixamos. Todos esses motivos do nosso reparo resultam, provavelmente, da 'deficiência do aparelho', conforme dizem os espíritas, referindo-se às falhas de que se ressinta, porventura, a cultura do médium". In: *O Globo*, 8 de maio de 1935, p. 3.

instrução dos praticantes do Espiritismo para o aperfeiçoamento do ser e a fim de também possibilitar melhor performance em sua atuação mediúnica.

> Deus vos dê paz. Ainda sou eu quem vos fala. Meu caro Xavier, muito vos prejudicastes hoje com o teu estado íntimo de intranquilidade, aguardando uma viagem tão natural! O Rio ainda não é outro mundo e já aprendeste muita coisa com o nosso convívio para estares com esses chiliques. Prepara-te para as peripécias, porque se procuro te guiar espiritualmente, vou até colaborar para que passes alguns apuros para adquirires experiências, vais ver! Às escondidas, hei de me rir de tuas coisas de menino! Tua mãe hoje não conseguiu as suas narrações do Infinito por causa do teu estado assustadiço e nervoso. Prejudicaste-me também na exposição de minha resposta e conseguiste quase subverter a ordem em nosso ambiente hoje. Quando sentares à mesa para as nossas confidências, faça-o com serenidade. Do contrário, não vale a pena o nosso esforço. Mas hoje te perdoamos. Não repitas, porém. Vai dormir e prepara-te para as aventuras de "Gulliver". Boa noite. Ide repousar.
> Emmanuel [139]

Podemos fazer um contraponto desta concepção com a noção de competência informacional, na perspectiva de que na aquisição de habilidades informacionais permitiria uma comunicação com menor ruído, na medida em que o médium iria se aprimorando e assim, o trabalho mediúnico também iria se aperfeiçoando. Entende-se como competência, de maneira geral, um conjunto de habilidades, conhecimentos e ações necessárias para um dado meio, de modo a contemplar a assistência aos usuários no aprendizado com a informação e, em termos mais verticalizados, no entendimento da complexidade de permitir melhorias nas condições do trabalho baseadas nas próprias competências desses profissionais, tornando as atividades mais efetivas.[140]

Neste processo estão integradas a elaboração de planejamento de ações, o uso de recursos disponíveis, ensinar a fazer ou guiar o aprendizado, identificar necessidades e efetivar projetos levando em consideração os diversos fatores administrativos, sociais e culturais. Neste sentido, a competência informacional aqui

---

[139] Mensagem psicografada no culto doméstico Arthur Joviano, na data de 5 de junho de 1936, que tratava da primeira reunião e visita de grande público de Chico Xavier em carreira mediúnica, o que promoveu o encontro de cerca de 3 mil pessoas na data de 13 de junho de 1936, na capital do Rio de Janeiro na sede da FEB. In: XAVIER, 2008, O Rio ainda não é outro mundo.

[140] Ainda, em outras palavras, define-se competência como o conjunto de recursos e capacidades colocado em ação nas situações práticas do trabalho que enfoquem o saber (conhecimentos), o saber-fazer (habilidades) e o saber-ser e saber-agir (atitudes). In: MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências Informacionais. In: *Ciência da Informação*, vol. 33, nº 2, p. 112-122, mai./ago. 2004.

tratada exploraria outros viesses para além do letramento informacional e é desta forma que superaria uma mera questão de capacitação e letramento dos indivíduos a serem provedores de informações e se tornarem cidadãos críticos e com autonomia de aprendizagem.[141]

Portanto, uma ampliação desta carga semântica iria mais em direção ao fato de que no caso do Espiritismo, a informação atende à necessidade de doutrinação e, portanto, o conhecimento da religião para a sua prática e, portanto, sua aderência e reprodutibilidade. O Espiritismo pode ser considerado como uma religião letrada, uma vez que tem nas práticas de escrita e leitura ações centrais em sua ritualística. Os livros são ferramentas para facilitar o acesso à informação, o que permite a disseminação do conhecimento para a sociedade, além de estar à serviço de uma educação continuada e responsável por transformar a informação em conhecimento. Neste caso, parte-se da premissa da existência de uma sociedade leiga e, portanto, sem competência suficiente que precisa ser letrada à luz dos ensinamentos espíritas. E neste circuito de competências, baseadas no elogio à civilização letrada e, portanto, evoluída e superior, que se desenvolvem ações do proselitismo à iniciação, bem como se produzem diferenças dentro e fora do Espiritismo. Assim, a produção de competências no Espiritismo passa, invariavelmente, através de um disciplinamento da leitura, interpretação e comunicação.

> Tanto a escrita mediúnica, a psicografia, como a escrita propriamente humana tem espaço importante nessa prática religiosa e o estudo é muito valorizado por conta da relevância do valor do livre-arbítrio e da responsabilidade individual. As sessões de estudo integram, assim, a prática ritual do espiritismo como um todo. E o incentivo à leitura, às indagações, à curiosidade e mesmo à imaginação torna o espiritismo uma religião muito atraente para as camadas médias urbanas.[142]

O antropólogo Bernardo Lewgoy em sua tese de doutorado defendida no ano de 2000, indicou que “o espiritismo é uma religião da cultura escrita (ou letrada no sentido de pressupor limiares mínimos de ‘letramento’ para a participação em seu cotidiano)”, sustentada “em determinadas pretensões de legitimidade científica e filosófica”, de forma a se tornar “profundamente identificado com um ideário

[141] VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. In: *Ciência da Informação*, vol. 38, nº 3, p. 130-141, set./dez. 2009.
[142] WOLFART, 2010.

racionalista e cientificista, próprio da chamada experiência moderna". Assim, o Espiritismo é sustentado pela ideia de que a "experiência cultural espírita depende da compreensão de que esta é uma religião do livro, da leitura e do letramento, num sentido que dificilmente se iguala em outras religiões". Para Lewgoy, a Doutrina Espírita Kardecista "não é apenas uma religião do livro que contém uma abundante literatura religiosa, mas é, em sua essência, uma religião letrada, que governam a exegese e o modo de leitura".[143]

No contexto espírita, o homem regenerado seria aquele intelectualizado, de modo que o Espiritismo, neste sentido, coloca-se em uma posição que se projeta mais adiantada no pensamento moderno e, portanto, muito alinhado às concepções de evolucionismo, racionalismo e de uma história teleológica.[144] A função da escrita e da leitura, neste sentido, estaria em uma concepção mais ampla de um determinado modelo de civilização, em um procedimento multidimensional de ensino-aprendizagem entre encarnados e desencarnados, conferindo também, assim, ajuda ao próximo. Associado a isto, a oratória manifesta estes valores tendo relevância a fluência evangélica com o ardor de seu verbo, o que formata grande parte do carisma dos médiuns baseado em uma exegese clara, convincente, fluente e influente.[145]

A questão linguística poderia ser, neste sentido, uma barreira que impediria a fácil comunicação espiritual, seja entre encarnados e desencarnados, o que também indicou a necessidade de "melhoramento do aparelho", ou seja, a demanda de estudos de línguas estrangeiras por parte de Chico Xavier. Na ida de Pietro Ubaldi à Fazenda Modelo em 1951, por exemplo, o intérprete que permitiu a comunicação entre os médiuns foi Clóvis Tavares.

---

[143] LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras*: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 9-11.

[144] "Afirmam, portanto, os nossos guias que apenas começamos a presenciar os grandes acontecimentos que, fatalmente, terão de ocorrer nos anos vindouros. As raças amarelas e determinados núcleos da civilização ocidental requerem expansão e nova fonte econômica para a solução dos problemas que os assoberbam; e, nesses dolorosos movimentos, mas necessários, a humanidade se depura, aperfeiçoando-se cada vez mais para o seu glorioso futuro espiritual". In: XAVIER, 1935, p. 126.

[145] Em uma obra clássica de Chico Xavier, "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho" (1938), a concepção de que o Brasil teria posição diferenciada neste contexto mundial e que seria o portador de um novo modelo de sociedade, via Espiritismo, pode ser exemplificada no excerto a seguir: "O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro". In: XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. São Paulo: LAKE, 1938, p. 9.

Em grande medida, podemos afirmar que Chico Xavier esteve presente e mesmo que contribuiu para o desenvolvimento e o reconhecimento de Pedro Leopoldo em um cenário mais amplo. Segundo Marcos Lobato, a cidade em 1940, tinha trinta vendas, seis bares, cinco farmácias, seis açougues, duas padarias e três hotéis. Dez anos depois, o comércio era maior, com quarenta e três vendas, vinte e quatro bares e botequins, quatro farmácias, vinte açougues e cinco hotéis, o que refletia tanto o crescimento da pecuária quanto das necessidades daqueles que procuravam pelo médium Chico Xavier.[146]

Ali também ele se tornou um homem público e conhecido, lugar para onde caravanas e peregrinos de todo o Brasil ia e formava filas em frente à casa de Chico Xavier e no Centro Espírita Luiz Gonzaga, com "multidões à porta" e "romarias de doentes e desesperados" que ocupavam de automóveis a Rua São Sebastião.[147] Indivíduos que buscavam por curas, bênçãos, palavras de consolo ou para receber algum tipo de contato com parentes mortos. Pedro Leopoldo começou a se delinear como um local de peregrinação dos seguidores da Doutrina Espírita, que foi chamada por Manuel Quintão como uma "Romaria da Graça".[148]

> Durante o tempo em que o Chico Xavier permaneceu em Pedro Leopoldo, os hotéis da cidade viviam superlotados de pessoas ilustres que vinham para conhecer de perto ou rever o grande filho da terra e sua obra mediúnica. Todos os fins de semana, ano inteiro, numerosas caravanas aqui chegavam em busca de uma palavra amiga ou de um conselho, às quais o Chico dispensava carinhosa atenção.[149]

Em geral, estas caravanas eram formadas por grupos de pessoas vindas de outras cidades ou mesmo de outros Estados, que juntas somavam centenas de indivíduos e aproveitavam prioritariamente, mas não exclusivamente, as datas das reuniões públicas de estudo do Centro Espírita Luiz Gonzaga que aconteciam nas noites das segundas e sextas-feiras às 20hs e se estendiam até o início da

---

[146] MARTINS, 2006.
[147] *O Globo*, 1º de maio de 1935, p. 3. A presença de automóveis no período dá indicativos da classe social que mais procurava Chico Xavier naquele momento, ou seja, a classe média.
[148] "A descrição da viagem dos romeiros, [...] Romaria da Graça é, pois, bem justo, o título dessa viagem! Graças! Quantas graças foram derramadas por intermedio de Xavier, sobre todos os romeiros e até mesmo sobre nós, na simples leitura do opusculo em apreço. [...] Em sucessivas sessões se apresenta o medium, simples e bom, como instrumento dos Espíritos, numa serie de comunicações diferentes na forma e no estilo". *Cf*. Romaria da Graça. In: *Reformador*, nº 4, abr. 1939, p. 24-25.
[149] CARMO, 1995, p. 66.

madrugada. Visitas e visitantes, ao longo do tempo, eram reincidentes.[150] Ao longo dos anos, houve variações desta agenda, tendo notícias que em 1928, as sessões públicas no Centro Espírita Luiz Gonzaga ocorriam nas sextas, com sessões de desobsessão iniciadas naquele ano ocorrendo nas noites das quartas.[151]

> Era costume o Chico e alguns amigos, após o término das reuniões, irem para a casa de André Luiz, seu irmão, para tomar um lanche. Isso acontecia lá pela uma, duas da madrugada. Como eu morava em frente à casa do André, na rua Benedito Valadares, tinha a oportunidade de ouvir as músicas e as deliciosas gargalhadas do Chico.[152]

A sociabilidade de Chico Xavier com os locais, bem com os visitantes, fortalecia as ações doutrinárias que desenvolvia em âmbito público e privado. O médium se fazia conhecer e ser reconhecido, local e nacionalmente, o que ajudava na ampliação do seu espectro de atuação e conformava sua própria *expertise* enquanto médium. Uma rede articulada de ações tomava forma e que ia desde as sessões de estudo, cultos públicos de psicografia, publicações das mensagens psicografadas na imprensa, receituários espirituais, até encontros privativos de desobsessão ou mesmo de cultos do Evangelho no lar. O alcance de sua visibilidade, de suas ações doutrinárias e do seu público envolvido precisava se ampliar para além de Pedro Leopoldo, mas ainda tendo acento na própria cidade.

Neste sentido, é relevante destacar a realização de visitas do médium às famílias que residiam nas periferias de Pedro Leopoldo – ou mesmo debaixo das pontes da cidade – um encontro que permitia a interlocução com outro segmento da sociedade e que se tornaria grande beneficiária das ações sociais e filantrópicas que naquele momento se esboçava. Estas ações de visita às casas dos mais necessitados, com a entrega de conforto espiritual por meio da leitura de passagens do Evangelho e da entrega de conforto material por meio das doações de alimentos,

---

[150] "Como Francisco Cândido Xavier tem apenas trinta e seis anos de idade e poderá trabalhar outros tantos, é de supor-se venha a deixar no mundo uma grande biblioteca, como nunca possuiu nenhum povo da Terra. Ser testemunha de como vai surgindo essa monumental literatura é o prazer que estamos gozando em Pedro Leopoldo, onde pela sexta vez vimos passar uma temporada com o médium". *Cf*. BRAGA, Ismael Gomes. Em Pedro Leopoldo. In: *Reformador*, nº 4, abr. 1940, p. 18-19.

[151] XAVIER; BARBOSA, p.73. Em 1927, temos "Às segundas, quartas e sextas-feiras, sessões públicas de estudo e divulgação da doutrina 'espirita-scientifica-christã'. Às quintas, sessões privadas e de caridade". In: SOUTO MAIOR, Marcel. *As Vidas de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 24. Em 1933, as sessões espíritas aconteciam às quartas e sextas-feiras. In: *O Globo*, 30 de abril de 1935, p. 3. As sessões espíritas costumavam se iniciar às oito horas da noite, seguindo até por volta das duas horas da madrugada.

[152] *Chico Xavier visto pelo historiador Geraldo Leão*. Disponível em http://vinhadeluz.com.br/site/noticia.php?id=201, acesso em 8 de outubro de 2022.

foram se conformando na agenda ritualística de Chico Xavier, apesar de continuamente serem descritas doações de gêneros e óbolos do médium aos necessitados.[153] Tais ações passaram a ser chamadas de peregrinações, pois eram jornadas semanais que ocorriam pelas ruas da cidade aos fins das tardes e noites especialmente de sábado.[154] Ademais, trata-se de um dos pilares do Espiritismo, que além do estudo, da mediunidade, precisava se ancorar no exercício da caridade, confirmando a premissa doutrinária de que "fora da caridade, não há salvação".[155]

> [...] tivemos ocasião de acompanhar a caravana de visitadores que, em Pedro Leopoldo, aos sábados, vai aos lares pobres, levando recursos aos necessitados. Sob a direção de Francisco Cândido Xavier visitámos umas trinta famílias necessitadas e enfermas que vivem em duras provas nos morros, em cabanas miseráveis, debaixo da ponte, [...] Éramos uns trinta visitantes, principalmente corajosas senhoras que levavam roupas, alimentos, dinheiro e carinho às crianças que nascem e crescem naqueles lugares inabitáveis. Esse serviço social está perfeitamente organizado, funcionando há mais de dois anos, e todas as visitas estavam programadas com pormenores que foram rigorosamente executados. [...] Esse serviço foi inspirado por Emmanuel, que a ele se refere veladamente na mensagem "Doutrina Renovadora" [...].[156]

De acordo com o relato de 1958, esse "trabalho" foi iniciado há mais de dois anos em Pedro Leopoldo, ou seja, por volta de 1955, por iniciativa de Chico Xavier e outros três espíritas. Tratou-se de uma outra possibilidade de doutrinação, tendo "resultados já obtidos" "muito animadores", pois as famílias necessitadas que são amparadas pelo Espiritismo acabavam, "por sua própria iniciativa", "a frequentar as sessões do Centro Espírita Luiz Gonzaga e se tornam espíritas dos mais ativos". São, portanto, uma nova geração de espíritas que compreendem a Doutrina em sua interlocução entre teoria e prática, de forma a ser compreendido como um "movimento social de serviços, não como simples doutrina filosófica e religiosa".[157]

---

[153] CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 27 jul. 2015, mp3.
[154] "Essas sessões que se realizam com regularidade há um quarto de século e atraem um número sempre crescente de 'peregrinos' das mais longínquas paragens [...]". In: *Reformador*, nº 10, out. 1955, p. 11.
[155] "Não havia tempo para nada. A caridade sempre foi o meu lazer: visitar as famílias mais pobres na periferia, conversar com aquelas senhoras de pano muito alvo amarrado na cabeça, tomar café quente na caneca esmaltada...". In: BACCELLI, Carlos Antônio. *O Evangelho de Chico Xavier*. Votuporanga: Didier, 2000, Capítulo CXXXIII.
[156] BRAGA, Ismael Gomes. Evangelho em ação. In: *Reformador*, nº 1, jan. 1958, p. 17.
[157] *Idem*, p. 17-18.

Conformam o *corpus* de apoiadores desta iniciativa visitantes e caravaneiros que “costumam tomar parte nessas peregrinações e sentir esta forma de alegria que o trabalho proporciona”. Isto, visando que o exemplo produza frutos físicos e morais, e que “surjam por toda a parte essas caravanas de abnegados, pondo o Evangelho em ação social, porque a vida de Francisco Cândido Xavier há de tornar-se tradição para futuras gerações”. Ao longo do tempo, as “senhoras entraram em colaboração com costuras e trataram de vestir as crianças nuas”, o que futuramente irá se constituir em um ritual relacionado à distribuição e relacionado aos “enxovaizinhos”.[158]

Quando se retornava das peregrinações, o grupo ia em direção ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, onde era realizado o culto ao evangelho, a fim de encerrar os trabalhos da noite. Além de psicografias de mensagens dos desencarnados e poemas do além-túmulo, nestas sessões eram psicografadas receitas do Dr. Bezerra de Menezes, chegando a um número de 500 por mês. Assim, fundou-se a peregrinação que se tornou uma relevante tradição dentre outras ações doutrinárias de Chico Xavier e foi uma das contribuintes na conformação de uma determinada memória social sobre o médium.

Chico Xavier também se comunicou por meio de correspondências com grande número de pessoas. Ele era muito frequente nos Correios da cidade, e sua caixa postal vivia cheia, sendo seu lazer de domingo responder às centenas de cartas que recebia, e contava para isso com a ajuda de seu irmão André Luiz.[159] Enviava palavras de consolo, cartões com figuras alegres, pequenos folhetos impressos de mensagens psicografadas e mesmo livros autografados. Há referências de que muitos devotos e leitores buscavam autógrafos em sessões mediúnicas ou mesmo em tardes de autógrafos que eram organizadas.[160]

---

[158] *Idem*, p. 18.

[159] “Dias houve em que Chico Xavier recebeu de quinze a vinte cartas no gênero a que nos referimos. Cheio de impedimentos como os que indicamos – seu trabalho diário na venda, seus cuidados com o padrinho enfermo, as repetidas visitas de consulentes vindos de fora e ainda o esgotamento a que chegou afinal – Chico Xavier, ao cabo de alguns dias já não podia, não diremos responder, mas até nem ler e inteirar-se de toda a correspondência. E como esta não cessava, o médium se viu, por fim, diante de um maço de cartas fechadas. Foi então que o seu ‘alarme’ se acentuou, ainda mais considerando que se declarara nele a necessidade de algum tempo de repouso”. In: *O Globo*, 17 de junho de 1935, p. 2.

[160] Cita-se aqui um exemplo de troca de correspondências com Carlos B. de Sousa, residente no Estado do Pará, em março de 1940: “Isto posto, seja-nos permitido acusar e agradecer o gentil oferecimento do belíssimo e sugestivo romance ‘Ha dois mil anos’, ditado ao médium Francisco Candido Xavier, de ‘Pedro Leopoldo’, em Minas Gerais, pelo fúlgido Espirito de Emmanuel”. In: *Reformador*, nº 4, abr. 1940, p. 15.

> Participei mais ativamente da tarefa do Chico no período de 1942 a 1958. [...] Às segundas e sextas-feiras, quando terminava a reunião pública, Chico convidava os amigos para o café em minha casa. Em geral, a sessão terminava às 3 ou 4 horas da madrugada e o Chico contava muitos casos... Minha tarefa era auxiliá-lo na correspondência. A hora do Correio era sagrada; todos os dias, às 13 horas, nós levávamos as cartas, que eram centenas, para despachar. Chico comia correndo, pois chegava do trabalho na Fazenda Modelo às 11:30 horas para o almoço, 13:30 ou 14:00 horas ele regressava para voltar em casa novamente por volta de 17:30, 18:00 horas. Eram muitos os deveres a que o Chico estava ligado às segundas e sextas-feiras, as reuniões públicas a que me referi, que terminavam sempre altas horas da manhã; às terças-feiras, Chico trabalhava na psicografia de livros e na correspondência até 1:30 da manhã. Às quartas-feiras, participava de reuniões com o Dr. Rômulo Joviano e família na Fazenda Modelo, voltava meia-noite e tanto; às quintas-feiras fazia parte do Grupo Meimei, nas sessões de desobsessão; aos sábados trabalhava até altas horas da manhã, psicografando livros e mensagens, e no domingo também ele psicografava o dia quase todo, recebendo amigos íntimos à noite. Chico gosta muito de música, às vezes, aos sábados, ele ia ao cinema.[161]

Este conjunto de ações que se inauguraram e permaneceram na tessitura de Pedro Leopoldo foram de suma importância e podemos identificar em meados da década de 1930 como um marco para o reconhecimento de Chico Xavier em âmbito nacional, enquanto os anos de 1940 e 1950, permitiram o enraizamento e a amplitude de uma agenda doutrinária.

> Quando passou para a sede definitiva, depois de 1950, o afluxo de gente já era enorme. O salão principal do "Luiz Gonzaga" tem oito metros por dez, pois ele ficava repleto de gente em pé. Tenho a impressão de que umas trezentas pessoas mais ou menos deviam comparecer, porque a rua ficava cheia de carros de, às vezes, vinham ônibus especiais. Os hotéis ficavam abarrotados. De todo o lado, pela estrada de ferro, rodovias, chegavam os visitantes em busca da palavra dos espíritos.
> Chico chegava do trabalho da Fazenda Modelo por volta das 18 horas. Em torno das 19 horas começava o atendimento do povo; a princípio, a reunião de psicografia iniciava às 10 horas, depois passou para as 21, mas o horário de terminar era imprevisto, em geral de 3 a 5 horas da manhã. Mas ele tinha tempo de comer qualquer coisa, tomar um banho depois do trabalho, e ele já vinha para cá, carregando uma porção de gente, de forma que, na maioria das vezes, não jantava. Nas sessões públicas ele psicografava umas 400 receitas por noite, afora as que ele atendia em horário extra.[162]

---

[161] Excerto com depoimento do próprio irmão André Luiz. In: *Folha Espírita*, Edição especial comemorativa dos 50 anos de mediunidade de Chico Xavier, 1977, p. 36-37.
[162] Excerto com depoimento de Manoel Ferreira Diniz (Lico). In: *Folha Espírita*, 1977, p. 33.

Ao mesmo tempo, ao passo que esse itinerário dá indícios de suas ações, concede relevo às redes de parentesco – notoriamente no início do mediunato de Chico Xavier –, e cuja rotina das práticas de evangelização, de comunicação espiritual e de assistencialismo também passaram por momentos de baixa adesão.

> Em meados de 1932, o "Centro Espírita Luiz Gonzaga" estava reduzido a um quadro de cinco pessoas – José Hermínio Perácio, D. Carmen Pena Perácio, José Xavier, D. Geni Pena Xavier e o Chico. Os doentes e obsidiados surgiram sempre, mas, logo depois das primeiras melhoras, desapareciam como por encanto. Perácio e senhora, contudo, precisavam transferir-se para Belo Horizonte por impositivos da vida familiar. O grupo ficou limitado a três companheiros. D. Geni, porém, a esposa de José Xavier, adoeceu e a casa passou a contar apenas com os dois irmãos. José, no entanto, era seleiro e, naquela ocasião, foi procurado por um credor que lhe vendia couros, credor esse que insistia em receber-lhe os serviços noturnos, numa oficina de arreios, em forma de pagamento. Por isso, apesar de sua boa vontade, necessitava interromper a frequência ao grupo, pelo menos, por alguns meses. Vendo-se sozinho, o médium [Chico Xavier] também quis ausentar-se. Mas, na primeira noite em que se achou a sós no centro, sem saber como agir, Emmanuel apareceu-lhe e disse:
> – Você não pode afastar-se. Prossigamos em serviço.
> – Continuar como? Não temos frequentadores...
> – E nós? – disse o espírito amigo. – Nós também precisamos ouvir o Evangelho para reduzir nossos erros. E, além de nós, temos aqui numerosos desencarnados que precisam de esclarecimento e consolo. Abra a reunião na hora regulamentar, estudemos juntos a lição do Senhor, e não encerre a sessão antes de duas horas de trabalho.
> Foi assim que, por muitos meses, de 1932 a 1934, o Chico abria o pequeno salão do Centro e fazia a prece de abertura, às oito da noite em ponto. Em seguida, abria "O Evangelho Segundo o Espiritismo" ao acaso e lia esta ou aquela instrução, comentando-a em voz alta.
> Por essa ocasião, a vidência nele alcançou maior lucidez. Via e ouvia dezenas de almas desencarnadas e sofredoras que iam até o grupo à procura de paz e refazimento. Escutava-lhes as perguntas e dava-lhes respostas sob a inspiração direta de Emmanuel.
> Para os outros, no entanto, orava, conversava e gesticulava sozinho... E essas reuniões de um médium a sós com os desencarnados, no Centro, de portas iluminadas e abertas, se repetiam todas as noites de segundas e sextas.[163]

[163] GAMA, Ramiro. *Lindos casos de Chico Xavier*. São Paulo: Lake, 1973, p. 52. Testemunho próximo consta em um livro de Chico Xavier: "Foi um começo difícil. As primeiras reuniões que assisti em Pedro Leopoldo, eram em casa da viúva de José Xavier, irmão mais velho de Chico. Depois do seu desencarne, foi fundado o Centro Espírita Luiz Gonzaga. Naquela época, o mundo não conhecia o valor de Chico Xavier. Poucos sabiam de sua existência. No Centro, as reuniões eram presididas pelo Dr. Rômulo Joviano, que foi o primeiro diretor da Fazenda Modelo, onde Chico trabalhou muitos anos. Às vezes, nessas reuniões, nem havia número suficiente de pessoas para formar a mesa. Frequentava as reuniões das segundas-feiras". In: XAVIER, Francisco Cândido. *Amor e Luz*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1977, p. 23.

Esta situação de instabilidade também indicava a presença na ausência, ou seja, as ações de doutrinação iam além do alcance dos olhos, tendo o comparecimento de espíritos em horário definido e, também por isso, é fundamental a pontualidade dos rituais espíritas para a condução das pedagogias espirituais. A publicação do livro “Parnaso de Além Túmulo” (1932) foi essencial, mas não suficiente para a projeção de Chico Xavier e a conquista de espaço. Foi o início. No ano de 1935, todavia, esse contexto vai se ampliar com o lançamento do seu segundo livro “Cartas de Uma Morta” (1935) e com a publicação no jornal “O Globo” das séries de reportagens de Clementino Aguiar.[164]

Por aquela época, as sessões mediúnicas no Grupo Espírita Luiz Gonzaga assim se realizavam, contando com presença de indivíduos da elite política e intelectual local e nacional, alguns que iam em busca de comunicações com os mortos, outros por curiosidade:

> Os presentes reúnem-se, por enquanto, na sala da frente, ou melhor, na oficina do seleiro. Estão já ali o prefeito do município de Pedro Leopoldo, Sr. José de Azevedo Carvalho, médico distintíssimo e operador de grande fama; o juiz Dario Lins; o Sr. Christiano Ottoni, outro médico também de nomeada na região; o Sr. Maurício Azevedo, coletor federal; os advogados Jerônymo Figueira de Mello e Walfrido de Andrade Bernardes; o escrivão Raymundo Gonçalves; os Srs. Theodoro Viana, Caetano Carvalho, José Vianna, Balthazar de Arneira Neves, e várias outras pessoas, inclusive senhoritas da localidade.
> Esse é o grupo que se poderia chamar de “curiosos”, dos que ali foram levados pelo interesse que vem despertando o médium sensacional, pelo desejo de “ver” aquilo de que tanto se fala. Desse grupo ficam a participar o jornalista, o promotor e o engenheiro Andrade Pinto.
> Quanto aos adeptos, aos espíritas propriamente ditos, sua afluência é também numerosa.
> – A casa já está cheia de vivos – observa alguém. – Faltam os mortos… [...] José Cândido, o dono da casa, atende a todos, prazenteiramente, mas talvez com o secreto temor de não poder acomodar tanta gente no exíguo recinto de sua residência pobre. [...]
> Chegam ainda outras pessoas. A sala já não dá. Alguns passam para a outra peça, reservada às sessões. Já faltam cadeiras. Na banqueta do seleiro há um arreio inacabado. Serve, porém. Um rapazinho monta. Assim, temos já ali gente em pé, sentada, acocorada e montada. [...]

[164] “O Centro de Chico Xavier, o Luiz Gonzaga, era uma casa simples e pobre, ao lado de sua casa cor-de-rosa desbotada, também uma casa humilde. O salão de reuniões era muito pequeno. Mal dava para conter a mesa com um banco comprido, onde se sentavam o Chic e os oradores, e mais três bancos apenas, em frente, onde se sentavam aqueles que o buscavam. O resto ficava em pé, acotovelados por ali. Creio que se aglomeravam no estreito salão cerca de setenta pessoas nos dias em que estava mais cheio. Alguns ficavam olhando da porta...”. In: RANIERI, 1986, p. 105.

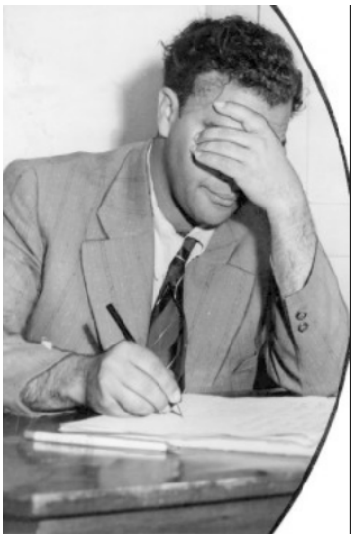
> Acomodada a assistência da melhor maneira possível, o grupo que forma a "corrente", Chico Xavier, José Cândido, Fausto Joviano, Carmosino Penna Xavier, Nelson Penna, senhorita Nancy Penna, toma lugar na pequena mesa colocada ao centro da peça e coberta com uma toalha branca.[165]

Figuras 27 e 28 – Chico Xavier durante sessão mediúnica com a equipe do jornal "O Globo", 4 de maio de 1935. Ao lado do médium na fotografia da esquerda está seu irmão José Xavier. Fonte: Acervo "O Globo".

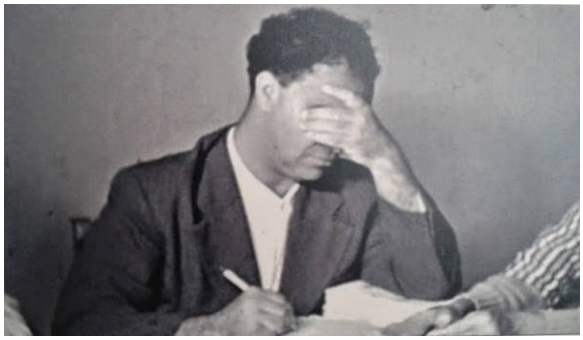
Figura 29 – Psicografia em sessão do Centro Espírita Luiz Gonzaga com Mariquita Diniz, c.1940. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 30 – Chico Xavier psicografando uma mensagem na redação do jornal "O Globo" em 1956. Fonte: Acervo "O Globo".

[165] *O Globo*, 6 de maio de 1935, p. 3. Ressalta-se que, todavia, também se beneficiava das ações assistencialistas desenvolvidas pelo Centro Espírita Luiz Gonzaga, indivíduos de camadas sociais mais desprovidas: "Duas vêzes por semana, no Centro Espírita S. Luiz Gonzaga, Chico Xavier atende a nada menos de 300 pessoas". In: *Flan – O Jornal da Semana*, nº 11, jun. 1953, p. 7.



Figuras 31 e 32 – Psicografia em sessão do Centro Espírita Luiz Gonzaga, c.1940.
Fonte: Acervo CMLCX.



Figuras 33 e 34 – Psicografia em sessão do Centro Espírita Luiz Gonzaga, certamente em 1955. Ao lado de Chico aparecem Manoel Ferreira Diniz (Lico) e a cunhada Geni Xavier.
Fonte: SANTOS; LEMOS NETO, 2011, p. 217.

Figura 35 – Chico Xavier e seu irmão André Luiz no Centro Espírita Luiz Gonzaga em março de 1952. Fonte: Acervo Casa de Chico Xavier. In: HARLEY, 2010, p.179.

Figura 36 – O médium no Luiz Gonzaga, possivelmente em fins de 1950.
Fonte: Acervo Memorial Luiz Gonzaga.

Figura 37 – O salão do Centro Espírita Luiz Gonzaga durante sessão, junho de 1953. Observa-se a expressiva presença de garrafas de água na mesa para serem fluidificadas. Fonte: Acervo “Flan – O Jornal da Semana”.

Ainda em Pedro Leopoldo, Chico Xavier foi pivô da fundação de outros centros espíritas, notoriamente, o Grupo Espírita Meimei (1952) e o Grupo Espírita Scheilla (1959), locais onde passou a atuar com frequência e influência.[166] No caso do Grupo Espírita Meimei, este surgiu pela demanda crescente advinda dos casos de desobsessão que apareciam durante as reuniões públicas do Centro Espírita Luiz Gonzaga nas noites de segundas e sextas-feiras, mas era necessário “aceitar a direção de um núcleo doutrinário independente, para atender às tarefas da desobsessão”. Esta sessão poderia ser considerada como uma “romaria constante dos enfermos mentais” e Chico Xavier já indicava o “desejo expresso pelos

[166] Outros centros espíritas também surgiram em diversas cidades do país pela influência indireta de Chico Xavier, a exemplo do Centro Espírita Beneficente Bezerra de Menezes fundado em Pedro Leopoldo na data de 30 de junho de 1962, pelo médium passista José Paulo Virgílio (1915-2004), conhecido como Zé de Paulo, que teve esta responsabilidade delegada por Chico Xavier. Sabe-se que José Paulo Virgílio foi também membro da diretoria do Centro Espírita Fé e Amor em Sacramento – MG. Pelo intermédio de Chico Xavier e de Alberto Ferrante Filho, mudou-se para o interior de São Paulo, oportunidade que ficou conhecido como o médium de Franca, quando desenvolveu trabalhos de assistência social, fornecendo cestas básicas e sopa aos necessitados. A Casa da Prece (Culto Assistencial Espírita Alberto Ferrante) localizada na Rua João Lamarca Martos, nº 2.601, na cidade de Franca foi inaugurada em 23 de junho de 1980, por Dona Nenê e José Paulo Virgílio. Em 1972, quando Chico Xavier recebeu o título de Cidadão Francano, José Paulo Virgílio aparece ao seu lado durante premiação. *Cf*. ALVES DA SILVA, Emmanuel. *Os Pioneiros do Espiritismo no Triângulo Mineiro*. Conquista, 2017. Disponível em https://archive.org/details/OEspiritismoNoTrianguloMineiroEmmanuelAlves10112017, acesso em 10 de outubro de 2022.

mentores espirituais, no sentido de se criar um grupo de irmãos conscientes e responsáveis para a assistência especializada aos problemas difíceis".[167]

Havia no Centro Espírita Luiz Gonzaga ações desta natureza que eram dirigidas por José Xavier desde o ano de 1927, porém com o seu desencarne em 1939, este setor foi encerrado. Assim, na noite de 31 de julho de 1952, pontualmente às 20 horas, a primeira sessão de desobsessão do Grupo Espírita Meimei se iniciou utilizando o prédio do Centro Espírita Luiz Gonzaga.[168] As reuniões privativas passariam a acontecer semanalmente às quintas-feiras, sendo encabeçadas pelos espíritas que se dedicavam à assistência dos "alienados mentais" ou obsidiados, notoriamente pelos médiuns Arnaldo Rocha, Francisco Teixeira de Carvalho (Chiquinho Carvalho),[169] Geraldo Benício Rocha (Major), Waldemar Silva (Pachequinho).

> Grupo reduzido. Vinte companheiros que perseveram unidos até agora, dos quais dez médiuns com faculdades psicofônicas apreciáveis. O programa traçado pelos Instrutores Espirituais prossegue dentro de normas rígidas. Reuniões semanais, nas noites de quintas-feiras. Atividades mediúnicas em atmosfera de intimidade. Ausência total de público. Além do quadro habitual da equipe, somente a presença dos enfermos, assim mesmo quando absolutamente necessária. Assiduidade. Horário rigoroso. E, por imposição dos amigos que conosco trabalham, a agremiação recebeu o nome de "Grupo Meimei", em recordação da irmã e companheira dedicada que, de imediato, recebeu do Mundo Espiritual a incumbência de assistir-nos as tarefas e amparar-nos os serviços. Esse o nosso início, recomeçando a obra especializada de desobsessão em Pedro Leopoldo, interrompida por treze anos consecutivos.[170]

---

[167] XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções Psicofônicas*. Por espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1955, p. 4.

[168] A mentora espiritual do grupo se chamava Irma de Castro Rocha (1922-1946), personalidade espiritual de Meimei ou Blandina, entidade que foi identificada pelo espírito de André Luiz no livro "Entre a Terra e o Céu" (1954). Seu viúvo, Arnaldo Rocha (1922-2012), foi o fundador da instituição que se converteu ao Espiritismo quando, cerca de cinquenta dias após o desencarne de sua esposa, recebeu mensagem psicografada por Chico Xavier. In: HARLEY, 2010, p. 202. *Cf*. ROCHA, Alberto de Souza; ROCHA, Arnaldo; RODRIGUES, Wallace Leal Valentim. *Meimei, vida e mensagem*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Matão: Casa Editora O Clarim, 2012.

[169] Junto ao Centro Espírita Meimei funciona o Grupo Espírita Chiquinho Carvalho que, fundado em 20 de março de 1983, homenageia Francisco Teixeira de Carvalho, dirigente das reuniões do Meimei até o seu desencarne em 1982. Ele era casado com Cidália Xavier de Carvalho, irmã de Chico Xavier. In: *Idem*, p. 203.

[170] XAVIER, 1955, p. 5. Além de Arnaldo Rocha, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha e Waldemar Silva, fundadores da instituição, outros médiuns que atuaram no Meimei à época de Chico Xavier foram: Aderbal Nogueira Lima; Antônio Cordeiro de Albuquerque; Antônio Inácio de Melo; Áurea Gonçalves; Edite Malaquias Xavier; Edmundo Fontenele; Elza Vieira; Ênio Santos; Esmeralda Bittencourt; Geni Penna Xavier; Gil de Lima; Hélio Coscarelli; Laura Nogueira Lima; Luiz Peduto; Olga Peduto; Zínia Orsine Pereira. Dentre estes, alguns dos médiuns psicofônicos eram: Zínia Orsine Pereira, Francisco Gonçalves, Elza Vieira e Gil de Lima.

O excerto faz referência, em diversos momentos, sobre a necessidade de rigor e disciplinamento da atividade, além do fato de ser uma sessão privativa, de forma a evidenciar um padrão de evangelização que necessitava diferenciar sua manifestação da comunicação com os espíritos, que poderia ocorrer de diversas formas, mas especialmente pela psicofonia, ou seja, pelo transe que poderia ser acompanhado por transfiguração da voz do médium ou de qualquer outro aspecto de trejeitos. Nestas ocasiões, eram raras as situações de materialização. Em 1954, foi inaugurada na Rua Benedito Valadares uma sede própria e definitiva da instituição, projetada aos fundos do lote da residência de Arnaldo Rocha com a intenção de manter certa discrição durante as sessões, notoriamente em se tratando de comunicação com "espíritos sofredores".

Naquele mesmo ano, por meio de uma gravadora concedida pelo professor Carlos Torres Pastorino do Rio de Janeiro,[171] os médiuns iniciaram as gravações de áudio das mensagens psicofônicas durante as reuniões de desobsessão, a fim de que o conjunto de instruções dos benfeitores espirituais servissem, de maneira mais ampla e para além do restrito círculo daqueles presentes, ao estudo e meditação dos companheiros espíritas. Tais mensagens, sob orientação de Emmanuel, conformaram dois livros: "Instruções Psicofônicas" (1955) e "Vozes do Grande Além" (1957), sendo que o primeiro abarca o período de 1954 a 1955, e o segundo o intervalo de 1955 a 1956, tratando de maneira inédita para o grande público a ritualística deste tipo de sessão mediúnica, dando publicidade, ainda, para o próprio grupo espírita.[172]

---

[171] Autor de PASTORINO, Carlos Torres. *Minutos de Sabedoria*. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

[172] Além dos dois livros publicados em vida por Chico Xavier referentes às suas atividades no Centro Espírita Meimei, importa ressaltar que alguns áudios das sessões de desobsessão foram restaurados e publicados no box "Instruções Psicofônicas & Vozes do Grande Além". 3 DVDs. Versátil Home Vídeo e Versátil Video Spirite. 2012. Outras mensagens inéditas das sessões mediúnicas do Centro Espírita Meimei, que haviam sido gravadas – cujos áudios se perderam – e datilografadas por Waldemar Silva, compuseram o livro *post mortem* "Registros Imortais" (2013). A respeito deste, "Disse-nos Geraldo Leão [memorialista de Pedro Leopoldo], na oportunidade, que possuía as mensagens originais datilografadas dos livros já publicados, capturadas das fitas. Informei a ele que certamente estaria enganado, pois esse material pertencia à FEB. que os editou. Então ele foi aos seus arquivos, buscou; e me entregou uma pasta amarelecida pelo tempo. de um modelo que não se encontra mais. Pude ver um material muito bem conservado, no qual se via o registro das reuniões do Meimei contendo data da reunião, nome dos participantes, a mensagem recebida na noite, o nome do médium e o nome do Espírito comunicante. Fiquei surpreso e muito emocionado ao me deparar com aquele material! Acreditei, de imediato, tratar-se de algo inédito. [...] Procedendo a conferência, pude constatar que as mensagens daquela pasta eram realmente inéditas, pois datavam de 4 de outubro de 1956 a 17 de julho de 1958, sendo a data da última mensagem publicada no livro "Vozes do Grande Além" a do dia 27 de setembro de 1956. Foi um júbilo para mim concluir que as mensagens

Os áudios gravados precisaram de transcrições, o que acontecia por meio de datilografia realizada “pelas mãos de Waldemar Silva, confrade do Grupo Meimei conhecido por Pachequinho, cunhado de Chico Xavier”.[173] Esse dado tem relevância em nossa narrativa na medida em que demonstra o processo de realização das publicações. Arnaldo Rocha, fundador e responsável pelo Grupo Espírita Meimei consta como responsável pelo prefácio e organizador das duas obras resultantes das sessões de desobsessão do grupo – “Instruções Psicofônicas” (1955) e “Vozes do Grande Além” (1957). Todavia, não é oficialmente coautor das obras, o que irá ocorrer nos livros de Chico Xavier fundamentalmente quando o trabalho mediúnico de psicografia é compartilhado. Como de costume, o trabalho de revisão dos textos ficou à cargo dos espíritos, neste caso, Emmanuel.

> Emmanuel fez as revisões dos textos. Organizamos o livro [“Instruções Psicofônicas” (1955)] e Chico recomendou que aparecêssemos como coautores, mas não concordamos, definindo que escreveríamos apenas a apresentação [...]
> Organizamos depois “Vozes do Grande Além”, lançado em 1957. Houve até um diálogo interessante entre mim e o médium para chegarmos a um ponto comum com relação ao título. Logo depois que Chico se mudou para Uberaba, entreguei a ele parte dos originais para um eventual novo livro, obtido das gravações das psicofonias. A cada visita, lembrávamos a Chico e este sempre respondia: “É mesmo, precisamos publicá-lo…”. Depois mudei-me para Brasília, passei a visitá-lo esporadicamente, o tempo passou, e o terceiro livro não foi publicado.[174]

A consciência memorialística presente na necessidade do registro em áudio das mensagens para o seu posterior lançamento em livro à serviço da doutrinação, ganhou outros suportes e ferramentas nas sessões de desobsessão que, no contexto da ritualística espírita, apresenta muitas funções: tratam-se de mensagens consoladoras e educativas para o esclarecimento tanto dos desencarnados quanto dos desencarnados (neste caso, espíritos sofredores e em evolução, segundo o Espiritismo), e comportam o registro das experiências para o ensinamento do próprio

---

da pasta que me foi entregue pertenciam às reuniões subsequentes às contidas nos referidos livros já publicados”. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Registros Imortais*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013, Apresentação. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do Grande Além*. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

[173] XAVIER, 2013, Apresentação. Em entrevista no ano de 2011, aos 99 anos de idade, Arnaldo Rocha disse que, inicialmente, para o livro “Instruções Psicofônicas” (1955) a transcrição foi feita por ele e depois foi Pachequinho, quem continuou essa atividade. ROCHA, Arnaldo. Livros pioneiros obtidos de gravações de psicofonias. In: *Reformador*, ano 129, nº 2.190, set. 2011, p. 12.

[174] *Ibidem*.

rito. O “programa de serviço” da sessão de desobsessão, portanto, começava com comunicações instrutivas na abertura das tarefas – como mensagens, avisos e preces –, seguido do momento da interferência “para concurso direto na solução de problemas difíceis quanto ao esclarecimento a companheiros necessitados” e, por fim, as “preleções educativas no encerramento das reuniões”. Ao todo, essa sessão não ultrapassava duas horas de realização.

> Destinamos os primeiros quinze minutos à leitura de trechos doutrinários, à prece de abertura e à palavra rápida do amigo espiritual que nos fornece instruções. Às vinte horas e quinze minutos, aproximadamente, encetamos o socorro aos desencarnados, constando de esclarecimento e consolo, enfermagem moral e edificação evangélica, a benefício das entidades conturbadas e sofredoras, no que despendemos noventa minutos, valendo-nos da cooperação de todos os médiuns presentes. Às vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos, o ambiente é modificado. É a parte final que dedicamos à prece, em favor de enfermos distantes. E, nesses quinze minutos que precedem o encerramento, sempre recebemos, pela psicofonia sonambúlica de Francisco Cândido Xavier, a palavra direta de nossos instrutores e benfeitores desencarnados.[175]

Com o tempo, sessões mediúnicas públicas também passaram a acontecer no Grupo Espírita Meimei, semanalmente aos sábados contando com a presença de Chico Xavier que seguia com os fiéis após as peregrinações. Dentre os presidentes do Grupo Espírita Meimei estão Arnaldo Rocha, Francisco Teixeira de Carvalho, Geraldo Benício Rocha, Decanor Gonçalves e Eugênio Eustáquio dos Santos.[176]

[175] XAVIER, 1955, p. 5.
[176] “Emmanuel recomendou que Chico iniciasse uma outra reunião no Grupo Meimei. Surgiu assim a reunião mediúnica dos sábados. Foi no Luiz Gonzaga que se realizaram as reuniões de materialização, quando Peixotinho visitou o Chico”. In: ROCHA, 2011, p. 13.

Figura 38 – Fachada do Centro Espírita Meimei e Grupo Espírita Chiquinho Carvalho, [década de 1980]. Fonte: Acervo Grupo Espírita Meimei.

Figura 39 – Fachada do Centro Espírita Meimei e Grupo Espírita Chiquinho Carvalho. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, ago. 2015.

Figura 40 – Reunião no Grupo Espírita Meimei, tendo Chico Xavier ao centro, [década de 1950]. Fonte: Acervo Grupo Espírita Meimei.

Figura 41 – Chico Xavier e Arnaldo Rocha, fundador do Grupo Espírita Meimei, [década de 1950]. Fonte: Acervo Grupo Espírita Meimei.

Foi em uma reunião pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, que Chico Xavier recebeu a manifestação de um espírito elevado denominado Scheilla por meio de trabalhos de materialização e cura,[177] que disse aos membros da diretoria

[177] Sobre as sessões espíritas nas quais se materializavam objetos por meio do intermédio mediúnico, notoriamente por médiuns de efeitos físicos, sabe-se que a primeira sessão foi realizada em Pedro Leopoldo em fevereiro de 1948, quando "na residência do Dr. Rômulo Joviano, alto funcionário do Estado, em Pedro Leopoldo, ficou combinada uma reunião de materialização. Estariam presentes o médium Francisco Cândido Xavier, como um dos assistentes, e o médium Francisco Lins Peixoto ou Peixotinho, como é conhecido, e que serviria de médium de materialização". Daí por diante, anualmente o médium Peixotinho voltava à Pedro Leopoldo quando, entre 1952 a 1954, realizou tais fenômenos tanto no quarto de Chico Xavier quanto no Centro Espírita Luiz Gonzaga, ocasiões que foram fotografadas e cópias das imagens foram autenticadas por Chico Xavier e distribuídas aos interessados. Testemunho dado por Ranieri como um "depoimento de um delegado de polícia". In: RANIERI, Rafael Américo. *Materializações Luminosas*. 3ª ed. São Paulo: Ed. FEESP, 1989, p. 17.

ali presentes sobre a necessidade de se criar mais um núcleo espírita de trabalho na cidade, outra casa espírita irmã, o que ocorreu sob a responsabilidade de José Flaviano Machado, conhecido como Zeca Machado, em 3 de agosto de 1954.[178] Ele iniciou reuniões de assistência espiritual às quintas-feiras em seu escritório localizado no casarão da Companhia Industrial em Pedro Leopoldo – antiga Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande –, local em que era gerente dessa companhia e onde o espírito Scheilla já se manifestava através de sua filha Eliana Machado. Posteriormente, as reuniões deste novo agrupamento passaram a acontecer às terças-feiras no Grupo Espírita Meimei, mas em 1959, as reuniões foram transferidas para a residência da família Machado.[179]

Figura 42 – José Flaviano Machado e Chico Xavier em fins da década de 1950.
Fonte: Acervo Grupo Espírita Scheilla.

Figura 43 – Chico Xavier e Peixotinho, setembro de 1953. Fonte: Acervo CMLCX.

A rotina de atividades, o relacionamento entre as pessoas e as instituições, as ritualísticas relacionadas, tudo isso definia o dia a dia de Chico Xavier em Pedro Leopoldo, de forma a estabelecer uma estrutura primordial de ações que expõem as redes de relações de parentesco e apadrinhamento, notoriamente em suas interações de dependência e subordinação. Em uma cidade do interior como era o

[178] A última encarnação do espírito da Irmã Scheilla, há notícias de que a enfermeira de família espírita viveu na Alemanha no período de 1915-1943, tendo desencarnado juntamente com seu pai, o médico homeopata Dr. Fritz, durante um bombardeio dos aliados sobre a Alemanha, após a queda de um avião sobre a residência em que viviam.

[179] Atualmente, existem cadastrados na Aliança Municipal Espírita (AME – Pedro Leopoldo) um total de 10 centros espíritas, a saber: Centro Espírita Luiz Gonzaga (fundado em 08/07/1927); Grupo Espírita Meimei (31/07/1952); Grupo Espírita Scheilla (05/08/1954); Centro Espírita Beneficente Bezerra de Menezes (23/10/1967); Grupo Espírita Chiquinho Carvalho (20/03/1983); Templo Espírita Leopoldo Cirne (03/03/1974); Centro Espírita Casa do Caminho (20/11/1993); Grupo Espírita A Caminho da Luz (04/11/1995); Centro Espírita Amor e Luz (Matozinhos, 23/06/1960); Centro Espírita Albino Teixeira (Matozinhos, 22/06/1996).

caso de Pedro Leopoldo, a narrativa até aqui exposta explicita a efusiva participação dos membros da família Xavier nas práticas religiosas encabeçadas por Chico. É um ponto nodal de sustentação de toda uma estrutura em funcionamento e, assim, poderia ser também um ponto de cisão.

Em meados de 1958, um dos filhos da irmã Maria da Conceição Xavier Pena, seu sobrinho Amaury Pena foi até alguns jornalistas de Belo Horizonte no intuito de desmistificar o que ele chamou de farsas das obras literárias de Chico Xavier, ou seja, dava a entender que o tio tinha iludido a todos, uma vez que ele possuía farta cultura e o que ele realizava não se tratava de uma comunicação além-túmulo, mas sim de mistificação.[180] Chico Xavier já havia tido sua imagem imaculada aviltada em outros dois casos que repercutiram muito negativamente na trajetória do médium em nível nacional, seja em 1944, quando ele e a FEB foram processados pela família de Humberto de Campos, mas foi defendido pelo advogado Miguel Timponi e absolvido;[181] ou na situação da reportagem do jornalista David Nasser e do fotógrafo Jean Manzon que expuseram o médium a imagens que o ridicularizaram e contestavam a sua mediunidade, tendo usado para isso identidades falsas a fim de conseguir a entrevista.[182]

Nestas publicidades que colocavam em descrédito e promoviam ações de controvérsias no Espiritismo, deve-se ainda ser referenciada as cruzadas promovidas pela Igreja Católica contra a Doutrina especialmente a partir da década de 1930 e, obviamente, contra o seu maior divulgador. Apesar da crescente organização e execução de ações articuladas em prol da difusão espírita e que fundamentam as práticas religiosas sempre expostas pelo médium como sendo de uma matriz baseada em princípios espíritas cristãos, a oposição era crescente e foi liderada por alguns intelectuais católicos de expressiva produção bibliográfica.[183] A

---

[180] A matéria foi publicada inicialmente no jornal “O Diário de Minas” e depois circulou em nível nacional por meio da manchete “Desmascarado Chico Xavier pelo sobrinho e auxiliar”. In: *O Globo*, 16 de julho de 1958, p. 1. A mistificação corresponderia, no jargão kardecista, à prestidigitação, à impostura, à farsa, o que inclui a possibilidade de o médium estar na condição de obsidiado. *Cf*. Desmascarado Chico Xavier. In: *Reformador*, nº 12, dez. 1958, p. 15.

[181] TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

[182] NASSER; MANZON, 1944, p. 4-14. *Cf*. NASSER, David; MANZON, Jean. *Mergulho na aventura*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945. CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: SENAC, 2001.

[183] Alguns livros de orientação católica que se opunham manifestadamente contra o Espiritismo são: *Os Segredos do Espiritismo* (1938) pelo Padre Júlio Maria; *Estudo Crítico das Ciências Ocultas* (1943) por Filipe Machado Carrion; *A Ilusão Espírita* (1951) por Ramos de Oliveira; *Por que não admito a Reencarnação* (1952) por Frei Boaventura Kloppenburg; *As Fraudes Espíritas e os Fenômemos Metapsíquicos* (1953) pelo Padre Carlos Heredia; *Tolices de Allan Kardec* (1953) por

crítica, que vinha fundamentada em forma de livros, também se manifestava na imprensa religiosa e leiga de modo a inflamar os discursos contra o Espiritismo, sendo o Dom Frei Carlos José Boaventura Kloppenburg OFM um dos maiores opositores públicos de Chico Xavier, seguido do Padre Júlio Maria e do Padre Sinfrônio Torres de Freitas.[184]

E neste contexto Chico Xavier que havia sido admitido no serviço público pela Inspetoria Regional do Fomento da Produção Animal em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, órgão ligado ao Ministério da Agricultura na data de 1º de agosto de 1935 como "escrevente dactilógrafo", teve sua transferência para Uberaba aprovada e assinada em 18 de dezembro de 1958, para ser responsável pelo serviço de cadastro e estatística da zona do Triângulo Mineiro. Oficialmente, além das demandas do trabalho da filial da Fazenda Modelo em Uberaba, Chico Xavier usou um dos seus artifícios mais eloquentes: "o amparo que me deste, quando a saúde em dificuldade me aconselhava, através de médicos amigos, a transferência para o clima do Triângulo Mineiro".[185]

Junto da linha de ferro circulavam não apenas mercadorias e pessoas, mas ideias. E foi também por meio da linha de trem que o Espiritismo chegou à Pedro Leopoldo e fez Chico Xavier tomar o rumo da cidade de Uberaba, lugar pelo qual o boi também uniu estas histórias. O translado de Chico Xavier marcou uma nova temporalidade na história oficial da cidade de Uberaba: da exploração colonial para o desenvolvimento do gado, temos agora como último marcador o nome do médium Chico Xavier.

> Pedro Leopoldo cresceu, desenvolveu-se, teve aumentada a sua população, e graças a Chico Xavier tornou-se uma cidade conhecida

---

Justino Mendes; *Material para Instrução sobre a Heresia Espírita* (1953) por Frei Boaventura Kloppenburg*; Por que o católico não pode ser Espirita* (1953) por Frei Boaventura Kloppenburg; *Por que a Igreja condenou o Espiritismo* (1953) por Frei Boaventura Kloppenburg; *Resposta aos Espíritas* (1954) por Frei Boaventura; *Posição Católica perante a Umbanda* (1954) por Frei Boaventura Kloppenburg; *O Livro Negro do Espiritismo* (1955) por Frei Boaventura Kloppenburg; *Por que a Igreja condenou o Espiritismo* (1960) por Frei Boaventura Kloppenburg; *Ação pastoral perante o Espiritismo* (1961) por Frei Boaventura Kloppenburg e Frei Desidério Kalverkamp; *Espiritismo – Orientação para Católicos* (1986) por Frei Boaventura Kloppenburg. Conferir o tema da Campanha Nacional Contra a Heresia Espírita, entre os anos de 1953 e 1965, em SCHERER, Bruno. *Combate à "heresia espírita": os enfrentamentos entre Espiritismo e Catolicismo no campo religioso (Rio Grande do Sul, 1953-1965)*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

[184] Futuramente, a perseguição contra os espíritas também vai se estender para outros cristãos, notoriamente entre os neoprotestantes. *Cf*. MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias*: deuses ou demônios? São Paulo: Unipro, 1997.

[185] SANTOS; LEMOS NETO, 2011, p. 312.

> em todos os rincões do País, e mesmo além-fronteiras, e a própria imprensa profana batizou-a “Meca do Espiritismo”.[186]

O que se percebe na análise biográfica, esta estratigrafia memorialística por traços biográficos, é que a cidade de Pedro Leopoldo pareceu um ensaio para uma fase de um projeto maior, de modo que, comparando com o percurso de Allan Kardec, Pedro Leopoldo estaria para Lyon – o “coração do Espiritismo”, lugar de nascimento de Kardec e onde, a partir de 1960, ele começou uma jornada de divulgação da Doutrina e que se difundiu muito rapidamente –, tal qual Paris estaria para Uberaba – a “capital do Espiritismo”.[187]

> A localidade de Pedro Leopoldo foi outrora a Meca dos jornalistas e literatos, quando os escritos do admirável psicógrafo tinham o sabor das coisas novas. O movimento foi com o tempo diminuindo, porém ainda hoje para lá afluem visitantes de toda a parte, do exterior inclusive. A popularidade de Chico vem daquele largo noticiário da imprensa brasileira e não somente da difusão de suas obras.[188]

Em mesma proporção que Pedro Leopoldo se viu germinal, em grande medida, pela influência de Chico Xavier naquele território, a cidade também sofreu uma descompressão muito repentina quando o médium se mudou para Uberaba nos primeiros dias de 1959 e, assim, transferiu o lugar de Meca do Espiritismo. Chico Xavier foi levado a fazer uma peregrinação em busca de um lugar no qual pudesse ampliar seu circuito de influências, as ações de divulgação da Doutrina e que permitisse enraizar o Espiritismo no Brasil. E levava para Uberaba o mesmo porvir vivido em Pedro Leopoldo, com requintes de uma aproximação ainda maior com os donos do poder à época, com benefícios financeiros repartidos entre muitos.

> Já se faz sentir de maneira acentuada a ausência de Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Há cerca de um mês que ele se ausentou e a esta altura a cidade já teve o seu movimento normal diminuído em cerca de 30%, pelo menos no comércio hoteleiro, e os carros de praça, que estão com as atividades reduzidas. Quando se tornar inteiramente conhecida a notícias de sua mudança, mais declinará o movimento dos visitantes em meu Município.[189]

Empreende-se na linha argumentativa desta tese, que as experiências desenvolvidas em Pedro Leopoldo foram fundamentais para a ampliação dos

---

[186] Pedro Leopoldo. In: *Reformador*, nº 5, mai. 1953, p. 19.
[187] AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990, p. 32 e p. 35. Tradução nossa.
[188] *Reformador*, nº 8, ago. 1955, p. 19.
[189] *Reformador*, nº 8, fev. 1959, p. 21.

projetos doutrinários de Chico Xavier. Assim, quando o médium se transferiu para Uberaba, levou consigo uma grande bagagem de experiências na prática do Espiritismo. Também, desenraizava-se de um território no qual as pessoas o conheciam desde a mais tenra idade, o que imprimia uma certa imagem de difícil repactuação, cristalizada por suas relações advindas da sua origem. Mas, em Uberaba, com a conveniência de já ter ali estado na condição de um médium em crescente afluência, um trabalhador servidor-público, um homem de meia-idade. Em Uberaba, Chico Xavier não seria mais o “filho do seu João”, não contaria com redes de parentesco que sustentavam e contribuíam, mas também conduziam à dependência para a realização das atividades mediúnicas em Pedro Leopoldo. Uberaba marca o momento de consolidação se sua prática mediúnica, tendo quase 30 anos de mediunato e 60 livros psicografados publicados, além da configuração de outras relações de fraternidade e, até mesmo, familiares.

Em grande medida, não se questionava tanto mais a sua idoneidade como em Pedro Leopoldo, quando teve que fazer várias demonstrações para confirmar a existência dos espíritos comunicantes, bem como a sua capacidade de comunicação com o além-túmulo. A convicção de sua potência – e da competência – mediúnica também o confortava para seguir com projetos mais ambiciosos e teve amparo na consolidação de idoneidade por meio das práticas assistencialistas. Assim como em outros tempos em Pedro Leopoldo, Uberaba agora passava a ter duas riquezas: o boi e o Chico, patrimônios que criam mais redes de interlocução e possibilidades nesta tessitura, incluindo no mapa da memória do Espiritismo outros *locus* de diálogo. Tal qual em seus livros, em sua vida Chico Xavier precisava virar uma página.

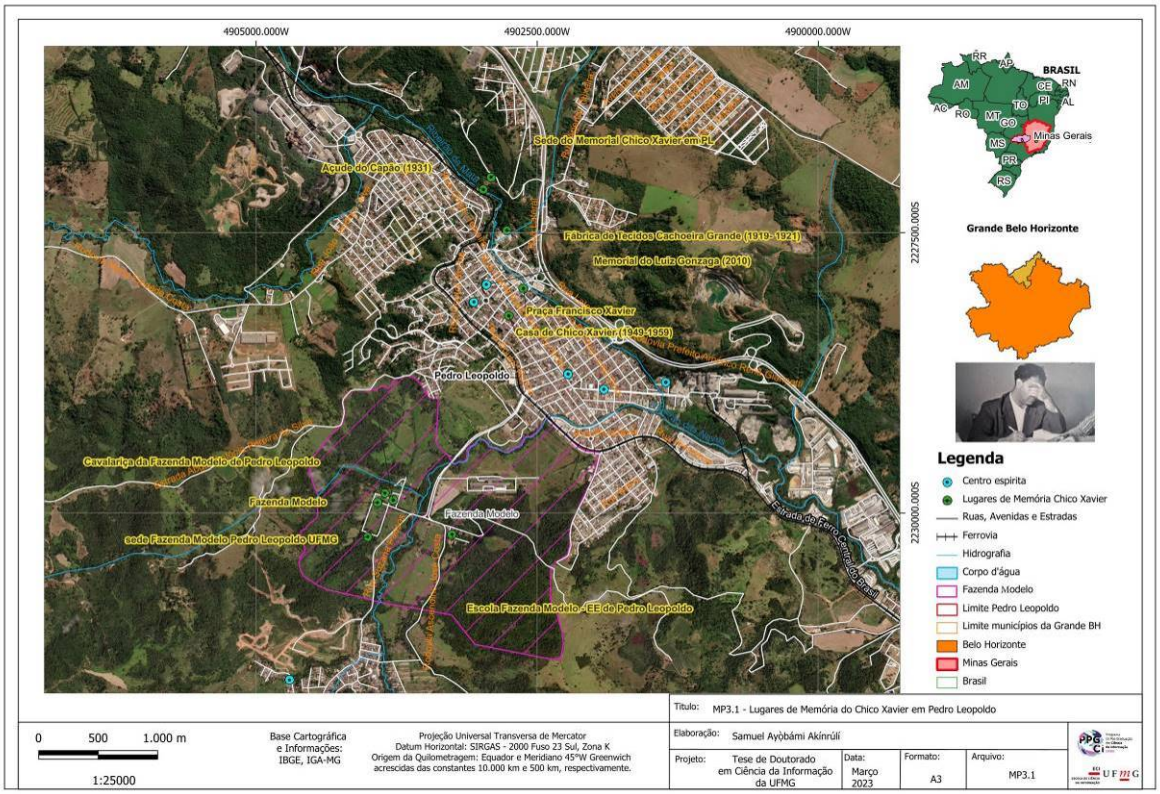


Figura 44 – Lugares de memória de Chico Xavier em Pedro Leopoldo – Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar.2023.

1.3. Uberaba – agora sim, “uma Meca para o Espiritismo”!

O escritor Mário de Andrade após décadas de envolvimento em pesquisas sobre a cultura popular na extensão do território brasileiro, afirmou que havia um elemento que ligava o norte ao sul do Brasil, uma certa obsessão que conformava um complexo nacional e que seria o boi. A partir deste bem transversal, o Brasil se interiorizava, promovia a permanência do homem em biomas erradios, tal qual os sertões, concedia alimento, vestuário e manifestava a sua cultura. Na análise das danças dramáticas brasileiras, observou que de maneiras muito diversas os bichos evocavam nas tramas papéis centrais e protagonizavam rituais de morte e ressurreição. Um interesse os unia, portanto, e era conjuntamente econômico e místico, terreno e divino, o que salientava o protagonismo do boi pelo drama e pela apoteose. Assim, para o autor, a

> importância do boi na vida brasileira, do chefe no organismo tribal, da mourama na conquista de terras, deu ao boi, ao chefe, ao mouro, um valor místico, um valor religioso, esotérico às vezes, e sempre simbólico, que foi o convite à criação das danças dramáticas. Foi a finalidade religiosa que deu aos bailados a sua origem primeira e

> interessada, a sua razão de ser psicológica e a sua tradicionalização.[190]

A cidade de Uberaba, localizada nas microrregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba no Estado de Minas Gerais, foi escolhida pelo médium Chico Xavier como sua casa desde 1959, quando se mudou de Pedro Leopoldo. Uberaba, portanto, já era conhecida por Chico Xavier por conta da Fazenda Modelo, e sua imagem era difundida como a cidade que possuía o *status* de capital mundial do gado zebu. Localizada na região central do país, em uma posição equidistante dos principais centros econômicos brasileiros, Uberaba estava a 490 km da cidade de São Paulo/SP, a 494 km de Belo Horizonte/MG, a 477 km de Goiânia/GO, a 530 km de Brasília/DF. Deste ponto de vista, Uberaba representava um celeiro fértil também para o Espiritismo.

O aproveitamento de sua posição estratégica, bem como de seus terrenos bastante fecundos que promoveram facilidades de fluxos de pessoas e ideias, parecem ser tônicas de relevância para o desenvolvimento de Uberaba e, também, das práticas espíritas na região. A origem colonial se ligou à exploração do sertão oeste do Brasil, porém, posteriormente sua fama se fez a partir do desenvolvimento da economia pecuária na região, que tomou proporções agigantadas.

Por sua posição astuciosa como porta de entrada para o Brasil Central, ao longo dos anos Uberaba desempenhou o papel de centro comercial-articulador dos negócios feitos entre o litoral e o sertão e polo irradiador de povoamento de todo o Triângulo Mineiro e Sul de Goiás. A partir de fins do século XIX, foi crescente uma oligarquia produtora de gado e incentivadora da introdução de novas raças e do seu melhoramento genético – especialmente indianas, como o boi zebu –, que deu identidade econômica à região. A partir da década de 1910, ocorreu uma enorme projeção desta classe no controle econômico e político local, o que também se somou ao fato de Uberaba se tornar um centro abastecedor de exportação de gado para outras regiões do país.[191]

---

[190] ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982, p. 26. *Cf*. ANDRADE, Mário de. *As Melodias do Boi e outras peças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

[191] Segundo Pedro dos Reis Coutinho, no ano de 1819, há referências de fazendeiros com patrimônio estimado em torno de 500 e até 1000 cabeças de gado na região integrada ao chamado Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro. Com o tempo, além de produtora, Uberaba se tornou centro comercial e intermediário da produção pecuária produzida em outras regiões do Brasil, como em Goiás e Mato Grosso. Ainda segundo Coutinho, a partir de 1890, iniciou-se uma busca para a melhoria da qualidade bovina e, desta iniciativa, nasceu a zebuinocultura, que projetou o criatório

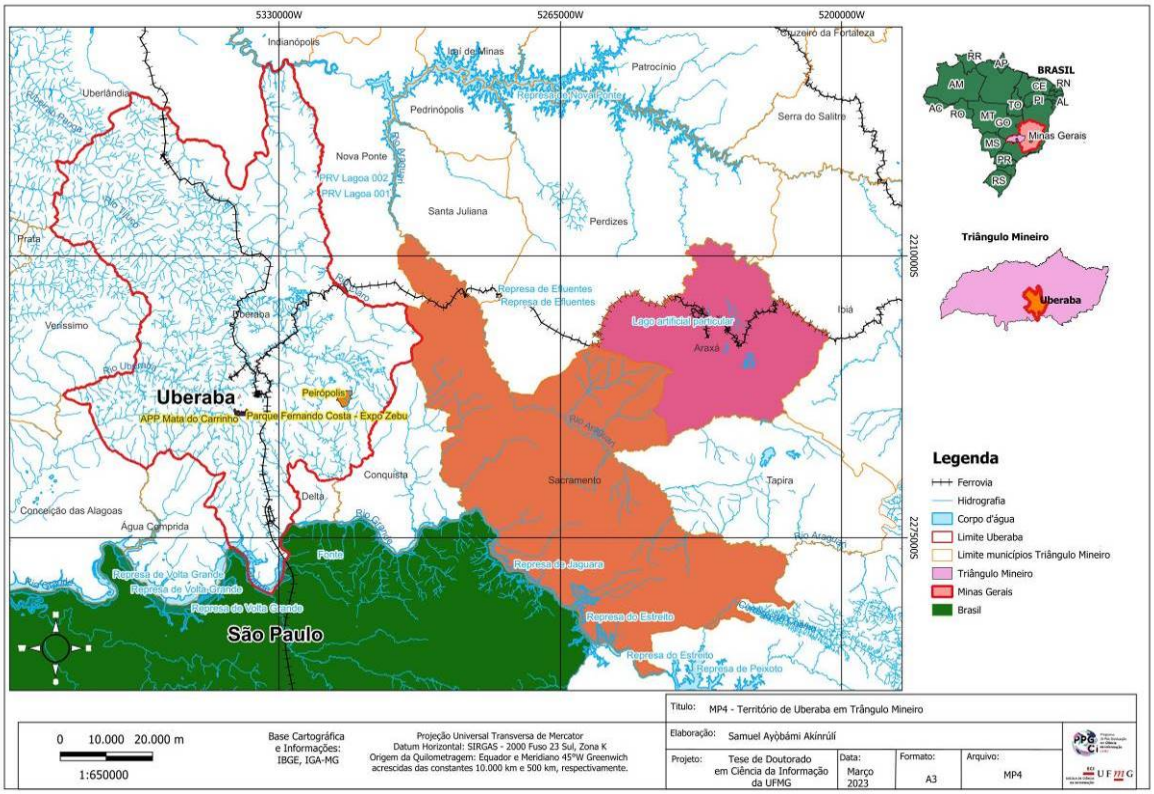


Figura 45 – Localização de Uberaba tomando suas referências territoriais, hidrográficas e da via ferroviária. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Em junho de 1932, foi fundada no município a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (SRTM) com o intuito de promover, centralizar e liderar iniciativas para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do gado zebu no país. A Sociedade *Herd Book* Zebu que havia sido criada em 1919, foi então incorporada à recém-inaugurada SRTM e, posteriormente, originou em 1967, a atual Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), movimento que refletia o fato de o Brasil se tornar um dos grandes exportadores de carne bovina, tendo Uberaba como um dos seus centros de criação.[192]

---

uberabense e transformou a cidade em centro difusor de tecnologia e pesquisa genética das raças de origem indiana. Hoje em dia, o município possui 50% de sua área utilizada por pecuaristas explorando a produção de gado para leite e corte. *Cf*. COUTINHO, Pedro dos Reis. *Uberaba, Matriz da Civilização do Brasil Central – Folder História e Imagens de Uberaba*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

[192] Os principais objetivos da fundação destas instituições estavam no desenvolvimento e divulgação da pecuária zebuína, com destaque para a promoção e o aprimoramento dos rebanhos através da seleção e do registro genealógico das raças. Também, a fim de se aproximar dos principais setores em torno da agropecuária e da agroindústria, no intuito de garantir acordos decisivos nos meios políticos. *Cf*. LOPES, Maria Antonieta Borges; MARQUEZ, Eliane Mendonça. *ABCZ 100 anos – história e histórias*. 3ª ed. rev. São Paulo: Bela Vista Cultural, 2019.

Com isso, já em 1934, organizada pela SRTM foi aberta a Primeira Exposição de Zebu (Expozebu) – que ainda hoje é realizada e conta com a presença costumeira de diversos políticos, incluindo o presidente do país que abre o evento – e, em 1937, foi fundada a Fazenda Experimental de Criação, uma das sucursais da Fazenda Modelo sob a responsabilidade do Ministério da Agricultura.[193] Em 1941, com a construção do Parque Fernando Costa criado para melhor receber os visitantes nas Expozebu, observa-se que tais ações estavam em consonância com diversas práticas científicas à época voltadas às ideias de modernização da agricultura no país, que seguia o emprego do uso racional dos recursos naturais e a defesa do corolário de domesticação do ambiente tropical, resultando em grandes impactos em diversos locais no mundo ao que, à época, convencionou-se chamar de “revolução zebu”.[194]

O sucesso da pecuária zebuína se mostrava tão importante para a economia, notoriamente para a pecuária de corte nacional, que o fazendeiro José Caetano Borges ergueu em 29 de novembro de 1939, um monumento na Praça Dom Eduardo no bairro das Mercês em Uberaba, a fim de comemorar os cinquenta anos da introdução dos primeiros espécimes de puro sangue zebu na cidade. Na mesma época, empresários uberabenses criaram o Banco Triângulo Mineiro e a crescente econômica também refletia na tendência à ampliação da urbanização. Em setembro de 1960, por exemplo, o censo demográfico de Uberaba apontava para um total de 87.835 habitantes, sendo 72.053 residentes na zona urbana e 15.780 na zona rural. A cidade contava com 118 ruas, 16 praças, 1 ladeira, 6 travessas, 2 avenidas e 2 becos.[195]

Nesta seara, foi inaugurado em 1958, o Aeroporto Santos Dumont em Uberaba sendo, à época, considerado o 3º mais bem aparelhado do país, seguindo apenas daqueles de São Paulo e do Rio de Janeiro. Aquele aeroporto foi renomeado no ano de 2007 para Aeroporto de Uberaba Mário de Almeida Franco em homenagem a um dos maiores pecuaristas de Minas Gerais e um dos pioneiros da

---

[193] No Parque Fernando Costa em Uberaba onde se realizam anualmente as Expozebu, onde também é a sede da sede da ABCZ, foi instalado o Museu do Zebu Edílson Lamartine Mendes (MuZe) no ano de 1983, instituição que reúne relevante acervo sobre a história e evolução das raças zebuínas no mundo.

[194] MONZOTE, Reinaldo Funes. The Short-Lived Zebu and Beef Boom in Cuba Before the 1959 Revolution. A Socio-Environmental Approach. In: *Global Environment*, nº 16, p. 124-140, 2023.

[195] PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

aviação regional, que doou parte de suas terras para a sua construção. Este dado que reflete a ambiência e ascendência de um contexto de concentração de renda e de amplitude de uma determinada classe oligárquica nacional é entendido nesta tese tal qual o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, ou seja, a investigação se baseia no sentido de decifrar, ler e interpretar os indícios, dados decisivos para a interpretação do todo.[196]

> A continuidade política é indicada pela sobrevivência da elite tradicional ao longo do processo de modernização. Essa elite tradicional se formou pela interligação de dois setores – a oligarquia rural e a "classe política" – que ocupavam os espaços de poder num contexto predominantemente rural, através de formas típicas como as lutas de família e o "coronelismo". [...] Um fator relevante é a diversificação de papéis da elite tradicional. Partindo de sua base agrária, ela passou a abranger interesses industriais, financeiros e outros. Esta diferenciação de funções alcançava também a esfera governamental [...].[197]

Para Otávio Dulci, a elite agrária se organizou como um grupo diferenciado em relação às diversas elites que compunham o tecido social mineiro à época. Em grande medida, estas classes produtoras – notoriamente compostas por comerciantes, industriais e fazendeiros – estavam associadas ao setor privado que influía sobre as instâncias do poder público e também sobre a sociedade em geral. Havia uma convergência entre o Estado, a elite política e o mundo da produção, o que enfatiza, de acordo com o sociólogo

> uma história de cumplicidade entre o Estado e o latifúndio em Minas, alicerçada na garantia do direito de propriedade e na prática de concessão de terras devolutas, ambas perpetuando a exclusão política do campesinato – objetivo muito mais importante para a elite agrária do que medir forças com o empresariado urbano ou com o Estado "desenvolvimentista".[198]

A elite agrária, que representava os grandes e os médios fazendeiros da primeira metade do século,

> absorviam razoavelmente as propostas de modernização técnica, que aliás eram constantemente preconizadas pelas lideranças do setor. Eles não se opunham ao progresso, desde que não perdessem poder [...]. Esse era o ponto-chave: a convergência de interesses não se dava em torno do projeto econômico, mas da

[196] GINZBURG, 1989.
[197] DULCI, 1999, p. 115-116.
[198] *Idem*, p. 122.

> fórmula política. Havia grandes diferenças entre os proprietários, no tocante ao tamanho das terras, ao volume de produção, ao tipo de tecnologia utilizada, ao caráter mais ou menos capitalista de seu empreendimento, etc. No entanto, o traço comum que os unia a todos era a percepção do campo como seu domínio privativo. Para assegurá-lo, a função estatal de manutenção da ordem era determinante, e nisto residia a razão mais profunda do vínculo da elite agrária com o poder público estadual – provedor dos serviços judiciários e policiais.[199]

Neste sentido, Chico Xavier apesar de vir das classes populares, tinha como seu principal público, as classes médias consumidoras e com poder aquisitivo para adquirirem as obras espíritas e poderem sustentar a ampliação do Espiritismo. No entanto, quando se ambiciona ampliar a estrutura e atingir outros territórios – e também outros consumidores –, era preciso um maior capital de giro para a conversão a favor da causa missionária que, neste aspecto, incluía as classes populares que eram beneficiadas por ações assistencialistas de grande impacto. Neste aspecto, grandes patrocinadores sempre estiverem presentes no universo íntimo de Chico Xavier, sendo tratados com grande zelo e amizade, o que demonstra conciliação do médium com as estruturas de poder a trânsito nos bastidores da política ruralista nacional que, à época, tratava-se de uma oligarquia que se posicionava contra as reformas de base propostas pelo presidente João Goulart e que apoiava os grupos militares que sempre tinham palanques nas Expozebu. Mário de Almeida Franco (1910-1974) foi um dos maiores doadores e apoiadores de Chico Xavier em Uberaba, sendo ele produtor local, propriedade da Fazenda São Geraldo e muito influente na ABCZ.

Esta pujança econômica de Uberaba em meados do século XX, associada a um ambiente com tendência à urbanização, com concentração de renda e pouca mobilidade social, também facilitou o adensamento das práticas espíritas no sertão das Gerais, fatores considerados decisivos para a conformação da cidade enquanto uma localidade de relevância para a comunidade espírita. A presença de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) na região, médium e educador espírita que fundou na cidade de Sacramento, município vizinho à Uberaba, a primeira escola espírita do país, o Colégio Allan Kardec (1907), foi impactante e reflete a aderência do

[199] *Idem*, p. 122-123.

Espiritismo e sua prática no ambiente rural do Brasil, temas ainda pouco estudados em âmbito acadêmico.[200]

Seus familiares residentes na Fazenda Santa Maria já realizavam sessões espíritas em princípios do século XX, oportunidade na qual Barsanulfo teve seu primeiro contato com o Espiritismo, de modo que em 1905, ele fundou o Grupo Espírita Esperança e Caridade, ainda hoje em funcionamento na antiga escola. Tratado popularmente como "Seu Eurípedes", ele manifestava diversos tipos de mediunidade – receitista, vidente, audiente, psicofônico, psicógrafo –, tendo maior dedicação na mediunidade de cura, inclusive por meio de fenômenos parapsíquicos como o desdobramento e a bicorporeidade. A procura por ele em Sacramento se tornou crescente, de tal forma que casas eram alugadas aos visitantes que iam em busca do "Apóstolo do Triângulo". Um processo-crime de exercício ilegal da medicina foi aberto contra ele no ano de 1914, tendo sido posteriormente recusado pela justiça e prescrito em 1918, mesmo ano no qual o médium faleceu de gripe espanhola.[201]

Por aqueles tempos, o Espiritismo já se enraizava na região. Em 1902, por exemplo, Carlos Baccelli relatou que no "Almanaque Uberabense" havia seguinte publicação:

> SPIRITISMO – data de poucos anos (cinco, mais ou menos) o aparecimento franco e formal do Espiritismo nesta cidade. Antes desta época, dois ou três espíritas isolados do movimento que se espalhava pelo mundo, envolviam no silêncio as suas convicções.[202]

---

[200] SANTOS, Sônia Maria Barsante. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 28 set. 2014, mp3. É interesse observar um fenômeno regional que se trata da grande presença de indivíduos na região do Triângulo Mineiro com o nome Eurípedes, notoriamente pessoas atualmente identificadas como sendo de meia-idade, cuja nomeação certamente fazia referência e homenagem ao espírita mineiro. Também, é de relevância o fato que a escritora Maria Carolina de Jesus (1914-1977), célebre pela obra "Quarto de Despejo" (1960) que retratou o cotidiano de sua vida na capital de São Paulo na Favela do Canindé, era natural de Sacramento e estudou no Colégio Allan Kardec onde foi alfabetizada, mas logo largou os estudos tendo cursado até o segundo ano primário (1923-1924).

[201] RIZZINI, Jorge. *Eurípedes Barsanulfo*: o Apóstolo da Caridade. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno do ABC, 1979. NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o Homem e a Missão*. Araras: IDE, 2007. Ressalta-se que a sobrinha de Eurípedes Barsanulfo era a médium Heigorinha Cunha (1923-2013), filha de "sinhazinha", proprietária da Fazenda Santa Maria. Quando tinha dez anos, há relatos de sua dedicação à produção dos "enxovaizinhos" que eram distribuídos às mães carentes. Além de mensagens psicografadas, produziu desenhos mediúnicos que representavam algumas cidades espirituais que constam nos livros "Cidade no Além" (com Chico Xavier, 1983) e "Imagens do Além" (1994).

[202] BACCELLI, Carlos Antônio. *O Espiritismo em Uberaba*. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1987, p. 26. É preciso citar, ainda, a influência do espanhol Frederico Peiró (1859-1915) no movimento espírita que avançava na região, inclusive na zona rural, local onde tinha um centro espírita e atualmente é designado de Peirópolis, distrito de Uberaba/MG.

O marco da constituição de um espaço público de devoção espírita em Uberaba seria, portanto, o ano de 1897, quando “operou-se benéfico movimento, tendo, como resultado a criação do grupo Cristo, Deus e Caridade”, todavia, refletia apenas uma das facetas do Espiritismo, pois o excerto deixa entender a existência anterior de cultos do Evangelho no lar.[203] Ainda de acordo com Baccelli, após este primeiro movimento, outros grupos espíritas surgiram, mas a sobrevida deles era curta, devido às perseguições católicas que se transformaram em acirrados afrontamentos.

O autor também informou que, inicialmente, os estabelecimentos espíritas de inspiração kardecista se concentravam na região do bairro Alto dos Estados Unidos, um dos principais e mais antigos de Uberaba que começou a ser formado a partir da Praça Comendador Quintino. Ali, no ano de 1881, havia se estabelecido o italiano Pascoal Toti, um dos pioneiros da indústria de alimentos e que promoveu o adensamento populacional na região. Foi no bairro Alto dos Estados Unidos que foi fundado o Centro Espírita Uberabense (1910) por iniciativa do cearense e professor João Augusto Chaves, que em 1922, iniciou um movimento de doações chamado de “Natal dos Pobres”. Naquele bairro também foi fundado o Sanatório Espírita de Uberaba (1933), que era mantido pelo Centro Espírita Uberabense, cuja instalação fomentou, ainda mais, o crescimento do bairro Estados Unidos e do seu entorno. Quando se deslocava à trabalho para Uberaba, Chico Xavier participava de sessões noturnas tanto no Centro Espírita Uberabense, quanto no Sanatório Espírita de Uberaba, contando com audiência de aproximadamente 200 pessoas.[204]

É neste cenário de expansão econômica, de amplitude da rede de transportes, com concentração de renda pela oligarquia pecuarista nacional, que Chico Xavier chegou a Uberaba com sua missão de propagação da Doutrina Espírita. Quando ali sentou morada a partir de 5 de janeiro de 1959, existiam 17 casas espíritas na cidade, com uma população declarada espírita em número já expressivo frente ao domínio da Igreja Católica no período.

---

[203] *Idem*.
[204] *Ibidem*, p. 219.

Tabela 2 – Municípios que não são capitais de Estado com o maior número de Espíritas, segundo censo de 1950

Município	Estado	Total da População	Número de Espíritas Declarados	Porcentagem de Espíritas
Uberaba	Minas Gerais	64.434	9.156	13,2
Uberlândia	Minas Gerais	54.984	5.745	10,4
Alegre	Espírito Santo	58.968	5.821	9,9
Bauru	São Paulo	65.452	4.319	6,6
Ribeirão Preto	São Paulo	92.160	5.364	5,8
Sorocaba	São Paulo	93.928	3.941	4,2
Campinas	São Paulo	152.547	5.581	3,7
Santos	São Paulo	203.562	5.504	2,7

Fonte: Adaptado de RENSHAW, 1969, p. 116.

Era 5 de janeiro de 1959, quando foi realizada a primeira sessão mediúnica em sua casa, após pegar o trem de Pedro Leopoldo com destino final à Uberaba. Tudo já vinha sendo arquitetado por Chico Xavier contando com o apoio de seu novo parceiro de psicografia – Waldo Vieira (1932-2015) – com quem desenvolveu grandes expectativas de contribuição nas tarefas da obra missionária.

> A convite do Espírito de André Luiz, os médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira receberam os textos deste livro [Evolução em Dois Mundos] em noites de domingos e quartas-feiras, respectivamente nas cidades de Pedro Leopoldo e Uberaba, Estado de Minas Gerais. As páginas psicografadas por um e outro podem ser identificadas pela data característica de cada texto. (Nota dos médiuns) [205]

Chico Xavier e Waldo Vieira se conheceram no ano de 1955, quando Waldo, ainda estudante de Medicina, tinha 23 anos e Chico Xavier 45 anos de idade, possivelmente em uma excursão organizada por Elias Barbosa – conterrâneo de

[205] Prefácio do espírito de André Luiz escrito em julho de 1958. In: XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1959, p.17. Na sequência, o mesmo processo de produção ocorreu em outra obra de autoria de Chico Xavier e Waldo Vieira, intitulada “Mecanismos da Mediunidade” (1960), que havia sido psicografada antes da chegada de Chico Xavier em Uberaba. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

Waldo Vieira e colega de faculdade – junto à União Estudantil Uberabense à Belo Horizonte.[206] A partir daquele ano, Chico Xavier também passou a visitar Monte Carmelo, cidade natal de Waldo Vieira e Elias Barbosa.[207] Há outra versão que conta que a mãe de Waldo, Dona Aristina, sugeriu que o filho conhecesse o médium Chico Xavier, quando então foram à Pedro Leopoldo.[208]

Em 28 de agosto de 1957, Chico já apresentava o jovem médium Waldo Vieira aos companheiros da FEB, de modo a pleitear a publicação de suas psicografias no principal periódico espírita à época, o "Reformador". Em 16 de setembro de 1957, seguiam para o presidente da FEB da época, Wantuil de Freitas, as "primeiras páginas da mediunidade do nosso caro Waldo" e ao fazê-lo, "estou em prece, rogando a Jesus para que o nosso companheiro seja amparado em sua rota ao lado de nossos Amigos Espirituais".[209] Em dezembro de 1957, Emmanuel já

---

[206] Elias Barbosa (1934-2011) nasceu em Monte Carmelo/MG, onde teve criação em família espírita. Tornou-se médico psiquiatra sendo colega de faculdade de Waldo Vieira, ambos contando com ajuda e apoio do escritor e deputado federal Mário Palmério (1916-1996). Foi casado com Cândida Flávia Barbosa, com quem teve cinco filhos. Elias Barbosa conheceu pessoalmente Chico Xavier em abril de 1955, ainda em Pedro Leopoldo, tendo estreitado vínculos com o médium quando Chico passou a visitar a cidade de Monte Carmelo entre os anos de 1956 a 1959, recebendo mensagens mediúnicas na residência da mãe de Elias, conhecida como Dona Myrthes Barbosa. E, a partir de janeiro de 1959, quando Chico Xavier se mudou para Uberaba, esteve junto às ações da CEC, além de ter participado na reunião e organização de mensagens para diversos livros de Chico Xavier. *Cf*. VIEIRA FILHO, Fernando. *Jesus em Nós*. Pelo espírito de Elias Barbosa. Uberaba: Centro de Cura dos Sentimentos, 2015. Sobre as visitas de Chico Xavier à cidade de Monte Carmelo entre os anos de 1956 e 1959, para as celebrações do Natal de Jesus, ver: MATOS, Marival Veloso de (org.). *Chico no Monte Carmelo*. Belo Horizonte: UEM, 2004.

[207] Waldo Vieira nasceu no município de Monte Carmelo/MG no ano de 1932, filho do dentista Armante Vieira (1890-1952) e da professora Aristina Rocha (1900-1967), sendo irmão de Ruth Rocha Siqueira e Walter. Graduou-se em Odontologia (1954) e em Medicina (1960) – contando com grande apoio de Mário Palmério – e realizou pós-graduação em Plástica e Cosmética no Japão (1966). Desde os seus quatro anos de idade diz ter tido experiências paranormais, notoriamente de vidência, o que fez com que seus pais recorressem ao Espiritismo. Em vida, assumiu a sua missão reencarnatória por meio da personalidade de Zéfiro, tratada de identidade intermissiva. Diferentemente de Chico Xavier, casou-se duas vezes – com Elizabeth Wernsdorf e com Maria das Graças Oliveira Razera – e teve um filho biológico chamado Arthur Wernsdorf Vieira. Fundou em 1995, o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) no Rio de Janeiro/RJ, tendo se transferido para Foz do Iguaçu/PR em 2000, onde fundou a Cognópolis – cidade do conhecimento –, um bairro oficializado pelo Decreto Municipal nº 18.887/2009. *Cf*. MANFROI, Isabel. *Empreendedorismo Reurbanizador de Hércules Galló e Waldo Vieira*. Foz do Iguaçu: Editares, 2020. AMARAL, Flávio. Waldo Vieira. *O homem por trás do mito*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2021.

[208] TELES, Mabel. *Zéfiro*: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira. Foz do Iguaçu: Editares, 2014, p. 75. Nesta obra há registros da afirmação de Waldo Vieira ter sido filho de Chico Xavier em outras reencarnações.

[209] In: SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1986, p. 355. "Muito grato à acolhida que dará em "Reformador" a páginas mediúnicas recebidas por nosso Waldo. Apesar de moço ainda, revela-se um companheiro muito abnegado e senhor de um caráter honesto e limpo. Estudioso, amigo, trabalhador. Creio que a publicação dessa ou daquela mensagem por ele recebida no órgão da FEB será para nosso jovem amigo um grande encorajamento no serviço espiritual, ao mesmo tempo que isso significará para nós a preparação necessária de valores para o futuro". In: *Idem*, 351.

havia falado para Chico Xavier sobre o início do trabalho mediúnico entre os dois e, juntamente com o espírito de André Luiz, convidaram Chico e Waldo para a recepção de mensagens psicografadas para a conformação de uma obra espírita e que, ademais, eles ainda teriam maiores informações em momento oportuno. Este trabalho realizado por meio da psicografia cruzada se iniciou em 15 de janeiro de 1958 e, assim, selava um pacto de confiança entre ambos.[210]

Figura 46 – Ainda em Pedro Leopoldo, Chico Xavier juntamente com Zeca Machado (em pé à esquerda), Waldo Vieira (em pé ao centro) que segura Zilda Batista e outros amigos, c. 1955. Fonte: Acervo Casa de Chico Xavier em Pedro Leopoldo.

Figura 47 – Os médiuns Zé Arigó, Chico Xavier e Waldo Vieira em Conselheiro Lafaiete/MG, c.1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 48 – Waldo Vieira e Chico Xavier em fotografia de 1960. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 49 – Chico Xavier e Waldo Vieira, certamente em um Festival do Livro Espírita em Uberaba, abril de 1963. Fonte: Acervo CMLCX.

[210] *Idem*, 371-373. *Cf*. ASSIS, A. O Espiritismo ante a Ciência e a Religião. In: *Reformador*, nº 7, jul. 1959, p. 27-28.

Figura 50 – Waldo Vieira, [Jorge Rizzini] e Chico Xavier, na cidade de São Paulo/SP, 1962. Fonte: Acervo CMLCX.

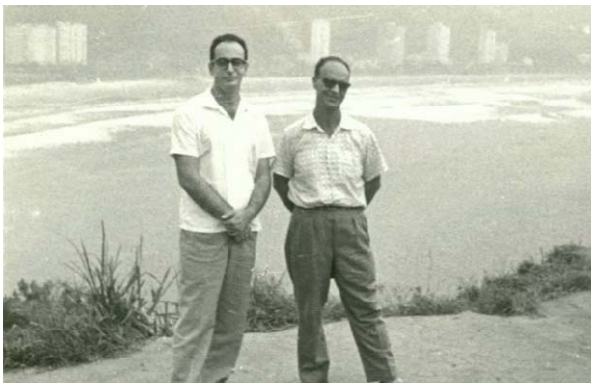


Figura 51 – Chico Xavier e Waldo Vieira no Rio de Janeiro/RJ, 1965. Fonte: Acervo CEC.

Parceiros recentes de psicografia mediúnica estando o jovem Waldo Vieira em plena ascensão, pode-se dizer que foi Waldo quem fez a proposta, estimulou e mesmo facilitou a mudança de Chico Xavier para Uberaba. Chico Xavier, que já tinha contato com a cidade desde a década de 1940, por conta de seu trabalho como escriturário na Fazenda Modelo, especialmente nas exposições pecuárias que se realizavam no mês de maio, fez planos com o estudante de medicina que iniciava sua produção psicográfica. Idealizaram juntos a conformação de um grande espaço voltado à prática e divulgação da Doutrina Espírita e, para tanto, iniciaram a ação com a aquisição de um terreno em localização suburbana de Uberaba, área anteriormente integrante da Fazenda São Geraldo de propriedade de Mário de Almeida Franco. [211]

Foi também a partir de 1958, que deram início à construção de um primeiro imóvel e depois, de um conjunto de quatro edificações bastante modestas, então projetadas e executadas por Iran Carvalho, esposo da tarefeira espírita Celeste Helena Carvalho.[212] O endereço do lugar à época era assim denominado: Rua Seis,

[211] No depoimento de Dalva Borges, ela informa que Waldo "me disse que sabia que o terreno ao lado pertencia a um primo meu, Sandro, filho de Ranulfo Borges. Fomos até ele, conversamos, e ele deu o terreno para nós. Mas um terreno ainda não dava, e nós fomos pouco a pouco adquirindo mais terrenos, todos ajudando. [...] Eles conversaram e resolveram fazer uma casa maior. Veio um senhor de São Paulo, ele tinha uma construtora grande, e fez a planta do local, planejou e as coisas foram acontecendo". In: CARVALHO, Antônio Cesar Perri; MELO, Oceano Vieira de. *Depoimentos sobre Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 2010, p. 66. Interessante ressaltar que nas memórias da antiga diretora da CEC, a iniciativa de Waldo concedeu a ele, portanto, maiores prerrogativas e posicionamento em relação à Chico Xavier no projeto de ações da CEC, o que fica implícito com o uso das vocações "nós" e "todos", estes no coletivo que não precisam ser explicitamente nominados.

[212] CARVALHO, Celeste Helena. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 7 set. 2015, mp3. Na versão de Waldo Vieira: "Deixei o emprego na faculdade por volta de 1958. Nesta época, eu já tinha planos de construir um local de trabalho que pudesse receber muitas pessoas. Fui visitar várias regiões de Uberaba e acabei escolhendo o Parque das Américas. Comprei um pequeno terreno, e depois outros, e levei o Chico

nº 215, bairro Vila Silva Campos, Uberaba – MG. Estas residências que Chico dividia com Waldo Vieira eram um tipo de “barraco”, formado por quarto, sala, cozinha, banheiro, chão de cimento, paredes sem pintura. Inicialmente era apenas um imóvel, que dizem ter pertencido originalmente a Waldo Vieira, e que com a chegada de Chico Xavier à cidade, passou a dividir espaço com ele em um módico “quarto e sala”. Ali, compartilhavam psicografias e as responsabilidades da divulgação da Doutrina.[213]

Figura 52 – Portão de entrada da casa de Chico e Waldo, ao lado da entrada da CEC, [1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 53 – Área de circulação entre as residências de Chico e Waldo, [1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

para conhecer. Decidi que construiria ali um bairro. Fiz a nossa casa entre 1958 e 1959, quando o Chico se mudou definitivamente. Construí também o local da minha clínica médica gratuita e o Centro Comunhão Espírita Cristã. Ali tínhamos sessões de desobsessão às segundas, quartas e sextas-feiras e finais de semana. De 3 em 3 meses distribuíamos alimentos e roupas aos carentes. Além disso, eu fazia atendimento médico gratuito a cerca de 95 pessoas diariamente. Quem podia, retribuía com alguma doação, que era posteriormente trocada por alimento. Foi uma época de muito trabalho”. In: TELES, 1994, p. 79. Incluindo ainda que “Quando Chico teve de ir para Uberaba, fui eu quem o levou; peguei dinheiro do meu bolso, fiz uma casa”. In: GILABERTE DA SILVA, Cristiane Ferraro. *Comunidade Conscienciológica*: voluntariado, migração e territorialidades. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020, p. 69.

[213] “Um humilde barracão em Uberaba é onde está morando, há alguns meses, o médium Chico Xavier. [...] Sua mudança, como é do feitio de Chico, foi feita no mais completo sigilo”. “Muito embora a nova residência de Chico Xavier seja pouco conhecida, já é enorme o movimento de pessoas, de todos os quadrantes do país, em Uberaba. E isto se faz sentir acentuadamente nos hotéis, pensões e bares. A caixa postal 56 vive abarrotada de correspondência para Chico Xavier. E, com carinho e atenção, todas as cartas são respondidas”. In: *Reformador*, nº 1, jan. 1960, p. 11-12.

Figura 54 – Planta de implantação da primeira casa de Chico Xavier em Uberaba. Elaboração: Januaceli Murta, nov. 2015. Fonte: INSOD, 2022.

A notícia sobre a chegada do médium a Uberaba logo se espalhou e já na noite seguinte a sua mudança fizeram a primeira reunião espírita, abrindo-se assim as portas da casa para os visitantes e parceiros espíritas. Nove adultos e algumas crianças participaram da primeira sessão espírita comandada por Chico Xavier no novo endereço, dentre eles Waldo, Dalva, Hélia, Hernani, Laerte Toffoli, Betty, Terezinha, José Thomaz da Silva Sobrinho, este um jornalista de Uberaba. Sentaram-se em volta da mesa da cozinha, onde os bancos eram tábuas equilibradas sobre pilhas de tijolos e dois tamboretes velhos compunham a decoração. A câmara de passes foi descrita como sendo um telheiro que cobria uma cisterna de água pura e “abençoada”. O anfitrião naquele encontro colocou no papel,

após a leitura do Evangelho, o seguinte recado assinado por Emmanuel intitulado "Religião dos Espíritos":

> Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas...
> Encontrarás nos caluniadores almas invigilantes que a peçonha do mal entenebreceu, instilando-lhes o hábito da peste, e relevarás toda ofensa com que te martirizem as horas...
> Surpreenderás nas maldizentes criaturas desprevenidas que o veneno da crueldade enlouqueceu, e desculparás toda injúria com que te deprimam as esperanças...
> Observarás no onzenário a vítima da ambição desregrada, acariciando a ignomínia da usura em que atormenta a si próprio, e no viciado o irmão que caiu voluntariamente na poça de fel em que arruína a si mesmo...
> Reconhecerás a ignorância em toda manifestação contrária à justiça e descobrirás a miséria por fruto dessa mesma ignorância em toda parte onde o sofrimento plasme o cárcere da delinquência, o deserto do desespero, o inferno da revolta ou o pântano da preguiça...
> Se tiveres amor saberás, assim, cultivar o bem, cada instante, para vencer o mal cada hora...
> E perceberás, então, como o Cristo, fustigado na cruz, que os teus mais acirrados perseguidores são apenas crianças de curto entendimento e de sensibilidade enfermiça, que é preciso compreender e ajudar, perdoar e servir sempre para que a glória do amor puro, ainda mesmo nos suplícios da morte, nos erga o espírito imperecível à benção da vida eterna.[214]

Atuando com carisma e em profundo corpo-a-corpo com a comunidade da cidade, mas conclamando a união das pessoas em torno da causa espírita que ali já existia, as peregrinações com atendimento aos mais necessitados começaram a ser feitas aos sábados, seguindo de sessões mediúnicas realizadas nas sextas e sábados na casa de Waldo e Chico. Eram ações, inclusive, que Chico já tinha longa experiência, posto já serem executadas desde os tempos de Pedro Leopoldo. Angariava-se, assim, apoiadores da causa, financiadores de doações, beneficiários das ações assistencialistas e se via ampliar o burburinho das atividades espíritas naqueles rincões das Gerais. As atividades de assistência social de Chico Xavier, notoriamente por meio da distribuição material, foram de grande envergadura, pois correspondiam à prática da evangelização, esta uma de suas principais missões. Segundo o sr. Madeira, a premissa do Espiritismo é que "fora da caridade não há salvação" – diferentemente dos católicos que advogam que "fora da Igreja não há salvação" –, o que expressa que a caridade se manifesta na Doutrina a partir do

[214] BACCELLI, 2010, p. 222.

auxílio material e espiritual.[215]

Essa dinâmica foi necessária para que em 18 de abril de 1959, parte do planejamento se materializasse com a fundação da Comunhão Espírita Cristã (CEC), em cuja ocasião solene estiveram presentes constando em ata: Francisco Xavier, Waldo Vieira, João Jorge Netto, Dalva Rodrigues Borges, José Thomaz Silva Sobrinho, Teresinha Queiroz, Joaquim Thomaz da Silva, Hélia Rodrigues Borges Nery, Geralda de Andrade Freitas e Artur Sabino Junior. Há referências de que a Comunhão Espírita Cristã tenha surgido a partir da iniciativa de um grupo dissidente do Centro Espírita Uberabense, provavelmente, devido às discórdias e disputas de poder entre os próprios membros deste centro, posto que desde 18 de abril de 1956, ou seja, três anos antes, já existiam reuniões mediúnicas da chamada Comunhão Espírita Cristã em Uberaba.

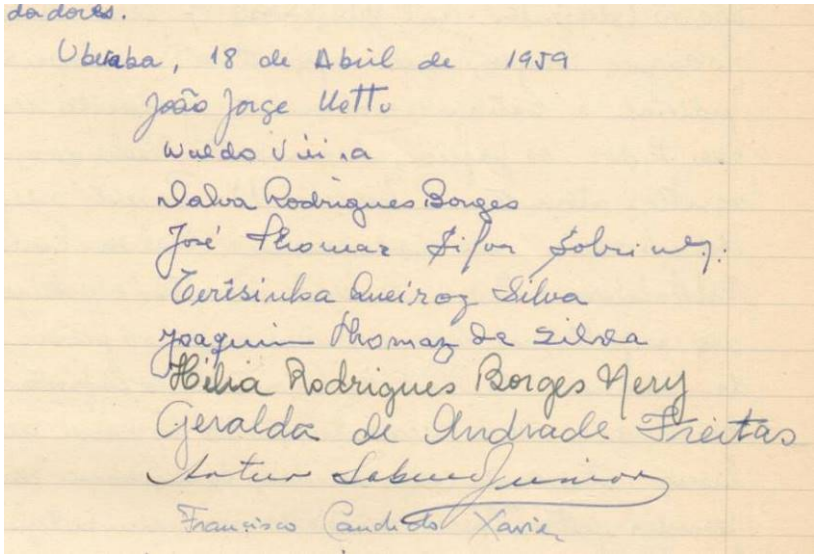


Figura 55 – Recorte do livro contendo as assinaturas da Ata de Fundação da Comunhão Espírita Cristã, em 18 de abril de 1959. Fonte: Acervo CEC.

> Reuniram-se os irmãos que fundaram em 18 de Abril de 1956, de fato, a Comunhão Espírita Cristã, na residência do companheiro Waldo Vieira à Rua Seis (6), 215, Vila Silva Campos, nesta cidade, os irmãos Francisco Cândido Xavier, brasileiro, solteiro, escriturário; Dalva Rodrigues Borges, brasileira, solteira, protesista; João Jorge Netto, brasileiro, solteiro, operário; Joaquim Thomaz da Silva, brasileiro, casado, sitiante; José Thomaz da Silva Sobrinho, brasileiro, casado, cirurgião-dentista; Therezinha Queiróz Silva, brasileira, casada, doméstica; Hélia Rodrigues Borges Nery,

[215] MADEIRA, José da Silva (Dr. Madeira). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 23 jul. 2015, mp3. “O Dr. José Madeira responde pelo serviço médico do Culto da Assistência, no Ambulatório mantido pela Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, e é um companheiro dedicado nos serviços espirituais que a missão de nosso Chico estendeu pelo Triângulo Mineiro”. In: TAVARES, 1967, p. 100.

> brasileira, casada, doméstica; Artur Sabino Junior, brasileiro, casado, fazendeiro; Geralda de Andrade Sabin de Freitas, brasileira, casada, doméstica e Waldo Vieira, brasileiro, solteiro, escriturário; todos residentes e domiciliados nesta cidade de Uberaba, com o propósito de fundarem, de Direito, uma sociedade que terá por fim a propaganda espírita, através do ensinamento doutrinário falado e escrito [...] e tendo conservada a denominação “Comunhão Espírita Cristã” [...] entidade essa cujas atividades, de fato, vinham-se desenvolvendo desde 18 de Abril de 1956.[216]

Tendo sido juridicamente organizada a instituição – constou número CNPJ somente em 28 de abril de 1970 –, contendo cargos definidos e estatuto registrado, ou seja, criada a sociedade a partir daqueles membros, agora se fazia necessário, mais do que nunca, edificar fisicamente uma estrutura adequada ao plano de grande envergadura. Ao lado do Departamento de Assistência Social, em 3 de janeiro de 1960, constituíam um outro Departamento na CEC, o da Livraria Espírita, e que esteve diretamente relacionado à união dos esforços em prol das bases de divulgação Espírita e do plano financeiro que permitiria a manutenção e ampliação da instituição. As atividades cresciam e o seu projeto assistencial atendia cada vez mais pessoas.

Figura 56 – Companheiras/os da Comunhão Espírita Cristã, início da década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 57 – Distribuição gratuita de livros espíritas por João Nunes Maia, início da década de 1960. Fonte: NOBRE, 2014, p. 106.

[216] No Livro de Atas da CEC na data de 18 de abril de 1959, constam os nomes de Waldo Vieira (presidente), Dalva Rodrigues Borges (tesoureira) e João Jorge Netto (secretário) como integrantes da primeira diretoria da instituição. Posteriormente, a presidência da CEC foi exercida por muitos anos por Dalva Rodrigues Borges. In: Termo de Abertura In: *Livro de Atas Comunhão Espírita Cristã (1959-1985)*. Acervo CEC.

Figura 58 – Livraria Espírita da CEC, no qual se pode observar a exposição de livros de Chico Xavier cujas capas possuem a sua imagem, c. 1972. Fonte: Acervo CEC.

Figura 59 – Livraria Espírita da CEC com mostruário, c. 1972. Fonte: Acervo CEC.

A sede da Comunhão Espírita Cristã (CEC) foi edificada especialmente por iniciativa de Chico Xavier e Waldo Vieira no início da década de 1960, contando com o projeto e execução de João Jorge Netto, companheiro da CEC que também atuava como secretário da instituição. Em outubro de 1960, foi construída a cozinha destinada ao preparo da sopa fraterna que contava, inicialmente, com distribuição às quintas-feiras e, a partir de 1967, passou a funcionar diariamente com a distribuição de cerca de 22.000 pratos por mês, ação que foi promovida especialmente por meio de doações dos confrades de São Paulo.[217] Essas ações de recolhimento e distribuição de alimentos, posteriormente, são também comumente tratadas no meio espírita como “campanha do quilo”, em menção à doação fracionada de alimentos por diversas pessoas.

> Todos estão lembrados que a C. E. C. faz realizar semanalmente a sua já conhecida sopa aos necessitados e a peregrinação (aos sábados) a vários lares do setor Vila Silva Campos, contando sempre com a carinhosa presença de Chico Xavier e seus companheiros.
> No dia 17 do corrente, desde às 7 horas da manhã, entretanto, a

[217] Em terrenos aos fundos da CEC, Chico Xavier chegou a plantar alimentos para servirem às refeições distribuídas pela CEC, bem como de espécies de ervas com finalidades terapêuticas. In: ALVES, Nereu Nice de Sousa. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli. Uberaba/MG*, Brasil. 23 jul. 2015, mp3. Em princípios da década de 1960, Chico Xavier acordava “às 5hs da manhã para regar a horta de legumes que plantou no fundo do quintal, cujos legumes servem para a sopa”. In: *Reformador*, nº 9, set. 1961, p. 26. De acordo com Efigênia Maria de Melo (1930-2013), que desde 1959 era a cozinheira responsável pela sopa da CEC, “Nunca me esqueço dele [Chico Xavier] cortando, picando legumes, fazendo a sopa, sozinho, e chamando as pessoas para comer. Na primeira vez que fui, meus filhos passavam fome e pensei: é comigo mesma. E falei para ele: daqui não saio mais; e estou aqui até hoje”. Posteriormente, tornou-se zeladora do Grupo Espírita da Prece. Às sextas-feiras, após o culto do Evangelho, era ela quem ficava esperando o último a sair para fechar as portas do centro. In: *Revista Chico Xavier, 10 anos de Saudades*. Uberaba: Livraria FCX, 2012, p. 17. Em sua homenagem, o bazar que funciona na CEC leva seu nome: Bazar Dona Efigênia.

> realização da C. E. C. possibilitou a toda a cidade um majestoso espetáculo de confraternização humana. Quase 6.000 pessoas foram beneficiadas com 1.717 sacas de gêneros alimentícios; 2.418 peças de roupas para crianças e adultos; 122 pares de calçados; 6.600 sanduíches e 101 quilos de balas e confeitos.
> Carinho, objetividade, organização. Um grande trabalho espírita abria os fatos espíritas natalinos de 1961.[218]

Ao longo da década de 1960, outros cômodos da CEC foram sendo erguidos, bem como organizadas novas frentes de trabalho na medida em que a instituição se estruturava e se conformava como um *lócus* de doutrinação espírita. A organização funcional e institucional contava com quatro departamentos, a saber: Assistencial ou Assistência Social, Editorial, Enxovais e Social. Observa-se que no ano de 1964, foi criado o Departamento Editorial que reuniu a Livraria que, segundo Chico Xavier, foi uma solicitação de Waldo Vieira e Dalva Borges:

> A CEC está localizada na rua Professor Eurípedes Barsanulfo, 185 e, foi fundada em 1959. Em outubro de 1960, construía-se a cozinha destinada ao preparo da sopa fraterna, [...].
> Cuida, ainda, com objetividade da Difusão Doutrinária, distribuindo livros gratuitamente; discos em LP's com gravações doutrinárias.
> O seu Departamento Editorial já publicou diversos livros espíritas, muitos deles com sucessivas edições, atendendo a milhares de leitores pelo reembolso postal.
> No campo da Assistência Social já promoveu diversos festivais, distribuindo até hoje milhares de quilos de arroz [...], cobertores e até mesmo material escolar para as crianças pobres.
> A CEC mantém ainda um ambulatório médico, [...] atendendo, em média, 72 pacientes por dia, inclusive com medicamentos inteiramente gratuitos.
> O Departamento de Enxovais para recém nascidos desempenha, pela mesma forma, papel nobre com uma distribuição de centenas de enxovaizinhos por ano.
> Em tôrno de tudo, Chico está presente. Orientando. Ajudando. Trabalhando em favor dos mais necessitados.[219]

[218] Apud "A Flama Espírita", Uberaba, 30/12/1961. In: BACCELLI, 1977, p. 248.
[219] Apud "A Flama Espírita", Uberaba, 08/07/1967. In: BACCELLI, 1977, p. 80.

Figura 60 – Construção da Comunhão Espírita Cristã, [1960-1968]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 61 – Presença de Weaker Batista, Elias Barbosa, Dalva Borges e Waldo Vieira no canteiro de obras, [1960-1968]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 62 – Comunhão Espírita Cristã (Lar Espírita André Luiz), já inaugurada, c. 1968. Fonte: Acervo CEC.

Figura 63 – Mesmo ângulo da Comunhão Espírita Cristã, fachada posterior, 2012. Fonte: Acervo CEC.

Figura 64 – Distribuição de alimentos na Comunhão Espírita Cristã, início da década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 65 – Pavimento de circulação central, mesmo local da imagem ao lado. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, ago. 2015.

Figura 66 – Fachada da Comunhão Espírita Cristã, onde há acesso para o salão das reuniões públicas. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

De acordo com o Dr. Madeira, o Departamento Assistencial ocupava grande parte das dinâmicas do centro espírita sendo dividido em dois grupos: a assistência espiritual/moral e a assistência material/social. Enquanto a assistência espiritual se tratava do conhecimento e estudo da doutrina espírita, que concedia consolo e socorro para a alma, a assistência material/social dava respostas urgentes ao que necessitava solução material imediata. Do ponto de vista da assistência espiritual, a doutrinação espírita se desenvolvia em programação e rotinas intensas, como as reuniões públicas às segundas, sextas e sábados, além das sessões de desobsessão privadas às quartas-feiras; enquanto a assistência social se estabelecia por meio das distribuições das sopas todas as tardes e as peregrinações na periferia aos sábados.[220] Havia, ainda, as campanhas feitas em um calendário espírita anual, como os cursos sobre o Evangelho, os festivais espíritas e as três grandes distribuições (Abril – Festival do Livro Espírita; Agosto – Festival Bezerra de Menezes; Dezembro – Festival de Natal). Enquanto se distribuíam alimentos, roupas e remédios, doava-se também consolo e suporte espiritual, de modo que assim se

[220] No ano de 1971, por exemplo, temos referências de que as reuniões públicas na CEC ocorriam "às segundas, sextas e aos sábados de cada semana", "a partir das 7 da noite". In: ARANTES, Hércio Marcos Cintra; GENTILE, Salvador. *Chico Xavier – Entrevistas*. Araras: IDE, 1972, p.38.

realizava a prática e ampliação do Espiritismo em sua essência.[221]

Do ponto de vista do Departamento Editorial, suas ações estavam associadas ao estudo e divulgação da Doutrina Espírita, por meio de suportes mais extensivos e duradouros. Dedicado especialmente à publicação de livros espíritas, atendia a milhares de leitores pelo reembolso postal, situação na qual o consumidor através de um catálogo fazia o pedido da mercadoria e pagava quando a recebia, além de também realizar vendas diretas na própria livraria na CEC. Por outro lado, o Departamento de Assistência Social era responsável pelos festivais realizados em datas específicas – a exemplo do Festival do Livro Espírita –, além das ações de distribuição de alimentos como cestas-básicas (que, à época, era composta por arroz, feijão, açúcar, batatas, café, macarrão, fubá), cobertores, remédios, material escolar, brinquedos e guloseimas para as crianças.[222] Ainda, apesar de se manifestar enquanto uma ação de assistência social, a distribuição de "enxovaizinhos" para recém-nascidos desempenhava papel de relevância na ação da CEC que foi priorizada por meio da constituição do Departamento próprio.

Esse setor tinha também o Ambulatório Médico que contava com atuação do Dr. Elias Barbosa, que era professor de Farmacologia da Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro, do Dr. José da Silva Madeira, então professor assistente de Psiquiatria da mesma faculdade, e de Waldo Vieira que acabara de se formar por aqueles tempos. A clínica médica gratuita atendia diariamente uma média de 70 pacientes com distribuição gratuita de medicamentos. Dr. Madeira desenvolveu, particularmente, atendimento médico homeopático com fornecimento dos medicamentos produzidos na Botica Fitoterápica. Esta foi a primeira farmácia homeopática em Uberaba.

Em 31 de março de 1968, consta-se em ata a criação de um asilo para idosos – antes disso funcionou como orfanato –, cuja reunião foi feita entre os membros da diretoria especialmente para esse fim. O "Lar Espírita André Luiz", ainda hoje ativo, conformou-se como mais um Departamento da Comunhão Espírita Cristã. Tratou de acolher a longa permanência da comunidade de idosos, que é amparada com abrigo, alimento, higiene corporal, amparo e atenção. No ano de

---

[221] MADEIRA, 2015.

[222] Em janeiro de 1965, 11.765 pessoas receberam alimentos e roupas na Comunhão Espírita Cristã. Com enorme arrecadação, Xavier e Vieira conseguiram o montante de 8.337 peças de roupas, 993 pares de sapatos, 311 enxovais infantis, 1.926 brinquedos, 4.320 lápis, 500 livros, 335 sacas de arroz, 218 quilos de bala e 11.815 sanduíches. In: SOUTO MAIOR, 1994.

2014, por exemplo, o asilo contava com 30 idosos internos.

Figura 67 – Distribuição feita com a participação de Chico Xavier, fins da década de 1960.
Fonte: Acervo CMLCX.

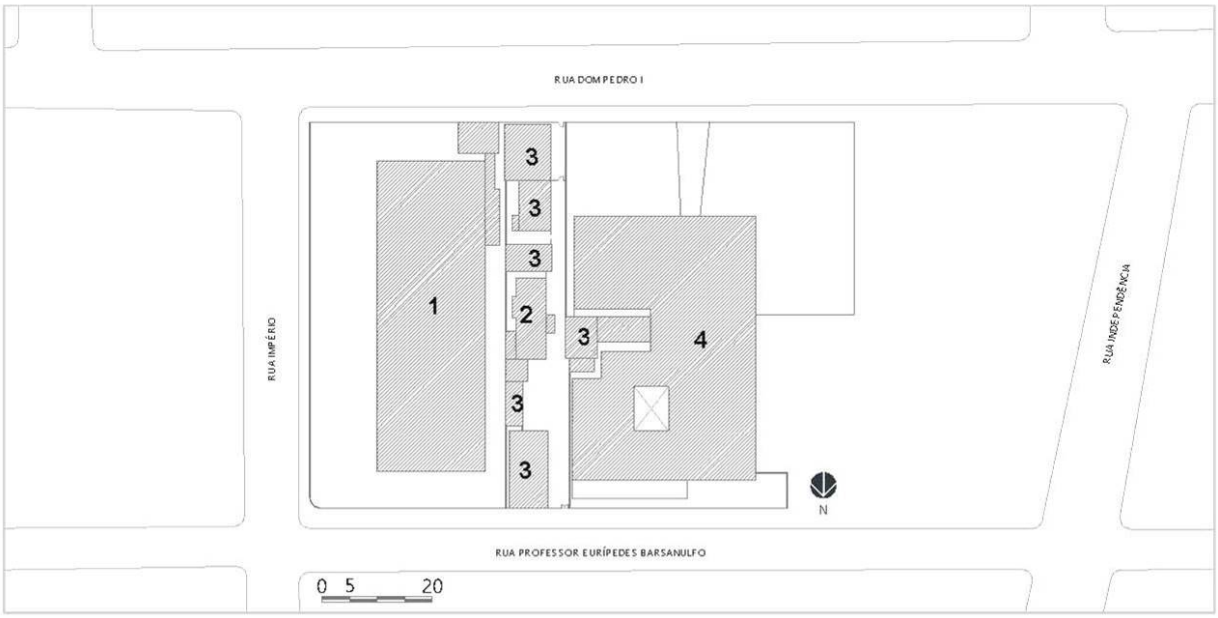
Figura 68 – Assistência material com distribuição de refeições (sopa), década de 1960.
Fonte: Acervo CEC.

Figura 69 – O casal Weaker e Zilda Batista com crianças no interior do extinto orfanato, [1968].
Fonte: Acervo CEC.

Figura 70 – O casal Weaker e Zilda Batista com crianças na fachada posterior da CEC, [1968].
Fonte: Acervo CEC.

Figura 71 – Dr. Elias Barbosa (à direita) e Dr. Madeira (à esquerda) no atendimento ambulatorial da CEC, meados da década de 1960.
Fonte: Acervo CEC.

Figura 72 – Chico Xavier e Waldo Vieira na porta de casa na continuação do muro da entrada da CEC, meados da década de 1960.
Fonte: Acervo CMLCX.



LEGENDA:

1. Lar André Luiz
2. Antiga moradia de Chico Xavier
3. Conjunto de antigas moradias de Chico Xavier
4. CEC – Sede da Comunhão Espírita Cristã

Figura 73 – Planta de implantação da Comunhão Espírita Cristã.
Elaboração: Januaceli Murta, nov. 2015. Fonte: INSOD, 2022.

Chico Xavier estava no centro de todas estas ações, das imagens que registravam o cotidiano da CEC, nas reportagens, pessoas e fiéis que rumavam para o interior do Brasil, no sertão da Gerais, na periferia de Uberaba em busca de notícias sobre o médium. E o funcionamento da estrutura narrada dependia e era sustentada, em grande medida, pelas mensagens de além-túmulo que eram psicografadas por Chico Xavier. Para estes atendimentos individuais daqueles que o procuravam com essa finalidade, uma longa fila de espera se formava horas antes das reuniões. Quando era o momento, dava-se uma folha de papel onde se escrevia nome e idade. Sem seguida, o conjunto de folhas do atendimento daquele dia era dado ao médium, que ali poderia psicografar uma receita do espírito de Dr. Bezerra de Menezes – quando a procura fosse relacionada a um caso médico – ou psicografava uma carta para os parentes e amigos que estavam em busca de consolo para a morte de um ente. De toda forma, as reuniões das noites de sexta e sábados atingiam as madrugadas e possuíam uma organização e ritualística que se mantinham inalteradas.

> O movimento nas proximidades da Comunhão inicia-se ao redor do meio-dia, quando começam a chegar os mais precavidos. A fila vai se formando, sob o sol forte do Triângulo. Há gente de todo tipo, cor, condição social. Desesperados, fiéis, "carecidos", curiosos.
> Aos poucos a confusão vai aumentando, acabando com a tranquilidade do bairro pacato. Centenas de carros de todos os Estados buzinam, em busca de um local para estacionar. Os guardas apitam, procurando orientar os veículos. Há choro de crianças, lamento de velhos e doentes, pregões de vendedores. Os quarteirões que circundam a Rua Eurípedes Barsanulfo tornam-se pequenos para conter a multidão, ansiosa para ver e falar com o médium.
> Oito horas da noite. Abrem-se, afinal, as portas da Comunhão, um imenso galpão, onde podem caber de 800 a mil pessoas. As imensas filas começam a se deslocar. Empurrões, atropelamentos. Não fosse a presença mágica de Chico e a coisa degeneraria em confusão. Mas entram no salão, porém, o entusiasmo ruidoso se transforma em admiração estática. Chico está sentado na cabeceira de uma mesa comprida. O traje é formal: terno, camisa esporte abotoada, sem gravata. As lentes escuras dos óculos são muito grossas.[223]

Inicia-se a sessão mediúnica pública sempre em horário pontual. Após a prece e a leitura do "Evangelho Segundo o Espiritismo", Chico entra na pequena sala ao lado da mesa para psicografar as receitas ditadas pelo espírito do Dr. Bezerra de Menezes (1821-1900). Enquanto isso, Dalva Borges (1920-2018) presidia a sessão de forma a promover os comentários das leituras, por vezes, tratado de palestras, para a doutrinação e esclarecimentos daqueles que esperam e permanecem no salão da CEC. Pedia silêncio, meditação, prece. A sugestão da leitura da noite, em geral, era feta por Emmanuel. Na mesa, Chico Xavier sempre permanece na cabeceira, enquanto nos outros lugares se sentavam, em geral, outros médiuns psicógrafos ou os médiuns de sustentação que poderiam ser aqueles indivíduos que fazem os comentários e, portanto, possuem uma boa oratória para se comunicar com o público. Estes eram e comumente continuam sendo professores ou demais indivíduos com escolarização formal, normalmente possuidores de curso superior, o que expressa não somente as relações de hierarquia social no interior do contexto espírita, como também a relevância da retórica e da oratória para a Doutrina.[224]

---

[223] MACHADO, Ubiratan Paulo. *Chico Xavier*: uma vida de amor. Arara: IDE, 1992, p. 81-82.

[224] Foi também colega de Waldo Vieira no curso de medicina a médium Marlene Rossi Severino Nobre (1937-2015), que conheceu Chico Xavier em outubro de 1958 e recebeu o convite para se integrar à CEC. Desta forma, entre janeiro de 1959 a dezembro de 1962, ela participou na interpretação dos textos de Kardec nas sessões públicas, fazendo comentários sobre as lições das reuniões nas noites das segundas e sextas-feiras. Também recebia mensagens psicográficas e

Depois de um tempo psicografando o receituário mediúnico na saleta,[225] Chico Xavier retornava ao salão, sentava-se à mesa, retirava os óculos (quando ainda não tivesse os retirado para a psicografia do receituário), impunha as mãos sobre os olhos – em uma ação performática que se tornou uma de suas marcas – e começava a se concentrar para iniciar outro momento de psicografia: agora de poesias, contos e mensagens de conforto. Quem senta ao seu lado à sua esquerda se trata de uma médium assistente que é responsável por organizar e numerar as folhas com as mensagens psicografadas, ou ajustar qualquer questão relacionada à psicografia, como um lápis de ponta quebrada, por exemplo. Normalmente, é uma pessoa de absoluta confiança de Chico Xavier, o que dá a entender que não se trata apenas de um ajudante, mas de alguém que também auxilia na sustentação da vibração e comunicação com os espíritos, além de estar ali à disposição para o amparo do médium no momento de transe.[226]

Depois de finalizadas as psicografias, sendo que uma mensagem pode levar cerca de 15 minutos e o médium psicografa durante cerca de 4 horas seguidas, Chico Xavier faz a leitura em voz alta e, quando for o caso de mensagens de familiares ali presentes, entrega a psicografia do desencarnado para um ente que esperava por aquela comunicação. Encerrada a sessão após a prece final, Chico Xavier cumprimenta e troca algumas palavras com os presentes que formam uma longa fila para cumprimentá-lo. Já eram entre duas e três horas da madrugada.

> Ouve-se o silêncio. De vez em quando, o espocar do “flash” de algum fotógrafo.
> Cabeça baixa, olhos fechados, o médium passa as mãos na testa, como se estivesse dando um passe em si mesmo. Após alguns minutos de concentração, cobre os olhos com a mão esquerda e, com velocidade espantosa, vai enchendo páginas em branco. São mensagens em prosa ou em verso, de conteúdo filosófico ou doutrinário.

---

participava das distribuições. *Cf*. NOBRE, Marlene Rossi Severino. *Chico Xavier: meus pedaços do espelho*. São Paulo: Fé Editora, 2014.

[225] De acordo com Marlene Nobre, Chico Xavier e Waldo Vieira chegavam a psicografar cerca de seiscentas ou mais receitas por noite. In: In: CARVALHO; MELO, 2010, 168.

[226] A partir da CEC e por décadas, quem esteve à frente desta posição foi, no lado esquerdo do médium, Dona Zilda Batista e, do lado esquerdo do médium, seu esposo Weaker Batista. Chico Xavier não mais na CEC, mas no Grupo Espírita da Prece, e após o falecimento de Weaker em fins da década de 1980, assumiu esta posição Pedro Antônio Garcia, conhecido como Tio Pedro, e Eurípedes Higino dos Reis, além de também ampararem Dona Zilda, Netinho e Dinorá. Os quatro últimos citados se configuravam como as pessoas, em número restrito, de absoluta confiança do médium até o fim da vida. A mobilidade ou permanência das pessoas ao lado do médium dão indícios, bastante preciosos, inclusive sobre quem tinha trânsito em seu universo privado, tema melhor abordado nos capítulos seguintes desta tese.

> Chico reúne as folhas e passa a ler as mensagens, uma vozinha fica, baixinha. Os fiéis aguçam os ouvidos. São quase onze horas da noite. A reunião já terminou, mas o médium, com sua invencível paciência, fica de pé até as três horas da madrugada. Responde a todos com carinho, distribui abraços e apertos de mão, sorri para ser fotografado.
> Retiram-se os últimos fiéis. E vão comentando casos, acontecidos naquele dia ou antes.[227]

Figura 74 – Sessão mediúnica pública, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 75 – Sessão mediúnica pública na CEC, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 76 – Chico Xavier em trabalho de psicografia, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

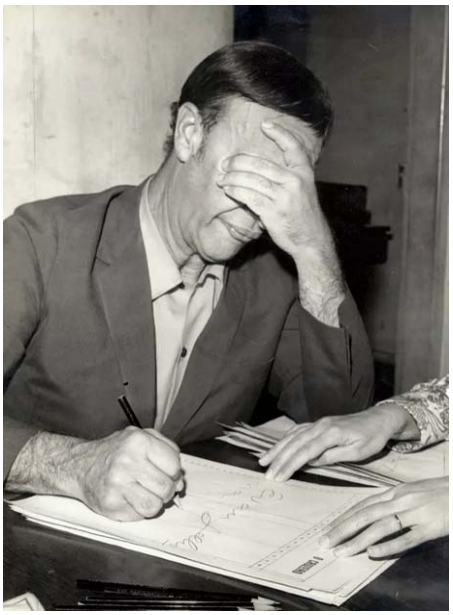


Figura 77 – Chico Xavier em trabalho de psicografia, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

[227] MACHADO, 1992, p. 86-87. Há referências de que Chico Xavier atendia mais de 300 pessoas por dia no ano de 1960, em reuniões públicas que aconteciam às segundas e sextas-feiras. “A fila junto à casa da Vila São Benedito é formada a partir das 15 horas. O atendimento começa às 18. Primeira parte dos trabalhos feitos no salão de apenas uma porta e seis janelas é o receituário, psicografia para os doentes”. "A segunda parte dos trabalhos é destinada ao recebimento de mensagens doutrinárias". *Cf*. Chico Xavier. In: *Reformador*, nº 7, jul. 1960, p. 25-26.

Figura 78 – Sessão mediúnica pública na CEC, década de 1960. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 79 – Waldo Vieira em trabalho de psicografia, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 80 – Chico Xavier lendo passagens de obras espíritas durante uma visita nas ações da peregrinação, c. 1967. Fonte: Acervo CEC.

Figura 81 – Chico Xavier e Zilda Batista na peregrinação, 1967. Fonte: Acervo CEC.

Tamanha a proporção das ações doutrinárias também cunhadas pelas atividades assistenciais na vivência espírita de Chico Xavier, que se ampliava vertiginosamente o interesse e o número de, senão frequentadores e fiéis, mas pelos menos simpatizantes da causa espírita em Uberaba e no Brasil. Movimento bastante expressivo para a aderência, consolidação e capilarização do Espiritismo que, se antes era predominantemente urbano e existente nos centros das capitais, com Chico Xavier se manifestou em larga escala a interiorização da Doutrina que agora promovia um diálogo mais amplo com outras regiões do Brasil, incluindo a relação com as zonas periféricas e entre os centros e as periferias, no atendimento às necessidades sociais no interior do país.

Por outro lado, diferentemente dos momentos realizados no interior das casas espíritas, interpreta-se que as ações assistencialistas, notoriamente as peregrinações e as distribuições, possuem características plásticas a depender dos contextos e situações de sua realização. A rua, e o contato com o povo fora dos centros espíritas, exige muito de improviso e carisma, características que marcaram

a expressão e a memória de Chico Xavier que, para a população que recebia sua assistência material e moral, passava a tratá-lo de “Tio Chico”.

> Mas talvez o momento de maior emoção seja aquele em que os vemos na Peregrinação, visitando os amigos, nas casas pobres, do arrabalde, para levar-lhes ajuda material, moral e espiritual. Chico e Waldo se revezam na leitura de mensagens consoladoras, em cada lar visitado. [...]
> Chico nos disse que a Peregrinação produz resultados insuspeitados e contou-nos, ao visitarmos uma casa pobre, de família numerosa, como as mensagens sobre o perdão haviam ali produzido transformações benéficas. Todos os sábados, à noitinha, com bom tempo ou não, partem os “peregrinos” da Comunhão, com Chico e Waldo à frente, para a visita espiritual. E quando regressam, já tarde, cansados, realizam ainda uma reunião doutrinária, com preces, um breve comentário e recepção de mensagens mediúnicas.
> Emmanuel, segundo nos explicou Chico Xavier, chama a Peregrinação de “sessão espírita ambulante”. É realmente uma sessão em marcha, que vai semeando espiritualidade ao longo das ruas.[228]

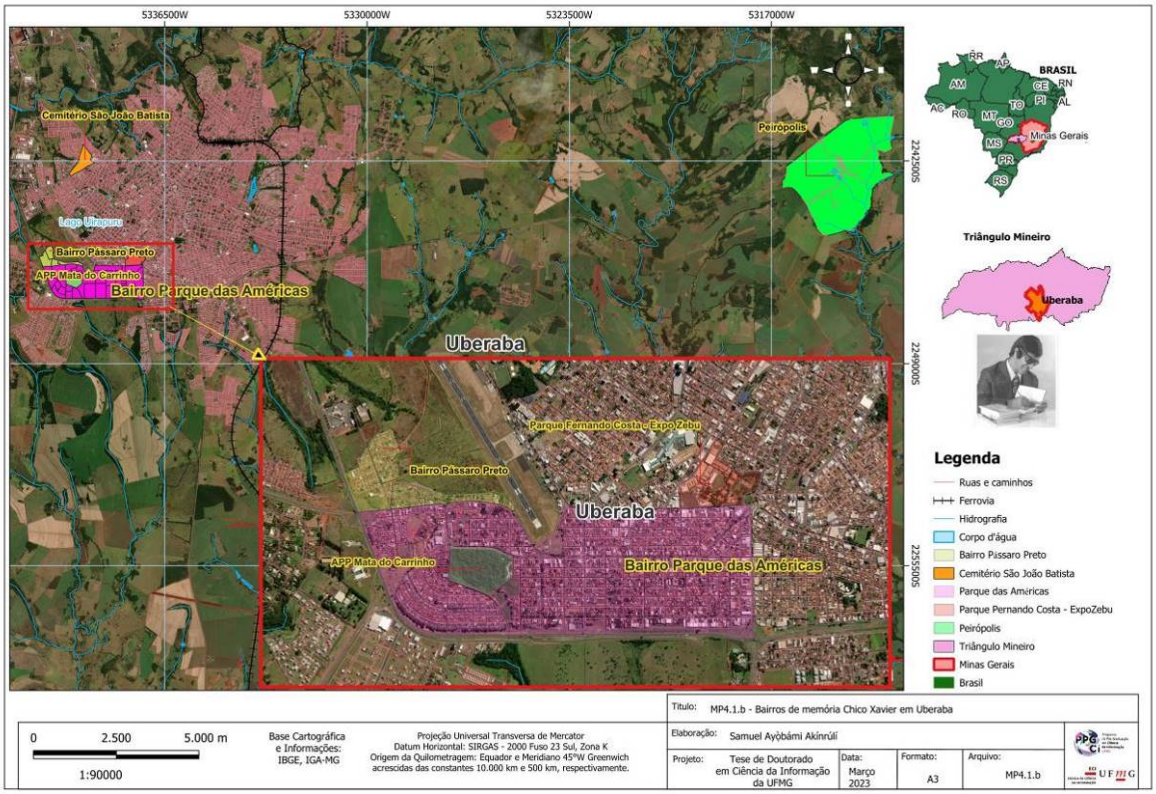


Figura 82 – Delimitação do bairro Parque das Américas na sede urbana do município de Uberaba – Minas Gerais. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

[228] Apud “A Flama Espírita”, Uberaba, 29/09/1962. In: BACCELLI, 1977, p. 93-94.

Estas ações geraram, inclusive, a reconfiguração urbana da própria cidade de Uberaba. O lugar onde atualmente se encontra o bairro Parque das Américas quando Chico e Waldo ali chegaram era descrito como um descampado, com poucas construções, chão de terra batida, com ruas ainda sendo abertas e afastado cerca de 4 km do centro da cidade. Sabe-se que as principais referências edificadas na região até a década de 1960 eram o aeroporto – inaugurado em 1958 – e distante cerca de 3,5 km do centro da cidade e a 1 km em linha reta da sede da CEC, além do Parque Fernando Costa (Parque de Exposições Expozebu) – inaugurado em 1941 –, separado não mais que 800 m da CEC, o que demonstra, ao mesmo tempo, a escolha de um lugar bastante estratégico no contexto de Uberaba por parte de Chico e Waldo. Com o tempo, ali também se instalaram as principais universidade da cidade.

Figura 83 – Filas que se formavam na CEC para as distribuições, década de 1960.
Fonte: Acervo CEC.

Figura 84 – Filas que se formavam na CEC para as distribuições, década de 1960.
Fonte: Acervo CEC.

O atual bairro Parque das Américas – anteriormente tratado de Vila Silva Campos e, por vezes, uma franja do bairro São Benedito – antigamente congregava a Vila Pássaro Preto e a Vila Ozanan – regiões atualmente em litígio com o aeroporto – e era descrito como sendo formado por uma paisagem extremamente plana e um tanto agreste, apesar de um maior adensamento vegetacional estar concentrado na Mata do Carrinho. Estas, inclusive, eram terras pertencentes a Carlos Rodrigues da Cunha Júnior, popularmente chamado de Carrinho.[229] Posteriormente, foram vendidas a Juca Duarte e, na época do loteamento da região na década de 1950, faziam fronteiras e eram limítrofes à Fazenda São Geraldo de propriedade do agropecuarista Mário de Almeida Franco.[230]

---

[229] Carlos Rodrigues da Cunha Junior, conhecido como Carrinho, era o quarto filho do total de oito herdeiros do Coronel Carlos Rodrigues da Cunha (1847-1927) e de Maria Jesuina Rodrigues da Cunha (1854-), sendo seus irmãos: Rodolfo Rodrigues da Cunha; Maria Jesuina da Cunha; Cândida de Castro Cunha; Capitão Renaud Rodrigues da Cunha; José Carlos Rodrigues da Cunha; Maria de Castro Cunha; Maria Alice Messias da Cunha. Carrinho que era criador de gado zebu se casou com Isaura de Castro Cunha, com quem teve sete filhos. In: *Família Rodrigues da Cunha Mattos*. Disponível em https://www.angelfire.com/biz2/castilho/genercmattos.htm, acesso em 14 de novembro de 2022. O patriarca, o Coronel Carlos Rodrigues da Cunha era natural de Uberaba, agricultor, criador de gado e chefe político prestigioso da região, sendo um dos fundadores do diretório do Partido Republicano Mineiro em Uberaba em fins do século XIX, tendo sido comandante superior do 46º Batalhão de Guardas Nacionais da Comarca de Uberaba. In: WAGNER, Roberta Afonso Vinhal. *O Coronelismo Despótico de Uberaba (MG)*: dos coronéis da Princesa do Sertão aos coronéis do zebu na nova configuração hegemônica das elites uberabenses no período de 1960 a 2007. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

[230] MANFROI, 2020, p. 173.

Na ocasião da instalação do médium por aqueles arrabaldes em janeiro de 1959, a região se configurava como uma periferia que certamente se expandiria e, portanto, seria um ambiente propício para o desenvolvimento das ações planejadas e, talvez, que pudesse comportar um bairro espírita no contexto de Uberaba.

> Chico Xavier está como quer: na Vila Silva Campos, ainda praticamente desabitada, está situada a sua casinha. Ela dista mais de quatro quilômetros do centro de Uberaba. Ninguém se arrisca a visitá-lo a pé, e quem melhor proveito tirou dessa situação foram os motoristas de táxi, sem fala na linha de ônibus "Aeroporto".
> Sua casa está nos fundos da sede da Comunhão Espírita Cristã, construída especialmente para os seus trabalhos. Tanto a casa como a sede são protegidas totalmente por um alto muro, que quase encobre as construções internas. Essa autêntica muralha foi feita com a finalidade de procurar dificultar o acesso das romarias que ali vão.
> A não ser nas noites de segundas e sextas-feiras, quando o centro é aberto ao público, os dois portões de entrada, como as janelas e portas do centro e da casa de Chico Xavier permanecem fechadas. O silêncio é total. Apenas de vez em quando, o visitante ouve a voz de um garotinho, filho de uma velha zeladora do centro e cozinheira do médium.
> Depois de Chico Xavier nos ter informado que, além das reuniões públicas às segundas e sextas-feiras, ainda existem as reuniões particulares nas noites de quarta e quinta-feira, há o culto da assistência (visita e distribuição de gêneros alimentícios, roupas e remédios aos pobres).[231]

Em 1964, conforme Decreto nº 376, a Prefeitura Municipal de Uberaba aprovou a fundação do bairro Parque das Américas – um nome que, possivelmente, faz alusão a um possível visionarismo de ganhar uma nova vida, melhorar de condição e promover o desenvolvimento pensando em um modelo ocidental e centrado no modelo do norte global –, de modo que em 23 de novembro de 1966, o executivo municipal acatou o loteamento homônimo. Atendendo ao pedido da direção da CEC, por meio da Lei Municipal nº 1.268, aprovada e sancionada em 16 de junho de 1964 pela Câmara Municipal de Uberaba, a Rua Seis passou a ser chamada de Rua Professor Eurípedes Barsanulfo, em homenagem ao médium da cidade de Sacramento e precursor do Espiritismo no Triângulo Mineiro. O asfaltamento da Avenida João XXII, por exemplo, ocorreu somente na década de 1980, pelos impactos notoriamente das ações do Grupo Espírita de Prece.[232]

---

[231] Reportagem com Chico Xavier [setembro de 1959]. In: *Reformador*, nº 1, jan. 1960, p. 11-12.
[232] MANFROI, 2020, p. 173.

O desenvolvimento do bairro Parque das Américas na zona sul de Uberaba, que atualmente é o terceiro mais populoso do município contando com aproximadamente 100 mil habitantes, organizou-se em torno de vias de acesso rodoviário – como o anel da BR-262, a MG-050 e a MG-427, que liga Uberaba aos principais troncos nacionais para as cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília. Também, consolidou suas principais ruas e avenidas a partir do fluxo de comércios e residências cujo crescimento econômico atendiam às demandas, cada vez mais crescentes, da alta procura por Chico Xavier. Destaque para aquele que se conformou enquanto principal avenida e denominada João XIII – uma forte referência das disputas religiosas que se configuravam na arena pública da cidade – que era o ambiente central de circulação e dispersão do fieis espíritas e da realização das atividades de Chico Xavier; além da Rua Dom Pedro I, onde se estabeleceu a segunda residência de Chico Xavier em Uberaba e onde, atualmente, funciona a CMLCX. Um aparato envolvendo hotéis, restaurantes e comércios em geral foi construído e se manteve para atender as multidões que peregrinavam anualmente a Uberaba para conhecer ou ser atendida pelo médium. Não por menos, o comércio atende com nomes que envolvem o médium, como Farmácia Xavier, Rede Xavier Minas (farmácia), Caminho da Fé (artigos religiosos), etc.

Nas memórias de Waldo Vieira, por outro lado, ele relatou que as deliberações partiram de sua exclusiva responsabilização: “fiz um bairro lá em Uberaba, do mesmo jeito que estou fazendo aqui em Foz [Cognópolis]. Nisso, já tenho experiência. Trabalhei com Chico ainda dez anos e depois deixei o movimento”.[233] De acordo com o médium, ao descrever o início das ações em prol da CEC, ele afirma, em um processo bastante seletivo das ações e excludente da figura de Chico Xavier em sua trajetória, que:

> Indo ao local, primeiramente sozinho, examinou tudo com cuidado, detalhadamente e decidiu: “- vou fazer esse bairro aqui”. Reuniu os amigos, falou sobre o projeto e pediu ajuda aos que pudessem colaborar, pois canalizava todo o seu dinheiro para os trabalhos de assistência que já fazia em Uberaba.
> Decidiu então direcionar esse dinheiro para essa nova frente de assistência e o primeiro passo seria comprar essas terras. Inicialmente comprou um pedaço menor, em seguida foi adquirindo outros, onde pôde construir a casa para Chico Xavier e o Centro Espírita. Mais tarde comprou o terreno em frente às construções, construindo uma casa para sua mãe, Aristina, possibilitando sua

[233] GILABERTE DA SILVA, 2020, p. 69.

> mudança para Uberaba. A partir disso, foi recebendo incentivos dos amigos e muita gente começou a aparecer para ajudar nos trabalhos.[234]

E sua narrativa, até o fim da vida e atualmente também transmitida por meio de seus registros de memória deixados para a posteridade, continua a afirmar sobre sua independência em relação àquela experiência associativista. Ao passo que também expressa contradições que são pontos nodais do Espiritismo brasileiro, que exprimem as lutas pelo desejo do esquecimento de determinados aspectos – notoriamente a contradição interna ao movimento – e reforço de uma específica memória social de coesão que está em franca disputa pela configuração do próprio lugar da Doutrina no país que se tornou a maior referência mundial desta prática religiosa.[235]

Estratégias que parecem navegar no sentido da confusão pelo excesso de informações, sem lastros de verossimilhança, na ausência do compromisso com os fatos e o desenrolar dos enredos, em busca da legitimação de discursos sustentada pelo efeito de verdade. Nesta era da informação conforme ressaltou Burke, são estratégias recorrentes nestas disputas mnemônicas, cujo fenômeno da pós-verdade, requer a negação ou ofuscamento dos contextos informacionais das pessoas e das instituições, que dizem sobre os ambientes, interações e conexões de atuação, de forma a dificultar a recuperação de informações, bem como a segurança quanto a origem das fontes e a recuperação das informações.[236]

---

[234] MANFROI, 2020, p. 173.

[235] De acordo com Waldo Vieira, quando Chico Xavier chegou em Uberaba, “Vieira já havia construído 10 ambulatórios” e os “20 departamentos da Comunhão Espírita Cristã também foram criados por Vieira” In: *Idem*, p. 174-175.

[236] BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

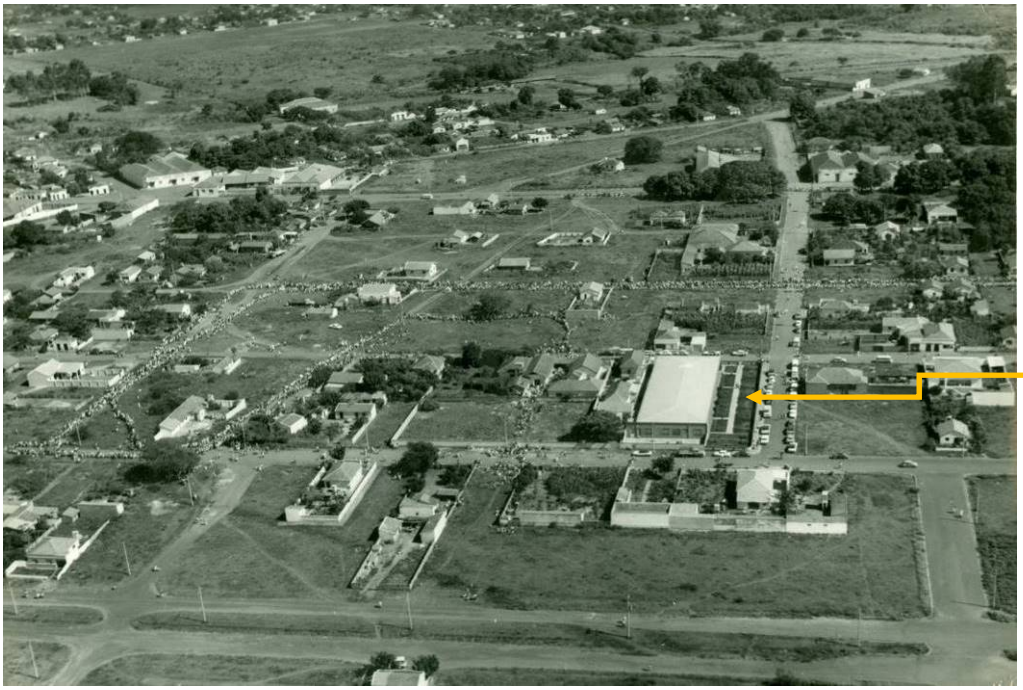


Figura 85 – Vista aérea do bairro Parque das Américas em Uberaba, com destaque para a CEC e a presença de filas que se estendiam por quilômetros e se formavam em busca das ações assistenciais da instituição, [1967]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 86 – Vista aérea do bairro Parque das Américas em Uberaba, com destaque para a CEC e as filas quilométricas, 1974-1975. Fonte: Acervo CEC.

2. Narrativas de viagens, entre Uberaba e Paris: práticas, experiências e diálogos museológicos no Espiritismo

> *Aux Morts qui nous fot oublier les vivants!* R. [Louis Royaumont]
> Aos Mortos que nos fazem esquecer os vivos! R. [Louis Royaumont][237]

Toma-se neste capítulo um olhar mais detalhado para a instituição museológica entendida como um espaço social que comporta disputas por interesses em relação aos seus acervos, narrativas memorialísticas e patrimônios culturais associados. Isto, porque no processo de reconhecimento dos bens de interesse cultural, com destaque para o patrimônio museológico, há de se considerar os motivos e os fatores que sinalizam esta necessidade. Tomando como premissa o fato de que o patrimônio não seria naturalmente dado, mas se trata de um processo intelectual de interpretação e mesmo de classificação das referências culturais, é de grande relevância compreender o engajamento da sociedade ou da comunidade detentora destes bens que se relacionam e constroem vínculos de identidade e pertencimento.[238]

Em outros termos, podemos afirmar que o patrimônio cultural não se manifesta sem a cultura que, por sua vez, é uma concepção atribuída ao conjunto de costumes e tradições partilhados em comum por determinado grupo social. Neste sentido, a necessidade e a curiosidade em se compreender este fenômeno social parte da imbricação, nesta pesquisa, de conceitos proximais, tais como identidade, cultura, patrimônio, território, musealização. Podemos partir da premissa que nem todos compreendem suas heranças e costumes sob a mesma ótica e enquadrados na categoria patrimônio. Também, não é em todos os territórios administrativos que existem leis e instrumentos legais voltados às políticas públicas de patrimonialização ou, ainda, que em todos os lugares as heranças culturais são identificadas e protegidas. Isso nos leva ao pensamento de que existe um hiato entre a existência

---

[237] ROYAUMONT, Louis Étienne Baudier de. "*Pro Domo" (La Maison de Balzac)*. Histoire et description, catalogue du Musée. Comment a été fondée la Maison de Balzac par Jean-Pierre Barbier. Paris: Eugène Figuière & Cia., 1914, folha de rosto. Tradução nossa.

[238] Pode-se considerar as referências culturais como aquilo que é significativo para um determinado grupo social, em sua diversidade de linguagens e possibilidades de suportes. *Cf*. FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

do possível bem cultural e o seu reconhecimento social, cujos processos marcam a patrimonização e a musealização dos bens.[239]

Desde há muito, os patrimônios têm usos sociais francamente associados à construção de narrativas nacionais que destacam as conquistas e obras monumentais dos Estados-nação, tendo a França uma pioneira desse empreendimento já no século XVIII, e que serviu de modelo a ser seguido por outros países ocidentais. Na construção de grandes nações, o recurso da monumentalidade dos seus patrimônios históricos era empregado como representação de um poder centralizado que deveria ser inquestionavelmente aceito pelos seus cidadãos. O patrimônio admitia, portanto, uma dimensão de valoração dos bens artísticos, das belas-artes que indicavam o "bom gosto" das elites. Por outro lado, ao longo dos séculos, a concepção de patrimônio – e por conseguinte de acervos, coleções e museus – admitiu outros significados que foram frutos da ampliação da percepção sobre o social e a cultura. Neste contexto, o valor do imaterial passou a ser reconhecido em termos de suas expressões da diversidade cultural somente bem recentemente, fundamentalmente no século XX.[240]

Patrimonializar, tal qual museailzar, portanto, representam operações cognitivas em torno de práticas de valoração baseada em políticas seletivas, narrativas que pretende priorizar, disputas por acervos destacados. E são muitas as controvérsias que envolvem os museus e suas formas de representação, de modo que para que as instituições de memória sobrevivam e se atualizem, faz-se necessário a redefinição de seus papéis e significados no mundo contemporâneo, ou seja, que tais organizações não estejam mais balizadas pelos projetos de construção de nacionalidades e, portanto, de memórias hegemônicas consagradas pela conservação de relíquias associadas às identidades totalizantes.

O interesse dos discursos museológicos atuais vai no sentido da transcendência dos grandes personagens, de modo a fragmentar suas narrativas e conceder espaço para múltiplos protagonistas que representam o acesso às diferenças como um valor e um direito. Na contemporaneidade, as vigorosas reivindicações na arena pública sobre

---

[239] Os processos de musealização estão vinculados à valorização e à sistematização dos sentidos e significados extraídos das referências culturais que são alvo da atenção museológica. *Cf*. PRIMO, Judite Santos. O Social como objeto da museologia. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, vol. 47, nº 3, p. 5-28, jun. 2014.

[240] GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, Unirio, 2003. p. 21-29.

os processos mnemônicos, também coloca em questão quais são as referências culturais sociais e intelectuais que nos influenciam, com o interesse de mobilizar rupturas epistemológicas em relação aos centros canônicos de produção do conhecimento. O que promove uma intrínseca interação entre os patrimônios culturais e as contradições estruturais da sociedade, cujos conflitos sociais são também refletidos nos contextos museológicos. Pensemos então: quais eram as referências para Chico Xavier sobre a constituição de acervos, narrativas memorialísticas e diálogos museológicos em seu tempo? De que forma foram influenciados e influenciaram as formas de produção, guarda e exposição dos acervos espíritas?[241]

Em um texto de 2009, Rodney Harrison apresentou a ideia de que os patrimônios no contexto contemporâneo podem ser definidos como uma forma de "ação social", seja por meio da intervenção sobre as práticas dedicadas aos patrimônios oficiais ou pela ampliação das práticas locais relacionadas a patrimônio não-oficiais.[242] Tal movimento permitiria um maior protagonismo dos sujeitos detentores dos bens culturais, posto que haveria um reposicionamento estratégico e novos agenciamentos dos patrimônios não oficiais e mesmo das comunidades – que passariam a ser consideradas culturalmente relevantes – no sentido de uma valoração e inclusão em posições de definição sobre seus objetos e práticas, o que impactaria tanto a sua relação com o presente, quanto sobre o seu passado e mesmo sobre o futuro da coletividade.

Ainda segundo o mesmo autor, existem dois conjuntos de relacionamentos que emergem atualmente da discussão crítica sobre o patrimônio: o primeiro relacionado às diferentes realidades transacionais do patrimônio que o definem seja como patrimônio imaterial, patrimônio indígena etc. e as formas liberais de sujeição. Assim, o segundo relacionamento se daria a partir das maneiras pelas quais determinadas realidades estariam relacionadas às racionalidades governamentais específicas que se manifestam através de práticas precisas de recolha e encomenda. Outrossim, para Harrison, a elaboração de diferentes categorias de patrimônio e seus meios apropriados de gestão são acompanhados por suas próprias noções associadas às liberdades

---

[241] LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. In: *Ciência da Informação*. vol. 42, nº 3, p. 379-398, set.-dez. 2013.

[242] HARRISON, Rodney. *Understanding the Politics of Heritage*. Manchester: Manchester University Press, 2009.

responsabilizadas a par do estabelecimento de limites específicos sobre essas liberdades, por exemplo, entre o que é autorizado conservar.[243]

A análise das disputas inerentes aos processos de patrimonialização pode se dar por muito enfoques – que notoriamente se encontram sobre o estatuto patrimonial de objetos e práticas culturais – mas que, todavia, tem ganhado tons de renovação crítica sobre a consideração do patrimônio mais como um processo "ancorado no desenvolvimento territorial, portador de representações sociais diversificadas segundo os atores e as situações" e menos na sua concepção mais tradicional que considera o patrimônio como algo a ser preservado para se evitar ou controlar a perda.[244] Tais debatem também definem regras curatoriais de coleta, seleção, ordenamento e descarte de coleções, que podem representar a continuidade ou a ruptura de concepções evolucionistas, colonialistas e de sujeição epistemológicas ao contexto ocidental, representativas de práticas específicas de governança.[245]

Segundo James Clifford, há subversões do modo predominante e conservador de coleta e exposição museológicas, no qual são renovados discursos do desaparecimento cultural e da restauração do patrimônio pelo viés de relatos de renascimento, lembrança e luta. Isso, porque pelo entendimento do autor, a negociação entre tradição e modernidade, cultura nacional e tradicional, "tribal" ou "metropolitana", os "de dentro" e "os de fora", são experiências que marcam as contradições do nosso tempo e que também estão expostas nas agências museais. E que, portanto, refletem contradições sobre a história em transformação e as desigualdades dos campos de poder, bem como sobre os padrões da cultura dominante e suas oposições.[246]

Clifford, inclusive, desdobra possíveis caminhos e linhas sucessórias entre uma museologia colonial para uma museologia comparativa que estaria mais aberta às "correntes da arte tribal, a cultura e política".[247] A despeito do hiato temporal de pouco mais de 15 anos deste texto, tais práticas vinculadas a uma submissão intelectual não são mais facilmente mantidas sem questionamentos em tempos atuais, nos quais o pleito é ampliado em prol da autonomia das comunidades na gestão das instituições,

---

[243] HARRISON, Rodney. On Heritage Ontologies: rethinking the material worlds of heritage. In: *En Anthropological Quarterly*, nº 91, vol. 4, p. 1365-1384, 2018.
[244] TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (eds.). *Memória e Novos Patrimônios*. Marseille: OpenEdition Books, 2015, p. 8.
[245] BENNETT, Tony *et al.* (orgs.). *Collecting, ordering, governing*: anthropology, museums, and liberal government. Durham: Duke University Press, 2017.
[246] CLIFFORD, James. Museologia e contra-história: viagens pela costa noroeste dos Estados Unidos. In: ABREU; CHAGAS, 2003, p. 254-302.
[247] *Idem*, p. 286.

acervos e coleções. Convites fortuitos de indígenas para a realização de exposições temporárias, ou mesmo para auxílio da identificação de peças do acervo como ações extensionistas não permitem romper com a visão evolucionista de que os coletivos não são capacidade de cuidar de seu patrimônio, de suas histórias e memórias.

Segundo Antônio Motta, são “muitas as controvérsias que envolvem os museus e suas formas de representação”, de modo que para que os museus sobrevivam e ase atualizem, faz-se necessário a redefinição de seus papéis e significados no mundo contemporâneo, ou seja, que as instituições não estejam mais balizadas pelos projetos de construção de nacionalidades e, portanto, de memórias hegemônicas consagradas pela conservação de relíquias associadas às identidades totalizantes.[248] O interesse dos discursos museológicos atuais é no sentido da transcendência dos grandes personagens, que fragmentem suas narrativas e que deem espaço para múltiplos protagonistas que representam o acesso às diferenças como um valor e um direito, conformando espaços para novos sujeitos de direitos. Neste ambiente de reivindicações estabelecido na arena pública, com intrínseca relação entre os patrimônios culturais e as contradições estruturais da sociedade, que os conflitos sociais são também refletidos nos contextos museológicos. Todavia, como podemos refletir, dimensionar e dialogar a respeito dessas mudanças nos museus de maneira a promover uma “ação social”?

Segundo Sharon Macdonald, que está inserida em um contexto europeu de debates acadêmicos, a virada etnográfica experienciada notoriamente a partir de princípios do século XXI, promoveu um diferente olhar às instituições museais por meio das contribuições advindas da etnografia no sentido de se compreender o funcionamento, muitas vezes posto em segundo plano, da vida organizacional e da gestão da instituição. O aumento do interesse pelas relações informais, as atividades não codificadas, os eventos casuais e mesmo os sentimentos de gestores e usuários dos museus passam a ser considerados uma espécie de valor único e agregado da etnografia, o que a qualifica como um método de pesquisa de grande relevância para o estudo dos museus. Neste sentido, muitas temáticas relacionadas seguiram pela linha de interpretação que envolve as culturas do trabalho; os processos de conservação, arquivamento e digitalização dos acervos; educação e outras formas de engajamento;

[248] MOTTA, Antônio Motta. Direitos culturais e ações museais. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (orgs*.). A antropologia na esfera pública*: patrimônios culturais e museus. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019, p. 268.

acesso e uso dos públicos nos museus; o trabalho comunitário; museus e a mídia; práticas colecionistas, dentre outros.

Embora o universo dos bastidores das instituições museais possa funcionar como dispositivo narrativo no sentido de promover a revelação do oculto e do desconhecido aos visitantes, esse recurso heurístico deve também instigar a ênfase na relação entre os museus e o seu contexto, inclusive de forma a interpretar este campo do conhecimento de maneira integrada. Isto evitaria o que Sharon Macdonald chamou de ilhas etnográficas, posto que os museus não são estruturas autônomas e tão pouco se encerram em um debate baseado em um nacionalismo metodológico, ou seja, na aceitação da nação como o quadro de estudo quase que exclusivo dos museus.[249]

2.1. "Ecos da Grande Viagem": inspiração, caminhos e repertórios missionários

Em 1965, Chico Xavier já era autor de milhares de mensagens divulgadas em, pelo menos, 84 obras literárias que contavam com diversas edições relançadas, contemplando psicografias de espíritos diversos. Juntamente com a mobilização de milhares de pessoas beneficiadas pelas atividades assistencialistas, principalmente de doação de gêneros, a situação era um fenômeno que atraía a atenção do público ávido por conhecer quem era aquele prodígio. Chico Xavier, àquela altura, era renomado nacionalmente por ser o responsável pela difusão de psicografias e da própria prática do Espiritismo kardecista em nível ampliado, depois do próprio francês Allan Kardec que decodificou a Doutrina pela sistematização de obras de referência que foram publicadas em Paris entre os anos de 1857 a 1868.[250]

Em 1965, o médium Chico Xavier fez a sua primeira viagem internacional que durou cinco meses, ou seja, entre maio a setembro daquele ano, e abrangeu seis

---

[249] MACDONALD, Sharon *et al*. No Museum is an Island: Ethnography beyond Methodological Containerism. In: *Museum & Society*, vol. 16, nº 2, p. 138-156, 2018.

[250] Nesta proposta de viagem, Chico Xavier se aproximava, ainda mais, das práticas de sua maior referência no Espiritismo que era Allan Kardec. No decorrer de seis semanas do ano de 1862, Kardec percorreu cerca de 1.200 km na França, a fim de fazer diversas palestras, colher depoimentos e observações, além de conhecer e se informar sobre aqueles contextos de difusão do Espiritismo. Também, promovia esclarecimentos e o fortalecimento dos grupos espíritas existentes, especialmente no que diz respeito à organização e administração das sociedades espíritas. *Cf*. KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862*. Matão: Casa Editora O Clarim, 1968. KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. 2ª ed. 2ª reimp. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2011.

países, a saber: Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Espanha e Portugal.[251] Em companhia de Waldo Vieira, a viagem foi motivada por uma ordem de questões, como a necessidade de identificação, constituição e fortificação de uma rede internacional relacionada à Doutrina Espírita, notadamente de linhagem kardecista, que permitiria maior divulgação destes postulados pelo mundo. Todavia, tratava-se, *à priori*, da exportação de um modelo de Espiritismo implementado por Chico Xavier, e que teria ampla aderência às publicações traduzidas, sendo um mercado novo em territórios que passariam a se interconectar com o Kardecismo atualizado.[252]

> P – Chico Xavier, homem que representou o Brasil noutros países, nós concluímos pedindo apenas que nos diga os países que já visitou para participar de trabalhos sérios, importantes, bem à altura de seu gabarito e da sua seriedade.
> R – Creio que visitei estes países do exterior por acréscimo da misericórdia da Providência Divina, pois, realmente, não tenho títulos nem merecimentos para viagens culturais. Em 1965, recebemos, convite para irmos aos EE. UU. a fim de estudarmos a possibilidade, com alguns amigos, brasileiros e norte-americanos, de se instalar na grande nação irmã, um núcleo de estudo do Espiritismo Kardequiano. Pude estar com nossos amigos como o nosso grande companheiro Mister Haddad, Mister Harrison e outros. Da América do Norte fomos convidados a visitar algumas atividades espíritas na Inglaterra, tendo sido recebido, ali, com muito carinho pelo grande jornalista e escritor inglês, Mister Maurice Barbanell. Da Inglaterra, aproveitando a oportunidade, pois estávamos em uma equipe de três companheiros, passamos, então de volta, alguns dias na França,

[251] CARVALHO, Antônio Cesar Perri de. Viagem histórica de Chico Xavier aos EUA e Europa. In: *Reformador*, ano 126, nº 2.154, p.13-15, 2008.

[252] Menção deve ser feita ao médium Divaldo Pereira Franco (1927-) que, logo em seguida, será quem aproveitará este campo em expansão dos vínculos internacionais para a exportação desse modelo de Kardecismo brasileiro, oportunidade que o projetou tanto fora, mas, principalmente, no próprio Brasil em momento no qual Chico Xavier dominava os holofotes. Em 1967, Divaldo Franco foi a Portugal pelo convite do casal residente no Rio de Janeiro/RJ, Júlio e Stela Trindade, onde ficou durante 20 dias em excursão de divulgação. Seguiu para a Espanha também com a mesma finalidade, quando passou pela França, tendo voltado à Espanha nos anos de 1970 e 1975. Em 1971, esteve na África do Sul e em Moçambique. Em 1977, quando viajou para a Suíça, encontrou com o médium Luiz Antonio Gasparetto que lá também estava e, em 1979, reencontraram-se em Londres. *Cf*. SARDANO, Miguel de Jesus. Viajes de Divaldo Pereira Franco al Exterior. In: *Anuario Espírita*, ano I, nº 1, p.156-167, 1986. “As viagens de Divaldo Franco prepararam o terreno para a criação do Conselho Espírita Internacional (CEI), em 1992”. Como vimos, desde os fins dos anos 60, Divaldo passu a fazer viagens de divulgação doutrinária em vários continentes. O que continuou o projeto implementado por Chico Xavier e Waldo Vieira de “brasilianização” do Kardecismo, ou seja, “a tendência recente de exportação organizada das referências religiosas do espiritismo brasileiro”. *Cf*. LEWGOY, Bernardo. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais. In: *Ciências Sociais e Religião*, ano 13, nº 14, set. 2011, p. 95 e p. 105. E que, ao mesmo tempo, diferenciou-se da proposta de Chico Xavier, segundo Sandra Stoll, pois se trata de uma proposta de “mediunidade com fins lucrativos” e marcada por uma psicologização voltada para resultados pessoais, visão predominante do mediunato de Divaldo Franco, Marlene Nobre, Raul Teixeira e Antonio Gasparetto. *Cf*. STOLL, Sandra Jackeline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. In: *Estudos Avançados*, vol. 18, nº 52, p. 181-199, dez. 2004.

> visitando instituições espíritas no sul e em Paris, para depois, passarmos alguns poucos dias na Itália, Espanha e Portugal.[253]

A viagem empreendida por Chico Xavier em 1965, tinha a missão, ainda, de trazer materiais, livros, panfletos, imagens, filmagens e todo tipo de acervo que serviria de subsídio para a constituição de narrativas históricas e da memória próprio do Espiritismo que, de maneira inédita, teve a constituição de um empreendimento então chamado de Exposição Espírita Permanente e que funcionaria como um Departamento especializado da CEC.[254] Para o médium, Uberaba representava não somente o passado do Espiritismo nas figuras de importantes lideranças e na existência de mais de uma dezena de centros espíritas. A cidade era o presente em suas ações que projetavam o percurso de ascensão do Espiritismo do Brasil para o mundo. Nesse aspecto, fazia-se urgente organizar um espaço de memória do Espiritismo no país, Doutrina que tanto se desenvolvia e que se capilarizava pelo Brasil agora rumo ao exterior, de modo que a Exposição Espírita Permanente foi um projeto sistemático e seminal desenvolvido sob seus auspícios.

Naquela altura de sua vida, aos 55 anos de idade, Chico Xavier já tinha deixado sua cidade natal – Pedro Leopoldo – rumo a outro local onde ele começara a empreender um novo rumo para o Espiritismo e também para a sua própria vida. Não mais que cinco anos antes daquela viagem ao exterior, ele tinha acabado de se instalar definitivamente em Uberaba e ali fazia sua nova morada, onde fundou juntamente com diversos outros espíritas, sob a parceria de Waldo Vieira, a Comunhão Espírita Cristã na data de 18 de abril de 1959. Entretanto, Chico Xavier fundou mais que isso, deu nascimento a uma região – o bairro Parque das Américas –, de modo que a própria cidade de Uberaba passou a ser conhecida internacionalmente, tendo caravanas de fiéis vindo de todo o Brasil. Foi criada neste bairro uma rede de infraestrutura cujos nomes de referência dos comércios, farmácias e hotéis, por exemplo, fazem, ainda hoje, alusão a Xavier. Todavia, o médium planejava ir além, projetava ainda mais para a sua ação missionária, o que exigia empreender para fora do Brasil.

---

[253] Entrevista concedida ao repórter Saulo Gomes da TV Tupi, Canal 4 de São Paulo, em 6 de maio de 1968, que foi gravada na CEC. Foi ao ar, pela primeira vez, em 14 de maio de 1968 e, após a sua transmissão, foi reclamada para exibição em quase todas as capitais do Brasil. Nessa reportagem o médium psicografou, pela primeira vez em vídeo, uma mensagem de Emmanuel intitulada “Auxiliarás por amor” que foi, posteriormente, publicada no “Anuário Espírita” de 1969. In: ARANTES; GENTILE, 1972, p.17-18.

[254] CARVALHO, 2008, p. 13. A mesma informação consta em BACCELLI, 2010, p. 258.

Chico Xavier tirou seu passaporte em São Paulo na data de 30 de março de 1965 e, com ele, poderia transitar por todos os continentes durante os próximos dois anos. Conseguiu visto para os EUA em 14 de abril de 1965, tendo seu visto de turista válido por 4 anos. Nesta ocasião, inclusive, foi necessária a mudança do seu nome de batismo para seu cognome, ou seja, de Francisco de Paula Cândido para Francisco Cândido Xavier, o que foi oficializado em abril de 1965, de forma a equalizar a documentação civil do médium e evitar qualquer contratempo fora do seu país de origem.

Tabela 3 – Carimbos de imigração presentes no passaporte de Francisco Cândido Xavier relativos ao ano de 1965 (primeira viagem internacional entre os meses de maio a setembro)

Data	Movimentação	Aeroporto	Cidade	País
21 de maio de 1965	Saída	Aeroporto de São Paulo	São Paulo	Brasil
22 de maio de 1965	Entrada	--	Nova Iorque	Estados Unidos
7 de agosto de 1965	Entrada	Aeroporto de Londres	Londres	Inglaterra
12 de agosto de 1965	Saída	Aeroporto de Gatwick	Londres	Inglaterra
26 de agosto de 1965	Saída	Aeroporto de Orly	Paris	França
26 de agosto de 1965	Entrada (Trânsito)	--	Barcelona	Espanha
2 de setembro de 1965	Saída (Trânsito)	Aeoroporto de Barajas	Madrid	Espanha
2 de setembro de 1965	Entrada	--	Lisboa	Portugal
5 de setembro de 1965	Saída	--	Lisboa	Portugal
5 de setembro de 1965	Entrada	Aeroporto de São Paulo	São Paulo	Brasil

Fonte: Adaptado de Passaporte de Francisco Cândido Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

O grupo que viajou para o exterior era formado por Chico Xavier, Waldo Vieira e Irineu Alves.[255] Saíram do Brasil pelo Aeroporto de São Paulo em 21 de maio de

[255] "Em 1965, em companhia do médico Dr. Waldo Vieira e do Sr. Irineu Alves, aceitou o convite para visitar os Estados Unidos da América do Norte, onde percorreu nove Estados. Foi com a finalidade de estudar a possibilidade de, com amigos brasileiros e norte-americanos, lá instalarem um núcleo de estudos do Espiritismo Kardecista". In: COSTA E SILVA, Luciano Napoleão da. *Nosso amigo Chico Xavier*. 8ª ed. São Paulo: Editora ALF, 1997, p. 69.

1965, tendo pisado em solo norte-americano no dia seguinte. Assim que chegaram, da cidade de Nova Iorque, sabe-se que foram para Washington, com quase 400 km de distância entre as duas cidades. Ali se dirigiram, já no dia 23 de maio de 1965, em uma tarde de domingo ao “Templo Espiritualista dos Dois Mundos” e, segundo Chico Xavier, ali chegaram sem qualquer aviso prévio. Foram ciceronianos por Maria Aparecida Pimentel Gonçalves, posteriormente, Sra. Ventton Harrison esposa de Newton Harrison, que era residente na capital americana e foi a responsável por levá-los até a “The Church of The Two Worlds”.

Figura 87 – Fachada da “The Church of The Two Worlds” em Washington D.C., maio de 1956. Fonte: Acervo CMLCX.

> Foi uma das experiências que mais me comoveram. Éramos quatro brasileiros, e chegamos sem qualquer aviso prévio à “The Church of The Two Worlds”, sediada em 3038 Q Street, em Washington. É dirigida pelo médium Ministro Gordon Burroughts. Quando chegamos, o “service” estava começando. Ninguém ali nos conhecia. [...]
> Pouco depois, em transe, a médium anunciava a presença, ao lado dos brasileiros, de um professor e de um médico. Tratava-se dos Espíritos de Emmanuel e André Luiz, cuja presença Chico e Waldo Vieira já haviam captado.[256]

O motivo do rápido deslocamento para Washington assim que chegaram em terras estrangeiras, certamente está ligado ao fato de que ali, na capital federal dos Estados Unidos, já estava articulada sob a inspiração de Emmanuel e André Luiz a fundação do *Christian Spirit Center* ou “Centro Espírita Cristão”. O que ocorreu ao longo da estadia de Chico e de Waldo e que, de acordo com o médium, estava em

[256] MACHADO, 1992, p. 92.

"processo de adaptação e consolidação".[257] Dependeu também da ajuda de Salim Salomão Haddad, que se tornou presidente do *Christian Spirit Center*, juntamente com sua esposa Phyllis Haddad. A família Haddad foi fundamental para o aprendizado da língua inglesa por parte de Chico Xavier, necessidade já apontada por seus guias espirituais, a fim de que as recepções de mensagens nesta língua se tornassem "menos difíceis e mais rápidas". Em terras estrangeiras, a imersão em outro idioma facilitaria no "treinamento intensivo" e promoveria "admirável progresso", como salientou Haddad em artigo publicado à época no jornal "Reformador".

> A história nos tem demonstrado que os grandes movimentos, que tinham por finalidade abrir novos horizontes do pensamento e do sentimento, ultrapassaram sempre as fronteiras dos países onde tiveram seu berço.
> A isso não poderia escapar a Doutrina Espírita. [...]
> Não estranhemos, pois, se, pelos conselhos de seus Guias Espirituais, dois muito conhecidos e queridos médiuns brasileiros seguiram de bom ânimo os apelos do Alto, fazendo a caridade de estender mãos fraternas a irmãos de outros países, tão necessitados de nossa confortadora Doutrina quanto os irmãos de sua terra natal.[258]

Naquela sua experiência nos Estados Unidos, Chico Xavier logo identificou o perfil do lugar, marcado por um "caráter eminentemente prático da mentalidade norte-americana", mas que estava sensível ao "movimento de renovação moral", tanto no sentido da operante solidariedade humana, quanto dos movimentos de confraternização com base no Evangelho de Jesus.[259] Identificou, ainda, que entre os espíritas denominados por lá de espiritualistas, a penetração da obra de Allan Kardec seria extremamente necessária em países de língua inglesa, especialmente por já creem na doutrina da reencarnação – que era uma referência ao

---

[257] Apud AZEVEDO, Jorge. Entrevista com Chico Xavier e Waldo Vieira. *Diário de Notícias*, 21 de novembro de 1965. In: XAVIER; BARBOSA,1967, p. 172.
[258] HADDAD, S. J. Por que Estados Unidos? In: *Reformador*, ago. 1966, p. 9-10. Salim Haddad era descendente de libaneses nascido no Brasil. Casou-se com Phyllis, também brasileira, mas de ascendência anglo-saxã, com quem teve três filhos: Edwina, Haddya e David Haddad. Salim conheceu Chico Xavier na década de 1940, tendo procurado o Espiritismo em virtude da cura de uma tuberculose que havia adquirido e trocou cartas com o médium por décadas. Em 1965, a família Haddad residia na cidade de Elon College na Carolina do Norte, sendo Salim atuante no mercado têxtil, quando receberam os médiuns em sua residência.
[259] XAVIER; BARBOSA,1967, p.170.

espiritualismo moderno estadunidense –, mas porque já havia tido precedentes à codificação do espiritismo francês por meio das Irmãs Fox.[260]

> Desde logo, constatou-se a imensa diferença entre o Espiritismo norte-americano e o brasileiro. Ora, parte essencial da missão de Chico e seus companheiros era difundir lá o Espiritismo evangélico, tal como se praticava no Brasil. O kardecismo nos Estados Unidos estava apenas engatinhando. Por isso, Chico e Waldo fundaram em Washington o "Christian Spirit Center", destinado a manter os serviços iniciais de difusão da Doutrina Espírita, como é entendida e praticada no Brasil. [...]
> Imediatamente, o "Christian Spirit Center" iniciou seus trabalhos, dirigindo impressos com mensagens psicografadas no Brasil. Nas sessões realizadas, Chico psicografou várias mensagens em inglês, mais tarde reunidas em um livro no Brasil e publicadas com o título "Entre Irmãos de Outras Terras".[261]

O Espiritismo evangélico à brasileira, implantado no *Christian Spirit Center*, encontraria imediata receptividade nos Estados Unidos. Isto, por terem experimentado e visto de perto o que era praticado por lá, através do contato com os médiuns Gordon Borroughs do "Templo Espírita dos Dois Mundos" e com Brookes do "Templo Espírita de Cristo". Ainda em Washington D.C, investiram tempo para realizarem pesquisas na Biblioteca Pública e conhecerem a "The Petersen House", casa onde o presidente Abraham Lincoln (1809-1865) havia desencarnado e se tornou um museu aberto à visitação pública. Certamente, os dois locais serviram de referência para a Exposição Espírita Permanente em Uberaba e se observa o interesse pelo conhecimento de lugares de memória também associado ao movimento espírita. É noticiado, por exemplo, que Abraham Lincoln tinha relações amistosas e de proximidade com o Espiritismo nos Estados Unidos e, não por menos, é também rememorado pelos próprios espíritas brasileiros.[262]

---

[260] *Idem*, p. 171. Waldo Vieira, por outro lado, acreditava que as diferenças entre o Espiritismo anglo-saxão e o latino eram apenas formais. Apud PIRES, José Herculano. *Jornal Diário da Noite*, São Paulo, 9 de setembro de 1965. In: NOBRE, 2014, p. 209.
[261] *Idem*, p. 93-94. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Entre Irmãos de Outras Terras*. Por espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1966.
[262] De acordo com manchete do jornal espírita, os médiuns "com saída marcada para o dia 21 de maio, já estarão na grande pátria de Lincoln". *Cf*. Chico-Waldo nos E.U.A. In: *Reformador*, nº 6, jun. 1965, p. 20.

Figura 88 – Estátua de Abraham Lincoln em Washington D.C., maio de 1956.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 89 – "House where Lincoln died", em Washington D.C., maio de 1956.
Fonte: Acervo CMLCX.

Saindo de Washington D.C., foram levados por amigos lá radicados a visitarem o túmulo do presidente John Kennedy (1917-1963) no Cemitério de Arlington, cujo assassinato recém-acontecido ainda assombrava a política norte-americana. A necrópole que ainda hoje é a maior do mundo, está localizada em Arlington na Virgínia, e se trata de um cemitério de militares onde estão enterrados os norte-americanos que participaram dos diversos conflitos bélicos que o país esteve envolvido. Oculto aos mortos em suas diversas facetas é uma das matrizes importantes para se compreender o aspecto memorialísticos dos espíritas, que deriva em um conjunto de ações e ritualísticas envolvidas em seu cotidiano.

De Washington D.C. os médiuns iam e voltavam para a cidade de Silver Spring em Maryland, distante cerca de 10 km, e ali chegaram inicialmente no dia 6 de junho de 1965. Constam mensagens psicografadas de Waldo Vieira em pelo menos duas sessões que ocorreram nas noites de 6, 9 e 10 de junho de 1965. Na sequência, a viagem seguiu de Silver Spring para a cidade de Elon College na Carolina do Norte, a uma distância média de 500 km, onde foi instalado o *Christian Spirit Center* pela família Haddad sob direcionamento de Chico Xavier e Waldo Vieira.[263]

[263] "Detivemo-nos muito especialmente na obra de desenvolvimento e consolidação do 'Christian Spirit Center' que se define como sendo uma das mais valiosas esperanças do Espiritismo Evangélico do Brasil nos Estados Unidos. Para esse fim, foram realizadas diversas reuniões e publicadas várias mensagens de nossos Amigos Espirituais, psicografadas diretamente em inglês". In: XAVIER; BARBOSA,1967, p.183-184.

Figura 90 – O casal Salim e Phyllis Haddad, juntamente com seus três filhos, além de Chico e Waldo em Elon College, junho de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 91 – Médiuns durante a viagem ao exterior, junho de 1965.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 92 – Médiuns durante a viagem ao exterior, junho de 1965.
Fonte: Acervo CMLCX.

Ao lado da notável espírita americana Miss Hazel Morris, de Shreveport, Estado da Lousiânia, tradutora de obras de Emmanuel e André Luiz para o Inglês.

Figura 93 – Waldo Vieira, Hazel Morris e Chico Xavier, junho de 1965.
Fonte: ALVES, 1966.

Partindo da Carolina do Norte, as informações são pouco precisas sobre exatamente qual o caminho seguido. Sabe-se que estiveram na cidade de Shreveport na Lousiana, onde se encontraram com Hazel Morris – professora e poliglota – que estava traduzido o livro “Paulo e Estêvão” (1942). Também estiveram em Miami, capital da Flórida, onde se encontraram com o professor Luís Guerreiro Ovalle (1895-1990) e seus familiares, sendo procedentes de Cuba e radicados nos Estados Unidos. Ovaille era pioneiro do movimento espírita kardequiano em Miami, sendo tradutor para o castelhano das obras “Nosso Lar” (1944) e “Voltei” (1949) de Chico Xavier.[264]

[264] “Sr. Luís Guerrero Ovalle (1895-1990), que nasceu em Léon, Espanha, e em 1906 se transferiu com a família para a Argentina, onde estudou e seu pai trabalhou como notário público. Em 1909 ele se mudou para Cuba, continuando os estudos e passando a trabalhar na área bancária, tendo sido administrador de vários bancos neste país, onde residiu até 1960, quando se transferiu para

Figura 94 – Chico e Waldo com Luís Guerreiro Ovalle e familiares em Miami, junho de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 95 – Chico Xavier, Victor Buttler e Waldo Vieira em Nova Iorque, julho de 1965. Fonte: Acervo "Reformador".

Foram para a Pensilvânia, onde estiveram na cidade de Ephrata e conheceram o "Campo Espiritualista de Silver Belle". Ali tiveram contato com a/o médium Ridav e "constataram grande interesse pelas reuniões mediúnicas e pessoas procedentes de mais de 20 Estados".[265] Da Pensilvânia, talvez passando por New Jersey, mas já em sentido de retorno à Nova Iorque, visitaram nesta cidade o "Templo Benéfico Espiritualista" do médium Argos e o "Templo Espiritualista Universal" da médium Trussler, onde participaram de muitas sessões nas quais produziram diversas psicografias, nas datas de 01, 04, 06 a 10, 12, 14 a 15, 27 a 29/07/1965 e em 02 e 04/08/1968.[266] Ainda na aproximação com a colônia de latino-americanos nos EUA, conheceram Victor Cerezo e Victor S. Butller – o último, impulsionador do movimento kardequiano à luz do Evangelho junto à colônia porto-riquenha e latino-americana em geral – que, na cidade e no Estado de Nova Iorque, conta com 12 templos doutrinários em atividade.[267]

Miami/EUA. Aos 21 anos, plenamente adaptado à cultura cubana, ingressou no Movimento Espírita, pois começou a ler e estudar O Livro dos Espíritos, quando sua mãe desencarnou. Exerceu cargos em várias instituições espíritas, colaborou em muitos periódicos e traduziu ao espanhol obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), Divaldo Franco (1927-), Yvonne A. Pereira (1900-1984) e outros. Nos Estados Unidos, o Sr. Ovalle foi fundador da Ciência Espiritualista Kardeciana". *Cf*. FERNANDES, Washington L. N. O Espiritismo em Cuba. In: *Boletim GEAE*, nº 460, 29 de julho de 2003. Consta uma mensagem psicografada de Chico Xavier para *Cf*. Mensagem a Luis Guerrero Ovalle. In: *Reformador*, nº 9, set. 1980, p. 285.

[265] BACCELLI, 2010, p. 258.

[266] XAVIER; VIEIRA, 1966.

[267] Em Nova Iorque em 1965, os médiuns ficaram no Hotel Wolcott, ainda hoje existente. *Cf*. VIEIRA, Eurípedes Tahan. Chico Xavier 100 anos: um pouco mais. In: *Chico Xavier, 100 anos*. Uberaba, Livraria FCX, 2010, p. 9.

Toda essa movimentação, mobilizações e investimentos produziram resultados imediatos. Em 26 de julho de 1965, Chico e Waldo assinaram contrato com a *Philosophical Library de New York* – uma das mais respeitáveis editoras norte-americanas – para a publicação do livro "Ideal Espírita" (1963). Tendo sua primeira tradução feita pelo professor brasileiro Wallace Leal e pelo tradutor norte-americano, residente em Washington Russel Baldwin, a obra em inglês recebeu o título "The World of The Spirit".[268] Segundo o companheiro de viagem, Irineu Alves, o livro "será vendido por $3.75 dólares" e "será distribuído para 150 críticos e diversos países, inclusive para as regiões da África, Austrália, Índia e Grã Bretanha".[269] Expressamente, ao chegarem no coração das Américas – que naquele momento também já havia se consolidado como o centro econômico mundial –, Chico e Waldo miravam colocar em prática a amplitude da dispersão do Espiritismo que havia sido tão sonhado por Allan Kardec.

> O fruto mais importante desta viagem de Chico, porém, foi o lançamento da tradução norte-americana do "Ideal Espírita". Editado pela "Philosophical Library", de Nova Iorque, com o título "The World os The Spirit", numa tiragem de 50 mil exemplares, o livro esgotou-se em menos de um mês. Logo depois, via edição inglesa, seria traduzido para o árabe. O romance "Paulo e Estêvão", ditado por Emmanuel, também foi traduzido pouco depois.[270]

Além de toda agenda que contemplava produção mediúnica intensa ao longo do mês de julho de 1965, ainda em Nova Iorque realizaram pesquisas especialmente sobre estatísticas e divulgação de caráter espírita na Biblioteca Pública de New York e na Biblioteca das Nações Unidas (ONU).

---

[268] XAVIER; BARBOSA,1967, p. 172. O livro "The World of The Spirit" foi lançado em Nova Iorque em 17 de maio de 1966.
[269] ALVES, Irineu. Chico Xavier e Waldo Vieira nos EE.UU. e na Europa. In: *Anuário Espírita*, ano III, nº 3, p. 65-85, 1966.
[270] XAVIER; BARBOSA,1967, p. 93-94.

Figura 96 – Em visita ao *The New York Public Library*, julho-agosto de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 97 – Chico e Waldo posam no prédio da ONU, julho de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 98 – Chico Xavier defronte ao *Empire State Building* em Nova Iorque, maio de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 99 – Grupo em frente ao túmulo de John Kennedy na Virgínia, maio de 1956. Fonte: Acervo CMLCX.

Terminada a jornada nos Estados Unidos, seguiram em voo para a Inglaterra, tendo ficado naquele país no período de 7 a 12 de agosto de 1965, e estabelecido contato com instituições com tradições doutrinárias que acreditavam na reencarnação. Foram convidados a visitar algumas atividades espíritas naquele país sendo acompanhados e recepcionados em casa pelo jornalista e intelectual inglês Maurice Barbanell (1902-1981) e por sua esposa Sylvia Barbanell. Nos trabalhos mediúnicos desenvolvidos em Londres, consta mensagem recebida por Chico Xavier em reunião na noite de 10 de agosto de 1965.

O casal Barbanell tinha atuação no movimento espírita inglês, sendo que Maurice recebia mensagens psicográficas do espírito Silver Birch, tendo produzido

diversos livros.[271] Barbanell atuava nos periódicos espíritas “Psychic News” e “Two Words” – sendo fundador e diretor do primeiro entre o período de 1932-1946 e 1962-1981) e diretor do segundo entre 1962-1981). Atuava também como ativo estimulador dos Congressos Espíritas Internacionais, tendo sido também ministro da *Spiritualists' National Union*. Ele já conhecia o trabalho mediúnico realizado por Dr. Inácio Ferreira (1904-1988), brasileiro e uberabense. Chico e Waldo foram ainda apresentados ao jornalista espírita Kathleen Crooks, a Charles K. Shaw da “Spiritualist Association of Great Britain” – instituição que visitaram –, e a Gordon Adams.

> Em Londres, onde encontraram um Espiritismo em muitos pontos semelhante ao brasileiro, Waldo e Chico visitaram a redação de Psychic News e de “Two Worlds”, onde surpreenderam fichários e documentários completos sobre realizações espíritas de nossa Pátria. Estabeleceram contato com diversos espíritas e escritores ingleses, dentre outros: o famoso médium e escritor Maurice Barnabell e sua digna esposa, Mrs. Sylvia Barbanell, e Mr. Charles K. Shaw, da Associação Espírita da Grã Bretanha.[272]

Nesta curta passagem pela Inglaterra, na qual fica explícita a conveniência dos contatos e relacionamentos com a imprensa especializada, importante ponte para a divulgação doutrinária, o grupo rumou para a França onde estiveram entre os dias 12 a 26 de agosto de 1965, de forma a visitar instituições espíritas ao centro e no sul do país, tendo comparecido às cidades de Paris, Versalhes, Grenoble e Carcassonne, ao que temos informações. Importante neste processo era também construir articulações com as instituições e agremiações que representavam os espíritas em cada um dos países visitados, quando estas já existiam, de forma a potencializar o estreitamento dos relacionamentos e da comunicação com a comunidade espírita.

Assim, em Paris, centro doutrinador, estiveram na *Maison des Spirites* fundada por Allan Kardec e onde se localizava a *Union Spirite Française* – local que servia aos estudos espíritas criado por Léon Denis, tendo sido acompanhados pela médium Mireille Gisèle Klecka (1923-) –, além da *Société Française d'Etudes des*

---

[271] Dentre seus livros, Podemos citar: “Power of The Spirit” (1949); “This Is Spiritualism” (1959) – que contém a descrição de diversos fenômenos paranormais, incluindo diversas fotografias de materializações –; “He Walks in Two Worlds: The Story of John Myers, Psychic Photographer, Healer and Philanthropist” (1964); “Spiritualism Today” (1969); dentre outros.

[272] ALVES, 1966. “Em Londres, há três periódicos espíritas mundialmente conhecidos: Light, Two Words, e Psychic News. Visitamos as redações de todos e fomos recebidos com muita alegria”. Apud PIRES, 1965. In: NOBRE, 2014, p. 209.

Phénomènes Psychiques ou *Société Française de Recherches Psychiques* (1896) fundada por Gabriel Delanne (1857-1926) que, juntamente com Léon Denis (1846-1927), eram os principais discípulos de Allan Kardec. Nos trabalhos mediúnicos realizados pelos médiuns, constam mensagens recebidas entre os dias 19 a 23 de agosto de 1965. Neste dia, inclusive, fizeram uma visita ao *Cimetière du Père-Lachaise*, onde visitaram – por mais de uma vez – [273] o túmulo de Allan Kardec e de Gabriel Delanne, que se encontravam repletos de flores, o que confirma a deferência às personalidades que são referências do Kardecismo.

> Na França, começaram por visitar, em Paris, a "Maison dês Spirites", onde se edita a "Revue Spirite"; a célebre casa fundada por Léon Denis, o cemitério de Pére Lachaise, onde identificaram o túmulo de Allan Kardec, sempre recoberto de flores e incessantemente visitado por espíritas do mundo inteiro, túmulo esse que se localiza não longe do de outro batalhador da verdade, Gabriel Delanne.[274]

Figura 100 – Chico Xavier e Waldo Vieira no túmulo de Allan Kardec em Paris, 23 de agosto de 1965. Fonte: Acervo CEC.

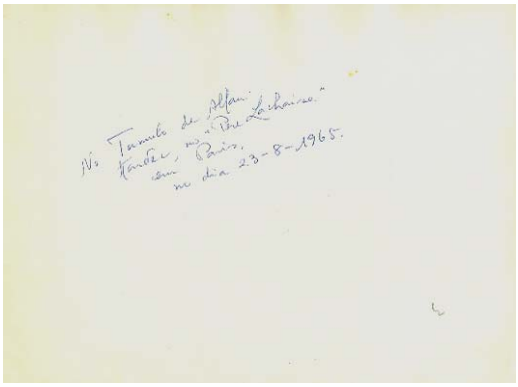


Figura 101 – Verso da fotografia ao lado onde se lê: "No Túmulo de Allan Kardec, no Pere Lachaise, em Paris, 23 de agosto de 1965". Observa-se caligrafia do próprio Chico Xavier, apesar da ausência de assinatura. Fonte: Acervo CEC.

[273] "nas várias visitas que efetuamos a esse monumento". In: XAVIER; BARBOSA,1967, p. 187.
[274] *Ibidem*.

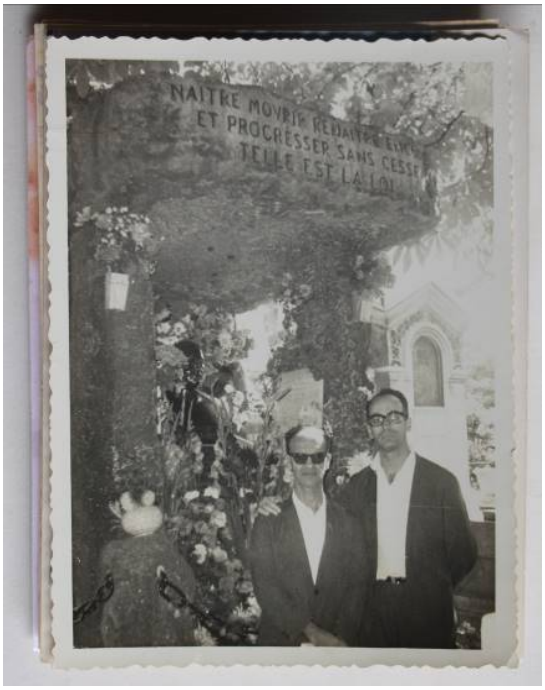


Figura 102 – Chico Xavier e Waldo Vieira no túmulo de Kardec, Paris, agosto de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

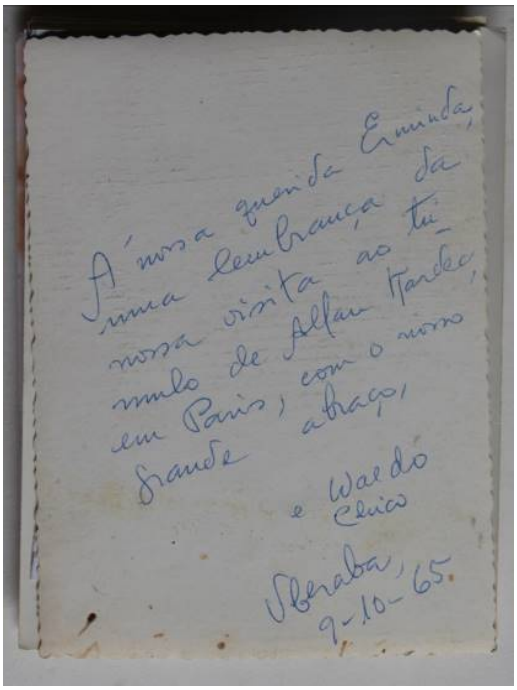


Figura 103 – Verso da fotografia ao lado onde se lê: "À nossa querida Erminda, uma lembrança da nossa visita ao túmulo de Allan Kardec, em Paris, com o nosso grande abraço, Waldo e Chico. Uberaba, 9-10-65". Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 104 – Chico Xavier e Waldo Vieira no túmulo de Delanne, Paris, 23 de agosto de 1965. Fonte: Acervo CEC.

Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira junto ao túmulo de Allan Kardec.

82 ANUÁRIO ESPÍRITA

Figura 105 – "Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira junto ao túmulo de Allan Kardec", Paris, agosto de 1965. Fonte: ALVES, 1966.

Neste traçado de projeção internacional, a viagem empreendida em 1965, levou o grupo a visitar pessoas e locais de referências para os espíritas, de modo a

não somente promover relacionamentos e contatos interpessoais, como também recolher acervos (notadamente bibliográficos e iconográficos), informações e ideias para os projetos que desenvolviam em Uberaba. Conformavam, também, repertório estético e cultural que seria projetado na Exposição Espírita Permanente em Uberaba.

Ainda em Paris, visitaram a *Maison de Balzac*, que tinha sido aberta à visitação pública a não mais que cinco anos. Poderia ser apenas uma opção turística, dentre a enorme cartela de museus a se visitar em Paris, considerada a capital mundial dos museus. Localizada no *XVI^e arrondissement*, em uma região limítrofe entre o centro e as periferias de Paris, a *Maison de Balzac* se insere em uma rua de importante acesso daquele bairro, um híbrido de área comercial e residencial. Como o próprio nome diz, aquele é um museu-casa, ou seja, foi uma das residências do escritor francês Honoré de Balzac (1799–1850), sendo a única de suas habitações parisienses que permanece ainda hoje preservada.[275]

Ao que tudo indica, foi ali que Balzac se refugiou para produzir, entre os anos de 1840 a 1847, as duas dezenas de volumes que constituem sua obra denominada "A Comédia Humana" composta por mais de 2.500 personagens. O reconhecimento de sua trajetória artística, que não se desenrolou somente naquele imóvel, mas que teve ali seu ápice, é narrado por meio da expografia atual da *Maison de Balzac*, que pretende contemplar sua biografia, mas fundamentalmente seu percurso literário. A proposta da instituição se insere no fato de que, por meio de uma "cenografia original", os visitantes são incentivados a seguir os percursos "originais" do artista e, deste modo, conhecê-lo ou, quem sabe, ir ao encontro dos caminhos imaginativos para a (re)descoberta de "A Comédia Humana".[276]

A casa está situada na região das antigas colinas de *Passy*, na margem direita do Rio Sena, onde avenidas largas e arborizadas registram as mudanças urbanísticas feitas na Paris do século XIX. Aquele *arrondissement* é circunscrito pelo Arco do Triunfo (1806-1836), marco das vitórias de Napoleão Bonaparte, a Praça do *Trocadero*, onde existia o Palácio do *Trocadero* (1878-1935), com vista oeste da *Torre Eiffel* (1887-1889), percurso que se tornou integrante de um dos distritos aristocráticos de Paris no século XIX que, entretanto, está localizado nas bordas do

[275] GAGNEUX, Yves; MAGGIORE, Evelyne; MARÉCHAL, Severine. *Maison de Balzac*. Paris: Paris Musées, 2019.
[276] GAGNEUX, Yves. *Le Musée Imaginaire de Balzac*: les 100 chefs-oeuvre au coeur de La Comédie Humaine. Paris: Beaux Arts Editions, 2012.

centro da capital francesa. Trata-se de uma área que, na primeira metade do século XIX, era considerada uma região de campo, pouco habitada e nos limites exteriores à Paris. Foi através de uma lei de 3 de abril de 1841, que algumas comunidades periféricas, dentre elas *Passy*, integraram-se à cidade de Paris, de modo que foram finalmente anexadas em 1º de janeiro de 1860.[277]

Passy era uma região com presença de pedreiras de calcário exploradas especialmente entre os séculos XIII-XVIII, onde fontes de água minerais foram descobertas no século XVIII. No século XIX abrigou antigas adegas de vinho.[278] Estas cavas estavam associadas ao Convento de *Passy* (Convento de *Chaillot*) onde existiam videiras que cresciam no caminho de quem rumava para a região camponesa de *Bois de Boulogne*, bem como no trajeto entre Paris e Versalhes. A região passou a atrair turistas e homens de letras para um subúrbio que foi descrito em textos não somente de Honoré de Balzac, como de outros escritores, artistas e dândis notadamente Émile Zola, Gustave Flaubert, Victor Hugo e Louis Aragon, entre outros, muitos destes também atraídos pelas novidades do que, à época, chamavam de ocultismo.[279]

O ambiente externo, atualmente estimulado pelo forte comércio, cria um contraste com o museu-casa, que parece tentar resistir à modernização do bairro, dos costumes e da vida dos parisienses no século XXI. O confronto se expõe em um convite a adentrar naquele ambiente exteriormente intimista da *Maison de Balzac*: no meio dos prédios entalados entre concretos, resiste uma casa baixa, modesta, com seus telhados de zinco, precedida de um jardim recoberto por arbustos e de onde se avista a proximidade da *Torre Eiffel* – não mais distante que 1,5 km dali –, convidando os visitantes à leitura, reflexão, em seus bancos de praça onde se conforma um pátio. Balzac não chegou a conhecer a *Torre Eiffel* (1887-1889),

---

[277] COMBEAU; Yvan. *Paris*: uma história. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999, p. 54.

[278] STÉPHANE; Bernard. *Dictionnaire des noms de rue*. Paris: Éditions Mengès, 2000, p. 537.

[279] Por exemplo, o escritor Victor Hugo (1802-1885), durante seu exílio na Ilha de Jersey entre os anos de 1851 a 1855, participou de inúmeras sessões de mesas girantes com seu amigo Auguste Vacquerie e passou a acreditar que havia entrado em contato com espíritos de desencarnados, inclusive de sua filha Léopoldine – falecida por afogamento – e de famosos intelectuais como Shakespeare, Dante, Racine e Molière. A partir destas experiências com as mesas girantes, Victor Hugo se converteu ao Espiritismo em 1867 e clamou que a ciência desse atenção e seriedade àqueles fenômenos. In: MÉHEUST, Bertrand. *Somnambulisme et médiumnité (1784-1930)*. Tome II – Le choc des scences psychiques. Nancy: Institut Synthélabo, 1999, p. 312-317. *Cf.* MARIOTTI, Humberto. *Victor Hugo Espírita*. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno do ABC, 1989. Amigo íntimo de Victor Hugo, o escritor Honoré de Balzac também tinha contato com o Espiritismo que, como exposto, poderia se manifestar nas populares mesas girantes no circuito espiritualista da época, o que ocorria em período contemporâneo à Allan Kardec. *Cf*. RIZZINI, Jorge. *Escritores e Fantasmas*. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno, 1992.

tampouco os comércios luxuosos que se estabeleceram no bairro de *Passy* em fins do dezenove. Para um visitante que busca o museu, especialmente um museu-casa que musealizou uma casa histórica, faz-se interessante entender os diversos usos e contextos sociais associados à edificação, informações que não são facilmente refletidas a partir de sua expografia.[280]

O entorno imediato da *Maison de Balzac*, bem como o *XVI^e arrondissement*, dão indicativos muito importantes não somente sobre a inserção daquela casa no contexto parisiense, bem como informam de maneira palimpséstica[281] a vida das pessoas que por ali passaram e que registraram suas vivências e ambientes nos nomes das ruas: *Avenue des Peupliers*, *Avenue des Tilleuls*, *Rue de la Source*, *Rue Gros*, *Rue Poussin*, *Rue Jasmin*, *Rue de Boulainvilliers* (referência ao antigo *Château de Boulainvilliers*), *Avenue Marcel Proust*, *Avenue Théophile Gautier*, *Rue François Millet*, *Place Rodin*, etc. São potenciais estratigrafias das memórias desde o ambiente camponês de *Passy*, com suas vegetações próprias e oferta de infraestrutura, que se tornou referência territorial posteriormente, concorrendo e disputando espaços memorialísticos do social com os nomes de escritores que viveram naquele bairro e marcaram outros tempos, outras sociabilidades.

[280] "Casa histórica é um imóvel geralmente não aberto ao público, excepcional por suas características e que pode conservar ou não seus interiores, enquanto museu-casa é uma casa musealizada que necessita de um processo posterior ao da casa histórica para poder potencializar e visibilizar os valores do prédio, atuando como museu, ou seja, fazendo com que espaços criados para uso privado se tornem lugares públicos de exibição". In: CAYER, Nelson Alexis; SCHEINER, Teresa Cristina. Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 16, nº 2, 2021, p. 1.

[281] De maneira palimpséstica ou ato palimpséstico seria a conduta de se eliminar o texto original dos antigos pergaminhos e papiros para dar lugar a novos textos. *Cf*. BATTLES, Matthew. *Palimpsest*: a history of the written word. New York; London: W. W. Norton & Company, 2015.

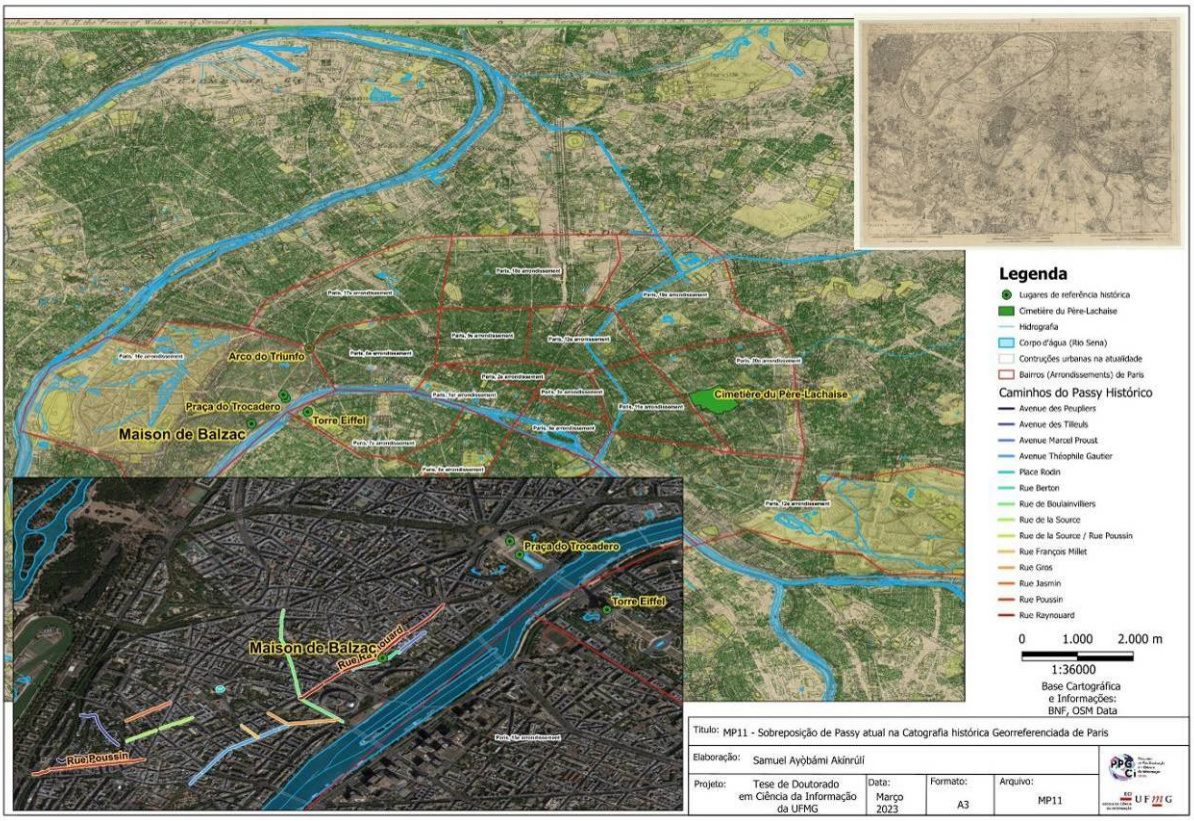


Figura 106 – Sobreposição de *Passy* na cartografia histórica georreferenciada de Paris – França. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

O acesso à *Maison de Balzac* se dá pelo portão principal localizado no número 47 da *Rue Raynouard*, feito por uma descida íngreme, demonstrando a resistência da primeva topografia das colinas da região de *Passy*. Pelos tempos de Balzac, aquele endereço era chamado de *Rue Basse*, número 19, *Passy*,[282] renomeação realizada em 1867.[283] Há uma portaria, que não é comumente usada pelos visitantes do Museu – mas uma saída estratégica usada por Balzac – que dá acesso à parte mais baixa desta colina, localizada na *Rue Berton* (antiga *Rue de Roc*) que, por sua vez, permite seguir para a atual *Avenue Marcel Proust*.

De acordo com seu amigo e contemporâneo Théophile Gautier (1811-1872), Balzac ao se mudar para *Passy* se instalou em uma casa de aspecto bastante singular localizada em uma ladeira íngreme, de modo que era preciso descer três andares para chegar ao primeiro.[284] A porta de entrada, do lado da rua, abria quase

[282] TROYAT, Henri. *Balzac*. Paris: Flammarion, 1995, p. 371.
[283] STÉPHANE, 2000, p. 609.
[284] Atualmente, há um elevador que permite acessibilidade entre os pavimentos do museu-casa, cuja obra de readaptação foi realizada entre os anos de 2018 e 2019, quando a instituição ficou fechada para o público. Em fins de 2019, a *Maison de Balzac* foi reaberta às visitações.

no telhado, como um sótão. A cobertura de zinco ficava exposta naquela encosta, e de longe demonstrava a ausência de qualquer soberba. Ali, Balzac tinha feito seu refúgio intelectual que servia ainda de esconderijo de seus credores, ambiente o qual permitiu que também se ocupasse com curiosidades relacionadas às ciências ocultas, quiromancia e adivinhação. No sótão, o coração da casa, funcionava o escritório de Balzac, um gabinete mais discreto do resto do imóvel.[285]

Para Balzac, aquela casa era a *Cabane du Passy* ou o *Appartement de Passy* que lhe serviu de morada entre os anos de 1840-1847. Depois, o escritor passou a residir em um hotel na *Rue Fortunée*, atualmente denominada de *Rue Balzac*. A casa foi convertida, já no ano de 1908, em museu privado por uma associação de amigos sob a iniciativa de Louis Étienne Baudier de Royaumont (1854-1918). Era preciso se fazer conhecido e atrair visitantes para conhecer e também ajudar na manutenção da instituição, que dependia das entradas dos usuários. Tentava-se atrair olhares e notícias da imprensa para o feito.[286] Com muitas necessidades de conservação do prédio e diversos incidentes que ali aconteceram, em 7 de maio de 1913, a casa de Balzac foi classificada como monumento histórico municipal, acontecimento de suma importância perante, não somente as necessidades de manutenção e conservação do lugar, mas especialmente pelo reconhecimento da existência e relevo histórico-cultural do conjunto.

Quando da organização do acervo em sua fundação por Royaumont, ele produziu um livro registrando o processo, a missão institucional de “trazê-lo de volta à vida”, sua deferência e informou sobre o inventário do acervo até então organizado e que estavam sob a guarda do recém-inaugurado *Maison de Balzac*. O diretor do museu apontava para a presença de 408 itens, especialmente artigos de artes, como pinturas, fotografias e mobiliário. Os livros e correspondências, em grande volume, todavia, não foram apresentados naquele momento, posto que seriam objetos que comporiam um catálogo especial.

> Outros escritores, e os mais elevados, disseram já à época da morte de Balzac, [...] Não, Balzac não é um desses homens de todos os sorrisos. Mesmo o descanso não é garantido para ele depois de sua morte, pois os oficiais de justiça continuaram à sua sombra nesta casa de Passy, onde estamos tentando trazê-lo de volta à vida.

---

[285] GAUTIER; Théophile. *Honoré de Balzac*. Paris: Poulet-Malassis et de Broise Laibraires-Éditeurs, 1859, p. 162-168.
[286] *Bulletin de la Société historique d'Auteuil et de Passy*, vol. LXVII, tomo VI, nº 9, 1909.

> Seu lugar de descanso final é em Père-Lachaise. Ele está aí, na promiscuidade jurídica, perto da mulher que foi sua noiva por dezessete anos, e trinta anos sua viúva, mas tão pouco sua esposa. Aquele permita-nos procurar em outro lugar sua memória. Onde estaria, se não em Passy? [287]

Figura 107 – Fotografia circulada na imprensa sobre a inauguração do Museu Balzac em Passy na data de 16 de maio de 1908, onde se veem ao centro Léon Maillard e Louis Royaumont. Fonte: Acervo BnF.

De acordo com Royaumont, quando para ali se transferiu, Balzac “deu à luz ao seu espírito” para surgir a ideia de um lugar histórico a ser preservado, de um museu literário a ser criado. Ao constituir a *Maison de Balzac*, ele encontrou várias resistências, especialmente associadas às preocupações financeiras. Mas, segundo suas memórias, Royaumont estava encantado com a atmosfera balzaquiana do lugar, ele amava o jardim onde estão as videiras cujas uvas Balzac colheu, de forma a saber que “o grande homem viveu e trabalhou aqui, apenas esperando por um caixão para o preço de seus esforços” e “ficaria feliz” por visitarmos esses lugares. Neste sentido, Royaumont acreditava que era urgente e necessária a sua articulação em torno da ideia de musealização daquele espaço, porque

> Sim, se a França intelectual não intervém, se homens de pensamento coração altivo e vigilante não se unem para garantir a preservação, para torná-lo o objeto e o lugar de uma peregrinação

[287] ROYAUMONT, 1914, p. 71. Tradução nossa.

> incessante de pensadores, sonhadores, poetas de todos os países [...].[288]

Quando da morte do fundador do museu e seu conservador Louis Royaumont, em 1918, unindo-se à crise gerada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os estudiosos e simpatizantes de Balzac – chamados de balzaquianos –, uniram-se para conseguirem pagar o aluguel do imóvel por um tempo e um outro conservador foi designado, mas as coisas ficariam ainda piores durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1921, por exemplo, há documento que já chamava atenção da Prefeitura de Paris, a fim de ser retomada a conservação do prédio – especialmente do seu escritório e do jardim –, além da necessidade de cuidados especiais em relação ao seu acervo ali exposto. À época, acreditava-se que a casa deveria servir de um centro intelectual, e que haveria sessões de visitas para atrair visitantes pagantes em roteiros de dois tipos: um relacionado ao Balzac no que diz respeito ao seu trabalho e sua relação com os seus contemporâneos; e outra sessão que trataria da arte em geral. Assim, foram solicitados projetos, por parte da Prefeitura, que incluíram a manutenção da instituição como parte da responsabilidade da Prefeitura de Paris.[289]

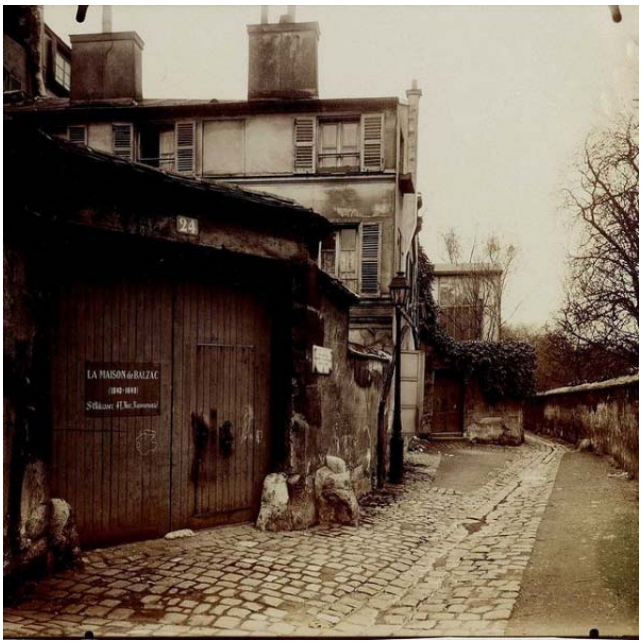


Figura 108 – Em 1913, o fotógrafo Eugène Atget explorou as antigas ruas do bairro de *Passy*, especialmente a *Rue Berton* com seu desenho sinuoso localizada no *XVI^e arrondissement*, em momento no qual já existia a *Maison de Balzac*.

---

[288] *Idem*, p. 75. Tradução nossa.
[289] Paris. *Conseil Municipal. Proposition relative à la fondation d'une Maison de Balzac*. Présentée par M. Léon Riotot Conseiller Municipal. 1921.

Fonte: Acervo *Musée Carnavalet*.

Parece ter sido somente após a Segunda Guerra Mundial, que oficialmente a *Maison de Balzac* passou a ser propriedade da Prefeitura de Paris, quando um museu estendido a toda a casa reabriu ao público em 1960.[290] Foram coletados, para compor o acervo de objetos relacionados à vida de Balzac, outros itens como pinturas, gravuras, esculturas, evocações de lugares, edições ilustradas, com destaque para as primeiras edições dos seus livros, conformando uma biblioteca especializada já em 1960, época na qual os médiuns mineiros visitaram a instituição.[291] Mesclaram-se junto a alguns poucos itens pessoais, uma fartura de imagens que representavam Balzac, em sua homenagem póstuma que ainda hoje serve de forma a ampliar os ecos de antigos e novos leitores de Balzac.

Existe uma intenção contemporânea da instituição em criar um museu imaginário a partir dos personagens das obras de Balzac. A biblioteca do gabinete do escritor, neste contexto, ganha destaque sob esta ótica, é o cerne do museu, ambiente dedicado à produção da grande obra “A Comédia Humana”. A sala dos personagens é um ambiente na *Maison de Balzac* que dialoga com a multiplicidade de “tipos” da sociedade oitocentista francesa, sendo considerados testemunhos de uma época encabeçada pela consolidação do capitalismo, a ascensão da racionalidade científica, da moral e dos costumes burgueses. Bonecas ou provas corrigidas, rascunhos dos livros com marcas de revisão estão expostos e expressam a marca indelével do trabalho hercúleo da sua escritura – Balzac chegava a trabalhar 18 horas por dia –, e ganham destaque na narrativa museológica.

Este interesse pela memória do universo dos costumes a partir de uma observação minuciosa e crítica, contribuiu para o registro da perspectiva da mudança na sociedade, evidenciando a transição do Antigo Regime à consolidação da moderna sociedade burguesa. A força da materialidade do acervo do literato deixa transparecer a crítica social potente na escrita de Balzac, em grande medida e também contraditoriamente apegada às ideias conservadoras que o aproximavam da defesa da monarquia e do catolicismo na França pós-revolucionária, refletindo contextos de decadência moral da nobreza frente à ascensão da burguesia.

---

[290] AUBERT, Marcel; LELIÈVRE, Pierre. *Bibliothèque d'art et d'archéologie*. 1945-1947. Paris: Société des amis de la Bibliothéque d'art et d'Archéologie, 1951.
[291] GAGNEUX; MAGGIORE; MARÉCHAL, 2019, p. 5.

O museu oferece caminhos para levar os visitantes a este edifício de um homem que se tornou um “gigante literário”, que teve sua dimensão memorialística de reconhecimento social ampliado não somente de forma póstuma, mas especialmente pela retomada memorialística de escritores ainda no século XIX, que abordavam seu visionarismo sobre o contexto social da República. Não por menos que nas publicações sobre o museu transparecem biografias cruzadas entre a história nacional francesa e a de Balzac,[292] tomando inflexões a partir de 1789, os diversos eventos republicanos e as datas de nascimento do escritor e de suas publicações.

A escolha expográfica e a própria missão contemporânea da *Maison de Balzac* se baseiam na ruptura com o que chama de uma biografia tradicional que, de acordo com o diretor da instituição desde o ano de 1999, Yves Gagneux, vai no sentido de aceitar este desafio que consiste em despertar o desejo de ler ou reler este conjunto romântico.[293] Uma questão a ser pensada, além do que é chamado de uma biografia tradicional, é que se apartarmos as dimensões do sujeito em sua conjuntura, em suas idiossincrasias, é possível, mesmo assim, fazer conhecê-lo em sua completude? Só por meio da Criatura é possível compreender os percursos do Criador? Mas, e seu contexto social, suas visões do mundo? E as geografias de Paris, múltiplas, que ele próprio levava a conhecer em suas obras de maneira tão profunda, quais reflexões são propostas nesse sentido no museu?

Não restam dúvidas que a escolha seletiva de se narrar um registro específico da biografia de Balzac naquele espaço de memória, notadamente relacionada à sua genialidade como escritor, ofusca e apaga outras interfaces do seu ser, do seu estar no mundo, das suas correlações entre sujeitos e territórios narrativos, das controvérsias possíveis. Reforçam aspectos memorialísticos que o atrelam mais a um mito, especialmente em seu poder retórico figurativo[294] e, portanto, alguém merecedor da titularidade de representante da nacionalidade francesa, marcador de um tempo na história.[295] E, de uma específica França: aquela republicana, revolucionária, racional, moderna, iluminada.

---

[292] GAGNEUX; MAGGIORE; MARÉCHAL, 2019, p. 78.
[293] *Idem*, p. 5.
[294] LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.
[295] GILLARD, Marc. *Paris au Temps de Balzac*: l’epoque romantique. Etrepilly: Presses du Village, 2001.

Também, não é por menos que histórias sobre a conformação primeira da *Maison de Balzac*, que remonta a 1908, são invisibilizadas nas narrativas contemporâneas sobre o museu, posto que possuem outros registros narrativos, dialogam com outra missão museológica. Os interesses da reconstrução da história nacional francesa, após o trauma da ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial, também dão indicativos bastante complexos sobre o interesse da Prefeitura de Paris sobre a reabertura do museu em meados do século XX, que também são postos em segundo plano na narrativa expográfica atual. Neste museu-casa, a opção é pela reverberação de uma imagem do universo público – o escritor bem sucedido, famoso, o "monumento literário" – [296] em oposição aos meandros reacionários do homem Balzac em sua dimensão particular, privada, íntima e propícia de uma casa. *Maison de Balzac*: entre narrativas literárias e mitologias nacionalistas

Aquele encontro com a vida de Balzac, nestes emaranhamentos entre a sua faceta pública e privada, marcou profundamente tanto Chico Xavier quanto Waldo Vieira, e configurou uma determinada visão em relação às práticas memorialísticas que eram realizadas no período e dos quais eles se espelhariam e exportariam para a Exposição Espírita Permanente em Uberaba. Tratava-se de edificar um centro intelectual nas periferias, tal qual o ideário da *Maison de Balzac*, mas que seria um lugar de referência para os adeptos e estudiosos, ambiente também de paz e recolhimento.

> A afirmação de que Paris é a capital das artes seguramente se sustenta no renome de seus museus, que, seja por suas qualidades intrínsecas, seja por sua especificidade institucional, fizeram-se referência para a prosa artística no início do século XIX. Esses museus testemunham uma "nacionalização" da arte, desde então facultada aos cidadãos. Mas, se no século XIX tal fato é evidente e goza de longa tradição, seu caráter "republicano" engendrou um processo complexo, fruto de uma dialética entre a destruição e a conservação das heranças históricas.[297]

Na década de 1960, as instituições de memória visitadas por Chico Xavier e Waldo Vieira serviram de referências no tocante à própria forma de se narrar histórias e rememorar por meio da prática da constituição de acervos. Também, inspiraram na construção de repertórios intelectuais, culturais e estéticos que

[296] GAGNEUX; MAGGIORE; MARÉCHAL, 2019, p. 39.
[297] POULOT, Dominique. O modelo republicano de museu e sua tradição. In: BORGES, Maria Eliza Linhares (org.) *Inovações, coleções, museus*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.14.

abarcam, ainda, a operação intelectual de constituição de memórias do próprio Espiritismo, o que esteve em sintonia a um horizonte referencial do que se fazia à época em termos museológicos.

Naquele contexto da década de 1960, em geral, as narrativas museológicas, que se refletiam na própria expografia, iam em direção à uma edificação de histórias dos “grandes homens”, ou seja, dos eminentes vultos que deveriam servir de exemplo para os espectadores e usuários, definindo e delimitando as dimensões do sujeito que se educava por aquela experiência imersiva. O que transcorreu em um cenário monumental, notoriamente no interior de construções majestosas dos sujeitos “elevados”. Estes, que eram representados nos espaços que originalmente serviam como sua propriedade, estavam situados em condição econômica superior e, neste contexto museal, conduziam ainda à interpretação de igual nível cultural e de erudição daqueles sujeitos, o que chancelou a necessidade de se tornarem referências e autoridade na sociedade e, em muitos casos, da própria nacionalidade.

Por conseguinte, transpareciam situações de culto às personalidades dos poderes políticos – donos dos acervos e de suas narrativas, que deixavam entrever alguns aspectos dos bastidores e de suas intimidades – para a reprodução de histórias e memórias que se sustentavam pela manifestação material, por meio de dispositivos documentais alusivos aos fatos e vultos nacionais que desejam dar a ver a “verdade” e, portanto, uma versão única e exclusiva da história. Documentos e itens da cultura material que serviam como prova da verdade que se atrelavam ao desejo memorialístico também projetado pelos médiuns em relação à história do Espiritismo, e que auspiciavam contar a partir de exemplos circunscritos a esta visão de mundo teleológica e evolucionista também intrínseca ao Kardecismo. Ambicionava-se, portanto, uma história monumental na Exposição Espírita Permanente em Uberaba, Minas Gerais, Brasil, que seguia estes preceitos de racionalidade até então defendido pela museologia da época, e que também estavam vinculados com a própria maneira de ser espírita.

> A Revolução [Francesa] herda da cultura material do passado duas formas principais. O tempo que se inscreve nos monumentos deixados *in locu*, na paisagem das cidades; as obras, os livros e os arquivos que se acumulam nos acervos eruditos ou em depósitos de triagem. Assim, a cultura material do passado entra, ao mesmo tempo, em um processo de reescrita da História, na reconfiguração das imagens públicas, na elaboração de uma nova memória dos saberes e em uma monumentalidade coletiva inédita. O patrimônio

> deve ser entendido como uma forma de reorganização racional dos recursos para a coletividade.[298]

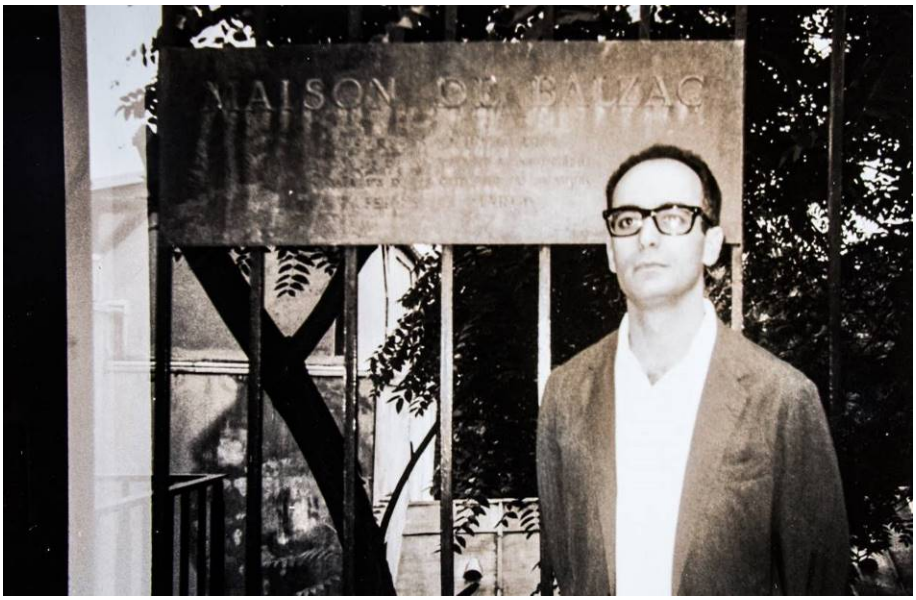


Figura 109 – Waldo Vieira posa em frente à entrada da *Maison de Balzac* em Paris, agosto de 1965. Fonte: Acervo CEC.

Marcados por aquela experiência, o grupo de médiuns seguiu sua peregrinação internacional saindo de Paris em direção à Carcassonne, ao sul da França e distante mais de 700 km da capital: cenário do romance psicografado por Waldo Vieira, poucos meses antes da viagem, intitulado “Cristo Espera por Ti” (1965), livro de autoria do espírito de Honoré de Balzac.[299] O que gera a interpretação que Waldo Vieira teve grande influência na construção de roteiro de viagem, o que, também, possivelmente justifica a sua presença solitária – sem Chico Xavier – na única foto tomada quando o grupo esteve na *Maison de Balzac*. Também, pelo roteiro de bibliotecas, museus, centros culturais e cemitérios visitados, dá a entender que poderia também ter como sustentação narrativa na Exposição Espírita Permanente os inventários de pessoas e seus lugares associados àqueles que senão espíritas, ao menos simpatizantes da causa ou que, porventura, comunicaram-se via psicografia após o desencarne.

---

[298] I*dem*, p.17.

[299] VIEIRA, Waldo. *Cristo Espera por Ti*. Pelo espírito de Honoré de Balzac. Catanduva: Candeia, 1965. “Foi com muita emoção [...] que visitamos a velha *Cité*, de mil anos, entre suas muralhas admiravelmente conservadas, no centro da moderna Carcassonne. Hospedamo-nos aí. Visitamos seus velhos edifícios, a muralha e as torres, identificamos os locais descritos no romance. Balzac afirma no prefácio que o enredo é real. Com emoção, encontramos numeroso indícios a respeito, inclusive na visita que fizemos a vários túmulos no cemitério antigo”. Apud PIRES, 1965. In: NOBRE, 2014, p. 210.

> Em Carcassonne, cenário do romance Cristo Espera por Ti, do Espírito de Honoré de Balzac, psicografado por Waldo Vieira, examinaram locais inteiramente de acordo com as descrições do grande romancista francês desencarnado, locais esses que foram filmados e documentados para a Exposição Espírita Permanente.[300]

Neste aspecto, importante adendo precisa ser feito e que diz respeito ao entrelinhamento entre Balzac e Waldo Vieira. Há uma linha interpretativa sobre a vida e a trajetória intelectual do escritor que o associa ao ocultismo, notoriamente sob influência de Emanuel Swedenborg (1688-1772).[301] O que, portanto, poderia transparecer na construção de vários de seus enredos e personagens de suas tramas e, em especial, à obra "Séraphita" (1835) de Balzac.[302] Este romance abordaria o princípio da reencarnação como tema central a partir de uma reinterpretação de pensamentos populares da região da *Provence*, incluindo a figura de Drag, um espírito brincalhão, que se diverte em pregar peças. Todavia, ele é visto sob a figura de um jovem que exerce sua influência para constranger um indivíduo a escrever contra sua própria vontade.[303]

Por seu turno, posteriormente, Waldo Vieira viria a assumir ser a "consciex Zéfiro ressomada", ou seja, a reencarnação desse espírito que tinha vivido em diversos continentes. Zéfiro teria sido também um interlocutor de Balzac, sendo "colegas evolutivos desde períodos remotos e ambos apresentam profunda dileção pelo registro gráfico ou escrito". E o "objetivo central da aproximação de Zéfiro a Balzac era a tentativa de despertar no romancista a cognição quanto à realidade multidimensional", de forma, ainda, a afirmar que a ciência "pressagiada pelo escritor em 1832", "viria a ser a Projeciologia, proposta oficialmente defendida por Waldo Vieira em 1986".[304] Com destaque, ainda, para o fato de que, por seu turno, Zéfiro teria sido também o guia espiritual e protetor de Allan Kardec.[305]

---

[300] ALVES, 1966. Há interessante pesquisa sobre a relação entre os escritos do francês e as psicografias ditadas pelo espírito de Balzac pelo intermédio de Waldo Vieira em RAMOS FILHO, Osmar. *O avesso de um Balzac contemporâneo*: arqueologia de um pasticho. Niterói: Lachâtre, 1994.
[301] "Cumpre também mencionar que as teorias místicas de Swedenborg foram estudadas por Goethe, Schelling, Balzac, Baudelaire, William James e Augusto Strindberg". *Cf*. GODOY, Paulo Alves. Emanuel Swedenborg – 3º Centenário de Nascimento. In: *Anuário Espírita*, nº 25, 1988, p. 125.
[302] BALZAC, Honoré de. *Séraphita (and Louis Lambert & Thes Exiles)*. Sawtry: Dedalus, 2012 [1835].
[303] Romance Espírita. In: *Revista Espírita*, ano X, jan. 1867, p. 33. Edição francesa.
[304] TELES, 2014, p. 113-114 e p. 116. *Cf*. VIEIRA, Waldo. *Projeções da Consciência*: diário de experiências fora do corpo humano. Foz do Iguaçu: Editares, 1981 [1979]. VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. Foz do Iguaçu: Editares, 1986.
[305] De acordo com Kardec, "Dava o nome de Zéfiro o Espírito que costumava manifestar-se, nome perfeitamente acorde com o seu caráter e com o da reunião. Entretanto, era muito bom e se dissera protetor da família. Se com frequência fazia rir, também sabia, quando preciso, dar ponderados

Nesta percepção, os destinos de Balzac, Zéfiro e Waldo Vieira voltariam a se cruzar, mas agora em papéis trocados. No ano de 1965, o “Balzac consciex”, ou seja, o espírito ou alma daquele que havia sido Balzac, propõe ao então médium Waldo Vieira, receber em psicografia o romance “Cristo Espera por Ti” (1965), publicado no mesmo ano.

> Quando Balzac me propôs receber o romance, eu aceitei na hora, pois entendi que era oportunidade para ele ressarcir a omissão deficitária. Além do mais, não poderia deixar o amigo na mão. Na época, eu não havia lido muitas obras dele. Talvez esta tenha sido a minha maior dificuldade para compor o livro. Os amparadores nos auxiliaram muito, inclusive o evoluciólogo Transmentor e o amparador Enumerador, e o romance foi transmitido na base da pangrafia. Sem a pangrafia ia demorar demais e talvez eu não fosse capaz de captar todas as nuanças que ele desejava. Assim, recebi o romance sem retoques. [...] Certa vez, quando projetado, eu cheguei a comentar com Balzac que eu gostava daquele estilo, porque toda linha tinha uma ideia. Nós somos parecidos, damos muito valor às palavras.[306]

Asseguradamente, a busca de Waldo Vieira – e muito do seu encontro nesta viagem internacional – seguiria em direção oposta à de Chico Xavier, notoriamente no âmbito de uma aproximação, cada vez mais inevitável, de suas pesquisas e interesses no rumo do ocultismo e da parapsicologia que tinham grande respaldo no exterior e que enraizavam, inclusive, em um “espiritismo cultural”, com composição advinda de muitas influências em um misto de incubações científicas, mentalidades românticas, o ante espiritismo católico e representações populares.[307] Âmbito que teve muita aderência nos contextos dos Estados Unidos e, em especial, na França e, neste último, também por interferência do Iluminismo e, consequentemente, do secularismo (laicidade) que promoveu a separação formal entre a religião e o Estado, o que garantiu, ao mesmo tempo, a proteção de crenças e liberdades religiosas em território nacional.[308]

Na sequência da França, o grupo de médiuns seguiu para Itália e na Espanha, tendo ali ficado entre os dias 26 de agosto de 1965 a 2 de setembro de

---

conselhos e manejar, se ensejo se apresentava, a epigrama, espirituoso e mordaz. Relacionamo-nos de pronto e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Não era um Espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos Superiores, me auxiliou nos meus trabalhos”. In: KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 41ª ed. Brasília: FEB, 2019, p. 228.

306 TELES, 2014, p. 117.

307 CUCHET, Guillaume. *Lex voix d’outre-tombe*: tables tournantes, spiritisme et société au XIX^{e} siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

308 BAUBÉROT, Jean. *Histoire de la laïcité en France*. Paris: PUF, 2010.

1965, com voos que chegaram de Paris-Barcelona, e saíram via Madrid para Lisboa. Ainda na França, seguramente em trajeto feito por vias terrestres, passaram pelo Palácio de Versalhes e na Itália, onde consta fotografia na famosa “Fontana di Trevi” em Roma, estiveram na redação da revista “Luce e Ombra”, dentre outras organizações.[309]

No passaporte de Chico Xavier consta um visto de trânsito para a Espanha, onde eles passariam em deslocamento a partir da França e, portanto, com estadia de apenas 7 dias, o que foi solicitado em Nova Iorque no dia 4 de agosto de 1965. Pela data e pela agenda de compromissos realizados na Espanha e na Itália, é possível que estes trechos da viagem tenham sido adicionados como uma extensão a partir de um direcionamento feito ainda durante a viagem.

Figura 110 – Chico e Waldo no Palácio de Versalhes na França, agosto de 1965. Fonte: Acervo CEC.

Figura 111 – Chico e Waldo na *Fontana di Trevi* em Roma, Itália, agosto de 1965. Fonte: Acervo CMLCX.

Na Espanha, como disse Waldo Vieira à Herculano Pires, o “Espiritismo é subterrâneo. Mesmo assim, sob o guante do medo, há espíritas lutando pela divulgação da verdade”. O médium fazia menção ao Regime Franquista (1939-1975), ditadura que reprimia, também, os cultos espíritas no país. Ali encontraram

[309] IRINEU, 1966. “Impossível recapitular ou comentar aqui, mesmo à superfície, nossos colóquios sobre suas viagens missionárias, quando levou a mensagem do Espiritismo Cristão, da Codificação Kardequiana, aos irmãos dos Estados Unidos, do México, da Inglaterra, da França, da Itália, da Espanha e de Portugal. . . Ou sobre as impressões que sua sensibilidade mediúnica registou ao visitar, em Roma, aquelas seculares paisagens que, muitos anos antes, seu lápis mediúnico descrevera nas páginas magistrais de “Há Dois Mil Anos”, “50 Anos Depois”, “Paulo e Estêvão”, “Ave, Cristo!”.. Falou-nos sobre o Palatino, o Coliseu, a Via Appia, as catacumbas, os velhos monumentos, as majestosas ruínas do Império, aquela Roma do Passado, berço de tantos heroísmos cristãos, palco de tantas tragédias, recordação viva de tantas experiências das almas... E além de Roma, lembranças de Paris, de Carcassone, de Barcelona, de Elon College... Problemas da comunhão entre os dois mundos, notícias dos poetas do ‘Tarnaso” em sua vida no Além, comentários originais sobre os livros de Rochester...” In: TAVARES, 1967, p. 100.

com a médium Oliva, “em algum lugar da Espanha” e, “procuraram localizar onde foi inumada” a médium Amália Domingo Soler (1835-1909) na cidade de Barcelona.[310]

Após rápida passagem pela Espanha, voam para Portugal, onde ficaram no período de 2 a 5 de setembro de 1965, vindos de Madrid. Em Lisboa, também sentem as influências dos regimes ditatoriais, notoriamente sob o tempo do Salazarismo, e ali conhecem de perto o fechamento da Federação Espírita Portuguesa e da Sociedade de Pesquisas Psíquicas do Porto, cujos bens móveis e imóveis de ambas as instituições foram confiscados pelo Governo. Apesar da repressão, ainda resistiu por um tempo aberto o Centro Espírita, que era dirigido pelo comandante da Marinha Isidoro Duarte dos Santos. À época, ele era diretor da Revista “Estudos Psíquicos” cuja redação foi visitada por Chico e Waldo que se inteiraram sobre “como devemos valorizar, no Brasil, o clima de liberdade no que se prende à manifestação ostensiva do ponto de vista religioso.” Quando Chico e Waldo lá estiveram, o centro já havia sido fechado, de forma a ser encerrada a última instituição espírita de Portugal.

Ali, mesmo o Espiritismo atuando de maneira informal e “subterrânea”, os médiuns tiveram contato com o casal Bacelar, formado por Mário e a médium Dona Maria Bacelar, além do casal composto pelo comandante Isidoro – “confrade largamente conhecido e admirado no Brasil” – e sua esposa Dona Maria Raquel, residentes na Rua do Salitre, 147, Lisboa.[311] De Portugal rumo ao Brasil, aterrissaram em São Paulo – onde permaneceram por três dias, tendo sido entrevistados por alguns jornais da Capital – e, em seguida, retornaram a Uberaba onde voltaram às rotinas doutrinárias e a fim de também continuarem na semeadura daquilo que haviam plantado em terras estrangeiras.

> Cerca de 4 meses de viagem; visitaram: 6 países, 9 estados americanos; dezenas de instituições doutrinárias; adquiriram: 410 livros em 5 idiomas diversos; 760 cartões postais; 190 “slides”; 50 mapas e guias; assinaram diversos jornais e revistas para intercambio com Uberaba; tiraram: 38 filmes cinematográficos de 8 mm; 620 fotos incluindo preto-branco, coloridas e “slides”; fizeram inúmeras gravações da palavra de companheiros para os confrades brasileiros; receberam algumas dezenas de mensagens em inglês;

[310] “Nem mesmo os ossos dos médiuns repousam em paz, em certas partes do mundo. Isto, a nosso ver, deve servir de estímulo a todos nós que defendemos, abertamente, a causa da Terceira Revelação”. In: XAVIER; BARBOSA,1967, p. 171. *Cf*. SÓLER, Amália Domingo. *Memórias do Padre Germano*. Pelo espírito do Padre Germano. Rio de Janeiro: FEB, 1931.

[311] XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Ecos da Grande Viagem*, ano VI, nº 62, out. 1965, p. 14.

trouxeram diversos aparelhos para o setor de divulgação da E.E.P.; deixaram assinado o contrato com a Philosophical Library, de New York, para a publicação antes do Natal do “Spirit Ideal” – preço de capa $3.70; foi fundado o “Christian Spirit Center”, instituição correspondente à Comunhão Espírita Cristã, com amigos de vários Estados; teve início o serviço de divulgação de mensagens para todos os países de línguas inglesa e árabe; Chico e Waldo aguardam a chegada de uma grande amiga, Profa. Mrs. Hazel Morris, da Louisiana, em janeiro próximo, que vem para uma temporada de 3 a 6 meses com eles, em Uberaba, com o objetivo de intercâmbio doutrinário, estudos do movimento nos Estados Unidos e também ministrar-lhes aulas de Inglês para melhorar-lhes os conhecimentos do idioma, da vida e da psicologia americanas.[312]

Figura 112 – Chico recebe flores ao sair do voo no Aeroporto de São Paulo, 5 de setembro de 1965. Fonte: Acervo CEC.

Figura 113 – Cumprimentos no aeroporto durante a chegada de viagem, 5 de setembro de 1965. Fonte: Acervo CEC.

Figura 114 – Público aguardava no Aeroporto de São Paulo pela chegada dos médium da viagem que durou cerca de quatro meses, 5 de setembro de 1965. Fonte: Acervo CEC.

[312] ALVES, 1966.

Roteiro América do Norte – Estados Unidos (1965):
1 – Nova Iorque / Nova Iorque
2 – Washington / Distrito de Colúmbia
3 – Arlington / Virginia
4 – Silver Spring / Maryland
5 – Elon College / Carolina do Norte
6 – Shreveport / Louisiana
7 – Miami / Flórida
8 – Ephrata / Pensilvânia
9 – New Jersey
10 – Nova Iorque / Nova Iorque

Roteiro Europa (1965):
11 – Londres / Inglaterra
12 – Paris / França
13 – Versalhes / França
14 – Grenoble / França
15 – Carcassonne / França
16 – Roma / Itália
17 – Barcelona / Espanha
18 – Madrid / Espanha
19 – Lisboa / Portugal

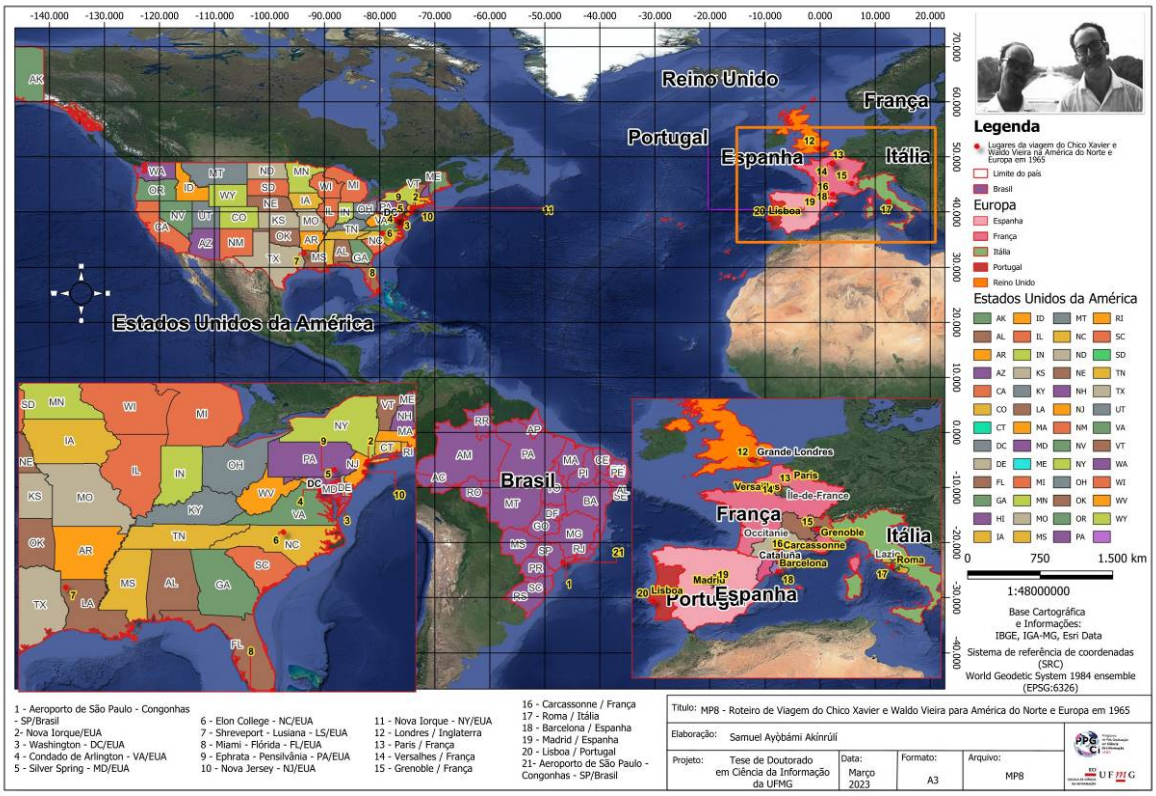


Figura 115 – Roteiro de viagem em 1965, contemplando a América do Norte e a Europa.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

De acordo com entrevista de Chico Xavier ao jornalista Valentim Lorezetti, os espíritos de Emmanuel e de André Luiz programaram a viagem aos Estados Unidos, visando à difusão do Espiritismo. Como resultado imediato, foi fundado o *Christian Spirit Center* em Elon College, Estado da Carolina do Norte, além de publicado o livro "Ideal Espírita" (1963), que foi lançado em 17 de maio de 1966 pela *Philosophical Library* de Nova York, com o título de "The World of The Spirit" (1966).[313] Segundo Baccelli, os médiuns permaneceram por mais tempo nos Estados Unidos, onde visitaram nove Estados, e "procuraram entrar em contato com os movimentos espirituais e espiritualistas existentes", vários deles com suas sedes chamadas de "templos espiritualistas".[314]

Além da exportação do modelo de kardequiano baseado em um olhar e uma prática muito específicas de Chico Xavier no tocante à tarefa espírita-cristã, que contemplou seu aconselhamento e direcionamento pessoais, segundo os médiuns, o

> júbilo maior que Waldo e Chico sentiram ao retornar a Uberaba, depois de abraçar os companheiros de luta, foi a certeza de estar contemplando as colunas de cimento armado da sede própria da EXPOSIÇÃO ESPIRITA PERMANENTE que se ergue em ritmo acelerado.[315]

A Exposição Espírita Permanente (em caixa alta), anteriormente identificada em documento de época como E.E.P., havia também tido bons resultados com aquele intercâmbio por meio da aquisição de conceitos, ideias e acervos. Neste sentido, é importante esclarecer que nesta viagem dedicada à difusão de um espiritismo à brasileira especialmente nos Estados Unidos, sabe-se que Chico Xavier saiu acompanhado do Brasil por Waldo Vieira e Irineu Alves.[316] O último, teve função prioritária de produzir registros de memória sobre o percurso e os desdobramentos da viagem, notoriamente imagens. Fotografias e relatos eram transmitidos ao longo do tempo de permanência no exterior – a exemplo do

---

[313] SEVERINO, Paulo Rossi. *Aprendendo com Chico Xavier*: um exemplo de vida. São Paulo: Fé Editora, 1996, p. 5-7.
[314] BACCELLI, 2010, p. 258.
[315] ALVES, 1966.
[316] Há poucas informações sobre Irineu Alves. Sabe-se que ele era residente na capital São Paulo e entre os anos de 1963 e 1964, envolveu-se com as questões das masterizações realizadas na CEC sob a liderança de Waldo Vieira. In. RIZZINI, Jorge. *Materializações de Uberaba*. São Paulo: Nova Luz, 1964.

noticiado pelo “Reformador”, com divulgação de “clichês” fotografia –,[317] e também logo após o retorno dos médiuns ao Brasil. Foi divulgado um livreto de 23 páginas ilustrado com algumas imagens, por exemplo, com tiragem de 15.000 exemplares e distribuição gratuita, que foi lançado já em outubro de 1965.[318]

Figura 116 – Livreto de distribuição gratuita “Ecos da Grande Viagem” (1965).
Fonte: Acervo CMLCX.

Quando Chico Xavier e Waldo Vieira voltaram ao Brasil em setembro de 1965, já havia uma agenda de retorno para os Estados Unidos no ano seguinte e de

[317] Chico-Waldo nos “States”. In: *Reformador*, nº 7, jul. 1965, p. 25. Labor and keep faith. In: *Reformador*, nº 9, set. 1965, p. 25. O jornalista espírita Luciano dos Anjos (1933-2014) que, à época, também saiu em defesa dos médiuns, trouxe em seu livro algumas parcas informações sobre Irineu Alves, com quem teve convivência rompida e de que “passados cinquenta anos, nunca mais o vi nem tive notícias dele”. Segundo ele, Jorge Rizzini havia aparecido em sua casa acompanhado de Irineu Alves de São Paulo, chamado de “dois espíritas sérios”, a fim de tentarem esclarecer na imprensa o escândalo das materializações. Luciano dos Anjos afirma que ambos participaram juntos das sessões de materialização em Uberaba. In: ANJOS, Luciano dos. *Iluminando os Bastidores*. Salvador: LEAL, 2013, p. 15 e p. 80.

[318] Também publicada informações da viagem, contudo sem imagens em: Ecos da Grande Viagem. In: *Kardebraile – Órgão da Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braile*, ano VII, nºs 25-26, p. 21-22, set.-dez.1965.

intercâmbio da tradutora Hazel Morris, que iria à Uberaba em 1966.[319] Ao retornarem de viagem, Chico Xavier e Waldo Vieira publicaram o livro “Entre Irmãos de Outras Terras” (1965) que continha uma seleção das mensagens recebidas em língua portuguesa nos Estados Unidos e na Europa, notadamente na Inglaterra e na França, bem como mensagens recebidas em português. Este que se tornou o 86º livro de Chico Xavier, foi, entretanto, a última obra fruto da parceria entre Waldo Vieira e Chico Xavier.

> A viagem [de 1965] foi bem sucedida. Ele e os outros amigos fundaram em Washington o “Christian Spirit Center”, e, um ano após, a Philosophical Library de New York, lançou o livro “The World of the Spirit”, no dia 17 de maio de 1966, fato que ocorreu em sua presença. Esta segunda viagem teve o intuito de fortalecer as tarefas iniciadas. O livro vem a ser o nosso “Ideal Espírita”, com 300 páginas psicografadas por ele e pelo Dr. Waldo Vieira, com autores diversos da espiritualidade.
> Lá estando, aproveitou a oportunidade para visitar o local onde viveram as famosas Irmãs Fox, grandes médiuns que despertaram em seu país o estudo dos fenômenos paranormais (em 1960, a casa delas havia sido destruída por um incêndio).
> A conselho de Emmanuel e André Luiz, visitou a Biblioteca de New York, onde foram feitas pesquisas de caráter doutrinário.
> Tanto ele como o Dr. Waldo Viera, em reuniões das quais participaram, psicografaram belas mensagens, em inglês, de amigos norte-americanos desencarnados, sendo que dois deles identificaram-se, para surpresa dos assistentes, como sendo Ernest O' Brien e Anderson. Estas mensagens estão inseridas no livro “Entre Irmãos de Outras Terras”.[320]

Tabela 4 – Carimbos de imigração presentes no passaporte de Francisco Cândido Xavier relativos ao ano de 1966 (segunda viagem internacional entre os meses de abril a julho)

Data	Movimentação	Aeroporto	Cidade	País
24 de abril de 1966	Saída	Aeroporto de São Paulo	São Paulo	Brasil
25 de abril de 1966	Trânsito			México
27 de abril de 1966	Entrada		Los Angeles	Estados Unidos
6 de maio de 1966	Trânsito		BlackPool	Canadá
10 de julho de 1966	Entrada	Aeroporto de Viracopos	Campinas	Brasil

[319] “Outros assuntos decorrentes de nossas atividades mediúnicas serão examinados oportunamente, de vez que, se Deus quiser, atenderemos ao compromisso de lá voltar, possivelmente, em fins do mês de abril do próximo ano de 1966”. In: XAVIER; BARBOSA,1967, p. 172.
[320] COSTA E SILVA, 1997, p. 69.

Fonte: Adaptado de Passaporte de Francisco Cândido Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

Em 1966, outra viagem foi empreendida, desta vez, iniciando um “novo setor de ação”.[321] Para a segunda viagem ao exterior, em 10 de março de 1966, foi expedido visto válido por 90 dias para os EUA. Também, visto de turista no Consulado Honorário do México em São Paulo, foi obtido em 19 de abril de 1966.

> Na manhã do dia 24 de Abril deste ano, decolou do Aeroporto de Congonhas, na capital paulista, o avião que conduziu os estimados médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira rumo ao México, primeira etapa de uma longa excursão que se estenderá à República do Haiti e a várias cidades dos E.U.A.
> Em todos esses lugares, os médiuns entrarão em contacto com entidades espíritas e com estudiosos do Espiritualismo Moderno, realizando conferências, debates destinados a incentivar o conhecimento e a prática da doutrina kardequiana entre aqueles povos irmãos.[322]

Em 24 de abril de 1966, o grupo saiu do Brasil rumo ao México, possivelmente em um voo de escala para aquele país devido ao tipo de visto e à curta permanência de estadia. Ficaram apenas três dias por lá, na capital Cidade do México, onde fizeram contato com “os companheiros kardecistas da Central Espírita Mexicana” – instituição fundada em 1950 – “os professores João e Pedro Gasca e a nossa irmã professora Amparita Morgado”.[323] Voaram do México para Los Angeles, capital da Califórnia, chegando em solo norte-americano em 27 de abril de 1966. Também no Estado da Califórnia, estiveram em São Francisco, distante cerca de 650 km da capital Los Angeles. Em uma obra de Chico Xavier, “Estante da Vida” (1969) consta uma entrevista feita pelo espírito de Humberto de Campos (Irmão X) ao também espírito de Marilyn Monroe (1926-1962) denominada “Encontro em Hollywood”, oportunidade na qual a atriz desencarnada relatava sobre seu estado de fadiga e desmentia os motivos da sua morte associada ao suicídio.[324]

---

[321] LEMOS NETO, Geraldo. *Candeia da Alma*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2020, suíte fotográfica.
[322] Chico e Waldo retornam ao estrangeiro. In: *Reformador*, nº 6, jun. 1966, p. 25.
[323] XAVIER; BARBOSA,1967, p. 183.
[324] XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da Vida*. Pelo espírito do Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, 1969, p.5-8. “Sobre o contato com Marilyn a história é a seguinte: tendo ido à América do Norte, em companhia de amigos, em 1966, visitamos um cemitério, onde estava a memória de pessoas ligadas a algumas que estavam conosco. Com grande surpresa, então, ouvi a notícia de que naquele cemitério estavam as cinzas de Marilyn. Naturalmente, eu me comovi muito. Fiz uma prece no seu

Em Los Angeles ficaram por 10 dias, pois em 6 de maio consta um visto de trânsito para o Canadá. Desconhece-se qual foi a agenda de Chico Xavier no mês de maio, notoriamente nesta incursão no Estado da Califórnia nos Estados Unidos, e sua passagem pelo Canadá. Todavia, é possível que o deslocamento para o Canadá ocorreu especialmente via aérea até as proximidades das Cataratas do Niágara, pelo fato de ali estar na fronteira – cerca de 200 km – de um local onde desejavam realizar suas pesquisas. Tratava-se do distrito de Hydesville, pertencente à cidade de Arcadia no Estado de Nova York, onde se encontravam a antiga residência das Irmãs Fox – que havia sido incendiada há pouco tempo – e o túmulo onde foram enterradas no Cemitério *Greenwood*, tendo sido acompanhados por Victor Cerezo, membro da colônia de latino-americanos nos EUA.

Portanto, o deslocamento da costa oeste para o leste dos Estados Unidos ocorreu em maio de 1966, pois no dia 17 daquele mês, deu-se o lançamento do livro "The World of the Spirit" na cidade de Nova Iorque na *Philosophical Library*, situação na qual "Chico Xavier e Waldo Vieira cederam os direitos autorais do livro, no dia 14 de abril de 1966, ao *Christian Spiritist Center*". No entanto, em carta postada de Nova Iorque a amigos do Brasil, na data de 28 de maio de 1966, Chico Xavier já assinava sozinho e, portanto, sem ter a presença de Waldo Vieira ao seu lado naquela cidade.[325] Também em Nova Iorque, por aquela época, Chico Xavier acompanhou a "fundação de dois cultos do Evangelho, em bases espíritas-cristãs" "por nosso caro amigo e distinto médico uberabense, Dr. Eurípedes Vieira, atualmente em especialização no *Memorial Hospital of Cancer and Allied Diseases*".[326]

---

túmulo. [...] Naquele cemitério, existe uma árvore muito grande. Nela vi diversas entidades e vi Marilyn. Ela estava repousando com a cabeça no colo de uma senhora". In: XAVIER, Francisco Cândido. *A Terra e o Semeador*. Pelo espírito de Emmanuel. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1975, p. 48-49. *Cf*. NOBRE, 2014, p. 218-219.

[325] LEMOS NETO, 2020, suíte fotográfica.

[326] XAVIER; BARBOSA,1967, p.183. O oncologista Eurípedes Vieira Tahan (1936-2017) se tornaria, posteriormente, o responsável pelo acompanhamento médico de Chico Xavier até o falecimento do médium. In: CASTRO, Oswaldo de. *Notáveis casos de Chico Xavier*. São Bernardo do Campo: GEEM, 2015, p. 88-90. Na viagem de 1966, "Eurípedes era companhia constante de Chico Xavier durante esse período em que o médium esteve por lá". In: NOBRE, 2014, p. 213. Na viagem realizada em 1966, por seu turno, Chico Xavier "ficou uma semana em New York em um hotel próximo ao apartamento que aluguei", uma vez que Tahan já estava em Nova Iorque realizando um aperfeiçoamento no *Memorial Hospital for Cancer*. "Durante sua permanência encontrávamos no apartamento de uma amiga para reuniões espirituais. Viajamos para a cidade de Elon College [...] Onde Chico permaneceu por algumas semanas até a sua volta ao Brasil, [...] E assim pudemos participar dos primeiros anos dos trabalhos do *Christian Spirit Center*". In: VIEIRA, 2010, p. 9.

De Nova Iorque, Chico Xavier segue em companhia de Eurípedes Tahan para a Carolina do Norte na cidade de Elon College a fim de acompanhar e desdobrar as ações iniciadas no ano anterior em relação ao *Christian Spirit Center*.[327] Por ali ficou nos meses de maio a julho, quando desenvolveu "contato mais íntimo, em várias reuniões semanais com as notáveis faculdades de Mrs. Phyllis Haddad, abnegada médium do Christian Spirit Center", "através de quem tive provas inequívocas da presença de minha mãe Maria João de Deus".[328]

> Em a nova e recente viagem que Chico Xavier e Waldo Vieira fizeram ao exterior, curioso trabalho mediúnico neles despertou.
> Dois amigos espirituais dos E.U.A., dizendo-se interessados em transferir o pensamento do Espiritismo evangélico do Brasil para a língua inglesa, têm escolhido páginas mediúnicas recebidas em português por Chico e Waldo, geralmente as menores, e, através desses mesmos intermediários, psicograficamente, vêm realizando a tradução delas, às vezes bastante livre.
> Dando conhecimento desse fato ao presidente da FEB, Chico Xavier declara que tais mensagens têm sido muito bem recebidas entre espíritas americanos, algumas das quais já foram publicadas pelo "Christian Spirit Center", de Elon College, North Carolina. E, mais além, pondera o nosso caro informante: "...estamos vendo aqui Espíritos Amigos traduzindo Espíritos Amigos, o que nos faz pensar na necessidade do esforço humano, tanto de encarnados quanto de desencarnados, para a sementeira da verdade no terreno humano".[329]

---

[327] HADDAD, 1966, p. 9-10. A partir da visita feita por Chico Xavier no ano anterior, Salim Haddad acabou se tornando pioneiro do Espiritismo nos Estados Unidos, seguindo o modelo kardecista de Chico Xavier, além de ter se manifestado uma referência nas traduções de obras espíritas em um momento no qual a maior parte da literatura espírita era predominantemente publicada em português. Haddad não só traduziu centenas de mensagens recebidas por Chico Xavier, como também seus livros "Nosso Lar" (1944), "Pensamento e Vida" (1958) e "Ideal Espírita" (1963). *Cf*. ANSEOLI, Vanessa. Chico Xavier, Haddad e o primeiro Centro Espírita dos Estados Unidos. In: *Reformador*, nº 10, p.17-19, out. 2014. ANSEOLI, Vanessa. Chico Xavier, Haddad and the First Spiritist Center in the USA, editorial. In: *The Spiritist Magazine*, nº 25, p.3, apr.-jun. 2014. Sobre o *Christian Spirit Center*, não há maiores informações, todavia, consta a propriedade dos direitos autorais da obra "Agenda Cristã" em sua tradução para o inglês nas suas 1ª e 2ª edições, respectivamente em 1970 e 1988. A 3ª edição do ano de 1998, dotada de revisão completa, já possuía os direitos autorais sob a prosperidade da *Allan Kardec Publishing Ltd.* de Londres, Inglaterra. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Christian Agenda*. Dictated by the spirit André Luiz. Londres: Allan Kardec Publishing Ltd., 1998. Pela *Christian Spirit Center* vários folhetos avulsos com mensagens psicografadas de Chico Xavier também foram editadas e publicadas "para maior divulgação dos nossos princípios espíritas-evangélicos do Brasil junto à mente popular". Ainda de acordo com Marlene Nobre que entrevistou o casal Haddad para a "Folha Espírita", o *Christian Spirit Center* continuava com "reuniões familiares em nossa casa mesmo, porque ainda não temos sede própria". In: NOBRE, 2014, p. 215.

[328] *Idem*, p.186. "Phyllis Haddad: Tivemos o privilégio de tê-lo [Chico Xavier] em nossa casa, em 1966, quando da segunda viagem, por três semanas consecutivas. Foram dias maravilhosos. Chico recebia lições de inglês, três vezes ao dia. E à noite trabalhava até 2 horas da manhã, diariamente, psicografando e escrevendo cartas. Houve um fato muito interessante: Chico esgotou o estoque de selo dos correios. O pessoal de lá queria saber quem era esse homem, porque viram que se tratava de uma pessoa diferente". In: NOBRE, 2014, p. 215. XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 238.

[329] Curioso trabalho mediúnico. In: *Reformador*, nº 8, ago. 1966, p. 23-24. Tratava-se das traduções para o inglês feitas pelo Espírito de Bob Hunter e do Espírito de Niles Folsom.

Ainda em relação a esta viagem internacional de 1966, Chico Xavier ressaltou que

> Em matéria de mediunidade, porém, guardo no coração, como sendo ponto mais alto para mim, em nossa visita aos Estados Unidos, este ano de 1966, o contato mais íntimo em várias reuniões semanais com as notáveis faculdades de Mrs. Phyllis Haddad, abnegada médium do "Christian Spirit Center", em Elon College, raves de quem tive provas inequívocas da presença de minha mãe Maria João de Deus, que me falou, através dela, sobre os meus problemas íntimos e tarefas espíritas no Brasil, sendo de salientar também as várias vezes em que o espírito de Meimei, devotada amiga espiritual, se dirigiu a mim, por intermédio dela, com inesquecíveis mensagens de carinho e reconforto.[330]

Algumas das dificuldades indicadas por Chico Xavier, certamente, relacionavam-se ao médium Waldo Vieira. Antes do retorno daquela agenda, os caminhos já haviam se separado em plena viagem. Enquanto Chico Xavier voltou ao Brasil, Waldo Vieira rumou para seus estudos de especialização no Japão e, na sequência, quando voltou diretamente para o Rio de Janeiro, desligou-se do Espiritismo, de forma que suas pesquisas o levaram para a fundação da Conscienciologia e Projeciologia.[331] Em se tratando da parapsicologia que seria a matriz de pensamento desses campos científicos citados, este tema já havia sido indicado anteriormente por Chico Xavier como não sendo sua prioridade na tarefa espírita-cristã a qual se dedicava.[332]

Há informações que, quando estavam em Hollywood na Califórnia, entre abril e maio de 1966, ou seja, quando acabavam de adentrar em território norte-americano, Waldo Vieira recebeu a proposta de especialização no Japão, de forma

---

[330] Apud VARANDA, Jarbas. Ondas de Luz. *O Triângulo Espírita*, 1º de outubro de 1966. In: XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 185-186.

[331] "Assim que deixa o Espiritismo, Vieira viaja pelos Estados Unidos, Europa e Ásia com duas amigas estadunidenses conhecidas do tempo do Espiritismo: Hazel Morris e Anna Labarbara Ward. Hazel havia sido secretária do general norte-americano Douglas MacArthur (1880-1964) e Anna era então viúva do empresário californiano Lloyd Willian Dinkelspiel (1899-1959). Através dos contatos das amigas, Vieira passa uma temporada em Hollywood pesquisando, conforme ele mesmo diz, a exploração anticosmoética da vaidade humana, principalmente da feminina, e as técnicas de visagismo para se criar um tipo". In: TELES, 2014, p. 82. Segundo Marlene Nobre, a "Conscienciologia, ou Projeciologia, de Waldo Vieira, é um conjunto de ideias que tentam se organizar em um vocabulário novo, por ele criado, para tentar maquiar os ensinamentos espíritas sobre mediunidade e perispírito. Não vai além disso". In: ROSSI, 2014, p. 223.

[332] "Vinculados à tarefa espírita-cristã que nos levava aos Estados Unidos, não nos foi possível desviar a atenção para o estudo das atividades parapsicológicas que contam naquela grande Nação com o interesse de vultos eminentes da cultura científica". Apud AZEVEDO, Jorge. Entrevista com Chico Xavier e Waldo Vieira. *Diário de Notícias*, 21 de novembro de 1965. In: *Idem*, p.169-170.

que já em Nova Iorque deixou Chico Xavier sozinho e hospedado em um hotel pago por um tempo determinado e com alimentação limitada a uma refeição por dia. [333] E que teria sido por intermédio da ajuda de uma família amiga do Rio de Janeiro – certamente a família Gaio – que ele conseguiu regressar ao Brasil.[334]

> Há 21 anos atrás estava atravessando um dos períodos mais difíceis da minha vida. Um companheiro muito querido havia nos deixado e, na soleira da porta de nossa casa, eu meditava a sós... Naquele momento, se eu precisasse voltar à terra natal, não possuía cinco cruzeiros no bolso para o ônibus... As lágrimas me escorriam pelas faces, quando, em meio a uma luz muito intensa, me surgiu aos olhos a figura de um Mensageiro Espiritual de elevada hierarquia, muito superior à condição de Emmanuel. Dizendo-me vir da parte do Senhor, ele começou a conversar comigo, interrogando:
> - O Senhor solicita lhe seja perguntado se, quando Ele levou a sua mãe deste mundo, deixando-o órfão aos cinco anos de idade, você teve mágoa Delle...
> Surpreso com a sublime visita, respondi que não [...]
> - Quando o impediu de estudar, através daqueles que lhe dificultaram acesso aos bancos escolares, negando-lhe as oportunidades que sonhava, você teve mágoa do Senhor? [...]
> - Quando Ele permitiu que você ficasse órfão pela segunda vez, subtraindo de sua presença aquela que foi a sua segunda mãe, deixando-o com doze crianças para sustentar com um reduzido salário, você teve mágoa do Senhor? [...]
> - Quando perdeu a companhia do seu Irmão, José Xavier, que lhe era o apoio e incentivo na Doutrina, ante o serviço a realizar, você teve mágoa do Senhor? [...]
> - E agora, quando, depois de tantos anos dedicando-se integralmente ao Evangelho, vê-se abandonado por aquele em quem repousavam as suas esperanças no entardecer da vida física, você sente mágoa do Senhor?
> - Não – respondi em lágrimas – Seja feita a Vontade do Senhor...[335]

Sem maiores detalhes sobre sua volta, Chico Xavier retorna ao Brasil sem ter logrado êxito. Se na primeira viagem em 1965, tentaram cobrir uma importante área da Costa Atlântica dos Estados Unidos, nesta segunda viagem em 1966, o destino estava vinculado à Costa do Pacífico daquele país. Estabeleceriam também maiores

---

[333] Na entrevista que deu a Marlene Nobre, o médico Oswaldo de Castro, amigo de Chico Xavier e Waldo Vieira, disse que Chico havia comentado que Waldo, "quando foi para os EUA em 1966 caiu numa personalidade do passado e deixou completamente a doutrina". E complementou que: "Os espíritos benfeitores fizeram de tudo para impedir a dissidência através de obras psicografadas pelos próprio Waldo Vieira, culminando, claramente, com o livro *Cristo Espera por Ti*, cujo autor espiritual é Balzac. Refere-se a um médico francês da cidade de Carcassonne, competente, de caráter impoluto, que se deixou levar, sorrateiramente, pelas águas cativantes da serenidade dos obsessores, para cair inexoravelmente no abismo tenebroso da inquidade". In: NOBRE, 2014, p. 226.
[334] LEMOS NETO, Geraldo. Learning from Chico Xavier's trips to the United States. In: *The Spiritist Magazine*, nº 22, p. 22-27, jul.-sept. 2013.
[335] BACCELLI, 2010, p. 264-265.

contatos com nações latino-americanas nas Américas do Norte e Central, o que ocorreu rapidamente com o México, mas que nem chegou a se estabelecer com o Haiti, como era o planejado. Neste sentido, poucos avanços em relação às atividades de divulgação espírita foram efetivados nesta última viagem, posto que os planos iniciais foram abortados em pleno percurso.[336]

Roteiro América do Norte (1966):
1 – Cidade do México - México
2 – Los Angeles - Califórnia (EUA)
3 – Hollywood/Los Angeles - Califórnia (EUA)
4 – San Francisco - Califórnia (EUA)
5 – BlackPool/Ontário - Canadá
6 – Hydesville/Arcadia - Nova York (EUA)
7 – Nova York - Nova York (EUA)
8 – Elon College - Carolina do Norte (EUA)

Naquela viagem de 1966, Chico Xavier e Waldo Vieira estavam acompanhados por Jorge Rizzini, que desta vez seria o responsável pelo registro audiovisual de todo o roteiro com sua câmera Super 8 em cores. Segundo Rizzini, "Nossa pesquisa iniciou-se ao lado de Chico Xavier e Waldo Vieira, mas ambos logo se desligaram por questões editoriais". Ainda de acordo com ele, "o trabalho foi realizado em companhia do porto-riquenho espírita Victor Cerezo, residente nos Estados Unidos". Também, disse que "Estávamos, então, com viagem doutrinária marcada para o México e pretendíamos seguir para os Estados Unidos, a fim de que Rhine" [Joseph Banks Rhine, pai da parapsicologia residente na Carolina do Norte] "visse os filmes que realizamos das operações de Arigó e desse um parecer sobre o fenômeno". Em um de seus livros, "Kardec, Irmãs Fox e Outros" (1994), o caminho narrativo aborda justamente diversos conteúdos que estavam em pauta na narrativa memorialística da Exposição Espírita Permanente, notoriamente no sentido de fazer um inventário dos fenômenos mediúnicos no mundo: iniciando por médiuns Allan Kardec (França), Irmãs Fox (EUA), Leonora Piper (EUA), passando por Eusápia Paladino (Itália), Fernando de Lacerda (Portugal).[337] E, diferentemente da primeira

[336] Em carta de 23 de junho de 1966, Chico Xavier escrevia: "Tudo indica que voltaremos em princípios de agosto próximo. Veremos quais são os planos dos nossos Amigos Espirituais". E, completava, que estaria em Elon College até o dia 15 de julho, pelo menos. Todavia, Chico Xavier desembarcou sozinho no Brasil em 10 de julho de 1966. In: GALVES, Nena. *Luz em nossas vidas*. São Paulo: CEU, 2012, p. 221.

[337] RIZZINI, 1994, p. 48 e p.166. O autor fez viagens internacionais para o levantamento de dados para sua pesquisa, dentre estas, esteve por duas vezes na França onde visitou Lyon e Paris em 1970 e 1974 (*Idem*, p.9) em 1970 na Espanha (*Idem*, p.152). Jorge Toledo Rizzini (1924-2008) nasceu em

viagem empreendida no ano de 1965, a qual ainda há fotografias dispersas nos acervos da CEC da CMLCX, nesta segunda viagem temos raras fotografias, o que dá a entender que o material que foi coletado, mesmo que parcialmente frente ao desenho inicial da viagem que seria mais longa e mais produtiva – não chegou a ser acessado por Chico Xavier.

Figura 117 – Jorge Rizzini, Waldo Vieira, Victor Cerezo e Chico Xavier no Cemitério Greenwood, Estado de Nova Iorque, maio de 1966. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 118 – Jorge Rizzini segurando a Super 8 e Chico Xavier defronte ao túmulo das Irmãs Fox no Cemitério Greenwood, Estado de Nova Iorque, maio de 1966. Fonte: Acervo CEC.

São Paulo no seio de uma família espírita, tendo passado boa parte de sua infância e adolescência no Rio de Janeiro. Casou-se com a pedagoga Iracema Sapucaia Rizzini, com quem teve três filhos: Ricardo, Angélica e Eliana Rizzini. Atuou na divulgação espírita, notoriamente por meio da imprensa e da televisão, além de ter publicado diversos livros, produções audiovisuais e organizado festivais, especialmente na seara da música espírita (era médium musical). Iniciou seus registros audiovisuais no meio espírita quando passou a viajar com assiduidade para Congonhas/MG, a fim de filmar as operações mediúnicas de Zé Arigó (1921-1971, José Pedro de Freitas), após sua esposa ter sido curada de uma doença abdominal por meio do receituário mediúnico sob a orientação do Espírito do Dr. Fritz. Foi, inclusive, testemunha de defesa no segundo processo criminal sofrido por Zé Arigó. Desenvolveu pesquisas nos Estados Unidos (1966) e na França (1970), “em museus, bibliotecas públicas, arquivos de jornais e cemitérios” sobre as origens do Espiritismo no mundo (*Idem*, p.9). Após esta viagem, não se identificam quaisquer outros contatos entre Chico Xavier e Jorge Rizzini.

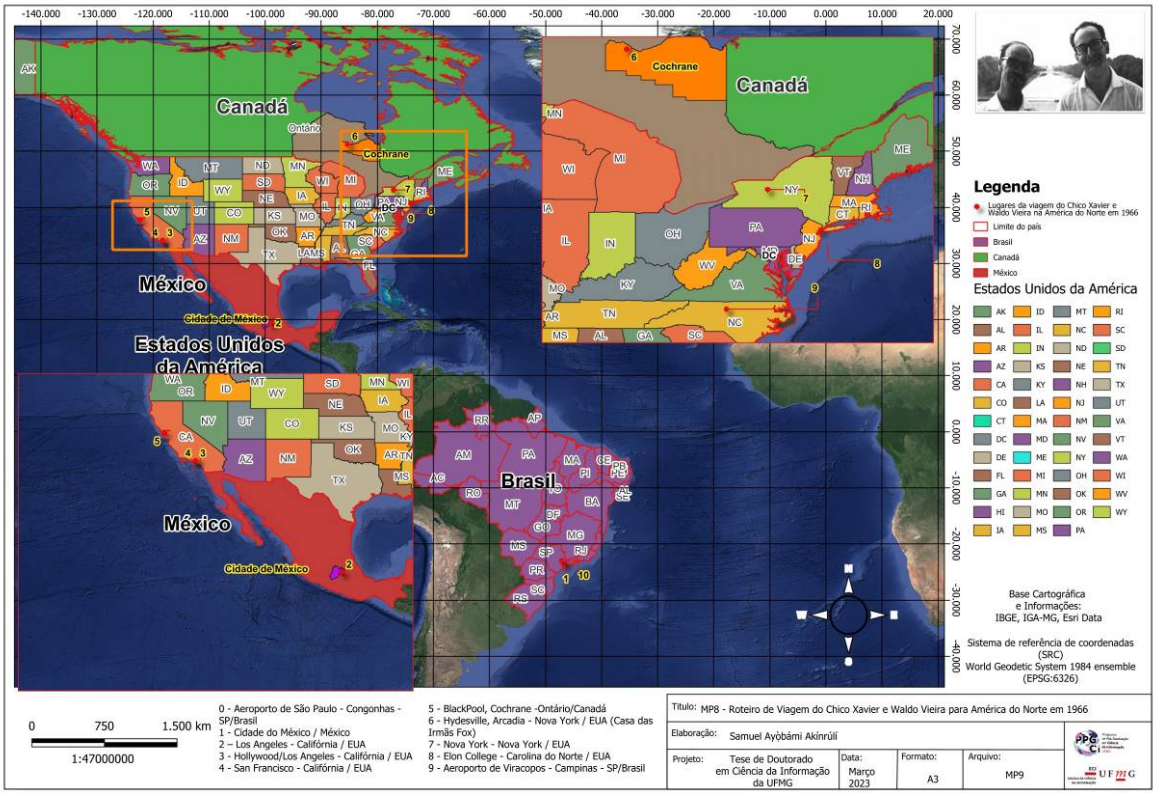


Figura 119 – Roteiro de viagem em 1966, contemplando a América do Norte.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Para Waldo, ele saía do assistencialismo da “tarefa da consolação (Tacon)” para a “tarefa do esclarecimento (Tares)”, ou seja, promovia um outro tipo de assistencialismo no qual os esclarecimentos mais duradouros seriam priorizados em relação à mitigação do sofrimento. E dizia ameaçar o Espiritismo, por acabar com os atravessadores (médiuns) no contato com o além. Propunha-se, portanto, a uma nova ciência acima da superstição.[338] Waldo Vieira seguia para o caminho da interpretação mais ampliada, ou seja, para o espiritualismo, mas partindo de bases e experiências pretéritas que ele havia consolidado no Espiritismo. E, entendendo seu lugar frente ao médium Chico Xavier, não aderiu a ser alguém que compartilhasse projetos, responsabilidades e triunfos. Queria algo para chamar de seu e que, também, pudesse controlar e manejar da forma que melhor lhe conviesse. No contexto da prática espírita, notoriamente no formato assumido por ele com a CEC, as decisões precisavam passar por uma resolução e interesses coletivos.

De acordo com uma amiga de Chico Xavier, Nena Galves, “Nem Chico poderia prever o futuro. O livre-arbítrio do companheiro [Waldo] decidiria seu

[338] MANFROI, 2020, p. 161.

caminho". "Mas os amigos espirituais preparavam tudo para uma nova etapa, um novo começo para a continuidade da obra do livro".[339] Chico Xavier teve seu primeiro problema grave de angina pouco depois do retorno daquela viagem e, alguns anos depois, promoveu outra grande ruptura, que foi manifestada no desligamento de Chico Xavier da própria Comunhão Espírita Cristã em 19 de maio de 1975.

O médium que morava em um pequeno imóvel associado à CEC, na Rua Professor Barsanulfo nº 185, atravessou o logradouro e foi residir em outro imóvel onde atualmente está instalada a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier na Rua Dom Pedro I nº 165. Em consonância às mudanças implementadas, o médium fundou outra instituição onde ele poderia dar continuidade ao seu projeto de forma mais independente: o Grupo Espírita da Prece em 4 de julho de 1975, na Av. João XXIII nº 1.495, a não mais que 800 metros da sua residência.

Na carta de desligamento, Chico Xavier rompeu com a CEC em uma reunião pública em que registrou:

> Uberaba, 19 de Maio de 1975
>
> Srs. Diretores da Comunhão Espírita Cristã – Uberaba – Minas Gerais
>
> Em vista da minha impossibilidade de continuar cooperando, nas atividades da C.E.C., constrangido como me sinto a prosseguir, em círculo de trabalho, tão estreitamente reduzido, quanto possível, em minhas singelas atividades de contatos públicos, formação de livros, recepção de mensagens mediúnicas e divulgação dos nossos princípios espíritas-cristãos, a que me dedico pessoalmente, desde 1927, e, conquanto não seja diretor de qualquer dos departamentos de serviço da nossa organização, em cujas tarefas tenho tido a honra de colaborar, na condição de servidor pequenino, desde a sua fundação, rogo a gentileza de me dispensardes da responsabilidades de nossa benemérita casa de trabalho, em que unicamente por vossa bondade, me considerais incurso. [...]
> Terminando, formulo votos para que a Comunhão Espírita Cristã continue no mesmo abençoado caminho de realizações doutrinárias, com a vossa digna orientação, de corações unidos em Cristo, para maior engrandecimento de nossos ideias com Allan Kardec, e comunicando-nos que continuarei com a minha residência pessoal, nesta Cidade, onde espero, se Jesus permitir, continuar com as minhas singelas atividades mediúnicas em círculo de ação mais reduzida, conforme a posição de saúde em que me encontro, e onde espero, com a ajuda de Deus, continuar recebendo o estímulo de vosso amparo e benevolência para com o modesto trabalho que

[339] GALVES, 2012, p. 220.

> ainda tenha de efetuar, na divulgação de nossa Doutrina de Luz e Amor, em Uberaba, prevaleço-me do ensejo para reafirmar-vos, como sempre, o meu profundo apreço e profunda gratidão.
> Vosso irmão e servidor reconhecido
>
> Francisco Cândido Xavier[340]

Apesar dos dados oficiais de que os motivos de maior relevância do desligamento da CEC sejam por conta da debilidade de sua saúde, há o registro em um livro do próprio Chico Xavier que indica, ainda, que também se relacionava às disputas de interesses sobre uma doação avultosa, a qual Chico Xavier não desejava receber em seu nome, mas que diretores da CEC o pressionavam para fazê-lo:

> Este foi o real motivo – guardado a sete chaves por Chico Xavier e por seus seguidores mais diretos, "para não virar fofoca" – que obrigou o médium a mudar a sede dos seus trabalhos espíritas da Comunidade Espírita – onde eles tiveram lugar desde que Chico transferiu-se para Uberaba – para a modestíssima casa atual da Avenida João XXIII. "Acontece que uma senhora quis deixar para o Chico a herança de uma fazenda que valia dois milhões novos – revelou-me, por fim, uma seguidora mais incontida – e ele não queria aceitar de jeito nenhum. Mas o pessoal da Comunhão começou a pressioná-lo de tal forma que ele um dia acabou dizendo. "Está bem, então eu aceito a herança, passo ela para vocês (para a Comunhão Espírita) e saio daqui.[341]

Com isso, ele se mudou da casa que residia junto à CEC em julho de 1975, indo para outra moradia que havia construído entre os anos de 1974-1975, e que se localizava exatamente do lado oposto da casa que acabara de deixar. A sua secretária Dinorá diz que toda a mudança que foi feita "por eles mesmos, na cacunda", sendo que junto à Chico Xavier, além de seus amigos/apoiadores e tarefeiros diretos – Weaker Batista, sua esposa Zilda Batista, Vivaldo da Cunha Borges e Eurípedes Humberto Higino dos Reis – que residiam naquele conjunto de imóveis na CEC foram juntos.[342] De acordo com entrevista concedida o jornal "Lavoura e Comércio", de 24 de abril de 1975, ou seja, anterior ao desligamento

---

[340] Acervo CMLCX.
[341] A doação de Consuelo de Ramos Caiado se tratou de 242 hectares de terras que, em 13 de junho de 1975, Chico Xavier lavrou em cartório a escritura desta doação para a CEC, e outros 242 doou para o Lar Fraternidade da Cidade de Goiás. Apud PENTEADO, Regina. Um Servidor do Além, ao seu dispor. *Folha de São Paulo*, nº 65, 16 de abril de 1978. In: XAVIER, Francisco Cândido; ARANTES, Hércio Marcos Cintra. *Encontros no Tempo*. Por espíritos diversos. São Paulo: IDE, 1979, p. 55.
[342] FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 24 nov. 2015, mp3.

oficial da CEC, Chico Xavier registrou o seu primeiro anúncio público do desenrolar desta ruptura:

> Repórter – Chico, você nos desculpe, mas o repórter é obrigado a informar certo. É verdade que você está construindo residência em Uberaba?
> Chico – É verdade.
> Repórter – Mas, você não está residindo em casa própria, anexa à Comunhão Espírita Cristã?
> Chico – Sim, até agora tenho residido numa casa, que a Comunhão Espírita Cristã me concedeu legalmente o usufruto, em condomínio com o nosso estimado amigo Waldo Vieira. Realmente não tenho motivos para a mudança de situação [...] mas alguns dos meus familiares de Pedro Leopoldo compreendem que atravessei a fronteira dos sessenta janeiros e pretendem transferir-se para junto de mim. Com isso tenho necessidade de mais espaço.[343]

Figura 120 – À direita em laranja, vê-se a Comunhão Espírita Cristã, enquanto à esquerda em azul, vê a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

E, em 4 de julho de 1975, na data exata que completava 48 anos de mediunidade, Chico Xavier fundou o Grupo Espírita da Prece (GEP). Ele continuou e transformou sua rotina, de forma a experimentar uma certa privacidade em outro imóvel, estando aposentado, e tomando fôlego para recomeçar. Dizem “Chico sonhava em ter um grupo pequeno, uma casinha pobre e simples, onde ele pudesse fazer o trabalho como havia começado, em Pedro Leopoldo.[344]

> Às 19 horas do dia corrente, foi realizada a primeira reunião do Grupo Espírita da Prece, com a presença do irmão Francisco

[343] Apud *Lavoura e Comércio*, 24 de abril de 1975, In: SEVERINO, 1996, p. 34-35.
[344] NOBRE, 2014, p. 297.

> Cândido Xavier e um grande número de confrades, são só visitantes como desta cidade.
> Por enquanto, está sendo observada a seguinte programação: às sextas-feiras, às 19 horas, reuniões com palestras e consequente divulgação doutrinária. Na parte final, recebimento de mensagens pelo nosso irmão Chico Xavier
> Aos sábados, às 16 horas, peregrinação na Vila da Matinha, iniciando-se a reunião noturna às 20 horas.
> A Diretoria da nova entidade, segundo fomos informados, está ainda em fase de formação.
> Fazemos nossos melhores votos para que o novo núcleo de atividades doutrinárias possa atingir plenamente os objetivos para os quais foi criado.[345]

2.2. A Exposição Espírita Permanente: formação, organização e divulgação de acervos espíritas

A narrativa até aqui exposta também põe em relevo a formação de um acervo bibliográfico e documental de grande monta no contexto espírita, notoriamente levando-se em consideração a trajetória de uma de suas maiores lideranças, o médium Chico Xavier. Partindo da premissa de que o Espiritismo é uma religião baseada na cultura letrada, esta possui relacionamentos bastante intrínsecos, portanto, à conformação de uma específica competência informacional, como indicado em capítulo anterior deste texto, demarcada pela aquisição do conhecimento através da leitura, dos estudos, de viagens e do acesso à educação formal. E, na medida em que a ritualística espírita produz documentos, deixa também registros de memória e conforma operações e dispositivos mnemônicos relacionados ao ato de lembrar e esquecer, seguindo escolhas bastante estratégicas neste contexto.

Neste sentido, as bibliotecas e os livros são artefatos da memória de muito valor para os espíritas. Tanto, que já em 1869, Allan Kardec produziu um manual para instruir os espíritas sobre a fundação de bibliotecas especializadas – o "Catálogo Racional" – obra derradeira do autor no ano de sua desencarnação. Foi publicada como um suplemento a "Revue Spirite – Journal d`Études Psychologiques", periódico fundado por Kardec em 1858 e, apesar de sua relevância, caiu no ostracismo em comparação a outras obras do Codificador da Doutrina. Em 1985, entretanto, foi ressuscitada pelo argentino Florentino Barreira e,

[345] BACCELLI, 2010, p. 319-320.

apenas em 2004, uma edição brasileira foi lançada.[346] Intervalo de esquecimento que pareceria uma contradição em um primeiro momento, deixa entrever, no entanto, as ações bastante perspicazes de continuidade de Chico Xavier em relação a Kardec, por um lado, e as inovações propostas pelo médium mineiro para se promover a memória do Espiritismo, por outro lado.

O "Catálogo Racional" (1869) basicamente se divide em duas partes, sendo a primeira dedicada à biblioteca espírita propriamente dita, enquanto a segunda se ateve às obras contra o Espiritismo. Na primeira parte dedicada à biblioteca espírita, ainda é organizada em duas subseções, a saber: I – Obras fundamentais da Doutrina Espírita e II – Obras diversas sobre o Espiritismo ou complementares à Doutrina. O livro, de maneira geral, apresentava um inventário das obras espíritas que haviam sido publicadas até aquele momento, de forma a indicar, inclusive, compêndios que se manifestavam contrariamente à Doutrina. Isto porque para o entendimento de Kardec, estes precisavam ser lidos de maneira crítica e comparativa, de forma a contrapor e valorizar os conhecimentos advindos do próprio Espiritismo. Desta forma, o artefato livro era tomado por Allan Kardec tanto como um recurso memorialístico, quanto em perspectiva pedagógica e doutrinária.[347]

> Enfim, uma biblioteca, sendo o local de reunião de todos os melhores livros, também é responsável por uma prática que regula leituras, ou amplia o quadro das disponibilidades de leituras permitindo uma visão alargada do que se fala e do que se pensa sobre determinado assunto, mas também limita, enquadra, pois que a classificação e avaliação das obras dispostas nos catálogos respeitam o critério de escolha de um indivíduo específico. Assim, o catálogo apresenta as práticas de leitura entre a restrição pelo excesso e a liberdade pelas possibilidades.[348]

---

[346] KARDEC, Allan. *Catalogue Raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite*. Paris: Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, 1869. KARDEC, Allan. *Catálogo racional*: obras para se fundar uma biblioteca espírita. Ed. Fac-similar bilíngue histórica. São Paulo: Madras, 2004 [1869].

[347] Há versões brasileiras de manuais visando a constituição, organização e funcionamento de bibliotecas espíritas, a exemplo de LAGE, Mirian Silva. *Manual de serviços de bibliotecas espíritas*. Vitória: FEEES, 1991; SOBRINHO, Geraldo Campetti. *Biblioteca Espírita*: princípios e técnicas de organização e funcionamento. Brasília: FEB, 1995. Há também pelo menos um *tesauro* que auxilia na indexação e na classificação dos livros em bibliotecas espíritas: GRUPO DE DIVULGAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA ESPÍRITA. *Biblioteca Espírita*: coletânea de assuntos abordados pela Doutrina Espírita e em obras que comprovam, embasam ou ratificam os seus postulados. 2 vols. Salvador: GBDE, 1996.

[348] CARVALHO, Larissa Camacho; LOUSADA, Vinícius Lima. Uma história do livro e de todos os livros: Catálogo Racional – Obras para se fundar uma biblioteca espírita (1869). In: *Anais do IX Congreso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana*, Rio de Janeiro, 2009, p. 7.

Também há em Kardec referências à constituição de um outro tipo de dispositivo memorialístico: os museus. Ele tinha planos e já demonstrava as linhas gerais da missão do Museu do Espiritismo, onde deveriam ser colecionados itens que comporiam arquivos para o serviço de futuros pesquisadores, a fim de que a história da Doutrina pudesse ser contada baseando-se em fatos documentais e não em lendas e tradições. Ademais, a "verdade dos fatos" atestada pelos documentos também prestaria serviço ao "combate à mistificação" no contexto interno do Kardecismo.[349] Todavia, deixa aberta uma ambiguidade nesta interpretação, e que caminhava para a polarização com o materialismo

Em seus momentos derradeiros, Allan Kardec definiu como sendo uma das prioridades da Doutrina, a "fundação e conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu" que se organizavam em torno de uma comissão central que tinha, entre outras atribuições, responsabilizar-se pelo(a):

> 1º) Uma biblioteca, onde se encontrem reunidas todas as obras que interessem ao Espiritismo e que possam ser consultadas no local, ou cedidas para leitura fora;
>
> 2º) Um museu, onde se achem colecionadas as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis, os retratos dos adeptos a quem a causa muito deva pelo devotamento que tenham demonstrado, os dos homens a quem o Espiritismo renda homenagens, embora estranhos à Doutrina, como benfeitores da Humanidade, grandes gênios missionários do progresso, etc.*
>
> *O futuro museu já possui oito quadros de grande dimensão, que só esperam um local conveniente; verdadeiras obras-primas de arte, especialmente executadas em vista do Espiritismo, por um artista de renome, que generosamente os doou à Doutrina. É a inauguração da arte espírita, por um homem que alia à fé sincera o talento dos grandes mestres. Em tempo hábil faremos a sua descrição detalhada.[350]

Não houve tempo de Allan Kardec desdobrar tais planos, apesar de ter deixado estes desígnios. Mas, se retomarmos à narrativa biográfica de Chico Xavier, o jornalista Clementino de Aguiar descreveu que ao conhecerem o médium em Pedro Leopoldo em 1935 – um "escritor de livros de tamanha erudição" – que em sua casa "procuravam uma biblioteca", mas acharam "no seu 'archivo', isto é, na sua pasta de papelão" muitos poemas produzidos "nas suas horas de transe" feitos por

[349] Falsa a materialização de Uberaba. In: *O Cruzeiro*, ano XXXVI, nº 18, 8 de fevereiro de 1964, p. 80-108.
[350] KARDEC, Allan. Constituição Transitória do Espiritismo In: *Revue Spirite – Journal d`Études Psychologiques*, ano XI, dez. 1868, p.495-496.

"vários poetas mortos".[351] O ato em si de psicografar promove um registro de memória, posto que gera não somente informações e experiências performáticas, mas suportes das escritas mediúnicas que passam por processos de transcrição e, em cada uma destas etapas, geram artefatos de memória. E, ademais, produtos que dialogam não somente entre os vivos, mas os mortos se comunicam por meio deste dispositivo de comunicação entre mundos, o que nos induz a considerar a própria psicografia como uma tecnologia em seu sentido mais *lato*.[352] Assim, o processo de produção dos livros é composto por uma hierarquia de sucessão de ações e resultados, o que também ressalta o entendimento das funções e dos usos sociais desse artefato – o livro – no contexto mais amplo da informação. O livro tem, neste sentido, uma relação ambivalente no contexto espírita, e dele emerge um *corpus* literário que funciona como memória cultural do grupo.

Esse comportamento gerou, ao mesmo tempo, uma necessidade informacional que reflete em uma ampliação das exigências sobre os aspectos relativos ao acesso e tratamento da informação que tiveram, de forma ascendente, contribuição e aproximações às tecnologias da comunicação e da informação disponíveis à época. E falar de tecnologia neste contexto, que dizer que não se tratam apenas de equipamentos modernos, mas também de um sistema de conhecimentos e a organização necessária para manipular, produzir, operar e assimilar este *know-how*.[353]

Ainda no primeiro relato de impacto sobre Chico Xavier que veio a público, o jornalista do "O Globo" descreveu que

> Uma das nossas maiores preocupações, desde nossa chegada aqui [Pedro Leopoldo], foi sabermos se Chico Xavier possuía biblioteca e que espécie de biblioteca, para termos uma ideia de suas leituras. A visita de ontem à noite deu-nos oportunidade para essa constatação. A biblioteca de Chico Xavier – o termo, no caso, torna-se até um

[351] *O Globo*, 3 de maio de 1935, p. 1.
[352] "A palavra tecnologia deriva dos vocábulos gregos *tekhné* (arte, indústria, habilidade) e *logos* (argumento, discussão, razão). A tecnologia, em sua etimologia, consiste, portanto, no conjunto de conhecimentos/saberes, argumentos e razões em torno de uma arte/ofício, ou de um fazer determinado. De outra forma, pode ser entendida como o conjunto dos instrumentos, métodos e técnicas que permitem o aproveitamento prático do conhecimento, voltado para as necessidades humanas. É importante ressaltar que, independentemente da posição econômica a ser adotada, o termo tecnologia não deve denotar *per se* uma inovação limitada ao meio digital". In: Tecnologia. *Glossário TDICs – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz. Disponível em https://www.tdics.epsjv.fiocruz.br/glossario/tecnologia, acesso em 7 de janeiro de 2023.
[353] PERES, Mônica Regina. Competência informacional: educação e sociedade. In: *RICI*, vol. 3, nº 1, jan.-jul. 2011, p. 25.

> pouco impróprio – é um amontoado de revistas e jornais velhos, álbuns espíritas, outros da imprensa diária, almanaques Bertrand e outros de vários anos, alguns volumes de doutrinadores espíritas, como o "Evangelho Segundo o Espiritismo", de Allan Kardec; o "Grande Enigma" e o "Depois da morte", de Léon Denis; os "Quatro Evangelhos", de Roustaing, livros esses na sua maioria oferecidos ao médium por admiradores seus de Belo Horizonte, quando seu nome já se ia tornando conhecido nos círculos espíritas. Vemos ainda ali alguns fascículos e volumes dos publicados pela Federação Espírita Brasileira, sobre a doutrina.[354]

Aquele inicial arquivo do médium crescia na medida em que mais psicografava e, na medida em que mais psicografava, mais se avolumavam os livros mediúnicos de sua autoria.[355] Também, adquiria ou ganhava livros doutrinários ao longo do tempo de sua prática espírita. E, na medida em que sua fama corria aos ventos, mais consumidores haveria para a leitura das obras produzidas. E, quanto maior o letramento nesta cultura espírita, o número de devotos também se ampliava. Trata-se de uma roldana que faz acontecer e direciona os caminhos internos da Doutrina praticada e difundida por Chico Xavier que, segundo Clóvis Tavares se apropriando das palavras de Plínio, o Jovem: *In bibliothecis loquuntur defunctorum immortales animae* ou "As almas imortais dos mortos falam em bibliotecas". Palavras, preceitos e a própria missão de Chico Xavier se imortalizaram também na materialização daqueles arquivos, acervos e bibliotecas.[356]

[354] *O Globo*, 3 de maio de 1935, p. 1.
[355] "Desde que entráramos em contato com o médium de Pedro Leopoldo e entráramos na apreciação de seu vasto arquivo de mensagens atribuídas a escritores, pensadores e poetas mortos [...]". In: *O Globo*, 16 de maio de 1935, p. 1.
[356] XAVIER, Francisco Cândido. *Auta de Souza*. Pelo espírito de Auta de Souza. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1977, prefácio.

Figura 121 – Arquivo-biblioteca de Chico Xavier em Pedro Leopoldo, 1935. Fonte: Acervo "O Globo".

Figura 122 – "Biblioteca José Xavier" no Centro Espírita Luiz Gonzaga, em imagem de Chico Xavier e sua cunhada Geni Penna Xavier, década de 1940. Fonte: Acervo Memorial do Luiz Gonzaga.

A amplitude e importância deste arquivo-biblioteca de Chico Xavier que estava se formando, e a necessidade de também promover prática e ações de leitura, exprimem o fato de que, em 1948, já havia oficialmente uma biblioteca no Centro Espírita Luiz Gonzaga em Pedro Leopoldo, cujo nome fazia homenagem ao seu irmão e companheiro espírita já desencarnado: "Biblioteca José Xavier". Ela foi fundada quando Arthur Joviano assumiu a presidência do Centro Espírita Luiz Gonzaga e, por aquela época, foi assim descrita:

> O Luiz Gonzaga, tal como conhecemos na noite de 14 de junho de 1948, era menor que o atual Grupo da Prece da cidade de Uberaba. Algumas paredes não se revestiam de reboco; a mesa e os bancos toscos de madeira não haviam recebido verniz e nenhum acabamento especial, mobiliário rústico e indispensável, um caixote à guisa de biblioteca fixado na parede. Nele se alinhavam várias obras recebidas pelo querido médium, como se elas representando as palhas humildes da manjedoura, encontrassem de novo o pensamento vivo de Jesus a traduzir-se no esforço de seus mensageiros que lhe restauravam o verbo. A humildade de Chico confundia-se com a simplicidade do ambiente.[357]

Em que pese essa produção de documentação espírita, observa-se que há documentos que precisam ser diferenciados e, portanto, destacados, ou seja, há primeiramente originais manuscritos produzidos no momento da psicografia em sessão mediúnica, mas pode também haver a transcrição das psicografias de maneira manuscrita ou datilografada que passam por algum tipo de revisão e, por fim, de forma que pode ocorrer a publicação destas mensagens de maneira individual (como em periódicos ou folhetos) ou em um compêndio (como os livros). Também, são etapas e processos documentais que indicam caminhos próximos entre Chico Xavier autor, redator e editor[358] de livros mediúnicos no processo de

[357] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 33. Há um dado interessante sobre o volume da biblioteca que Chico Xavier deixou em Pedro Leopoldo: "No meio da noite de 4 de janeiro de 1959, Chico Xavier bateu a porta de casa e sumiu. Sobre a cama, ainda estendido no cabide, ficou um terno de linho branco. Na sala, restaram a vitrola, discos de Beethoven, Bach, Noel Rosa e um retrato a óleo de Emmanuel. No escritório, sua mesa tosca, quatro cadeiras, um baú repleto de papéis e os quase quatrocentos volumes de sua biblioteca. Entre dezenas de títulos espíritas, 'A divina comédia', o 'Lello Universal' e exemplares de 'Seleções' e 'Almanaque Bertrand'". In: SOUTO MAIOR, 1994, p.129.

[358] "Não raro, portanto, que um editor de texto receba um manuscrito, além de tudo, sem a mínima preocupação relativamente ao que exige a edição – datilografado com entrelinhas mínimas, cheio de

editoração espírita. Todavia, ritualísticas que geram um conjunto documental que atualmente é disputado entre as instituições de memória do Espiritismo e que também produzem livros póstumos de autoria de Chico Xavier em número descontrolado, temas que ainda serão mais bem qualificados no próximo capítulo.

Esse conjunto documental em formação à época era composto por originais submetidos tanto a diferentes processos de reprografia, ou seja, a diversas "técnicas de duplicação e reprodução de documentos que não recorrem à impressão", quanto aqueles impressos por litografia ou *offset*. Há mais de um original, ou seja, o documento "produzido pela primeira vez ou em primeiro lugar", posto que este pode ser tanto manuscrito durante a sessão mediúnica, quanto uma versão "final de um documento, já na sua forma apropriada" e assim associada à mensagem psicografada quando redigida em momento posterior à sessão mediúnica para fins de melhorar sua leitura e compreensão. Neste sentido, é importante destacar, neste último caso, que não se trata de uma cópia figurada e, portanto, "exata, feita geralmente para fins legais, reproduzindo com fidelidade o grafismo e a forma do original". Temos, por outro lado, um original que possui *autógrafo* posto que é um "manuscrito do próprio punho do autor, assinado ou não" e um original que é *hológrafo* e, assim, é um "documento escrito inteiramente pela mão de seu autor". Consequentemente, além destes, teremos ainda outro tipo de original no acervo de Chico Xavier que é *apógrafo*, ou seja, uma "cópia manuscrita, de época, realizada por outro que não o autor". E estas diferenciações são de suma importância para a manutenção do Princípio do Respeito pela Ordem Original, "segundo o qual o arquivo deveria conservar o arranjo dado pela entidade coletiva, pessoa ou família que o produziu".[359]

A intenção memorialista é, portanto, uma premissa à própria prática espírita e que toma formas específicas a depender dos seus contextos de produção e preservação dos acervos. Os conjuntos com procedência relacionada à Chico Xavier, por sua vez, são coleções sensíveis por uma ordem de fatores, notoriamente por contemplarem aspectos pessoais, confidenciais e devocionais não somente do médium, mas de um conjunto de pessoas que o procuravam. Há relatos do

---

rabiscos ininteligíveis e, num caso extremo, aproveitando o verso de papéis usados –, depois de cuja análise ele terá inevitavelmente de encaminhar a um datilógrafo ou digitador, pedir cotejo entre originais e datilografia, antes de passá-lo a um redator para que este dê forma ao conteúdo". In: QUEIROZ, Sônia (org.). *Editoração*: arte e técnica. 2ª ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 6.

[359] ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 148, 127, 58, 40, 104, 24, 137.

sobrinho-neto de Chico Xavier de que parte deste acervo, especialmente aquele produzido nos tempos em que o médium vivia em Pedro Leopoldo, foi queimado a seu próprio pedido para que não fossem expostas pessoas, situações e seus segredos.[360]

Figura 123 – Chico Xavier com arquivo privado em seu quarto em Pedro Leopoldo, fotografado por Jean Manzon, 1944. Fonte: Acervo "O Cruzeiro".

Figura 124 – Gravador das mensagens psicofônicas usado no Grupo Espírita Meimei. Acervo: Geraldo Leão dos Santos. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jan. 2016.

Na medida em que sua biblioteca crescia, muitas vezes se tornava cada vez mais incompreendida a sua condição de mediador da comunicação com os espíritos que ditavam as mensagens, as receitas, as poesias, as trovas. E, neste sentido, retoma-se a discussão sobre sua idoneidade, posto que se Chico Xavier fosse dotado de tamanha "cultura", "educação" ou "instrução" – "Ele lê e muito" – suas obras mediúnicas não passariam de pastiche.[361] Desta forma, um "aparente desnível cultural" seria um "dado que autentica a mediunidade psicográfica" de Chico Xavier.[362]

Deste conjunto documental que se constituía – formado especialmente por originais psicografados, transcrições feitas à mão ou datilografados, livros editados pelo médium ou sobre a doutrina adquiridos ou comprados; folhetos; cartas –, ampliaram-se também acervos advindos de recursos tecnológicos em crescimento

---

[360] GONÇALVES, Sérgio Luiz Ferreira. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Pedro Leopoldo/MG, Brasil. 14 ago. 2015, mp3.

[361] NASSER; MANZON, 1944, p. 6. "Outra peça de notável valor documentário é esta: a biblioteca de Chico, onde encontramos livros de muitos autores, escritos na vida de seus criadores. Esses mesmos cavalheiros transmitem, segundo Chico, novas e diárias mensagens. Chico, na gravura, aparece copiando trechos de livros que mais o agradam". In: *Ibidem*. "Numa estante, os livros de Chico. Versos de Guerra Junqueiro, Tolstoi e uma porção de autores mortos. Na sala ao lado está a mesa onde êle recebe as mensagens. Uma papelada branca, pronta para ser coberta pelas mensagens do outro mundo.". In: *Idem*, p. 8.

[362] SCHUBERT, 1986, p. 379.

na época, como é o caso da fotografia e dos registros sonoros. Estes últimos foram inicialmente produzidos, especialmente, a partir da necessidade de registro das psicofonias das sessões de desobsessão do Grupo Espírita Meimei em Pedro Leopoldo em meados dos anos 50, cujo aparelho gravador havia sido cedido pelo professor Carlos Torres Pastorino do Rio de Janeiro.

Em Uberaba, de acordo com Elias Barbosa, um gravador de grande porte foi emprestado por Jarbas Leone Varanda (1929-2003) também destinado à gravação das psicofonias das sessões de desobsessão da CEC na década de 1960, cujas mensagens depois de transcritas, o próprio Elias Barbosa ajudava a datilografar.[363] Na CEC, no Departamento de Difusão Doutrinária, além da distribuição gratuita de livros em épocas de festivais organizados em data comemorativas, eram realizadas gravações de discos em LP's com mensagens doutrinárias, além de ser produzido um programa radiofônico denominado "Ondas de Luz!".

Em relação às fotografias, estas foram usadas por Chico Xavier de diversos modos e com finalidades distintas, mas expressam a sintonia do médium às inovações tecnológicas. Figura carismática e considerada fotogênica por entender a sua capacidade retórica pela imagem pessoal, Chico Xavier sempre costumava aparecer sorridente nas poses das fotografias, vestido com formalidade e tinha o hábito de presentear familiares, amigos e simpatizantes da causa espírita que o procuravam com fotografias autografadas de maneira personalizada. Estas imagens poderiam ser acompanhadas de dedicatórias poéticas, uma forma de promover a recordação do momento, criando vínculos e laços fraternais, ao passo que também servia de divulgação de sua imagem, do seu nome e de sua causa.

É preciso não perder de vista que a fotografia teria uma relação de documentação das ações e do cotidiano, adicionada a uma função de promoção e divulgação das ações doutrinárias, tendo em vista maior atração de fiéis e apoiadores da causa. A fotografia também admitia ser um instrumento técnico a serviço da conformação de uma verdade científica na comunicação entre mundos, de modo a tornar a experiência espiritual visível aos olhos, atestada por uma "prova

[363] VELOSO, Marival; VELOSO, Eurípedes. *Elias Barbosa*: o amigo de Chico Xavier. Araguari: Minas Editora, 2021, p. 69. Sobre a mediunidade de psicofonia de Chico Xavier, Elias Barbosa ainda relatou: "No começo das reuniões, a gente tinha um gravador grande. Então, no final da reunião de desobsessão, os Espíritos Emmanuel, Dr. Bezerra de Menezes, André Luiz, Dr. Hilário Silva, que era quem dirigia os trabalhos, como faz até hoje, proferiram as mensagens belíssimas, e na hora que a reunião acabava, eu ligava o gravador e ele copiava. Quando chegava em casa, datilografava as mensagens". In: CARVALHO; MELO, 2010, p.85.

de verdade" que poderia ser compartilhada e não limitada apenas ao circuito daqueles participantes. Ademais, admite-se, ainda, o uso da fotografia em seu estatuto de produção de representações do próprio Espiritismo, em se tratando de valores intrínsecos a sua visão de mundo, tal qual a racionalidade, a fraternidade, a solidariedade e a resiliência. Desta forma, os recursos fotográficos estariam a serviço de um imaginário idealizado pela liderança espírita de Chico Xavier.[364]

As fotografias registravam e divulgavam a relação entre pessoas e eventos, também reforçava marcadores sociais que transpareciam hierarquias, interações e interseccionalidades entre classes, raças e gêneros. Nas imagens da CEC, por exemplo, diferenciam-se claramente o grupo de espíritas que realizavam as ações assistenciais dos assistidos, esta população em sua maioria preta, com grande presença de mulheres com lenços no cabelo e crianças descalças. Por outro lado, os médiuns sorridentes aparecem de ternos, sapatos sociais, suéteres e saltos altos. Chico e Waldo no tempo de sua parceria, certamente a fim de consolidar uma imagem padronizada que vinculasse um ao outro, eram retratados nas fotografias com roupas se não idênticas, extremamente parecidas. Quando os ambientes internos de casas espíritas ou do lar de espíritas eram fotografados, via-se na parede os quadros pendurados com imagens de suas referências: Jesus Cristo, Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Meimei, Irmã Sheilla, Chico Xavier. Proliferavam-se, também, imagens que circulavam como "santinhos" e que passavam a povoar o imaginário espírita.

De maneira justaposta, as fotografias também tinham função documental e eram exploradas de maneira doutrinária, em uma ação de educação pelo olhar ou, nos termos de Marion Aubrée e François Laplantine, de educar pela imagem,[365] notoriamente no sentido de fazer ser visto e comprovar pela imagem a existência da comunicação com os espíritos, o que se desenvolveu, em grande medida, por meio das materializações.

Neste sentido, imagens fotográficas no contexto espírita admitem também um uso documental e científico. Na pesquisa doutoral de Mário Ramiro, o autor buscou rastrear o surgimento do que ele chamou de uma "Fotografia dos Espíritos no Brasil", de modo a perscrutar sobre o acervo de imagens que possuem

[364] CAMPOS, Luana Carla Martins. *"Instantes como esse serão seus para sempre"*: práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939). Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008, p. 51-52.
[365] AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990.

características próprias e, notoriamente, de materializações. Que registravam as manifestações espirituais paranormais. Um ponto de reflexão diz respeito sobre as controvérsias de se registrar em matéria algo que se diz transcendental, espiritual, invisível, paranormal.[366]

Chico Xavier já havia feito as experimentações de materialização em Pedro Leopoldo no período de 1952 a 1954, em reuniões tanto no Centro Espírita Luiz Gonzaga quanto em sua própria casa. Contou inclusive com a presença do bastante famoso à época, Francisco Peixoto Lins (1905-1966, Peixotinho), como médium de cabine. Nestas ocasiões, ocorreram a manifestação de diversos espíritos, dentre eles o de Luiz de Almeida; Camerino; Gugu, além de Carlos Augusto Ferreira de Lacerda, jovem desencarnado no dia 16 de setembro de 1951, aos 15 anos e 7 meses de idade. Em ocasiões diferentes foram tomadas fotografias por Jô (Joaquim Alves, 1911-1985),[367] Henrique Ferraz Filho[368] e Rafael Américo Ranieri (1919-1989).[369]

Nestas imagens era comum se observar o ectoplasma saindo da boca, ouvidos e nariz do médium que, a exemplos das fotografias abaixo selecionadas, o médium está deitado no leito de Chico Xavier, com as materializações transcorrendo na cabeceira do móvel. Na época, era comum que o próprio Chico Xavier distribuísse estas imagens das materializações contendo no verso sua assinatura e a dos demais assistentes, de forma a atestar a veracidade do evento e a autenticidade da própria imagem.

> Chico fazia [as materializações] com muito gosto. Era algo maravilhoso ver o Espírito materializado. Chico fez apenas umas três

[366] RAMIRO, Mario. *O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil*: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

[367] Joaquim Alves, de nome artístico Jô, era artista-plástico e nasceu na cidade de São Paulo e foi ao encontro do Espiritismo, notoriamente através da Federação Espírita de São Paulo, depois do falecimento de sua mãe em 1947. Esteve em Pedro Leopoldo pela primeira vez em 1952, e posteriormente recebeu mensagens de sua mãe desencarnada através da psicografia de Chico Xavier em Uberaba. *Cf*. JACINTHO, Roque. *Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora Luz no Lar, 1991 [1967], p. 93-120. BARBOSA, 1970, p. 17-22. XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 128-133. Jô esteve à frente da arte espírita, tendo atuado em dezenas de publicações de médiuns especialmente na produção gráfica, com destaque para as capas dos livros. "Trabalhou desenhando capas de livros para diversos médiuns, tais como Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco, Ivonne Pereira e outros. Para todos criava capas lindas, grandiosamente. Colaborava também financeiramente para ajudar as instituições". In: GALVES, Nena. *Amor & Renúncia*: traços de Joaquim Alves. São Paulo: CEU, 2006, p.23.

[368] RAMIRO, 2008, p. 77.

[369] RANIERI, 1989. RANIERI, Rafael. *Forças Libertadoras*. Rio de Janeiro: Ed. Eco, 1967.

> ou quatro vezes essas materializações. Na época, eu tinha uma balança grande em casa, e tive a ideia de pesar o Chico antes e depois da sessão de materialização. Pois o Chico perdeu quatro quilos em uma dessas ocasiões, por ter doado o ectoplasma. Eu via o ectoplasma sair da boca de Chico. Nem todos conseguiam ver esse processo, mas eu conseguia.[370]

Figura 125 – Materializações em Pedro Leopoldo, 1952. Fonte: Acervo CEU.

Figura 126 – Materializações em Pedro Leopoldo, 1952. Fonte: Acervo CEU.

Em Uberaba, por sua vez, sessões de materialização foram realizadas na década de 1960 e que geraram grandes polêmicas e controvérsias no diálogo entre a religião e a ciência. Muitos diziam que “o fenômeno” deixava “o centro espírita para ser um objeto de estudo da medicina”. Nestas reuniões particulares que “contaram com a presença dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira”, algumas câmaras experimentais foram organizadas com o envolvimento de dezenove médicos que se responsabilizaram pelos procedimentos a fim de assegurar a idoneidade da manifestação mediúnica e, portanto, evitar fraudes e mistificações. Para tanto, um gabinete fotográfico foi especialmente organizado no consultório médico de Waldo Vieira – identificado como o “cabeça de tudo” “que lidera as experiências”. Naquele pequeno cômodo de 3 m x 3 m, sendo esta sala localizada em frente à casa de Chico Xavier, as experimentações ocorreram em duas fases, de setembro a novembro de 1963, e entre janeiro e fevereiro de 1964. Foram produzidas cerca de 400 fotografias com intuito “científico, nenhuma intenção religiosa anima a equipe de pesquisadores”. Usavam-se também, muitas vezes,

[370] Depoimento de André Luiz Xavier, irmão de Chico Xavier. In: CARVALHO, Antônio Cesar Perri; MELO, Oceano Vieira de. *Depoimentos sobre Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 2010, p. 31.

gravadores de som para capturar e registrar o som ambiente durante estas sessões para estudos posteriores, em uma composição que projetava ao rigor da ciência.

> Numerosos gravadores e dez máquinas fotográficas foram colocados em todos os ângulos da sala. Revelam os médicos que as máquinas e os filmes fotográficos foram igualmente rubricados e anotados (número, modelo, objetiva, tipo, velocidade das máquinas, abertura, etc.) para afastar a hipótese de truques fotográficos. Assim todas as possibilidades de fraude foram aparentemente abolidas. Ainda foram utilizados nas comprovações científicas termômetros, barômetros, balanças, condicionadores de ar, eletrofones, lanternas, "flashes" eletrônicos, além de dois filmadores que documentaram todos os preparativos anteriores e as medidas posteriores às experiências.[371]

Naqueles experimentos, certa vez, engajou-se a médium sensitiva Otília Diogo, residente na cidade de Andradas – Minas Gerais, que materializava o espírito de Maria José Domini, conhecida como Freira ou Irmã Josefa.[372] Também houve mobilização do médium Antônio Alves Feitosa neste sentido. À época, o desejo era provocar novos caminhos para a ciência, contando com a participação nos experimentos, inclusive, de médicos não espíritas, de forma a reforçar a autoridade daquelas testemunhas, pois eram "médicos que ocupam a mais alta responsabilidade em Minas Gerais e São Paulo".[373] Projetava-se a produção de um livro contendo 120 páginas composto por centenas de imagens capturadas durante as masterizações e, assim, trazer explicações destes fenômenos frente à ciência. De acordo com Elias Barbosa durante uma entrevista:

> "- Pode citar alguma prova concreta da aparição desses fenômenos?"

---

[371] Fenômenos de materialização. Júri de médicos fotografia e documenta em Uberaba. In: *O Cruzeiro*, nº 15, 18 de janeiro de 1964, p. 68-80. A farsa da materialização. In: *O Cruzeiro*, nº 17, 1º de fevereiro de 1964, p.70-82.

[372] Sobre as faculdades mediúnicas de Otília Diogo no ano de 1964, Chico Xavier já havia dado seu testemunho: "Nós tivemos a felicidade de receber o contentamento dessas tarefas aqui, em nossa casa, porque as atividades todas de D. Otília, se desdobraram no consultório do nosso Waldo e que está anexo à nossa residência. [...] Eu tive o prazer de assistir às experiências havidas, por deferência dos nossos amigos da Medicina; experiências de caráter científico. Eu creio mesmo que seria dispensável a minha presença; mas fui convidado e compareci com muito prazer. Foi para mim um conforto muito grande poder abraçar a nossa Irmã Josepha materializada em nossa reunião. Tive a felicidade de poder sair numa foto em que eu estava – para muita alegria minha – ao lado dela". In: BACCELLI, 2010, p. 248.

[373] Os médicos de Minas Gerais e São Paulo envolvidos com as materializações em Uberaba foram: Waldo Vieira; Elias Barbosa; José Hortêncio de Medeiros Sobrinho; Adroaldo Modesto Gil; Elias Boainaim; Eurípedes Tahan Vieira; Oswaldo de Castro; Gil Perche de Menezes; Alberto Calvo; José Américo Junqueira de Matos; Sebastião de Melo; Ismael Ferreira de Rezende; Milton Skaff; Adelror Alves de Gouveia; Cleomar Borges de Oliveira; Armando Valente do Couto; Flávio Pinheiro; Mário da Silva; Antônio Ferreira Filho.

> “- Há uma outra prova? Eu dou muito valor às provas fotográficas. Se o olho humano às vezes erra, a máquina fotográfica não falha, e algumas fotografias que obtivemos são de ordem a não deixar dúvida nenhuma.[374]

Figuras 127 – Grupo que participou das materializações em Uberaba de frente à casa de Chico Xavier, 1963-1964. Fonte: HARLEY, 2016, p. 291.

Além de fotografias capturadas por diversos membros da equipe que participaram dos experimentos e de fotógrafos da imprensa – notoriamente da revista “O Cruzeiro” –, houve atuação do fotógrafo espírita Nedyr Mendes da Rocha que registrou suas memórias em um livro lançado no ano de 2011, com fotografias inéditas. Nedyr narrou que já havia participado de sessões de efeitos físicos em Andradas, no Centro Paz e Amor, onde a médium Otília atuava. E ele também, juntamente com seu pai, também realizavam tais sessões no centro espírita que estavam fundando em Campinas, tendo já realizado fotografias que, inclusive, a distribuía entre interessados. Por aqueles tempos, Waldo Vieira o informou que estavam escrevendo um livro sobre as masterizações à luz da ciência acompanhados de outros médicos. Nedyr ajudou na instalação de um laboratório fotográfico na sala ao lado do consultório de Waldo Vieira, onde funcionava a farmácia do CEC. O fotógrafo afirmou, ao longo de todo o seu texto, o protagonismo

[374] VELOSO; VELOSO, 2021.

de Waldo Vieira nestas experimentações tendo, inclusive, organizado todo o aparato material necessário: jaula de ferro, cinto de couro, algemas, cadeiras e vitrola.[375]

> "O Cruzeiro" apresenta o mais completo documentário sôbre a "materialização de espíritos", fenômeno parapsíquico relacionado com a liberação de ectoplasma, denominado "quinto estado da matéria orgânica", que tem sido exaustivamente pesquisado pela ciência. Os depoimentos e as fotografias desta reportagem são da responsabilidade de uma equipe de médicos, de São Paulo e do Triângulo Mineiro, que assistiu e pesquisou durante três meses numerosas experiências, sob contrôle, na cidade de Uberaba. As opiniões foram registradas em discos, durante uma entrevista irradiada em programas da TV Itacolomi, em Belo Horizonte, e que reproduzimos, guardando-nos da análise dos fatos narrados.[376]

Houve grande repercussão negativa sobre as "materializações de Uberaba" que, segundo a imprensa, foram desmascaradas justamente pelas próprias fotografias divulgadas e minuciosamente "desmontadas" por um laudo técnico também ilustrado – neste caso com fotografias a cores –, e que demonstrou que a médium se travestia de espírito. Fato que também contribuiu para o "início de um processo de ocultamento dos originais fotográficos",[377] seguido de encerramento de quaisquer atividades de materialização desta natureza que envolvesse Chico Xavier até o fim de sua vida. Ainda, é plausível que esta situação, que se tornou um grande escândalo à época, também tenha cooperado para efetivar a viagem internacional que serviria para arrefecer este escândalo, em um primeiro momento e, posteriormente, poderia ter pesado para o definitivo afastamento de Chico e Waldo.[378]

---

[375] ROCHA, Nedyr Mendes de. *Fenômenos de Materialização*. Capivari: EME, 2011, p.120. *Cf*. ANJOS, 2013.

[376] Entre os meses de janeiro e fevereiro de 1964, a revista "O Cruzeiro" publicou uma série de cinco reportagens sobre as materializações em Uberaba que geraram grande comoção popular, especialmente por se tratar de um dos mais importantes veículos de comunicação em massa que tinha, à época, a colossal tiragem de 425.000 exemplares semanais *Cf*. Fenômenos de materialização. Júri de médicos fotografa e documenta em Uberaba. In: *O Cruzeiro*, nº 15, 18 de janeiro de 1964, p. 68-80. A farsa da materialização. In: *O Cruzeiro*, nº 17, 1º de fevereiro de 1964, p.70-82. Falsa a materialização de Uberaba. In: *O Cruzeiro*, ano XXXVI, nº 18, 8 de fevereiro de 1964, p. 80-108. A ciência esmaga a fraude de Uberaba. In: *O Cruzeiro*, ano XXXVI, nº 19, 15 de fevereiro de 1964, p.8-13. A "médium" Otília sem máscara. In: *O Cruzeiro*, ano XXXVI, nº 20, 22 de fevereiro de 1964, p.100-106.

[377] RAMIRO, 2008, p. 54.

[378] Jorge Rizzini mesmo não tendo participado naquelas sessões de materialização, saiu em defesa pública da veracidade daquele fenômeno. Ele, que já tinha realizado filmagens das operações mediúnicas de Zé Arigó, também atestava sobre a fotografia em seu uso de atributo da verdade. Apesar da existência de pelo menos duas fotografias em mesma situação identificadas no acervo da CMLCX de princípios de 1963, que mostram Chico, Waldo e ele, foi certamente a partir daquele momento de defesa pública das materializações que ele se aproximou de Chico Xavier e Waldo

Figuras 128 e 129 – Materializações em Uberaba com a presença de Chico Xavier e Waldo Vieira, que segura uma câmera fotográfica, 1963-1964. Fonte: Acervo CMLCX e CEC.

Figura 130 – Materializações em Uberaba tendo Chico Xavier próximo ao espírito materializado, 1963-1964. Fonte: Acervo CMLCX.

É certo que aquele repertório de imagens e equipamentos já estivesse à serviço da Exposição Espírita Permanente (EEP) e, ainda, que a EEP estivesse em funcionamento desde os momentos iniciais da CEC, já há registros de documentos desde o ano de 1962, notoriamente em se tratando de acervos de gravações relacionados a este Departamento.[379] Em entrevista concedida por Chico Xavier em 1962, há o registro da existência, inclusive, de um diretor da EEP, além da notícia também elencar outra finalidade bastante estratégica daqueles acervos em construção, ou seja, a de servirem de testemunhos da verdade, prova irrefutável de uma determinada narrativa memorialística sobre o próprio médium Chico Xavier frente, por exemplo, os discursos construídos pela imprensa que, por ventura, fossem na contramão do esperado pelo médium. Trata-se, na perspectiva de Boris Kossoy, de uma ficção documental, ou seja, quando se controla ao máximo o ato da recepção em uma direção determinada.[380]

> Há cerca de dois anos, alguns repórteres de renomada revista brasileira, hoje ausente de circulação, vieram a Uberaba exclusivamente para ouvir os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira.

Vieira, posto que no ano de 1966, ele foi companheiro da segunda viagem internacional realizada para a América do Norte. Há notas esparsas que informam que Rizzini criou a "Filmoteca Allan Kardec" em 1961, identificada como a primeira no movimento espírita e também chamada de "Filmoteca Espírita Nacional", porém, desconhecem-se maiores informações a este respeito. A sua presença na viagem internacional de 1966, sem dúvidas, tratou-se de uma convergência de projetos e ideários relacionados aos registros audiovisuais no contexto espírita em ascendência a partir de meados do século XX. *Cf*. RIZZINI, 1964.

[379] Em 1964, havia um depoimento gravado por Chico Xavier, por exemplo, sobre as faculdades mediúnicas de Otília Diogo, que compunha o acervo da EEP. In: BACCELLI, 2010, p. 248.

[380] KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p. 55.

> Ambos, mediante a apresentação de perguntas por escrito, forneceram as respectivas respostas. Alguns meses depois, uma reportagem saía sobre o médium de "Parnaso de Além Túmulo", porém, inteiramente alterada, veiculando notícias e abordando fatos aos quais os médiuns absolutamente não se referiram.
> Na ocasião, o diretor da Exposição Espírita Permanente solicitou cópias das aludidas entrevistas e, graças a isso, os leitores poderão tomar conhecimento do conteúdo das mesmas.
> Eis, na íntegra, essa documentação que se reveste de profundo interesse para nós, os espíritas do Brasil.[381]

No livro "Desobsessão" (1964) de Chico Xavier e Waldo Vieira, que se trata de uma "cartilha de trabalho em que as imagens" auxiliam "o entendimento da explicação escrita", há também menção ao funcionamento da EEP.[382] Aliás, este foi o primeiro livro de Chico Xavier que teve uso efusivo de fotografias, de modo a exprimir o envolvimento com estes registros imagéticos em uma diversidade de usos e funções sociais cada vez mais ampliados na ação evangelizadora de Chico Xavier e, como seria evidente, também foi agremiada na produção intelectual do médium. O uso inédito das fotografias nos livros de Chico Xavier, como suporte pedagógico na prática espírita, criou, inclusive, uma celeuma à época com a FEB, cuja editora seria responsável pela publicação da obra. De toda forma, demonstra uma intensa dinâmica entre texto e imagem, no intuito de conduzir o leitor para uma específica interpretação da realidade.

> Será preferível para nós, os servidores da Doutrina Espírita, na hora atual, que o livro fique mais caro do ponto de vista financeiro e pouco acessível à bolsa pública, no momento que passa, porquanto precisamos de um trabalho que auxilie a desobsessão, sem os prejuízos do misticismo, como sejam rituais, defumações, figurações cabalísticas, ídolos diversos e fórmulas outras do magismo, respeitáveis
> naqueles que os aceitam de intenção pura, mas incompatíveis com os princípios libertadores da Doutrina Espírita, e tão-só com as ilustrações pelas fotos conseguirá o livro "Desobsessão" apresentar ao povo uma idéia indeformável das tarefas de desobsessão,

---

[381] Apud Entrevista do médium Chico Xavier realizada em Uberaba, 15 de fevereiro de 1964, reproduzida em "O Espírita Mineiro", nº 123, jan.-fev. de 1967. *Cf*. Dos arquivos da "Exposição Espírita Permanente" – Entrevista ao médium Chico Xavier. In: *Anuário Espírita*, nº 4, p.89-94, 1967. Material reproduzido na íntegra em LEMOS NETO, 1992, p. 343.

[382] "As fotografias que ilustram este volume representam gentileza dos companheiros de ideal e pertencem aos arquivos da Exposição Espírita Permanente do CENTRO ESPÍRITA C., de Uberaba, Minas". Consta que as fotografias são de Maria A. P. Gonçalves e a capa de Jô. É importante relembrar que a sra. aludida se trata de Maria Aparecida Pimentel Gonçalves, posteriormente esposa de Newton Harrison, que era residente em Washington D. C. no ano de 1965 e foi a responsável por levar os médiuns até a "The Church of The Two Worlds" logo na chegada em solo americano na primeira viagem que fizeram aos Estados Unidos. In: XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1964, p. 10.

> partindo do ponto de vista científico popular, sem as interferências negativas do sincretismo religioso. [...]
> Pelas razões expostas, razões que apresentamos ao nosso caro Wantuil com todo o respeito e com todo o potencial de nossa capacidade afetiva, tomamos a liberdade de rogar para que as fotos sejam mantidas no volume ou, então, insistimos para que o livro "Desobsessão" espere melhores tempos, conservado na FEB ou aqui, em nossas mãos, até que o plano traçado por nossos amigos espirituais, quanto ao livro, possa ser exatamente cumprido.[383]

Figura 131 – Prédio provisório em funcionamento da Exposição Espírita Permanente, com pode se ver Dalva Borges e Elias Barbosa, [1960-1965]. Fonte: Acervo CEC

[383] SCHUBERT, 1986, p. 406-411.

Figura 132 – Vê-se o prédio da CEC à direita, ao centro o pequeno portão de acesso à residência de Chico Xavier e, à esquerda, possível prédio que serviria à EEP, [1967]. Fonte: Acervo CEC

Figura 133 – Mesma visão da fotografia anterior, com destaque para a entrada da residência de Chico Xavier à direita e , à esquerda, possível prédio da EPP na Rua Eurípedes Barsanulfo nº 185. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 134 – Construção do prédio da Exposição Espírita Permanente que, posteriormente, tornou-se o prédio do Lar Espírita André Luiz pertencente à CEC, [1965-1968]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 135 – Construção do prédio da EEP, [1965-1968]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 136 – Construção do prédio da EEP, [1965-1968]. Fonte: Acervo CEC.

Havia uma sede provisória da EEP, conforme imagem abaixo arrolada, que certamente foi desativada quando da construção da sede permanente, o que pode ser atestado pela presença da mesma placa – tanto na edificação provisória quanto na construção em processo –, mas que possui cobertura da palavra “provisória” no último caso. Pela volumetria, posição no terreno e conformação da construção realizada contando com o projeto e execução do companheiro da CEC João Jorge Netto, adicionada às informações de Eurípedes dos Reis, este prédio quando foi

finalizado, entretanto, tornou-se o Lar Espírita André Luiz a partir de 31 de março de 1968, e que também serviu por curto tempo como um orfanato.[384]

> Visitamos toda a obra. Dormitórios onde crianças pobres tinham todo conforto. Velhinhas eram cuidadas com verdadeiro amor. E ainda em construção, ambulatório médico, consultório de dentista, barbeiro, biblioteca, discoteca, e, naturalmente, o grande refeitório onde quase mil pobres podem comer à vontade, diariamente. [...]
> A obra não está parada. Além da parte já pronta, está sendo completada rapidamente. Em toda parte, pilhas de tijolos, sacos de cimento e pedreiros trabalhando ativamente.
> Dona Dalva Borges nos mostrou tudo. Visitamos o Lar onde velhinhas e crianças encontraram abrigo. Tudo muito limpo, arrumadinho e bem organizado.[385]

A mudança de percursos em relação à EPP, neste sentido, tinha profunda relação com a ruptura de Chico e Waldo. O empreendimento da EEP exigia grandes investimentos, contando com uma obra de grande impacto, tanto do ponto de vista do financiamento imperioso, quanto de sua execução e dos resultados almejados. É relevante destacar que, na ocasião da realização dos experimentos das materializações entre 1963 e 1964, no consultório de Waldo Vieira que funcionava em uma sala localizada defronte à casa de Chico Xavier, o repórter da revista "O Cruzeiro" tomou as palavras do próprio Waldo em entrevista:

> Assim que chegamos fomos apresentados ao médico Waldo Vieira, clínico dessa cidade. Homem de 35 anos de idade, alto, simpático, bem falante, autêntico relações públicas. [...] O Dr. Waldo é bastante perspicaz e tem raciocínio vivo, dando respostas rápidas a tôdas as perguntas. Fala com os olhos fixados nos meus. Penso em hipnotismo. [...] O Dr. Waldo falou-nos nos seus planos futuros: construção de um edifício para fazer experimentações de natureza psíquica. Planta de Niemeyer fornecida gratuitamente pelo famoso arquiteto. Ante o nosso espanto, esclareceu: - "Dizem que ele é comunista", mas na verdade, resolveu nos ajudar, pois está interessado em "materializações".[386]

Um excerto curto que carrega um universo de significância de grande relevância para essa narrativa. Em primeiro lugar, além da construção da imagem de

---

[384] REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 5 set. 2015, mp3. De acordo com relato de Elias Barbosa, "Na época, era eu quem tinha a intenção de organizar [a Exposição Espírita Permanente], mas como minha vida era sempre agitada, [...] não tinha tempo. Então, um dia, falei com o Waldo Vieira, que era entusiasmado. Aí houve deliberação de transformar o local no Lar Espírita André Luiz e Editora Comunhão Espírita Cristã, onde seria a exposição permanente". In: CARVALHO; MELO, 2010, p. 83.
[385] JORGE, Fred. *Chico Xavier – Sua verdadeira história*. São Paulo: Saber, 1972, p. 79-81.
[386] A farsa da materialização. In: *O Cruzeiro*, nº 17, 1º de fevereiro de 1964, p.75.

uma pessoa astuta a qual Waldo Vieira foi descrito, há um dado que indica que o médium traz para si a realização de um projeto que ele lança para o futuro. Este projeto estaria relacionado a um “edifício para fazer experimentações de natureza psíquica”. Em um primeiro momento, seria mais fácil associar à monumentalidade da ideia, que pudesse ser comportada em um prédio assinado por Oscar Niemeyer, à Exposição Espírita Permanente. E que neste espaço, voltado à memória, divulgação e doutrinação do Espiritismo, também poderia admitir ações em prol de experimentações de natureza psíquica.

Todavia, esta não é a interpretação admitida na linha argumentativa até aqui desenvolvida nesta tese, por uma série de questões. Em primeiro lugar, por terem sido identificadas ações específicas deste Departamento da CEC, a Exposição Espírita Permanente, pelo menos desde o ano de 1962. Em segundo lugar, se a EEP estava em funcionamento, suas realizações não dependeriam da existência de um prédio específico para esse fim. Isto porque há o registro da existência de uma sede provisória e, em momento posterior, vemos uma construção de grande porte ser edificada reutilizando a mesma placa de identificação da sede tendo, todavia, a palavra provisória suplantada. Nesta construção em andamento da sede da EPP, registrada na fotografia, temos a assinatura do projeto e execução por João Jorge Netto, operário e secretário da CEC.

Ainda, na entrevista de Waldo Vieira concedida em entre fins de 1963 e princípios de 1964, o médium parece falar no singular: trata-se de um projeto individual, talvez não compartilhado com Chico Xavier ou outros membros da CEC e, nesta relação de cooperativismo da casa espírita, ações individuais passam a ser decisões tomadas coletivamente. A realização da EEP era uma ação institucional e, portanto, de mais de um. Ademais, “experimentações de natureza psíquica” caminhavam mais em direção aos ideários de Waldo Vieira, seus rumos de pesquisa como levou à diante no caso das materializações que ocorriam em seu consultório.

É importante destacar ainda, que esta fala foi feita cerca de poucos meses antes do Golpe Civil-Militar de 1964 que ocorreu no Brasil, e demonstra o clima de “caça às bruxas” e perseguições políticas que predominavam no período, além da identificação da tendência política de Waldo Vieira e de outros espíritas com os conservadores e militares. Isto porque na medida em que o repórter demonstra estranhamento da assinatura do arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) “um comunista” para um projeto espírita, demonstra-se distanciamento e oposição entre

estes mundos.[387] O fato de o projeto não ter saído do papel pode ter sido, inclusive, por alguma manifestação pública desfavorável tanto da própria comunidade espírita, quanto da oligarquia de Uberaba.

Há uma indicação recente de que a "Exposição Permanente do Espiritismo" de Uberaba dos anos 1960, tenha sido influenciada pela proposta da Galeria de Arte Psíquica do *Historic Camp Chesterfield* – também tratada de *The Hett Art Gallery and Museum* – existente em Indiana nos Estados Unidos.[388] Esta instituição que havia sido criada em 1957, "serviu de inspiração para o projeto (não efetivado)" da EEP.[389] Todavia, conforme exposto, o projeto de construção de "um edifício para fazer experimentações de natureza psíquica" narrado por Waldo Vieira não se tratava da EPP, este último, um Departamento da CEC que estava em funcionamento desde o ano de 1962.

Ademais, pelo roteiro de viagens internacionais realizado entre os anos de 1965 e 1966, o grupo não chegou a se deslocar para o Estado da Indiana ou regiões próximas, o que, todavia, não significa que não pudessem ter ouvido falar daquela Galeria de Arte Psíquica. Nos moldes do que já se realizava na EPP, doravante, suas perspectivas parecem se distanciar do *Historic Camp Chesterfield*, e este museu estaria mais próximo a um outro projeto de Waldo Vieira, associado ao "edifício para fazer experimentações de natureza psíquica".

Em outra perspectiva, admite-se ainda a interpretação que Waldo acabou por colocar este seu projeto em andamento, quando organizou a Cognópolis, bairro de Foz do Iguaçu, Paraná, que contou com estrutura especificamente montada para os estudos da Conscienciologia: "O Parque das Américas, idealizado e fomentado por Vieira, serviu de ensaio para a edificação da Cognópolis, a Cidade do Conhecimento, polo para o fortalecimento e expansão da Conscienciologia".[390] E que ainda está em curso, posto que em 2008 teve um projeto assinado por Oscar

---

[387] O arquiteto Oscar Niemeyer se manifestava publicamente com bastante engajamento político e se identificou oficialmente como comunista desde, pelo menos, sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1945, além de se dizer ateu. *Cf*. NIEMEYER, Oscar. *As curvas do tempo*. Rio de Janeiro: Revan, 1998. SCOTTÁ, Luciane. *Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília.* Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

[388] *The Hett Art Gallery and Museum*, disponível em https://ulib.iupui.edu/digitalcollections/CampChesterfield, acesso em 21 de janeiro de 2023.

[389] SILVA NETO, João Damasio da. *O caso dos museus espíritas*: iconicidade do imaginário na midiatização. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022, p.100-101.

[390] MANFROI, 2020, p. 177 e p. 202.

Niemeyer do “complexo museológico” chamado “Megacentro Cultural Holoteca”, cuja construção ainda hoje está em fase inicial.[391]

Pode-se atestar que o domínio da Exposição Espírita Permanente é temática latente – e, porque não emprestar o termo, subterrânea –, que está no centro das disputas memorialísticas relacionadas à Chico Xavier de maneira atualizada, uma vez que promove rivalidades entre memórias e instituições museais, contendas sobre narrativas válidas e interditos a respeito do médium e da história do Espiritismo, e pelejas envolvendo acervos originais.

Em setembro de 2017, houve a descoberta de um conjunto de documentos em um dos imóveis construídos ao lado da CEC e onde habitavam Chico Xavier e Waldo Vieira. Quando o pedreiro Lourencildo Gonçalves foi fazer uma obra no telhado, viu de cima este cômodo repleto de estantes de madeira e com alguns papéis antigos. Interessado e curioso, ele buscou uma chave para abrir este cômodo que permaneceu fechado por décadas. De acordo com Nereu Alves, antigo presidente da CEC,

> Esse material foi encontrado por acaso, em um cômodo lacrado no fundo da casa onde viveu o Sr. Wilker Batista e sua esposa, ao lado da residência onde o Chico morava. Por ocasião da saída do Chico da Comunhão Espírita, o senhor Wilker continuou residindo na casa. O local hoje está inabitado, e um colega percebeu que o telhado deste barraco tinha caído. Foi quando esse material foi encontrado.[392]

---

[391] Em 2008, houve a doação do projeto do Megacentro Cultural Holoteca (MCH), edificação que faz parte do CEAEC em Cognópolis – Foz do Iguaçu, cujo projeto foi assinado por Oscar Niemeyer, com intermediação de Solange Camargo em conjunto com Maria Estela Kubitschek, filha do ex-presidente da república Juscelino Kubitschek que é madrinha do projeto. Trata-se de uma grande estrutura de 15 mil m^2, com edificação composta por quatro pavimentos e dotada de biblioteca – inclusive com setor de obras –; auditório; salas de aula; dois pisos para exposições; reserva técnica; livraria; café; loja de *souvenir*, além de áreas verdes com paisagismo. “O Megacentro Cultural Holoteca – MCH é um complexo museológico que compreende coleções de artefatos do saber, biblioteca, auditório, livraria, salas de aula, cafeteria, obras escultóricas, monumentos, edificações, praças, trilhas, jardins e bosques que integram o território patrimonial da Comunidade Conscienciológica que compõe a Cognópolis em Foz do Iguaçu. Estão à frente deste empreendimento a Associação para a Expansão da Conscienciologia – AIEC e o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC. A AIEC é a instituição responsável pela captação e mobilização de recursos para viabilizar a construção do prédio projetado pelo Arquiteto Oscar Niemeyer, futura sede principal do Megacentro Cultural Holoteca. O projeto, considerado monumento arquitetônico de maior potencial de atratividade turística, será a porta de entrada na Cognópolis Conscienciológica, local onde estarão representadas as mais de 300 coleções de artefatos do saber que se encontram, desde 1996, na Holoteca do Campus CEAEC”. *Cf. Associação Internacional pra Expansão da Conscienciologia (AIEC)*: https://aiec.ngo/projetos/megacentro-cultural-holoteca/, acesso em 21 de janeiro de 2023.

[392] *Pedreiro conta como encontrou acervo raro sobre Chico Xavier em Uberaba*, 08/04/2018. Disponível em https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/pedreiro-conta-como-encontrou-acervo-raro-sobre-chico-xavier-em-uberaba.ghtml, acesso em 18 de junho de 2020.

É seguro que se trate de resquícios do antigo acervo da extinta Exposição Espírita Permanente e expressam o momento de brusca ruptura do empreendimento abortado. Todavia, exprime uma perspectiva diametral entre ciência e religião, e é um dos pontos-cegos dos regimes de memória da Doutrina na relação entre a dissidência e a contradição do próprio Espiritismo nos usos muito estratégicos da cultura, entendendo-a como uma invocação, um capital cultural, um recurso conveniente e de valor econômico de grande interesse e afluência na atualidade.[393]

Isto, porque, neste momento, explicita-se um dos pontos idiossincráticos relacionados às disputas pela memória e pelas narrativas associadas a Chico Xavier, que tem nesse território de Pedro Leopoldo e Uberaba um campo minado e atualmente ainda mais tensionado no que tange as ações museológicas, especialmente pela implementação do Memorial Chico Xavier.

> Na última vez em que Vieira esteve em Uberaba (02-11-2010) para o Jubileu de Medicina, foi ao local ver o andamento das obras desse projeto tão importante para todos [Memorial Chico Xavier]. O local onde está sendo construído é a "Mata do Carrinho", lugar de preservação ambiental, muita vegetação e natureza exuberante.
> Segundo Vieira, o "Instituto Chico Xavier" vai incrementar e intensificar os trabalhos; ao expandir o projeto, o brilho vai ser maior.
> Antes de sair do Espiritismo, Vieira incentivou a área da educação trazendo a ideia da Exposição Espírita Permanente com a proposta de torná-la uma Universidade. Houve um entusiasmo inicial por parte das pessoas, as quais levaram até o arquiteto Oscar Niemeyer para elaborar um projeto arquitetônico. Porém, mais adiante os envolvidos declinaram da ideia proposta e tempos depois aproveitaram o projeto para outra finalidade. Nesse momento, Waldo deixa o movimento espírita (1966) passando todos os imóveis à Comunidade Espírita de Uberaba.[394]

Há, portanto, uma conexão subliminar entre Waldo Vieira, a antiga Exposição Espírita Permanente e o atual Memorial Chico Xavier no sentido de uma construção narrativa ancorada na memória social que desenha sua continuidade temporal e, portanto, sua filiação originária e uma linha sucessória que concede chancela às ações do atual projeto desenvolvido em Uberaba. E que, portanto, prevê os usos muito estratégicos – e, por vezes, perversos – deste território de memória de Chico Xavier. A presença com vitalidade do turismo religioso tanto em Pedro Leopoldo quanto em Uberaba – e, ainda, contemplando o Triângulo Mineiro, de maneira mais

---

[393] YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
[394] MANFROI, 2020, p. 177-176.

ampla – promove as disputas por narrativas, acervos e pelos usuários que desejam ir ao encontro da história de Chico Xavier a fim de se beneficiarem de suas graças, tais quais os antigos caravaneiros e peregrinos. Afinal de contas, a memória social ainda vigorosa de Chico Xavier precisa se manter constantemente viçosa e reatualizada para que haja também a demanda turística em busca dos seus lugares de memória, seus livros, seus *souvenirs*.

Todavia, o que se constata, é o apagamento de determinadas narrativas, indivíduos e lugares associados à trajetória de Chico Xavier, no intuito de se privilegiar alguns lugares específicos, com destaque para este novo empreendimento denominado Memorial Chico Xavier, cujas articulações políticas de diversos setores da sociedade representam o emaranhado de interesses. Este é um ponto nodal que explicita, ainda hoje, o vigor da força memorial de Chico Xavier na contemporaneidade e que se manifesta tanto nos museus que disputam seu nome, quanto nas obras literárias *post-mortem* a ele vinculadas.

Neste sentido, é necessário esclarecer que a ideia do Memorial Chico se propõe a ser um espaço expositivo sobre o médium e inserido no bairro Parque das Américas, especificamente junto aos resquícios da Mata do Carrinho, uma Área de Proteção Ambiental (APA) do município de Uberaba. Trata-se de um lugar estratégico, posto ser um ambiente de circulação dos espíritas, já que dá acesso a todos os lugares de memória onde Chico Xavier desenvolveu suas ações em Uberaba e, especificamente localizado de maneira oposta ao antigo Assistencial Chico Xavier.

A vinculação memorial atrelada ao território, por sua vez, tem gerado estratégias de diversas ordens no sentido de confundir turistas e devotos sobre os lugares de memória de Chico Xavier ali existentes – inclusive realizando alterações de circulação do trânsito e da inserção de placas sinalizadoras para beneficiar o acesso ao Memorial em detrimento a outros locais. Também, tem provocado apagamentos das cartografias memoriais de Chico Xavier em seus diálogos com o patrimônio material e imaterial efetivamente vinculado ao médium mineiro, no sentido explícito de não remeter a essa complexidade patrimonial do médium ainda hoje existente em Uberaba, com a finalidade de congregar para si a exclusividade do poder de fala sobre Chico Xavier. Sob a prerrogativa de ser uma instituição dotada de infraestrutura para melhor servir os seus usuários, é esvaziada de sentidos no aspecto de não ter relação direta e anterior às ações e obras de Chico Xavier e se

colocar de maneira preponderante na esfera pública como uma concorrente aos outros espaços de memória em Uberaba.

E, por isso, é muito astuciosa na tentativa de se vincular a memória da Exposição Espírita Permanente ao atual Memorial Chico Xavier, mesmo que para isso precise soterrar a interlocução silenciosa com o dissidente do Espiritismo, Waldo Vieira, uma das pessoas cujas histórias e diálogos com a Doutrina foi censurado. Desta forma e de maneira cruzada, atinge-se a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, seja por pleitear para a si exclusividade da narrativa memorialística em prol da arregimentação dos turistas, seja pela contribuição e parceria dada ao Memorial advinda de alguém que divergiu com as ações e obras de Chico Xavier.

O Memorial Chico Xavier, que teve ideia concebida ao que tudo indica por volta do no ano de 2003, somente em 2008 ganhou aspectos oficiais. O projeto foi rotulado como uma homenagem de Uberaba à Chico Xavier, tendo ocorrido em novembro de 2006 a solenidade de posse da diretoria do Instituto Chico Xavier e o lançamento do “Memorial Chico Xavier a ser construído naquela cidade”.

> O Memorial, situado na Avenida Dom Luiz Maria Santana, 141, no Bairro Santa Maria, terá 1.305 m^2, tendo por área pavimentada descoberta 2.700 m^2. [...]
> Orçado em R$ 4,9 milhões, o Projeto do Memorial Chico Xavier começa a ser colocado em prática. As obras na Mata do Carrinho começam em 1º de setembro. A revelação foi feita pelo diretor do Instituto Chico Xavier, Aderlon Francisco de Assis Gomes, ao prefeito Anderson Adauto [...]
> Acompanhados da diretoria, Aderlon entregou ao chefe do Executivo o título de embaixador e um bóton do Instituto. Ele e Celeste Helena Carvalho discorreram sobre o trabalho do levantamento do acervo para o memorial. Fitas de programas em que o médium participou, fotografias, recortes de jornais e revistas, livros espíritas e outros materiais já foram coletados. [...]
> As obras do Memorial têm prazo estimado de 18 meses, com orçamento de R$ 3,37 milhões. Já os equipamentos e mobiliários consumirão outros R$ 1,55 milhão. A contrapartida do município foi de R$ 2,4 milhões com a doação da área de 8 mil 400 m^2 e de R$ 149 mil com o projeto executivo.[395]

Todavia, o Memorial Chico Xavier em Uberaba foi inaugurado somente em 2016 pela Lei Municipal nº 12.448/2016 e em endereço defronte ao Assistencial Chico Xavier na Mata do Carrinho, depois de passar por sucessivas etapas de

[395] Homenagens a Chico Xavier. In: *Anuário Espírita*, ano XXXXV, nº 45, 2008, p. 126-127. O endereço dado neste excerto se trata da Secretaria de Fazenda da Prefeitura Municipal de Uberaba.

implementação, mas foi logo fechado e ainda hoje assim permanece para revitalizações do seu espaço. A instituição conta com uma estrutura de mais de 8 mil m², onde foram expostas obras escritas de Chico Xavier, além de "outros acervos" que narram a história do médium. Em seu projeto inicial, a estimativa de investimentos estava na ordem de R$ 5.880.073,86 para a obra e de R$ 1.555.164,00 para equipamentos e mobiliários, sem contar a contrapartida municipal com a doação do terreno de 8.440 m^2 no valor de R$ 2.400.000,00 e do projeto executivo orçado em R$ 149.000,00, totalizando cerca de 10 milhões de reais.[396]

Prevendo um avultoso custo de implementação, em nome de Chico Xavier, ofereciam-se ainda as seguintes alternativas de captação de recursos:

> 1 – Receber doações através do plano de ação: "Companheiros do Instituto Chico Xavier".
> 2 – Receber verbas dos recursos deduzidos diretamente do imposto de renda devido pela pessoa jurídica (até 2% do lucro operacional) e do imposto de renda devido pela pessoa física (até 6% do imposto) de acordo com a lei 9790/99 de 23/03/1999. Plano de ação "Empresário Amigo".
> 3 – Receber doações de Entidades e Órgãos Públicos através de parcerias de acordo com o artigo 9º da Lei 9790/99 de 23/03/1999 e artigo 8º do Decreto 3100 de 30/06/1999.
> 4 – Receber doações de materiais de construção, serviços, móveis ou utensílios a serem utilizados na sede do Memorial Chico Xavier.[397]

O Memorial Chico Xavier seria gerido pelo Instituto Chico Xavier, pessoa jurídica cuja composição e missões são abaixo destacadas:

> 1) Construir o Edifício do Memorial Chico Xavier.
> 2) Recuperar e manter o acervo de obras literárias, fotos, vídeos e depoimentos oficiais juramentados. Visando garantir transparência na gestão dos recursos doados e aplicados no projeto, foi criado, com estatuto específico, o Instituto Chico Xavier, composto por membros da sociedade civil organizada.
>
> Composição:

---

[396] *Memorial Chico Xavier*. Uberaba: Rios Editora e Gráfica, s./d [2005], s./p. "O Memorial Chico Xavier foi criado pela Lei Municipal nº 12.448/2016 e foi aberto ao público no dia 23 de setembro de 2016. O prédio conta com galerias de exposições, biblioteca, auditório e praças contemplativas. Aborda como temática principal a vida e obra de um dos mais importantes expoentes do Espiritismo e um dos cidadãos mais ilustres de Uberaba, eleito pela população brasileira como o Maior Brasileiro de Todos os Tempos, Chico Xavier. Além disso, estabelece por meio de suas ações a valorização da cultura uberabense, a integração com a sociedade e o incentivo ao turismo cultural e religioso no município". *Cf*. Projeto do Memorial Chico Xavier, 2005. MENEZES, Bethânia Alves de. *O mito de Chico Xavier*: os usos, apropriações e seduções do simbólico em Uberaba/MG. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, Anexo.

[397] *Ibidem*.

> Presidência – Lions Clube de Uberaba
> Vice-Presidência – Associação Comercial e Industrial de Uberaba
> Secretaria – Aliança Municipal Espírita
> Segunda Secretaria – Lojas Maçônicas
> Tesouraria – Rotary Clube
> Segunda Tesouraria – Aliança Municipal Espírita
> Conselho Fiscal:
> Presidência – Lions Clube de Uberaba
> Vice-presidência – Aliança Municipal Espírita
> Vogal I – Câmara dos Diretores Lojistas
> Vogal II – Comunhão Espírita Cristã
> Vogal III – Prefeitura Municipal de Uberaba [398]

Pelo exposto, entendem-se os interesses políticos e econômicos associados à ideia de constituição do Memorial Chico Xavier em Uberaba que tem articulações, inclusive, com setores da comunidade espírita local, o que concede chancela ao empreendimento e conduz às narrativas desejáveis sobre o médium. Um ponto que merece destaque na proposta se trata do interesse e dos procedimentos para a "construção do acervo" da instituição, que prevê a aquisição de "incontáveis cartas [que] foram escritas e se encontram espalhadas pelo mundo", além da "recuperação do acervo não publicado do médium". E, a pergunta que segue: como recuperar o acervo não publicado?

> O Instituto Chico Xavier deverá usar todos os meios capazes para buscar cada uma de suas mensagens ou cartas, que de uma forma ou de outra, encontram-se arquivadas nas gavetas ou prateleiras das casas dos apartamentos das cidades ou fazendas. O Instituto não quer ser dono deste material, quer sim, possuir, apenas uma cópia, para dar oportunidade a outras pessoas de conhecerem o trabalho do escritor. Este material irá atender o estudioso e formar melhor os homens e mulheres que desejam praticar o bem.[399]

Estas disputas que se estabelecem no contexto contemporâneo na tessitura da cidade, portanto, são indícios de que, não por menos que aquele acervo encontrado no ano de 2017 na CEC, foi entregue sob comodato ao Memorial Chico Xavier em Uberaba que, em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), deu início aos trabalhos de identificação, organização e conservação já no ano de 2018. Até 2020, tinham sido catalogados cerca de 1.200 itens, especialmente compostos por recortes de jornais e números de revistas – contemplando mais de 80 periódicos espíritas publicados entre as décadas de 1960

[398] *Ibidem*.
[399] *Ibidem*.

e 1970 –, manuscritos, relatos datilografados das viagens de Chico e Waldo, livros, fotografias, guias turísticos de diversas cidades do exterior, além de uma planta assinada por Oscar Niemeyer em cinco cópias. São documentos ainda não disponíveis para consulta pública. Junto desta planta de Niemeyer, havia uma pasta com documentos que informam sobre como funcionaria o espaço, a quantidade de material para a obra, bem como os contatos que teriam sido feitos com o arquiteto. A ideia é que o acervo componha, em caráter permanente, um "Centro de Pesquisa e Documentação do Patrimônio Cultural do Espiritismo", que tem sido montado dentro das instalações do Memorial Chico Xavier.

Ao observar as fotografias do local e de parte do acervo encontrado, há grande proximidade com as estruturas do mobiliário ainda hoje presentes na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, tanto no edifício principal da última morada do médium, e que serve de expositor da biblioteca pessoal de Chico Xavier, quanto de um outro edifício associado e de uso atual como almoxarifado da Livraria FCX, que era chamado por Chico Xavier de "mocó".[400] Trata-se de um espaço onde eram guardados livros e mensagens psicografadas que seriam distribuídas por correspondências pelo médium e que servem de indícios para o uso daquele cômodo trancado por décadas na CEC.

Figura 137 – O pedreiro Lourencildo Gonçalves no cômodo fechado onde achou documentos antigos, 2017. Fonte: Acervo "O Globo".

Figura 138 – Planta e relatório, parte da documentação encontrada na CEC, 2017. Fonte: Acervo "O Globo".

[400] Dentre os sentidos possíveis, costuma-se popularmente empregar o termo mocó para identificar um lugar no qual se guardam papéis velhos e são acumulados objetos e, assim, lugar propício à proliferação de ratos. Isto porque, em termos científicos, o mocó é um roedor (*Kerodon rupestris*) encontrado na caatinga brasileira (do Piauí até Minas Gerais).

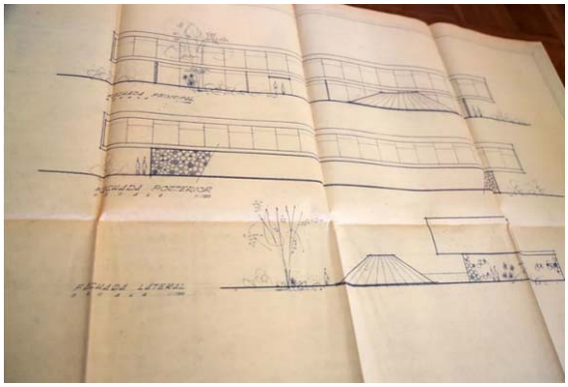


Figura 139 – Detalhe da planta, parte da documentação encontrada na CEC, 2017. Fonte: Acervo “O Globo”.

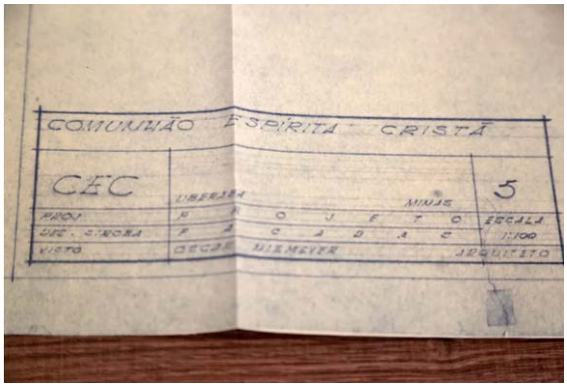


Figura 140 – Detalhe da legenda da planta, parte da documentação encontrada na CEC, 2017. Fonte: Acervo “O Globo”.

É preciso fazer um adendo, ainda, no sentido de esclarecer a existência em Pedro Leopoldo de um Memorial Chico Xavier, que talvez tivesse correspondência, em algum momento, com o mesmo projeto realizado em Uberaba. Sua execução sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo, estava dividida em duas etapas, sendo a primeira financiada pelo Ministério do Turismo com repasses realizados em 2005, enquanto a segunda contou com verbas advindas de emendas de quatro parlamentares totalizando R$ 475.000,00, além da contrapartida da gestão municipal no valor de R$ 40.875,00, o que totalizam cerca de meio milhão de reais apenas para a segunda etapa do projeto com término previsto para agosto de 2011.[401]

Em 2017, houve abertura de um inquérito civil no MPF para investigar supostas irregularidade na aplicação dos recursos advindos do Ministério do Turismo para a construção do Memorial Chico Xavier em Pedro Leopoldo, posto que a obra permanece parada e inacabada naquela região do Açude, local onde Chico Xavier viu, pela primeira vez, o espírito de seu guia Emmanuel. Entretanto, o processo foi arquivado pela constatação de ausência de irregularidades.[402] Permanece, todavia, um Memorial de Chico Xavier em Pedro Leopoldo em uma sala da sede da UNIMED, cujo acervo exposto são itens do memorialista Geraldo Leão.

> Sobre o Chico Xavier, por exemplo, eu tenho uma coleção assim, uma seção praticamente especial sobre o Chico. Esse aí, nós temos

[401] Os parlamentares relacionados foram: Mário Lúcio Heringer (PDT), Fábio Ramalho (MDB), João Magalhães (MDB) e Virgílio Guimarães de Paula (PT).
Cf. Contrato de Repasse nº 0334303-11/2010 / Ministério do Turismo / Caixa Econômica Federal. Processo nº 2606.0334303-11/2010. Nº Convênio SICONV 743499. In: *Portal da Transparência*, Disponível em: https://portaldatransparencia.gov.br/, acessado em 14 de outubro de 2014.
[402] Ministério Público Federal (MPF). *Inquérito Civil Público nº 1.22.000.000724/2017-97*. 2017.

> um apoio muito importante aqui da cidade que se chama Unimed, uma empresa de saúde conhecida, que dá esse apoio e lá nós temos montado um memorial do Chico Xavier lá na sede da Unimed. Tenho peças únicas do mundo expostas lá. Não tem outra no mundo, a não ser as que estão expostas lá na Unimed. Trabalhos manuais do próprio Chico Xavier, óculos usados por ele, canetas usadas por ele, máquina de escrever que ele trabalhou na Fazenda Modelo... O que mais nós temos lá? Discos que eram da discoteca dele que foram doados para o arquivo, tem um livro também de colagens, vamos dizer assim, que ele ia recortando de revistas e colando no livro, poesias, gravuras. Isso nos anos 30. Isso está exposto lá também. Tudo feito pelo próprio Chico, além de jornais, revistas, muita fotografia, muita fita cassete, muito vídeo, e agora, muito DVD. A gente tem muita coisa do Chico, muita coisa. Pode-se dizer que é um arquivo à parte. O arquivo do Chico Xavier é um arquivo à parte. Pela importância do Chico na cidade de Pedro Leopoldo, por ter nascido aqui, pela importância dele no mundo, vamos dizer assim, pois é conhecido no mundo inteiro. No memorial, nós temos lá livros editados em inglês, em japonês, em esperanto. Tá tudo lá exposto na Unimed, quem quiser ver, está lá. [403]

O Memorial Chico Xavier de Uberaba, por sua vez, também teve litígios judiciais relacionados à investigação, junto ao Ministério Público Federal (MPF), de suposto desvio de dinheiro doado ao Instituto Chico Xavier. O processo foi aberto no ano de 2015, tendo, à época, Adalberto Pagliaro Júnior como presidente do Instituto Chico Xavier, uma vez que a instituição também estava sendo erguida com recursos oriundos do Ministério do Turismo, tendo ainda a contrapartida da Prefeitura Municipal de Uberaba.[404] No ano de 2010, durante a primeira etapa, houve o repasse de quase 2 milhões de reais do Ministério para a Prefeitura.[405] Atualmente, o Memorial Chico Xavier está fechado ao público para passar por requalificações

[403] LOPES, 2010, p. 29-30. "O Arquivo Geraldo Leão foi criado há 35 anos, no dia 6 de julho de 1975, pelo Sr. Geraldo Leão dos Santos. Seu acervo é constituído por cerca de 11 mil fotos, 800 depoimentos gravados em áudio, gravações de eventos e solenidades em vídeo e objetos raros, que remontam a história da cidade de Pedro Leopoldo. Em 27 de janeiro de 2000, foi criado, em parceria com a Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo, o Arquivo Público Municipal Geraldo Leão, que é aberto ao público para visitação e pesquisa". In: LOPES, 2010, p.1. Em algumas obras da Editora Vinha de Luz de Belo Horizonte, nos dados sobre seus autores, há informações de que Geraldo Lemos Neto, idealizador da Casa de Chico Xavier, foi um dos fundadores da Fundação Cultural Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Carlos Antônio Baccelli também aparece um dos fundadores da Fundação Cultural Chico Xavier em Pedro Leopoldo e John Hartley consta como um dos seus responsáveis, todavia, desconhecem-se maiores informações sobre esta organização.

[404] Consta informações que o Instituto Chico Xavier (ICX), fundado em 2 de janeiro de 2007 em Uberaba/MG, possui ativo o CNPJ 08.563.423/0001-21. Trata-se de um ONG tendo a seguinte composição de seu quadro societário: Adalberto Pagliaro Junior (presidente). In: *Emissão de Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral – Receita Federal*, Disponível em: https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp?cnpj=85634230000121, acessado em 08 de março de 2023.

[405] *Cf*. Contrato de Repasse nº 0336.485-69/2010 / Ministério do Turismo / Caixa Econômica Federal. Processo nº 2690.0336.485-69/2010. Nº Convênio SICONV 746724. In: *Portal da Transparência*, Disponível em: https://portaldatransparencia.gov.br/, acessado em 14 de outubro de 2014.

e,[406] assim como outros museus de interesse da municipalidade estão vinculados ao recente Projeto Geopark Uberaba.[407]

Figura 141 – Ruínas da obra paralisada referente ao Memorial Chico Xavier, Pedro Leopoldo/MG. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jan. 2016.

Figura 142 – Placa informativa da construção do Memorial Chico Xavier, Uberaba/MG. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, set. 2014.

[406] A empresa responsável pela captação de recursos é a Expomus Projetos Culturais de São Paulo/SP (CNPJ 08.563.423/0001-21), com projeto de requalificação vigente entre o período de 01/03/2022 a 28/02/2025. O valor total da proposta orçado em R$ 3.597.338,20, no qual já foram captados R$ 2.209.625,09, que devem ser revertidos na "atualização de sua exposição de longa duração e, como demais produtos, a adequação museográfica de seus espaços, contemplando modernização de áreas de uso público e uso interno – o que abarca programa educativo voltado para diferentes públicos – e contrapartida social". *Cf*. Requalificação do Memorial Chico Xavier, PRONAC 200197. In: *Portal de Visualização do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (VARSALIC)*, Disponível em: http://versalic.cultura.gov.br/#/projetos/200197, acessado em 14 de outubro de 2014.

[407] O Projeto "Geopark Uberaba – Terra dos Dinossauros do Brasil" surgiu em 2010 com o intuito de agregar as pesquisas paleontológicas e o desenvolvimento regional sustentável através do geoturismo. A área total do Geoparque envolve todo o município de Uberaba, totalizando 4.540,51 km² que incluem, até o momento, 6 geossítios (Ponte Alta, Caieira, Santa Rita, Univerdecidade, Serra da Galga e Vale Encantado) e dois sítios não geológicos (Peirópolis e Museu da Cal). Em final de 2002 pleitearam se tornar Geoparque da Unesco se fundamentando em três atributos de representatividade internacional: a terra dos dinossauros no Brasil (Peirópolis), a capital mundial do Zebu e o local onde Chico Xavier se revelou ao Espiritismo mundial. Há, inclusive, em sua lista de referências, o "Sítio Histórico e Cultural Memorial Chico Xavier" que aparece integrado à "Mata da Paz", nova denominação para a "Mata do Carrinho". In: PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. *Guia Turístico Geopark*, s.d., p. 8.

Figura 143 – *Outdoor* colocado em uma das principais entradas de Uberaba em comunicação com os turistas e que, ao mesmo tempo, rende homenagem a Chico Xavier por parte da Câmara dos Dirigentes Lojistas da cidade, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

Como já exposto, uma das finalidades das viagens internacionais desenvolvidas entre os anos de 1965 e 1966 por Chico Xavier e Waldo Vieira, tratou-se efetivamente da constituição de acervos para a EPP, além de promover remodelagens da sua proposta inicial a partir do contato com exemplos visitados de arquivos, museus, bibliotecas, centros culturais nos oito diferentes países onde estiveram. Em 1965, durante a primeira viagem dos médiuns ao exterior, conhece-se por meio da imprensa, as propostas da EPP, bem como o seu desenvolvimento naquele ano enquanto Chico e Waldo ainda estavam no exterior:

> O jornal Lavoura e Comércio, editado em Uberaba – MG, em seu número de 26/6/65 faz uma interessante reportagem a respeito da construção da sede da Exposição Espírita Permanente da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba.
> A Exposição é uma sugestão apresentada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira que contou com a imediata aprovação e colaboração da CEC.
> Tem por fim precípuo ministrar o conhecimento espírita livre de quaisquer influências estranhas à obra kardequiana e disporá de diversos órgãos de divulgação, biblioteca, documentários, anfiteatro com instalações e materiais adequados para palestras práticas e projeções.
> O projeto do prédio é da autoria do renomado arquiteto Oscar Niemeyer e terá uma área construída de 933 m^2 em uma área total de 1.800 m^2. A obra será financiada pela colaboração de todo o Brasil, que poderão mandar sua contribuição aos cuidados da

> Comunhão Espírita Cristã – Exposição Espírita Permanente – Caixa Postal nº 59 – Uberaba – Minas Gerais.[408]

O dado de que, pelo mesmo desde o ano de 1962, a EEP já estivesse em funcionamento é controversa à narrativa de Waldo Vieira, que informa que a Exposição não chegou a ser aprovada e, portanto, não teria saído do papel, o que é incoerente com as informações levantadas e aqui descritas, que demonstram várias iniciativas em torno da Exposição, incluindo a própria realização das viagens ao exterior.

> Desde que comecei a trabalhar com o Chico, deixei claro que iria ficar apenas um período no Espiritismo, pois tinha outras prospectivas proexológicas. Falei que iria ajudá-lo em tudo o que fosse possível, e seguiria depois o meu caminho. Eu planejava trabalhar com o Chico uns 6 anos, e acabei ficando uma década. O Espiritismo é focado na tacon, tarefa da consolação, e eu queria trabalhar com a tares, tarefa do esclarecimento. O meu objetivo de vida sempre foi fazer pesquisa, e lá não havia espaço para isso. A minha última tentativa foi criar a Exposição Espírita Permanente, que acabou não sendo aprovada, provavelmente porque eles perceberam que tal empreitada caminharia para a criação de uma Universidade, e isso colocaria o dogma religioso em xeque. Esta foi a última gota d'água. Percebi que estava na hora de seguir outros rumos.[409]

Especificamente em relação à viagem para o exterior no ano de 1966, além de pesquisas em diversas instituições de memória – especialmente em museus e bibliotecas –, Chico Xavier e Waldo Vieira trouxeram material para compor o acervo da EPP, que foi detalhado em um artigo publicano no *Anuário Espírita*. Apesar de extensa a citação, o excerto tem grande relevância, uma vez que é possível ter dimensão e detalhamento do acervo adquirido e, portanto, conhecer os campos temáticos pelos quais eles tinham interesse, realizavam pesquisas e desejavam compartilhar informações e formar seus usuários da EPP. E, pelo que se identifica, tratava-se de um acervo constituído, em sua maioria, por itens bibliográficos, dentre os quais destacado acervo de obras raras de livros publicados no século XIX, que transitavam entre temas como a relação entre a mediunidade e as ciências da saúde – notoriamente a Medicina –, os mistérios, magias, ilusões, o sobrenatural e a mediunidade.

---

[408] Exposição Espírita Permanente. In: *Kardebraile – Órgão da Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braile*, ano VII, nºs 25-26, p. 11, set.-dez.1965.
[409] TELES, 2014, p. 81. MANFROI, 2020, p. 161.

Livros e documentos que conseguiram para a Exposição Espírita Permanente – Dentre os diversos livros dos precursores de Allan Kardec ou de interesse histórico para o Espiritismo adquiridos para a Exposição Espírita Permanente pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, em sua recente viagem aos EE.UU. e à Europa, destacamos os seguintes para o conhecimento dos leitores:

1. A Dictonary of all Religions, Ancient and Modern – London – James Knapton, 1704.
2. Considerations respecting the recognition of friends in another world – John Redman Coxe, M.D. – Philadelphia, 1845.
3. The Philosophy of Mystery – Walter Cooper Dendy, New York, 1845.
4. Défense Théologique du Magnétisme Humain ou Le Magnétisme – M. L'Abbé J.B. – Paris 1846.
5. The Philosphy of Magic, Prodigies, and Apparent Miracles, Eusebe Salverte, New York, 1847 – 2 volumes.
6. Theory of Pneumatology – Presentiments, Visions and Apparitions Doctr. Johann Heinrich Jung-Stilling – Translated by Samuel Jackson, New York, 1851.
7. Supernatural Illusions – Major P. I. Begbie, London, 1851 – 2 volumes.
8. Spirit Manifestations, A.B., Edited by G.W. Stone, London, 1852.
9. The Spiritual Medium, Traverse Oldfield, Boston, 1852.
10. The Unseen World, Edited by Joseph Masters, London, 1853. E.C. Rogers, Boston, 1853.
12. The Present Ag and the Inner Life – Spiritual Intercouse – Modern Mysteries Classified and Explained – Andrew Jackson Davis, New York, 1853.
13. A. Discussion of the Facts and Philosophy of Ancient and Modern Spiritualism – Brittan and Richmond, New York, 1853.
14. Spirit Manifestations Examined and Explaned – Judge Edmondes Refuted – John Bovee Dods, New York, 1854.
15. The World's Book or Key to Spiritual Life, Thoughts and Suggestions on Spiritual Manifestations – An American Lady, Cleveland, 1855.
16. Modern Mysteries Explained and Exposed – Rev. A. Mahan, Boston, 1855.
17. Spirit-Rapping Unveiled! – Spirit World – Medium Writing – Physical Demonstrations – H. Mattison, New York, 1855.
18. The Occult Sciences – Smedley, Taylor and Thompson – Glasgow, 1855.
19. On the phenomena of Modern Spiritualism – William B. Hayden, Boston, 1855.
20. A Three-fold Test of Modern Spiritualism – William R.Gordon, New York, 1856 – 2 exemplares
21. Doctrina del Magnetismo Humano y del Sonambulismo, M.A. de La-Roche-Lambert, Barcelona, 1857.
22. Light in the Valley- My experiences of Spiritualism, Mrs. Newton Crosland, London, 1857.
23. A Treatise on Turning Tables – Count Agénor de Gasparin, translated by E.W. Robert, New York, 1857.

> Além dos livros acima citados, foram adquiridos para a Exposição Espírita Permanente, num total de mais de 400 volumes, obras de Allan Kardec publicadas em 5 países diferentes; várias obras de Andrew Jackson Davis, das quais salientamos “The Principles of Nature, Her Divine Revelations”, reimpressão de 1847; “Experimental Investigation of the Spirit Manifestations”, de Robert Hare, reimpressão de 1855; primorosa coleção da revista “Borderlan”, de Stead, referente a 1897; algumas dezenas de volumes de reconhecidas autoridades no campo da investigação espírita, no século passado, além muitos livros recentes e autógrafos e cartas de interesse doutrinário.[410]

Neste sentido, faz-se necessário, novamente, retomar as incongruências das narrativas memorialísticas de Waldo Vieira sobre a Exposição Espírita Permanente, que demonstram a existência de acervos adquiridos para esse fim e, portanto, o pleno desenvolvimento e execução da EPP. Segundo Eurípedes dos Reis, o malogro da Exposição Espírita Permanente deu lugar à constituição de um orfanato e do lar de idosos que, em pouco tempo, todavia, testemunhou o encerramento das atividades do orfanato e permanência do lar de idosos. E, em relação ao acervo já adquirido, podemos acompanhar algum de seus desdobramentos possíveis:

> Eu tinha construído 4 casas em Uberaba. Uma delas utilizei para guardar parte da minha biblioteca, 9.800 livros. O enfermeiro que trabalhou comigo no consultório ficou responsável pela segurança do acervo. Coloquei várias estantes, inclusive uma chinesa que ganhei quando menino. Nesta última eu armazenei as obras raras. Os livros ficaram ali 22 anos. Em 1988 contratei o serviço de transportes da empresa aérea Varig e levei os livros para o Rio de Janeiro e para uma casa que tinha em Itacoatiara (RJ). Foram 156 pacotes.[411]

[410] ALVES, 1966.

[411] TELES, 2014, p. 82. “A importância e o cuidado que Vieira atribuía aos livros e aos artefatos do saber demonstravam a lucidez quanto ao desenvolvimento da intelectualidade e da mentalsomática para a evolução da consciência. A prospectiva, capacidade de visão de longo alcance, fez com que preparasse esse acervo que viria a constituir os alicerces da Holoteca, em Foz do Iguaçu”. In: MANFROI, 2020, p. 161. Eurípedes dos Reis confirma que Waldo Vieira buscou parte deste acervo no período indicado. Neste sentido, pode-se deduzir que parte do acervo a compor a Holoteca de Cognópolis deriva do acervo da EEP adquirido durante as viagens missionárias feitas no exterior por Chico e Waldo.

Figura 144 – Fotografia da visita de Waldo Vieira a Uberaba em 1997, com grupo de voluntários da CEAEC em frente ao portão de acesso de sua antiga casa que dividia com Chico Xavier.
Fonte: GILABERTE DA SILVA, 2020, p. 70.

É relevante destacar a existência de uma "Exposição Espírita Permanente" – associada a outra instituição que não à CEC – vinculada à Escola Jesus Cristo, instituição fundada por Clóvis Tavares em 27 de outubro de 1935, na cidade de Campos dos Goytacazes no Rio de Janeiro, a pedido da sua namorada desencarnada Nina Arueira (1916-1935). Sabe-se da grande amizade e intimidade desenvolvida entre Chico Xavier e Sebastião Clóvis Tavares (1915-1984) desde a década de 1930, quando Tavares passou a ir à Pedro Leopoldo/MG, e que foi consolidada nas diversas visitas que Chico Xavier fazia às instituições de Tavares no Rio de Janeiro. Clóvis Tavares esteve à frente da vinda de Pietro Ubaldi ao Brasil, tendo os médiuns se encontrado na Fazenda Modelo em 1951.[412]

[412] Nas ações evangelizadoras e de assistência social que Clóvis Tavares esteve à frente, constam-se a fundação de três filiais da Escola Jesus Cristo (Escola Allan Kardec, Escola Espírita Paulo de Tarso, Escola de Evangelho Casimiro Cunha); dois orfanatos (um para meninas e outro para meninos); o Culto de Assistência ou peregrinações, no qual visitavam duas favelas de Campos para a distribuição de gêneros e realização do culto do Evangelho na casa daqueles assistidos; a Sopa dos Domingos; o Clube da Fraternidade; além de que costumava realizar visitas semanais a presídios; anualmente no dia 2 de novembro pregava o Evangelho Consolador em cemitérios. Muitas ações certamente em diálogo mútuo com Chico Xavier. Clóvis Salgado foi também escritor e, tal qual Chico Xavier, também renunciava aos direitos autorais em prol da difusão doutrinária. *Cf*. TAVARES, 1967. XAVIER, Francisco Cândido. *A saudade é o metro do amor*. Pelo espírito de Clóvis Tavares. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2015.

Em outra oportunidade, o espírito de Nina Aroeira se comunicou com Clóvis Tavares por intermédio da psicografia de Chico Xavier, de forma que em sua mensagem “Peregrinação para o reencontro...” – que foi publicada em obra do médium no ano de 1984 – constava uma nota de rodapé informando sobre a existência naquele momento do “Museu do Ciro (Exposição Espírita Permanente), da Escola Jesus-Cristo”.[413] Neste sentido, destaca-se a existência do Museu do Ciro na Escola Jesus Cristo que foi certamente, posterior à iniciativa de Chico Xavier na CEC e do seu malogrado fim, que certamente foi inspirada e alusiva à alcunha “Exposição Espírita Permanente”.

Há referências de que o Museu do Ciro foi criado em 27 de outubro de 1942 e, ainda hoje, está em funcionamento no mesmo local, na Rua dos Goitacazes, nº 177, Campos/RJ. O nome é em inspiração a um dos personagens da obra “50 Anos Depois” (1939) de Emmanuel, psicografada por Chico Xavier, e o espaço, estruturado em um pavilhão individual, organiza-se em painéis com artes impressas e *folders* que explicam sobre a história da Escola Jesus Cristo, de Clóvis Tavares e de Nina Arueira, além de contemplar informações sobre Chico Xavier. Há também mobiliário expositor com diversos documentos originais da Escola, como cadernetas, livretos, livros, cartas, psicografias, fotografias, recortes de jornais, revistas, uma máquina endereçadora da Editora GEEM, dentre outros. Há acervo, inclusive, original de Chico Xavier que foi doado pelo próprio médium à Escola Jesus Cristo. Todas as estruturas da Escola, incluindo o Museu do Ciro, fazem menção e homenagem ao médium Chico Xavier.[414]

---

[413] XAVIER, Francisco Cândido; TAVARES, Clóvis. *Tempo e amor*. Por espíritos diversos. Araras: IDE, 1984, p. 22-23. Também, nos agradecimentos de obra mais recente publicada pelo filho de Clóvis Tavares, há referências de natureza próxima: “Agradeço também ao irmão Ricardo Benjamin Machado Alves, que encontrou no “Museu de Ciro”, exposição espírita permanente da Escola Jesus Cristo, dirigida por ele, as fotos da época da abençoada visita de nosso Chico à instituição”. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Luz na Escola – Chico Xavier na Escola Jesus Cristo de Campos (RJ)*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010 [1940], explicação e agradecimentos.

[414] *Passeio Virtual pelo Museu de Ciro (Escola Jesus Cristo) – Flávio Mussa Tavares*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=aWe0HnpUbQM, acesso em 12 de agosto de 2020.

Figura 145 – Documento integrante do acervo da instituição: lembrança da inauguração do Museu do Ciro em 17 de outubro de 1942.
Fonte: Blog Escola Jesus Cristo, 2012.

Figura 146 – Pavilhão individual do Museu do Ciro no interior da Escola Jesus Cristo em Campos/RJ, 2012. Fonte: Blog Escola Jesus Cristo, 2012.

Ademais, ainda em se tratando dos acervos e instituições de memória do Espiritismo que foram contemporâneos às ações de preservação documental engendradas por Chico Xavier, é preciso retomar que no contexto do movimento espírita houve uma controvérsia sobre a existência de documentos originais de Allan Kardec que estavam sob a guarda de Silvino Canuto de Abreu (1892-1980) e compunham parte de seu arquivo pessoal.[415] Reconhecido como um dos maiores intelectuais espíritas do Brasil, Abreu notícia que pouco antes de estourar a Segunda Guerra Mundial, foram entregues a ele em Paris no ano de 1939, documentos do Codificador, incluindo cartas suas endereçadas à Roustaing, este acusado de ser um traidor dos postulados espíritas.

> Estava na França pouco antes de estourar a Guerra de 1939 quando, intempestivamente, fui procurado por dois cidadãos que se apresentaram e me disseram que ali estavam por ordem espiritual. Os cidadãos haviam recebido instrução de seus guias que deveria vir do Brasil uma determinada pessoa em tais circunstâncias que coincidiam exatamente com as minhas (dizia o Dr. Canuto) e que a esse cidadão deveriam ser entregues os arquivos particulares do próprio Allan Kardec, pois a Europa iria passar uma fase conturbada

[415] ABREU, Silvino Canuto de. *Bezerra de Menezes*: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895: São Paulo: FEESP, 1981.

> de guerra e, se esses documentos fossem encontrados, seriam destruídos.
> Ali estava, diante de mim e de Olympio, a letrinha de Kardec, suas opiniões e um envelope "confidencial-não pode ser publicado". Mostrou-me seu conteúdo dizendo: "Gostaria de doar este acervo à Federação Espírita Brasileira, mas ela é roustainguista e, na certa, não vai admitir que seja ela própria a portadora de documentos que condenam "Os Quatro Evangelhos" (de Roustaing!).
> Disse isso e mostrou-me duas cartas manuscritas onde, por cima, lia-se: "Carta enviada ao senhor João Batista Roustaing, cartas essas que são um libelo terrível, no qual acusa o "colega" de controverter a ordem doutrinária, deixando-se envolver por mistificadores cujo único objetivo era desmoralizar o sistema de comunicação com os mortos".[416]

Trata-se de um acervo de grande relevância para a história do Espiritismo e que ficou esquecido por décadas. De acordo com Abreu, eram documentos que em fins da década de 1930, poderiam confrontar e gerar fraturas no movimento espírita, mas que, certamente ficaram sob seu domínio sem promover alarde, pois Canuto de Abreu se desligou da Doutrina em 1957. Isto, devido a uma divergência em torno da sua tradução da primeira versão de "O Livro dos Espíritos" que publicou em versão bilingue naquele ano, mas que foi rechaçada por Herculano Pires. Canuto de Abreu mandou recolher todos os livros que depois, alguma parte deles, foram resgatados pelo Museu Espírita de São Paulo.[417] Todavia, o acervo composto pelas cartas de Allan Kardec e documentos complementares foi tratado e digitalizado, estando disponível desde o ano de 2020 para acesso *online* por meio de um portal sob a responsabilidade do Centro de Documentação e Obras Raras da Fundação Espírita André Luís (CEAL).[418]

---

[416] IMBASSAHY, Carlos de Brito. Dr. Canuto de Abreu. In: *Mundo Espírita*, 31 de agosto de 1980. *Cf*. IMBASSAHY, Carlos de Brito; SALOMÃO, Jamil. J. B. Roustaing, o Judas do Espiritismo. In: *CF do ABC*, jan. 1990.

[417] SANTOS, Dalmo Duque dos. *Nova História do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Corifeu, 2010. Sobre outros museus do Espiritismo, ver: SILVA NETO, 2022.

[418] *Projeto Allan Kardec*. Disponível em https://projetokardec.ufjf.br/, acesso em 27 de setembro de 2020. Este portal agregou dois importantes acervos sobre a História do Espiritismo, dentre eles aquele de Silvino Canuto de Abreu e outro denominado Coleção AKOL composta pelo acervo da instituição virtual Museu Allan Kardec (AKOL). É relevante destacar, ainda, a existência no meio espírita do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) que possui alguns acervos documentais, como de jornais e revistas espíritas, de Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005) e de Hermínio Miranda (2020-2013). É decorrente do Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo Eduardo Carvalho Monteiro (CCDPE-ECM) e do anterior Centro de Documentação Histórica (CDH) da União das Sociedades Espíritas (USE) que foi criado em 1997, visando "reunir e preservar documentos referentes ao Espiritismo que venham oferecer subsídios às gerações futuras, para a preservação de sua memória". Até 2004, pelo menos, seu cervo era composto por "uma biblioteca de 30.000 volumes, sendo 40% de suas obras espíritas/espiritualistas; uma hemeroteca de jornais e revistas espíritas com várias coleções completas de periódicos raros dos séculos IX e XX; e

Canuto chegou a enviar uma carta para Chico Xavier pedindo orientações e teve resposta do guia Emmanuel sobre como lidar com esse patrimônio documental:

> Em 1958, pediu ao Chico Xavier, seu amigo, a possibilidade da orientação dos espíritos sobre como proceder com esse legado.
> Emmanuel mandou-lhe uma mensagem longa, sugerindo que se dedicasse ao menos duas horas por dia até transcrever, traduzir, fazer notas e artigos contextualizando as cartas, para que chegassem ao público esclarecendo, recuperando os ensinamentos originais.[419]

Chico Xavier e Canuto, portanto, eram os únicos encarnados que conheciam a existência deste arquivo e que foram instruídos por Emmanuel a como proceder com sua gestão documental, de que este conjunto ainda não deveria vir à público, mas que Canuto tivesse que analisar tal coleção e produzir "notas, apontamentos, observações ou crônicas do movimento espírita em seus primórdios, que publicará ou não, mas que se articularão por tijolos de luz, endereçados às edificações do Porvir". De acordo com Emmanuel, portanto, ainda chegaria o momento desse acervo acompanhado de sua interpretação mediada por Canuto vir à tona.[420]

Recentemente, quando Paulo Henrique Figueiredo, que é responsável pelo projeto no Centro de Documentação e Obras Raras da Fundação Espírita André Luís (CEAL) esteve em Uberaba junto à CMLCX, Eurípedes dos Reis entregou para ele "diversas pastas com os materiais inéditos" de Chico Xavier e recomendou que fossem preservados, digitalizados e divulgados junto ao acervo de Kardec. O filho do coração de Chico Xavier esclareceu:

> – Pois o Chico me alertou para fazer o mesmo com tudo o que ele havia guardado pessoalmente. Seus livros, psicografias inéditas, bilhetinhos com pensamentos, versos, ideias. Cartas, fotografias, enfim, um legado. Confiou a mim a tarefa de guardá-los, pois me alertou que muitos tentariam se apossar sem ter esse direito – explicou Eurípedes. [...]
> –Chico Xavier, antes de partir, fez muitas recomendações para o sucesso de minha tarefa. Disse que tivesse profundo cuidado para

---

cerca de 100.000 documentos tais como atas de fundação de instituições, selos, histórias de centros, biografias de pioneiros do Espiritismo, fotos, cartazes de promoções Espíritas, artigos de jornais leigos sobre Espiritismo, etc.". *Cf*. MONTEIRO, Eduardo Carvalho (org.). *Anuário Histórico Espírita 2004*. São Paulo: Madras; USE, 2004.

[419] FIGUEIREDO, Paulo Henrique. *Autonomia*: a história jamais contada do Espiritismo. São Paulo: FEAL, 2019, p. 121-128. O autor deste livro e responsável pelo projeto de digitalização ressaltado e tem promovido pesquisas sobre as versões, revisões, ampliações, modificações, edições definitivas e traduções dos originais das obras de Allan Kardec, de forma a colocar em evidências questões de autoria, autorizações *post-mortem* e direito moral à integridade no contexto espírita.

[420] *Idem*, p. 125.

> que nada caísse em mãos erradas. Pediu que fundasse um museu em sua casa. Mas revelou que o seu legado seria divulgado no futuro junto o de Kardec, e seria estudado por acadêmicos da universidade, alcançando a profundidade e o sentido original da Doutrina Espírita, pois ela estava sendo desviada por detratores. “Para você ficar seguro, meu filho”, continuou Chico, “saiba que aquele para o qual você deve entregar meu legado será indicado pelo homem da justiça. Essa será a hora certa”!
> [...] Nos meses seguintes, tanto nos laboratórios do CDOR em São Paulo, quanto no museu em Uberaba, todo o acervo preservado por Chico Xavier foi digitalizado e fotografado. Será integrado ao fundo Memorial do Espiritismo, ficando, assim, à disposição de acadêmicos, estudiosos e espíritas interessados em pesquisar a história do Espiritismo.[421]

Enquanto Eurípedes fundou a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier em 2002, e tem respondido litigiosamente sobre a preservação dos bens móveis e integrados do médium mineiro, ao que tudo indica, Canuto acabou por não seguir as orientações de Emmanuel em sua completude, tornando-se também dissidente do Espiritismo, de forma que este acervo foi esquecido por décadas, mas tem sido contemporaneamente tratado e estado à serviço de pesquisas sobre o Espiritismo. O que reflete, também, uma necessidade memorial do próprio Kardecismo no Brasil, no sentido de entender suas referências, resguardar seus valores para as gerações futuras, promover ações de resgate da história do movimento. E, neste sentido, as fontes documentais são fundamentais.

Interpreta-se, por fim, que as práticas museais consideradas ações relacionadas à memória e à preservação de acervos, conjuntos documentais e informações sobre o Espiritismo, foram empregadas junto a um rol de outros dispositivos informacionais e tecnológicos, inclusive midiatizados, à doutrinação kardecista, como veremos a seguir. E que passaram por filtros também muito seletivos, tal qual próprio da memória, pelas disputas por seus acervos. E, também, que uma das repostas ao vexame causado pelas materializações e pela contenda da separação de Waldo Vieira – situações que certamente abalaram a sua idoneidade enquanto liderança espírita –, tiveram como resposta imediata a ampliação das atividades assistenciais de Chico Xavier – e, efetivamente, como ressaltou posteriormente Waldo Vieira, Chico se dedicou à tarefa da consolação e da mitigação do sofrimento – *pari passu* a sua dedicação às publicações espíritas.

*****

[421] *Idem*, p. 160-162.

3. O Sistema de Informação do Espiritismo: o complexo evangelizador e ritualístico de Chico Xavier

> Pergunta – Se Espiritismo é Espiritismo e basta, por que através da psicografia de Chico Xavier lê-se vez por outra a expressão Espiritismo cristão?
> Resposta – Não houve inovação através de Chico Xavier.
> Foi o próprio Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, quem, no capítulo III, primeira parte de "O Livro dos Médiuns", fez uma classificação dos espíritas em: espiritas experimentadores, espíritas imperfeitos e espíritas cristãos.[422]

A contradição manifestada nesta epígrafe – relacionada ao fato de não ter havido inovação através da prática espírita de Chico Xavier – é usada como um recurso heurístico ou, talvez, uma figura de linguagem para iniciarmos este capítulo. Isto, pelo fato de que nesta seção vamos nos concentrar em uma premissa do Espiritismo que promove intrínseca interrelação com o campo da Ciência da Informação e que já havia sido apontada pelos antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine, quando afirmaram que "a comunicação é genuinamente a pedra angular do Espiritismo".[423]

Notoriamente por considerar que o Kardecismo perpassa por questões de estabelecimento e restabelecimento de formas de comunicação de modo *pari passu* entre dois mundos, entre distintos tempos diacrônicos e sincrônicos, na diversidade de personalidades e noções de pessoa enquanto encarnado ou desencarnado, nos espaços-tempos deslocados geograficamente. O que, ainda de acordo com os pesquisadores citados, promove em si uma invenção técnica e que avança e se desdobra em novas descobertas, experimentos e experiências, notoriamente se levar em consideração que os séculos XIX e XX deram impulso à ambientes propícios para o desenvolvimento de diversas tecnologias, de formas de comunicação e do próprio Espiritismo.[424]

Todavia, a nossa proposta neste capítulo enseja compreender que a comunicação é parte integrante de um sistema mais amplo, aqui tratado como

---

[422] *Reformador*, nº 10, out. 1972, p.32.
[423] AUBRÉE; LAPLANTINE, 1990, p. 47. Tradução nossa.
[424] De acordo com o relato de Nena Galves, "o Chico tinha avisos mediúnicos de que fulano estava desencarnado, então ele pedia imediatamente que um amigo o levasse a ele: chegava na hora para se despedir de quem desencarnava, ou do enfermo que pedia ajuda por meio da prece. Ele recebia como se fosse um e-mail hoje. Aqueles que estavam no circuito de pessoas que confiavam mesmo nele, pediam e ele imediatamente recebia. Nós diríamos que era um computador de época". In: CARVALHO; MELO, 2010, 110-111.

sistema de informação do Espiritismo, que nesta tese é qualificado como a pedra de toque, estrutura basilar da Doutrina praticada por Chico Xavier e que teve relevante impacto da conformação de sua grande ascendência e influência e, portanto, sua inovação. Sendo este seu fundamento, conferiu ao mesmo tempo um modelo de Espiritismo, um jeito de se fazer, um parâmetro, uma referência de ser e de se praticar o Kardecismo no Brasil.[425] E que se expandiu para o mundo, em um processo de exportação de um determinado *modus operandi*, de forma a se tornar um modelo dominante baseado em uma específica tecnologia social.[426]

Este sistema de informação do Espiritismo, portanto, definiu a forma como se operou o complexo doutrinário de Chico Xavier, em uma articulação bastante personalista entre o tripé – estudo, caridade e mediunidade – com ações paralelas e concomitantes que levaram para o mesmo fim: o fomento e a divulgação da prática do Espiritismo kardecista a partir de seu viés religioso. Um sistema baseado na produção, divulgação e gestão da informação e do conhecimento que admite o controle das etapas e processos por parte de Chico Xavier, com definição de um calendário, de recursos humanos e frentes de trabalho. A articulação entre pessoas, funções e estratégias comungava com a atuação gerencial do médium em prol da realização de sua missão.

A gestão deste conhecimento e desta *expertise* promoveu a conformação de um sistema de informação que teve ampliação por meio da mobilização de diversos suportes informacionais e de comunicação – como livros, biografias, mensagens, folhetos, cartas, fotografias, filmes, entrevistas no rádio e na televisão, gravação de discos –, cuja exploração destes recursos definiu estratégias memorialísticas que paralelamente também criavam apelo identitário de Chico Xavier em sua personalidade pública. Este agenciamento da sua identidade e do personalismo do Espiritismo – que teve grande contribuição na concessão de honrarias e produção

---

[425] Ao tratar do sistema de informação desenvolvido por Chico Xavier, a nossa proposta neste caso vai em sentido a abordar outros aspectos e vieses no tocante à especificidade do Espiritismo desenvolvido no Brasil, especialmente em se tratando das contribuições anteriores feitas por Sandra Stoll ou por Bernardo Lewgoy que, de maneiras distintas, apontam para esta particularidade por uma aproximação mais específica sobre a mediação de Chico Xavier com a tradição católica. *Cf*. STOLL, 2003. LEWGOY, 2004.

[426] O termo tecnologia admite grande polissemia que caminha entre as percepções de técnica e noções em torno da ciência e da arte, de modo que nesta pesquisa nos baseamos no enfoque dos usos e funções sociais da tecnologia, notoriamente no entendimento de sua utilidade "para instituir novas formas de controle e coerção social mais eficazes e mais agradáveis". *Apud* MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*, 1964, p. XV. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 94 J.

de biografias sobre o médium – definiu a metamorfose do Francisco de Paula Cândido para o Francisco Cândido Xavier, indo em direção ao Chico Xavier até desbravar no Tio Chico ou Seu Chico.

Este sistema de informação, portanto, gerou tecnologia e inovação, notoriamente tecnologia social e inovação social levando em consideração o impacto na sociedade tanto de suas obras sociais quanto de suas publicações, além dos procedimentos para também manter esta roldana ativa por meio da sustentabilidade de sua realização e manutenção ativa de suas estruturas até o fim de sua vida.[427] O impacto social mobilizado pela base religiosa para atingir uma meta mais ampla – tendo como alvo uma sociedade que não era exclusivamente adepta ao Espiritismo – permitiu uma maior aderência de suas propostas e de seu *modus operandi* articulado, coerente, altamente eficaz e de alto desempenho, ou seja, do seu complexo evangelizador e ritualístico. Ao mesmo tempo em que promovia a decomposição de tarefas, ou seja, quebrava a ação em frações que eram designadas para específicos tarefeiros, o médium se consolidava enquanto um gestor com uma função ampla na consciência da relação entre as partes e no domínio de todo o processo.[428]

Ao se ocupar da gestão desde a pré-produção, produção até a logística de escoamento das obras literárias, além de criar e consolidar um segmento específico de gênero literário, Chico Xavier gerou mercados e consumidores de livros. Estes produtos seriam, portanto, os meios e os fins deste sistema de informação sustentado por relações de fraternidade, em uma conexão não somente ajustada no

---

[427] Neste aspecto, por inovação e tecnologia social deve-se levar em consideração "a multiplicidade operativa e criadora de novos agenciamentos das tecnologias sociais para promover inovação nos diversos campos da atuação humana". In: FERNANDES, Gilberto Pereira; MARQUES, Maria Inês Corrêa Marques (orgs.). *Tecnologia social e difusão do conhecimento*: epistemologias multirreferenciais, redes e inovação. Salvador: Edufba, 2020, p. 15. Esta valoração da tecnologia e da inovação – em termos do social – valoriza e amplia o entendimento em direção à compreensão de "produtos, técnicas ou metodologias, reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social". *Cf*. ALMEIDA, Jasmim *et. al. Design e tecnologia social*: construindo uma perspectiva decolonial. In: SOUZA, Paulo Fernando de Almeida (org.). *Design para inovação social*: perspectivas metodológicas e casos relevantes. Salvador: Edufba, 2021, p. 148.

[428] Em nossa posição de analistas, intérpretes e observadores destes procedimentos que conformam o sistema de informação do Espiritismo, baseado no complexo evangelizador e ritualístico de Chico Xavier, é fundamental dissecar suas partes que, de acordo com Maturana, trata-se de fazer distinções entre suas unidades; compreender as relações entre os componentes que constituem a organização e a estrutura; identificar a interação das unidades através da operação de suas propriedades; levar à constatação de sua existência e, por fim, definir um sistema marcado por sua estrutura. In: MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 98-100.

eixo central, mas em uma configuração que contemplava as periferias e suas redes de interação. Assim, o médium criou os meios de produção e disponibilizou os principais recursos para a realização do seu mais importante produto – a divulgação da Doutrina Espírita-Cristã. Produto que morava na mente e nos corações dos seus consumidores, de modo que estes passavam a ser os maiores divulgadores em um movimento de retroalimentação regido sob forte disciplinamento e racionalização dos processos.

Chico Xavier soube gerar benefícios – para si, para a Doutrina e para a coletividade – por meio de ações de mediação cultural a fim de promover a comunicação e o acesso ao seu público, cada vez mais ampliado. Mediação cultural que esteve à serviço deste sistema informacional que comportava dinâmicas específicas entre as relações externas, as internas, bem como as relações na comunicação interna e externa.[429] Portanto, é um sistema que tem interfaces, o que permite a existência de vários ambientes, setores e departamentos de realização, de modo que as ações e procedimentos, ao serem decompostos, permitem a não participação ou não consciência do conjunto. E quem tinha o domínio não somente intelectual de sua realização, mas de seu gerenciamento, do conhecimento de seus labirintos e interfaces era Chico Xavier que, ademais, detinha a *expertise* da realização do produto: seja a psicografia dos livros, seja sua liderança personalista e carismática – com alta capacidade persuasiva –, seja a direção das atividades assistenciais.

Em uma perspectiva mais ampla, um sistema de informação pode ser definido como um conjunto de componentes inter-relacionados que atuam juntos no sentido de "coletar, recuperar, processar, armazenar e distribuir informações", com a finalidade de facilitar o planejamento, o controle, a coordenação, a análise e o processo decisório na organização.[430] Contemplando um enfoque holístico, entende-se que o capital cultural em jogo no Espiritismo está materializado nos dogmas sistematizados nos livros e, a diferenciação entre outras religiões que admitem a

[429] A definição de mediação cultural, neste contexto, está associada a um nível funcional, ou seja, trata-se de um processo que "visa fazer o público aceder a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos, possivelmente, estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro". In: Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura de Portugal. *Mediação Cultural*: objetos, modelos e públicos, nº 20, 2020, p. 9.

[430] D'OTTAVIANO, Itala Maria Loffredo. O logos da arte e a lógica da ciência. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A República dos Saberes*: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 164.

possessão e confessam fé na reencarnação, está na força da cultura letrada por meio da operacionalização de suas hierarquias e jogos de poder.

Se à princípio todos somos médiuns e todos temos a competência de comunicação com o além – o que concederia uma pretensa perspectiva de igualdade, porém a linha divisória está na manifestação de grande autoridade por meio da escrita, da oratória e, portanto, da expressão da intelectualidade. Dentre todos os tipos de mediunidade possíveis e catalogadas, o psicógrafo é aquele que tem a função de deixar para a posteridade este legado do saber-fazer espiritual, o patrimônio ritualístico registrado que é lido, estudado, aprendido, incorporado, transmitido. É o intelecto – mediado pela racionalidade – que distancia o Espiritismo de outras religiões do transe e da possessão. E no interior da Doutrina, é o intelectual aquele indivíduo que tem posição privilegiada frente aos demais, é ele quem senta-se à mesa das sessões espíritas e realiza a oratória, que ensina a uma audiência considerada desqualificada na relação com o conhecimento ou da inacessibilidade ao invisível. E, nestes termos, a superação de uma condição de ignorância se dá através da adesão à Doutrina Espírita.

Neste sentido, há um vício interno do valor da intelectualização que tange, sutilmente, o virtuosismo da rebuscada erudição. E, neste limiar, pode-se encontrar a ausência de comunicação com o povo ou, a depender da capacidade retórica, pode-se falar com o povo ou, ainda, identificar-se com ele. Quem senta-se à mesa da casa espírita, geralmente, possui ensino superior e são pessoas de profissões em comum: professores, em sua maioria, médicos, dentistas, dentre outros. Aqueles médiuns responsáveis por fazer a sopa, por serem os zeladores dos centros espíritas, por separarem as doações, ao contrário, apesar da dedicação que muitas vezes ultrapassa décadas, é usual não serem conhecidos seus sobrenomes e suas histórias dentre o próprio grupo espírita. Todavia, há algo em comum entre eles: precisam, além de fé na Doutrina, que sejam disciplinados, em corpos, mentes e na rotina daqueles espaços devocionais.[431]

Os livros e a leitura, portanto, podem ser entendidos como meios de promover o acesso ao conhecimento, bem como de controlá-lo; podem provocar a

[431] A disciplina ou o poder disciplinar “nem é um aparelho, nem é uma instituição”, posto que “funciona como uma rede que as atravessa sem se limitar a suas fronteiras”. A disciplina, portanto, “é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder”. É um método que permite o “controle minucioso das operações do corpo”, de forma a assegurar a “sujeição constante de suas forças” e impor “uma relação de docilidade-utilidade”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998 [1973], p. XVII.

disseminação da informação para todas as camadas da sociedade, levando em consideração um processo de educação continuada e responsável por transformar a informação em conhecimento, ou podem ser controladas por aqueles que deterão o poder do conhecimento; permitem a ascensão interna na comunidade espírita e externa na sociedade.

Todavia, há aqui um ponto de interseção sobre Chico Xavier que também lhe garantiu personalidade única no panorama espírita: podemos considerá-lo como um intelectual orgânico, tomando de empréstimo a noção de Milton Santos em diálogo com Edgar Morin, no sentido estrito do direcionamento do conhecimento para as questões sociais.[432] O geógrafo brasileiro propôs, ao longo de sua vida longa e produtiva, um projeto intelectual concebido para atender, ao mesmo tempo, ao interesse social e ao interesse dos indivíduos. E foi justamente nesta combinação de interesses que norteou a sua prática enquanto um intelectual orgânico, alguém que partilha com as pessoas do seu tempo com as demandas sociais do agora, no compromisso com um mundo de interesses em comum, de forma que o conhecimento deveria estar a serviço de oferecer condições para a realização de uma vida com um sentido coletivo.

Para Milton Santos, o Brasil precisava mais de intelectuais do que de letrados, no sentido de se opor ao academicismo, a um modo prolixo e enviesado, pretensamente popular. De tal forma que a educação formal não transformaria alguém em intelectual, mas certamente um letrado, este responsável pela transmissão de saberes acadêmicos. Portanto, para se tornar um intelectual, seria preciso que a centralidade do pensamento crítico e da criatividade estivesse atrelada a uma sensibilidade e engajamento ao social, ao popular, aos seus valores, anseios, saberes e necessidades. Desta forma, não seria estranho afirmar que há intelectuais que nem sequer passaram pelo ensino formal, e que os intelectuais orgânicos são aqueles reconhecidos como tal pelo seu próprio grupo, alguém que é qualificado como um guia, um mentor, uma inspiração para o grupo.

Chico Xavier, aqui entendido em partes como um intelectual orgânico, promoveu uma busca partilhada por uma série de tarefeiros em prol da realização de ações que também beneficiavam o povo em suas necessidades, mesmo que imediatas. Todavia, o limite deste entendimento está no fato de que a religião é vista

[432] *Cf*. SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. MORIN, Edgar. *Os Meus Demônios*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

como instrumentalizadora e não como emancipadora dos sujeitos em uma dimensão mais ampla, ou seja, em seus diversos enlaces com o social. A religião promove, na maioria das vezes, a manutenção das desigualdades estruturais por meio da não ruptura com uma mentalidade conservadora, que não rejeita o *status quo* vigente. Doravante, como intelectual, Chico Xavier precisou de uma vida inteira de trabalho para ter esse reconhecimento por outros *iguais* que, nem eram não iguais assim, posto que no contexto interno, ele sempre foi diferenciado pela sua ascendência popular, por ter tido pouca instrução formal, por não ter passado pelos bancos de uma universidade.[433]

Então, considerar esse conjunto em uma perspectiva de sistema de informação, é dar atenção a existência de uma complexidade estrutural que possui uma forma de ação com específicas interações entres seus elementos, com uma estrutura subjacente constituída de partes e reciprocidades. Nesta arquitetura, faz-se necessário, portanto, caracterizar os elementos internos, externos e as fronteiras e interstícios do sistema. E, assim, dar a ver a presença desse indivíduo que não somente é observador do sistema, como interlocutor e promotor da inovação. Isto, em grande medida, faz-se sentir na implementação da sua visão e da sua práxis como um modelo nacional e mesmo internacional, em uma complexa relação entre mudança e permanência em um equilíbrio imanente.

Também, o reconhecimento das relações e de seus distintos graus de complexidade entre os elementos do conjunto permite a "identificação de uma propriedade do sistema, caracterizada por uma estrutura e pelo seu funcionamento, denominada organização, que conduz o comportamento do sistema". Por outro lado, o controle e ou as tentativas de amortecer a perturbação deste sistema – de características determinadas e indeterminadas – devido a uma interação interna, externa ou de campos fronteiriços, prevê uma tensão no jogo de forças e certa mobilidade de sua previsão. O que se filia a "possibilidade de manutenção de

---

[433] "Saibam os incrédulos: o médium pouca cultura tem, havendo apenas perlustrando pobres bancos de escola primária de aldeia. Não andou em bibliotecas e academias, em ateneus ou universidades. Nasceu na pobreza, na pobreza vive, e nunca a luta pela vida lhe permitiu senão uns poucos anos de estudo primário em grupo escolar. E saibam todos que ele já tem recebido textos em espanhol, inglês, italiano, alemão, alfabeto de cegos e caracteres invertidos. E sobre os mais diversos assuntos: filosofia, medicina, direito, pedagogia, religião, química, economia política, exegética etc. Já psicografou poesias de 42 poetas brasileiros e portugueses desencarnados, absolutamente positivados pela perfeita semelhança de estilos. E também as muitíssimas mensagens íntimas que o médium Xavier recebe são verdadeiras e consoladoras provas de sobrevivência dos nossos bem-amados, pela possibilidade maravilhosa de identificação autoral". In: TAVARES, 1967, p. I.

'equilíbrio estrutural e funcional', ou seja, da manutenção do estado do sistema nas relações com o meio ambiente, através do mecanismo de 'regulagem'".[434]

Dito de outra forma, compreende-se que Chico Xavier efetivou a construção de um paradigma no contexto do Espiritismo, cuja inovação estava no domínio de todo o processo e realização de maneira articulada. A emergência de um novo estado, um novo jeito de fazer, deu-se através de adaptações estruturais, funcionais e personalistas, em uma esfera própria na qual se privilegiou a constituição de departamentos de divulgação espírita adotando, internamente, métodos do campo religioso com suas práticas, seus públicos e dinâmicas próprias. Esta criação de Chico Xavier é baseada em permanências e transformações que levam às mudanças, cujas Inovações organizacionais foram conduzidas por atividades sistematizadas, com transformações engendradas por ações predeterminadas e constitutivas de elementos do sistema e, eventualmente, da fronteira. Esta criação deve ser considerada tanto "um produto novo quanto um resultado de um processo de transformação organizacional, caracterizado pela formação de estruturas novas ou de funcionamentos novos".[435]

> Uma condição importante deve estar presente: a necessidade de o sistema ter uma referência em relação a si mesmo, para não se descaracterizar e perder a sua *identidade*. Essa auto-referência pode estar contida em uma *memória* do sistema, que registra a existência passada, representada por uma sequência de estados assumidos anteriormente.[436]

Em termos metalinguísticos, pode-se afirmar que Chico Xavier conduziu e consolidou esta "auto-referência" na comunidade espírita, definiu uma identidade de grupo baseada no modelo de kardecismo defendido por ele, representou uma gestão de sucesso com fidelidade ao Codificador, de forma a também inovar ao se colocar como uma referência por meio da unificação dos espíritas em torno de Allan Kardec, que mostrou a "Terceira Revelação" por conduzir a verdade sobre os espíritos. E a própria memória de Chico Xavier, neste panorama, diz muito não somente sobre si mesmo, como também sobre o Espiritismo de maneira geral.

Aqui, pode-se associar, ainda, à noção de *goodwill*, fator e propriedade de extrema importância nos negócios, ao qual Chico Xavier foi seu detentor, e que

---

[434] *Ibidem*.
[435] *Idem*. p. 163.
[436] *Ibidem*.

designa o valor intangível das organizações, o prestígio, a reputação, a imagem de confiabilidade e idoneidade, o nome da marca.[437] Os indicadores do *goodwill* atrelados a Chico Xavier estão vinculados ao aumento da aderência aos seus produtos e serviços oferecidos, bem como a permanência ao longo do tempo, mesmo após a sua morte, com disputas que, na interpretação desta tese, transitam nos campos mnemônicos, notoriamente no tocante aos acervos, patrimônios, narrativas e lugares de memória associados ao médium.

O entendimento da concepção de *goodwill* leva a um gerenciamento eficaz, sendo uma poderosa ferramenta utilizada no contexto de competitividade para a criação de oportunidades e de vínculos, a fim de ampliar o alcance e mesmo a autonomia do seu próprio negócio. Rédeas que Chico Xavier conseguiu tomar para si somente a partir da sua experiência no Grupo Espírita da Prece e na sua mudança para sua última casa, que se configurou como um parque editorial. Enquanto as ações de cooperativismo possuem difícil definição das direções a serem tomadas, notoriamente porque precisam da deliberação de muitos em torno de uma causa em comum, esta dinâmica sob a ótica do *goodwill* permite, por outro lado, valorar a condução da autonomia do médium no panorama espírita à sua revelia.

E, para tanto, também necessitou de maiores investimentos no seu nome, na sua imagem e na sua memória, visando a relação de confiança e pertinácia dos seus produtos. De tal forma, que na interface pública Chico Xavier se tornou uma referência e modelo a ser seguido, na faceta interna precisou lutar contra interesses diversos ao seu projeto, colocando em ação seu poder de barganha por meio da gestão estratégica dos seus negócios sob sua tutela. Todavia, quando sua administração direta não foi mais possível, vê-se uma tentativa de manutenção deste sistema de informação que começou a entrar em colapso, uma vez que Chico Xavier não está mais encarnado para executá-lo. Entretanto, seu *goodwill* permanece como capital econômico e é passível de grandes interesses, especialmente no tocante aos seus acervos, produção intelectual ainda inédita e lugares de memória, com destaque para as instituições museológicas.

---

[437] *Cf*. SHENKAR, Oded; YUCHTMAN-YAAR, Ephraim. Reputation, image, prestige, and goodwill: an Interdisciplinary approach to organizational standing. In: *Human Relations*, vol. 50, nº 11, p. 1361-1381, 1997.

3.1. Gestão do conhecimento *à la manière de* Chico Xavier: o *modus operandi* da tarefa doutrinária espírita-cristã

Quando o reconhecido escritor Humberto de Campos havia publicado, ainda em vida, uma crônica intitulada “Poetas do outro mundo” (1932) no jornal “Diário Carioca”, no mesmo ano e em resposta à publicação do “Parnaso de Além Túmulo” (1932), tratou de identificar em tom jocoso a voz dos poetas mortos, bem como a presença (ou não) dos reflexos de seus estilos na poesia de Chico Xavier. Frente a tamanha contradição da “pobresa e a pouca instrucção” [sic] do médium, o imortal decretou, com certa ironia, sua opinião:

> sente-se ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para contar neste instante, a inclinação do Sr. Francisco Candido Xavier, para descrever “à la maniére de...”, ou para traduzir o que aquelles altos espíritos o sopraram ao seu.[438]

Longe de se localizar apenas em uma das esferas de atuação da Doutrina Espírita, Chico Xavier construiu uma estrutura de iniciação, desenvolvimento, manutenção e difusão das práticas espíritas, de forma a articular uma gestão informacional baseada em um tripé doutrinário: o Espiritismo entendido a partir da religião, contemplava a evangelização, a espiritualidade e o assistencialismo. Desta forma, a Doutrina Espírita desdobrada por Chico Xavier previa um encadeamento de redes de relacionamentos; gestão de pessoas e instituições, tarefeiros e colaboradores; agentes e agenciamento da informação; ações cotidianas na construção de um complexo de doutrinação com rotinas e calendário bem definidos.

[438] *O Globo*, 3 de maio de 1935, p. 3. Depois de desencarnado, Humberto de Campos desenvolveu comunicação por meio da psicografia de Chico Xavier, quando assumiu a personalidade espiritual de Irmão X e, talvez nestas condições, efetivamente “imortalizou” sua inclinação às belas letras para além de ter sido o terceiro ocupante da Cadeira 20 da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Figura 147 – Sistema de informação do Espiritismo segundo Chico Xavier. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

Mesmo com a constatação da existência dos três aspectos interligados no Espiritismo – o religioso, o científico e o filosófico –, nas palavras de Emmanuel pelo intermédio de Chico Xavier, todos estes domínios eram muito importantes, posto que a ciência figurava enquanto verdade, a religião era a vida e a filosofia a indagação da criatura humana entre a verdade e a vida. Porém, o aspecto religioso deveria sobrepor-se aos demais e ser predominante sobre as outras duas esferas, apesar de interagir de maneira intrínseca com a ciência e a filosofia. Aliás, deve-se chamar atenção para a consideração da filosofia fora da ciência, certamente, uma concepção engessada tanto de ciência, quanto de filosofia, e advinda dos tempos de Allan Kardec e, portanto, do Positivismo que permaneceu ao longo dos séculos na visão espírita sem demais tensionamentos.[439]

> Todos os três aspectos, por isso mesmo são muito importantes, porque a Filosofia estuda sempre, a Ciência descobre sempre, mas a vida atua sempre. Todos esses aspectos são muito importantes e muito essenciais, mas, sem desejarmos criar uma situação favorável a nós outros, os espíritas evangélicos, **a Religião é sempre mais importante**, porque a verdade é uma luz a que todos chegaremos; a

[439] O Positivismo se trata das bases filosóficas formuladas pelo francês Auguste Comte (1798-1857) que teve ampla aderência ao longo do século XIX tanto na Europa, quanto nas Américas. Dentre suas principais perspectivas, ressaltam-se a ideia de que "a sociedade só pode ser convenientemente organizada através de uma completa reforma intelectual do homem", e a constatação de que o espírito positivo "instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil". In: COMTE, Auguste. *Coleção Os Pensadores*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. IX e p. XII.

> indagação é um processo no qual todos participamos; mas a vida não deve ser sacrificada nunca e a Religião assegura a vida, assegurando a ordem da vida; não nos referimos aqui apenas ao Espiritismo Cristão, mas a todas as religiões vigentes no mundo. As religiões estabelecem a harmonia interior da criatura humana; é a Religião que nos impele à conduta certa e nos aponta o caminho mais certo para a harmonia de todos nós, uns com os outros. **Por isso mesmo, a Religião é mais importante porque com a luz da Religião, a Ciência poderá trabalhar em paz, de vez que a Ciência precisa de Paz para trabalhar e a Filosofia poderá indagar em paz**, porquanto precisa pesquisar com tranquilidade e, sem religião, em nosso espírito, seja ela qual for, sem uma fé na existência de Deus, sem que nosso pensamento se volte para a grandeza da vida, para a imortalidade da alma, – para os diversos aspectos em que a Divindade se manifesta para nós outros, – nós, naturalmente, cairíamos na desordem psíquica, estabeleceríamos o caos em nós e fora de nós, porque não saberíamos governarmos. **A Religião é sempre mais importante**, seja ela qual for, ainda mesmo, quando a Ciência precise, muitas vezes, controlar-nos os impulsos de criaturas religiosas, reeducar-nos às concepções ou podar, talvez, muitos excessos da nossa imaginação. Reconheçamos semelhante mérito da Ciência que nas descobre as deficiências, com a indagação filosófica, mas, de qualquer maneira, é a Religião que nos garante a vida espiritual.[440]

Esta foi uma escolha estratégica e, portanto, inovadora na conduta de uma liderança espírita em território nacional, uma vez que o Espiritismo à época de Chico Xavier sofria por dramas morais e flertava com diversas concepções no sentido de não se restringir apenas aos aspectos religiosos, como também ser entendido enquanto uma ciência e uma filosofia, de modo que estas se constituíram dimensões complementares de uma mesma cosmovisão.[441] Todavia, nas próprias palavras de Chico Xavier, apesar dos três aspectos do Espiritismo serem de essencial importância e mesmo concederem suas bases epistemológicas, para ele a faceta religiosa era predominante e mais expressiva pelas responsabilidades de ordem moral no trato com a vida.[442]

---

[440] ARANTES; GENTILE, 1972, p. 67. Grifo nosso.

[441] "O espiritismo que leva a assinatura de Allan Kardec é uma doutrina religiosa de criação recente que surgiu em Paris em meados do século XIX como tendência do 'moderno espiritualismo' europeu. Em pouco mais de 150 anos de existência se espalha a partir de dois fluxos transnacionais: da França espalhou-se pela Europa e, quase simultaneamente, pelos países de língua latina, assim como o Brasil, onde em poucas décadas tornou-se a terceira opção religiosa do país. Na passagem do século XX para o XXI, inaugurou-se o fluxo contrário, isto é, por concentrar o maior número de espíritas do mundo, o Brasil tornou-se exportador dessa doutrina, inclusive para a França". *Cf*. STOLL, Sandra Jacqueline. Espiritismo: entre Francia y Brasil. Versiones de uma misma doctrina. In: BLANCARTE, Roberto (coord.). *Diccionario de religiones en América Latina*. México: FCE; El Colegio de México, 2018, p. 172. Tradução nossa.

[442] Entrevista de Chico Xavier concedida a Salvador Gentile e Elias Barbosa na Comunhão Espírita Cristã em 22 de agosto de 1970. In: *Anuário Espírita*, ano IX, nº 9, 1972.

> No panorama religioso brasileiro, o espiritismo mantém fortes relações, embora em níveis distintos, com três conjuntos religiosos. Trata-se, antes de mais nada, de uma religião cristã. O princípio de tudo é o Deus criador onipotente do universo, da tradição judaico-cristã. A codificação espírita, inaugurando a era espírita, é concebida em continuidade à era cristã, expressa no Novo Testamento, e à era judaica, no Velho Testamento. Jesus Cristo é visto como um espírito superior, encarnado na Terra em missão. Um dos livros da codificação espírita, extremamente popular no país, é o "Evangelho Segundo o Espiritismo", leitura espírita do Evangelho cristão. A tensão entre a noção de livre-arbítrio e a de determinismo, central na tradição do pensamento ocidental, aí incluído o cristianismo, é, também, fundamental.[443]

A predominância do Espiritismo Kardecista praticado por Chico Xavier dá amplitude para a questão interna da coesão religiosa nos aspectos abordados por Weber, especialmente no sentido de ser um importante elemento que garante uma unidade de pensamento religioso que reforça a solidariedade, a unidade e a reciprocidade entre os membros do mesmo grupo.[444] E essa coesão religiosa no Espiritismo é regida por princípios internos (dogmas) muito rígidos e fundamentados em hierarquias e autoridade moral firmados na harmonia e na paz e, portanto, na tentativa de se manter a ausência de conflitos e controvérsias. O que gera, portanto, a tendência a dogmaticamente se produzir narrativas – incluindo memórias – consensuais, consonantes e afeitas às dissonâncias ou às desarmonias.[445]

As secções e disputas internas são entendidas como concorrentes de uma visão correta e, portanto, verdadeira e desejável de modelo adequado de Espiritismo a ser seguido e, neste caso, Chico Xavier saiu vitorioso na dominância dessas idiossincrasias o que, certamente se deu por muitos aspectos como temos visto ao longo desta tese, mas notoriamente pela escolha do viés religioso do Espiritismo.

---

[443] CAVALCANTI, 1990, p. 149.

[444] WEBER, Max. Sociologia da Religião – Tipos de relações comunitárias religiosas. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade:* fundamentos da Sociologia Compreensiva. São Paulo; Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; UNB, p. 279-418, 1999.

[445] Em seu prefácio intitulado "O Espírita, a crítica e a divergência", Paulo Neto afirma que "Nós, os espíritas, precisamos aprender a lidar com a crítica e a divergência de maneira menos assombrosa e com menos melindre; sem paixão e com sentimento fraterno. [...] Discordar de ideias e posturas de Chico Xavier, sem que isso signifique negar o inestimável serviço que sua vida e sua obra prestaram, – e ainda prestam – ao Espiritismo e a milhares de pessoas, também aprendendo muito com todo seu trabalho. [...] Divergir e criticar ideias e posturas não significa que estejamos necessariamente certos ou errados. É tão somente consequência do fato de sermos capazes de livremente pensar e decidir – e qualquer um que pretenda suprimir esse direito, seja de quem for, demonstrará que bem pouco compreendeu sobre aquilo que estamos fazendo 'aqui'". In: NETO SOBRINHO, Paulo da Silva. *Kardec e Chico*: dois missionários. Vol. II. Divinópolis: Grupo Educação Ética e Cidadania, 2019, prefácio.

Isso, de modo a atrelar de maneira interdependente caridade-mediunidade-evangelização em diversas ações que se entrecruzavam.[446]

Identificada como uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo médium no contexto da Doutrina, a sua separação de Waldo Vieira expôs a realidade do vigor e proeminência da sua opção religiosa no Espiritismo, cujos impactos negativos advindos desta discórdia foram ao longo do tempo amortecidos – e mesmo "esquecidos" – na medida que era crescente o impacto social das ações de Chico Xavier em âmbito nacional.[447] De maneira oposta, Waldo Vieira seguiu em direção à interpretação do Espiritismo no seu aspecto científico, até se tornar efetivamente um dissidente da Doutrina ao fundar a Projeciologia e a Conscienciologia como ciências próximas da parapsicologia que se fundamentam em pesquisas de bases universalistas especialmente dedicadas ao campo da consciência e da projeção ou experiência fora-do-corpo. Entretanto, Waldo Vieira parece ter se beneficiado, ao longo da vida, dos relacionamentos promovidos na sua articulação enquanto espírita.[448]

> Em 1966 Vieira se desligou dos trabalhos espíritas em Uberaba para dedicar-se a uma pós-graduação no Japão, à abertura de consultório no Rio de Janeiro e à direção de empresas ligadas à Cia. Antarctica Paulista, da família de sua então esposa. Não há vestígios históricos

---

[446] "– Que dizer daqueles irmãos que se esforçam por enfatizar apenas o lado científico do Espiritismo?
– [Chico Xavier] Cremos seja isso um problema de vocação para trabalho em determinados campos da vida. Os que enfatizam, unicamente o lado científico do Espiritismo possuem o direito de assim agirem, tanto quanta nós outros, os que emprestamos significação especial ao lado religioso da Doutrina Espírita, também procedemos assim levados pelo impulso natural em que nos acomodamos com a fé religiosa". In: ARANTES; GENTILE, 1972, p. 33-34.

[447] Na trajetória de Waldo Vieira, a sua ligação inicial junto ao Espiritismo tendia a ser olvidada por ele próprio, ao que parecia, justamente por ter construído um outro campo sem paralelismo com a Doutrina. Ele se autointitulava um "maxidissidente" do Espiritismo, este "retratado como algo repressor, conservador e avesso à intelectualidade". *Cf*. AMARAL, Flávio. Resenha do livro Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira, de Mabel Teles. In: *Jornal de Estudos Espíritas*, nº 3, 2015, p. 2. AMARAL, Flávio. *O homem por trás do mito*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2021.

[448] Após um total de 25 obras espíritas – destas 17 produzidas em parceria com Chico Xavier –, sendo a última publicada em 1967, Waldo Vieira lançou mais de vinte títulos dedicados à Projeciologia e à Conscienciologia. Para ele, a "projeção consciente permite à criatura substituir a crença pelo conhecimento". In: VIEIRA, 1981, p. 8. Interessante observar que Waldo Vieira mesmo tendo rompido com o Espiritismo, teve muita influência da articulação realizada por Chico Xavier em seus caminhos com a Projeciologia. Ao fundar um novo campo e repertório analítico, criando inclusive novos termos e significados para questões muito caras ao Espiritismo (por exemplo, consciex na Projeciologia seria próximo à ideia de espírito no Espiritismo; ou dessomar seria desencarnar), ele alicerçou também uma "cidade" denominada "Cognópolis", além de ter criado a Editares, editora cujos direitos autorais são cedidos pelo autor à própria editora. Geralmente, em suas edições, na sua falsa folha de rosto existem informações sobre o histórico editorial daquela obra, a exemplo da "Projeções da Consciência" (1981) que, até o ano de 2013, teve nove edições em português e tiragem de 43.800 exemplares, além das edições em espanhol e inglês que somam mais 14.500 exemplares.

> de uma “dissidência”. Muito pelo contrário, em 1979 ele retornaria aos círculos espíritas cariocas e paulistas, publicando Projeções da Consciência (1981 e 1982), nacionalmente divulgado e aclamado naquele meio, além de ter artigos, entrevistas e uma coluna mensal própria na imprensa espírita, até 1990.
> A ruptura parece ocorrer neste período (anos 90), conforme o autor funda o próprio grupo o qual lidera de maneira unânime e incontestável, passando a criticar praticamente todas as áreas e instituições que não sejam suas próprias “neociências” (Projeciologia e Conscienciologia). O distanciamento não ocorre apenas com os espíritas, mas com todos os estudiosos que não queiram se submeter a ele [...].[449]

Na trajetória mediúnica de Chico Xavier é constatado que, na medida em que ele era reconhecido e amplamente considerado, também abria caminhos para que outros médiuns fossem distinguidos e se manifestassem na arena pública com a chancela necessária.[450] Em grande medida, alguns foram seus parceiros de escrita mediúnica por meio da psicografia, outros se tornaram seus colaboradores em diversas ações e tarefas – daí a origem do nome tarefeiros –, tantos outros fundaram outras casa espíritas, de forma que Chico Xavier se posicionou de maneira estratégica na relação interna entre os espíritas.

O Kardecismo se baseia em uma organização social bastante determinada, estrutura seu agenciamento em instituições e agremiações de diversas naturezas que vão desde a célula fundamental – a casa espírita – até delegações federais – como a FEB. Em escala menor, estas instituições são conformadas em departamentos, ou seja, setores gerenciais que refletem essa organização do sistema em partes, bem como a relação com o todo, ou seja, delimitam e circunscrevem instituições superiores e autorizadas a falar pelo coletivo espírita.

Neste ponto, esclarece-se que a *célula máter* do Espiritismo, ou seja, a casa ou o centro espírita é comumente formada a partir de uma experiência anterior, em nível familiar, que se trata do Culto do Evangelho no Lar, umas das práticas ritualísticas que é de fácil dispersão e realização. Sua ampliação gera, portanto, demandas por uma organização jurídica e uma dilatação das redes de

---

[449] AMARAL, 2015, p. 2. Portanto, um dos trabalhos de Waldo Vieira, após a separação de Chico Xavier, foi na Companhia Antarctica Paulista – firma produtora de bebidas – cujo diretor da empresa havia conhecido o médium por intermédio de sua irmã, ambos frequentadores da Comunhão Espírita Cristã em Uberaba, “para onde costumam dirigir-se nos momentos de dificuldade da empresa, com o intuito de pedir auxílio extrafísico". In: TELES, 2014, p. 81.

[450] “Existem personalidades, sobretudo Francisco Cândido Xavier, cuja repercussão sempre ultrapassou as fronteiras do Espiritismo e remeteu a outras figuras, médiuns como ele, que conquistaram também algum renome em menor escala”. GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Espiritismo (Brasil). In: BLANCARTE, 2018, p. 168. Tradução nossa.

associativismo. Assim, como é costumeiro, as agremiações espíritas regionais já existentes, auxiliam na conformação da pessoa jurídica, cujo registro facilitará a gestão e o funcionamento da nova instituição, inclusive do ponto de vista de sua prestação de contas em grande medida fundamentada em doações. São comuns os títulos de utilidade pública ou outras qualificações em níveis municipal, estadual e federal, que podem ser pleiteados pelas casas espíritas, a fim de isenção de impostos, desde que estejam organizadas sob personalidade jurídica.[451]

Entender também essa dimensão administrativa e gerencial do grupo espírita é de fundamental enlace em nossa narrativa, visto que reflete a forma de organização, bem como as interações que influenciaram os agenciamentos internos e estruturação das redes de dependência e hierarquias internas. Em grande medida, além de ter fundado diretamente pelo menos seis casas espíritas ao longo da vida, Chico Xavier atuou na mediação da constituição de diversas outras instituições, associações e agências representantes do Espiritismo. Isso, no sentido de atuar como unificador do movimento espírita, seja de maneira direta ou indireta, neste caso por meio da sua rede de influência e da confirmação de sua autoridade cada vez mais abrangente e enraizada em diversos segmentos espíritas.[452]

Tal percepção leva à aproximação com a concepção de *soft power*, em termos nacionais e regionais, uma vez que explicita a capacidade de Chico Xavier em influenciar e persuadir por meio de seu poder de inspiração e atração, o que exporia, por outro lado, um rol antagônico de estratégias contrapostas e baseadas em um *hard power*, ou seja, fundamentadas em demonstrações de

---

[451] FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao Centro Espírita*. Brasília: FEB, 2006 [1980]. No editorial "Preservemos o Centro Espírita", Chico Xavier ressaltou as finalidades das casas espíritas e seus desvios de intenções. In: XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito Emmanuel. O Centro Espírita. In: *Reformador*, nº 1, jan. 1951.

[452] Dentre os diversos exemplos que poderiam ser dados, temos o caso da Aliança Municipal Espírita (AME) que, em Uberaba, foi fundada em 1960, após a sua chegada à cidade, tendo sido organizada em Departamentos, a saber: Assistência Social ou Fraterna, Evangelização, Mocidade e Difusão Doutrinária. A AME se trata de um órgão de congregação do movimento espírita, no sentido de irmanar as instituições espíritas em nível local. Sobre a temática da unificação espírita, ver: ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas de todo o Brasil, uni-vos! Meandros da unificação Espírita na primeira metade do século XX. In: *Religião e Sociedade*, vol. 3, nº 37, p. 150-172, 2017. Esta temática também é abordada na tese que traçou a constituição de um mercado no campo religioso que é bastante competitivo e dedicado "aos bens de salvação" e que demanda, inclusive, a legitimação institucional da religião: ARRIBAS, Celia da Graça. *No princípio era o verbo*: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

força que não são bem-vindas. Isto, porque no contexto espírita, seriam associadas à perturbação da coesão social religiosa do grupo.[453]

Assim, a gestão do conhecimento *à la manière de* Chico Xavier admite um *modus operandi* da tarefa doutrinária espírita-cristã que nos interessa também por identificar a gestão de um específico *know-how*, de forma a priorizar os "processos e atividades organizacionais com ênfase nas representações das atividades e capacidades" no intuito de priorizar a orientação da análise do sistema de informação no Espiritismo implementado pelo médium. Por outro lado, a interpretação relacionada à gestão do conhecimento também admite a interpretação do relacionamento tácito e explícito, "no contexto onde eles acontecem". Ao passo que a gestão do conhecimento também pode ser considerada em termos de um "processo sistemático de identificação, criação, renovação e aplicação dos conhecimentos" que são estratégicos na vida de uma organização.[454]

No caso de Chico Xavier, trataremos em detalhes de, pelo menos, duas dimensões cruciais para o estabelecimento do seu modelo de sistema de informação: a assistência social, especialmente por meio da peregrinação e das distribuições, além da evangelização sustentada pela mediunidade que se materializou na sua vasta produção intelectual.

3.1.1. A assistência social e fraterna: a caridade como um fundamento

O trabalho de base junto às comunidades periféricas, sejam estas espíritas, simpatizantes ou não, foi um domínio de suma importância e mesmo um sustentáculo na tarefa doutrinária espírita-cristã de Chico Xavier. Assentou seu vínculo com o popular, o que também foi determinante para sua a chancela e manutenção, ainda hoje, de uma determinada memória social sobre o médium. E, desta forma, foi basilar para compor o sistema de informação do Espiritismo praticado por Chico Xavier, em que pese a execução das ações, os tarefeiros envolvidos, o público contemplado, os objetivos delineados a serem alcançados, e os significados relacionados às suas ritualísticas. Configura, também, hierarquias

[453] NYE JR., Joseph Samuel. *Soft Power*: the means to success in world politics. Public Affairs, 2005.
[454] LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; DUARTE, Eneide Nóbrega; NAVARRO, Miguel Angel Esteban. *Gestão do conhecimento nas redes dos programas para a juventude*: modelo baseado nas políticas públicas. João Pessoa: Ed. UFPB, 2017, p. 16.

intrínsecas à cosmovisão espírita, mas que expressa o que havia de mais prático na doutrinação de Chico Xavier.

> Junto com a mediunidade e com o estudo, a caridade é o outro componente característico do sistema ritual espírita. Toda caridade tem, contudo, um elemento hierárquico; quem ajuda é, de alguma forma, superior a quem é ajudado. Isso porque a ideia da evolução perpassa tudo na doutrina espírita e há sempre superiores e inferiores se encontrando numa mesma encarnação ao longo da trajetória cósmica de cada um. Isso não quer dizer que a prática concreta da caridade não possa ser muito efetiva do ponto de vista social.[455]

É relevante destacar que as ações de assistencialismo são premissas dogmáticas, justamente pela sua expressão da caridade, de modo que já se faziam presentes mesmo antes da manifestação de Chico Xavier. Desde ponto de vista, o médium é influenciado por um contexto pretérito, mas inovou ao ampliar a escalas nunca antes vistas, seja da proporção dos assistidos ou das variedades de ações assistenciais e sustentar tais ações até o fim da vida. Toma-se como referência, por exemplo, seu amigo Clóvis Tavares, que o inspirou, mas também foi inspirado por Chico Xavier. Tavares realizava diversas atividades doutrinárias na cidade de Campos, no Rio de Janeiro que, inclusive, parece ter sido o contemporâneo que talvez mais tivesse se aproximado da proposta de Chico Xavier. Todavia, o médium mineiro se destacou em relação ao protagonismo de Tavares, na medida em promoveu distribuições em massa e garantiu o seu lugar no calendário ritualístico espírita.

As ações assistencialistas também engendraram a aproximação e aprofundamento da rede de relacionamento e reciprocidades entre os indivíduos que, ou já eram espíritas, ou se aproximaram do Espiritismo e fizeram dele uma rotina incorporada às suas vidas, tornando-se devotos. Com a frequente visita de caravaneiros e peregrinos que iam ao encontro do médium, no sentido de conhecê-lo, mas muito em busca de graças, consolos, orientações e, quem sabe, um contato com o invisível.

Destes que foram à Pedro Leopoldo ou à Uberaba, alguns se tornaram tarefeiros das atividades assistenciais ao longo de décadas. Por exemplo, Encarnação Blasquez Galves (1927-), mais conhecida como Nena, residente na capital do Estado de São Paulo e casada com Francisco Galves (1926-2022),

[455] CAVALCANTI, 1983, p. 151.

conhecido por Chiquito, conheceram Chico Xavier em maio de 1959, quando foram em caravana até Uberaba. A família Galves se tornou muito amiga e próxima intimamente do médium, que chegou a identificá-los como a família que os espíritos o levariam a ter em Uberaba. Parece que a identificação foi recíproca, de tal forma que pela assiduidade das visitas mensais à Uberaba, depois dos primeiros anos, a família passou a ficar hospedada na própria casa do médium em Uberaba. E eles retribuíam a generosidade quando Chico ia passar férias em sua casa de praia em Santos/SP, ou em qualquer compromisso na capital paulistana, o médium já tinha um quarto exclusivamente de seu uso localizado na casa dos Galves.[456]

Pela influência e pertinência, os Galves após realizarem o culto do Evangelho no lar por algum tempo, fundaram o Centro Espírita União (CEU) no bairro do Jabaquara em São Paulo, onde também constituíram uma livraria e uma editora que lançou diversas obras de Chico Xavier. Emmanuel havia enviado mensagem em 1965, indicando a necessidade dos Galves iniciarem um núcleo de estudos, Bezerra de Menezes e André Luiz também se comunicavam com frequência à família por intermédio das mensagens psicografadas de Chico Xavier. Além do culto do Evangelho no lar, deram início às sessões de desobsessão até que, em 5 de abril de 1967, foi inaugurada a sede do CEU, tendo o nome sido sugerido por Dr. Bezerra de Menezes.

> Se de nossa parte pudermos sugerir um título, inclinar-nos-íamos para o nome de Centro Espírita União, de vez que essa união reuniria um [Jesus] e outro [Kardec], ao mesmo tempo em que significaria o nosso propósito de confraternização positiva, diante do Evangelho e da codificação kardequiana.[457]

Em Uberaba, a família esteve muito presente na realização das ações assistenciais desenvolvidas por Chico Xavier. Nas comemorações do centenário do médium em 2010, por exemplo, Nena destacou a função pedagógica da caridade no Espiritismo, tal qual havia aprendido com Chico Xavier e reproduzia também no CEU:

---

[456] Após a desencarnação de Chico Xavier em 2002, o casal Galves reuniu os itens que Chico Xavier deixou neste cômodo e criaram o “Espaço Chico Xavier”, que está localizado no Centro Espírita União (Rua dos Democratas, nº 527, Jabaquara, São Paulo//SP). Os objetos expostos se tratam de medalhas e diplomas recebidos, roupas, livros e fotografias. “Tudo sempre ficou em seu quarto, na nossa residência. Quando Chico desencarnou, tivemos a ideia de levar esse material para o Centro Espírita União, até porque essa herança não pertencia à nossa família, mas ao mundo espírita, e esse acervo deveria ser conhecido por outras pessoas”. GALVES, Nena. *Até sempre Chico Xavier*. São Paulo: CEU, 2008. GALVES, 2012.

[457] GALVES, 2008, p. 38.

> [...] verdadeiras peregrinações à noite, depois do trabalho mediúnico, visitando cada casa, levando a merenda, as cestas ao casebre, e a palavra do Evangelho nos dava um ensinamento profundo de que o Espiritismo não é só o fenômeno. Ele nos dizia que a filosofia da Doutrina Espírita ia muito além do fenômeno espírita. [...] este ia nos ensinando por meio do trabalho que nós deveríamos despertar para a realidade e conhecer o Espiritismo real, as peregrinações, a caridade, a visitação a quem precisa, aos enfermos.[458]

Figura 148 – Princípios do Centro Espírita União em São Paulo, [1967]. Fonte: Acervo CEU.

Figura 149 – Distribuição de Natal no Centro Espírita União em São Paulo, 1976. Fonte: Acervo CEU.

Figura 150 – Um flagrante da peregrinação: Chico Xavier aparece com Sylvio do Couto Paschoal, Nair Machado Paschoal, Francisco Galves, Nena Galves, Waldo Vieira, dentre outros. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 151 – Outro flagrante da peregrinação, no qual Nena Galves aparece próxima a Chico Xavier. Fonte: Acervo CEC.

Outra pessoa que teve participação fundamental nas atividades assistencialistas de Chico Xavier foi Yolanda Cezar (1933-2013) que, por conta do falecimento de seu único filho homem – ela era mãe de outras três mulheres –, passou a frequentar as reuniões da Comunhão Espírita Cristã e do Grupo Espírita da Prece em Uberaba já em 1969, a fim de receber consolo espiritual por meio de comunicações do além. Em São Paulo, cidade onde residia, também frequentou as

[458] CARVALHO; MELO, 2010, p. 110

reuniões públicas do Lar do Amor Cristão. Também levava a Uberaba, algumas vezes por ano, numerosas caravanas de mães que passaram pelo sofrimento da desencarnação de seus filhos, já que ia a cidade uma vez por mês. E, de acordo com suas palavras: “Graças a Deus estou conformada, pois sei que meu filho está vivo e em contínuo trabalho na Espiritualidade. E eu encontrei-me no trabalho espírita. [...] Coloquei Uberaba como roteiro de minha vida”.[459]

O filho de Yolanda Cezar e de Raul Cezar chamado Augusto Cezar Netto (1942-1968), começou a se manifestar somente a partir de 1973 e, posteriormente, com frequência e empregando linguagem juvenil e despojada, de modo que suas mensagens se configuraram em diversos livros de Chico Xavier. Isto, fundamentalmente, com a função de compartilhar com outras mães e jovens os sentidos e significados da vida e da morte. Os livros com as mensagens de Augusto foram “Jovens no Além” (1975), “Somos Seis” (1976), “Falou e disse” (1978) e “Augusto Vive” (1981).[460] Pelo menos desde 1973, Yolanda Cezar participava das distribuições de Natal que aconteciam no calendário ritualístico de Chico Xavier e, em seguida, tornou-se a maior financiadora desta ação.

> Com a desencarnação do único filho, Dona Yolanda, que tinha muita afinidade com ele, vergastada pela dor, dirigiu-se com o marido a Uberaba, para encontrar-se com Chico Xavier. Ela mesma relata que foi uma das mães que mais tempo levou para receber uma mensagem do filho. Esperou mais de 4 anos. Mas apesar da demora da primeira, as outras vieram mais frequentemente. Muitas delas já estão publicadas em livros, com grandes ensinamentos doutrinários.
> O Natal realizado todos os anos no “Grupo Espírita da Prece” tem a orientação de Yolanda Cézar, beneficiando milhares de pessoas. São grupos de mães que transformam a saudade dos filhos em trabalho. E durante todo o ano confeccionam enxovais, realizam campanhas, para que o Natal de muitos irmãos sofredores seja mais feliz.
> São sacolas e mais sacolas de roupas, brinquedos e alimentos, beneficiando a uma fila de aproximadamente 20.000 pessoas necessitadas do sustento material.[461]

Ainda nesta seara, destaca-se o nome de particularmente outras duas pessoas que foram fundamentais para as ações assistenciais, como também de estudo e mediunidade junto a Chico Xavier: Weaker Batista (1921-1989) e sua

---

[459] XAVIER, Francisco Cândido. *Amor e Luz*. Por espíritos diversos. São Paulo: IDEAL, 1977, p. 7.
[460] XAVIER; GERMINHASI, 1977.
[461] *Chico Xavier*: 60 anos de mediunidade. 2ª ed. São Paulo: FEESP, 1991 [1987], p. 56.

esposa Zilda Costa Batista (1927-2020). Encontraram-se com o médium senão pelo amor, mas pela dor, como costumeiramente é dito entre os espíritas.

> Contam que seu Weaker tinha uma mercearia em Anápolis, Goiás, que lhe rendia o suficiente para uma vida tranquila e farta. Um dia foi à Uberaba, em busca de uma receita para sua mulher, dona Zilda. Ela sarou. E o casal resolveu vender a mercearia e se fixar em Uberaba, trabalhando na Comunhão ao lado de Chico.[462]

Weaker iniciou na CEC tendo sido secretário de Waldo Vieira, auxiliando nas consultas médicas gratuitas até a mudança de Waldo para o Rio de Janeiro e sua saída do Espiritismo em 1966. Em 1968, o casal Batista era responsável pelo orfanato da CEC, que funcionou por pouco tempo. Eles residiam em um dos imóveis que foram construídos no terreno da CEC e onde Chico Xavier também morava. Além de participarem das sessões de desobsessão, estavam presentes e sentavam-se na mesa durante as sessões públicas. Foram responsáveis pelas correspondências de Chico Xavier, cujo trabalho foi batizado de “Correio do Além”. Weaker, chamado popularmente de “Seu Wika”, foi presidente do Grupo Espírita da Prece na década de 1980.

> Zilda e Weaker Batista acompanharam as atividades de Chico Xavier, praticamente, desde a mudança do médium para Uberaba. Por ocasião dos 50 anos de exercício da mediunidade de Chico, nós os ouvimos em entrevista [para a Folha Espírita].
> O casal viera de Anápolis, em Goiás, para passar alguns dias em Uberaba; ouvir orientação espiritual, quanto ao problema mediúnico de Zilda, e regressar logo em seguida às lides normais do Centro Espírita Vicente de Paula, naquela cidade. E os dias prolongaram-se em 17 anos [1977]. Waldo Vieira falara-lhes, nessa ocasião, de tarefas a serem abraçadas, ali, na CEC, em Uberaba, por aconselhamento do grande benfeitor e amigo espiritual, Dr. Bezerra de Menezes.[463]

[462] MACHADO, 1992, p. 87
[463] NOBRE, 2014, p. 295.

Figura 152 – Chico Xavier em Uberaba tendo, ao seu lado direito, Yolanda Cezar, preparando-se para uma distribuição de Natal, [1975]. Fonte: SILVA, 2012, p. 159.

Figura 153 – Chico Xavier entre os amigos Zilda e Weaker Batista em uma peregrinação, [1965]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 154 – Dona Zilda Batista auxilia Chico Xavier durante psicografia, [1965]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 155 – Dona Zilda Batista auxilia Chico Xavier durante psicografia em uma sessão de autógrafos, [1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 156 – O casal Weaker e Zilda Batista na GEP, [1989]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 157 – Weaker e Tio Pedro no GEP, [1989]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 158 – Dona Zilda Batista auxilia Chico Xavier durante psicografia no GEP, tendo Tio Pedro ao seu lado, [1990].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 159 – Chico Xavier em trabalho de psicografia no GEP, contando com o apoio de Dona Zilda e Tio Pedro, [1999-2000].
Fonte: Acervo CMLCX.

Merece menção o tarefeiro “Tio Pedro”, alcunha de Pedro Antônio Garcia (1923-2017). Ele morava próximo da Igreja d’Abadia com suas irmãs em Uberaba, elas frequentadoras do Centro Espírita Uberabense. Acompanhando-as em uma sessão espírita, gostou e foi ao encontro de Chico Xavier no Grupo Espírita da Prece, onde passou a frequentar com assiduidade. Em um certo dia, Chico Xavier “me convidou para vir trabalhar com ele. Para mim foi uma benção! Quando as pessoas passavam na fila para cumprimentá-lo, ele dava num sei se um ou dois reais para as pessoas terem dinheiro de passagem”.[464] Até a desencarnação de Chico Xavier esteve presente ao lado do médium, promovendo a assistência nas sessões públicas, tendo continuado nesta função até o seu falecimento.[465]

Figura 160 – Tio Pedro ao lado de Chico Xavier em sessão pública, [1970-1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 161 – Tio Pedro antes da sessão pública no Grupo Espírita da Prece, Uberaba/MG. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

[464] *Revista Chico Xavier, 10 anos de Saudades*, 2012, p. 13.
[465] FERNANDES, Sebastiana da Silva (Tana). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 11 out. 2014, mp3.

A ritualística espírita segue uma rigorosa disciplina no tocante aos horários e momentos de realização de suas atividades, porque “o lado de lá” também está preparado e disponível para aquela agenda. Prioritariamente, costumava-se celebrar três datas magnas, a saber: 31 de março, que fazia menção a desencarnação de Kardec em Paris no ano de 1869; 18 de abril, quando ocorreu o lançamento de “O Livro dos Espíritos” também em Paris em 1857; 3 de outubro, data do nascimento de Kardec em Lyon no ano de 1804.[466] O dia 18 de abril acabou se transformando em “Dia Nacional do Espiritismo” e “Dia Nacional do Livro Espírita”.[467] Nestas ocasiões, Chico Xavier costumava fazer alguma atividade em alusão a estas efemérides espíritas:

> duas senhoras, uma vinda de Belo Horizonte e outro do Rio de Janeiro; dois homens, um vindo de Sete Lagoas e outro do Rio de Janeiro, reúnem-se na casa de Francisco Cândido Xavier para comemorar o nascimento do Espiritismo e a desencarnação de Allan Kardec, ocorridos ambos em 31 de março, respectivamente em 1949 e 1969, [...] Chico Xavier sugere que a pequena solenidade se realize numa ilha pitoresca, próxima da cidade, mas ao ar livre, à sombra de grandes eucaliptos. [468]

[466] De 14 a 18 de abril de 1949, Lins de Vasconcelos deu o seu apoio moral e financeiro na “Primeira Festa Nacional do Livro Espírita”. NICOLAI, Humberto. *História do Espiritismo no Brasil*. São Paulo: Phenix, 1996, p. 76.
[467] Datas que foram sancionadas oficialmente em nível nacional sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro, projeto de autoria do senador Eduardo Girão (Podemos-CE) e relatoria do senador Flávio Arns (Rede-PR). *Cf*. BRASIL. *Lei nº 14.354, publicada em 31 de maio de 2022*. Institui o Dia Nacional do Espiritismo.
[468] *Reformador*, nº 4, abr. 1945, p. 25.

Figura 162 – Calendário espírita anual/mensal, segundo a rotina de Chico Xavier. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

Com o posicionamento de Chico Xavier em nível nacional, outras datas foram se consolidando no calendário espírita que remetiam a sua pessoa. Dentre elas, o aniversário de Chico Xavier que se tornou uma homenagem ao médium ao mesmo tempo em que inscreveu a data de 2 de abril na tradicional política de efemérides do Espiritismo, “cuja raiz encontra-se na cultura cívica brasileira, onde datas e biografias de grandes homens são sucedâneas seculares das comemorações de histórias sagradas".[469] Trata-se de uma data que, inclusive, concorre com a relevância das efemérides do Codificador Allan Kardec:

> Hoje de fato é uma data muito significativa para todos nós, considero mesmo que, depois do dia 18 de abril de 1857, os 100 anos de Chico Xavier seja a data mais expressiva do calendário espírita porque nós estamos observando a manifestação espontânea em homenagem a Chico Xavier tomando conta de todo o Brasil.[470]

A “manifestação espontânea” vinha do próprio regozijo de Chico Xavier em comemorar sua data natalícia com os amigos mais íntimos. Neste aspecto, merece relevo a colaboradora Maria Eunice Lucchesi de Souza Meirelles, residente em São Paulo e esposa do veterinário Celso de Souza Meirelles. O casal já era conhecido de Chico Xavier dos tempos de Pedro Leopoldo, uma vez que Celso era amigo de Rômulo Joviano, antigo chefe de Chico Xavier na Fazenda Modelo.

> Gostaria de passar a palavra ao meu esposo, Dr. Celso de Souza Meirelles, que poderá relatar fatos importantes sobre a vida do nosso querido médium Chico Xavier, pois também acompanha as obras e o trabalho do prezadíssimo amigo desde 1947, quando também participou no setor de trabalho nas exposições do Ministério da Agricultura, referentes à Pecuária Mineira, juntamente com o Dr. Rômulo Joviano, na qualidade de Médico Veterinário e juiz das Exposições Pecuárias.[471]

Anualmente, Maria Eunice organizava uma comemoração íntima na casa do médium, com bolo, refrigerante e os doces que Chico Xavier mais gostava. A partir

---

[469] LEWGOY, 2011, p. 106.
[470] REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Uma vida com Chico Xavier – 100 anos.* Uberaba: Livraria FCX, 2010, p. 154. Outubro era considerado também o mês espírita, mês “de acontecimentos importantes que se deram em diferentes anos. Dentre esses acontecimentos talvez o mais importante seja o nascimento do professor Hyppolyte Léon Denizard Rivail, que mais tarde, ao escrever as obras espíritas, cognominou-se Allan Kardec". In: ROCHA, 2011, p. 118.
[471] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p.138.

de 1969, ela também esteve junta nas ações do Centro Espírita União (CEU). O paladar de Chico Xavier era bem mineiro, daquele do interior em tempos antigos: costumava pegar uma fatia grossa de Queijo Minas, fincava na ponta de uma faca e colocava na trempe do fogão "para dar uma tostadinha". Esse era seu café da manhã, com uma xícara de chá mate para despertar.[472] Em dias de visitas e em pequenas comemorações, como era o caso de seu aniversário, gostava de gelatina, pudim, doce de leite e goiabada cremosa. Costumava presentear os amigos de fora de Minas com latas de doce de leite e com o "tijolão", um grande tablete de doce de leite comumente encontrado em Uberaba.[473] Após a desencarnação de Chico Xavier, as celebrações do seu aniversário continuam sendo ainda hoje realizadas mesmo que em menor âmbito.

Figura 163 – Comemoração do aniversário de Chico Xavier em sua casa. Maria Eunice aparece à direita, [1975].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 164 – Maria Eunice ampara o médium durante psicografia no Encontro da Boa Vontade do Centro Espírita União, [1977].
Fonte: Acervo CEU.

Figura 165 – Última comemoração do aniversário de Chico Xavier em vida, junho de 2002. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 166 – Comemoração do aniversário de Chico Xavier com distribuição de bolo, onde se veem as tarefeiras Silma e Nildete, [2005].

[472] FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 out. 2014, mp3.
[473] CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 6 set. 2014, mp3.

Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 167 – Comemorações do aniversário de Chico Xavier no GEP. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, abr. 2015.

Figura 168 – Comemorações do aniversário de Chico Xavier no GEP com presença de oradores convidados. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, abr. 2015.

As ações de assistência social e fraterna foram realizadas em muitas frentes de trabalho, de forma a serem flexíveis o suficiente para dialogarem com as demandas de seu tempo, com os recursos disponíveis, e os tarefeiros envolvidos naquele momento. Estas atividades poderiam ser: eventos beneficentes de diversas naturezas; campanha do quilo; bazar; distribuição de sopa; instituição de escolas, asilos e orfanatos; farmácia ou botica homeopática; enxovaizinhos; caravanas; peregrinações e distribuição. É relevante destacar que estas ações de caridade, identificadas como a parte prática, ou seja, a realização dos ensinamentos doutrinários, expressavam também as hierarquias na cosmovisão espírita, postos serem realizadas majoritariamente por tarefeiros com menor nível de escolaridade formal.

Por outro lado, foi justamente esse contato com o povo em seus diversos estratos sociais, cores e credos, por meio de uma relação de corpo-a-corpo, que também sustentou a ampliação da capilarização do Espiritismo e também consolidou a imagem de Chico Xavier em relação ao *goodwiil*, posto que passava a ser visto como um filantropo que não acumulava para si qualquer benefício financeiro conquistado com o Kardecismo. Outro elemento de destaque é o fato de que esta perspectiva já estava presente e se realizava desde os tempos de Pedro Leopoldo, em uma continuidade, ampliação e maior impacto social em Uberaba, seguindo um calendário que se estendia por todo o ano e se fragmentava ao longo dos meses, de forma a contemplar outros territórios além de Uberaba. Afora a psicografia de Chico

Xavier, pode-se afirmar que este aspecto era uma característica *sine qua non* do Espiritismo defendido pelo médium e que também o diferenciou em relação aos outros médiuns.

Em Pedro Leopoldo, de acordo com seu irmão André Luiz, as peregrinações se iniciavam com a entrega de comida aos necessitados, que era feita de maneira fortuita ao longo da semana por Chico Xavier, seja com um pão, itens da cesta básica, ou ajuda financeira. Ele se lembra, ainda, que Chico comprou muita coisa em seu armazém para distribuir aos pobres: “Havia gente que morava embaixo da ponte, e Chico os ajudava. Havia um senhor chamado Nestor Vitor Bacena, pai de oito filhos pequenos, muito pobre. Esperava sempre pelo Chico”.[474]

Com o tempo, Chico Xavier sistematizou semanalmente um dia de distribuição de gêneros e assistência a estas pessoas de forma a engajar seus visitantes – caravaneiros e peregrinos – em prol da sensibilização às questões sociais urgentes e também para conseguir angariar itens a serem distribuídos. Em princípio, as peregrinações eram ainda chamadas de “romaria espiritual” no sentido de constituição de uma ligação mais direta ao vocabulário católico.

> A expectativa era, pois, grande, e, desde cedo, já se tinha como certa a participação, na assistência, de gente de fora, vinda de Belo Horizonte e de Sete Lagoas.
> Sondando a atmosfera, sentimos no ar claro em que a cidade se deixa embalar, bonita e saudável, uma aura sutil de mistério, a vaga palpitação – expectativa e ansiedade – de uma romaria espiritual que marchasse ao encontro das revelações.
> [...] A vossa ciência não conhece o homem integral, porquanto o esquecimento a que se acham submetidos os encarnados não deixam que se possa entrever a alma total. Emmanuel.[475]

Ao se transferir para Uberaba, Chico Xavier logo deu continuidade a estas ações, implementando e adaptando ao novo contexto.

> O movimento de visitantes foi intenso desde a chegada de Chico, mas, no início, os uberabenses olhavam com indisfarçável curiosidade seu novo e mais famosos habitante. Aos poucos, no entanto, a curiosidade foi sendo substituída por carinho orgulhoso. E, como num reconhecimento à sua simplicidade, o médium passou a ser chamado por todos de Tio Chico.[476]

---

[474] CARVALHO; MELO, 2010 p. 28.
[475] *O Globo*, 20 de maio de 1935, p. 1.
[476] MACHADO, 1992, p. 78.

Há de se destacar a intrínseca relação entre as ações do tripé religioso – estudo, caridade, mediunidade – e, em que pese o assistencialismo, aproveitando-se o calendário e a grande movimentação e agremiação de pessoas que eram decorrentes destas ações, aproveita-se para emplacar ações que dessem visibilidade à evangelização pelo livro espírita. Neste sentido, de acordo com Roque Jacintho,

> Os festivais, na mediunidade, festas de amor ao próximo!
> Quatro vezes ao ano, reúnem-se milhares de pessoas, em torno da Comunhão Espírita Cristã, alimentando-se o estômago faminto, vestindo os corpos nus, calçando os pés doloridos.
> Os denominados "festivais", realizados sob inspiração e assistência da mediunidade atuante de Chico Xavier, abordam datas que se destacam por pontos marcantes da Doutrina Espírita. São marcos das vidas de entidades espirituais a quem tanto devemos e êle, Chico Xavier, escolhendo estas datas, põe em prática o que tem sido feito pela Doutrina através dos livros: confraterniza-se com os menos felizes.
> A homenagem não cabe na Doutrina Espírita, mas as comemorações em datas significativas, fazem com que os espíritas meditemos nos bons exemplos dessas almas, que partiram, induzindo-nos a seguir-lhes as pegadas.[477]

O depoimento deixa a entender que existiam campanhas de distribuição que eram realizadas em situações específicas seguindo datas e biografias de "grandes homens" do Espiritismo. Neste caso, certamente eram realizadas no nascimento de Allan Kardec (abril), de Bezerra de Menezes (agosto) e de Jesus (dezembro), cabendo à quarta data possivelmente relacionada ao Dia das Crianças (outubro). Em depoimento de Dalva Borges, antiga diretora da CEC, temos informações um pouco diferentes daquelas de Roque Jacintho:

> Nós tínhamos três festivais: um era do Dr. Bezerra de Menezes, um do Natal e um do Livro. Eram festivais de boa ação, como eu nunca tinha visto antes. Havia muitas doações: arroz, feijão, macarrão e óleo, mas em muita quantidade. Dinheiro também. Chico de vez em quando distribuía dinheiro para algumas pessoas bem necessitadas, mas ele fazia sempre de maneira discreta. Teve certa vez que contamos quase dez mil pessoas participando desses festivais. Era um trabalho muito bonito, bom, embora, penoso, durante o dia todo, até tarde da noite.[478]

[477] JACINTHO, 1991 [1967], p. 84.
[478] CARVALHO; MELO, 2010 p. 68.

Essas campanhas de distribuição, portanto, eram três principais e chamadas de “três grandes distribuições”, cada uma tratada e contabilizada como “Distribuição Geral” ou, ainda, “Festivais Espíritas”, o que indica que outras distribuições esporádicas também ocorriam, mas que estas eram demarcadas no calendário anual no sentido de já se fazerem rotina entre os beneficiados da cidade:

Abril – Festival do Livro Espírita
Agosto – Festival Bezerra de Menezes
Dezembro – Festival de Natal

Figura 169 – Dalva Borges ao lado de Chico Xavier em sessão pública na CEC, [1975]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 170 – Dalva Borges no Lar de Idosos da CEC. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Sabe-se que o Iº Festival do Livro Espírita promovido pela CEC ocorreu entre os dias 15 a 22 de abril de 1960, com uma programação que envolvia palestras doutrinárias nos centros espíritas de toda a cidade, prevendo grande impacto em prol da doutrinação espírita. Estas reuniões, que ocorriam simultaneamente nos centros espíritas, com início às 19h30, contavam com a participação dos mais renomados oradores espíritas. Junto das distribuições de gêneros, os livros passaram a ter espaço e destaque, certamente a fim de ampliar o público leitor e, assim, também dinamizar o acesso e mesmo a demanda pelos livros espíritas. Também, comungavam diversas linguagens midiáticas, especialmente o rádio e a imprensa. A programação do Iº Festival do Livro Espírita foi assim definida:

16/04/1960: distribuição de obras espíritas
17/04/1960: distribuição de alimentos e roupas; programa radiofônico comemorativo “Hora Espírita Cristã”
Notas Espíritas no jornal “Lavoura e Comércio”

Vendas Especiais da Livraria Espírita
Distribuição de mensagens comemorativas
Exposição de jornais e revistas.[479]

Realizando-se anualmente de forma consecutiva, com participação direta de Chico Xavier pelo menos até o ano de 1967, o VIII Festival do Livro Espírita em Uberaba, por exemplo, marcou a 26ª Distribuição Geral e ocorreu entre os dias 14 a 19 de abril, com programação exclusiva na CEC e contemplando diversas ações e linguagens. Em geral, as palestras nas sessões públicas contavam com oradores convidados para aquele momento especial; a "distribuição geral" de roupas, alimentos e livros ocorria no sábado à 19hs; enquanto ao longo da semana, intervenções nos programas radiofônicos e publicação em jornais da cidade ampliaram a atenção e o público para o evento.[480]

O impacto das ações de distribuição – de alimentos/material e espiritual/moral – passou a ser exposto nas páginas de revistas de circulação nacional.[481] Ao mesmo tempo, arrebatavam-se a imagem de Chico Xavier que havia sido maculada pelo escândalo das materializações e pela dissidência de Waldo Vieira. Ao redirecionar empenho para a assistência social, alguns mecenas destas ações também ganharam destaque e maior confiança de Chico Xavier. A distribuição de Natal, neste sentido, que tinha doações anuais articuladas por Yolanda Cezar, contava com a mediação desta paulistana para conseguir angariar doações diversas, incluindo os enxovais, ao longo do ano.[482]

As distribuições de Natal acabaram se conformando como uma agenda de grande destaque nas ações de Chico Xavier até o fim de sua vida, que se estendia ao longo do mês de dezembro e com ações na própria noite de Natal com peregrinações que se iniciam às 20hs. Naquela época, o médium também costumava visitar outros centros espíritas, além de asilos, leprosários, hospitais e penitenciárias, de modo a realizar visitas em instituições beneficentes. No caso das

[479] BACCELLI, 1977, p. 218.
[480] Com o tempo, observa-se que passaram a se conformar com os termos sinônimos Festival – Feira – Exposição, com afastamento da distribuição de alimentos e, portanto, mudança do foco original destas ações. Já na década de 1970, observa-se a ampliação das Feiras Espíritas, local onde podem ser comercializados os livros e onde, geralmente, constituem uma banca para recolhimento de donativos, mas não de distribuição de donativos. Esta inversão se processou e consolidou os espaços das Feiras Espíritas como locais, prioritariamente, de comercialização de produtos espíritas.
[481] Exclusivo: Chico Xavier, o místico de Uberaba. In: *O Cruzeiro*, nº 53, p. 92-97, 1967.
[482] Na distribuição de Natal de 1982, "grandes caminhões trouxeram de São Paulo o material a ser distribuído (gêneros alimentícios, roupas, calçados e brinquedos) a aproximadamente 10.000 necessitados; e a Avenida João XXIII de Uberaba, ficou totalmente tomada pelo povo que acorreu ao Grupo Espírita da Prece". In: MACHADO, 1992, p. 88.

penitenciárias, havia ainda uma agenda anual no Dia das Mães para esse atendimento, o que demonstra que, ao longo do tempo, as “três grandes distribuições” na práxis de Chico Xavier, assumiram especialmente o Dia das Mães, Dia das Crianças e o Natal.[483]

Figura 171 – Caminhões com doação na porta da CEC, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 172 – Distribuições na CEC, década de 1960. Fonte: Acervo CEC.

Figura 173 – Yolanda Cezar ao lado de Chico Xavier na abertura de uma distribuição no GEP, 1982. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 174 – Yolanda Cezar em momento de descontração na distribuição no GEP, 1982. Fonte: Acervo CMLCX.

[483] Entre os anos de 1956 à 1959, por exemplo, Chico Xavier passava os natais e os anos-novos na cidade de Monte Carmelo, onde realizava cultos (“cultos da assistência e culto do estudo”) com psicografia no Centro Espírita Humildade, Amor e Luz, oficialmente fundado em 1937, e no Centro Espírita Luz de Joana D’Arc fundado em 25 de dezembro de 1959. In: MATOS, 2004, p. 21. Naquela época, na década de 1980, sob a organização de Elba de Melo Álvares, Chico Xavier visitava anualmente instituições beneficentes do Estado de Goiás, como a Colônia Santa Maria (Leprosário) na Vila São João e o Centro Espírita Jesus Gonçalves em Goiânia. Em Uberaba, sua agenda era obrigatória no Lar da Caridade ou Hospital do Pênfigo (Hospital do Fogo Selvagem) fundado por Aparecida Conceição Ferreira, bem como na Cadeia Pública da cidade. Na capital de São Paulo, por diversas vezes Chico Xavier visitou o extinto Complexo do Carandiru.

Figura 175 – Rotatório com vista para o Abacateiro em dia de distribuição, [1985-1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 176 – Caminhão com doações para a distribuição no GEP, década de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 177 – Distribuição de Natal realizada em Uberaba sob responsabilidade dos tarefeiros Sandra Pereira e Ronaldo Cadete, com arrecadação de donativos feita em São Paulo. Foto Digital: Luana C. M. Campos Akinruli, dez. 2015.

Figura 178 – Distribuição de Natal realizada em Uberaba sob responsabilidade dos tarefeiros Sandra Pereira e Ronaldo Cadete, com arrecadação de donativos feita em São Paulo. Foto Digital: Luana C. M. Campos Akinruli, dez. 2015.

Figura 179 – Peregrinação de Natal em Uberaba, onde se veem Netinho e Donda, 24 de dezembro de 1986. Fonte: BACCELLI, 1987.

Mas, além daquelas “três grandes distribuições”, Chico Xavier intensificou as peregrinações que estendiam semanalmente as distribuições, de maneira fragmentária, mas constante, que congregavam o atendimento da população local, de forma a se manter próximo da realidade do seu entorno imediato.

> A peregrinação é uma realização importante na mediunidade de Chico Xavier, onde, sobrepondo-se às intempéries, pisando o chão alagadiço e recebendo lama por toda parte, ele dá uma demonstração de amor, de disciplina, de obediência aos compromissos assumidos com os irmãos que necessitam.
> É uma sementeira de esperança, consolo e bom ânimo, feita por quantos se ungiram com os renovadores princípios do Espiritismo-cristã.[484]

As peregrinações que se iniciaram em vias de terra batida, sem asfalto, sem iluminação pública, tendo que contar com o uso de lampiões, de forma a contemplar casas de pessoas, em grande medida, acamadas e, pouco a pouco, levavam também a visibilidade das necessidades básicas da população periférica para outros âmbitos. Intensificadas entre as décadas de 1960 e 1970, as peregrinações se iniciavam por volta das 18hs, quando visitavam cerca de 8 a 10 casas levando palavras de conforto e algum auxílio material, e se estendiam até às 20hs, posto que o seu fim antecedia as sessões públicas da CEC que se iniciava às 20h30 do sábado. Por volta de 100 a 200 pessoas semanalmente acompanhavam Chico Xavier nestas situações, quando ele já havia congregado muito apoio à sua causa.

> Certa vez, eu participei de um trabalho muito belo que ele fazia. Consistia numa visita às pessoas mais necessitadas, à noite, e era chamado de peregrinação. Eu fui convidada para participar também, eram só umas quatro ou cinco pessoas com ele, e chamou uma outra senhora (que está ainda encarnada, ela deve ter hoje 90 e tantos anos, ela mora em Ipanema, no Rio de Janeiro). Ela era de um centro espírita de Ipanema, creio que é a Benildes. Então ele chamou, eu não a conhecia, e ele chamou a Benildes e deu o braço a nós duas. A gente ia caminhando, porque não havia propriamente uma estradinha, via-se um caminhozinho, entendeu? Ali no meio do mato, entrava ali. Fomos caminhando... tinha uma certa... a iluminação... não era totalmente escuro, né? E então nós fomos. Chegamos ao local, que não era muito longe. Chegamos ao local, uma casinha muito humilde. Chico vai, faz prece, conversa com a pessoa. Isso é muito lindo. Ele fez isso muitos anos, chamava de peregrinação. Eu tive a felicidade de ir e assistir a isso. Então ele fazia uma prece, é como que aplicava o passe, passava a mão na cabeça da pessoa, fazia um carinho assim nos ombros. Era um

[484] *Reformador*, nº 8, ago. 1964, p. 28.

> passe, né?! Então fazia prece e depois, antes de sair, colocava um trocadinho num cantinho, assim, sabe?... e colocava um dinheirinho também. Assim... eu nunca soube quanto, mas era alguma coisa que ele colocava ali, entendeu?[485]

Estas peregrinações que aconteciam aos sábados, inicialmente no meio da tarde e, posteriormente, no fim da tarde de forma a agremiar os participantes também para as sessões mediúnicas na CEC, contemplavam leitura do Evangelho, aplicação de passe e pontual distribuição. Todavia, tinha um significado mais potente de promover o assistencialismo na vida cotidiana daquela cidade consubstanciada pela ritualística espírita. A expansão da aceitação e mesmo adesão à Doutrina e ao próprio Chico Xavier se estabeleciam pelo corpo-a-corpo estabelecido naqueles momentos. De acordo com intelectual espírita Roque Jacintho (1928-2004), a complexidade desta ritualística tem muitos objetivos e obtém muitos resultados positivos, no circuito interno e externo da comunidade espírita:

> A peregrinação, quando Chico Xavier, todo sábado à noite, percorre o bairro pobre da localidade onde trabalha, acompanhado de verdadeira falange de auxiliares e visitantes, é uma assistência espírita dinâmica e ambulante, o próprio Evangelho em marcha consoladora.
> Nessa caminhada existe um duplo objetivo:
> ... um, talvez o mais importante, esclarecer os Espíritas e os que procuram orientação e conselho espiritual com o médium, levando-os de encontro ao sofrimento humano, de porta em porta, a céu aberto, com todo o sacrifício, mostrando um exemplo do Senhor Jesus descendo de seus paramos iluminados, a vir bater às portas de nossos corações, para nos descerrar o entendimento e os consolar nas aflições;
> ... outro, subsidiário e consequente, é levar o consolo às famílias visitadas, alentando-as com o pão que sacia a fome e com a luz que ilumina a alma, dentro das ponderações que Emmanuel faz em parte de sua mensagem “Culto da Assistência”.[486]

Aquelas peregrinações aos sábados, também tratadas de distribuições de sábado, foram se conformando, ao longo da década de 1970, no Culto do Abacateiro, também tratado de Reunião do Abacateiro que, pelo menos desde 1977, passaram a ocupar a agenda ritualística e assistencialista semanal, e seguiram mesmo após o desencarne do médium. Somando às dificuldades que iam se ampliando em relação à saúde de Chico Xavier, as peregrinações foram se

[485] BARROS, Brasil Fernandes de Um pouco de Chico Xavier por Suely Caldas Schubert. In: *Interações*, vol. 16, nº 2, 2021, p. 438-439.
[486] JACINTHO, 1991 [1967], p. 89.

avultando de tal forma que era necessário um ponto fixo e de apoio que permitisse, em local aberto e de acesso livre, o trânsito daqueles que se beneficiavam não somente das doações de recursos materiais, quanto das palavras doutrinadoras.

Figura 180 – Chico Xavier no Abacateiro durante os comentários da leitura do Evangelho, [1970-1980]. Fonte: BACCELLI, 1987.

Figura 181 – Chico Xavier na leitura do Evangelho no Abacateiro, ao lado de Weaker e Zilda Batista à esquerda, e Yolanda Cezar à direita.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 182 – Chico Xavier no Abacateiro durante a leitura do Evangelho, [1970-1980].
Fonte: BACCELLI, 1987.

Figura 183 – Chico Xavier no Abacateiro durante a leitura do Evangelho, jun. 1981. Observem grande quantidade de garrafas de água para a fluidificação durante a sessão. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 184 – Após a leitura e comentários do Evangelho, iniciava-se a distribuição no Abacateiro, [1970-1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 185 – Neusa Aparecida de Assis (Donda) auxiliando Chico Xavier na distribuição do Abacateiro, [1970-1980]. Fonte: BACCELLI, 1987.

Figura 186 – A tarefeira Neusa Aparecida de Assis (Donda) no GEP. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2016.

Estas ações de assistência social e fraterna compunham a ritualística chamada por Chico Xavier de culto da assistência e culto do evangelho que, para a tarefeira Donda, nem precisavam ser chamadas de assistência fraterna, mas assistência amiga, porque de acordo com o seu aprendizado de convívio com o médium, não há ambiente nem situação especial para realizar o amor.[487]

> A prática da caridade (manutenção de obras assistenciais, visitas a orfanatos, asilos, hospitais, atendimento a famílias necessitadas, entrevistas, doutrinação) supõe, portanto, num primeiro momento, o reconhecimento da imperfeição própria, e a consequente necessidade de evolução e redenção.
> Num segundo plano, porém, o "pobre" é visto como o símbolo vivo da imperfeição, da carência, da materialidade, expressando a tendência de reforço da ordem social pela moral. Cabe assinalar nesse contexto que o modelo pelo qual os espíritas pensam as relações entre espíritos superiores e inferiores é o das relações terrenas: opõem-se governantes e governados; habitantes do centro aos do subúrbio; patrão a empregado; colonizador e colonizado.[488]

[487] ASSIS, Neusa Aparecida de (Donda). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 11 out. 2015, mp3.
[488] CAVALCANTI, 1990, p. 151.

As atividades de assistência social, no entanto, sustentavam-se a partir de hierarquias que conformavam a manutenção da posição social e não a sua superação e a ruptura do padrão dominante. O antropólogo Victor Turner ao estudar as peregrinações religiosas em diversas religiões letradas do mundo, além de ter estabelecido um estudo comparativo, também se dedicou a compreender suas modificações e suas diferentes relações ao longo do tempo. Ao refletir sobre a semântica dos símbolos rituais, ele entende as peregrinações como fenômenos liminares, reveladores das relações sociais em um contexto com perspectiva de espírito de comunidade, e expressiva da estrutura social circundante através de sua própria organização social.[489]

As distribuições e peregrinações desenvolvidas por Chico Xavier, integrantes de um conjunto mais amplo de atividades assistencialistas, conformaram-se como unidades processuais do seu Sistema de Informação e foram estruturantes de outro Departamento, aquele dedicado ao estudo e à evangelização que tomou a missão da produção bibliográfica como mote para conduzir a sua missão. A caridade e a mediunidade, conforme temos testado, eram pilares do sistema ritual espírita. De acordo com De acordo com Henrique Kemper, ex-diretor da União Espírita Mineira (UEM),

> Eu costumo dizer o seguinte: que o menor trabalho que ele [Chico] fez foi a psicografia. Porque, na verdade, ele foi um Apóstolo dos humildes. Ele sempre tratou das pessoas com muito carinho e com muito amor. A gente sempre brincava, sempre brinca, falando assim: nas horas vagas ele psicografava. E conseguiu fazer as obras que ele fez.[490]

3.1.2. De casa, um parque editorial: a gestão da informação é um pilar

> Falam de uma missão do livro, um pacto entre Emmanuel e Chico: "Livros para os nossos dias, livros para o grande futuro. Recursos para nossa regeneração espiritual na romagem terrestre, luz do Alto para nossos caminhos da Eternidade" [...]
> É este um dos belos e importantes aspectos da missão de Emmanuel – o livro espírita. Dentro da sua grande missão, a missão do livro.[491]

---

[489] TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: UFF, 2008, p. 155-214 (Capítulo 5 – Peregrinações como processos sociais [1977]).
[490] BORGES JÚNIOR, Henrique Kemper. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 out. 2014, mp3.
[491] TAVARES, Clóvis. *Amor e Sabedoria de Emmanuel*. Araras, IDE, 1989, p. 138 e p. 140.

A chuva de livros se apresentou como uma visão profética daquela que iniciou Chico Xavier ao Espiritismo, Carmen Pena Perácio, na reunião mediúnica em 18 de janeiro de 1929. A vidência daquela tarefeira havia se manifestado antes mesmo que Chico Xavier tivesse conhecido Emmanuel, mas naquele momento o seu futuro tinha sido anunciado: ele iria ser autor de livros.[492] O médium, desde a mais tenra idade, já manifestava suas preferências pelo livro e pela leitura, apesar de não ter tido condições ou incentivo para ir além da 4ª série primária. Antes de se tornar o maior escritor numericamente falando de livros em território nacional, e certamente de maior vendagem, ele já desenvolvia e expressava suas artesanias produzindo cartões adornados e cadernetas artesanais. Em Pedro Leopoldo, quando ainda jovem, ele era acessado para riscar bordados e auxiliar suas vizinhas e amigas idosas na execução de “alguns pontos mais difíceis”.[493]

Chico gostava de fazer para si e presentear os mais íntimos com suas produções artesanais com composições de diversos tipos, mas geralmente produto de recortes e colagens de imagens de temas naturais que juntos formavam uma nova combinação. Bordava com letras capitulares poemas e mensagens de felicitações por datas festivas. Secava flores que achava pelo caminho e também riscava desenhos de motivos florais e os coloria em detalhe. Criações dispostas no papel que davam sentidos e significados para suas manufaturas em pleno exercício de produção.[494]

Figura 187 – Composição com folhas secas, feita por Chico Xavier como presente de Natal e que foi posteriormente emoldurado, s. d.
Fonte: Acervo CMLCX.

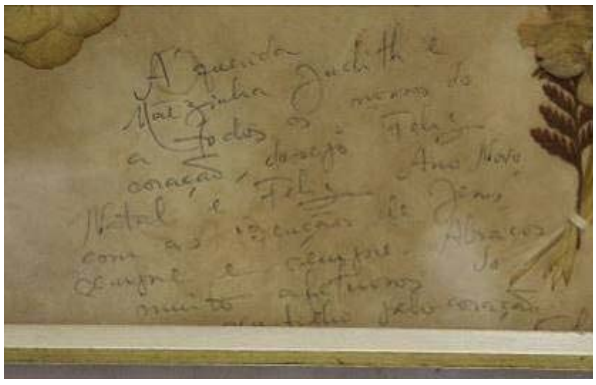


Figura 188 – Detalhe da dedicatória feita na mesma obra para “Mãezinha Judith”, s. d.
Fonte: Acervo CMLCX.

[492] XAVIER, Francisco Cândido. *O Esperanto como Revelação*. Pelo espírito de Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: IDE, 1976, p. 20.
[493] Folha Espírita, 1977, p. 10.
[494] Um desses seus livros artesanais serviu de matéria para a pesquisa de doutorado de FERNANDES, 2008.

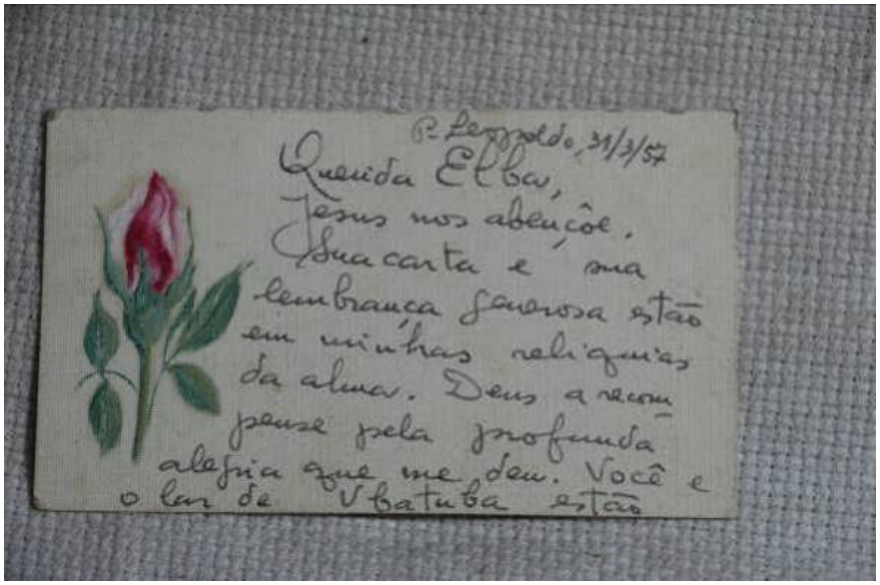


Figura 189 – Cartão com imagem e texto feito por Chico Xavier à amiga Elba, 1957.
Fonte: Acervo CMLCX.

Também, logo na produção das primeiras psicografias de Chico Xavier no ano de 1927, o médium procurou dar divulgação a tais mensagens. Naquele momento, para um ainda jovem desconhecido que era, os jornais funcionaram como propagadores de maneira muito veloz e popular de sua missão doutrinária. Apenas no jornal "Aurora" do Rio de Janeiro, dirigido pelo médium português Inácio Bittencourt foram, ao menos, 83 mensagens inéditas publicadas entre os anos de 1928 a 1933, o que foi sendo ampliado também em outros folhetins, com destaque para o "Reformador", órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira e o mais antigo periódico espírita ainda em circulação no Brasil.

Tabela 5 – Primeiras mensagens psicografadas por Chico Xavier divulgadas na imprensa

Período	Periódico	Local da Publicação	Direção do Periódico	Tipo de Periódico	Número de Mensagens
1928	Almanaque de Notícias	Portugal	--	Secular	--
1928-1933	Aurora	Rio de Janeiro/RJ	Inácio Bittencourt	Religioso (Espírita)	104
1928-1930	Gazeta de Notícias	Rio de Janeiro/RJ	José Machado Tosta	Secular	12
1928-1930	O Jornal	Rio de Janeiro/RJ	Diários Associados	Secular	4
1930-2009	Reformador	Rio de Janeiro/RJ Brasília/DF	FEB	Religioso (Espírita)	153

1930-1932	Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasieliro	Lisboa/Portugal	O. Xavier Cordeiro	Secular	8
1931-1932	Jornal das Moças	Rio de Janeiro/RJ	Agostinho Menezes	Secular	14
1936	Nação Brasileira	Rio de Janeiro/RJ	--	Secular	4
1936-1940	Diário da Noite	São Paulo/SP	Diários Associados	Secular	11
1936-1944	Correio da Manhã	Rio de Janeiro/RJ	Frederico Figner	Secular	13
1937	A Nação	Rio de Janeiro/RJ	Azevedo Amaral	Secular	1
1964-2002	Anuário Espírita	Araras	IDE	Religioso (Espírita)	89

Fonte: Compilação do autor, 2023.[495]

Não obstante terem fácil acesso, grande disseminação e popularização, as mensagens psicografadas publicadas em periódicos não tinham um caráter perene tal qual os livros. E apesar de servirem de teste para os princípios da grande missão imposta por Emmanuel a Chico Xavier, era necessário que outras estratégias fossem tomadas e as mensagens inéditas passassem a conformar o conteúdo dos livros.[496] O médium que assinava F. Xavier, ao longo do tempo, transfigurou-se para Francisco Cândido Xavier, quando ele assumiu a identidade ou a personalidade de literato.

Para Collaro, entre os produtos gráficos, o livro é o que detém o maior cabedal de conhecimentos, “a ponto de sua história se confundir com a própria história do pensamento”. O livro é responsável pela transmissão do conhecimento e, de acordo com ele, foi, é e sempre será encarregado de levar às futuras gerações o conhecimento produzido pela espécie humana.[497] Por outro lado, Andrew Haslam ressaltou que os livros, ao serem reproduzidos e publicados, permitem que as ideias

[495] Baseado em XAVIER, 2012; XAVIER, 2022; XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras Sublimes*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014; XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas do Alto*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2017. XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier e suas mensagens no Anuário Espírita*. Por espíritos diversos. Araras: IDE, 2017. BARBOSA, 1970, p. 73-79.

[496] Cumpre ressaltar que Manuel Quintão (1874-1954), presidente da FEB em diversos mandatos, foi quem incentivou a publicação do primeiro livro de Chico Xavier, “Parnaso de Além Túmulo” (1932).

[497] COLLARO, Antônio Celso. *Produção gráfica*: arte e técnica da mídia impressa. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 67.

transcendam o tempo, sem restrições geográficas ou de épocas.[498] No caminho de construção de uma estrutura para a execução da “missão do livro” ou da “tarefa do livro”, segundo Emmanuel, de forma a tornar produtivo o Departamento editorial de Chico Xavier e fazer valer uma complexa estrutura editorial, o médium esteve entremeado de muitas sendas que, entretanto, elevaram-no a este assento atemporal. E os seus livros tiveram grande influência na conformação deste fenômeno.

Ademais, a leitura tem papel dogmático no Espiritismo, sendo de extrema relevância o fato de a cultura escrita, a oralidade e as narrativas literárias conformarem a prática kardecista, de forma a expressar sua cosmovisão e ensinar ritualísticas baseadas na cultura letrada e que dependem, em grande medida, da escrita e da leitura para sua realização. Como ressaltou Lewgoy, o Espiritismo kardecista no Brasil, tal qual o modelo implementado por Chico Xavier, pretende-se cristão, racionalista e erudito, de forma a legitimar a autoridade de seu referencial doutrinário, cosmológico e ritual por meio de práticas culturais letradas.[499]

A produção literária de Chico Xavier contemplou diversos estilos, como os poemas, trovas e contos, por exemplo, e pode ser dividida em pelo menos três fases: a esclarecedora, associada à “Coleção André Luiz”, que mostra como se vive, o que se faz, o cotidiano da vida espiritual; a dos romances de Emmanuel com os comentários e ensinamentos do Evangelho; e, por último, a fase consoladora contemplando as mensagens de familiares desencarnados. Esta última, também chamada de “literatura de consolação” que foi inaugurada por Chico Xavier, é formada pela psicografia de cartas domésticas de desencarnados endereçadas aos encarnados que sofrem pela dor da perda ou pela saudade e, portanto, ao passo que têm uma função de serem mensageiras imediatas, também promovem a comunicação das diretrizes espíritas de maneira ampliada.[500]

---

[498] HASLAM, Andrew. *O livro e o design II*: como criar e produzir livros. 2ª ed. São Paulo: Rosari, 2007.

[499] LEWGOY, 2004.

[500] Este rótulo “literatura de consolação” que tem por finalidade o consolo dos familiares, baseia-se em mensagens particulares produzidas em ritos públicos e que passou a ser difundida por meio editorial. Ou seja, são correspondências com os mortos que podem ser lidas “como etapa da trajetória biográfica e não como o seu fim, a morte deixa de ser vista como ruptura para ser reinterpretada como etapa de um percurso que se renova. [...] A noção de continuidade implica espelhamento: o morto só tem identidade na relação com o próprio passado, que só existe como memória entre os indivíduos de suas ex-relações sociais mais próximas. Atualizá-las, portanto, condição de construção de sua identidade como ‘presença’, que a escrita inscreve neste mundo, e a saudade perpetua para além deste, no tempo". In: STOLL, Sandra Jacqueline. Dos mortos e sua

O conjunto da obra de Chico Xavier apresenta grande plasticidade em termos de adaptação às demandas e necessidades de várias ordens, sejam exigências doutrinárias, questões de mercado, especificidades do público-alvo, aspirações pessoais. Por isso, é variada em estilos, tipos, formas, funções. Modelavam-se também a depender das parcerias que eram estabelecidas em plano terreno. A produção junto com Waldo Vieira, por exemplo, é marcada por um linguajar mais hermético, compunham espécies de manuais que tentavam dialogar com o universo das ciências. Da linguagem rebuscada e de volumes mais robustos, os livros de Chico Xavier foram rareando em páginas, mas concentrando em palavras que tocavam o sentimento de seu público leitor. Títulos diretos, livros curtos, palavras facilmente entendíveis, estruturas sintetizadas: as obras carregavam ações, afirmativos e imperativos morais a serem seguidos.[501]

> O primeiro plano de Emmanuel foi de trinta livros, que cumpri até 1947; o segundo foi de 60, cumprido até 1958; de 1959 para cá, não me compete saber dos seus planos, mas apenas obedecer. É o que estou fazendo e não sei quantos livros chegaremos.[502]

Portanto, a primeira meta de 30 livros foi atingida em 20 anos, a segunda meta de outros 30 livros foi atingida mais rapidamente, em 11 anos, o que variava de acordo com muitas questões, indo desde as questões materiais e cotidianas de quando Chico Xavier ainda era um profissional ativo e dependia de seu emprego a sua sobrevivência, até o compartilhamento da responsabilidade e, assim, da autoria das obras psicografadas.

Sobre o número exato de livros produzidos por Chico Xavier não há uma quantificação oficial ou um consenso sobre este assunto. Levando em consideração a sua produção em vida e, como veremos a seguir, pelo rigor da produção e acompanhamento em todo o processo editorial por parte do médium, entende-se o valor e a responsabilidade assumida por ele em uma obra que contasse com a sua autoria. Especialmente, porque todas as etapas se davam a partir da colaboração dos mentores espirituais, participação que ia desde a definição do título até a o

---

volta: biografia e família na literatura espírita. In: *Debates do NER*, ano 10, nº 15, jan.-jun. 2009, p. 164.

[501] "Após a colaboração com Waldo Vieira, em que os livros de André Luiz passam por um período de complexificação extrema na linguagem, a partir dos anos 60 ganha força a publicação de 'livros de mensagens'. Trata-se de cartas psicográficas a familiares que consultavam o médium em Uberaba". In: LEWGOY, 2010, p. 213.

[502] BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier mediunidade e coração*. São Paulo: IDEAL, 1985, p. 55.

formato final da obra. Desta forma, nesta pesquisa foram considerados dois contextos de produção dos livros de Chico Xavier, sendo o primeiro em vida, quando produziu um total de 416 livros[503] e, por outro lado, uma produção *post-mortem* conferida a ele, com quantitativo de títulos de difícil definição.[504]

A produção *post-mortem* de Chico Xavier é um outro tema bastante controverso, mas pouco debatido na arena pública do Espiritismo, especialmente por trazer a reboque interesses financeiros que são sempre positivos para qualquer produto que leve o nome do médium levando em consideração seu excepcional *goodwill*. Neste sentido, tem sido realizada uma garimpagem em busca de manuscritos originais, publicações da imprensa não anexadas em livros, cartas particulares de desencarnados e mesmo um conjunto epistolar pessoal endereçado a diversas pessoas, a fim de serem compiladas e formarem novas publicações de autoria de Chico Xavier.[505]

E, neste sentido, seu rol de publicações torna-se ilimitado, mas cujos tratamentos em relação aos direitos autorais – que para Chico Xavier eram doados em prol da manutenção de atividades assistencialistas – não tem exatamente o mesmo fim que o desejado pelo médium. Tão pouco as propostas editoriais, levando em consideração a execução do projeto e o seu resultado, levam as mesmas características do médium. Novas editoras vão se especializando nessa garimpagem e velhos biógrafos reeditam versões já publicadas das biografias sem ter para quem pedir mais autorização. Os coautores passam a dividir espaço com Chico Xavier, mesmo o médium não podendo mais opinar sobre a publicação.[506]

---

[503] *Cf*. Apêndice "6.1. Relação dos livros publicados por Chico Xavier (1927-2002)" ao fim desta tese.
[504] *Cf*. Apêndice "6.2. Relação dos livros *post-mortem* de Chico Xavier (2002-2023)" ao fim desta tese.
[505] Por exemplo: de acordo com João Marcos Weguelin, "O material que resgatamos é composto de mensagens de Chico Xavier que localizamos em 'Reformador" em suas edições de 1933 a 1950. As psicografias foram extraídas dos artigos e por isso mesmo ganharam novos títulos por uma questão de direito autoral". In: XAVIER, 2014, Introdução. Ressalta-se, todavia, que estes trabalhos de busca ativa e retomada de antigas mensagens psicografadas já haviam sido realizados por Chico Xavier em vida, cujas obras lançadas a partir deste investimento refletiram os desejos, interesses e interferências diretas do médium e de seus benfeitores espirituais. Assim, citam-se antigas psicografias do médium realizadas em diversos centros espíritas em período diversos (1945-1978), inclusive também produzidas no Centro Espírita Luiz Gonzaga em Pedro Leopoldo. *Cf*. XAVIER, Francisco Cândido. *Marcas do Caminho*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1979. "Em 1995, com a produção mediúnica de Chico já bem reduzida, face de seu estado de saúde, o dedicado secretário Vivaldo procurava reunir mensagens já divulgadas, mas ainda não incluídas em livros, para organizar novas obras, sob a orientação do médium e de Emmanuel, pedindo a colaboração dos confrades". In: REIS, 2010, p. 136.
[506] Um caso emblemático que ainda ocorreu em vida e que demonstra o quanto Chico Xavier se responsabilizava e, portanto, controlava a sua produção intelectual, diz respeito ao livro "Nós Partimos para o Além" (1978) organizado por Luciano Napoleão da Costa e Silva. A obra que trata do

Além do atrativo financeiro, é evidente a influência decorrente destas filiações à obra de Chico Xavier, que concebem a perpetuação de matrizes e linhagens, ou seja, relações genealógicas da produção mediúnica com lastro de origem que chancelam as práticas daqueles que, portanto, passam a ser também considerados filiados ao nome de Chico Xavier.

Havia, portanto, uma equipe espiritual em trabalho constante para a escrita dos livros mediúnicos, o que nos permite refletir estas ações sob a perspectiva de uma ação colaborativa. A construção de uma autoridade textual, baseada em uma credibilidade do médium e do espírito comunicante, por outro lado, chancelava a construção de coautorias e definição das linhagens intelectuais espirituais. Nesta construção compartilhada, a psicografia era o meio de manifestação performática tanto dos espíritos quanto do homem que realizava aquela codificação. Configura-se, neste sentido, uma rede intertextual inédita com a escrita psicográfica, cujos processos de criação e definição de autoria eram também reposicionados. Quando o processo de produção psicográfica ainda era pouco conhecido e, portanto, passível de muitas desconfianças e testes, os críticos ao Espiritismo falavam que os autores espirituais eram meramente heterônimos do autor-médium.

De um quintal compartilhado em Pedro Leopoldo, Chico Xavier produziu 59 livros; de outro conjunto edificado compartilhado em Uberaba, produziu outros 358 livros. Segundo informações organizadas pelos livreiros Stig e Edith Ibsen, até a data de 31 de dezembro de 1971, Chico Xavier tinha publicado 112 livros – estando um ainda no prelo naquele momento –, destes 108 frutos de produção mediúnica e 4 compilações de obras. Em território nacional, havia 353 edições do total destas 112 obras, além de 23 traduções para outros idiomas. Aquelas 112 obras totalizavam

---

caso das mensagens de cinco jovens desencarnados, de forma a narrar suas biografias até a comunicação além-túmulo, considerou o fato de que, por tratar das psicografias de Chico Xavier, deveria incluir o nome do médium como autor principal em um apelo explícito de vantagem e prestígio sobre a publicação. As cartas de repúdio ao ocorrido foram publicadas na imprensa e em livro sobre Eurípedes dos Reis. In: HIGINO, 2016, p. 89-98. O caso foi também divulgado em NOBRE, Marlene. *Lições de Sabedoria*. São Paulo: Fé Editora, 1996, p. 273-274: “Eis o trecho (Chico dirige-se a Luciano): Você, apesar de seu entusiasmo pela Doutrina Espírita, que eu compreendo, não poderia colocar nossos nomes juntos na capa de seu livro ‘Nós Partimos para o Além’ sem qualquer entendimento comigo, porque todos os livros, em dupla autoria, sob minha responsabilidade, são previamente examinados por Emmanuel. Não poderia usar meu nome dando ao público a ideia de que estou de acordo com você, quando não tenho a menor ciência do que você está fazendo, ainda mesmo que o seu intuito de cooperara na assistência a instituições respeitáveis, possa ser alegado em seu favor, como acontece no caso do livro que você está lançando”.

21.987 páginas, de 501 diversos autores espirituais. Destes autores, 289 eram poetas e prosadores.[507]

Em 1971, Chico Xavier publicou 9 novos livros e 13 tiveram lançados outra edição, totalizando 22 produções em apenas um ano. Portanto, somente em 1971, foram impressas 1.219 páginas novas páginas de psicografias e um total de 218.000. No intervalo de 1932 a 1970, haviam sido realizadas 353 edições de livros (novos e reedições), totalizando 20.7698 páginas mediúnicas impressas e 2.559.000 livros. Portanto, entre 1932 a 1971, 353 edições das obras de Chico Xavier tinham sido produzidas, com 21.987 páginas mediúnicas contempladas em 2.777.500 edições.[508]

O volume total de vendas de Chico Xavier é uma informação de difícil atribuição, mas, desde o lançamento do seu primeiro livro “Parnaso de Além Túmulo” (1932), o médium se tornou um fenômeno de vendas.[509] Esta obra teve sua primeira edição de 2.000 exemplares esgotada em poucos meses, de modo a definir como regra a necessidade dos livros de Chico Xavier nunca serem lançados em milhagem inferior, cada uma, a 5.000 exemplares.[510] Em 1977, em comemoração aos 50 anos de mediunidade de Chico Xavier, ele tinha 150 obras publicadas e mais de 4 milhões de exemplares vendidos, estando o “Parnaso de Além Túmulo” (1932)

---

[507] IBSEN, Stig Roland; IBSEN, Edith Nóbrega Canto (orgs.). *Catálogo Geral da 100 Obras e do Anexo-1970*. São Paulo: LAKE, 1972, p. 54. O sueco naturalizado brasileiro Stig Roland Ibsen (1927-1995) e sua esposa Edith Nóbrega Canto Ibsen (1924-2005) foram amigos próximos a Chico Xavier e por sua indicação, o casal fundou o Grupo Espírita Auta de Souza em São Paulo no ano de 1964, contando com a assistência espiritual daquela mentora que acompanhava Chico Xavier. Constituíram também a Livraria Espírita Boa Nova em 1972, a primeira fora das dependências de um centro espírita no Brasil e também deixaram importante contribuição por meio de pesquisas bibliográficas do Espiritismo.

[508] IBSEN; IBSEN, 1972, p. 24-25. É importante esclarecer que o levantamento de dados relacionados às publicações espíritas necessita de informações sobre o mercado editorial brasileiro e, nem sempre, são atuais ou precisas, mas fornecessem preciosas indicações. A necessidade da valorização e preservação de antigos catálogos das livrarias, bem como a ausência de dados bibliográficos transparentes, dificultam este tipo de pesquisa. Neste sentido, ressalta-se que além dos dados bibliométricos inicialmente sistematizados pelo casal Ibsen, que contemplou o período de produção intelectual de Chico Xavier entre 1932 a 1971, nesta investigação doutoral foi realizada busca ativa individual em cada um dos livros de Chico Xavier a fim de construir pelo menos um panorama – não esgotado – mais atualizado contemplando informações como as edições, vendagem, etc. Esses dados foram sistematizados em bancos de dados próprios para identificação e contraste, de modo que se encontram como apêndices desta tese.

[509] "- Qual o total de livros até agora psicografados e vendidos pelo senhor?
- Não tenho uma estatística do total vendido, porém as editoras que recebem as doações têm documentos nesse sentido, que podem ser consultados, principalmente na Livraria Boa Nova, na Rua Aurora, em São Paulo. Eu, pessoalmente não tenho idéia, porque o livro sai de nossas mãos como um documentário. Eu apenas assino a doação dos direitos autorais que me possam caber”. In: XAVIER, 1975, p. 49.

[510] XAVIER, 1976, p. 32.

em sua 9ª edição com 40.000 exemplares.[511] Mas, o best-seller de Chico Xavier, naquele ano, era a obra “Nosso Lar” (1944) que, em sua 18ª edição, tinha tiragem de 210.000 livros.[512]

Assim, aos 50 anos de atividade psicográfica ao fim de 1977, Chico Xavier tinha o seguinte saldo:

> Livros psicografados: 153
> Autores Espirituais: 572
> Edições Nacionais: 573
> Tiragem: 4.801.500
> Páginas psicografadas: 28.658
> Em parceria com Waldo Vieira: 17
> Autoria de Emmanuel: 38
> Edições Nacionais de Emmanuel: 160
> Tiragem das obras de Emmanuel: 1.342.500
> Autoria de André Luiz: 17
> Edições Nacionais de André Luiz: 117
> Tiragem das obras de André Luiz: 1.232.000 [513]

Dez anos depois, o casal Ibsen fez uma pequena atualização dos dados bibliométricos anteriormente tratados por eles. Organizando os 300 livros produzidos em 60 anos de mediunidade de Chico Xavier, de forma a sistematizar as obras por categorias – poesias; revelações da vida no Plano Espiritual; romances; contos; crônicas históricas; relacionadas às obras de Allan Kardec; relacionados ao Novo Testamento e aos atos do Apóstolos; infância; comunicações familiares – a nova pesquisa de 1987 apontou os seguintes dados sobre a produção em poesia do médium:

---

[511] XAVIER, Francisco Cândido; RAMACCIOTTI, Caio. *Crianças no Além*. Pelo espírito de Marcos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1976, Folha de Rosto Comemorativa.

[512] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 248. Elias Barbosa também contribuíu em relação à compilação de dados sobre a produção bibliográfica e bibliométrica de Chico Xavier: “Em 1967, fizemos um sumário estatístico da obra mediúnica de Chico Xavier, observando um fato assaz importante – o das edições dessas mesmas obras, em relação a de alguns dos nossos mais famosos escritores. Iniciamos, com o devido respeito, por Jorge Amado (Itabuna, Estado da Bahia, 10 de agosto de 1912). Como sabemos, seu primeiro romance – ‘O País do Carnaval’ –, saiu em 1931; o segundo – ‘Cacau’ –, em 1933; e o terceiro – 'Suor' –, em 1934. Pois bem, em 1966, o primeiro e o segundo estavam com dezesseis edições, estando com quinze o terceiro. Ora, se pensarmos bem, o ‘Parnaso de Além Túmulo’ foi lançado em 1932. Gênero em mais difícil instalação comercial – a poesia – e, em 1967, atingiu oito edições e, em 1972, a nona. Os romances de Jorge Amado (atualmente com mais de dez milhões de exemplares vendidos e com as obras traduzidas em 36 idiomas e publicadas em 50 países), não deveriam, segundo a lógica, ter, pelo menos, quatro vezes mais? [...] ‘O problema de que ele fala é o da dificuldade que os editores enfrentam para publicar um livro de poesias’. E explicando por que a Saraiva talvez não vá publicar mais livros de poesia, aponta uma das provas concretas: ‘Uma delas é 'Poesia Completa de Castro Alves'. A última edição – de 5 mil exemplares – é de 1960 e ainda não se esgotou em dez anos. E lançar um livro desses representa um investimento de cerca de 20 mil cruzeiros novos. Ora, não há editor que esteja disposto a esperar mais de cinco anos – como é o caso – para ter algum lucro com um investimento”. In: XAVIER, 1976, p. 28-31.

[513] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 242.

> Somente nestes livros [de poesia] temos mais de 500 poetas identificados e, calculam-se mais de 50.000 versos, na produção poética, servindo, neste aspecto, para mais uma avaliação quantitativa e qualitativa da sobrevivência do Espírito.[514]

E, em se tratando das comunicações familiares que ganharam grande expressão a partir da década de 1970, Ibsen informou:

> É aqui que a crítica ao Espiritismo encontra o seu maior entrave, pois nestas obras aparecem dados pessoais, com detalhes de local, ano, hora, nome de parentes vivos e ditos "mortos", algumas vezes desconhecidos dos próprios familiares, a assinatura do "morto", conferindo com documentos, outras identificações, e retificações de julgamentos, situações, coisas pessoais e de outras pessoas, somente reconhecidas pelos envolvidos e, às vezes, somente comprovadas tempos após a recepção da mensagem.[515]

Em termos de produção até o ano de 1987, aos 60 anos de mediunidade, segundo o seu último levantamento realizado, Ibsen apontou que das edições e quantidades "chegamos, agora, praticamente a 1.500 edições, com aproximadamente 15 milhões de exemplares vendidos".[516] Nestas condições, temos uma média de venda anual de 250 mil livros de Chico Xavier até aquele momento, número que se tornou cumulativo, crescente, progressivo e proporcional à maior inserção no mercado de novos livros de sua autoria, especialmente se tomarmos os dados iniciais das vendas exclusivas da Editora da FEB que tinha maior peso editorial em relação às outras editoras até, pelo menos, a década de 1960:

> No período de um ano, ou seja, no Exercício de 1º de Julho de 1958 a 30 de Junho de 1959, o nosso Departamento Editorial vendeu 101.623 exemplares de obras mediúnicas recebidas por Francisco Cândido Xavier. Deste Autor, foram vendidos pelo nosso Departamento:
>
> Até 1943 – 67.025
> De 1943 a 1954 – 653.835
> Em 1955 – 50.857
> Em 1956 – 69.811
> Em 1957 – 74.813
> Em 1958 – 99.805
> Em 1959 – 101.623
> Total, até 30/06/59 – 1.117.776

---

[514] IBSEN, Stig Roland. Chico Xavier, 60 anos de mediunidade – 300 livros. In: *Chico Xavier*: 60 anos de mediunidade, 1991 [1987], p. 66.
[515] *Idem*, p. 68.
[516] *Idem*, p. 69. Até o ano de 1955, por exemplo, somente pela Editora da FEB, "dos 52 livros já publicados de Francisco Cândido Xavier, muitos já tiveram cinco edições ou mais em poucos anos". In: *Reformador*, nº 10, out. 1955, p. 12.

> Nota: Nesta relação não foram incluídos os livros do mesmo Autor, publicados por seis outras editoras.[517]

Neste sentido, observa-se que entre as décadas de 1920 à 1940, comercializava-se pela FEB uma média de 4.200 livros/ano, o que vai sendo ampliado ao longo da década de 1950 para dez vezes mais esse valor, até que na década de 1960, vendia-se mais de 100 mil livros de Chico Xavier por ano pela FEB. Na década de 1980, tínhamos uma média de 250 mil livros vendidos em todas as editoras responsáveis pelas obras do médium, de modo que a década de 1970 foi, portanto, fundamental para que suas obras caíssem no gosto popular e, sem dúvidas, a chamada "literatura de consolação" teve um peso preponderante nesse movimento. E, para dar uma dimensão do que significam estes números, temos como contraponto outro dado da FEB:

> Um correspondente informa que até Junho de 1959 haviam sido impressos 1.813.00 exemplares de livros de Allan Kardec – um dos quais está sendo publicado em nossas colunas. Igualmente extraordinário é a publicação de 1.117.766 comunicações (livros) recebidas através de um famoso médium (Chico Xavier). Para apreciar o significado desses números é preciso dizer que se imprimem cerca de 5.000 exemplares, em média, de um romance no Brasil, e 50.000 a 80.000 exemplares de um "best-seller".[518]

As informações sobre a vendagem da Editora da FEB foram publicizadas na principal revista espírita do país – que tinha uma tiragem em 1963, por exemplo, de 38.000 exemplares mensal –, certamente a fim de estabelecer a transparência sobre a renda e sua destinação, somente entre o ano de 1954 a 1961. Depois disso, desconhecem-se publicamente dados compartilhados a este respeito. Inclusive, se acompanharmos os dados presentes nas fichas catalográficas da maioria dos livros publicados de Chico Xavier por esta editora, não se conseguem mais informações sobre as edições daquela obra ou a sua tiragem. Especialmente depois do falecimento de Chico Xavier, houve um processo de remodelagem do projeto editorial de suas obras pela FEB que, inclusive de acordo com um coletivo popular

---

[517] *Reformador*, nº 8, ago. 1959, p. 21. E entre julho de 1959 a 30 de junho de 1961, "o nosso Departamento Editorial vendeu 243.973 exemplares de obras mediúnicas recebidas por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Destes Autores foi vendido até os dias de hoje, ou melhor, até 30 de Junho de 1961, um total de 1.361.739 exemplares de livros". In: *Reformador*, nº 9, set. 1961, p. 17.

[518] *Reformador*, nº 11, nov. 1960, p. 26. Segundo Hess, o Departamento Editorial da FEB informou que até julho de 1968, havia publicado 10 milhões de livros espíritas, incluindo 2.334.000 cópias de Allan Kardec, contra 1.931.000 de livros de Chico Xavier. Importante ressaltar que, à época, o número médio de cópias para um best-seller no Brasil era de 20.000 livros. In: HESS, 1969, p. 144. Tradução nossa.

do movimento espírita, afirmou ter a instituição promovido adulterações dos originais de Chico Xavier.[519]

Já na década de 1990, de acordo com outros dados de menor precisão, estima-se que Chico Xavier contava com mais de 400 títulos de livros psicografados com aproximadamente 15 milhões de livros em circulação. Naquele momento, 50 milhões de livros espíritas estavam em circulação no Brasil, sendo 12 milhões de Allan Kardec. Observa-se, portanto, que na década de 1990, houve uma virada de consumo dos livros espíritas em favor e predominância de Chico Xavier.[520]

Tabela 6 – Algumas das mais vendidas obras de Chico Xavier até dezembro de 2015

Obra	Autoria Espiritual	Ano	Editora	Tiragem
Sinal Verde	André Luiz	1971	CEC	473.500
Agenda Cristã	André Luiz	1948	FEB	470.000
Os Mensageiros	André Luiz	1944	FEB	440.000
Missionários da Luz	André Luiz	1945	FEB	440.000
Há Dois Mil Anos...	Emmanuel	1939	FEB	435.000
Nosso Lar	André Luiz	1944	FEB	420.000
Paulo e Estevão	Emmanuel	1942	FEB	420.000
Cinquenta Anos Depois	Emmanuel	1940	FEB	317.000
E A Vida Continua...	André Luiz	1968	FEB	314.000
Nos Domínios da Mediunidade	André Luiz	1955	FEB	313.000
Renúncia	Emmanuel	1943	FEB	311.000

[519] O coletivo denominado “Resgatando as Obras Originais de Chico Xavier” está ativo publicamente pelo menos desde setembro de 2020, e tem produzido diversos relatórios e documentos que compartilham, divulgam e mesmo denunciam estas alterações que foram identificadas por eles em 117 obras da lavra de Chico Xavier. E, para isto, tem fomentado a digitalização e o compartilhamento das primeiras edições das obras de Chico Xavier em um movimento colaborativo de suma importância não somente do ponto de vista doutrinário, como em relação à memória e à preservação do patrimônio bibliográfico do médium e do Kardecismo. *Cf*. *Resgatando as Obras Originais de Chico Xavier*. Disponível em https://obrasoriginais.chicoxavier.ca/ e https://www.facebook.com/ObrasOriginais.ChicoXavier, acessado em 28 de maio de 2023.

[520] SANTOS, José Luiz. *Espiritismo*: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997, p. 89.

Jesus no Lar	Neio Lúcio	1950	FEB	290.000
Obreiros da Vida Eterna	André Luiz	1946	FEB	290.000
No Mundo Maior	André Luiz	1948	FEB	280.000
Libertação	André Luiz	1949	FEB	275.000
A Caminho da Luz	Emmanuel	1938	FEB	263.000
Pão Nosso	Emmanuel	1950	FEB	262.000
Sexo e Destino	André Luiz	1949	FEB	262.000
Entre a Terra e o Céu	André Luiz	1954	FEB	260.000
Ação e Reação	André Luiz	1957	FEB	255.000
Fonte Viva	Emmanuel	1956	FEB	248.000
Vida e Sexo	Emmanuel	1970	FEB	240.000
Companheiro	Emmanuel	1977	IDE	223.000
O Consolador	Emmanuel	1941	FEB	218.000
Caminho, Verdade e Vida	Emmanuel	1949	FEB	216.000
Evolução em Dois Mundos	André Luiz	1959	FEB	216.000
Vinha de Luz	Emmanuel	1952	FEB	215.000
Ave, Cristo!	Emmanuel	1953	FEB	210.000
Voltei	Irmão Jacob	1949	FEB	204.000
Brasil, Coração do Mundo	Humberto de Campos	1938	FEB	202.000
SUBTOTAL				8.982.500

Fonte: Adaptado de Wikipedia, 2023.

São dados extraordinários e ainda pouco consensuais mas há, todavia, um "*modus operandi* dos Espíritos" para que isto tudo pudesse acontecer, de acordo

com as palavras do guia espiritual Emmanuel.[521] E que sustentou, esteve diretamente relacionado e mesmo expresso no Sistema de Informação constituído para a missão doutrinária, cuja gestão da informação dependeu da realização a partir de sua casa, seguindo os imperativos de uma estrutura intelectual que alimentou o parque gráfico que o médium colocava em operação.

> P – O Sr. tem conhecimento das mensagens recebidas no exato momento, em que a recebe, ou somente depois as lê?
> R – Normalmente, eu não tenho conhecimento do assunto. Leio a mensagem quanto qualquer leitor. Agora, sobre a produção da mensagem, existem horários estabelecidos pelos amigos espirituais. A determinadas horas, temos sessões públicas, a determinadas horas temos encontros espirituais particulares para a formação de livros. Fico então sabendo que vamos ter esses encontros. Aliás, o teor da mensagem eu só conheço depois de recebida.[522]

As obras mediúnicas quase sempre contêm um prefácio explicativo que informa ao leitor como foram produzidas e também indicava a Chico Xavier que um conjunto de mensagens havia tomado forma e configurado um livro. E que, assim, as próximas etapas da produção deveriam acontecer dali por diante. Em termos gerais, a produção dos livros mediúnicos de Chico Xavier, sua cadeia produtiva e o comportamento editorial podem ser assim sistematizados tendo, em todas suas etapas, atuação direta do médium e de seus mentores espirituais, ou seja, de encarnados e desencarnados:

> 1 – Autores: psicografia do original.
> 2 – Editores e Organizadores: o manuscrito é datilografado e diagramado.
> 3 – Autores e Revisores: o original diagramado é revisado.
> 4 – Editores e Produtores: a editora é acessada para sua produção, *design*, impressão e distribuição.
> 5 – Autores e Editora: ocorre a ampla divulgação do livro.

Chico Xavier, como veremos na sequência, atuou juntamente com os mentores espirituais em todas as etapas do desenvolvimento do livro, demonstrando conhecimento e controle de todo o processo. Em geral, são raros os casos que um livro psicografado demorava mais de um ano para ficar pronto, levando em consideração todas as etapas de produção. Há, inclusive, registros de que em uma só noite de psicografia, Chico Xavier conseguiu produzir um manuscrito inteiro. E, a

---

[521] *O Globo*, 7 de maio de 1935, p. 3.
[522] Entrevista realizada pelo repórter Realindo Jr. durante a visita do médium à Franca/SP e publicada pelo jornal “Comércio da Franca” em 22 de maio de 1971. In: ARANTES; GENTILE, 1972, p. 40.

agilidade dos processos, representava também a urgência da missão doutrinária e um sistema que não podia parar de funcionar.

> O Chico ia à gráfica, via os livros sendo produzidos e ficava muito contente. Eu vi várias vezes o Dr. Wantuil de Freitas perguntando a ele se gostaria de fazer determinadas mudanças nos livros, se pódia mudar tal coisa, e o Chico sempre dizia que primeiro teria de consultar Emmanuel ou André Luiz, já que eles eram os verdadeiros autores das obras.[523]

Durante a primeira fase da produção editorial, os autores – tanto os espíritos quanto o psicógrafo – produziam o manuscrito por meio da psicografia. Poderiam ser coautores, em alguns casos, outros médiuns psicógrafos que haviam participado da produção textual, bem como não-psicógrafos que poderiam atuar como organizadores de informações sobre os desencarnados e seus familiares, fundamentalmente no caso de livros de mensagens de consolo. Em relação à autoria espiritual, de acordo com o pesquisador Stig Roland Ibsen, cerca de dois mil espíritos escreveram pelas mãos de Chico Xavier em forma de poemas, romances, crônicas, reportagens, receitas médicas e cartas familiares.[524]

Tabela 7 – Obras de Chico Xavier publicadas por autoria espiritual até 31/12/1971

Autoria Espiritual	Obras	Edições	Livros Impressos
André Luiz	16	84	807.000
Emmanuel	27	93	770.000
Autores Diversos (em número de 484)	31	58	440.000
Humberto de Campos e Irmão X	12	54	323.000
Neio Lúcio	3	12	90.000
Casimiro Cunha	6	12	67.000
André Luiz e Emmanuel	2	5	50.000
Hilário Silva	2	4	45.000

[523] Depoimento de Rúbia da Costa Guimarães, antiga funcionária da FEB. In: CARVALHO; MELO, 2010, p. 126.
[524] REIS, Eurípedes Humberto Higino dos Reis; TELES, Ariston. *Chico Xavier – Apóstolo do Brasil*. Uberaba: Livraria FCX, 2010, p. 119.

Meimei	3	7	45.000
Irmão Jacob	1	4	35.000
Maria João de Deus	1	6	30.000
Veneranda	2	5	25.000
Batuira	1	1	10.000
Cândida P. Knörich (Irmã Candoca)	1	2	10.000
João de Deus	1	2	10.000
Manuel M. De Barbosa du Bocage	1	2	10.000
Cornélio Pires	1	1	5.000
Maria Dolores	1	1	5.000
SUBTOTAL: 501	112	353	2.777.500

Fonte: Adaptado de IBSEN; IBSEN, 1972, p. 53.

A produção dos textos para os originais se dava tanto em sessões públicas, quanto em momentos privados de produção psicográfica. Tendo o conteúdo já pronto, incluindo o prefácio e o título também definido pelos espíritos comunicantes, na segunda fase da produção editorial, tanto os editores quanto os organizadores atuavam de maneira a transformar o original manuscrito em um original datilografado e diagramado. Por muito tempo, Chico Xavier atuou sozinho tanto na psicografia, quanto na datilografia ou transcrição dos manuscritos. Todavia, a fim de agilizar a produção, pouco a pouco passou a contar com a ajuda de tarefeiros de grande confiança.[525]

[525] Segundo Lewgoy, a "própria prática de passar a limpo os ditados é solidária ao que poderíamos chamar de 'dispositivos de edição' das mensagens e narrativas recebidas psicograficamente. Práticas que vão do centro às editoras espíritas, das mensagens das mesas à literatura mediúnica, funcionando como filtros normalizadores das mensagens". In: LEWGOY, 2000, p. 44.

Figura 190 – Waldo Vieira, Chico Xavier e [Irineu Alves] no trabalho de datilografia na casa do médium em Uberaba, [1965]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 191 – Chico Xavier em trabalho de psicografia em sua casa em Uberaba, [década de 1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 192 – Chico Xavier em sua primeira residência em Uberaba, ao lado de editores das suas obras, no seu ambiente de trabalho intelectual, [1972]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 193 – Chico Xavier em seu ambiente de trabalho intelectual, [1972]. Fonte: Acervo CEC.

Figura 194 – Chico Xavier em seu ambiente de trabalho intelectual, [1967]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 195 – Chico Xavier em seu ambiente de trabalho intelectual, [1975]. Fonte: Acervo CMLCX.

Em Pedro Leopoldo, ele teve auxílio na transcrição das mensagens manuscritas para a datilografia pontualmente de seu cunhado Waldemar Silva (Pachequinho) e de Arnaldo Rocha no caso de mensagens psicofônicas que haviam sido gravadas com o uso de um equipamento entre os anos de 1954-1958. Ainda naquela cidade, seu colega de trabalho na Fazenda Modelo, Nelson Sbampato, também parece ter o auxiliado nesta atividade no período de 1955 a 1958. Em Uberaba, sabe-se que Elias Barbosa o ajudou especialmente na década de 1960 e meados dos anos 70.

Elias Barbosa contribuiu de diversas formas na produção intelectual de Chico Xavier, especialmente até meados da década de 1970, quando todas as terças-feiras Chico Xavier ia até sua casa para juntos desenvolverem os trabalhos de edição dos livros. Visitas que ocorreram entre os anos de 1968 a 1975, até o desligamento de Chico Xavier da CEC. O nível de intimidade entre os dois era grande, uma vez que Elias Barbosa tinha em sua posse as chaves da casa de Chico Xavier.

No aspecto da edição, inicialmente ele esteve envolvido com as transcrições de mensagens psicofônicas que eram também gravadas com ajuda de um equipamento na CEC. Depois, parece ter ajudado também na transcrição e diagramação das psicografias e, até mesmo, tendo sido convocado em diversos momentos no processo de entrega dos originais especialmente para a FEB, realizando esta intermediação entre a editora e o médium. Organizou algumas obras e prefaciou outras, de modo a ter se consolidado enquanto um intelectual atuante no meio espírita quando também passou a ser um colunista do “Anuário Espírita” do Instituto de Difusão Espírita (IDE) desde o seu surgimento, sob iniciativa de Chico Xavier, em 1964. Atualmente, sua biblioteca pessoal denominada “Biblioteca de Elias Barbosa” é de acesso público tendo sido integrada ao Sanatório Espírita de Uberaba.[526]

O primeiro livro que Elias Barbosa auxiliou na edição foi “Antologia dos Imortais” (1963) de Chico e Waldo e, posteriormente, “Trovadores do Além” (1964) e “E a Vida Continua” (1968), tendo entregado os originais dos dois últimos diretamente nas mãos de Zêus Wantuil, representante da FEB, que foi até a casa de Elias Barbosa em Uberaba. Os originais revisados prontos para seguirem para as

[526] *Cf*. VELOSO; VELOSO, 2021.

editoras eram inseridos em pastas de papel com grampo, comumente pastas amarelas como aquelas que ainda hoje existem no acervo da CMLCX.[527]

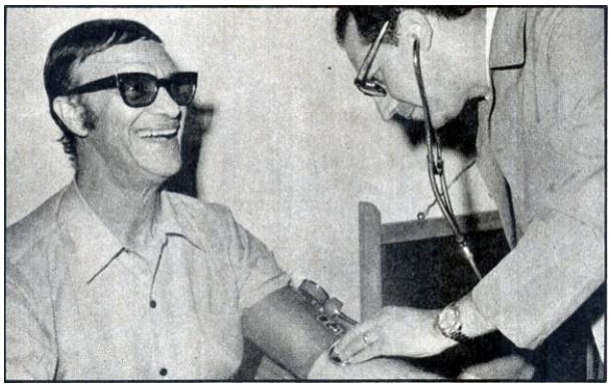


Figura 196 – O médico Elias Barbosa era também seu auxiliar na edição dos livros, [1968]. Fonte: VELOSO; VELOSO, 2021.

Figura 197 – Elias Barbosa ao lado de Chico Xavier no lançamento da edição comemorativa do "Parnaso de Além Túmulo", tendo produzido seu prefácio**,** 1977**.** Fonte: VELOSO; VELOSO, 2021.

Eurípedes dos Reis, que havia feito um curso de datilografia – com diploma concedido pela Escola Remington em 29 de janeiro de 1967 –, parece também ter sido iniciado nesta atividade. Contudo, aquele que ocupou esta função a partir de 1970 ao fim da vida de Chico Xavier, foi Vivaldo da Cunha Borges (1947-2014), tarefeiro que é descrito como tendo sido um leal trabalhador da causa espírita.[528]

> Vivaldo foi a Uberaba prestar vestibular para medicina. Nascido em 12 de outubro de 1947, em Teófilo Otoni, foi trazido ao encontro de Chico pelas mãos do amigo José Ramon Ribeiro. Muito impressionado com Chico, após regressar a sua cidade, Vivaldo escreve para Chico. Qual não foi sua surpresa ao receber uma carta em resposta, juntamente com um belo soneto. Chico viu nele um rapaz bom e de rara inteligência. Procura ampará-lo e o hospeda em sua residência.
> Apesar de passar com brilhantismo no vestibular, Vivaldo não póde concluir o curso de medicina. Acolhido pela dedicação de Chico, o jovem de saúde delicada tornou-se um excelente colaborador nas tarefas doutrinárias. Tornou-se diagramador e fez um belíssimo trabalho para o livro espírita. Idealizou e preparou um fichário de todas as mensagens psicografadas de Chico. Escreveu vários livros, entre eles "Luzes Esparsas", da Editora CEU. Não realizou seu sonho de formar-se médico, mas foi precioso colaborador nas tarefas

[527] CARVALHO; MELO, 2010, p. 84.
[528] É comum a grafia errada do seu nome de Vivaldo Cunha Borges.

> de Chico, junto a quem permaneceu no trabalho com os livros até o desencarne do médium.[529]

Vivaldo e Chico haviam trocado correspondências em 1969, quando o médium o informou que o espírito da menina Lourdinha o protegia. Na época, sua família residia em Franca, enquanto ele estava em Ribeirão Preto fazendo cursinho para o vestibular. Em fins de 1970, Vivaldo se mudou para Uberaba, oportunidade na qual Chico Xavier escreveu ao casal de amigos Galves de São Paulo uma carta de teor confidencial para justificar a presença de Vivaldo em sua residência:

> Uberaba, 2 de dezembro de 1970
> [...]
> Peço a vocês dois permissão para dizer-lhes que, em face das dificuldades que o Vivaldo vem encontrando para fazer o Vestibular de Medicina, tomei a liberdade de ser-lhe útil, dentro de minhas reduzidas possibilidades em Uberaba, até que ele acerte a situação dos estudos, compreendendo-se que o Vestibular se aproxima, de vez que será realizado em janeiro próximo.
> Nada espero dessa aproximação senão o prazer de ser útil, satisfazendo o meu próprio coração que nele vê um amigo, mas extremamente jovem, com necessidade de se preparar, ante o futuro. Naturalmente que ele não terá qualquer participação em minhas tarefas espíritas, já que tem todo o tempo tomado com os estudos e não mostra vocação para a militância doutrinária, conquanto seja um jovem de muita fé.[530]

Vivaldo, que foi aprovado no vestibular de Medicina em Franca no ano de 1970, acabou trancando a matrícula após se deparar com um espírito ao lado do cadáver que iria dissecar.[531] Ele passou então a se dedicar integralmente ao trabalho de "coordenação das mensagens psicografadas" por Chico Xavier, "planificadas com amor e carinho, mostradas a muitas almas".[532] Emmanuel o apresentou como não "só o datilógrafo e revisor, mas, acima de tudo, o companheiro

---

[529] GALVES, 2012, p. 259-260. A irmã de Vivaldo, Eliana da Cunha Borges Lemos, casou-se em 1984 com Geraldo Lemos Neto que é atual diretor da Editora Vinha de Luz e da Casa de Chico Xavier em Pedro Leopoldo, tendo o casal separado antes do ano de 1993.
[530] GALVES, 2012, p. 260.
[531] BORGES, Vivaldo da Cunha. *Jornada de Amor*. São Paulo: CEU, 1998, p. 11. "[...] devido a palavra de Chico Xavier, ante minha dúvida, se devia ou não abrir a matrícula novamente, no ano de 1974, resolvi ou optei pela Medicina Espiritual, pois, Chico me dissera: 'você nasceu para o Serviço Espiritual'. E, então, comecei a datilografar, diagramar e mais tarde organizando e revisando (agora mais traquejado) os livros da Obra de Chico Xavier, chegando hoje à casa dos 192 livros organizados por mim[...].". In: *Ibidem*, p. 12-13.
[532] XAVIER, Francisco Cândido. *Alvorada do Reino*. Pelo espírito de Emmanuel. São Paulo: IDEAL, 1988, Agradecimento (Editores).

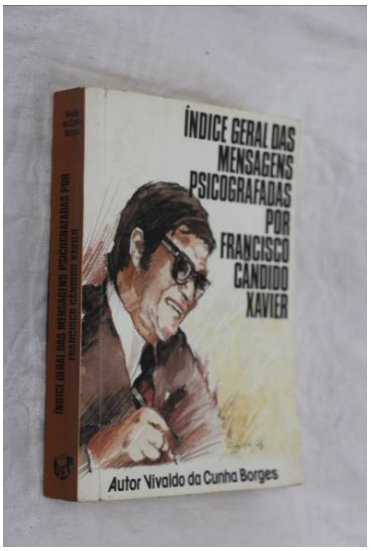
de todos os instantes” que auxilia “sem qualquer remuneração” “na conformação dos livros que nos encarregamos de produzir e divulgar”.[533]

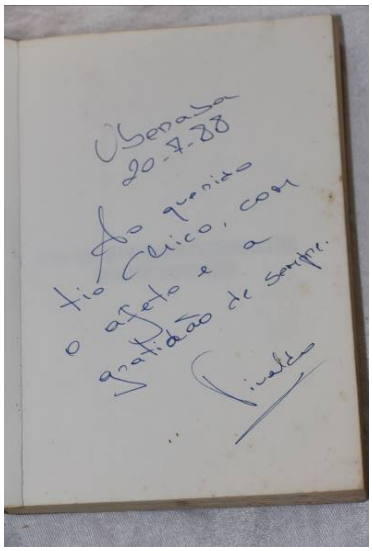
Além da organização das mensagens, transcrição dos manuscritos por meio da datilografia e diagramação da obra em sua primeira versão antes de seguir para a editora, ele também organizou um compêndio com a catalogação alfabética das mensagens publicadas de Chico Xavier, separados ainda por autoria espiritual.[534] O tarefeiro publicou ainda três outros livros na seara espírita, frutos de sua inspiração: “Luzes Esparsas” (1991), “Trajetórias” (1993) e “Jornada de Amor” (1998).

Figura 198 – Chico Xavier e Vivaldo Borges no quintal compartilhado em casa, [1987].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 199 – Chico e Vivaldo em trabalho de revisão das provas, [fins dos anos 80].
Fonte: Acervo CMLCX.

[533] BORGES, Vivaldo da Cunha. *Luzes Esparsas*. São Paulo: CEU, 1991, Prefácio.
[534] Vivaldo se ocupou desta catalogação durante 6 anos. BORGES, Vivaldo da Cunha. *Índice Geral das Mensagens Psicografadas por Francisco Cândido Xavier*. Belo Horizonte: UEM, 1988.





Figuras 200 a 202 – Vivaldo em foto com Chico entregando sua obra autografada e hoje integrante do acervo do museu-casa. Fonte: Acervo CMLCX.

Na terceira fase da produção editorial, autores e revisores atuam na revisão gramatical e ortográfica da produção textual e na diagramação do original que, normalmente, é seguida pelos editores e produtores. No acervo documental da CMLCX, há uma diversidade de pastas de papel com grampos onde estão estes originais revisados. Chico Xavier marcava à caneta os pontos a serem alterados, seguindo as orientações espirituais. Tratava-se de uma etapa de suma importância, de forma a evitar má interpretação do texto ou mesmo críticas que pusessem pôr à prova e desqualificar a essência doutrinária daquela produção.[535]

> Devidamente revista e alterada pelos seus Autores espirituais, e acrescida das colaborações de novos poetas; impressa em ótimo papel *couché*; encerrando perto de 50 retratos e abrilhantada por linda capa em três cores, – acreditamos que a 6ª edição de "Parnaso de Além-Túmulo", obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, agradará a todos sem distinção, quer os que já possuem a obra, quer os que ainda não a têm. Não deixem, também, de oferecer aos amigos esse presente do Céu. Brochado... Cr$75,00.[536]

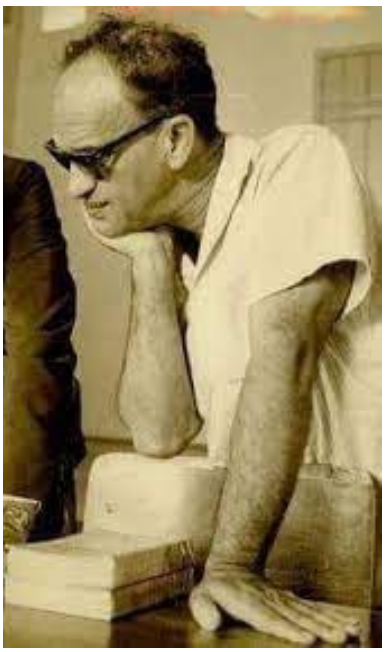
Estas práticas de edição na produção da obra mediúnica foram iniciadas por Allan Kardec, quando se principiou a produção das obras mestras da Doutrina, com a ressalva do cumprimento rigoroso de instruções dos Espíritos. E também nos

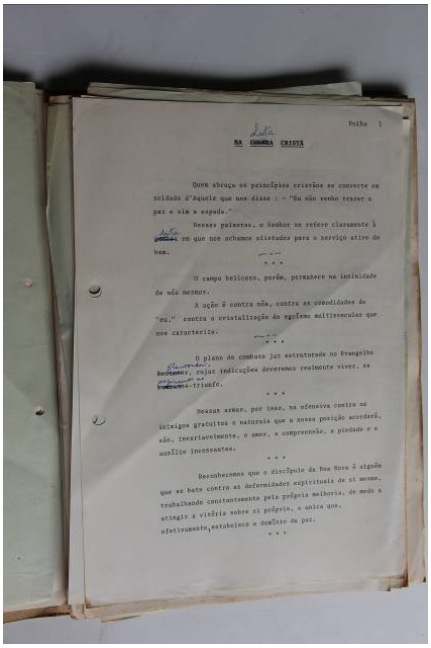
[535] Estas etapas foram também mais bem compreendidas e executadas por Chico Xavier ao longo do seu mediunato. Em um manuscrito psicografado, por exemplo, seguiu-se a seguinte crítica na imprensa: "Chico Xavier não soube, porém, corrigir… Quanto ao sentido confuso observou-nos que, em geral, os 'Espíritos' voltam para fazer as correções no que tenha sido mal grafado ou não tenha sido compreendido". In: *O Globo*, 13 de maio de 1935, p. 3.
[536] *Reformador*, nº 8, ago. 1955, p. 19.

trabalhos de Chico Xavier isto ocorreu, o que ensejou inclusive uma polêmica no meio espírita, encabeçada por José Herculano Pires (1914-1979) que acusou a FEB de excesso de liberdade nas reedições das obras psicografadas de Chico Xavier. Em “50 anos do Parnaso” (1981), Clóvis Ramos respondeu pela FEB àquelas críticas, de forma a afirmar o “estrito cumprimento das instruções dos autores”. Controvérsias que são de grande interesse por exporem as concepções espíritas de produção escrita e mesmo de experiência de leitura no contexto espírita.[537]

Esta etapa de revisão no fluxo editorial, portanto, dava-se em duas etapas: seja na transcrição dos manuscritos psicografados para uma versão datilografada, seja depois do envio dos originais para a editora, que retornava com uma prova do livro (também chamada de boneca ou boneco) para o médium. Neste momento, Chico Xavier e os mentores realizavam um trabalho de copidesque, ou seja, conduzia-se a revisão final, em termos gramaticais e ortográficos, bem como a análise do *design* e da diagramação de toda a obra antes que fosse impressa.

> O trabalho para a edição dos livros era intenso. Ele datilografava grande número de páginas. Quando continham erros, fossem no fazimento ou quando vinham da editora, era difícil para recompor ou corrigir, pois à época era tudo muito mais complicado. Ao fazer as correções usava um lápis apropriado para passar sobre as letras, colocava ali novas palavras ou a palavra corrigida, para depois proceder-se à edição. Não era como atualmente, era um trabalho muito artesanal.[538]





NA CÂMARA CRISTÃ

Quem abraça os princípios cristãos se converte em
soldado d'Aquele que nos disse : - "Eu não venho trazer a
paz e sim a espada."

Nessas palavras, o Senhor se refere claramente à
[illegible] em que nos achamos aliciados para o serviço ativo do
bem.

* * *

O campo belicoso, porém, permanece na intimidade
de nós mesmos.

A ação é contra nós, contra as crendices do
"eu," contra o cristalização de egoísmo multissecular que
nos caracteriza.

* * *

O plano de combate jaz estruturado no Evangelho
[illegible], cujas indicações devemos realmente viver, se
[illegible]-triunfo.

* * *

Nossos erros, por isso, na ofensiva contra os
inimigos gratuitos e naturais que a nossa posição acordará,
são, invariavelmente, o amor, a compreensão, a piedade e o
sacrifício incessantes.

* * *

Reconhecemos que o discípulo do Bom Novo é alguém
que se bate contra as deformidades espirituais de si mesmo,
trabalhando constantemente pela própria melhoria, de modo a
atingir a vitória sobre si próprio, a única que,
efetivamente, estabelece o domínio de per.

* * *

[537] LEWGOY, 2000. RAMOS, Clóvis. *50 anos de Parnaso*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
[538] VELOSO; VELOSO, 2021, p. 69.

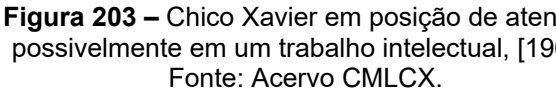


Figura 203 – Chico Xavier em posição de atenção, possivelmente em um trabalho intelectual, [1967]. Fonte: Acervo CMLCX.

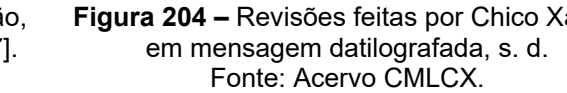


Figura 204 – Revisões feitas por Chico Xavier em mensagem datilografada, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

Na quarta fase da produção editorial, os produtores do livro e, portanto, as editoras atuam de modo a realizar a produção, *design*, impressão e distribuição dos livros. Neste aspecto, é interessante compreender que Chico Xavier conduziu a fundação de diversas editoras para a efetivação do trabalho missionário de Chico Xavier, cada vez mais ágil. Neste sentido, ele promoveu a doação dos direitos autorais das obras para estes parceiros que, obrigatoriamente, revertessem os lucros das vendas para as ações assistencialistas.[539] De tal forma que promoveu diversas relações de interatividade e conectividade não somente entre amigos e conhecidos ligados pela solidariedade religiosa, mas entre territórios distintos e públicos diversos a fim de alcançarem a missão do livro em termos de qualidade do produto final, seguindo seu critério, e nos aspectos dogmáticos da Doutrina.

> Amigo(a) Leitor(a),
> Se você leu e gostou desta obra, colabore com a divulgação dos ensinamentos trazidos pelos benfeitores do plano espiritual. Adquira um bom livro espírita e ofereça-o de presente a alguém de sua estima. O livro espírita, além de divulgar os ensinamentos filosóficos, morais e científicos dos espíritos mais evoluídos, também auxilia no custeio de inúmeras obras de assistência social, escolas para crianças e jovens carentes, etc. As obras espíritas nunca sustentam, financeiramente, os seus escritores; estes são abnegados trabalhadores na seara de Jesus, em busca constante da paz no Reino de Deus.
> Irmão W.[540]

Enquanto Chico Xavier constituía um nicho mais aberto do mercado para a sua produção intelectual, posto que sabia do seu capital cultural, sua pretensão era também de criar condições de quebra do monopólio do mercado editorial espírita que praticamente estava nas mãos da FEB. E naquelas condições, as negociações eram mais duras e difíceis, o que demarcou diversos entreveros entre Chico Xavier e, fundamentalmente, o Departamento Editorial da instituição, no que diz respeito às estratégias editoriais. Chico Xavier deu oportunidades, então, a dezenas de instituições espíritas, notoriamente que já realizavam ações assistencialistas

[539] "Aí estão, minha mãe, as tuas páginas. Elas vão ser vendidas em benefício das órfãzinhas. Deus permita que os pequeninos, que sofrem, recebam um conforto em teu nome, e que a Misericórdia Divina te auxilie, multiplicando as tuas luzes na vida espiritual". In: XAVIER, 1965, p. 4.
[540] XAVIER, 1978, colofão.

contínuas, de fundar um Departamento Editorial a fim de iniciarem a suas atividades com as obras que ele doaria seus direitos autorais o que, portanto, promoveria transformações naquele circuito e concederia chancela àquelas editoras nascentes.[541] A constituição de um Departamento Editorial, por sua vez, geraria processos diferenciados entre cada uma das instituições criadas: algumas conseguiriam criar além das editoras o seu próprio parque gráfico, o que concederia maior autonomia do fluxo editorial como um todo. Outras, conseguiam avançar nos mercados das indústrias gráficas de forma a contemplar editora, gráfica, a distribuição (atacado) e a livraria (varejo) em apenas uma identidade jurídica.

Tabela 8 – Obras de Chico Xavier publicadas por editoras até 31/12/1971

Editora	Obras	Edições	Livros Impressos
Federação Espírita Brasileira	84	296	2.346.000
Comunhão Espírita Cristã	12	24	242.500
Livraria Allan Kardec Editora	8	24	129.000
Grupo Espírita Emmanuel	2	2	20.000
Casa Editora “O Clarim”	2	3	15.000
Grupo Espírita Fabiano	2	2	10.000
Editora Pensamento	1	1	10.000
Aliança do Divino Pastor	1	1	5.000
SUBTOTAL	112	353	2.777.500

Fonte: Adaptado de IBSEN; IBSEN, 1972, p. 54.

Pela influência da Federação Espírita Brasileira (FEB) o poder de barganha desta instituição sobre a produção intelectual de Chico Xavier foi por muito tempo praticamente exclusiva, o que também impactou seu poder de barganha levando em consideração o mercado do livro espírita na época. Foi na FEB que o primeiro livro

[541] “Diante disso, levei em consideração que a massa de textos (e editoras) espíritas disponíveis ao público sofre um processo seletivo junto às instâncias de legitimação do movimento espírita organizado. Há um conjunto de editoras, médiuns e espíritos, que são respeitáveis e dignos de fé pelos kardecistas, ainda que simultaneamente se enfatize o papel da razão como filtro maior na recepção das mensagens do mundo invisível”. In: LEWGOY, 2000, p. 34-35.

de Chico Xavier foi publicado e até a década de 1960, praticamente todos os volumes eram destinados àquele Departamento Editorial. A negociação contratual nem sempre beneficiava, minimamente, Chico Xavier: ele que concedia os direitos autorais para a editora, dependia dos debates internos feitos pelo conselho consultivo da instituição para a definição do preço do livro e, às vezes, poucos exemplares do total da tiragem eram repassados ao médium, que costumava distribuir e presentear os livros para seus amigos e devotos. Muitas vezes ele chegava a comprar seus próprios livros da FEB para poder distribuí-los.[542] Todavia, em termos contratuais, uma cláusula que permanecia entre todas as editoras era a de que não se fará alteração ou subtração do texto sob nenhuma hipótese.[543]

Os livros publicados pela FEB até então, eram impressos nas gráficas da revista "Reformador" e, depois da implementação do seu próprio parque gráfico, a composição, a reprodução fotomecânica, os fotolitos, a impressão offset e os acabamentos se davam nas oficinas gráficas do Departamento Editorial da FEB, localizado na Rua Souza Valente nº 17 na cidade do Rio de Janeiro.

> O que pouca gente sabe, no entanto, é que Chico foi, praticamente, responsável por toda a modernização do parque gráfico da Federação Espírita Brasileiras, quando abriu mão de uma pequena fortuna que lhes destinara, em testamento, Frederico Figner (1947).[544]

A urgência da produção mediúnica de Chico Xavier, entretanto, nem sempre era proporcional ao desejo de finalização do fluxo editoriais das obras por parte da FEB, o que foi fator de ampliação da crise entre o médium e a instituição, tendo estourado em 1975, quando assumiu a presidência Francisco Thiesen (1927-1990), no mesmo ano de rompimento de Chico Xavier da CEC e criação do GEP:

> O único livro publicado no tempo de Francisco Thiesen, em 1980, foi "Ceifa de Luz", mas há uma explicação. Eu é que havia feito a revisão, enviado que foi pelo Chico em 1974, enquanto Armando

---

[542] Em uma troca de cartas com o antigo presidente da FEB, Wantuil de Freitas, Chico Xavier pede: "Ficarei contente e reconhecido, se puderes conseguir para mim cinco exemplares, quando chegarem à FEB". In: SCHUBERT, 1986, p. 395. "Já deixei claro que não recebo um centavo pelas edições dos livros que me chegam do além. Assino um documento autorizando a livraria da Federação Espírita Brasileira a editá-los e somente após ficarem impressos, recebo uns cinco ou dez exemplares, para dar aos amigos". In: NASSER; MANZON, 1944, p. 12.

[543] "A cada novo trabalho, Chico corre ao tabelião de Pedro Leopoldo, que lavrara uma escritura de doação dos direitos autorais à Federação Espírita Brasileira ou ao Centro Espírita interessado na sua divulgação". In: *Flan – O Jornal da Semana*, nº 11, jun. 1953, p. 8.

[544] BACCELLI, 2010, p. 253. *Cf*. SCHUBERT, 1986, p. 124-125.

> ainda era o presidente da FEB. Com a crise do ano seguinte, ficou algum tempo encostado e somente mais tarde, quando o encontrou já copidescado, Thiesen se apressou em editar.[545]

A relação conflituosa já vinha também dos processos de debates em torno das revisões que eram indicadas como necessárias por parte da FEB, que passavam pela aprovação (ou não) dos autores das obras. Esse processo de revisão se dava tanto por meio de cartas trocadas entre o médium e a diretoria da FEB, quanto presencialmente e, neste caso, Chico Xavier usava a sua mediunidade de psicofonia para ali estabelecer uma comunicação "direta" entre os autores e os diretores da instituição.

> Sim, eu notava [a mudança na voz do Chico]. Ela mudava completamente. Chico tinha uma voz mais baixa, mas quando era o Emmanuel, a voz aumentava. Talvez até por isso eu considerasse o Emmanuel mais bravo, porque ele argumentava várias vezes, rebatia o que o Dr. Wantuil falava. André Luiz também cobrava, mas não era tão incisivo quanto Emmanuel.[546]

Um outro ponto importante elemento de dissenso em relação à FEB se relacionou ao processo de distribuição, venda e divulgação das obras, que se esperava maior empenho daquela que detinha grande parte da produção intelectual de Chico Xavier.

> Emmanuel várias vezes cobrou divulgação maior dos livros. [...] E como a FEB na época só vendia para as Federativas, só havia uma livraria leiga, a Livraria Francisco Alves, que comprava os livros da FEB para vender por todo o Rio de Janeiro. Depois passei a ir aos centros espíritas e incentivava as pessoas a comprarem os livros.
> Os dirigentes desses centros imaginavam que deveriam construir uma livraria própria para isso, mas eu sugeria que uma simples mesinha com livros, uma pessoa responsável que os vendesse já era suficiente, porque, como os palestrantes da época já mencionava os livros, seria muito mais fácil e estimulante para a audiência se ela encontrasse os livros para vender ali mesmo, e não tivesse de procurar uma livraria que os vendesse. E hoje alguns centros espíritas têm até distribuidoras de livros. Mas tudo começou com uma simples mesinha.[547]

Por todos estes motivos e pela necessidade de controle da sua produção intelectual no que diz respeito a todas as etapas do fluxo editorial, Chico Xavier precisava de maior autonomia em relação a este Departamento, que seria a peça-

---

[545] ANJOS, Luciano dos. *Iluminando os Bastidores*. Salvador: LEAL, 2013, p. 68-69.
[546] Depoimento de Rúbia da Costa Guimarães. CARVALHO; MELO, 2010, p. 126.
[547] *Idem*, p. 126-127.

chave para fazer funcionar o seu Sistema de Informação. Neste sentido, em carta do médium endereçada ao presidente Wantuil de Freitas com data de 29 de junho de 1964, ele explicou por que passou a oferecer alguns livros para outras editoras que não a FEB:

> Com o assentimento e o amparo de Emmanuel, condoído das despesas enormes às quais a Comunhão Espírita Cristã se obriga na difusão da Doutrina, assumiu responsabilidades para o lançamento de vários livros a ela doados por nossos amigos espirituais, por nosso intermédio, com o fim de ampará-la no programa de difusão doutrinária. Jesus te renove as energias e te sustente para que a Obra prossiga com a firmeza de tuas mãos generosas de sempre.[548]

Figura 205 – Inauguração da Livraria Espírita União no endereço próximo à Estação da Sé em São Paulo, 30 de abril de 1987. Fonte: GALVES, 2008, p. 41.

Figura 206 – Bodas de ouro de casamento do casal Galves, responsáveis pelo Centro Espírita União (CEU) com Departamento Editorial, 8 de janeiro de 1999. Fonte: GALVES, 2008, p. 276.

Figura 207 – Oswaldo de Godoy Bueno, cofundador do Grupo de Ideal Espírita André Luiz (IDEAL). Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 208 – Rubens Sílvio Germinhasi, cofundador do Grupo de Ideal Espírita André Luiz (IDEAL). Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

[548] ANJOS, 2013, p. 67.

Na quinta fase da produção editorial, a editora e os autores promovem ampla divulgação do livro, oportunidade de realizarem a venda e o escoamento da produção. Neste aspecto, muitas estratégias eram realizadas para se fazer conhecer as novidades do mercado editorial, que iam além do comércio pelas livrarias: estimulavam os clubes dos livros; criavam bancas de livros espírita; realizavam feiras do livro espírita; atendiam por reembolso postal no atacado ou no varejo; realizavam sessões de lançamento com autógrafos.

> No mês de outubro de cada ano, Chico Xavier comemorava conosco a data de nascimento de Allan Kardec – ocorrida em 3 de outubro de 1804 em Lyon, na França – com uma noite de autógrafos no Centro Espírita União. Esses festejos se prolongavam até a madrugada. Chico a todos beijava e consolava.[549]

Tabela 9 – Eventos de autógrafos realizados por Chico Xavier até 1977

Eventos de Autógrafos	Entidade	Cidade	Estado
16	Fundação Marietta Gaio	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
1	Federação Espírita Brasileira	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
1	Instituto Espírita Maria Nazareth	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
1	Federação Espírita do Estado do Rio	Niterói	Rio de Janeiro
1	Escola Jesus Cristo	Campos	Rio de Janeiro
6	Centro Espírita União	São Paulo	São Paulo
6	Homenagem aos Artistas de São Paulo	São Paulo	São Paulo
1	Casa Transitória (U.S.E.)	São Paulo	São Paulo
1	Câmara do Livro – Ibirapuera	São Paulo	São Paulo
1	Federação Espírita do Estado de São Paulo / Palácio Mauá – Festival da Primavera	São Paulo	São Paulo
1	Associação Paulista de Amparo ao Excepcional (APAE)	São Paulo	São Paulo
5	Grupo Espírita Emmanuel	São Bernardo do Campo	São Paulo

[549] GALVES, 2008, p. 203.

3	Mocidade Espírita de Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	São Paulo
3	Instituto de Difusão Espírita	Araras	São Paulo
2	Comunidade Espírita Cristã	Guarujá	São Paulo
2	União Municipal Espírita de Catanduva	Catanduva	São Paulo
1	Centro Espírita E.L.A.R. União	São José do Rio Preto	São Paulo
1	Associação Beneficente Mara Rosa	Campinas	São Paulo
1	Grupo Espírita Irmã Angeiina	Santos	São Paulo
1	União Municipal Espírita	Santos	São Paulo
1	Comunhão Espírita Cristã	Uberaba	Minas Gerais
1	Aliança Municipal Espírita de Araguari	Araguari	Minas Gerais
1	Centro Espírita Caminho da Luz	Iturama	Minas Gerais
1	Educandário Espírita	Ituiutaba	Minas Gerais
1	Comunhão Espírita de Brasília	Brasília	Distrito Federal
1	Instituto Araguaia	Goiânia	Goiás
Tardes de Autógrafos = 61			
Livros Autografados = 174.000			
Pessoas Presentes = 290.000			
Rosas distribuídas pelas mãos de Chico Xavier = 290.000			
Abraços e Pequenos Bate-Papos = 290.000			
Beijos Fraternos = 885.000			
Fora os milhares de recados enviados pelos nossos Irmãos Superiores íntimos a cada um			

Fonte: Adaptado de XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 247.

Parte fundamental da ritualística espírita e, portanto, integrante das ações de operacionalização do Sistema de Informação constituído por Chico Xavier, trata-se

do chamado Correio, ou Correio do Além, uma importante ritualística relacionada à última fase daquela cadeira da produção editorial. A divulgação das mensagens doutrinárias era realizada ordinariamente e fragmentariamente por Chico Xavier, em escala diminuta e continuamente cotidiana, através do envio de correspondências não somente aos seus amigos e em datas festivas, como aos devotos e fiéis que sempre lhe enviavam cartas: no ápice, mais de 200 correspondências diárias recebidas de toda parte do mundo.

Ainda em Pedro Leopoldo, era seu irmão André Luiz que o auxiliava neste processo, conforme sua própria descrição, enviando inclusive receitas psicografadas do Dr. Bezerra de Menezes:

> Depois de um tempo, comecei a escrever o que o Chico recebia dos Espíritos. Eu tomava nota, colocando nome da pessoa, endereço, idade, abria as cartas que o Chico recebia pelo correio, de cem a cento e vinte cartas por sessão, escrevia as receitas para enviar depois. Mandei para muitas cidades vizinhas. As pessoas então voltavam e agradeciam muito ao Chico, mesmo tendo sido eu quem tivesse tirado as receitas.[550]

Já em Uberaba, pode-se dizer que a rotina de ir buscar suas correspondências na central do Correio da cidade era uma das distrações do médium.[551] Ali, o trabalho com as correspondências aumentou, bem como a dimensão de todos os seus empreendimentos.

> Já tivemos a oportunidade de esclarecer que, quando Chico Xavier se transferiu para Uberaba, nos idos de 1959, o único objeto que faz questão de trazer consigo foi um caderno de endereços dos amigos, com os quais se tem correspondido, ao longo do tempo. [...] Todavia, o nosso de agora não se prende às missivas que Chico escreve, mas sim às que lhe são enviadas de toda parte do Brasil e também do exterior. Ele deve receber uma média de duzentas cartas diárias e, segundo apuramos junto aos Correios, é a pessoa de maior movimento epistolar de Uberaba e, certamente, uma das maiores do país. [...] nunca teve coragem de desfazer-se de uma carta no lixo, mesmo depois de lê-la! Em sua casa, existe uma verdadeira coleção

[550] CARVALHO; MELO, 2010 p. 30.

[551] "Além das rosas e de seus bichos, Chico quase nada possui. Gosta de andar a pé. Sua rotina inclui uma caminhada diária, de casa até a praça principal de Uberaba. Ali, no Bar 1001, toma um cafezinho. Na ótica ao lado, para e conversa alguns minutos com o proprietário, seu Otávio. Em seguida, ruma para o Correio, em busca da correspondência – mais de 50 cartas por dia". In: MACHADO, 1992, p. 98. Em outubro de 2020, foi instalada uma estátua de bronze em tamanho real de Chico Xavier em um dos bancos de ferro na Praça Rui Barbosa no centro da cidade de Uberaba. É uma forma de deixar registrado na memória este lugar frequentado pelo médium, já que na esquina da praça com o calçadão da Rua Artur Machado se encontra o prédio onde funcionou o Café Mil e Um, muito frequentado por Chico Xavier.

> de enormes caixas de papelão, onde guarda toda a correspondência; somente de tempo em tempo é que se vê obrigado a promover uma triagem nos papéis que se vão acumulando.[552]

O Correio contava com a ação dos tarefeiros leais ao médium, o casal Weaker Batista (1921-1989) e Zilda Costa Batista (1927-2020), que enfeixavam e organizavam os embrulhos, separavam as mensagens e livros a serem submetidos, mas as correspondências eram respondidas e endereçadas somente pelos punhos do próprio Chico.[553] Ao término deste trabalho diário, o médium fazia uma oração e ministrava um passe em cada um daqueles que o haviam ajudado. Em 1977, em torno de 500 cartas e 140 mil mensagens eram remetidas por semana e, de acordo com Weaker Batista:

> Nosso trabalho – meu e de Zilda – é o de empacotamento, porque todo o endereçamento é feito pelo Chico. Sua dedicação a esta, como a todas as outras tarefas, é muito grande. Normalmente, ele fica até 3 a 4 horas da manhã, expedindo correspondência. Ele não deixa nunca para depois o serviço que está no caminho. [...]
> Ele não perde tempo, tem sempre lápis, caneta e papel à mão para escrever, quer trabalhando nas respostas às consultas que lhe chegam por carta, do Brasil todo, e mesmo do exterior, quer ouvindo e anotando as mensagens dos espíritos. Seu contato com Emmanuel é permanente, a qualquer hora do dia e da noite ele nos diz a opinião ou o ensinamento de seu guia e protetor com relação aos mais diversos assuntos.[554]

---

[552] BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier, mediunidade e luz*. São Paulo: Ideal,1989, p. 57.
[553] Sobre Weaker e Zilda Batista, Nena Galves narrou que esse “casal, de fato, apoiou muito o Chico. E ele tinha por eles uma consideração muito grande. Eu lembro que o Weaker era uma pessoa maravilhosa, mas tinha a fraqueza do cigarro, e hoje muita gente, por exemplo, acha que os fumantes não podem dar o passe. Fiquei muito impressionada, porém, que o passista que o Chico elegia era o Weaker, pois acima da fraqueza dele predominava a bondade do sentimento. [...] Um casal dedicado, que se mudou de sua cidade natal para Uberaba, acompanhou o Chico, viveu com ele sempre, dentro dos trabalhos, sempre humildes. Chico os amava muito e acredito que os ame ainda”. In: CARVALHO; MELO, 2010, p. 112-113. A jornalista Regina Penteado da “Folha de São Paulo”, por sua vez, assim os caracterizou no ano de 1978: "impenetrável casal Weaker (digo impenetrável, porque este casal, que é quase da mesma altura, além de não falar, não move um músculo do rosto sequer, dando aos que nunca puderam partilhar da bondade que talvez se esconda em seus corações a impressão de ser um par de fiéis robôs)”. In: PENTEADO, 1978. Apud XAVIER; ARANTES, 1979, p. 58.
[554] NOBRE, 2014, p. 296.

Figura 209 – Grupo de visitantes em frente ao correio, setor de trabalho na casa de Chico Xavier, c. 1988. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 210 – Weaker dando passes no Correio, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 211 – Chico com o casal Weaker e Zilda Batista no cômodo denominado de correio existente na casa do médium, c. 1988. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 212 – Weaker e Zilda Batista organizam as publicações e mensagens a serem remetidas por correspondência, c. 1988. Fonte: Acervo CMLCX.

3.2. Chico é pop! Chico é mito!

A primeira descrição biográfica de Chico Xavier apareceu no jornal “O Globo” que lançou uma série de reportagens sobre o médium mineiro que despontava grandes polêmicas sobre a autoria de uma série de poemas fantásticos. Durante os meses de abril à julho de 1944, tendo seu cotidiano estampado em 44 edições, o médium assim foi descrito em seu primeiro encontro com os jornalistas Clementino de Aguiar

> Passaram-se alguns minutos de silencio e espera.
> Depois, timidamente uma cabeça, quase risonha, quase assustada, surge á porta.
> - Prompto, doutor...
> - Entre Chico Xavier.
> Elle atende. Está agora á nossa frente, encostado á parede, evidentemente embaraçado deante daquela cara estranha e daqueles olhos curiosos.

> Não traz chapéo nem gravata e todo o seu traje é um atestado de pobreza. É moreno, de um moreno carregado, e tem cabelos muito negros, compridos, crespos. Baixo, compleição forte. Caboclo. Mas no physico, não na expressão. Esta é de estranha humildade e doçura. Com o sorriso leve que mostra agora, seu rosto tem até um ar de ingenuidade. Lá longe na cidade grande, diriam delle:
> - "Um bobo!"
> Seu embaraço se acentua quando lhe pomos o olhar no no casaco surrado, na camisa aberta, nas calças de brim remendadas, nos sapatos cambaios.[555]

Figura 213 – Chico Xavier ao lado de Felizardo Sobrinho, em entrevista para jornal em 1935. Fonte: Acervo "O Globo".

Figura 214 – Chico Xavier ao lado de Felizardo Sobrinho, em entrevista para jornal em 1935. Fonte: Acervo "O Globo".

Passando pelo filtro da apropriação de uma competência informacional, na qual aquele desvalido se transfigurava em um homem culto, Chico Xavier ia também sendo visto como intelectual e não um criador de pastiches. Alguém "culto e lido, poeta e literato rodeado de valiosa biblioteca" cujas páginas mediúnicas tinham sido "subscritas por respeitáveis nomes da literatura nacional e estrangeira".[556] A imagem de fraude, portanto, parecia ter sido superada, tal qual a sua negritude que não era mais referida em qualquer veículo de imprensa. E quanto mais sua fama circulava, mais havia o interesse pela imprensa, o que poderia ser também bastante útil para a divulgação da Doutrina. Ao mesmo tempo, o médium passava a ser mais requisitado em outras cidades e centros espíritas a fim de participar desses rituais doutrinários, apesar de ainda manter certa concentração territorial, especialmente na região sudeste do Brasil.

[555] *O Globo*, 1 de maio de 1935, p. 3.
[556] *Reformador*, nº 12, dez. 1957, p. 16.

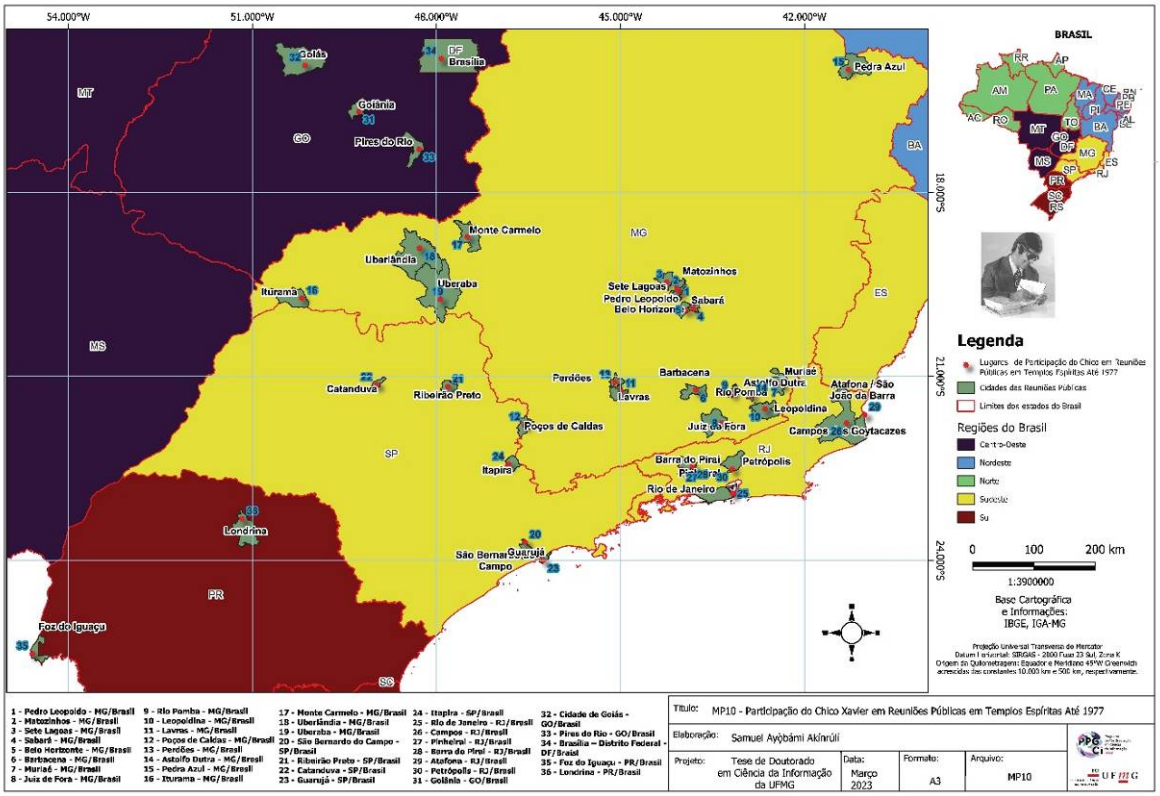


Figura 215 – Distribuição geográfica da participação de Chico Xavier em reuniões públicas espíritas, de acordo com XAVIER & GERMINHASI, 1977, p. 244-245.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Entre 1927-1967:
Participou de cerca de 6.240 sessões mediúnicas.
Atendimento a mais de 1.000.000 de pessoas.
Tempo realizando psicografias de mais de 73 mil horas.
Tempo em transe de mais de 8 anos, 12 dias e 10 horas.
Total de 92 livros psicografados.
Total de 17.119 páginas de livros.
Psicografia de 21.772 versos.

Entre 1927-1984:
Participou de cerca de 8.900 sessões mediúnicas.
Atendimento a mais de 1.500.000 de pessoas.
Tempo realizando psicografias de mais de 105 mil horas.
Tempo em transe de mais de 11 anos.
Total de 212 livros psicografados
Total de 30.000 páginas de livros.
Cerca de 9.500.000 milhões de exemplares vendidos.
Total de autores psicografados em torno de 400.[557]

[557] Adaptado de MACHADO, 1992, p. 119-120. Observa-se que nestes dados não foram passíveis de inclusão de estimativa em relação às cartas psicografadas e as receitas psicografadas do Dr. Bezerra de Menezes.

A imagem que o médium representava dizia respeito também à construção de sua idoneidade perante a opinião pública e de sua consolidação enquanto uma liderança da religião que tinha ampla aderência nos circuitos da classe média brasileira. Os relacionamentos e os apelos à mídia, às classes artísticas e o apoio de políticos também foram fundamentais para a amplitude do reconhecimento social do médium.

Figura 216 – Saulo Gomes entrevista Chico Xavier em sua primeira residência em Uberaba, 1968. Fonte: Acervo CEC.

Figura 217 – Chico Xavier sendo entrevistado por Glória Menezes, 1973. Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 218 e 219 – Programa Pinga-Fogo com Chico Xavier transmitido pela TV Tupi-SP, 28 de julho de 1971. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 220 – Show beneficente de Roberto Carlos em Uberaba, 1973. Fonte: Acervo CEC.

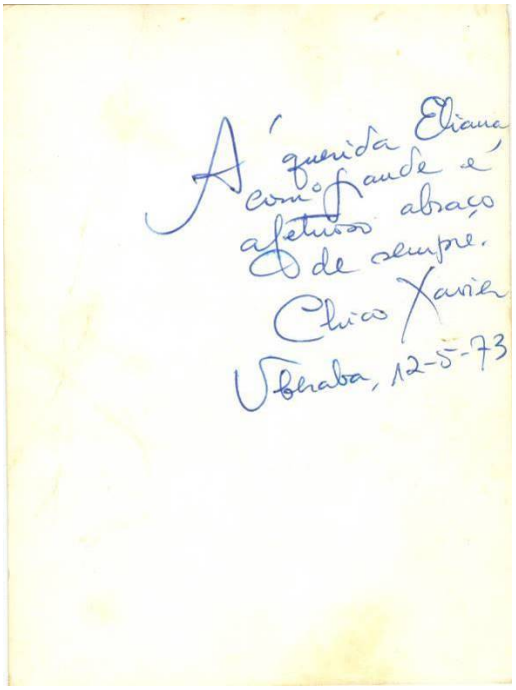


Figura 221 – Dedicatória em verso da mesma fotografia, 1973. Fonte: Acervo CEC.

Figura 222 – Chico Xavier, Roberto Carlos e sua esposa Maria Rita, [1996].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 223 – Chico com Xororó e seu filho Jr., [meados da década de 1990].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 224 – O ex-presidente Fernando Collor, [1989-1991]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 225 – O ex-governador de Eduardo Azeredo, [1995-1999]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 226 – O apresentador Gugu Liberato na gravação do "Domingo Legal",1995. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 227 – O pugilista Maguila, [1995]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 228 – Chico Xavier com a apresentadora Xuxa no GEP, início da década de 2000 Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 229 – Aniversário de 90 anos de Chico Xavier com Glória Maria em matéria para o "Fantástico", 2001. Fonte: Acervo CMLCX.

Ao mesmo tempo, ampliaram-se as honrarias recebidas por Chico Xavier, que na medida em que permitiam dar a ver e ser visto, articulava-se o reconhecido social da personalidade espírita em âmbito público. Segundo Eurípedes dos Reis, em se tratando de títulos honoríficos, em sua conta existem 325 que ele recebeu diretamente, "fora dezenas que lhe foram outorgados por diversas câmaras municipais".[558]

[558] REIS; TELES, 2010, p. 116. Cf. Apêndice "6.4. Lista de honrarias recebidas por Chico Xavier" ao fim desta tese.

Figura 230 – Título de Cidadão Honorário de Ribeirão Preto, 19 de fevereiro de 1972.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 231 – Chico recebe homenagem da Maçonaria em Uberaba, [1974].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 232 – Título de Cidadão Honorário de Belo Horizonte, 8 de novembro de 1974.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 233 – Título de Cidadão Honorário de São Paulo, 19 de maio de 1975.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 234 – Campanha em prol da indicação de Chico Xavier ao Nobel da Paz em Uberaba, 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 235 – Comenda da Paz Chico Xavier, premiação criada em homenagem ao médium.
Fonte: Acervo CMLCX.

As biografias também tiveram fundamental importância para a divulgação e consolidação de uma específica imagem pública de Chico Xavier, notoriamente associada a uma autoridade moral e filantrópica e, em alguma medida, permitiu o

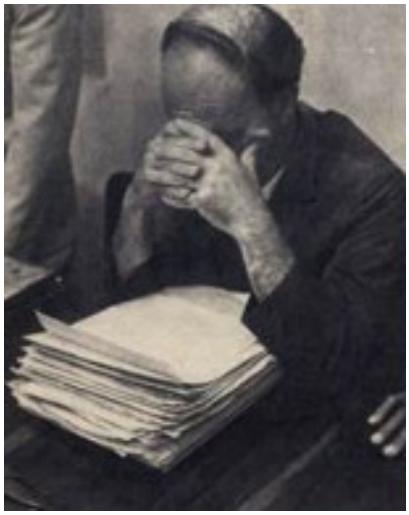
controle e engajamento de sua memória.[559] Poderiam ser publicações autorizadas pelo médium e, neste caso, mais próximas de seus ideários, sendo seus autores amigos de Chico Xavier, ou biografias que não contaram com a ingerência direta do médium, mas que seguem o mesmo expediente relacionado às produções *post-mortem* de Chico Xavier. Neste caso, com o interesse explícito de constituir linhagens, chancelas e autoridade no meio espírita.[560]

> Fatos como este, aqui relatado, aconteceram diversas vezes com Chico. Ele opinava a respeito de uma determinada coisa e lá vinha alguém a contar "Chico me disse..." com referência a coisas que nem tinham sido abordadas. Pediam a opinião de Chico e depois usavam seu nome para obter maior prestígio. Enfim, o tempo encarrega-se de esclarecer tudo.[561]

Chico passa a ser publicamente reconhecido e rememorado como alguém fora do comum dotado de poderes extraordinários, e a constituição de uma gramática construção visual era extremamente necessária para a sua representação, com decorrente fixação imagética da sua personificação. Assim, esse processo veio acompanhado de alterações em sua aparência, notoriamente com o uso da sua peruca e ternos mais alinhados e, portanto, conformação de uma vestimenta formal. Quando Chico Xavier decidiu usar peruca e passou a ser alvo de críticas, respondeu da seguinte forma: "Temos o dever de cuidar da saúde e também da aparência. Eu não tenho o direito de incomodar as pessoas com minha feieza".[562]

---

[559] *Cf*. Apêndice "6.3. Relação de biografias de Chico Xavier acessadas para esta pesquisa" ao fim desta tese.
[560] *Cf*. Apêndice "6.2. Relação dos livros *post-mortem* de Chico Xavier (2002-2023)" ao fim desta tese.
[561] GALVES, 2008, p. 124.
[562] REIS; TELES, 2010, p. 137.



Figuras 236 e 237 – Chico Xavier em 1967, com destaque para sua alopécia aparente. Fonte: Acervo “O Cruzeiro”, 1967.

Figura 238 – Neste momento, Chico Xavier ainda não utilizava peruca,1967. Fonte: Acervo CEC.

Figura 239 – Primeiro modelo de peruca, ainda de tamanho menor, utilizada por Chico Xavier em 1968. Fonte: Acervo CEC.

Figura 240 – Belmiro Chagas Neto (Netinho) amparando Chico Xavier durante a peregrinação de Natal, 1986. Fonte: BACCELLI, 1987.

Figura 241 – O tarefeiro Belmiro Chagas Neto (Netinho) no Abacateiro 2, era responsável pela barba e cabelo do médium. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2016.

Estas estratégias de maneira consorciada permitiram a identificação de Chico Xavier com uma estética visual popular, facilmente identificável, de modo que as mídias permitissem o diálogo com esse fenômeno. Em alguma medida, o recurso de repetição da imagem foi empregado com o propósito de reforço da importância e da identidade desta celebridade, ao mesmo tempo em que o transformava em um ícone da cultura de massa, com publicidade e mídias impressas com interesse contínuo em ter Chico Xavier como pauta, sendo esta uma estratégia inovadora no contexto espírita. Esse repertório visual que foi constituído permitiu maior clareza das ideias transmitidas e que poderiam ser rapidamente recebidas e suas informações absorvidas pelo público, com uma função educativa e doutrinária expressa por uma mesma visualidade compartilhada entre os devotos.

Figura 242 – Painel com as diversas imagens-representações de Chico Xavier amplamente conhecidas socialmente. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

Há uma história contada por Chico Xavier em uma das suas entrevistas na televisão de que uma vez – exatamente no Programa Pinga-Fogo exibido na TV Tupi em 3 de janeiro de 1972 –, que estava fazendo uma viagem de avião entre

Uberaba e Belo Horizonte e tudo transcorria normalmente, tendo o céu limpo. Mas, de repente, o avião começou a trepidar em uma turbulência muito violenta e, assim como os outros passageiros, todos se assustaram. Alguns começaram a rezar em voz alta, crianças choravam sem o amparo dos pais e, o médium, pôs-se a rezar aos gritar “oh, meu Deus! Tende piedade de nós!”. Então, viu Emmanuel se aproximar e lhe perguntar sobre os motivos daquela cena. E, chamando a sua atenção, completou o dizendo que se fosse para morrer, que tivesse um pouco de dignidade e não aumentasse a aflição dos outros passageiros. De acordo com o memorialista Ubiratan Machado, para além das risadas que a história provoca, demonstra “que o médium é um homem excepcional, exatamente por ser feito do mesmo barro que todos nós”. [563]

> O ponto mais importante na consideração do lugar do mito Chico Xavier na cultura e na religião do Brasil do século XX reside no amálgama que realiza entre o espiritismo com um catolicismo tido como mais simples e familiar, desde os episódios de infância e juventude. A vida de Chico desenvolve-se numa típica carreira de santidade – com seus ingredientes de sacrifício, renúncia e glória – a despeito da negação espírita do culto aos santos.[564]

******

[563] MACHADO, 1992, p. 100.
[564] LEWGOY, 2010, p. 166.

4. Etnografias de museus: entre bricolagens, pastiches e apagamentos

> Eu acho que, olha, passaram-se doze anos... é... quase 13 anos do falecimento dele, da passagem dele para o mundo da espiritualidade. Você não vê uma rua no nome dele, se alguém fez agora depois de 12 anos um colégio que pôs o nome dele aqui no bairro. O povo de Uberaba não aceitou mudar o nome do bairro onde ele morava. Não aceitou. Os moradores, porque aqui se chama Parque das Américas. Um vereador fez um plebiscito, porque queria mudar para chamar Chico Xavier, e muitos não aceitaram. [Silêncio] Então, eu acredito que, não sei a palavra que eu posso falar, pelo que esse homem levou, por onde passou, por onde que passa o nome de Uberaba, ele levava atrás: "onde o sr. mora?" "– Uberaba, Minas Gerais." "Onde fica Uberaba?" "No Triângulo Mineiro". Então, [Uberaba] deve muito... muito. Tem horas que eu acho... eu vi hoje no jornal da manhã, hoje que é dia 6 de abril, um jornal diz que o aniversário do Seu Chico passou em branco. Esqueceram. Será que esqueceram do Seu Chico? [565]

"Será que esqueceram do Seu Chico?": a questão-problema apontada por Netinho durante as pesquisas de campo, são norteadoras desta tese e, especialmente, abordadas neste capítulo por meio da interpretação daquele lugar de memória onde transcorria o diálogo da entrevista: a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX). Interlocutor de suma importância, posto que desde o ano de 1968 esteve ao lado de Chico Xavier em momentos de grande intimidade, no cuidado dos cabelos e da barba, no trato com a aparência que foram também fundamentais na constituição da imagem-representação do médium, na relação de confidencialidade estabelecida que, segundo suas palavras, "eu era mais que um barbeiro".[566]

O que indica outro ponto de grande referência na interpretação deste capítulo: a construção dos limites, intersecções e fronteiras entre o universo privado e o universo público de Chico Xavier, incluindo o trânsito entre estes mundos, discussão que tem local privilegiado de observação a partir da intimidade da casa. Para se estar junto de Chico Xavier, na profundidade do termo, era imprescindível ter absoluta discrição e disciplina. E essa perspectiva também marcava a experiência etnográfica no contexto museal, analisado pela contradição intrínseca entre a

[565] CHAGAS NETO, 2015.

[566] Sobre o primeiro contato que Netinho teve com Chico Xavier, ele relatou o diálogo com o antigo barbeiro de Chico Xavier que, na ocasião, era dono da barbearia onde Netinho trabalhava: "Olhe, se prepare que terça-feira eu o levarei até o Chico, ele marcou para irmos à meia-noite. Eu então retruquei: meia-noite? Essa hora estou dormindo". Ele retrucou: Mas é a hora que ele pode te atender". In: *Revista Chico Xavier, 10 anos de Saudades*, 2012, p. 13.

cosmologia espírita e os processos de salvaguarda, na tensão epistemológica entre o materialismo e a espiritualidade, entre o material e o imaterial, entre a cultura do desapego material e a prática do colecionismo, entre o conservadorismo e a inovação, entre um museu-casa e um museu sacro.[567] Em perspectiva interdisciplinar, notoriamente antropológica, tomou-se a CMLCX enquanto um *lugar* em sua categoria do patrimônio imaterial, pois participa fortemente, ainda hoje, na produção de sentidos específicos relacionados à prática do Espiritismo em níveis local, regional, nacional e internacional, posto que representa a memória de uma das maiores lideranças espirituais da Doutrina.[568]

Neste sentido, aquele museu-casa se configura como um bem de interesse diferenciado para determinado grupo social – relacionado não somente aos espíritas, como também para os cristãos e demais simpatizantes –, uma vez que tem interdependência na trajetória de Chico Xavier. O que envolve as representações sociais a ele associadas, às narrativas que se conservam a seu respeito, e não somente as edificações que abrigam o museu-casa, como também seus bens móveis ali abrigados em sua interlocução com os usos que se desenvolvem e sustentam a interação com a comunidade espírita, que é priorizada como interlocutora e interessada na conservação e preservação dos bens de Chico Xavier. Desta forma, os recortes de investigação, as formas de abordagem, os temas pertinentes e até mesmo os equipamentos utilizados durante a pesquisa de campo foram definidos a partir desta relação constituída com a finalidade de documentar a visão dos usuários deste ambiente – que são prioritariamente espíritas, mas não exclusivamente –, em uma casa agora transformada em museu.

Portanto, não é fortuito que a pesquisa etnográfica tenha sido definidora como método que permitiu estabelecer uma relação mais próxima com o grupo ao longo dos anos de 2014 a 2023. A abordagem com coletivos religiosos, baseados em forte

---

[567] GENDREAU, Andrée. Musée et savoir: la question du privé et du public. In: *Anthropologica*, vol. 41, nº 1, p.13-23, 1999.

[568] "Lugares: toda atividade humana produz sentidos de lugar. Neste inventário serão incluídos especificamente aqueles que possuem sentido cultural diferenciado para a população local. São espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto às atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. Do ponto de vista físico, arquitetônico e urbanístico, esses lugares podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhes são próprias. Eles podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade". In: IPHAN, 2000, p. 32.

coesão social definida pelos dogmas religiosos, expressa os desafios e reflexões sobre pontos fundamentais de uma doutrina, apresentados como certos e indiscutíveis, hegemônicos e conservadores, cuja verdade é admitida pela comunidade estudada e consolidada em uma memória social amplamente aceita e difundida. Ademais, a pesquisa em questão trata da maior liderança brasileira da religião estudada e sendo posicionado ao lado do fundador da Doutrina Espírita, Allan Kardec. Neste sentido, Chico Xavier tem sua trajetória e memória consolidadas enquanto um missionário do Kardecismo, de modo que o acesso às informações sobre seu contexto privado, permeado pela vivência na casa que se tornou museu, são também preenchidos por representações de sua esfera pública e proporcional à correspondência e desejo de manutenção da sua imagem venerada.

Outrossim, a pesquisa etnográfica proporcionou o acesso, inclusive, a um público bastante restrito ao universo particular e cotidiano do médium, cujas informações foram muito preciosas para aprofundar o conhecimento e identificar a relevância da instituição que se configura enquanto museu-casa, bem como de seu acervo associado. Como figura mítica e liderança religiosa, o aprofundamento ao universo privado foi realizado de maneira bastante sensível, entendendo os ritmos, fluxos e desejos dos próprios interlocutores que ditavam os jeitos, formas, tempos, condições e limites de aproximação.

Em muitos momentos, a opção foi de não realizar registros audiovisuais, incluindo entrevistas e, assim, não termos que utilizar recursos tecnológicos para mantermos conversas mais próximas e informais que eram posteriormente registradas em anotações no caderno de campo da pesquisa. Para que esta relação mais íntima se constituísse como algo do cotidiano e, portanto, para que tivéssemos acesso à realidade daquela casa, foram sendo inseridos paulatinamente equipamentos de fotografia, gravação de voz e filmagem, notoriamente de menor tamanho e visualmente mais discretos, para que não se restringisse a aspiração da comunicação, o desejo da fala, a interlocução simétrica e uma relação crescente de confiança e menos intimidadora imposta pelas necessidades da pesquisa. O resultado decorreu no acesso a pessoas, espaços, objetos e narrativas que dão a entender a complexa construção de sentidos e significados em torno de Chico Xavier e do Espiritismo por meio de seus praticantes e devotos.

É relevante destacar que a investigação desenvolvida especialmente em Uberaba requereu a interlocução com outros lugares relacionados à prática do

Espiritismo, como forma não somente de levantar dados e informações de pertinência, como também no intuito de mensurar, dimensionar e calibrar a relevância da própria CMLCX no panorama estudado de maneira comparativa e em diversas escalas (local, regional, nacional e inter relacional). Acervos, instituições e arquivos foram pesquisados em várias cidades no Brasil e no exterior, com destaque para uma infinidade de museus-casas perscrutados.

Este capítulo, portanto, é organizado a partir das tessituras da CMLCX em sua relação com a comunidade, bem como da relação da comunidade com esse museu-casa, com a memória social, com a identidade e autoridade do médium entendendo sua influência para um território mais amplo, ou seja, este *lugar* se configura neste estudo enquanto *território-fonte* do Espiritismo. O desenvolvimento e articulação entre texto e as fontes audiovisuais – notoriamente fotográficas –, neste sentido, estabeleceram-se notoriamente a partir desta orientação desdobrada como resultante do processo de pesquisa.

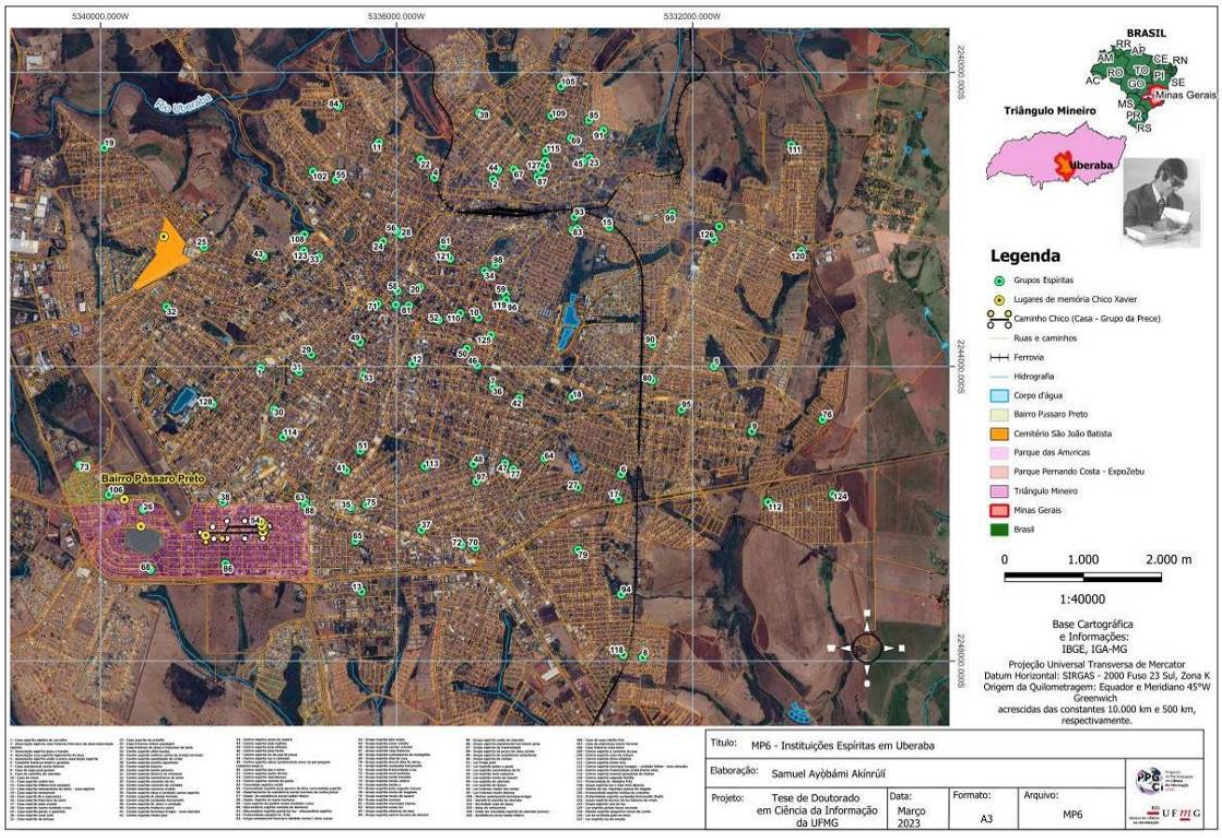


Figura 243 – Centros espíritas de Uberaba cadastrados na AME até o ano de 2016.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Chico Xavier, que já tinha contato com Uberaba especialmente por meio de suas atividades como funcionário do Ministério da Agricultura, configurava, ainda, relações mais próximas com a cidade por ali também ser um contexto no qual o Espiritismo estava em ascensão. Com sua mudança em 1959, Uberaba se consolidou como um território de devoção do Espiritismo, o que impactou, inclusive, na sua conformação urbanística, notoriamente na ampliação do uso e ocupação do solo nos setores suburbanos daqueles que viriam a se configurar como bairros Parque das Américas e Planalto, estes antigamente conhecidos como Vila Silva Campos e Vila dos Pássaros Pretos, respectivamente. Com o tempo, estabeleceu-se ali um território de turismo religioso que até hoje pode ser notado pela ampliação da rede de comércio em torno de Chico Xavier, e que é responsável por grande parte da arrecadação municipal o que também gera disputas sobre a própria memória do médium. Em 1959, existiam 15 centros espíritas em Uberaba, número expandido para 113 de acordo com o último cadastramento feito pela Aliança Espírita Municipal (AME) de Uberaba em 2016, o que demonstra o impacto da presença e das ações do médium na ampliação de uma comunidade espírita que teve aquele local como ponto fulcral.

Neste sentido, foi em sua casa que o médium deu amplitude à sua missão de divulgador do Espiritismo, ambiente que permitiu estabilidade para a vasta produção intelectual e assistencial a partir de meados de sua vida. Do total de 416 livros publicados por Chico Xavier, 357 obras foram produzidas em Uberaba, o que representa a expressiva cota de 86% do total de sua produção intelectual em vida e, para isso, contou com a ajuda de tarefeiros e colaboradores geridos por sua missão doutrinadora. Portanto, os diálogos e interações entre o universo público e privado tem *lócus* privilegiado de observação a partir da CMLCX com identificação de medianeiros, ações, trajetórias, práticas e objetos envolvidos em sua missão. A trajetória biográfica é sustentada e se sustenta pelos objetos-memória, pelos fiéis-usuários, pelos sujeitos-interlocutores, pela casa-museu, pelo lugar-fonte.

Assim, seguimos a narrativa com a seguinte questão: quais os significados desta casa-museu para a coletividade e o que os objetos e acervos expostos tem a nos contar? Quais os procedimentos expográficos tomados? Ademais, as contradições existentes sobre essa tipologia de museus (museu-casa, casa-museu ou casa-histórica) podem ser exploradas em sua potencialidade quando práticas museológicas tornam questionadoras a relação entre os aspectos da memória dos

sujeitos em sua relação de vivência íntima nos espaços, e não simplesmente pelo prédio ser uma representação de uma arquitetura de valor histórico. Entretanto, no campo museológico, as controvérsias sobre esta temática – e mesmo sobre seu conceito – ainda estão longe de chegarem a um consenso.[569]

A etnografia representou uma abordagem que desencadeou não somente diferentes métodos a fim de compreender as estruturas significativas dos contextos sociais através de descrições densas.[570] Permitiu-nos, ainda, tensionar os temas, abordagens e formas de descrever o conhecimento e as maneiras de se viver no mundo, incluso a própria forma de construir a narrativa. Em um panorama de crises de representação, de ampliação das múltiplas identidades, de ecos do perspectivismo na ciência, faz-se necessário observar que os agentes e agências se encontram não exclusivamente orientados pela epistemologia científica moderna, mas também por outras ontologias, outras ordens discursivas, que são postas em questionamento na crítica decolonial.[571]

Há, portanto, um investimento na ação de (des)enquadramento das práticas e interpretações sobre os museus, que também se expressam nas contribuições da crítica decolonial também pelo viés da descentralização das narrativas, e mesmo da reconfiguração das territorialidades relacionadas aos espaços de memória, através da investigação da relação entre centros e periferias, ou mesmo entre as margens que ali se constituem entre nortes e sul globais. Este debate sobre estas múltiplas, complexas e idiossincráticas interações entre territórios, identidades e patrimônios reflete, ainda, uma discussão sobre o universo público e privado.[572]

A reconfiguração e reposicionamento dos centros canônicos de produção do conhecimento permite a expansão das interpretações do social em “outras geografias”.[573] Nesta diferente relação crítica entre territórios e pessoas, lugares e acervos, novos temas e múltiplas abordagens tomam forma nas últimas décadas,

---

[569] DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Dicionário Enciclopédico de Museologia*. Paris: Armand Colin, 2011. DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

[570] RESTREPO, Eduardo. *Etnografía*: alcances, técnicas y éticas. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

[571] SARR, Felwine; SAVOY Bénédicte. *Pour la restitution du patrimoine culturel africain*: vers une nouvelle éthique relationnelle. Paris: Ministère de la Culture/CNRS, 2018.

[572] AKINRULI, Samuel Ayobami; MOURA, Maria Aparecida. Etnografar museus e narrar pós-memórias: aproximações entre museus-casa. In: *Anais do XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB*, p. 1-16, 2021.

[573] APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº 49, p. 7-32, 1997.

especialmente sua relação com a memória social. Há um esforço de (re)interpretação decolonial e mesmo de (re)escrita de narrativas pelo viés dos antagonismos sociais que existem, são de múltiplas ordens e estão inseridos de diferentes formas, projetando uma riqueza de múltiplas identidades. Tais questões são passíveis de interpretação dos museus que, de maneira muito próxima temporalmente, passam a desenvolver pesquisas também sob o contributo da perspectiva das etnografias de museus.[574]

Portanto, em grande medida, esta amplitude do debate sobre a alteridade tem sido possível no campo museológico também graças à influência de experiências etnográficas, que derivam da necessidade de procurar métodos, atitudes e ações mais partilhadas e simétricas em relação aos procedimentos museológicos – os seus meios, técnicas e processos de representação – levando a repensar narrativas museológicas em suas multiplicidades e suas interconexões em relação aos conceitos de memória, patrimônio, história e conhecimento também entendidos na esfera de um direito fundamental.[575] Tais contribuições centram-se, ainda, na produção de novas formas documentais para fins memoriais, que incluem discussões mais amplas sobre as formas de representação e aos direitos de ser representado, o que não só fomenta abordagens críticas em relação à memória e aos procedimentos memorialísticos, mas também a promoção da amplitude das vozes e do conhecimento plural, com entendimentos críticos sobre os seus usos e funções sociais, a fim de conformar um conhecimento participativo, colaborativo e mais democrático no contexto museal.[576]

Nesta premissa, a prática etnográfica permite ecoar e dar amplitude aos discursos dos grupos e dos detentores dos bens culturais, o que inclui o momento em que o encontro, a relação e o convívio do investigador com o universo deste "outro" passa também a ser tensionado nas narrativas científicas. A contribuição ao campo da Ciência da Informação indica que se procura, através da etnografia, produzir narrativas que tragam as percepções dos interlocutores sobre o seu ambiente social e cultural, os seus objetos, as suas coleções, a sua história, por

---

[574] LIMA FILHO, Manuel; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato (orgs.). *Museus e atores sociais*: perspectivas antropológicas. Recife: Editora UFPE, 2016.
[575] AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Direito à memória, direito à história: reflexões sobre as relações entre património cultural e etnografia. In: *Emblemas*, vol. 15, p.15-26, 2018.
[576] MACDONALD, Sharon; FYFE, Gordon. *Theorizing Museums*: representing identity and diversity in a changing world. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

meio da observação direta, tendo como referência os discursos dos grupos e dos detentores dos bens culturais. Significa dizer que se busca, por meio da etnografia, produzir narrativas que apreendam as percepções dos interlocutores sobre o ambiente social, cultural, o clima, a descrição da paisagem, sua história, dentre outros aspectos relacionados, ao mesmo tempo em que são explicitadas questões pertinentes às dimensões específicas do trabalho de campo e do momento da produção escrita e acadêmica. Isto, porque o tempo do encontro, a ocorrência do trabalho de campo, a relação, constitui-se uma situação de relação peculiar com os interlocutores, condição de dois mundos em encontro – aquele que é levado a campo pelo pesquisador e daquele outro deparado na realidade do campo.

Trata-se da estrutura basilar da experiência etnográfica, cujo registro privilegia não somente a visão do pesquisador sobre os pesquisados, uma vez que a narrativa precisa demonstrar a afetação causada pelos relacionamentos estabelecidos no momento do trabalho de campo. O momento da escrita, por sua vez, o tempo do reencontro, abre espaço para as idiossincrasias da coletividade, para as particularidades dos sujeitos, de modo a expor não somente a norma, mas o seu desvio. Desse olhar treinado que dialoga entre o geral e o específico, do micro para o macro, desenha-se um quadro conceitual e metodológico específico de análise antropológica, em um tempo específico de reflexão sobre o vivido.

As escolhas que a pesquisa faz em torno de sua escrita etnográfica são, portanto, resultados bastante particulares do engajamento com o grupo estudado. Neste aspecto, as especificidades de cada etnografia residem tanto nos envolvimentos e interações muito peculiares com os nativos em campo, quanto na reelaboração das experiências por meio da escrita. A empatia do pesquisador com a coletividade pesquisada deve ser fulcral a ponto de se levar à sério o universo cultural de seus interlocutores, concedendo a medida de sua importância e de modo a ressaltar sobre as necessidades de entendimentos linguísticos específicos.[577]

Assim, não se trata de uma extrema separação entre o tempo do trabalho de campo e o trabalho de gabinete específico na etnografia. Também, dissolvem-se essencializações sobre os interlocutores e a comunidade estudada, promovendo-se, assim, o dinamismo histórico do grupo pesquisado, sem congelar e criar suspensões

[577] FABIAN, Johannes. *The Time and the Other*: how anthropology makes its object. 2ª ed. New York: Columbia University Press, 2002.

no tempo de suas ações.[578] A escrita etnográfica, todavia, não deixa de ser um distanciamento da realidade vivida, entretanto, de forma a não criar um abismo entre o pesquisador e a comunidade ao se tentar manter a "coetaneidade" entre o tempo de vida e o tempo de escrita. Se tomarmos as palavras de Vincent Capranzano, a etnografia seria um sintoma do confronto com a alteridade, a tentativa dialética de se colocar um ponto final no encontro, removendo-se assim da vida dos etnografados.[579]

É necessário ainda discernir sobre os grandes desafios impostos no decorrer desta pesquisa. Do ponto de vista da pesquisa de gabinete, tratou-se de uma investigação com expressivo volume de informações também presentes em fontes secundárias e bibliográficas para o levantamento de dados e informações sobre a vida, a obra e a trajetória de Chico Xavier. O que se revelou uma ação de grande complexidade pelo dilatado volume de informações midiáticas, pelo grande número de publicações de sua autoria e obras sobre o médium. Por outro lado, a pesquisa *in loco* revelou ainda outros reptos: fruto de um litígio judicial, a pesquisa em campo precisou equilibrar as diversas tensões existentes em relação ao acesso aos acervos, pessoas e narrativas relacionadas ao líder religioso de maior expressão do Espiritismo no Brasil e que não necessariamente são facilmente acessíveis ou que são desejáveis que sejam expostas.

Tomando por pressuposto que a pesquisa etnográfica é aqui tratada como uma ferramenta heurística, que permite a imersão no universo pesquisado por meio da construção de relações cotidianas e de proximidade com os interlocutores, é preciso também levar em consideração as questões sociológicas próprias da comunidade estudada. O grupo espírita é fundamentado em princípios muito rígidos de hierarquia e autoridade moral que regem as relações de coesão religiosa e reciprocidade baseada na coerência, na harmonia e na paz – e, portanto, na ausência de conflitos –, sendo Chico Xavier a sua grande referência e Eurípedes dos Reis um dos principais mediadores dos processos memorialísticos do médium pós-desencarne na CMLCX.

---

[578] AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Memórias em disputa e as reconfigurações do patrimônio cultural: para uma etnografia de museus. In: *Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS*, p. 1-25, 2017.

[579] CRAPANZANO, Vincent. On The Writing of Ethnography. In: *Dialectical Anthropology*, ed. 01-04, nº 02, p. 69-73, jan. 1977.

Há uma postura coletiva de não opinar sobre assuntos que possam fomentar discórdia, de forma a construir uma ideia pública de “respeito” aos pontos de vista existentes, de modo também a promover dedicação e “concentração” naquilo que possa ajudar na união do movimento espírita. De acordo com Lewgoy, que realizou uma etnografia da leitura e da fala com a comunidade espírita,

> Há uma dificuldade essencial na abordagem do sistema espírita, que deriva, de um lado, da complexidade dos aspectos que podem ser invocados pelo pesquisador para produzir uma imagem coerente desta religião. Resumidamente, o espiritismo kardecista caracteriza-se por ser uma religião de múltiplas entradas, monopolizado em suas instâncias de legitimidade e poder por grupos letrados, e cujo problema antropológico de análise remete à possível diversidade das adaptações práticas locais de um conjunto comum de fontes escritas.[580]

Em nosso caso, a interlocução privilegiada partiu de um grupo mais amplo e, portanto, menos íntimo de Chico Xavier, indo em direção àqueles que faziam parte do circuito bastante limitado dos assistentes e partícipes não somente do cotidiano do médium, mas de sua intimidade. E se trata de um grupo em pequeno número, sendo grande parte já falecida ou que faleceu durante a pesquisa. A interlocução com esse grupo íntimo ainda vivo, mas em grande medida de idade avançada, relacionado à vida e obra de Chico Xavier foi de grande relevância para se acessar a visão *a partir* e *junto* desta comunidade, no sentido de produzir conhecimento sobre o patrimônio imaterial e material, sobre seus procedimentos memorialísticos e regimes de memória, nesta perspectiva etnográfica dedicada à etnografia de museus, especificamente de um museu-casa.[581]

Para Beatriz Sarlo, nunca como agora a memória foi um tema tão espetacularmente social e não somente pela sua relação com o desejo de justiça, mas também pela recuperação de memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de versões e leituras do passado.[582] A autora cogita a possibilidade de interpretação da realidade pelo aporte do conceito de pós-

---

[580] LEWGOY, 2010, p. 221.

[581] AKINRULI, Samuel Ayobami; MOURA, Maria Aparecida. Etnografando museus: apropriações e mediações do conhecimento sobre o patrimônio cultural em espaços de memória. In: FROTA, Maria Guiomar da Cunha Frota; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da; GOMES, Pablo (orgs.). *Anais da 4ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi*: mediações da informação, democracia e saberes plurais. 4ª ed. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação; Universidade Federal de Minas, p. 208-225, 2020.

[582] SARLO, Beatriz. *Tiempo Presente*: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001, p. 96.

memória, ou seja, baseada em uma “memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos”, quer dizer, a pós-memória poderia ser uma memória “dos filhos sobre a memória dos pais”, por exemplo.[583] Na interpretação a partir do prisma da pós-memória, e que é de bastante utilidade nesta pesquisa, seu caráter iniludivelmente imediato das lembranças é o que diferencia, por oposição, às operações de uma memória direta da experiência, que permitiria outras reconstituições das vidas dos sujeitos e do seu entorno imediato.

> É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles; esse discurso, por sua vez, pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes, embora sejam fontes mais próximas no tempo (...). Nas sociedades modernas, essas fontes são crescentemente midiáticas, desvinculadas da escuta direta de uma história contada “ao vivo” por seu protagonista ou por alguém que ouviu seu protagonista (...).
> O prefixo pós indicaria o habitual: é o que vem depois da memória daqueles que viveram os fatos e que, ao estabelecer com ela essa relação de posteridade, também tem conflitos e contradições característicos do exame intelectual de um discurso sobre o passado e de seus efeitos sobre a sensibilidade.[584]

A pós-memória, do ponto de vista de Beatriz Sarlo, seria um sentido restrito da memória, que se torna um discurso produzido “em segundo grau, com fontes secundárias que não vêm da experiência”, uma “memória de segunda geração”, uma “lembrança pública ou familiar de fatos auspiciosos ou trágicos” de um passado que não foi vivido pelos narradores, que são os mediadores dessa narrativa.[585] Está mais para uma transmissão de memórias através de gerações que de uma memória estritamente traumática, experienciadas e transmitidas sobre situações catastróficas, como proposto por Hirsch.[586]

A relação com a posteridade e o foco nos aspectos da transmissão intergeracional são prismas relevantes de análise, inclusive pelo potencial que o conceito de pós-memória carrega nos campos das emoções que suscitam, bem como na conexão com o passado por meio da imaginação e da criatividade e, finalmente, pelo posicionamento imperativo da testemunha que tem função estratégica de preservar o passado que têm herdado e transmitido a outros, ou seja,

---

583 *Idem*, p. 91. Tradução nossa.
584 *Idem*, p. 91-92. Tradução nossa.
585 *Idem*, p. 92.
586 HIRSCH, Marianne. *Family frames*: photography, narrative, and postmemory. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

para uma audiência mais ampla como podem ser considerados os usuários dos museus.[587]

E a possibilidade de identificar estas experiências e narrativas relacionadas à pós-memória – cujas experiências dos antecessores são transmitidas de alguma forma através de histórias e silêncios seletivos[588] – foi promovida nesta pesquisa pela etnografia. Ressalta-se que dentro e fora das fronteiras disciplinares da Museologia, a etnografia tem trazido aportes interpretativos que incorporam reflexões associadas não somente à teoria e prática, o que representa um debate metodológico, mas de maneira mais profunda, diz respeito às questões essencialmente epistemológicas. E deve ser, por assim dizer, que Michaela Giebelhausen indicou que "o museu sempre teve uma relação especial e controversa a respeito do tempo e da história".[589]

> Há coincidências entre a aceleração do tempo e a vocação memorial. A aceleração produz precisamente o vazio do passado que as operações de memória tentam compensar. O novo milênio se abre nessa contradição entre um tempo acelerado que impede a passagem do presente e uma memória que busca dar solidez a esse presente murcho que desaparece comendo a si mesmo.[590]

Andreas Huyssen discorreu sobre aspectos intrínsecos à política da memória e seu contemporâneo processo de transnacionalização em oposição ao momento anterior de uma política global dos memoriais. Para tanto, o autor refletiu de maneira mais abrangente sobre o "surto de expansão da memória" por meio da comparação entre dois grandes memoriais – o Monumento aos Judeus Assassinados da Europa em Berlim e o Memorial do 11 de Setembro em Nova Iorque.[591]

> Essa dimensão política da comemoração foi acompanhada, no Ocidente, por uma transição mais generalizada da crença dominante no futuro da modernização para um investimento muito difundido no passado, através de ondas de nostalgia e moda retrô. Para alguns, essa obsessão recente com a memória marca uma necessidade crescente de historicidade num mundo de obsolescência planejada, bem como no presente em eterna expansão da cultura de consumo.

---

[587] BEHRENDT, 2013, p. 52.
[588] FROSH, Stephen. *Those Who Come After*: Postmemory, Acknowledgement and Forgiveness. London: Palgrave Macmillan, 2019.
[589] GIEBELHAUSEN, Michaela. In the museum's ruins: staging the passage of time. In: MACLEOD, Suzanne; HANKS, Laura Hourston & HALE, Jonathan (eds.). *Museum Making*: narratives, architectures, exhibitions. London; New York: Routledge, 2012, p. 234. Tradução nossa.
[590] SARLO, 2001, p. 98. Tradução nossa.
[591] HUYSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014, p. 139.

> (...) Na verdade, a própria memória pode tornar-se uma mercadoria a ser colocada em circulação por uma indústria voraz da cultura, sempre em busca de novos floreados.[592]

Essa constatação de que a memória é expansiva e ao mesmo tempo é uma mercadoria, é relevante ao contexto analisado da pesquisa doutoral, fundamentalmente em relação aos percursos turísticos e caravanas religiosas que mobilizam milhares de fiéis espíritas a Uberaba, ao Triângulo Mineiro e a Pedro Leopoldo., e sobre os litígios decorrentes da discussão sobre a conservação e posse dos acervos de Chico Xavier. Ainda, as categorias dos lugares de memórias interpretadas como museus-casa e memoriais são noções relevantes, notada a ambiguidade entre as funções sociais das duas instituições que retratam a memória de Chico Xavier em Uberaba, a saber: a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX), local onde vivia o médium, e o recentemente aberto Memorial Chico Xavier. Tal panorama abre diversos flancos para interessantes investigações sobre os usos estratégicos não somente da cultura, mas do próprio ato de rememorar que tem sido cada vez mais alvo de interesses divergentes.

4.1. Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier: uma casa para um museu, ou um museu para uma casa?

Um hiato de tempo separa aquela experiência memorialística da Exposição Espírita Permanente atrelada às viagens ao exterior de Chico Xavier entre os anos de 1965 e 1966, com a fundação da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX), este museu-casa aberto em 2002, poucos meses após o falecimento do médium. Da malograda experiência da EEP que acabou não durando o suficiente até os nossos dias, havia insistência na relevância memorialística do Espiritismo que acompanhava Chico Xavier, de modo que ele deixou registrado que gostaria que, após sua morte, sua casa fosse transformada em um museu, como a *Maison de Balzac*.

E, tal qual na *Maison de Balzac* para o escritor Honoré de Balzac, a casa de Chico era seu refúgio para conseguir executar sua maior missão, que parece ter sido difundir a Doutrina Espírita de múltiplas formas, mas sistematicamente a partir das obras literárias que sustentavam as ações assistenciais. Ao passo que a

[592] *Idem*, p.139.

evangelização e a caridade tinham grande importância em tornar prático os ensinamentos do Kardecismo, além de que os livros registravam para as diversas gerações aqueles preceitos, de forma a serem seus suportes de memória por excelência.

Uma casa modesta instalada em uma área também marginal ao centro da cidade, que era uma gleba de uma grande fazenda cujos loteamentos tinham sido parte comprada, parte adquirida por doação dos apoiadores de Chico Xavier. Por aquelas bandas passaram a acontecer peregrinações, distribuições de alimentos, momentos de estudo e uma multidão de fiéis foi arrastada em busca de consolo material e espiritual. Formou-se o bairro Parque das Américas (Vila Silva Campos) e o Planalto (Vila Pássaro Preto e Vila Ozanan).

A casa de Chico Xavier é a expressão de seu universo privado, lugar de acesso de poucos, em contraposição ao excesso de exposição do seu domínio público, com a rotina de reuniões espíritas, lançamentos de livros, peregrinações. Em fórum íntimo, mais de 12 horas diárias de dedicação à produção bibliográfica. Ali, também como em Balzac, um pequeno jardim ladeado de bancos, conformando um pátio. Também, a expografia da CMLCX, muito parecida a um "gabinete de curiosidades",[593] dialoga em alguma medida com a representação, em modo ampliado, desta faceta pública dedicada à produção escrita que também o projetou internacionalmente e insere Chico Xavier na narrativa da nacionalidade brasileira. Uma rebordosa de imagens, de informações, impossível de acompanhar em um único fio condutor. Impossível também sair dali sem conhecer alguns dados pitorescos sobre Chico Xavier, ao gosto do freguês. Cada usuário que visita a CMLCX vai colhendo o que lhe é mais conveniente naquela expografia.

Por aquela simplória residência do médium em Uberaba passaram presidentes, políticos diversos, chefes militares, outras lideranças religiosas. Hoje, a casa é aberta gratuitamente à visitação pública e as imagens representadas em efusão expressam o impacto social daquele homem na sociedade, cuja

[593] Uma cultura do colecionismo se expandiu no contexto europeu tendo seu auge identificado em meados do século XVIII, quando amadores e aficionados que fomentavam um comportamento de grande curiosidade e busca por conhecimento passaram a acumular itens vindos de outros territórios, de locais considerados exóticos e trazidos pelos viajantes e navegantes que circulavam em diversos continentes. Além de demonstrarem status social, esse conjunto de bens passou a ser exposto, de maneira aleatória e cumulativa, em salas e cômodos de propriedades daquela burguesia em ascensão econômica. Estes locais passaram a ser chamados de gabinetes de curiosidades e são considerados gérmens dos museus modernos. *Cf*. POULOT, Dominique. *Une histoire des musées de France*: XVIII^{e}-XX^{e} siècle. Paris: La Découverte, 2005.

representação carrega, como em Balzac, a consolidação de uma determinada imagem de um sujeito que lutava pelo bem comum dos homens e mulheres também comuns. Na casa de Chico Xavier, mais que na de Balzac, a dimensão íntima, do universo privado, é exposta talvez pela proeminência de acervos de diversos suportes que permitem o conhecimento da trajetória biográfica do indivíduo em seus processos idiossincráticos.

Figura 244 – Fachada da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier – Uberaba/MG. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 245 – Fachada da *Maison de Balzac*, Paris/França. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2020.

A intenção de provocar um diálogo sobre territorialidades museológicas que, à princípio, pareceriam distintas – não fosse uma categoria em comum, o fato de serem museus-casa – aproximou reflexões sobre os lugares de memória na interconexão entre Brasil e França, entre Pedro Leopoldo e Uberaba, espaços geográficos relevantes para a Doutrina Espírita. Os dados aqui relatados, em grande medida tecidos a partir da melindrosa experiência etnográfica, trazem à lume abordagens sobre estes lugares de memória que se amparam na etnografia para provocar reflexões.

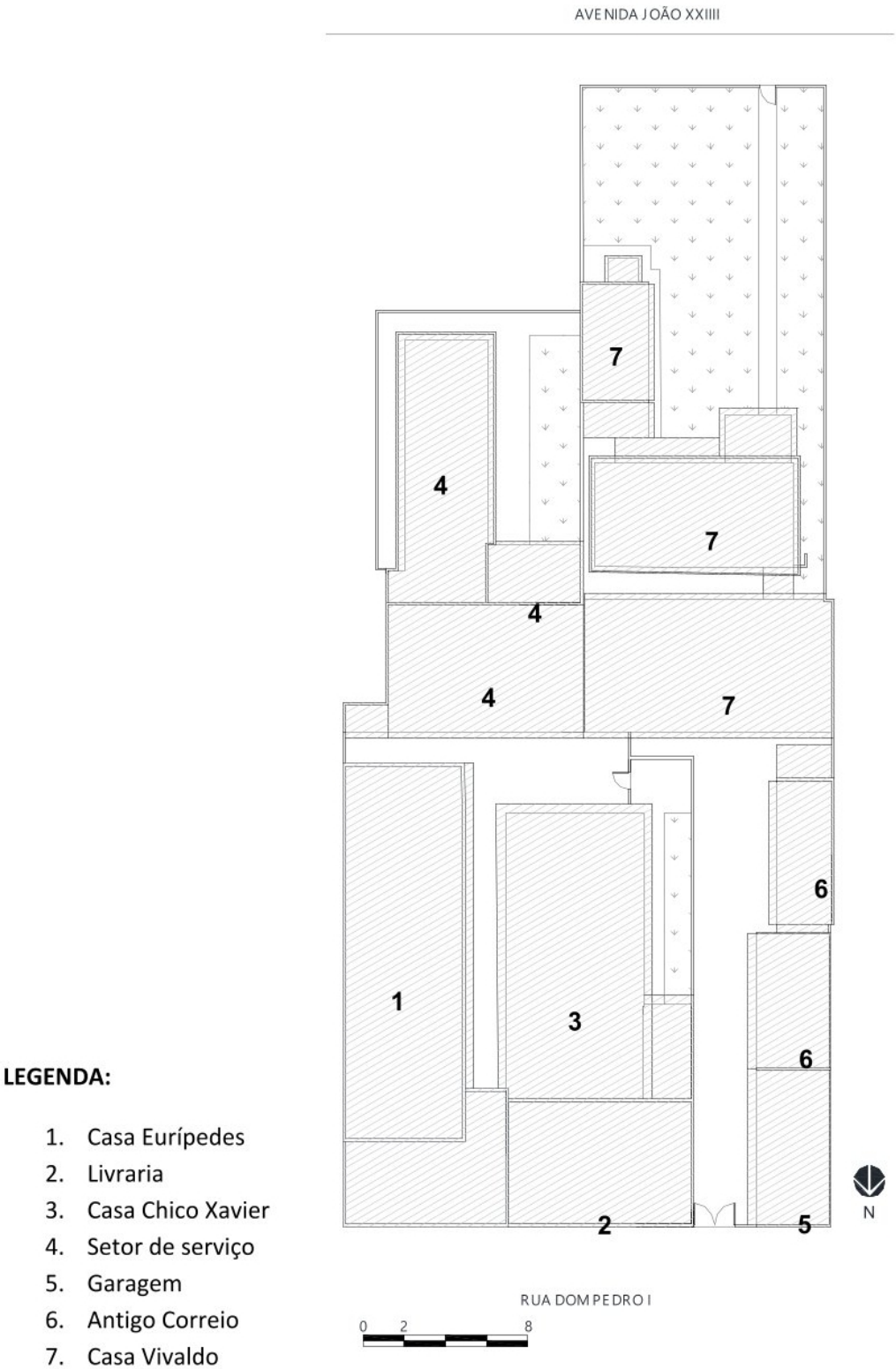


Figura 246 – Planta de implantação da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Elaboração: Januaceli Murta, nov. 2015. Fonte: INSOD, 2022.

Especificamente em se tratando da CMLCX, podemos dividir esse conjunto edificado, à título de melhor organização, em seis outros subconjuntos – aqui

tratados de prédios *a*, *b*, *c*, *d*, *e*, *f* – que são organizados a partir da identificação de seus moradores originais, bem como de seus usos e funções a eles destinados originariamente e envolvidos na condução do Sistema de Informação do Espiritismo desenvolvido por Chico Xavier. Também, assim, é possível entender a dinâmica do complexo e a forma de ocupação destes espaços, ao longo do tempo, a fim de promover uma interpretação mais complexa em relação ao passado e ao seu novo uso, o de museu-casa.

O *prédio a* se refere ao local onde residiu Chico Xavier na intimidade de seus cômodos e, na planta de implantação acima exposta, corresponde a uma parte dos setores 2 e 3. Inicialmente, a fachada anterior do imóvel – localizada na Rua Dom Pedro I nº 145 – era conformada por um muro alto e branco, com portões em tom marrom-bordô que diferenciavam o acesso entre a casa de Chico e de Eurípedes, principalmente, mas que também permitia ingresso à residência de Vivaldo que estava um pouco mais ao fundo do terreno. A fachada anterior incluía duas garagens, sendo uma usada por Eurípedes, que era detentor de automóvel e que auxiliava no transporte de Chico Xavier em diversos momentos.

O lote retangular desse conjunto de imóveis dava passagem ao lado oposto do quarteirão, a Av. João XXIII no nº 720, cujo muro de mesma altura da fachada posterior, também pintada de branco, tinha um estreito portão que era usado prioritariamente por Vivaldo. Este portão era pintado de creme, mesma cor da casa de Vivaldo. Todavia, segundo informações de Eurípedes dos Reis, comumente era também uma saída estratégica em dias que no portão da casa de Chico – na saída da Rua Dom Pedro I – estava abarrotado de pessoas à sua espera. Também, aquela saída era usada quando havia necessidade de recebimento de doações em maior volume, notoriamente nas distribuições de Natal organizadas por Yolanda Cezar.

Depois do falecimento de Chico Xavier, ao lado daquele portão da Av. João XXIII, Vivaldo que ainda viveu sem a presença de Chico por cerca de 12 anos, colocava de tempos em tempos, uma placa com os seguintes dizeres que remetia à realização de passes por ele:

Serviço Espiritual
De 2ª a 6ª feira
Das 16 às 18hs

“Serviço Gratuito” [594]

Em um recorte deste terreno, também após a morte do médium, Eurípedes construiu um imóvel em uma posterior em meados de 2011, conformando uma outra edificação na Av. João XXIII nº 714. Tem uso comercial e ali funciona a empresa “Yah Congelados”. Possui arquitetura semelhante à volumetria da casa de Eurípedes, contudo, inicialmente pintado de cor amarronzada e esquadrias de vidro, com mesma pedra usada em ambas as calçadas (Pedra São Tomé). Parte deste terreno posterior, que dava acesso a um ajardinamento e à casa de Vivaldo, foi também convertido em estacionamento a serviço da empresa de congelados ali instalada desde fevereiro de 2021.

Figura 247 – Chico Xavier ao lado de Enoé Coelho, sua cozinheira, e Vivaldo Borges na porta de sua casa com entrada principal na Rua Dom Pedro I nº 145, [1975]. Fonte: HARLEY, 2016, p. 366.

[594] Vivaldo era médium, ao que se sabe, pelo menos de vidência e audiência, e atuou no grupo de passistas no Grupo Espírita da Prece entre os anos de 1975 a 1983, tendo interrompido estas ações públicas por “imperativo da Obras do Livro ou do Serviço Espiritual”. In: BORGES, 1998, p.24.

Figura 248 – Fachada que dava acesso à casa de Eurípedes à esquerda e a de Chico Xavier ao centro, fins de 2000. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 249 – Fachada que dava acesso à casa de Eurípedes, tendo seu carro à frente, fins de 2000. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 250 – Em fevereiro de 2001, a Livraria FCX já funcionava no imóvel. Nesta fotografia de junho de 2006, vê-se a placa amarela indicativa do museu-casa. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 251 – Interior da Livraria FCX, agosto de 2005. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 252 – Interior da Livraria FCX, tendo Mônica à direita e Silma à esquerda, [2005]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 253 – Livraria FCX com toldo listrado, [2006]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 254 – Fachada da Livraria FCX e do Museu Chico Xavier, [2006-2008]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 255 – Fachada da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier com acesso pela Livraria FCX. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2016.

Figura 256 – Atual configuração do museu-casa, tendo incorporado o antigo patrimônio de Vivaldo. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 257 – Letreiro da fachada da CMLCX. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 258 – Interior da Livraria FCX, [2001-2006]. Fonte: Acervo CMLCX.

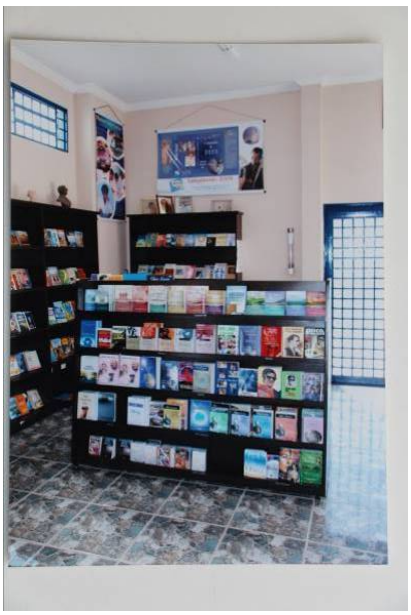


Figura 259 – Interior da Livraria FCX já com ampliação, c. 2008. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 260 – Interior da Livraria FCX, tendo ao fundo, a porta de acesso ao museu-casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2016.

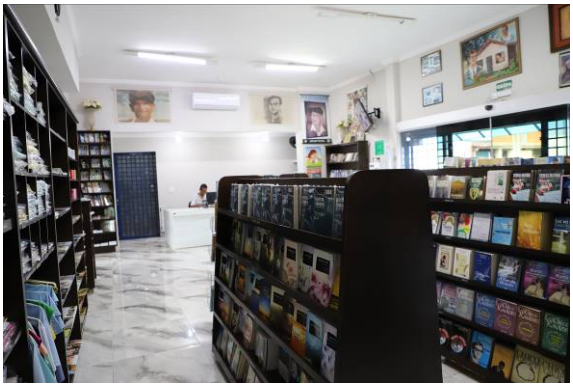


Figura 261 – Interior da Livraria FCX já com a terceira ampliação. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 262 – Fachada da Livraria FCX que dá acesso à Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, set. 2014.

Quando Eurípedes iniciou as adaptações da casa já visando a implantação do museu-casa e da livraria, Chico Xavier era bastante idoso, com 90 ou 91 anos. Certamente, nos idos de 2000, foi feita pintura completa no imóvel, tanto na parte interior quanto exterior. Inicialmente, ainda não na fachada, mas internamente se assumiu o tom azul claro para as paredes e azul escuro para as esquadrias, que acabaram se tornando uma marca da edificação. Em 15 de fevereiro de 2001, Eurípedes fundou a Livraria FCX com o CNPJ 04.297.371/0001-38, de forma a ocupar a parte anterior do imóvel, abrindo um novo acesso naquela fachada. Um toldo listrado em azul e branco foi instalado e, além de proteger do sol, sinalizava a presença de um comércio.

Entre os anos de 2006 a 2008, obras de maior porte foram realizadas no conjunto de edificações. Eurípedes construiu um segundo pavimento em sua residência, enquanto ampliou a volumetria do muro, dando maior amplitude à livraria que se estendia e incorporava a casa de Chico Xavier, onde já havia se instalado o museu-casa desde outubro de 2002. Em 2009, uma denúncia foi feita ao Ministério Público Federal, como explicitado na introdução desta tese, com reclamações a respeito não somente da alteração do imóvel do médium, como também pela preocupação em relação ao grande volume de papéis que eram dispensados no lixo da residência junto à caçamba da obra.

O caramanchão foi destruído e a fachada, naquele momento, assumiu a cor azul. O que demarcava, ao mesmo tempo, a diferenciação com a edificação de Vivaldo em cor creme, que contemplava, também, o Correio e uma das garagens. Somente em 2017, quando Eurípedes adquiriu a parte do terreno de propriedade de Vivaldo, que este setor foi incorporado e um trecho usado como uma nova área expositiva do museu-casa. Um letreiro personalizado encimado na fachada pode ser visto à distância e onde se visualiza o perfil de Chico Xavier acompanhado de sua assinatura em caligrafia que é sua marca. Durante o dia, Chico parece caminhar sob os céus e, à noite, seus passos iluminados rebatem a claridade por toda a rua.

Ao passar pelo portão de acesso pela Rua Dom Pedro I, nos tempos de Chico Xavier, via-se sua casa de um pavimento e parede frontal de tijolos aparentes. O enorme caramanchão de *Bouganvilles* rosa claro ocupava aquela área intermediária, juntamente com outros ajardinamentos delimitados por estreitas calçadas cimentadas. Dali se seguia para a varanda que tinha bancos de alvenaria em três de seus lados, de modo que aquela varanda ficava diametralmente oposta ao prédio do Correio. Das alterações realizadas para a implementação do museu-casa, esta varanda admitiu um espaço expositivo de fotografias diversas, várias composições enquadradas seguindo lógicas narrativas aleatórias, temáticas, o que se deu através do fechamento de parte da varanda com uma parede que, exatamente, dava a ver o prédio do Correio. Uma catraca de controle de entrada dos visitantes do museu foi também ali instalada em 2017.

Figura 263 – Chico na fachada de tijolos de sua residência em 21 de abril 1981, dia que recebeu a Medalha da Inconfidência. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 264 – Chico e Eurípedes na entrada do imóvel, vendo-se ao fundo o portão de acesso à rua, [fins década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 265 – Varanda com vista para o Correio à direita), c. 1975. Fonte: XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 242.

Figura 266 – Varanda, c. 1975.
Fonte: HARLEY, 2016, p. 477.

Figura 267 – Varanda, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 268 – Varanda, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 269 – Atual configuração da varanda. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 270 – Atual configuração da varanda, onde se vê à direita a catraca de controle de acesso. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Daquela varanda, tinha-se acesso aos cômodos internos da casa de Chico, a começar pela sala. Neste ambiente como em quase todos os outros da casa do médium, como bem ressaltou Dinorá, tinha papel, envelopes e caixas com livros por toda a parte. Internamente, a casa possui piso em lajota em tom avermelhado, rodapé também em lajota, tal qual sua primeira residência em Uberaba. Nesta sala existia um sofá e algumas cadeiras de madeira dispostas para que as visitas pudessem se sentar, juntamente com uma mesa, um móvel suspenso e um aparador para serem guardados itens domésticos. Sobre eles, alguns enfeites que Chico costumava ganhar, com destaque para as flores – estas pintadas em quadros, de plásticos inseridas em vasos ou buquês frescos – que, juntamente com uma imaginária espírita, conformava a decoração do ambiente. Ali, pendurados, um quadro emoldurado em vidro de Jesus Cristo de um lado – de frente para quem entra no cômodo e na própria casa – e, do outro lado, um quadro em Eucatex da Meimei.

Na atual expografia, os livros foram dispostos em um grande armário vedado por vidro e, por todas as paredes, um conjunto de imagens e porta-retratos tomam praticamente todos os espaços visíveis. Há certa seleção na organização temática das composições das imagens nas paredes, por exemplo: naquela localizada entre esta sala e a copa, vê-se um conjunto de imagens dos políticos visitantes que ali estiveram. É uma visada que, invariavelmente, todo usuário que por ali passa percorre pelo olhar e, portanto, concede prioridade na narrativa direcionada pela expografia.

Figura 271 – Sala de entrada, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 272 – Sala de entrada, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 273 – Sala de entrada, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 274 – Sala de entrada, [princípios da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 275 – Sala de entrada durante uma visita guiada por Eurípedes, [2005].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 276 – Atual expografia da sala de entrada. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, dez. 2015.

Figura 277 – Atual expografia da sala de entrada. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 278 – Atual expografia da sala de entrada. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Em um momento no qual Chico Xavier ainda tinha mais mobilidade devido à idade e às suas condições físicas, ele costumava receber visitas naquela varanda e na sala de entrada. Com o tempo, a fim de que ficasse melhor acomodado e sentado, passou a receber os convidados na copa. Ali na sala de entrada há dois caminhos a seguir: à esquerda, para um quarto e, à direita, no rumo da copa. No quarto à esquerda aqui chamado de quarto 1, trata-se de um cômodo que foi o primeiro quarto onde Chico Xavier dormiu nos seus primeiros anos após sua mudança para aquele endereço. É uma suíte e, assim, em seu banheiro há uma banheira muito comum em casas da década de 1970. Ali, as duas camas que Chico trouxe da sua primeira casa que dividia com Waldo estavam à disposição. Uma destas camas ainda segue em posição original, enquanto a outra cama foi deslocada para outro quarto da casa, o quarto 2.

Uma mesa, que atualmente está inserida na sala de entrada e que suporta a exposição de uma máquina de escrever de Chico Xavier, dividia o espaço entre as duas camas. Poucos pertences, entre eles alguns santos. Uma flor de plástico para Nossa Senhora se mantém erguida. Remédios, afinal, como diziam, Chico Xavier respeitava os médicos e seguia à risca suas indicações medicamentosas. Certamente, por ser um quarto mais deslocado do resto da casa e também mais exposto – uma vez que estava mais próximo ao portão de entrada –, Chico Xavier se transferiu daquela para outra pequena suíte do imóvel, o quarto 3.

Figura 279 – Primeiro quarto de Chico Xavier, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 280 – Detalhe dos objetos pessoais de Chico Xavier dispostos ao lado de sua cama, s.d. Fonte: Acervo CMLCX.

Na atual expografia do museu-casa, a cama que ali permanece fornece suporte para a exposição de revistas sobre Chico Xavier coberta por plástico cristal transparente para evitar que peguem poeira ou que as pessoas ali sentem. Também, dois grandes armários de madeira, tal qual aquele da sala, organizam os livros do médium que não são somente de sua autoria, mas obras que eram lidas por Chico e outras que recebia de presente. Certamente um mobiliário com tantos livros, não seria o adequado para existir ao lado de seu leito. Integrante do mobiliário original que o acompanhou do seu primeiro imóvel em Uberaba, há um armário de madeira maciça escura que guarda diversas roupas pessoais do médium. Atrás deste armário, uma porta para a entrada a um outro pequeno cômodo associado – uma saleta –, que por algum tempo, teve acesso exclusivo aos funcionários da livraria, posto lhe servir de almoxarifado. Parecia ser uma espécie de antessala de entrada para a casa, o que indicava a existência de duas entradas no imóvel. O banheiro deste quarto se mantém fechado para visitação. Imagens de Jesus, Maria e Chico Xavier adornam as paredes.

Figura 281 – Atual expografia do quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 282 – Atual expografia do quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 283 – Atual expografia do quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 284 – Atual expografia do quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Voltando para a sala de entrada acessamos o ponto central da casa: a copa, onde há uma fartura de fotografias tiradas pelos seus visitantes que revelam não somente a simplicidade na decoração, nos mobiliários, nos costumes, mas também na própria alimentação servida nas ocasiões que assim pediam: frangos assados com arroz e farofa, tendo como sobremesa os doces e compotas de frutas bem típicos de Minas Gerais: doce de leite pastoso, goiabada cascão, laranja sanguínea, cidra em pedaços, mamão ralado. Pudim de leite ou gelatina. Refrigerante e café. Aos sábados, após uma reunião espírita íntima que Chico Xavier costumava fazer em seu próprio lar, normalmente era acompanhado pelos visitantes mais próximos que já sabiam deste seu costume, e de seu cardápio. Chico Xavier mantinha, portanto, a ritualística do Culto do Evangelho no Lar, após o almoço seguia para o Abacateiro e, à noite, para o Grupo Espírita da Prece, onde permanecia até a madrugada.

Uma mesa grande que ocupa quase todo o cômodo, quantas cadeiras pudessem ser ali dispostas e a depender do número de visitantes; uma geladeira e

um móvel de copa onde pratos, copos e talheres eram dispostos para seu uso. Louça que, segundo Dinorá, era de muita simplicidade: aparelhos de jantar sem par, copos de requeijão ou de massa de tomate eram reaproveitados. As cores das paredes iam se desbotando, sujas pelo tempo e pela rotatividade de visitas. Quando as portas dos dois outros quartos de dormir estavam abertas (quarto 2 e quarto 3), podia-se entrever o leito de Chico Xavier com paredes desgastadas e até mesmo mofadas (quarto 3). A copa era o trajeto mais curto para o seu quarto e que permitia se recostar na parede. Local onde também a tudo via na movimentação da casa. Quando não tinha visitas, sobre a mesa ficava o pão e a garrafa de café, depois transformada em garrafa de chá mate para o lanche da tarde, e das madrugadas, seguindo a orientação médica de cortar o café de sua alimentação.

Dinorá também relatou que o médium não gostava de muita “mexeção na casa não”: dever-se-ia estender a cama, “passar um paninho” pela casa e cuidar da rotina de alimentação do dia. E só. Do contrário, seria necessário readequar ou mudar de posição as pilhas de embrulhos e cartas, além dos diversos papéis que eram ali dispostos com solicitações de proteção.[595] Chico Xavier que trazia em seus bolsos do paletó uma centena de pedidos de orientação, de intermediação espiritual, incluindo muitas fotos, por vezes os dispunha sobre a mesa, notoriamente quando já tinha idade avançada, e pedia a intervenção de seus mentores e demais espíritos benevolentes para intercederem por aquelas pessoas. Também, bastante comum é encontrar dentro de seus livros e gavetas dos móveis da casa, ainda hoje, fotos 3 x 4 de pessoas que pediam bênçãos.

As montanhas de pacotes que seguiam pelos Correios hoje em dia foram trocadas pelos amontoados de mensagens que, individualmente, os usuários da CMLCX podem levar à vontade. Uma outra forma de praticar o Correio, *in delivery*. Na antiga geladeira que ainda a tudo vê naquele ambiente, fardos de mensagens a serem rapidamente repostas naquele mostruário montado na mesa. Causa *frisson*

[595] A irreverente jornalista Regina Penteado da Folha de São Paulo, assim caracterizou a casa de Chico Xavier no ano de 1978: “na empoeirada garagem da empoeirada casa que é o lar de Chico Xavier” ou “residência de Chico Xavier, se é que se pode chamar de residência aquela humilíssima e completamente desarrumada casa onde empoeiradas pilhas de papéis e livros acumulam-se no chão, junto às paredes e em cima de todos os móveis disponíveis, exceto a mesa onde é servido um gostoso cafezinho mineiro, acompanhado de roscas doces, aos inúmeros convidados e não convidados que, julgando-se suficientemente íntimos, espremem-se nos duros bancos de madeira, uns muito falantes, outros extremamente quietos e expectantes, dando ao ambiente um ar que é um misto de gostoso serão interiorano e velório”. In: PENTEADO, 1978. Apud XAVIER; ARANTES, 1979, p. 56 e p.60.

quando os visitantes ali chegam e começam a ler as mensagens, acumular em suas mãos aquelas pílulas de meditação que levam como *souvenirs*. Junto disso, a disputa por entrever o quarto de Chico Xavier, onde ele dormia e onde veio a falecer. Encostado, um móvel com parte de suas medalhas e diversas condecorações que recebeu ao longo da vida e mesmo as homenagens *post-mortem*. Emoldurados, tantos outros títulos de cidadania seguem pendurados naquelas paredes. Quando tinha presença de visitas, Chico costumava se sentar na cabeceira da mesa, próximo à porta, local hoje demarcado por sua cadeira toda forrada, acolchoada e com bordados em ponto-de-cruz que remetem aos seus últimos momentos de vida. Sobre sua cabeça, uma santa-ceia em arraiolo, quadro presenteado pelo casal Zilda e Weaker Batista, seus amigos íntimos. Um relógio sem pilhas marca o passar daquele tempo que se foi.

Figura 285 – Copa com visitas, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 286 – Copa com visitas, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 287 – Copa com visitas, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 288 – Copa, [década de 1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 289 – Copa com visitas, [princípio da década de 1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 290 – Atual expografia da copa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 291 – Copa com visitas, [década de 1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 292 – Atual expografia da copa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 293 – Copa com visitas, [princípio da década de 1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 294 – Atual expografia da copa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 295 – Eurípedes repõem as mensagens que podem ser levadas pelos visitantes como *souvenir*. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, dez. 2015.

O quarto 2 é um cômodo que tem acesso pela copa. Quando Chico ali residia, era usado fortuitamente por Eurípedes que podia dormir e ficar disponível para qualquer necessidade ou contratempo que ocorresse durante a madrugada. Possui pequena dimensão e é desprovido de banheiro. Neste espaço existe mobiliário de época, incluindo o outro par da cama que veio da mudança do imóvel onde Chico residia na CEC, um armário com roupas pessoais do médium, uma cadeira. Na parede, a vedete expográfica do cômodo é um cabide instalado na parede onde são penduradas as boinas que marcaram a imagem de Chico Xavier, notoriamente quando se tornou um octogenário. Ele chegou a usar boinas na década de 1960, quando se mudou para Uberaba, notoriamente por ter avanço de sua calvície/alopécia que expunha sua careca. Ademais, Chico Xavier era chamado de "friorento", costumava ter sinusite, e a exposição da cabeça às temperaturas mais frias, promovia adoecimentos frequentes. As perucas substituíram suas boinas – que frequentemente eram tomadas por seus fiéis como um *souvenir* –, mas as boinas tiveram seu uso retomado quando Chico Xavier estava com idade bastante avançada.

Figura 296 – Atual expografia do quarto 2. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 297 – Atual expografia do quarto 2. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

O quarto ao lado, por sua vez, o quarto 3, é o local onde Chico Xavier faleceu e foi ocupado por ele especialmente a partir da década de 1990, quando além de estar mais idoso, também estava mais debilitado fisicamente. O histórico de doenças de Chico Xavier é algo assustador: ainda jovem desenvolveu problemas nos olhos, caminhando de um estrabismo divergente pronunciado para catarata e, por fim, para a cegueira completa em um dos olhos; em 1940, foi operado para a retirada de uma hérnia em Pedro Leopoldo; em 1969, foi novamente operado, desta vez, de próstata em São Paulo; em 1976, teve sua primeira crise de angina; em 1983, outra crise de angina; na década de 1990, houve pioras significativas nos problemas cardíacos; em 2001, uma pneumonia levou a sua internação em um hospital de Uberaba.

Seu quarto, de dimensões modestas, possui um pequeno banheiro composto por pia, vaso sanitário e chuveiro. Ali, ainda hoje, estão seus objetos pessoais como perucas, andador, marreco, dentaduras. Dentre o mobiliário do quarto, temos a cama, um armário, algumas cadeiras, um criado-mudo, prateleiras, um cofre. Seus itens de higiene ainda estão ali, um perfume ainda não terminado, interrompido pela morte. O creme de fixador de dentadura vencido. No quarto, comumente se encontram garrafas pet cheias de água, que são ali dispostas para fluidificação, como ocorre nas sessões espíritas. O quarto 2 e o quarto 3 possuem uma porta de vidro que limita seu livre acesso dos visitantes. De tempos em tempos, os usuários pedem para entrar naquele espaço considerado sagrado, levam flores e rogam agora pela intervenção do espírito de Chico Xavier, bem como dos mentores que ainda permanecem naquele local, segundo eles.

Figura 298 – Atual expografia do quarto 3. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 299 – Atual expografia do quarto 3. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 300 – Garrafinhas de água para a fluidificação. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 301 – Eurípedes com a garrafinhas de água fluidificadas. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Da copa temos acesso à pequena cozinha que, de acordo com Dinorá, tinha “uns móveis véios lá”: um móvel gaveteiro que serve de obstáculo para o fluxo, parece sempre ter estado naquela posição desde sempre. Fogão, pia com móvel acoplado, pequeno balcão, modesta mesa de madeira, filtro de barro. Ali, uma “caixinha” que recebe doações para o museu-casa. Fica junto aos cadernos de orações, onde as pessoas anotam os nomes completos daqueles que clamam por proteção, em seu nome ou no de outrem. Fotografias podem ser ali também depositadas em referência aqueles suplicantes. Há bebedouro de água para os usuários que acreditam também ser aquela água fluidificada. Há um banheiro ao lado da saída da cozinha com acesso pelo quintal que sempre foi usado pelos visitantes da casa de Chico Xavier: da Maria à Xuxa, do João ao Collor, sem frescuras. Ali, parece que todos comiam a mesma comida e sentavam nas mesmas cadeiras.

Figura 302 – Cozinha, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

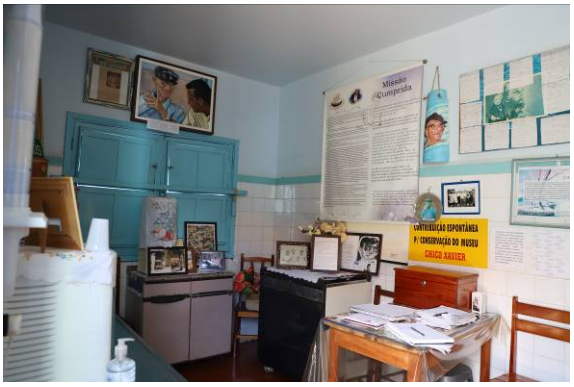


Figura 303 – Atual expografia da cozinha. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 304 – Acesso entre a copa e a cozinha, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 305 – Visão do interior do imóvel a partir da cozinha. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 306 – Cozinha, [década de 1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 307 – Atual expografia da cozinha. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

Figura 308 – Cadernos de oração. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

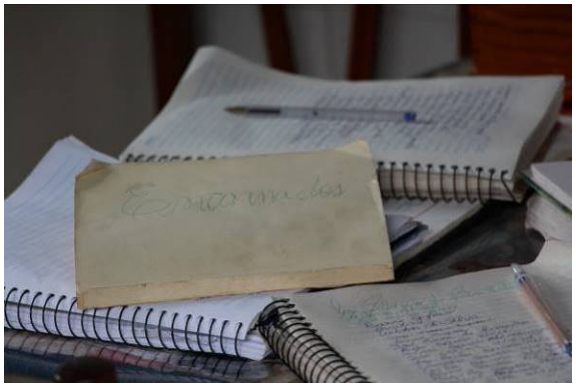


Figura 309 – Cadernos de oração. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 310 – Cadernos de oração. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

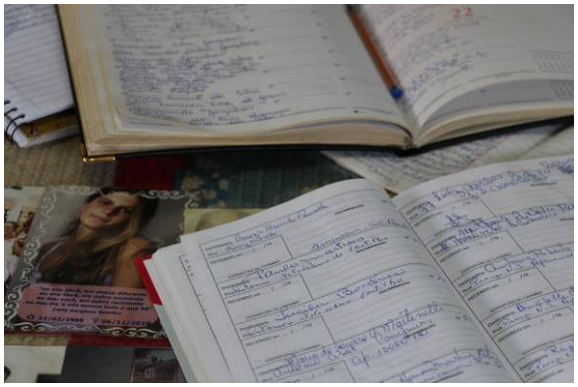


Figura 311 – Cadernos de oração. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 312 – Acesso à cozinha e ao quintal. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 313 – Acesso à cozinha e ao banheiro externo a partir do quintal. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

O *prédio b* se refere ao local onde residiu Eurípedes dos Reis e, na planta de implantação apresentada neste trabalho, corresponde ao setor 1. Trata-se de um

imóvel de um pavimento, composto por uma suíte, sala de estar e copa. Recebeu ampliação por volta de 2009, quando o imóvel recebeu segundo pavimento que é a atual residência de Eurípedes. A parte original, todavia, foi aberta à visitação e está integrada à CMLCX. O percurso neste prédio se inicia pelo antigo quarto de Eurípedes que era uma suíte, mas que teve cerrado o acesso ao banheiro, uma vez que foi convertido a um banheiro para o público com acesso pelo quintal e área de circulação externa. O perfil da expografia continua priorizando a exposição fotográfica através, inclusive, de mesas transformadas em vitrines e, portanto, em mobiliário expositivo. Todavia, a narrativa que é prioritária neste prédio, trata das relações entre Eurípedes e Chico, de forma que se mostra uma surpresa para os visitantes saberem da existência de um “filho do coração”, antes invisibilizado nas biografias de Chico Xavier. É explícito o movimento de se inserir, ele próprio na narrativa que foi ali tecida, sendo ele, Eurípedes, diretor da intuição. Por outro, ele também precisou abrir sua intimidade ao escrutínio público para consolidar-se entrelaçado à memória social do médium.

Figura 314 – Atual configuração do antigo quarto do Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 315 – Atual configuração do antigo quarto do Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Este quarto dá acesso e direciona os visitantes para duas salas de tamanho médio, sendo a primeira possivelmente uma sala de jantar e a segunda uma sala de estar que, certamente, conformavam-se em um único ambiente. O que dá a entender pela manutenção de determinado mobiliário doméstico integrado à expografia e, mesmo, que serve de mobiliário expositivo. Este cômodo permite a tomada de fotos “instangráveis”, ou seja, por ser um local um pouco mais amplo que os demais cômodos, e por ali existir dois totens de Chico Xavier e Allan Kardec em tamanho real, juntamente com um quadro com pintura à óleo que apresenta o Chico

Xavier em seus últimos anos, bastante sorridente e com boina, ali é promovida a tomada de imagens daquele ângulo. É muito comum que o próprio Eurípedes ali seja fotografado junto aos grupos de visitantes que ele faz questão de receber e fazer uma rápida visita guiada pelo museu-casa.

Neste cômodo também consta um armário onde são expostos, por meio de portas com janelas de vidro, os ternos de Chico Xavier que eram o vestuário oficial e formal do médium no meio público. Aliás, Dinorá afirmou que mesmo sem agenda de visitas, ritualisticamente Chico Xavier, ao acordar, trocava-se para o uso de blusa social e paletó, quando então começava seu trabalho mediúnico. Também costumava ele mesmo levar seus ternos para o tintureiro, alfaiate e para a lavanderia. Dava a entender que, por um lado, ali havia um ambiente formal de trabalho e, por outro, que a visita de seus mentores espirituais exigia as formalidades de uma visita como a de um encarnado, mesmo que em caráter íntimo e de quem estão em parceria desde, pelo menos, 1927. A intimidade também deveria ter seus limites na relação com a espiritualidade.

Também, ali se exibia um acervo material associado às atividades de postagens de cartas e mensagens, que depois de 2019, foi transferido para outro prédio integrado à CMLCX de uso original como Correio.

Figura 316 – Antiga sala de jantar de Eurípedes, [2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 317 – Sala de jantar já convertida para a expografia do museu, [2005]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 318 – Atual configuração da antiga sala de jantar de Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

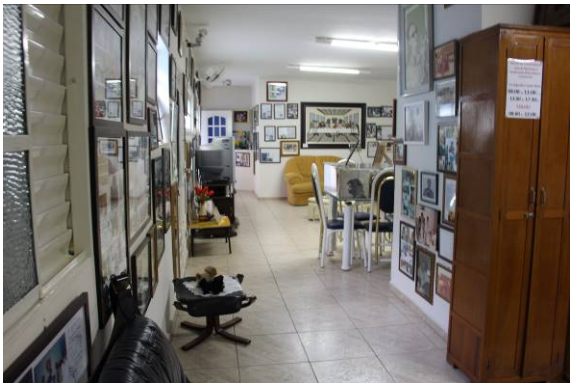


Figura 319 – Vista da antiga sala de jantar de Eurípedes para a sala de estar. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Na segunda sala, em ambiente originalmente identificado com uma sala de estar, este foi um local onde Chico Xavier passava grande parte do seu tempo em seus dois últimos anos de vida. Ali tinha um sofá e uma televisão que ele se distraía assistindo filmes, uma paixão de Chico Xavier narrada pelos seus amigos e memorialistas desde seus tempos de residência em Pedro Leopoldo – acompanhado de ajudantes e amigos que se revezavam para manter o seu cuidado 24 horas por dia. Naquele momento, também já era necessária a presença constante do enfermeiro "Antônio" que, apesar de ter nome de batismo Sidney, Chico assim o tratava.[596] A televisão e o conjunto de sofás ali se mantiveram e servem atualmente de uso para os visitantes em uma pretensa aura de que "a casa se mantém como era". Certamente, Chico Xavier não se regozijava de ver exposto nas paredes da sua casa, diariamente, sua própria imagem e suas honrarias recebidas.[597] Ao deixar essa sala, o visitante caminha para a saída do museu-casa, no sentido de retornar, obrigatoriamente, à Livraria FCX que marca o início do percurso expositivo.

[596] FLÁVIO, Sidney Pereira (Antônio). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 23 jun. 2015, mp3.

[597] A expografia desta sala da antiga casa de Eurípedes, em particular, ainda será alterada, como veremos à frente, quando o espaço passou a receber as atividades do Grupo Espírita da Prece a partir de 2021.

Figura 320 – Chico Xavier assiste televisão acompanhado da vizinha Kátia Maria Farias, [2001-2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 321 – Sala de entrada durante uma visita guiada por Eurípedes, [2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 322 – Configuração expográfica da antiga sala de estar de Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 323 – Configuração expográfica da antiga sala de estar de Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jan. 2016.

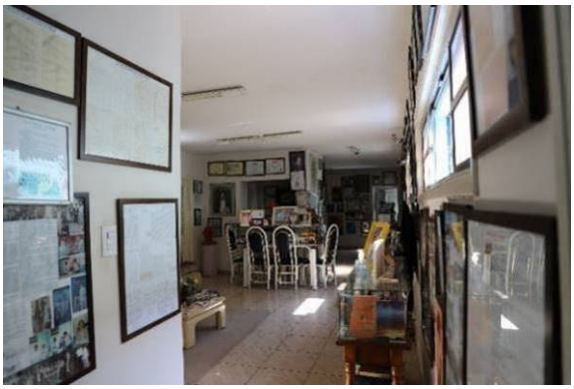


Figura 324 – Configuração expográfica da antiga sala de estar de Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

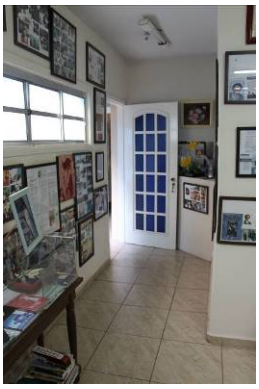


Figura 325 – Configuração expográfica da antiga sala de estar de Eurípedes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Na área de circulação externa ao sair da cozinha da casa de Chico Xavier e antes de adentrarmos à antiga casa de Eurípedes, há um cômodo que era usado como uma cozinha de serviços do museu que, em 2019, foi adaptado e integrado à antiga casa de Vivaldo. Trata-se do *prédio c* e era a casa onde residiu o sobrinho de Chico Xavier, José Geraldo Ferreira Gonçalves. Na planta de implantação

corresponde a uma parte dos setores 4 e 7. Inicialmente, era um cômodo onde seu sobrinho morou provisoriamente, enquanto realizava seus estudos em Medicina na faculdade em Uberaba. Vindo de Pedro Leopoldo, morou por um tempo com Chico Xavier até se especializar em cardiologia, todavia, não teve relacionamento público com o Espiritismo. O quarto ficou por muito tempo fechado, posto ser de sua propriedade, tendo sido incorporado à CMLCX em 2002, quando Eurípedes adquiriu este setor e, somente depois disso, foi possível abrir o museu-casa à visitação pública.

Figura 326 – Quintal com acesso ao prédio com quarto de José Geraldo (à direita, tendo parede com grande trinca), [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 327 – Quarto de José Geraldo à direita, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 328 – Atual configuração do museu-casa, tendo à esquerda a cozinha de serviço. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 329 – Atual configuração do museu-casa, tendo à direita a porta de acesso à cozinha de serviço. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

O *prédio d* se refere ao local onde residiu Vivaldo da Cunha Borges e, na planta de implantação apresentada neste trabalho, corresponde ao setor 7. Visualmente, aparecia um pouco diferente das outras construções do terreno,

notoriamente pela maior dimensão, pelo acabamento e vedamentos diversos àqueles da casa de Chico, e pela cor em tom de amarelo e creme. A casa possuía um setor de serviços que permitia a dedicação de Vivaldo aos seus trabalhos de datilografia e diagramação. Possuía uma varanda defronte ao Correio e, ao lado, um muro com portão que a separava da casa de Chico Xavier, pelo quintal, próximo à cozinha. Certamente, permitia que os cachorros e talvez os gatos do médium não circulassem pela entrada da residência de Vivaldo.

A antiga casa de Vivaldo, incorporada ao patrimônio de Eurípedes em 2017, e a um setor da expografia da CMLCX e à Livraria FCX em 2019, facilitou uma adaptação e ampliação do setor de serviços das instituições e de áreas privativas de Eurípedes. Na parte posterior do terreno com saída para a Avenida João XXIII, existia um pequeno cômodo – uma espécie de barracão – onde Vivaldo costumava dar passes depois do falecimento de Chico Xavier. Como já informado, parte deste quintal foi transformado em estacionamento de uma empresa de congelados desde 2021.

As fotografias antigas de partes do interior da casa de Vivaldo dão a entrever seu ambiente de trabalho composto por prateleiras repletas de livros, sua máquina de escrever automática, som e amplificadores. Compunham o ambiente, talvez por inspiração ou lembrança, os quadros com os espíritos que se comunicavam nas obras da Doutrina: Scheilla; Meimei; Lourdinha. Um quadro com fotografia de Chico Xavier e Vivaldo no quintal de casa seguia ali também enquadrado.

Figura 330 – Varanda da casa de Vivaldo, 21 de abril de 1981. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 331 – Varanda da casa de Vivaldo, 21 de abril de 1981. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 332 – Jardim com caminho pavimentado que leva até a antiga casa de Vivaldo. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 333 – Vista da varanda da antiga casa de Vivaldo, onde se vê em azul o museu-casa e um muro que foi construído em 2002, separando as edificações. À esquerda, um dos cômodos do Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 334 – Vivaldo com sua irmã em sua casa, 1987. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 335 – Vivaldo na sua casa em seu ambiente de trabalho, 1988.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 336 – Atual configuração da antiga casa de Vivaldo. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 337 – Atual configuração da antiga casa de Vivaldo. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 338 – Parte posterior do terreno com saída para a Av. João XXIII, vendo-se à direita, o cômodo de passes utilizado por Vivaldo. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 339 – Parte posterior do terreno com saída para a Av. João XXIII, vendo-se à esquerda, prédio construído em 2011 de uso comercial. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

O *prédio e* se refere ao local onde se realizavam as atividades do Correio do Além e, na planta de implantação apresentada neste trabalho, corresponde ao setor 6, incluindo o setor 5. Ficava defronte à varanda da casa de Chico Xavier, tendo uma garagem próxima e um outro cômodo usado como almoxarifado dos Correios, onde se guardavam fardos de mensagens que ainda seriam distribuídas. Sua posição na entrada e no quintal ajardinado, permitia que seu acesso fosse feito pelo casal Weaker e Zilda Batista para as tarefas cotidianas neste Departamento, com bastante discrição e autonomia em relação à privacidade de Chico Xavier. Tratava-se de um departamento de suma importância nas atividades cotidianas do médium, cujos setor precisava constantemente de ajuda dos tarefeiros, em um trabalho inesgotável e considerado sempre urgente por Chico Xavier.

Quando Eurípedes adquiriu o patrimônio de Vivaldo após o seu falecimento, ele reformou este prédio e ali instalou uma expografia com a temática do seu uso inicial, evidenciando a balança, os fardos de correspondências e as mensagens psicografadas por Chico Xavier ainda inéditas e que se encontravam no arquivo privado de Vivaldo – e que também foram adquiridas por Eurípedes. No outro cômodo consorciado e que servia de almoxarifado do Correio, ele instalou dois banheiros adaptados para pessoas com deficiência. E, no quintal defronte ao Correio, exibiu seu antigo carro que serviu por muito tempo para o transporte do

médium nas viagens que frequentemente fazia. O Opala azul leva uma placa exclusiva: FCX 2010 [Francisco Cândido Xavier e o ano de seu nascimento].

Figura 340 – Jardim com caminho pavimentado que levava até a antiga casa de Vivaldo, ao fundo, tendo à direita o Correio e, à esquerda, a casa de Chico. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 341 – Interior do correio antes da revitalização. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 342 – Atual configuração do ajardinamento em frente ao Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 343 – Atual configuração interna do Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 344 – Atual configuração do ajardinamento em frente ao Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

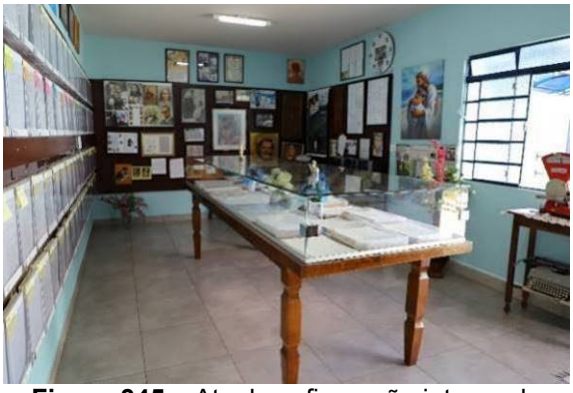


Figura 345 – Atual configuração interna do Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 346 – Atual configuração do ajardinamento em frente ao Correio, tendo à direita, a antiga varanda da casa de Chico. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 347 – Atual configuração do ajardinamento em frente ao Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 348 – Jardim com caminho pavimentado defronte ao antigo Correio, 21 de abril de 1981. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 349 – Jardim com caminho pavimentado defronte ao antigo Correio, 1983. Fonte: Acervo CMLCX.

Por sua vez, o *prédio f* se refere ao local denominado intimamente de “mocó”, ambiente no qual Chico Xavier, por muito tempo, realizou as atividades cotidianas de seu trabalho mediúnico, especialmente as psicografias. Na planta de implantação apresentada neste trabalho, corresponde ao setor 4. Trata-se de uma área quase exclusiva de uso de Chico Xavier, bastante reclusa no conjunto do terreno, que era a área de trabalho do médium. O que permitia, ao mesmo tempo, certa discrição em relação às suas atividades cotidianas, frente aos outros espaços naquele complexo que ainda eram acessíveis aos visitantes, a exemplo da varanda, sala ou copa de sua casa que, em comunicação ao pátio que se conformava defronte ao Correio, era ambiência de fluxos mais livros dos visitantes. As fotografias antigas, e também mais raras deste ambiente, demonstram uma aparência de “bagunça produtiva”, local de trabalho em processo, com mesas repletas de papéis, lápis, canetas, livros e correspondências. Também chamado de casa dos fundos, esse prédio é composto por uma sala e um pequeno banheiro, além de uma outra edificação conjunta

formada por uma outra sala menor, e uma suíte, dotado de banheiro com banheira e um quarto grande com armários embutidos em toda uma parede.

Na sala maior do “mocó”, existia um extenso banco de madeira e uma mesa onde Chico Xavier se sentava para datilografar e, depois, para escrever suas correspondências. Ali também existia um conjunto de armários abertos em forma de prateleiras, ainda hoje ali existentes, idênticas àquelas encontradas na CEC em área onde foi guardado o acervo da EEP. Certamente, tinha uso também associado a um almoxarifado dos livros de autoria do próprio Chico Xavier que recebia uma quantidade das editoras parceiras – em troca dos direitos autorais por ele cedido – e que Chico Xavier distribuía pelo Correio.

Por outro lado, a outra área deste prédio, na casa dos fundos, onde o médium tinha uma mesa e, tal qual a outra, ficava abarrotada de papéis. Entende-se ser ali um local mais adequado ao seu trabalho cotidiano de psicografia. E, naquele banheiro com banheira, Dinorá informou que todo dia às 18h, ele tomava um banho com sal grosso, ficando ali por 20 minutos. Ela preparava a banheira, já separava suas roupas, e dizia que isso era uma rotina do médium e que ela ajudava na preparação do banho. Há notícias, ainda, que aquela casa dos fundos servia de uso para o casal Batista, quando ali quisessem repousar, uma vez que já existiram camas (e ainda existem).

Atualmente, uma das partes do prédio é usada como almoxarifado da Livraria FCX – “o mocó” – e, a outra parte – a casa dos fundos –, tem uso como apoio à área de serviço da CMLCX, mas, mesmo assim, sendo de acesso restrito. Esta área é de suma importância na rotina de Chico Xavier, posto ser bastante integrada às suas atividades espirituais, todavia, não está atualmente incorporada à visitação da CMLCX.

Figura 350 – O “mocó” era este prédio à esquerda de Chico, [fins da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 351 – Atual configuração desta área de circulação externa, tendo o antigo “mocó” localizado ao fundo e à esquerda. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 352 – Chico Xavier em um dos cômodos do “mocó”, vendo-se montanhas de correspondências a serem despachadas, [princípios da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 353 – Chico Xavier em um dos cômodos do “mocó”, vendo-se montanhas de correspondências a serem despachadas, [princípios da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 354 – Atual configuração do antigo “mocó” que serve de almoxarifado da Livraria FCX. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 355 – Atual configuração interna do antigo “mocó” que serve de almoxarifado da Livraria FCX. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 356 – A casa dos fundos onde Chico Xavier psicografava, [fins da década de 1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 357 – A casa dos fundos onde Chico Xavier psicografava, [fins da década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Além dos subconjuntos apresentados, ressaltam-se as áreas de circulação externa, quintal e ajardinamentos, que integravam todos os prédios daquele complexo. Observa-se que, originalmente, eram áreas com maior adensamento de vegetação, piso de cimento e áreas de caminhamento também de cimento. Com as adequações feitas para a CMLCX, as áreas de vegetação foram sendo restritas ao longo do tempo e o piso recebeu a instalação de pedra do tipo São Tomé. A pintura foi completamente renovada mais de uma vez, assumindo a cor tal qual o Grupo Espírita da Prece, em tons de azul claro para as paredes e azul escuro para as vedações e acabamentos aparentes. Bancos e vasos de plantas, além de demais decorações florais, foram instalados na parte externa do museu-casa. Em 2021, quando houve a desativação do prédio do Grupo Espírita da Prece no endereço fundado por Chico Xavier em 1975, desde então, as atividades espirituais são realizadas no interior da CMLCX, de modo que outras adaptações foram feitas, incluindo a implantação da sala de passes na casa de Chico Xavier, e o salão da sessão pública do GEP que se desenvolve na sala da antiga casa do Eurípedes.

Figura 358 – Chico Xavier caminha em direção à saída do imóvel a fim de assumir suas tarefas no GEP, [2001-2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 359 – Corredor lateral de acesso entre a casa de Eurípedes e a de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 360 – Corredor lateral de acesso entre a casa de Eurípedes e a de Chico Xavier, já museu-casa, dezembro de 2006. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 361 – Reunião do Grupo Espírita da Prece com fila para passes no interior da CMLCX, 28 de abril de 2023.
Acervo: Portal Chico Xavier Oficial.

Figura 362 – Jardins internos da casa de Chico Xavier, [princípios da década de 1990].
Fonte: Acervo CMLCX

Figura 363 – Jardins da casa de Chico Xavier, com vista para sua casa, [princípios da década de 1990]. Fonte: Acervo CMLCX

Figura 364 – Jardins da casa de Chico Xavier, [meados da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX

Figura 365 – Jardins da casa de Chico Xavier, [princípios da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX

Observa-se, portanto, que havia uma área de trabalho no contexto do complexo da casa de Chico Xavier, que notoriamente associava o Correio, o "mocó" e a casa dos fundos. O que permitia, ao mesmo tempo, certa independência entre os departamentos que ali se desenvolviam, como também interconexão entre os diversos setores e os tarefeiros que viviam, tal qual Chico Xavier, as responsabilidades, a rotina e o cotidiano das ações doutrinárias. Havia também circuitos de acesso e filtros de permissão – ou como é chamado no Sistema de Informação, havia uma hierarquia de usuários nesta interface –, ou seja, áreas que poderiam ter passagem por um grupo de intimidade, afinidade, compadrio ou consanguinidade na relação cotidiana com Chico Xavier. Outras áreas daquele complexo, por sua vez, eram acessadas por visitantes que tinham relação de fraternidade, solidariedade ou relações dadivosas com Chico, que poderiam até adentrar, mas cuja intimidade, todavia, era também limitada. Outras visitas ou visitantes que conseguissem acesso à casa de Chico Xavier, por outro lado, tinham trânsito a um circuito específico naquele complexo, notoriamente a varanda, sala e copa que, a depender da proximidade, poderiam ficar por maior ou menor tempo. Outros grupos poderiam ser formados e influenciariam no acesso ao interior da casa por aqueles com quem Chico realizava *coworking*, notoriamente os grupos de editoras que cuidavam de sua produção intelectual.[598]

Havia, ainda, um circuito ainda mais íntimo, de seu quarto e banheiro, por exemplo, quase exclusivo do médium mineiro, bem como áreas de trabalho de domínio exclusivo do administrador, Chico Xavier. O que refletia uma métrica que variava sobre as escalas de maior ou menor intimidade. Hoje em dia, em termos memorialísticos, a maioria daqueles que tiveram algum acesso à casa de Chico Xavier quando ele ainda era encarnado – e, também, que registrou esse encontro em fotografias – publicamente se diz amigo de Chico Xavier e costuma se beneficiar desta interação em termos do prestígio para futuras produções de livros ou da sua chancela interna no contexto da comunidade espírita.

---

[598] Segundo Oswaldo de Godoy Bueno, da Editora Ideal: "Considero ser da maior importância quando Chico deu as chaves de sua casa ao nosso querido amigo Orlando Moreno, companheiro e irmão, na época Presidente de nossa Entidade Ideal, agora junto dos amigos espirituais, tenho a convicção que ele continua ligado a nós. Orlando Moreno recebeu das mãos de Chico a chave de sua casa, Chico lhe dizendo que ele poderia levar seus convidados a sua casa. E quando lá chegasse, pudessem entrar, e se ele, Chico, não estivesse bem, que fizesse as honras da casa. O detalhe mais importante é que Orlando levava aquela chave em seu chaveiro, e nunca teve a coragem de usá-la. Para ele, entrar naquela casa, só quando aquelas portas fossem abertas por dentro, quando alguém visse nos receber". In: BUENO, 2022, p. 25.

A CMLCX expressa as diversas áreas de intimidade e relacionamento em um ambiente em comum, cujo estilo de compartilhamento de moradias em um mesmo terreno, Chico Xavier herdou desde os tempos de residência em Pedro Leopoldo. Entretanto, nesta situação, tinha o propósito de potencializar e explorar ao máximo a produtividade nesta relação entre tempo-espaço na missão do livro espírita. A disposição dos prédios, neste sentido, permitia certa individualidade àqueles residentes, mas que também viviam integralmente à causa espírita em seu cotidiano. Pela estrutura e tamanho, percebe-se que Vivaldo tinha uma posição mais privilegiada em relação à Eurípedes e, claramente superior que o sobrinho.[599] Por outro lado, a edificação de Chico Xavier era aquela que ocupava a centralidade perante as outras edificações, e que definia esferas, dinâmicas e interações específicas entre as partes. Trata-se de uma característica que conferiu inovação às ações espíritas de Chico Xavier, conforme também perscrutado no capítulo anterior.

Ao desenvolver o Sistema de Informação do Espiritismo que transparece fisicamente e que se estrutura materialmente havia, portanto, um *design* próprio e uma hierarquia entre os diversos usuários desta interface, com filtros de acesso aos dados também diversos que refletem não somente as interações entre as partes, como também as responsabilidades e contribuições de cada um dos Departamentos do complexo evangelizador e ritualístico de Chico Xavier. No desenvolvimento do Sistema Informacional do Espiritismo, vamos ter a entrada de dados que serão processados e a saída de informação a partir daquele processamento. E, neste ínterim, existem sinais emitidos a partir dos seus resultados: das saídas há sinais, por exemplo, que são uma espécie de *feedback* para se manter em bom funcionamento do circuito contínuo do fluxo informacional baseado na entrada de dados e saída de informações, o que promove a interação e a conformação do conhecimento na experiência do usuário.[600]

---

[599] Talvez, pelo fato de a casa ter sido adquirida com auxílio financeiro da família de Vivaldo. De acordo com Chico Xavier: “Os pais dedicados auxiliaram-no a adquirir casa própria, ao lado de nossa moradia, onde reside até hoje e isso facilitou a nossa convivência”. In: BORGES, 1998, p. 6.

[600] “Um sistema de informação (SI) pode ser definido tecnicamente como um conjunto de componentes inter-relacionados que coletam (ou recuperam), processam, armazenam e distribuem informações destinadas a apoiar a tomada de decisões, a coordenação e o controle em uma organização. Além disso, os sistemas de informação também auxiliam os gerentes e trabalhadores a analisarem problemas, visualizar assuntos complexos e criar novos produtos. Os sistemas de informação contêm informações sobre pessoas, locais e itens significativos para a organização ou para o ambiente que a cerca. No caso, informação quer dizer dados que foram modelados em um formato significativo e útil para os seres humanos. Dados, ao contrário, são sequências de fatos ainda não analisados, representativos de eventos que ocorrem nas organizações ou no ambiente físico,

Neste sentido, o sistema como um todo se realiza em uma base que permite e filtra os acessos dos usuários. Estes, por sua vez, são de vários tipos, a exemplo de um público geral como os atuais visitantes da CMLCX, ou um público interno composto por gestores deste Sistema que, todavia, também são estratificados, segmentados e classificados a partir da designação dos seus filtros de acesso. O superusuário é o administrador deste sistema, é quem conhece todas as suas interações, programou a sua realização e manutenção, definiu os estratos de usuários e de suas permissões: é o próprio Chico Xavier.

O tipo de usuário desta base define claramente o tipo de interface criada e a sua disponibilidade é feita e mantida pelos gestores do sistema. Ou seja, podemos ter uma interface do público que permite o acesso do usuário a uma das esferas disponíveis, de tal forma que também podemos ter a hierarquia de acessos de usuários baseada em outros filtros o que define, neste sentido, o *backend* trabalhando em conjunto com o *frontend*, sendo o primeiro o ambiente dos desenvolvedores – quem é responsável pela manutenção deste Sistema e que o entende em sua totalidade –, e o segundo, a faceta externa e pública deste Sistema, onde seus usuários não atuam na sua constituição, mas apenas no acesso à informação decorrente.[601]

O superusuário ou desenvolver/programador – Chico Xavier –, definiu os outros usuários gestores com diversas funções, sendo um grupo formado por aqueles que atuam cotidianamente no gerenciamento, processamento de dados e manutenção deste sistema – Vivaldo, Eurípedes, Zilda, Weaker, Dinorá, Netinho etc. Este grupo, particularmente, costumava ter permissão para fluir entre outros espaços. Há outros *layers* que configuram outros acessos como, por exemplo, dentre aqueles envolvidos com as editoras espíritas que, em termos de operacionalização, publicavam as obras de Chico Xavier – Francisco, Nena,

---

antes de terem sido organizados e dispostos de forma que as pessoas possam entendê-los e usá-los". In: LAUDON, Jane Price; LAUDON, Kenneth Charles. *Sistemas de Informação Gerenciais*. 11ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014, p. 13.

[601] O "sistema de informação (SI) é um conjunto de elementos ou componentes inter-relacionados que coleta (entrada), manipula (processo), armazena e dissemina dados (saída) e informações, e fornece reação corretiva (mecanismo de realimentação) para alcançar um objetivo". Neste sistema, portanto, a "entrada é a atividade de captar e reunir os dados brutos", "o processamento significa converter ou transformar dados em resultados úteis", a "saída envolve a produção de informações úteis" que pode assumir diversos formatos, como documentos, relatórios e, em nosso caso, livros, acervos arquivísticos e museológicos, ações assistenciais, e, por fim, "o *feedback* é a informação do sistema usada para realizar mudanças nas entradas ou atividades de processamento". In: STAIR, Ralph Martin; REYNOLDS, George Walter. *Princípios de Sistemas de Informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2015, p. 9-11.

Oswaldo, Orlando, Sílvio, Caio etc. –. Outros acessos eram permitidos àqueles que sustentavam, juntamente com Chico Xavier, as atividades e as rotinas assistenciais – Yolanda, Eunice, Jorge, Nair etc. Ou, por sua vez, outro filtro a partir daqueles que adentravam menos sua casa, mas eram fundamentais na rotina de atividades no Grupo Espírita da Prece, no Abacateiro ou no Assistencial – Tio Pedro, Maria Elisa, Tana, Sônia, Donda etc. Um público que tinha maior restrição neste sistema poderia ser identificado, por exemplo, dentre os visitantes de Chico que o procuravam intimamente e conseguiam uma agenda particular em sua casa, para além das reuniões públicas, como também com os demais espíritas que atuavam em instituições, jornalistas ou intelectuais, bem como aqueles que tinham urgência na intervenção espiritual de Chico Xavier na resolução de seus problemas particulares.

E o Sistema Informacional criado por Chico Xavier teve alterações e sofreu adaptações ao longo do tempo, notoriamente pelos objetivos organizacionais internos, pela manutenção de suas atividades e rotinas básicas, pela tomada de decisões gerenciais, pela introdução de novas pessoas, pela limitação da autonomia de Chico Xavier na medida em que foi envelhecendo e também adoecendo. A partir da desencarnação do médium, a relação entre as partes foi profundamente alterada, posto que precisava da sua realização e intervenção direta feita pelo médium. Se, por um lado, algumas editoras espíritas ou mesmo aqueles indivíduos que se dizem “amigos íntimos” do médium têm se aproveitado da brecha decorrente da pós-memória – na qual ainda conseguem manter laços de continuidade de linhagem espírita, de forma a chancelarem seus discursos, narrativas e memórias por meio de biografias, coautorias editoriais e fotografias compartilhadas – em outro aspecto, outros usuários também têm acessado essa intimidade por aquele sistema sem conseguir se identificar, inclusive, como uma das peças que também o integra e que promove o funcionamento desta engrenagem, a exemplo contemporaneamente dos usuários do museu-casa. O museu, neste aspecto, é uma interface do Sistema.

E esta estrutura material, quase como uma testemunha ocular da realização daquele Sistema de Informação, posto ser uma de suas estruturas, era também fracionada para conformar outros lugares de atuação direta de Chico Xavier localizados no bairro Parque das Américas, incluindo o seu cerne, a atual Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Outrossim, o entendimento integrado entre as partes concede uma das chaves de interpretação deste cosmos.

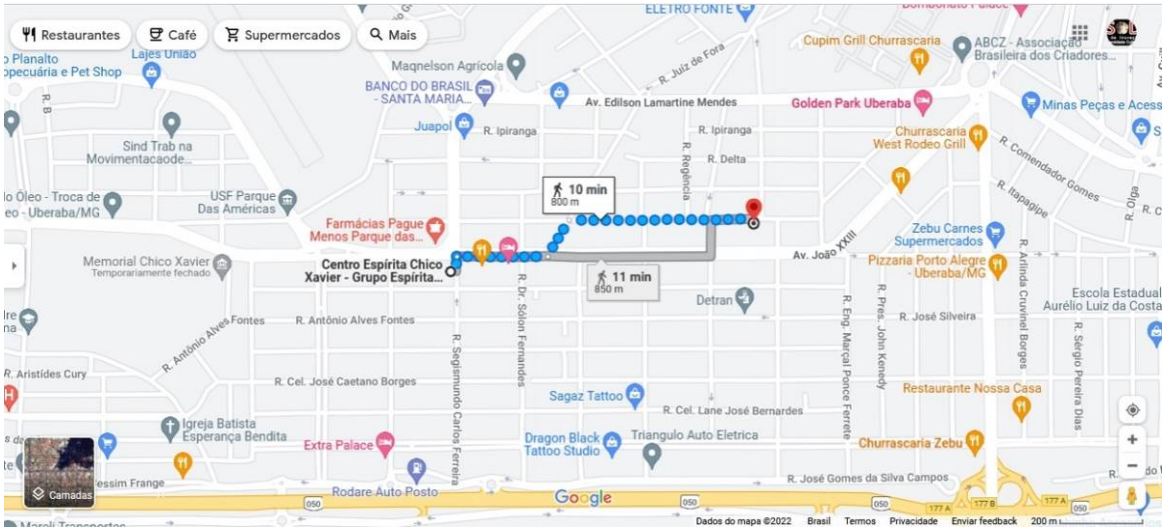


Figura 366 – Demonstração da distância e dos caminhos entre a casa de Chico Xavier e o Grupo Espírita da Prece. Fonte: Adaptado a partir de imagem do *Google Maps*, 2023.

4.2. A casa, a edificação, um conjunto de moradas: um muro e seus interditos

Quando Chico Xavier rompeu com a Comunhão Espírita Cristã em 19 de maio de 1975, além de fundar outro centro espírita, o Grupo Espírita da Prece (GEP), o médium se mudou da casa que residia junto à CEC, imóvel que ele habitou entre 1959-1975. Chico Xavier então passou a residir no imóvel que atualmente serve de museu-casa. Ele construiu esta edificação entre os anos de 1974-1975, em local exatamente oposto à casa que acabara de deixar. Na mudança-ruptura acompanharam Chico Xavier seus assistentes-apoiadores e tarefeiros diretos – Weaker Batista (1921-1989), sua esposa Zilda Costa Batista (1927-2020), Vivaldo da Cunha Borges (1947-2014) e Eurípedes Humberto Higino dos Reis (1950-). E, em 4 de julho de 1975, na data exata que completava 48 anos de mediunidade, Chico Xavier fundou o Grupo Espírita da Prece (GEP), também chamado de Casa da Prece.

Toda a área do Parque das Américas pertencia ao agropecuarista Mário de Almeida Franco (1910-1974) que doou, segundo sua esposa dona Olésia Adriano de Almeida Franco (1920-2020), o terreno para a construção da casa de Chico Xavier e da Casa da Prece. No entanto, esta versão é contestada pelo próprio Chico, que fez constar na escritura de seus imóveis que comprou os terrenos para criar o seu próprio espaço, sem depender de ninguém. Quando transferiu seus trabalhos mediúnicos para o GEP, Chico Xavier colocou uma placa na parede, logo acima de

onde costumava se sentar, com os seguintes dizeres, em caixa-alta:

> AQUI COM O NOME DE “GRUPO ESPÍRITA DA PRECE”, FUNCIONA O CULTO DE EVANGELHO DO LAR DO IRMÃO FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER, EM CASA DE SUA PROPRIEDADE.

A versão narrada por Chico Xavier sobre a aquisição do terreno é de que após a morte de Mário Franco, o lavrador José Antônio da Silva, casado com Dona Longuinha Maria de Oliveira, teria adquirido da viúva Olésia Franco o terreno em questão. O terreno foi vendido posteriormente para Francisco Cândido Xavier, que transferiu suas atividades religiosas para o novo local, onde passou a funcionar a Casa da Prece. Nessa mesma época, Chico Xavier deixou de morar nas dependências da Comunhão Espírita Cristã e passou a morar em sua própria casa, na Rua D. Pedro I n° 145. Sua nova casa foi fruto de doação e ajuda de amigos, entre eles Zilda Costa Batista e o seu marido Weaker Batista, que doaram o terreno para a construção da casa de morada do médium, onde ele passou a viver até seu falecimento em 2002.

Assim como sua antiga moradia, sua nova residência foi projetada e executada por Iran Carvalho, esposo da tarefeira espírita Celeste Helena Carvalho, entre os anos de 1974-1975.[602] De conformação parecida com a anterior, ali viveram novamente em múltiplos imóveis no mesmo terreno Chico Xavier, Eurípedes, Vivaldo, José Geraldo. Apesar dos milhares de livros que já tinha vendido e de todo trabalho mediúnico executado desde 1927, Chico Xavier contou com a doação de amigos para a aquisição e construção de sua nova casa. A iniciativa foi de Maria Eunice Lucchesi, de São Paulo. E é o próprio médium quem narra aos leitores do jornal “Lavoura e Comércio” de Uberaba os nomes dos doadores:

> A residência que está em meu nome e na fase terminal foi custeada por um grupo de amigos, que espontaneamente se propuseram a isso. Em 1974, e agora, em 1975, recebi deles as doações de que já constam em maior parte na minha ficha de imposto, junto à Receita Federal. Nesse sentido, tomo a liberdade de solicitar aos nossos distintos amigos do “Lavoura e Comércio” o obséquio de anotar os nomes dos amigos que se reuniram para que eu tenha casa própria, em Uberaba. Isso será uma honra para mim, de vez que me valerei desta oportunidade para prestar contas à digna comunidade espírita em geral, quanto ao meu comportamento, erguendo moradia própria, sem lastro financeiro suficiente para cobrir despesa de tamanho

[602] CARVALHO, 2015.

> vulto. Esses amigos, que considero meus benfeitores, com a relação das importâncias que despenderam, em meu favor, na aquisição do terreno para a construção referida e nessa mesma construção propriamente dita, são os seguintes: O médium procura uma lista próxima e a lê, pausadamente, para nós.
> Sr. Horácio Sabino Batista, residente em São Paulo, Capital, cinquenta mil cruzeiros.
> Sr. Jorge Manoel Gaio e sua esposa, Sra. Nair Gaio, residentes no Rio de Janeiro, cinquenta mil cruzeiros.
> Sr. Francisco Galves e sua esposa, Sra. Encarnação Blasques Galves, residentes em São Paulo, Capital, quarenta mil cruzeiros.
> Sr. Pedro Arthur Luchesi e sua esposa, Sra. Maria Eunice Luchesi, residentes em São Paulo, Capital, dez mil cruzeiros.
> Sr. Walter Castro Rocha e sua esposa, Sra. Ciloca Rocha, residentes em São Paulo, Capital, quinze mil cruzeiros.
> Sr. Manuel Fernandes e sua esposa, Sra. Aurora Fernandes, residentes em Santo André, Estado de São Paulo, cinco mil cruzeiros.
> Srta. Ruth Pitombo, residente em São Paulo, Capital, seis mil e quinhentos cruzeiros.
> Sr. José da Fonseca e sua esposa, Sra. Eugênia da Fonseca, residentes em Santos, Estado de São Paulo, vinte mil cruzeiros.
> Dr. Oswaldo de Castro e sua esposa, Sra. Terezinha de Castro, residentes em São Paulo, Capital, dez mil cruzeiros.
> Dr. Elias Barbosa e sua esposa, Sra. Cândida Barbosa, residentes em Uberaba, Minas Gerais, dez mil cruzeiros.
> Sr. Jaime de Castro e sua esposa, Sra. Therezinha de Castro, residentes no Rio de Janeiro, cinco mil cruzeiros.
> Total: duzentos e vinte e um mil e quinhentos cruzeiros.
> Agradeço profundamente aos amigos do “Lavoura e Comércio” a publicação desta prestação de contas que devo à nossa respeitável comunidade de Uberaba, pois esta é a casa em que, se Jesus permitir, desejo em nossa cidade viver, trabalhar e envelhecer, com a bênção de Deus, sendo assunto que me cabe esclarecer agora, para que em minha morte não surjam perturbações a respeito.[603]

Apesar de extensa a citação, trata-se de trecho de grande relevância sobre a vida e obra de Chico Xavier, pois aí estão listados alguns dos nomes essenciais de apoio à missão do médium, que atuaram junto dele em diversas e muitas frentes de trabalho ao longo dos anos. Tal qual Chico Xavier, dedicado ao consolo material e moral, tais tarefeiros – chamados, estes sim, de amigos por Chico – foram de importância para a consolidação das ações espíritas e constituição da grande referência que se transformou Chico Xavier.

Sobre o terreno e o conjunto de imóveis que o compõem, estes tiveram desmembramentos em averbações que constam registro no Cartório do 2º Ofício de Notas de Uberaba nas datas de 3 de junho de 1971 e 17 de junho de 1974. Em 29

[603] LEMOS NETO, 1992, p. 394-395.

de junho de 1976, o terreno passava a ser de divisão de Chico, Eurípedes, Vivaldo e José Geraldo, o que marcou oficialmente o desmembramento do imóvel para a propriedade de cada um dos citados pela doação agora feita por Chico Xavier:

> 1º) que é senhor e legítimo possuidor [...] de um imóvel situado nesta cidade, no Parque das Américas, à Rua D. Pedro I, nº 145, e que se constitui de três prédios distintos, construídos de tijolos e madeiras, cobertos de telhas francesas, com instalações – elétricas e sanitárias, o primeiro com um amplo salão, um apartamento com uma saleta, um quarto e um banheiro e dependências nos fundos com uma sala e um banheiro, o segundo – uma casa de morada, com cinco cômodos, sendo sala, dois quartos, cozinha, banheiro, alpendre e área coberta cimentada, e o terceiro anteriormente emplacado com o nº 31, com sete cômodos sendo uma sala taqueada, dois quartos um taqueado e outro cimentado, uma copa, uma cozinha, ladrilhados de cerâmica, um banheiro e um alpendre cimentados, além de uma garagem e uma sala, um barracão anexo [...] formado pelos lotes 8 e 9 da quadra 38, medindo 24 m de frente para a citada via pública, 30 m de laterais, confrontando com os lotes 7 e 10 e 24 m de largura nos fundos, confrontando com os lotes 16 e 17;
> 2º) que o referido imóvel foi havido por compra a Miguel Barbosa de Souza e a Adelicionita Rosa e seu marido, conforme escrituras lavradas neste cartório, devidamente registradas [...] em 17.06.1974 e 03.06.1971, sendo que os dois prédios foram edificados pelo próprio outorgante doador;
> A doação foi equivalente a 33% do terreno para Eurípedes, 34% para José Geraldo e 31% para Vivaldo.[604]

Estes registros de desmembramento em virtude da certidão da escritura pública de doação, lavrada em 29 de dezembro de 1976, teve retificação lavrada em 27 de novembro de 1986.

> José Geraldo Ferreira Gonçalves obteve de Francisco Cândido Xavier em 1986 parte do imóvel de que tratam os citados registros, cuja parte doada e assim desmembrada, consta de um imóvel situado na Rua Dom Pedro 1, nº 145, Parque das Américas, casa 02, composta por alpendre, sala de estar, duas suítes, sala, copa, quarto, cozinha e WC, tendo nos fundos uma suíte e o seu respectivo terreno formado por parte dos lotes 08 e 09 da quadra 38, medindo nove metros e 20 centímetros de frente, pela Rua Dom Pedro I, de lado, em linha quebrada de três lances, mede, a partir do alinhamento da Rua, 6 metros e 20 centímetros e 1 metro e 23 metros, confrontando em todos os lances com imóvel de propriedade de Eurípedes Humberto Higino do Reis e de outro lado, ainda e linha quebrada de 3 lances, mede a partir do alinhamento da rua, 22 metros e 50 centímetro, 5 metros e 60 centímetros e 7 metros e 50 centímetros confrontando em todos os lances com o imóvel de propriedade de Vivaldo da Cunha Borges e 4 metros e 80

[604] Testamento de Chico Xavier, 1976. Fonte: Acervo CMLCX.

centímetros de largura nos fundos, confrontando com o lote 16. Vide registro em 05/03/1987, neste Cartório, referente a doação do imóvel descrito nas averbações supra, feita a José Geraldo Ferreira Gonçalves.[605]

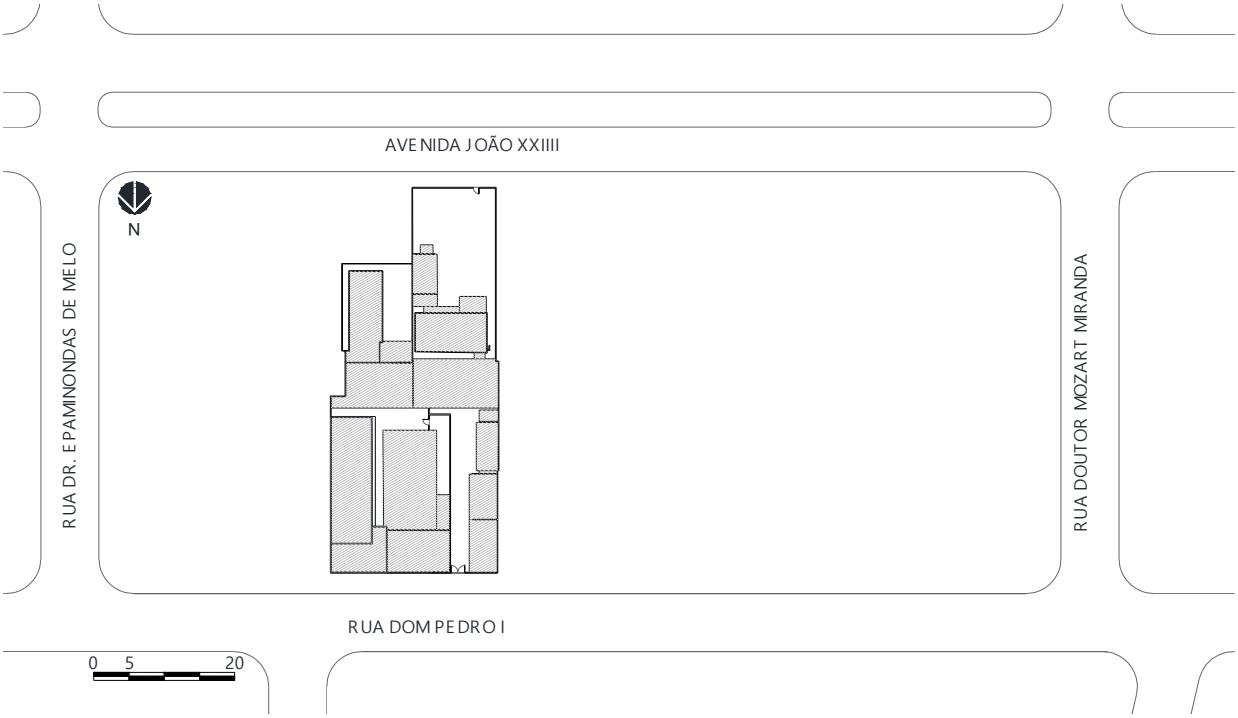


Figura 367 – Planta de situação da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Elaboração: Januaceli Murta, nov. 2015. Fonte: INSOD, 2022.

Uma estrutura material básica precisou ser organizada por Chico Xavier, seja em Pedro Leopoldo ou em Uberaba para que ele pudesse cumprir com sua missão mediúnica. Tendo a estrutura material ocorrendo em conformidade, especialmente a partir de 1975, observa-se que o médium teve condições de produzir cada mais vez mais obras, atender mais pessoas, realizar cada vez mais o contato mediúnico com os Mentores Espirituais e ampliar o número de assistidos com as distribuições até o limite de que sua saúde permitia. Para isso, um conjunto de amigos pessoais íntimos, sempre em pouquíssimo número e cada vez mais limitados ao passar dos anos, fazia parte da rotina diária. A presença de suas moradas junto a de Chico Xavier dão a entender também sobre a urgência e a grande demanda de trabalho, ao passo que eram necessárias pessoas devotadas não somente ao Espiritismo como também à privacidade do médium e do trabalho que estava sendo exercido.

[605] Testamento de Chico Xavier, 1987. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 368 – Fachada do imóvel transformado em museu-casa, [2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 369 – Informações no portão sobre o acesso ao "Museu Chico Xavier", [2005]. Fonte: Acervo CMLCX.

Após o desencarne de Chico Xavier no domingo dia 30 de junho de 2002, quando o Brasil se tornou pentacampeão de futebol, Eurípedes deu prosseguimento às reorientações do uso do imóvel como já vinha realizando. Inicialmente, houve a construção de um muro divisório entre a propriedade de Vivaldo e, em 7 de outubro de 2002, Eurípedes conseguiu efetivar a compra da parte da propriedade de José Geraldo Ferreira Gonçalves, o que permitiu que promovesse a abertura do "Museu Chico Xavier". Em 5 de dezembro de 2002, inaugurou então a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, seguindo um pedido anterior feito por Chico Xavier à Eurípedes, que assim narra:

> Novamente Dinorah [sic] está me procurando.
> Agora Chico estava sentado na copa lugar que há muito é seu local de trabalho.
> "Eurípedes, quando estive na França com Waldo, vi o Museu de Balzac. Não do túmulo, mas das memórias do mesmo", volta me alertar.
> Confidência: Isto é uma conversa pra nós dois. Não conte a ninguém.
> Recomenda-me:
> "Você poderia fazer daqui Memória de "Chico Xavier".
> Comenta que é uma idéia que está tendo. Meu coração pulsa, muito, mas, preciso ficar firme. Conto que a casa do meio está com a família dele. Me orienta a falar com alguém de fora. Penso e comento com ele em D. Terezinha, amiga nossa de São Paulo, mas sendo eu mesmo.
> Fala de Vivaldo, no que diz respeito a área dele. Depois fala-me que se não conseguir, pra eu retirar as coisas e fazer a Casa de Memória e Lembranças na minha parte. Pense muito na idéia que estou te

> dando.
> Um assunto tão sério ele fala que tem de pensar em vida!...
>
> Orientação do próprio Chico em 12/07/96 – 18:00hs [606]

Versão que foi editada e publicada em livro de sua autoria:

> Desde 1996, o Chico começou várias vezes a me dizer, que gostaria de quando ele partisse, que eu fizesse igual o Honoré de Balzac na França. Que depois deixasse a casa, as coisas dele no lugar. Que era um pensamento dele comigo. Para que eu não levasse isso à frente, era um segredo dele para não dizerem que ele queria se autodenominar que era uma notoriedade, conquanto nós sabíamos que ele era. Mas, ele pediu para mim: "– Filho..." numa conversa nas noitadas, das madrugadas, várias e várias vezes... quando esteve na França com o Waldo Vieira, com Irineu... sempre ele fazer daqui o mesmo que fizeram do Honoré de Balzac. [...] Ele foi lá no Museu do Honoré de Balzac, foi depois desta visita em 1965.[607]

Identifica-se que a própria configuração, identidade e missão desta instituição museológica que agora desabrochava, também foram sendo delineadas e operacionalizadas na medida em que a ideia se materializava. Até pelo menos o ano de 2005, observa-se o uso do termo "Museu Espírita Chico Xavier" ou "Museu Chico Xavier" como designações do lugar, o que gerava confusão, notoriamente por já existir um outro museu denominado de "Casa de Chico Xavier" localizado em Pedro Leopoldo, local de sua última morada naquela outra cidade. Ou, ainda, com o "Memorial Chico Xavier", que apesar de em nada se relacionar às ações em vida do médium, tem disputado espaço e território nas expressões memorialísticas do médium em Uberaba.

Por volta de 2005, assume-se o nome "Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier", dando a entender, inclusive, a consciência seletiva dos regimes de memória propostos neste espaço, posto que ao mesmo tempo que se apresenta materialmente enquanto um lugar decorrente das atividades do médium em vida e, portanto, representa a sua memória por meio de seu objetos, em outra medida, ao dar expressão no nome oficial da instituição às "lembranças", admitem-se os diálogos de pós-memórias conduzidos por sua linhagem espiritual: narrativas

---

[606] Anotação presente em acervo integrante à expografia da CMLCX.

[607] "Novamente Dinorah está me procurando. Agora Chico estava sentado na copa, lugar que há muito é seu local de trabalho. Começa a falar: "Eurípedes, quando estive na França com o Waldo, vi o Museu de Balzac. Não o túmulo, mas o museu das memórias do mesmo", volta a me alertar. E confidencia: "– Isto é uma conversa para nós dois. Não conte a ninguém". Recomenda-me: "– Você poderia fazer daqui Memórias de 'Chico Xavier'". In: REIS, 2010, p. 43.

propostas por seu filho do coração, Eurípedes dos Reis, que é também o fundador diretor do museu-casa. De acordo com Jarbas Varanda,

> Em Uberaba, uma nova realidade: o Museu Espírita Chico Xavier [...] para chegar ao Museu Espírita "Chico Xavier", recém-fundado, em Uberaba, pelo filho adotivo de Francisco Cândido Xavier, Dr. Eurípedes Humberto Higino dos Reis, para expor, conservar e valorizar os objetos relacionados com o citado médium. [...] [608]

Neste ínterim, na interconexão entre os lugares de memória que se associam ao médium Chico Xavier, e que sustentavam a realização daquele Sistema de Informação, uma grande alteração relacionada à CMLCX diz respeito ao fato de que as ações doutrinárias associadas ao Grupo Espírita da Prece (GEP) continuaram, a partir de maio de 2021, a serem realizadas na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX), depois da venda daquele bem por Eurípedes dos Reis. Em maio de 2021, ocorreu a transferência do mobiliário antigo e demais bens móveis pertencentes ao GEP para o museu-casa. Desde então, as atividades seguem os seguintes horários:

> 2ª a 6ª feira (7h30-9h00): passes
> 3ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
> 5ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
> 6ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
> Sábados (8h30): Mocidade Espírita Chico Xavier
> Sábados (9h30): passes

A CMLCX, portanto, tem uso misto: residencial (onde habita Eurípedes dos Reis), institucional (Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, Livraria FCX) e devocional (Grupo Espírita da Prece). O que, ao mesmo tempo, demonstra ambiguidades na própria gestão e administração deste espaço e que se torna uma situação bastante complexa para aquele equipamento cultural.[609] Tendo sido antiga

---

[608] *A Flama Espírita*, nº 2.744, fev. 2003.

[609] Interessantes discussões têm sido realizadas nos seminários anuais promovidos pela Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo, desde 2017, no que tange às experiências de diversos museus-casa brasileiros. Destaque para a premissa no caso do Museu Casa Guilherme de Almeida em São Paulo, cujas experiências museais ali desenvolvidas têm demonstrado que "considerando que somos um museu literário, as culturas orais e as culturas que não separam a arte da espiritualidade". *Cf*. MELLO, Simone Homem de. Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida. In: *Anais do VII Encontro de Museus-Casas Literários*, 2022, p. 3. Disponível em: https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/publicacoes-encontros/publicacoes.php?id=26, acessado em 30 de outubro de 2022. Todavia, a temática do sagrado e da religiosidade nos espaços museais têm tido discussão mais recente e ampliada no sentido do debate com as populações nativas e os museus etnográficos, por exemplo em CURY, Marília Xavier. The sacred in museums, the museology of the sacred – the spirituality of indigenous people. In: *ICOFOM Study Series*, vol. 47,

residência de Chico Xavier, o local é procurado por usuários do museu, como também por devotos frequentadores do centro espírita, por ser uma fonte de proteção espiritual do médium e dos benfeitores que o acompanhavam. Garrafas de água costumam ser colocadas no quarto ou na copa da casa para que sejam fluidificadas. Cadernos de orações são preenchidos por pedidos e fotografias são ali depositadas na cozinha visando a intervenção espiritual. Há reuniões espíritas semanais, com diversas finalidades, sendo ali também realizadas.

Tanto a CMLCX quanto o GEP já eram locais procurados por devotos, peregrinos, caravaneiros, turistas, simpatizantes e demais interessados, de forma que a dimensão histórica, identitária e devocional da instituição museal também imputa um processo de atribuição de valor para o museu-casa.[610] Por outro lado, os elementos materiais que o compõem, incluindo seu acervo arquivístico e museológico, também precisam ser valorados a fim de ocuparem um lugar central na estrutura administrativa da própria CMLCX. Considerado enquanto *território-fonte*, o museu-casa opera como uma unidade que agrega os referenciais tangíveis e intangíveis, de modo que estes existem de determinada forma porque se realizam *naquele* espaço e *a partir da* convivência e valoração das práticas sociais ali impulsionadas pela *própria* comunidade espírita diretamente beneficiada.

> É, são vibrações diferenciadas, né? Mas, todas positivas. Este museu, que se transformou a casa do Chico, tem uma importância fundamental. Porque nos faz retornar às vivências passadas. Aqui estão registros não somente fotográficos, ou no papel, ou no quadro, mas registros espirituais. Porque por onde nós passamos, nós deixamos os nossos registros espirituais. E aqui viveu, boa parte de sua vida, Francisco Cândido Xavier. As energias que aqui contém, que contém essa casa, para aqueles que procurarem conectar-se com elas, vão perceber que é tudo diferente. Que é um lugar de paz, lugar de compreensão.[611]

De acordo com Henrique Kemper, os “registros espirituais” existem nos lugares por onde Chico passou e viveu, advindo das energias que envolvem os mentores espirituais que o acompanhavam. E as pessoas que vão ali em busca de cura. Neste sentido, a CMLCX pode ser considerada, efetivamente, a *casa-máter* do

---

n^{os} 1-2, p. 89-104, out. 2019. MAIRESSE, François (ed.). *Museology and the Sacred*: materials for a discussion. Paris: ICOFOM, 2018.

[610] “Muitos fiéis se satisfaziam em parar na porta de sua casa para ‘captar energias positivas’ e ir embora. Ônibus estacionavam diante do portão e os passageiros rezavam”. In: SOUTO MAIOR, 1994, p. 234.

[611] BORGES JÚNIOR, 2014.

Espiritismo, ou seja, a instituição que desempenha a função de ser genitora; aquela que alimenta e nutre; que dá a luz e cria os filhos; aquela que forma intelectualmente e moralmente a comunidade a ela relacionada.

Essa relevância imaterial, que pode ser vislumbrada em outros lugares de memória associados a Chico Xavier em outras escalas, expressa-se também na experiência do usuário do museu-casa. Neste caso, a visitação da CMLCX é algo de destaque: mesmo que contabilizada a partir do ano de 2017 de maneira ainda menos exata, com o uso de uma catraca em forma de pedestal com contador eletrônico, observa-se que o montante de visitas em pouco mais de 6 anos, incluindo o tempo da pandemia, chegou a mais de 130 mil usuários, o que dá uma média de cerca de 1.750 usuários por mês. Há momentos de maior ou menor fluxo, tendo pico nas férias de julho e entre os meses de janeiro-fevereiro, quando caravanas com ônibus especialmente nas sextas-feiras e sábados, preenchem os espaços da livraria e do museu-casa. Durante o trabalho de campo, entretanto, presenciou-se que em uma manhã de sábado em meados do mês de julho de 2015, por exemplo, contabilizamos a presença de, pelo menos, seis ônibus de caravanas que ali estavam simultaneamente – além de diversos carros de passeio individuais – o que daria uma média de 300 visitantes naquela manhã. O que indica, possivelmente, que os dados contabilizados pelo atual método de controle de entrada estejam subdimensionados.[612]

[612] Se analisarmos que o número de museus cadastrados no IBRAM no ano de 2020 era de 3.872 instituições – sendo 448 museus em Minas Gerais –, e que naquele ano, em plena pandemia, tivemos um total de visitas às instituições museais do país calculada em 7.010.196 – sendo que 2.816.060 estão concentrados na região Sudeste – tem-se uma dimensão do interesse dos usuários pela CMLCX. Isto porque na faixa entre 10.001 a 20.000 visitantes, equivalia 2,86% do total de visitantes de museus naquele ano. Mas, se tomamos a referência de subdimensionado no controle de acesso de visitantes da instituição, este número pode, certamente, triplicar. *Cf*. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Resultados Formulário de Visitação Anual*. Brasília: IBRAM, 2020.

Figuras 370 e 371 – Relatório de visitação da CMLCX no período de 2017 a princípios de 2023. Fonte: Instagram Portal Chico Xavier Oficial, mai. 2023.

Da primeira vez que estivemos em um sábado na CMLCX, já nos deparamos com um coral de música espírita, coincidentemente vindos de Belo Horizonte em um grande e confortável ônibus fretado. Todas as pessoas, muito cedo de manhã, às 8hs no horário de abertura do museu, vestidas de jaquetas brancas com *silk* da logo do grupo, um centro espírita. Ventava muito em Uberaba, como é comum naquele planalto. A emoção de todos dava o tom às canções na porta de entrada: era um coral, uma homenagem ao médium ao mesmo tempo que representava um sinal de respeito antes de adentrar àquela casa. Em um dos últimos registros audiovisuais feitos em campo, por outro lado, capturamos um grupo de motociclistas que ali foram motivados pelo fato de Chico Xavier representar, não meramente uma liderança do Espiritismo – posto que no grupo de motoqueiros havia apenas um assumidamente devoto –, mas pela sua representação enquanto um filantropo.

Na Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, uma livraria dá acesso inicial para os visitantes ao universo que está por vir. O volume de obras de Chico Xavier, que escreveu mais de 400 livros, vendeu certamente mais de 4 milhões de volumes traduzidos para aproximadamente 30 idiomas, o colocando no pódio de maior escritor em língua portuguesa. É por meio da renda proveniente da Livraria FCX e da venda de produtos da marca Chico Xavier que, juntamente com recursos

próprios, que Eurípedes mantém os custos do museu-casa e os trabalhos assistenciais desenvolvidos pelo GEP.

Figura 372 – Flagrantes dos usuários na experiência de visita ao museu-casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, 2014- 2020. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

Oposta àquele “formigueiro de gente” que comumente o museu-casa se transfigura, estava a superada intimidade de Chico Xavier, sendo este descrito, por aqueles que conviveram cotidianamente com ele, como alguém, além de extremamente sensível e polido, bastante reservado e que falava apenas o necessário sobre sua privacidade. Apesar de também ser, quando necessário, descontraído e gostar de contar “causos” alegóricos que aliviavam a tensão do ambiente e alegravam aqueles que estavam em sofrimento e procuravam seu auxílio.

> Era muito discreto. Médium educadíssimo. As pessoas só ficavam sabendo o necessário. Ele sabia que certas revelações podiam gerar transtorno na vida de certos indivíduos. Só falava o necessário. Esse era um critério estabelecido pelos Mentores. Foi isso que ele nos disse.[613]

A interpelação dos seus guias espirituais foi também fundamental para a constituição da rotina de atividades, a agenda de ações e o fluxo informacional necessário para a realização da “missão do livro”. E dentre os trabalhadores espíritas que estiveram em sua intimidade, o critério de discrição e fidelidade eram fundamentais, tal qual para o próprio Chico Xavier, especialmente após o seu rompimento com Waldo Vieira e a CEC. A partir daí, os seus assistentes foram se reduzindo em número e aumentando em confiança.

A rotina de Chico Xavier, neste sentido, era exclusivamente dedicada à Doutrina, o que pôde ser estabelecido após a sua aposentadoria, que se concretizou em 1961. Com isso, Chico Xavier transplantou para a realidade de Uberaba uma rotina devocional já implementada, em menor escala, em Pedro Leopoldo. O charreteiro José Jerônimo da Silva, que fazia o transporte dos funcionários da cidade de Pedro Leopoldo para a Fazenda Modelo disse, certa vez, que:

> Nós trabalhávamos juntos da Fazenda Modelo, onde eu fui tratador durante 40 anos. Vinha buscar o Chico às 8 horas da manhã e trazia às 11hs, para o almoço; voltava para a Fazenda ao meio-dia e trazia de volta às 5 horas da tarde. Quase todas as vezes que eu estava com ele Chico ia escrevendo na charrete.[614]

Já em Uberaba, a antiga presidente da CEC, Dalva Borges, assim testemunhou como era a relação cotidiana, especialmente sobre o acesso a sua

---

[613] REIS; TELES, 2010, p. 126.
[614] *Folha Espírita*, 1977, p.15-16.

privacidade e a sua casa que, naquele momento, estava integrada ao terreno da Comunhão Espírita Cristã:

> Eu nunca soube exatamente [da sua rotina diária]. Só quando ele resolvia falar do que tinha feito no dia, pois eram raras as vezes que tínhamos a oportunidade de conversar. Eu não tinha acesso à casa dele, a não ser por necessidade de assuntos doutrinários.[615]

Em termos de regimes de memória, observa-se que os testemunhos advindos de membros da CEC que conviveram com Chico, pelo menos aqueles acessados para esta pesquisa, vinham também carregados de certo ressentimento e rancor, marcados pelo rompimento de Chico com a CEC. Ademais, há sempre uma tomada de posição pendular entre Chico Xavier e Waldo Vieira, além de uma interlocução sentimental quando se trata do ostracismo da CEC perante o crescimento do Grupo Espírita da Prece no contexto do Espiritismo em Uberaba. Ao se projetar já de maneira autônoma, Chico Xavier não carregava mais em seus ombros uma diretoria institucional como era no caso da CEC, de modo a lhe permitir fidelidade aos seus princípios e sua autonomia em ditar a configuração que melhor lhe conviesse.

Em uma entrevista quando ainda na CEC, realizada pelo repórter Realindo Jr. em visita de Chico à cidade de Franca, e que foi publicada no jornal "Comércio da Franca" em 22 de maio de 1971, o próprio médium assim explicou sua rotina, descrevendo que "Naturalmente às 7 horas da manhã devo estar de pé para trabalhar, senão a minha vida fica muito para trás, quanto ao cumprimento dos meus deveres".[616] Diziam que Chico não achava muito interessante dormir – acreditava que era perda de tempo –, como é possível constatar também em sua narrativa de princípios da década de 1980:

> Almoço ao meio-dia. Refeição comum do interior do Brasil. Nas horas da tarde, ocupo-me da correspondência usual e em datilografar as páginas escritas pelos Benfeitores Espirituais por nosso intermédio. Isso, depois do trabalho com os Amigos Espirituais, psicografando ou revendo com eles as páginas de autoria deles mesmos, sempre com a assistência de Emmanuel. Aos domingos, dedico-me aos trabalhos de correspondência mais íntima. Durmo sempre depois das duas horas da madrugada. Sem jantar. Deixei de jantar quando completei 40 anos. E minha única noite de folga, aquela que dedico apenas ao descanso de meu corpo, já doente, é a noite de domingo.[617]

---

[615] CARVALHO; MELO, 2010, p. 68.
[616] ARANTES; GENTILE, 1972, p.42.
[617] MACHADO, 1992, p. 98.

Também por aqueles tempos, em março de 1981, as únicas indicações de variações de sua rotina sinalizavam os limites impostos por quaisquer moléstias relacionadas a sua saúde que, a cada ano, ficava mais debilitada.

> Normalmente, as atividades públicas de Chico Xavier são exercidas somente nos fins-de-semana. Nesses dois dias – sexta e sábado – ele se desdobra, num esforço físico incomum às pessoas de sua idade (71 anos). Disseram-me que esse intenso e estafante programa semanal é uma rotina a que ele vem se submetendo há muitos anos, com pequenas e eventuais alterações, quando impostas pelo seu já debilitado estado de saúde.[618]

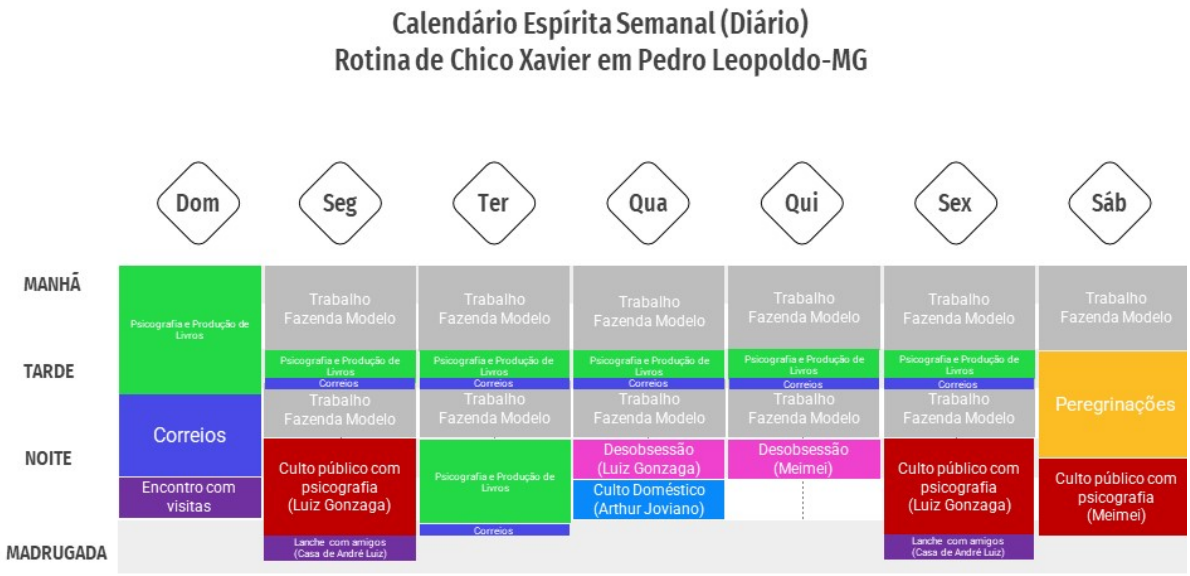


Figura 373 – Calendário espírita semanal/diário, segundo a rotina de Chico Xavier em Pedro Leopoldo-MG. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

[618] BACCELLI, 2010, p. 355.

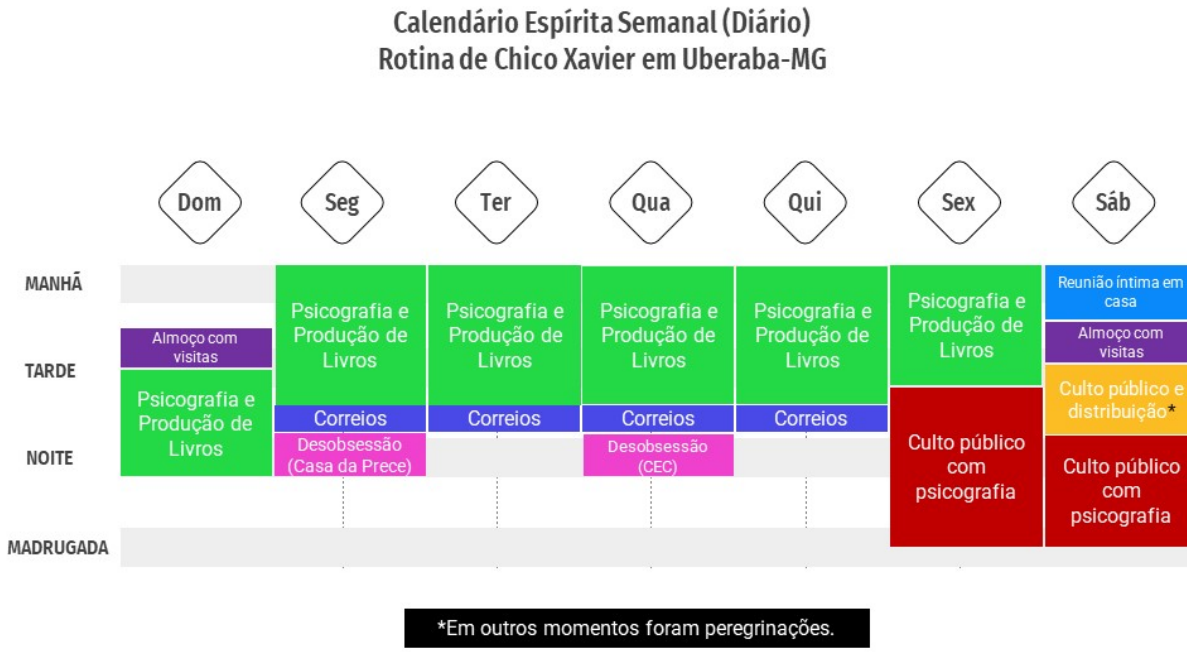


Figura 374 – Calendário espírita semanal/diário, segundo a rotina de Chico Xavier em Uberaba-MG. Elaboração: Samuel A. Akinruli, 2023.

Efetivamente, a partir da década de 1990, Chico Xavier já tinha mobilidade bastante limitada e menor agilidade no trabalho psicográfico, o que destoava ao viço de sua juventude. Ao mesmo tempo, ele passou a receber mais pessoas em sua residência para atendimentos privados, cujas visitas precisavam ser limitadas por sua condição de saúde. O que provocava a ira de muitos, tanto pelo fato de Chico Xavier não conseguir comparecer habitualmente a sua agenda pública no GEP, quanto pela posição de rigor que Eurípedes assumia e ser quem assessorava Chico em sua rotina de acesso ao interior da casa. Na porta do imóvel, eram crescentes as filas de pessoas em busca de um contato com o médium, ao passo que também se ampliaram excessos e incômodos de pessoas desesperadas que buscavam falar com o médium de qualquer maneira, batendo no portão e até mesmo pulando o muro da residência.

Em sua rotina semanal analisada comparativamente entre Pedro Leopoldo e Uberaba, observa-se a constância de suas principais ações doutrinárias: a psicografia e a produção de livros; o Correio; os cultos públicos e os domésticos; as sessões de desobsessão; as distribuições e peregrinações. Houve expansão de algumas atividades entre Pedro Leopoldo e Uberaba, o que demonstra, de maneira comparativa, quais eram as suas ações prioritárias. Em Pedro Leopoldo, observa-se a fragmentação de atividades e do tempo despendido para elas, na medida em que

estava profissionalmente ativo como servidor público. Em Uberaba, por sua vez, uma vez estabelecida minimamente uma estabilidade financeira e de infraestrutura básica de trabalho, contando também com auxiliares tão disciplinados e fiéis quanto Chico, a sua produção mediúnica foi estendida ao seu limite. E, perante isso, ainda, conseguiu organizar uma agenda social, com almoços aos domingos na casa dos amigos Zilda e Weaker Batista.

E a configuração e operacionalização deste ritmo dependia de muitas mãos articuladas e orquestradas sob a intervenção do médium, que tinha grande poder de mobilização para ações coletivas. Os tarefeiros podiam assumir muitos nomes, identidades e funções: eram também chamados de benfeitores, seareiros, assistentes, colaboradores, medianeiros e, por fim, voluntários.[619] De toda forma, seguiam um mesmo princípio pautado em um igualitarismo explícito e uma hierarquia implícita, o que os mantinha coesos à causa espírita.[620]

Em alguns momentos de pronunciamento público, Chico Xavier costumava fazer menção e render homenagens àqueles que, juntamente com ele, faziam a roldana funcionar. Constituía, formalmente, uma galeria dos inolvidáveis em sua trajetória, tendo nomes de pessoas com quem mantinha interações consideradas de relevância que eram citados em discursos de premiação, em entrevistas, em prefácios, etc. Em entrevista realizada no ano de 1967, por exemplo, Chico Xavier ressaltou a relevância de alguns companheiros cotidianos em seu serviço mediúnico quando ainda residia em Pedro Leopoldo, dentre eles o casal José Hermínio Perácio e sua esposa Carmen Perácio, “que me abriram as portas do conhecimento espírita-cristão”, ou seja, que fizeram a sua iniciação, além do Dr. Rômulo Joviano, com quem conviveu durante vinte anos sucessivos e quem o inspirou “nos exemplos de dever cumprido” e no fato de quem “nada se consegue na vida sem disciplina e trabalho”.[621] Disciplina e trabalho, principalmente, foram lemas de vida de Chico Xavier.

---

[619] Em 1998, foi organizada a chamada Lei do Voluntariano no Brasil e que passou a reger, de maneira mais organizada, muitas atividades desenvolvidas nos centros espíritas que se organizam como entidades de identidade jurídica. *Cf*. BRASIL. *Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608compilado.htm, acessado em 15 de junho de 2018. “Parágrafo único. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim”.

[620] LEWGOY, 2010, p. 267.

[621] XAVIER; BARBOSA, 1967, p. 131.

> Não posso esquecer que outros médiuns, muito mais diligentes e mais dedicados à Causa Espírita do que eu, têm trabalhado muito mais tempo, sem que nós nos lembremos deles. [...] Emmanuel sempre me ensina que um médium é parte de uma equipe.[622]

Marcel Souto Maior em 1994, escreveu que, ao lado de Chico, nesta casa onde hoje em dia existe o museu, moravam dois rapazes – Eurípedes Higino dos Reis e Vivaldo da Cunha Borges.[623] Eurípedes convivia com Chico desde cerca de nove anos, quando sua mãe, Carmem Higino dos Reis (1921-1983), começou a trabalhar na Comunhão Espírita Cristã como auxiliar de enfermagem de Waldo Vieira, depois também auxiliava Chico, com outras companheiras, a servir e organizar a rotina da sua casa. Isso se deu depois de se tornar viúva de José da Cruz dos Reis (1920-1955) e ter que criar sozinha seus quatro filhos: José Roberto da Cruz Reis, Carlos Alberto dos Reis, Maria Aparecida Higino, Eurípedes Humberto Higino dos Reis.[624]

> Sem nunca tê-la visto, Chico Xavier chama D. Carmen pelo nome e lhe diz que estava presente ao seu lado um Espírito de nome José da Cruz que enviava-lhe um ramalhete de flores. [...]
> As tarefas espíritas foram ampliando-se. Participava da sopa para as crianças, do movimento da costura. A semente anônima e solitária trabalhava humildemente, dando injeção nos enfermos, passes nos doentes, preocupava-se muito em ajudar a enterrar as pessoas que não dispunham de condições financeiras, confeccionava enxoval para recém-nascidos e os distribuía às mães solteiras, hospedava muita gente que vinha para ver o Chico e não tinha dinheiro para pagar a pensão...
> Na mesa do Grupo Espírita da Prece existe um lugar vazio, mas que deixou marcas de um serviço valoroso; era ela quem recolhia as receitas dadas pelos Espíritos através de Chico Xavier; era ela quem carimbava os livros para os autógrafos...[625]

Ainda segundo Marcel Souto Maior, Eurípedes se tornaria o presidente do novo centro espírita de Chico Xavier e controlaria com rigor o acesso a ele, uma imagem pública que ficou sacralizada a respeito da interação entre Eurípedes, Chico e a comunidade espírita. Vivaldo, por outro lado, discretíssimo, assumiu a

---

[622] *Idem*, p. 30.
[623] SOUTO MAIOR, 1994, p. 170.
[624] O pai biológico de Eurípedes era espírita, tendo ocorrido a conversão da sua mãe católica em momento posterior, quando da cura de um de seus filhos. Frequentavam na cidade de Ituiutaba/MG, onde residiam, o Centro Espírita Eurípedes Barsanulfo fundado por José Dias Machado. *Cf*. HIGINO, Vicente. *Eurípedes, o filho de Chico Xavier*: relatos de vivências biográficas. Uberaba: Ed. do Autor, 2016.
[625] BACCELLI, Márcia Queiroz Silva. D. Carmen, um exemplo de fidelidade. In: *Anuário Espírita*, ano XX, nº 21, 1984, p. 196.

responsabilidade pela organização de toda a obra de seu “pai espiritual”. Seria o encarregado de datilografar, arquivar e diagramar todas as mensagens psicografadas. Os dois chamavam Chico Xavier de “pai” e eram referidos como “filhos”.[626] Eurípedes e Vivaldo são dois interlocutores de relevância que estavam cotidianamente envolvidos à trajetória de Chico Xavier e que, em diferentes escalas, inserem-se na narrativa memorialística existente no museu-casa. Eurípedes conta que Chico Xavier lhe confidenciou ser ele seu irmão mais velho desencarnado José Cândido Xavier Filho (1905-1939), que foi seu grande parceiro nos tempos de realização do Centro Espírita Luiz Gonzaga em Pedro Leopoldo.

> Por isto, não é nada fácil chegar perto de Francisco Cândido Xavier, ou melhor, do Chico Xavier – que é assim que o povo prefere chamá-lo.
> Que o diga o Vicente Leporace, que, além de ser um conhecidíssimo homem do rádio paulista via “O Trabuco”, seu programa diário transmitido pela Rádio Bandeirantes, é também um dos diretores do Lar Mãe Mariana, respeitável Centro da capital, um espírita enfim, dos mais convictos.
> Acontece que o Leporace incorreu no erro de bater à porta da casa de Chico Xavier em dia não destinado ao atendimento público. E teve pela frente um dos mais temíveis ajudantes de ordem do médium, o zelosíssimo Eurípedes. Rechaçado, Leporace teve que fazer o caminho de volta até São Paulo remoendo a sua raiva. E no dia seguinte, abriu a boca no mundo em frente ao microfone: que o Chico Xavier era um grande médium, uma grande pessoa, mas pessimamente assessorado. Que, sendo seu amigo, é claro que Chico não teria recusado a recebê-lo, se ele tivesse tido a oportunidade de falar pessoalmente com ele. Mas que um

[626] SOUTO MAIOR, 1994, p. 170. No ano de 2015, Eurípedes dos Reis pediu judicialmente o reconhecimento *post-mortem* como filho socioafetivo de Chico Xavier, mas a justiça julgou improcedente e o resultado foi proferido em 2019. “Segundo Eurípedes, várias pessoas têm usado o nome e imagem de Chico Xavier indevidamente para obtenção de lucros, o que contraria os ensinamentos do médium. Por isso, ele teve o interesse de agir e pediu a concessão de medida acautelatória para autorizá-lo a figurar como parte legítima em ações judiciais e administrativas em proteção a honra, respeito, uso indevido e sem autorização do nome e da imagem de Chico Xavier. Eurípedes acrescentou que não tem interesse patrimonial e que os bens deixados por Chico foram doados ou transmitidos via testamento. Em relação aos bens imateriais, nome, imagem e pertences do médium, Eurípedes ficou com a responsabilidade de preservá-los com a Casa de Memórias Chico Xavier. Ele disse que também ficou como representante da livraria a qual Chico concedeu o uso exclusivo de seus produtos e marca e que tem dado destinação ao dinheiro conforme o pai afetivo havia pedido”. *Cf*. Em ação, Eurípedes Higino pede para ser reconhecido como filho socioafetivo de Chico Xavier, mas Justiça nega, *Globo*, 23/03/2019. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/03/22/em-acao-euripedes-higino-pede-para-ser-reconhecido-como-filho-socioafetivo-de-chico-xavier-mas-justica-nega.ghtml, acessado em 22 de março de 2019. Neste aspecto, ainda é necessário ressaltar que a Livraria FCX é detentora dos direitos de exploração da marca “Chico Xavier” a partir de diversos certificados de registro feitos junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) com o primeiro depósito feito em 16 de abril de 2001 e outros no ano de 2006 que foram renovados e ainda hoje estão válidos até fins desta década. *Cf*. *Busca Marca Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI)*: https://busca.inpi.gov.br/pePI/jsp/marcas/Pesquisa_classe_basica.jsp.

> "dentistinha", um tal de Eurípedes, não lhe tinha dado chance, etc., etc., etc.[627]

Eurípedes convive com Chico Xavier desde seus 9 anos de idade, ou seja, desde a chegada do médium em Uberaba em 1959, e passou a residir em mesma casa que o médium desde os seus 17 anos, ou seja, em 1967, logo após o desligamento de Waldo Vieira do Espiritismo e quando, portanto, Chico Xavier passou a residir sozinho.[628] Aos 15 anos, já trabalhava na livraria da CEC, isso em 1965, e depois passou para o departamento editorial da CEC onde saiu em 1971 para ir para a universidade estudar Odontologia, tendo se formado em 18 de dezembro de 1975.[629] Naquele seu primeiro trabalho na CEC, ele organizava os livros, "embalava pedidos, despachava-os através dos Correios, cuidava dos dados contábeis e atendia ao público" e, de acordo com suas memórias, sua presença ali "já despertava sentimentos contraditórios em algumas pessoas".[630] Sentimentos que evoluíram e se manifestaram mais claramente através dos anúncios públicos chamando Eurípedes de "o leão de chácara, o grosseiro, o agressivo, o doente, filho ingrato e agressor do Chico", "para-choque", "porteiro", "negrinho", "mulatinho".[631]

Desde o desencarne de Chico, Eurípedes passou a centralizar todas as ações em suas mãos daquele que considera ser seu pai do coração. Eurípedes parece ter estado à sombra de Chico Xavier, de modo que seu protagonismo público foi ressaltado quando o médium se tornou mais dependente fisicamente. De acordo com Eurípedes, as "pessoas costumavam tratar-me como se eu não passasse de empregado da casa ou então um filho-problema que Chico Xavier teve a infelicidade de adotar".[632] E este "processo de demonização", de acordo com ele, iniciou-se especialmente nos últimos anos de vida de Chico Xavier, que foram agravados por alguns escândalos amplamente difundidos na imprensa nacional.[633]

---

[627] PENTEADO, 1978. Apud XAVIER; ARANTES, 1979, p. 50.
[628] "Na casa, além de Eurípedes e de Chico, moram também um sobrinho deste último e uma senhora que, parece-me, é a empregada". In: PENTEADO, 1978. Apud XAVIER; ARANTES, 1979, p. 55.
[629] REIS; TELES, 2010, p. 24 e p. 28.
[630] HIGINO, 2016, p. 52.
[631] *Idem*, p. 56, p. 88 e p.101.
[632] *Idem*, p. 124.
[633] Entre os anos de 1992 a 2001, Eurípedes esteve casado com Christine Gertrud Wilhelmine Schulz e passaram a viver em sua casa, imóvel no mesmo terreno da moradia de Chico Xavier. Quando ocorreu a separação do casal em princípios de 2001, os motivos foram expostos por uma denúncia de Christine que envolvia, ainda, denúncia de traição da mulher com outro homem. Ela declarou que foi agredida por Eurípedes e que ele também agrediu Chico Xavier. E, ademais, outra denúncia também indicava que eles haviam forçado o médium, já com 89 anos de idade, a assinar a cessão de direitos autorais de alguns fonogramas em nome do então casal. Mais investigações foram realizadas

Em alguma medida, tal questão se relaciona às dificuldades em se reconhecer na ausência e, com isso, os ruídos e as rupturas até então administradas mais discretamente por Chico Xavier, tornaram-se evidentes em sua própria casa. Após o seu desencarne, uma das primeiras medidas tomadas por Eurípedes foi a de construir um muro que separava a casa de Chico e Eurípedes à de Vivaldo. O pátio que antes recebia a tantos, foi seccionado. E aquele que se tornava diretor-proprietário da CMLCX, também passava a protagonizar as narrativas de memória de Chico Xavier tecidas na sua própria relação com o médium. E, empregou-se de diversos recursos comunicacionais e expositivos para se inserir oficialmente na história inclusive nos rescaldos produtivos de todo aquele empenho do Sistema de Informação que agora tenta promover alguma continuidade e manutenção.

4.3. Os objetos-memória: estratégias e estéticas memorialísticas no museu-casa

> Entre um livro e outro, o principal responsável pela transformação do Brasil no maior país espírita do mundo se preparava para morrer.
> Tomou todas as precauções. Para começar, doou a Eurípedes, Vivaldo e José Geraldo o seu único bem – a casa simples. Em seguida, atestou em documento, o desejo de ser enterrado em Uberaba e não em Pedro Leopoldo. [...] Para arrematar, pediu a Vivaldo que queimasse os originais de todas as mensagens publicadas. Temia que os garranchos do além fossem comercializados quando já estivesse longe.[634]

A CMLCX expressa muito além que o lugar físico das lembranças e da intimidade do médium enquanto esteve encarnado. Ali se encontra o conjunto arquivístico e museológico contendo o acervo material com maior número de itens pessoais de Chico Xavier reunidos, incluindo alguns originais de suas psicografias e bonecas dos livros que publicou, além de utensílios pessoais como roupas, boinas, sapatos, óculos, meias, lenços, os ternos que usava e até mesmo as suas próteses odontológicas e perucas. Representa, materialmente, a complexidade do Sistema de Informação que criou.

---

no sentido de averiguar desvios de doações, irregularidades e comercialização de produtos associados a Chico Xavier, pelo menos desde 1997. Isto, associado ao fato de que juntos haviam fundado a Associação Casa da Paz em 2000, uma instituição beneficente no mesmo endereço do Abacateiro 2, localizado na Avenida João XXIII nº 2.246. *Cf*. Filho adotivo de Chico Xavier será acusado de estelionato e fraude, *Estadão*, 19/09/2001. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/filho-adotivo-de-chico-xavier-sera-acusado-de-estelionato-e-fraude/, acessado em 22 de março de 2019.

634 SOUTO MAIOR, 1994, p. 244.

De acordo com Eurípedes, todos os cômodos como sala, cozinha ou o quarto de Chico Xavier estão exatamente como o médium deixou ao falecer. Perspectiva que, ao ser comparada às fotografias antigas e a atual configuração dos cômodos e, portanto, aos espaços expositivos, consegue vislumbrar que a rotina daquele ambiente não se mantém mais tal qual como era nos tempos em que Chico Xavier ainda estava encarnado. Premissa que deve ser refletida à luz do processo de musealização dos espaços e dos bens associados ao médium que conformam a CMLCX.

Por musealização se entende como um processo de valorização de objetos que, por sua vez, "poderá ocorrer com a transferência do objeto de seu contexto para o contexto dos museus, ou ainda, a sua valorização *in situ*, como ocorre nos ecomuseus".[635] Processo que se inicia por meio de uma valorização seletiva, acompanhada de seguida e constante transformação do objeto em documento e, para isso, há um conjunto de procedimentos para viabilizar esta extroversão e esta comunicação museológica. Um museu em suas diversas funções – que preserva, documenta, comunica, pesquisa e educa – precisa estar atento a sua museografia – "termo que engloba todas as ações práticas de um museu: planejamento, arquitetura, acessibilidade, documentação, conservação, exposição e educação" e, portanto, deve também compreender a expografia como parte da museografia. A expografia, portanto, relaciona-se à forma da exposição que se mantém em "acordo com princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma".[636]

No caso da CMLCX, o que há de conservador neste museu-casa, em aspectos de manutenção de uma pretensa imagem de preservação de usos, sentidos e significados daquele conjunto, ofusca, ao mesmo tempo, o que pode haver ali de inovador. Pelas idiossincrasias dos sujeitos em narrativas de museus-casa, nas quais podemos conhecer múltiplas facetas daquele biografado, poder-se-ia ter muito dos dois aspectos de Chico Xavier ali representado: seu lado conservador e inovador. A museologia e as práticas de memória, neste caso, em seu aspecto conservador, carregam também uma função pré-definida e dogmática, interessada em ressaltar a faceta do Espiritismo em função da evangelização, do

[635] CURY, Marília Xavier. *Exposição*: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2015, p. 24.
[636] *Idem*, p. 27.

ensinamento da Doutrina Espírita. Em termos inovadores, compreender a complexidade deste Sistema de Informação criado, gerenciado e mantido por Chico Xavier, concederia mais humanidade ao médium, posto que sua história intelectual e, especialmente, sua liderança, perspicácia, articulações, capacidades e inteligência seriam prevalentes. Poderia ser também inovador ao revelar, em perspectiva mais ampla, o papel das instituições de memória enquanto importantes espaços pedagógicos que já haviam sido, inclusive, realizados pelo médium.

É, certamente, também controverso ao ideal de homem-fenômeno, aquele que conversa com os mortos, o mito, o imortal. Ao humanizar o homem Chico-Xavier, em alguma medida, também se retira dele alguns superpoderes, posto que seus processos, rotinas e relacionamentos se tornam explícitos e passíveis de escrutínio do senso crítico. Todavia, pode-se também revelar o quão *sui generis* era aquele biografado, posto que os visitantes estão ali motivados por sua trajetória, pela experiência de estar próximo dele e conhecer melhor com maior proximidade sua vida. Em posição oposta, desumanizar significa, também, sacralizar e santificar. Portanto, em prol do conservadorismo, constroem-se narrativas textuais, visuais e sonoras, que envolvem ideologias e representam estéticas sobre o médium em condições de pós-memória, posto que Eurípedes define os caminhos expositivos ali desejáveis de serem traçados pelos usuários, seleciona os aspectos de interesse da memória, intervém nos acervos.

Neste aspecto, podemos interpretar a memória social construída de Chico Xavier como a de um homem-semióforo dotado de objetos semióforos, ou seja, um dos homens memoráveis ou "homens-memória", porque é prestigioso e útil.[637] Considerados preciosidades, os seus objetos são dotados de um valor de troca fundamentado no seu significado. Os semióforos são, portanto, "pontes entre o mundo visível e o mundo invisível, são suportes materiais de ideias", de modo a desempenharem "a função de intermediários entre os espectadores e o mundo invisível de que falam os mitos, os contos e as histórias".[638]

Por suas ligações com o invisível, os semióforos são superiores às coisas comuns, pois eles representam os antepassados, os deuses, o poder atemporal, de

---

[637] LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990, p. 449.

[638] ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996, p. 42-43. Importante também conferir o emprego original do termo semióforo em POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi – 1. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v. 1, 1984, p. 51-86.

modo que se distanciam e se diferenciam dos outros. Aos semióforos é permitido o lugar de memória nos museus, da guarda dos seus objetos-semióforos. Contraditoriamente, trata-se de objetos que também dizem respeito a todos nós, pois permitem as pontes entre as gerações, os legados de um passado oligárquico, a força da permanência do *status quo*, a aproximação com o trivial.

Não por menos que esta construção memorialística sustentada no museu-casa também se veicula, em grande medida, ao suporte textual, pois também é amplamente aderente no meio desta comunidade letrada a transmissão memorial pela escrita. E, assim, de uma memória individual se exteriorizam as experiências para a estabilização de uma determinada memória coletiva. Tendo "a escrita, por outro lado enquanto *medium* cumulativo paradigmático extracorporal, ultrapassa-se esse horizonte das culturas orais da memória". E com a "escrita pode-se registrar e acumular mais do que se poderia evocar por meio da recordação".[639]

> Com o impresso... não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é frequentemente colocado em situação de explorar textos novos. Assiste-se então à exteriorização progressiva da memória individual; é do exterior que se faz o trabalho de orientação que está escrito no escrito.[640]

Na medida em que os anos distanciam sua presença no presente, a memória de Chico Xavier tem sido ressignificada pelos distintos grupos existentes no universo espírita e que pleiteiam seu lugar de liderança espiritual: há rupturas entre as linhagens espíritas especialmente entre os grupos de Minas Gerais (com suas fraturas), os paulistas, além do grupo dos espíritas baianos. Ao mesmo tempo, iniciativas de manutenção de uma determinada memória do médium resistem por meio de ações como a fundação da CMLCX em Uberaba que tem o suporte da cultura material como um importante recurso de rememoração. Mas, que parte de narrativas expográficas que remontam os museus aos gabinetes de curiosidade dos séculos XVI e XVII, ou às instituições de memória do século XIX que se dedicavam a contar as histórias nacionais de seus grandes homens e de seus grandes feitos.[641]

---

[639] ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação*: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011, p. 150.
[640] LEROI-GOURHAN, 1964-1965, p. 69-70 Apud LE GOFF, 1990, p. 457.
[641] FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus*: do Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

Os entrelaçamentos dos entendimentos entre memória e lembrança estão presentes no nome da instituição – Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. A presença da “memória” ao lado da “lembrança” concede os sentidos de um e de outro termo por adição e contraste, pois “dá ao verbo 'lembrar' usos distintos dos que receberia no caso da memória pública”. Enquanto as “lembranças”, postas em primeira posição, concedem “uma dimensão mais específica em termos de tempo; mais íntima e subjetiva em termos de textura”, que se apropria de um uso figurado do termo lembrar para significar o vivido, as “memórias” remetem ao contexto de uma memória pública que subsidia uma história transformada em relato ou monumento, que não “é simplesmente designada pelas palavras história, posto que é necessário ressaltar a sua dimensão afetiva e moral”.[642] Neste sentido, tendo priorizado o lembrar sobre o rememorar, entende-se que

> A dupla utilização de 'lembrar' torna possível o deslocamento entre lembrar o vivido e 'lembrar' narrações ou imagens alheias e mais remotas no tempo. [...] Esses fatos só são "lembrados" porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar [...].[643]

Nesta construção com foco da pós-memória, como tratado anteriormente, adiciona-se o fato de que nesse processo constitutivo e de gerenciamento do museu-casa, a atenção se torna evidente também quanto à “preocupação com a integridade física desses patrimônios culturais coletivos”, compostos de bens imóveis e móveis, materiais e imateriais selecionados por serem considerados preciosos e insubstituíveis”.[644] Maria Cecília Fonseca defende, pois, que é preciso tratar as fontes primárias de informações como parte insubstituível da diversidade cultural da humanidade, uma vez que

---

642 SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 90.
643 *Ibidem*.
644 FONSECA, Maria Cecília Londres. Informação e patrimônio imaterial. In: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena Toledo Costa de (org.). *Ciência da Informação*: múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009, p. 24. Em outras palavras, o patrimônio cultural é um direito fundamental e difuso, de modo que “justifica a possibilidade de defesa do referido patrimônio cultural mediante instrumentos processuais como a ação civil pública; a imprescritibilidade das ações de reparação de danos ambientais coletivos”. SOUSA, Rosilene Paiva Marinho de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Informação e patrimônio cultural: uma definição jurídica de informação patrimonial. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 20, nº 03, jul./set. 2015, p. 105.

> se não forem objeto de alguma forma de preservação, delas não restará nem a memória e desaparecerão, sem deixar traços, juntamente com as circunstâncias e as sociedades que as produziram. Esse processo de perda, que atinge igualmente espécimes da fauna e da flora, acarreta também a perda de informações que sequer chegamos a alcançar.[645]

A autora adiciona, ainda, o fato que no caso do patrimônio imaterial, há questões mais explicitamente complexas que se relacionam ao fato de o registro informacional daquele bem cultural ser realizado em um específico momento histórico e que, assim, cristaliza um determinado momento de sua existência.[646] A transformação "é muitas vezes o pré-requisito para a sobrevivência de certos processos culturais", ao passo que também é promotor de seu desaparecimento, uma "consequência natural e inevitável da mudança". Todavia, "a documentação desses processos, ainda que limitada, pode constituir um valioso repertório de informações que venham a ser úteis para os projetos futuros desses grupos sociais". E que, por seu turno, por se tratar de um bem de uma coletividade, os usos e a divulgação de informações não podem ser feitos sem o consentimento e a participação dos produtores e transmissores desse patrimônio, ou melhor, deveriam ter o protagonismo do coletivo nesse processo informacional.[647]

Como ressaltou Alcenir dos Reis, é preciso também "explicitar o conceito de informação que norteia essa discussão, haja vista a existência de múltiplas formulações no que concerne ao entendimento do mesmo". No âmbito das discussões sobre o patrimônio e a informação, parte da premissa que informação "é compreendida como um produto social e que a mesma se encontra perpassa pelas dimensões de historicidade, totalidade e contradição".[648] Assim, a noção de informação se expressa como resultado do vínculo entre os homens, uma interação

---

[645] FONSECA, 2009, p. 25.

[646] Sobre essa questão ressalta-se que no caso do Inventário Nacional de Referências Nacional (INRC), por exemplo, a cada dez anos o bem registrado em nível nacional como patrimônio imaterial pelo IPHAN, passa por um novo estudo de análise, visando a atualização do conhecimento sobre o bem, seu estado de conservação e as propostas de acautelamento. *Cf*. Decreto nº 3.551/2000. Maria Cecília Fonseca ainda problematizou sobre o fato de que o "tratamento dos dados e informações levantados nos inventários culturais é sem dúvida um ponto da maior importância, pois não basta produzir informações. A criação de um banco de dados está prevista no Decreto 3.551/2000, mas o formato desse banco ainda está por ser definido". In: *Idem*, p. 28-29.

[647] *Idem*, p.25-26. Segundo Letícia Julião, os inventários, tombamento e registros realizados com a efetiva participação das populações detentoras do patrimônio, ocasionam também em novas formas de se pensar as práticas museológicas. *Cf*. JULIÃO, Letícia. Patrimônio imaterial e museus. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (orgs.). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p. 94-95.

[648] REIS, Alcenir Soares dos. Informação e patrimônio cultural: aproximações. In: *Idem*, p.108.

dinâmica e contraditória de construção de significados *no* e *para* o presente, subjacente às distintas relações de poder na sociedade e que autoriza – ou desautoriza – determinados discursos.

A questão presente no diálogo entre Ciência da Informação, memória e patrimônio no que tange às expectativas, foi retomado por Vera Dodebei no aspecto "de uma reconciliação entre arquivo e repertório ou inventário, podemos dizer que convivemos então com memórias do presente incorporadas, vivas e em constante transformação, e com memórias do passado registradas e armazenadas em arquivo". Trata-se de quase um aforismo ao fato de "que o esquecimento tem duas formas de se manifestar – ativa e passiva – a memória também apresenta essa tensão entre esquecer intencionalmente e casualmente". As instituições dedicadas à memória, nesse aspecto, "permitem não a reconstrução do passado, mas a construção de novas narrativas, novas memórias".[649] Isso, porque segundo a autora, no campo da Ciência da Informação, a noção de patrimônio, deve ser contemplada em "todas as suas dimensões (arquivística, biblioteconômica e museal)".[650] Agremiando as concepções discutidas pela autora, pode-se afirmar que a pesquisa em tela trata dos dois processos interligados às relações entre memória e patrimônio: "a memória em seu vir-a-ser patrimônio, ou patrimonialização da memória", e o "patrimônio instituído que necessita de uma memória para se justificar no tempo, ou rememoração do patrimônio".[651]

Considera-se, pois, a CMLCX enquanto um espaço de grande relevância social e histórica, pois participa fortemente, ainda hoje, na produção de sentidos específicos relacionados à prática do Espiritismo em níveis local, regional, nacional e mesmo internacional, posto que carrega material e imaterialmente, transmite e reflete a memória de uma das maiores lideranças da Doutrina. E, assim, a CMLCX é um bem de interesse diferenciado para determinado grupo social – relacionado não somente aos espíritas, como a cristãos e demais simpatizantes –, uma vez que invoca Chico Xavier enquanto autoridade do Espiritismo no Brasil e contribui na interpretação de algumas das facetas de sua vida pública e privada. O que envolve as representações sociais a ele associadas, às narrativas que se conservam a seu

---

649 DODEBEI, Vera. Tempos memoriais e patrimoniais: notas de pesquisa sobre memória e informação. In: NETTO, Carlos Xavier de Azevedo (org.). *Informação, Patrimônio e Memória*: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Ed. UFPB, 2015, p. 47.
650 *Idem*, p. 53.
651 *Idem*, p. 60.

respeito, as diversas edificações associadas com ênfase para a Casa de Memória e Lembranças Chico Xavier e seus bens móveis ali abrigados, com destaque para o acervo arquivístico, bibliográfico e museológico, em sua relação com os usos que se desenvolvem e sustentam a interlocução com a comunidade interessada.

Trata-se de um lugar que também abriga as ações de devotos, caravaneiros, peregrinos e turistas que vão até ali para, espiritualmente conectarem-se com os Mentores Espirituais diversos que acompanhavam Chico Xavier em seu trabalho doutrinário e assistencialista, de modo que aqueles se deslocam até o museu-casa também para pedir milagres, bênçãos de todo o tipo e intenções votivas diversas, como o pagamento de promessas, agradecimentos de graças alcançadas ou pedidos de orações para a cura de doenças. Ademais, tantos outros vão por curiosidade ou simpatia e acabam achando na CMLCX uma resposta espiritual que os encaminha para a devoção à Doutrina Espírita. A narrativa de vida e obra de Chico Xavier engendrada pelo museu-casa também estimula a prática de ações em prol da ajuda humanitária e respeito à diversidade religiosa.

O acervo ali presente é formado por bens culturais de natureza muito diversa e em volume destacado, que conformam expressivos conjuntos. No tocante ao patrimônio cultural material, tratam-se de certamente mais de 25 mil itens de bens arquivísticos (documentos textuais, fotográficos, documentos pessoais, cartas, psicografias, manuscritos originais de obras, textos datilografados de livros, dentre outros), enquanto o acervo museológico exposto apresenta mais de mais de 6 mil itens. A pesquisa indicou um total de 44 bens culturais de natureza imaterial associados à Chico Xavier.

A experiência da etnografia de museus desenvolvida na CMLCX provocou a necessidade da recuperação de informações de maneira a interpretar o conjunto ali inserido, suas prioridades narrativas, seus recortes e seleções. Experiência que promove ou restringe acessos à informação: seja por ampliar demandas, como também por suprir ou reprimir as demandas dos usuários frente à temporalidade de sua exposição permanente, uma vez que há um acúmulo ou saturação informacional advindo da própria experiência dos usuários, que comumente frequentam o local por diversas vezes. O crescimento e complexidade cada vez maior das necessidades de informação por parte dos usuários também gera a demanda pela recuperação da informação, um processo que visa satisfazer às necessidades/pedidos dos usuários,

fornecendo-lhes as informações relevantes existentes no acervo e novas experiências naquele museu-casa.

Neste sentido, merece atenção o fato de que o formato das exibições assumidas pelo museu-casa em sua expografia demandam grande esforço para serem vistas em razão da forma como os objetos são apresentados, ou seja, os usuários do museu ficam sobrecarregados ao ter que se curvar ou esticar, para tentar ler as pequenas letras, para conseguir contemplar o todo excessivo à mostra, com iluminação ou posições nem sempre confortáveis à visualização. Bolsas que esbarram nos objetos em exposição, pessoas que se trombam, um número incontrolável de visitantes ao mesmo tempo dentro daquelas modestas instalações. Após um breve esforço inicial, e que se mantém continuamente necessário ao longo do percurso da visita, o usuário se conforma em ver praticamente tudo imperfeitamente e com um olhar de relance ao final de tudo. Há um cansaço experienciado nesta visita, de modo que o interesse do visitante decresce em proporção ao aumento de itens expostos no museu-casa. Assim, a fadiga museal, que é o fenômeno que sugere que os visitantes tenham um limite de prazo e esforço na experiência na instituição, após o qual o seu interesse pelas exposições diminui, é ali predominante em termos gerais.[652]

O acervo representa a sobrevivência tanto daquelas vertiginosas visitas, quanto perante os pedidos de Chico Xavier em incinerar toda a sua correspondência ou as provas dos livros.[653] Também, conduz a uma contradição pelo excesso: muitos presentes ganhados de seus fãs-fiéis, fartas imagens de si, abundantes premiações e honrarias e uma música constante que embala os visitantes. Em estilo *muzak* – música de elevador ou música de fundo – aquele som instrumental suave, com execução da simplificação dos arranjos – preenche todo o ambiente acalmando aqueles aflitos e agitados usuários, normalmente viajantes ou com pedidos espirituais a fazer e, assim, ansiosos por ali chegar. As caixas de som foram

---

[652] ALMEIDA, Adriana Mortara. A observação de visitantes em museus: sobre ratos e seres humanos. In: I*nterdisciplinaridade*, vol. 1, nº 2, p. 10-29, jul.-dez. 2012.

[653] Quando Eurípedes adquiriu da família de Vivaldo o patrimônio do falecido em 2017, junto também negociou o acervo privado de Vivaldo que, em grande medida, era composto por originais psicografados (incluindo mensagens ainda não publicadas) e bonecas dos livros com revisões de Chico Xavier. Eurípedes então divulgou na imprensa esse achado, pois, em mesma época, os jornais haviam noticiado que documentos inéditos de Chico Xavier foram encontrados na CEC, conjunto documental já tratado nesta tese e que se relaciona à EEP. In: *Materiais inéditos de Chico Xavier são encontrados em casa em Uberaba*, MGTV, 19/05/2018. Disponível em: https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/materiais-ineditos-de-chico-xavier-sao-encontrados-em-casa-em-uberaba.ghtml, acessado em 22 de março de 2019.

distribuídas no museu-casa e tocam uma *playlist* previamente organizada, que tem como destaque alguns sucessos especialmente compostos para Chico Xavier: “O Homem”, criação de Roberto Carlos e Erasmo Carlos em 1973, fala do médium e era uma de suas preferidas canções. A música, aliás, é uma expressão, linguagem e ferramenta comunicacional de grande relevância na experiência mediúnica de Chico Xavier.

> A música me produz uma excitação muito especial que pode me levar ao transe, mas também, mais comumente, a uma espécie de sonho consciente. Aliás, esse sonho consciente me ocorre muitas vezes. E digo consciente, porque não perco de todo a ligação comigo mesmo. Unicamente, minhas sensações são curiosas; às vezes, parece que, como se estivesse do meu próprio lado, vou pôr a mão na minha cabeça, tocar no meu próprio corpo, na minha própria carne.[654]

A música, neste sentido, deve ser também entendida como um recurso relevante ao trabalho mediúnico rotineiro de Chico Xavier, um elemento ritualístico. E foi sendo incorporada de maneira mais ampliada ao longo da sua experiência medianeira, posto que a reprodução de músicas ao longo das sessões públicas, notoriamente durante a psicografia do médium, foi sendo implementada paulatinamente desde Pedro Leopoldo. Ao passo que o ajudava no processo de transe, também acalmava as famílias desconsoladas que ali esperavam por uma comunicação entre mundos, e promovia a concentração, sintonia e boa vibração (sustentação) na audiência, normalmente em grande número e polvorosa. A necessidade de concentração naquele momento era grande, mas também inversamente proporcional aos ânimos daqueles consulentes.

Chico Xavier também escutava música para o seu trabalho mediúnico em sua casa nos momentos de psicografia que realizava para a produção dos livros: colocava na vitrola especialmente música clássica, tendo seus preferidos Mozart, Bach, Vivaldi, Chopin.[655] A sua relação com a música, que ultrapassa suas finalidades mediúnicas, expressa-se, não somente no atual acervo ainda hoje existente no museu-casa, como também naquilo que deixou para trás. Quando se mudou para Uberaba em 1959, dizem ter levado apenas “a roupa do corpo. Na

---

[654] *O Globo*, 14 de maio de 1935, p. 1.

[655] De acordo com o seu irmão André Luiz, “Chico, em especial, gostava de Wagner, Brahms, Beethoven, que ele escutava muito na época em que psicografou livros em casa. Ele punha para tocar e começava a psicografar”. In: CARVALHO; MELO, 2010, p. 33.

pequena casinha ficam todos os seus objetos, cerca de 200 livros, discos de música clássica e popular. Na parede da sala, o retrato de Emmanuel".[656]

E, de forma a construir essa ambiência geral ditada pela música no museu-casa – uma vez que, como ressaltou Chico Xavier em entrevista, o "homem nem sempre está em condições de ver a beleza do Infinito. É como se fóra um índio ouvindo um concérto de Beethoven" – [657] especialmente aos sábados, dias de maior visitação, um músico em seu violão faz seu concerto ao vivo tocando músicas clássicas e *muzak*, de forma a traduzir aquela experiência mediúnica que ali se manifestava tão corriqueiramente, mas agora para meros mortais. O músico chegava às 8hs e ao meio-ambiente vai embora com sua pasta e seu violão, quando os turistas também já se evadiram em busca de um restaurante de comida mineira nas redondezas. A coleção de antigos discos de Chico Xavier, por outro lado, colocado em um antigo móvel de madeira que tem, portanto, uso híbrido – serve de item em exposição e de mobiliário de guarda na própria exposição permanente – esconde algumas relíquias e, em grande medida, mantém em segredo o estado de conservação desta coleção.

O acervo bibliográfico, fotográfico e documental, todavia, são proporcionalmente superiores na exposição da CMLCX. Inclui um volume grande de livros, mas não possui a completude dos volumes de autoria do próprio Chico Xavier. Conjuntos de revistas, originais manuscritos das psicografias, bonecas de livros que demonstram a revisão dos textos já "copydescados", aquelas tão usadas máquinas de escrever. O acervo possui livros e materiais de estudos de línguas, sendo alguns autografados: o material didático "Instruções para os estudantes do curso linguaphone" vinha acompanhado de livros e discos para o estudo da língua francesa e tinha dedicatória de 17/11/1967. Outro material, o "Cours de français" também do *Linguaphone Institute*, tinha os dizeres: "Caro Chico, cremos que isto lhe será bastante útil para a divulgação de suas maravilhosas mensagens, no idioma de Kardec, 10/1967".

Acervos e objetos que expressam relações, rituais, rotinas: temos ali, displicentemente perdido na cozinha, a caixinha de madeira com as sessenta senhas distribuídas àqueles que teriam dois minutos de conversa com Chico Xavier na sessão pública no GEP. Ou uma caixa de papelão com diversas moedas de

[656] MACHADO, 1992, p. 73.
[657] *Flan – O Jornal da Semana*, nº 11, jun. 1953, p. 7.

baixo valor, que eram simbolicamente distribuídas durante as distribuições no Abacateiro, e que muitos a guardavam nos porta-mantimentos de suas casas: diziam trazer fartura. A balança, o selo e uma correspondência não enviada: um instante congelado e o tempo passado sendo narrado daquele cotidiano interrompido.

> Em março de 1981
> Ao meio dia daquela sexta-feira, já se notava uma pequena fila em frente do portão principal do Grupo Espírita da Prece [...]
> Duas horas mais tarde, aquele filete de gente já se havia transformado num caudal humano de centenas de homens e mulheres de procedência sociais diversas e oriundas de diferentes Estados da Federação Brasileira.
> Na sua maioria, seguidores do Espiritismo. Mas havia também os que professavam outros credos religiosos. Ecumenicamente, todos se sentiam atraídos pelo carisma de que o médium de Pedro Leopoldo se reveste aos olhos do povo. Todos o admiram, nele acreditam e dele tudo esperam. [...]
> Mas nem todos os que ali se encontravam tiveram trânsito livre para transporem o portão e se aproximarem do Chico.
> O sinal verde abriu, mas somente para os 60 primeiros, por ordem de chegada. Os retardatários teriam de contentar-se com o deixar o seu nome, inscrevendo-se para a semana seguinte, ou abdicarem daquele desejo impossível para os que não tivessem condições de permanecer em Uberaba, à espera, durante mais sete dias. Muitos deles eram peregrinos que tinham vindo de longe — do Rio de Janeiro, de Manaus, de Mato Grosso ou de Teresina, no Piauí.
> Passaram dias inteiros viajando, alimentando-se mal e dormindo pouco, e não seria assim diante do primeiro obstáculo que iriam desistir do desejado encontro com o médium. Ficaram, sim. Estavam resolvidos a esperar! [...] Atravessaram o portão apenas 60 postulantes ao cobiçado diálogo. Cada um deles podia falar pessoalmente com o médium, mas durante apenas dois minutos — tempo considerado absolutamente suficiente para cada um expor o seu problema e ouvir o conselho solicitado. O Chico já os esperava, sentado num dos bancos da espaçosa sala do centro espírita, onde era vista, também, uma grande mesa central rodeada de cadeiras.[658]

[658] BACCELLI, 2010, p. 355-362.

Figura 375 – Parte dos livros que compõem o acervo do museu-casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2017.

Figura 376 – Máquina de escrever de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, abr. 2016.

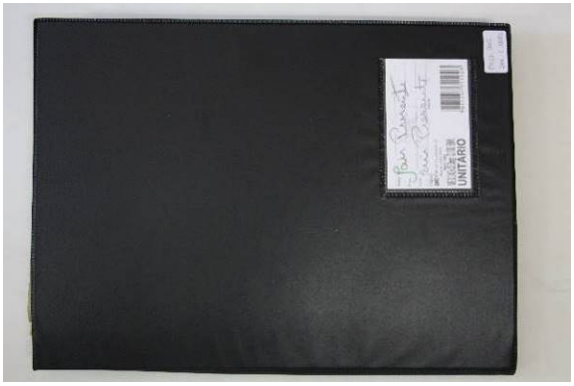


Figura 377 – Embalagem de guarda das psicografias originais de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, set. 2015.

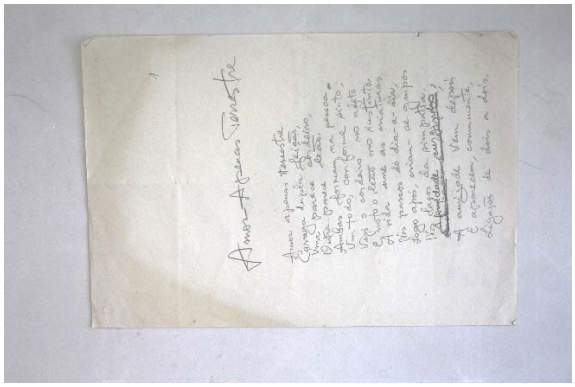


Figura 378 – Exemplar documental de uma psicografia manuscrita de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, set. 2015.

Figura 379 – Exposição de revistas no quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, nov. 2015.

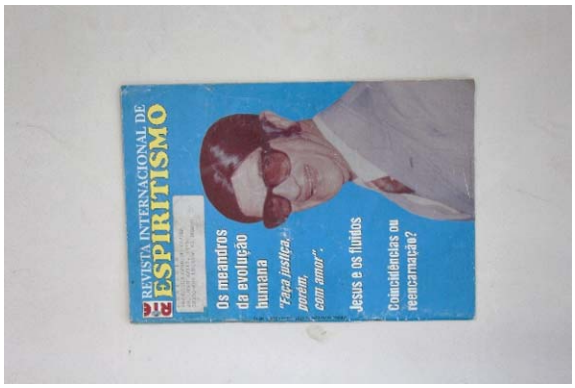


Figura 380 – Exemplar de revista exposta no quarto 1. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, nov. 2015.

Figura 381 – Mobiliário de guarda da coleção de discos de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, dez. 2016.

Figura 382 – Estado de conservação de um dos discos da coleção. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, dez. 2016.

Figura 383 – Balança utilizada para a pesagem das correspondências no trabalho do Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2015.

Figura 384 – Envelopes e caixas de correspondências. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2015.

Figura 385 – Caixa com 60 moedas (senhas) para o atendimento público de Chico Xavier no GEP. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 386 – Moedas utilizadas como óbolo por Chico Xavier nas distribuições. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

O valor cognitivo, patrimonial e afetivo do acervo que constitui a CMLCX é incomensurável, posto que expõe, à miúde, a vida e a morte. O sofrimento e o consolo. O material e o imaterial. O espiritual. A trajetória de um uma liderança religiosa e de um filantropo. Mas, naquelas narrativas, em tudo onde há Chico Xavier, também há Eurípedes. As sensibilidades narrativas que são fundamentais no processo de condução da memória do biografado em um museu-casa, e que se utilizam de recursos, muitas vezes, sutis e persuasivos, assume no caso da CMLCX outras proporções e funções. O protagonismo está em disputa, seja entre Eurípedes e Vivaldo em uma competição sobre linhagens, seja na atuação de Eurípedes na esfera pública e privada de Chico Xavier,[659] seja no reforço de uma determinada memória social sobre o médium. O universo de conflitos internos à casa de Chico Xavier, neste caso, assume dimensão pública no sentido de ações efetivas de recortes, esmaecimentos, apagamentos feitos no próprio acervo e no conjunto em exposição. Um muro real edificado que se apresenta como oitiva de testemunha da quebra do pacto de parentesco, de uma reciprocidade virtuosa que tinha como intermediário Chico Xavier.

> Mensagem Dinha 1/10/1994 [...]
>
> Vivaldo é o irmão e amigo
> Que anota os textos do além
> Resguardando as nossas letras
> Buscando fazer o bem.
>
> Entretanto, a posição
> Do Chico, tem novo brilho,
> Eurípedes se fez pai
> E Chico hoje é seu filho.[660]

[659] "Ao longo dos anos Chico referiu-se a Eurípedes de diferentes modos: 'Dr. Eurípedes Humberto Higino dos Reis' quando a formalidade o exigia, 'nosso Eurípedes' em círculos mais íntimos, 'meu filho' e 'Pipe' em círculos ainda mais íntimos. Chico referia-se a Eurípedes como 'o Filho do Chico', a imprensa o chamava 'O Filho Adotivo de Chico'. Enquanto alguns detratores referiam-se a ele como 'Leão de Chácara', 'Rasputin' ou 'Negrinho do Protão'". In: HIGINO, 2016, p. 162.

[660] REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Chico Xavier*: o empresário de Deus. Uberaba: Livraria FCX, 2008, p. 34.

Figura 387 – Chico Xavier e Vivaldo Borges, década de 1970. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 388 – Chico Xavier e Eurípedes dos Reis, década de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 389 – Em destaque, Chico sendo abraçado por Yolanda Cezar, enquanto Chico segura Vivaldo. Eurípedes aparece na extrema direita da foto, década de 1970. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 390 – Aniversário de Vivaldo na casa de Chico Xavier, década de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 391 – Eurípedes flagrado no Abacateiro, década de 1970. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 392 – Eurípedes na reunião pública no Grupo Espírita da Prece. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 393 – Casa do Vivaldo ainda com pintura original, com destaque para o muro construído em 2002. Vê-se à esquerda, a garagem e o Correio. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 394 – Casa do Vivaldo ao fundo, vendo uma parte do muro pintada de azul e referente ao museu-casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Os interditos, as invisibilidades e os reforços de determinada memória social desejável – que, de maneira subliminar expressam histórias de ruptura, tensões e lutas travadas em nível privado – manifestam-se, ainda, de formas polissêmicas na esfera pública. A linguagem estética que predomina na narrativa expográfica apresenta diversas maneiras e mesmo estratégias de bricolagens, pastiches, sobreposições, montagens, manipulações e esmaecimentos: apresentam um enquadramento da realidade à forma e sob o filtro de Eurípedes.[661] Um universo de possibilidades a partir do suporte físico, como documentos e fotografias podem ser enquadrados, emoldurados e pendurados nas paredes. Também, podem ser criadas composições próprias, às quais se misturam recortes e colagens, imagem e texto, constituindo montagens artesanais.

Eurípedes teve a ajuda, neste processo inicial de organização e fundação do museu-casa, de pelo menos duas pessoas diretamente atuantes: a secretária da Livraria FCX, Mônica Madalena dos Santos, e a polivalente tarefeira Silma Alves Borges (1951-2020). As duas auxiliaram Eurípedes na organização dos documentos, papéis, fotografias e demais itens em pastas que receberam algumas etiquetas que genericamente informam sobre o tema ali guardado. Por exemplo: pastas plásticas transparentes com abas – para ser possível ver o conteúdo sem abri-las – com fotografias cuja etiqueta levava o título “Abacateiro”.

E Silma, que era também artesã de múltiplas técnicas, ajudava na criação das colagens, construindo desmontes e recomposições para novos significados, seja a

[661] AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Do lado de cá dos muros: entre centros e periferias do cotidiano escolar, para uma pedagogia dos (des)enquadramentos. In: *Plural*, Antropologías desde América Latina y del Caribe, vol. 3, p. 513-529, 2021.

partir de cópias em xerox, jornais com reportagens sobre Chico Xavier ou mesmo originais fotográficos, de forma a constituir criações que permitem conjugações de personagens e de locais imaginados. Silma também era responsável, até recentemente, pela produção de diversos *souvenirs* que são vendidos na Livraria FCX, especialmente os pratos decorados, prateleiras de madeira, porta-chaves e bustos com a imagem do médium. Inclusive, aproveitava alguns recortes de imagens repetidas, especialmente fotografias, para produzir caixas com *decoupage*.[662] Múltiplos sentidos são comportados na imagem do médium comercializada na livraria que dá acesso ao museu-casa.

E, para isso, houve uma manipulação e seleção bastante criteriosa a partir do acervo arquivístico – diga-se de passagem, de grande riqueza, volume e amplitude temporal – para que se desse a ver determinados personagens relacionados à Chico Xavier, enquanto outros foram excluídos dessa oportunidade de se fazerem conhecidos. Assim, para aqueles que se fazem vistos, podemos organizar certos setores de visibilidade: há, por exemplo, a "galeria" dos políticos, dos artistas, dos esportistas, dos amigos de São Paulo. Estes levam legendas com nome e sobrenome, reproduções em diversos tamanhos e posicionados de maneiras diversas, em uma construção e reforço de determinada representação associada às elites, oligarquias e aos célebres. Entretanto, existe também a "galeria" dos invisibilizados que aparece de maneira fragmentada, dispensados de legendas informativas para se tornarem conhecidos, muitas vezes relacionados àqueles que estavam no dia a dia das atividades assistenciais.

[662] BORGES, Silma Alves. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 17 jul. 2015, mp3.

Figura 395 – Quadro com montagem fotográfica de temática dedicada a Chico e seus animais de estimação que aparecem no colo de visitas e assistentes. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 396 – Eurípedes dos Reis, responsável pelo museu-casa, na cozinha de serviço da instituição. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

Figura 397 – Quadro-composição de Eurípedes-Chico. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, fev. 2015.

Figura 398 – Colagem de Eurípedes sobre uma fotografia das distribuições. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 399 – Intervenção em fotografia do acervo no qual se deu a extração de uma pessoa, certamente a ex-companheira de Eurípedes. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 400 – Recorte de um jornal para fazer monitoramento de notícias, mais conhecido como *clipping*. Fonte: Acervo CMLCX.

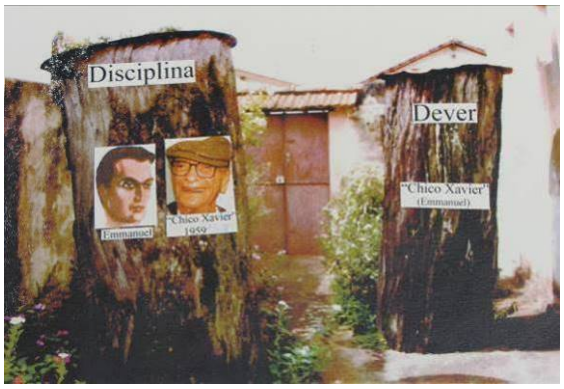


Figura 401 – Colagem sobre cópia fotográfica impressa da primeira residência de Chico Xavier em Uberaba. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 402 – Composição de Chico Xavier sobre forma de coração com logotipo de um dos patrocinadores do Assistencial (Vipal). Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 403 – Silma no ateliê de sua casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 404 – Bustos em gesso que ainda receberiam a pintura e acabamento de Silma. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

As bricolagens com repertório floral, por seu turno, refletiam o carinho e a devoção ao médium, associando-o a expressivos, alegres e carinhosos campos, corações e plantas desabrochando.[663] Ademais, fazia referência, ainda, a uma das atitudes que eram marca registrada do médium: em seus lançamentos de livros, além dos autógrafos, ele dava uma flor para cada pessoa que ali estivesse. Com o tempo, seus devotos passaram a lhe entregar flores, especialmente em seu museu-casa e em seu jazigo. Ainda, em termos ritualísticos, Chico Xavier acreditava que as

[663] "*Bricolage*: Termo francês que significa, literalmente, um trabalho manual feito de improvisos e aproveitando toda a espécie de materiais e objectos'. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários.* Disponível em https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pastiche, acesso em 6 de fevereiro de 2023.

flores eram uma “invenção dos anjos” [664] e que deveriam estar no seu entorno para lhe proteger e harmonizar o ambiente.

> Os espíritas me pediram que plantasse, ao redor de casa, um certo número de flores. Como gosto de rosas, plantei rosas. Os espíritos explicaram que as flores têm um corpo dinâmico que vai até o perfume, embora só vejamos as pétalas. O perfume cria uma atmosfera balsâmica, propiciando mais recursos para a permanência dos espíritos em nosso meio. [665]

Outrossim, ritualisticamente, Chico Xavier exercia um outro tipo de mediunidade aqui já tratada de materialização, que poderia se manifestar em odores: muitos relataram cheiro de rosas ou de éter que, volta e meia, tomava conta dos ambientes e de objetos ao redor de Chico Xavier cujo aroma indicava, portanto, a presença de espíritos benfeitores.

> Maio de 1959 data que recordamos com imensa alegria! [...]
> Fomos a Uberaba em um pequeno grupo, mas sentimos que Chico muito depressa familiarizou-se conosco e nos dispensava uma grande atenção.
> Ele nessa oportunidade realizava peregrinações aos sábados às casas das famílias assistidas e nessas ocasiões as beneficiadas que nos recebiam ofereciam cafezinho e água que os bons espíritos perfumavam com muito carinho.[666]

Segundo Nena Galves, Chico também “encomendava rosas do mundo espiritual” em algumas situações, como uma vez que ele lhe ofereceu para desejar uma boa recuperação após uma cirurgia:

> Eu havia passado por uma cirurgia e estava acamada. Nas primeiras horas da manhã, a casa toda estava perfumada... Um perfume de rosas! [...]
> Após algumas horas, Chico tocou o telefone. Perguntou:
> – Recebeu minhas flores?
> – Chico, respondi, eram tão perfumadas que a casa toda foi tomada pelo aroma e eu também! Jesus lhe pague pelo belo presente! [667]

---

[664] REIS; TELES, 2010, p. 138.
[665] MACHADO, 1992, p. 95. Reproduzido também em SILVA, Luciano Napoleão da Costa e. *Chico Xavier*: o mineiro do século. 2ª ed. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.
[666] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 112-113.
[667] GALVES, 2008, p. 55.

Figura 405 – Distribuição de rosas em dias de autógrafos, década de 1970. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 406 – Chico recebe uma rosa em uma tarde de distribuição no Abacateiro, princípio da década de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 407, 408 e 409 – Colagens e composições de temas florais com a imagem de Chico Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

Os bibelôs também são estratégias e produções fruto da iniciativa de Eurípedes para compor a expografia do museu-casa. Estes adornos são adquiridos com uma finalidade de expressar materialmente determinadas narrativas e simbolizar aspectos imateriais das experiências ali vividas e que não há um outro registro material; ou no sentido de dar ênfase a determinado ponto específico da biografia ou da personalidade de Chico Xavier. Por exemplo, com o interesse de narrar as peregrinações – que eram feitas, em determinado período, na parte da noite e aos sábados nas ruas ainda de terra do bairro Parque das Américas – Eurípedes comprou um pequeno lampião, que servia para iluminar as ruas ainda sem iluminação pública, e nele colou um texto impresso e plastificado que serve de legenda.

Fez o mesmo para ressaltar o apego de Chico Xavier aos animais, de modo que Eurípedes adquiriu uma série de pequenos cachorros de *biscuit* e cobertos por camurça para representar cada um dos animais que o médium já teve, tal qual a sua

aparência e nome: Lorde e Dom Pedrito eram cães dos tempos de Pedro Leopoldo, Boneca e Brinquinho, já em Uberaba, estes que faziam companhia para o médium enquanto ele psicografava. Os animais, do ponto de vista de Chico Xavier, apesar de serem seres não-humanos, merecem todo respeito e cuja convivência também protegia o médium e dava sinais sobre o seu redor. Ademais, Eurípedes adquiriu brinquedos de pelúcia articulados e movidos à pilha, que simulavam saltos e latidos, dando a eles os nomes dos animais de Chico Xavier. O que expressa um processo dinâmico da transfiguração de objetos externos àquela realidade de Chico Xavier em bens museológicos, um diálogo que mistura realidade e ficção, e que amplia o acervo que é composto também por objetos de produção em massa.

> Além das rosas e de seus bichos, Chico quase nada possui. Gosta de andar a pé. Sua rotina inclui uma caminhada diária, de casa até a praça principal de Uberaba. Ali, no Bar 1001, toma um cafezinho. Na ótica ao lado, para e conversa alguns minutos com o proprietário, seu Otávio. Em seguida, ruma para o Correio, em busca da correspondência – mais de 50 cartas por dia.[668]

Figura 410 – O canil no quintal da casa de Chico com uma imitação de um dos cachorros do médium tendo, em primeiro plano, um vaso de orquídea levado por um visitante. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jan. 2016.

Figura 411 – Chico Xavier trabalhando no "mocó" e fazendo uma pequena pausa para acarinhar seu gato. Fonte: Acervo CMLCX.

Uma dinâmica expressiva e de grande importância na expografia da CMLCX, diz respeito à conformação de uma imaginária espírita e que é muito expressiva em uma linguagem artística própria ao circuito desta comunidade e que pode ser chamada de Arte Espírita. De acordo esta concepção, propõe-se a aliar os princípios e valores éticos e morais do Espiritismo às manifestações artísticas em geral para o serviço do bem e do belo. Segundo a Assessoria de Arte na Difusão Espírita da

[668] MACHADO, 1992, p. 98.

Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), a beleza é entendida como um atributo divino capaz de promover uma elevada contemplação e admiração sobre a vida, suas criaturas e tudo a ela relacionado. E a arte é considerada uma profunda exteriorização da contemplação espiritual e que materializa a beleza do invisível, a fim de despertar a sensibilidade para a espiritualidade. A arte se comporta tal como a lei geral do universo, de acordo com o pensamento espírita e, assim, ela se eleva, depura e progride em todos os graus da escala da vida. A arte promove a comunicação entre dois mundos, aquele visível e o invisível e, fundamentalmente, deve estar inspirada nos ensinamentos da Doutrina.[669]

A constituição de uma imaginária espírita, portanto, passa pelo uso de recursos que também comungam com a constituição da imaginária cristã, de maneira mais ampla, tendo destaque à criação e, portanto, à materialização para o mundo visível de representações dos espíritos comunicantes, notoriamente daqueles benfeitores de maior relevância social. Portanto, doutrina pela imagem, pela constituição de uma tradução estética da experiência transcendental, pela consolidação de referências morais para a Doutrina.

A constituição desta imagética espírita, portanto, dá destaque para alguns benfeitores e os coloca em interação. Ademais, em termos pedagógicos, permite a fixação daquela imagem e associação aos seus escritos e postulados difundidos nos livros psicografados. Neste sentido, há o crescimento da divulgação de imagens como em “santinhos”, que circulavam tal qual as mensagens individuais impressas em massa, que poderiam seguir pelos Correios ou como singelos *souvenirs*. Estas imagens que começavam a circular massivamente no meio espírita, também se materializam em obras de maior porte, especialmente em pinturas a óleo que ficavam expostas nos centros espíritas ou em outras instituições da Doutrina, além de também serem quadros que ficavam pendurados no interior da residência dos devotos.

As imagens permitem tornar mais palpável esta relação com o plano espiritual e difundir a Doutrina. E, para isso, usam recursos estéticos como a inclusão de halo, ou seja, um anel ou uma forma de luz que circunda uma pessoa na obra, motivo que tem sido utilizado há séculos na iconografia de muitas religiões para fazer referência e dar destaque àqueles considerados sagrados ou santos e, portanto, entidades

[669] *A Reencarnação*, Especial Arte Espírita, nº 455, 2019.

espirituais. Em particular no caso do Espiritismo, o halo que também pode ser chamado de nimbo, auréola ou glória, admite uma expressão híbrida entre algo etéreo como a luz, mas que permite uma materialidade, como o caso do perispírito e do ectoplasma. Como registrados nas fotografias das materializações, estes dois elementos – envoltórios semimateriais, corpos fluídicos ou etéreos – também aparecem representados em algumas artes que chamam atenção para a necessidade de uma linguagem própria à Doutrina e à sua cosmovisão. Interessante observar que este tipo de representação pode dar a entrever uma ideia de fantasmagorias, uma representação mais comum de fantasmas, imaginário popular dos espíritos dos mortos.

> Não parece que a insistência teológica nos céus, infernos ou purgatórios tenha satisfatoriamente modificado a crença popular em fantasmas. Muitas pessoas ainda falam com os fantasmas dos mortos, na forma de ritual que costumava ser chamado de necromancia e agora é chamado espiritualismo.
> As antigas religiões aceitavam a presença de fantasmas no ambiente, que dissolvia e absolvia os mortos de uma forma ou de outra, e assim a natureza viva era somente uma forma alterada dos espíritos vivos dos antepassados mortos. Os fantasmas eram convidados a participar em festivais e outras ocasiões importantes entre os seus descendentes; [...] [670]

Realce deve ser dado para o recurso da transfiguração – cuja narrativa textual aparece em textos sagrados como no Evangelho, onde é descrito que em estado de glória, Jesus Cristo fez sua aparição a três de seus discípulos –, e que apresenta uma ação estética de alterar radicalmente o aspecto ou a forma anterior. Neste caso, a transfiguração seria a expressão da essência do divino, no qual a modificação do aspecto de corpo físico poderia expressar o perispírito, ou o encontro de almas, ou, talvez, as diversas representações de vidas passadas. Em sua interpretação, permite a aproximação e mesmo a simbiose de exemplos do belo e do bom, como é o caso de Jesus Cristo, Kardec e Chico Xavier, com apresentação dos elementos em proporções e posições que facilmente destacavam a referência de maior respeito, o modelo a ser seguido.

---

[670] WALKER, Barbara Gertrude. *Dicionário dos símbolos e objetos sagrados da mulher*. Lisboa: Planeta Editora, 2002, p. 238.

Figuras 412 a 415 – Diferentes obras que utilizam halos, com destaque para Chico Xavier e Jesus Cristo representados como seres sagrados, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

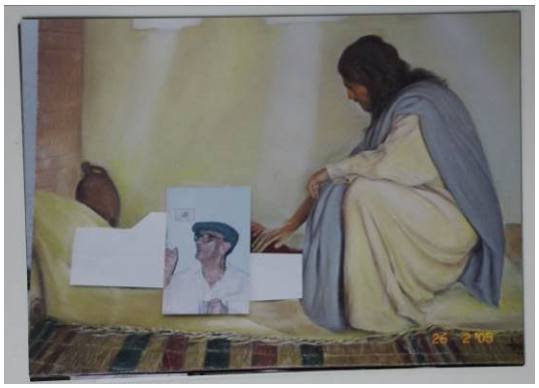


Figura 416 – Estudo para a produção de uma colagem que representa um encontro entre Chico Xavier e Jesus Cristo, s. d.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 417 – Estudo para a produção de uma colagem que representa um encontro entre Chico Xavier e Jesus Cristo, s. d.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 418 a 421 – Obras que utilizam halos e transfigurações, sendo as referências Emmanuel, Kardec, Jesus Cristo e Maria, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 422 – Pintura a óleo com representação de Kardec e Chico Xavier envoltos em uma representação do perispírito, do ectoplasma ou do halo, [década de 1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

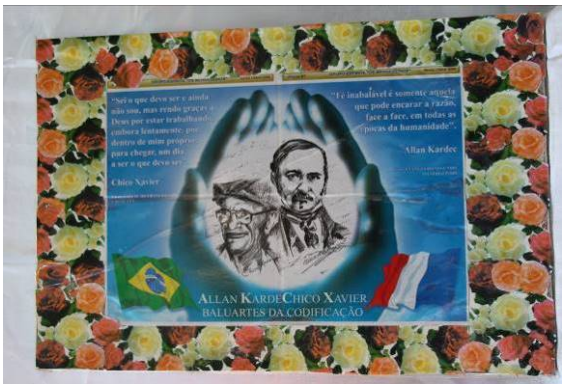


Figura 423 – Colagens sobre motivos florais na interlocução entre Kardec e Chico Xavier, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

A Arte Espírita é, ademais, uma manifestação da mediunidade.[671] Neste aspecto, os primeiros registros de Emmanuel, Meimei ou Sheilla tiveram a mediação de Chico Xavier para serem representados no contexto artístico. Segundo seu irmão André Luiz, a primeira representação visual de Emmanuel se deu pela confecção de um quadro a óleo produzido pelo artista chamado Delpino Filho. Tal obra, que ainda hoje compõe o Centro Espírita Luiz Gonzaga em Pedro Leopoldo, foi assim produzida: “Chico foi falando para ele como o Espírito se parecia e o Delpino foi pintando. Ele foi várias vezes a Pedro Leopoldo para pintar esse quadro. Morava em Belo Horizonte”.[672] Com mais detalhes, temos as seguintes informações:

> Palestrando em torno do assunto, Chico me informou que, na verdade, Emmanuel não posou para o pintor, como se poderia imaginar. O artista foi ajudado, na feitura do célebre retrato de Publio Lentulus, por um pintor desencarnado, amigo de Emmanuel. Afirma Chico que o retrato reproduz fielmente a imagem de nosso querido benfeitor ao tempo de senador romano. Apenas uma restrição lhe poderia ser feita: os lábios, na realidade, são mais estreitos e masculinos. Tudo mais é exatíssimo.[673]

Esta pintura que foi produzida no ano de 1948, representa Emmanuel “fielmente” segundo Chico Xavier, em uma de suas encarnações, notoriamente como um cidadão romano e, portanto, assumindo sua personalidade de Publius Lentulus que foi contemporâneo a Jesus, conforme a explicação contida no romance psicografado por Chico Xavier “Há Dois Mil Anos” (1939). As imagens no contexto da Arte Espírita, portanto, assumem-se não enquanto uma representação da

[671] DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Publicações Lachâtre, 1994 [1922].
[672] CARVALHO; MELO, 2010, p. 33.
[673] TAVARES, 1967, p. 101-102.

realidade, mas como sendo a própria verdade, o que carrega um universo de sentidos e usos bastante dogmáticos das linguagens artísticas.

E, a partir daquela primeira imagem do espírito guia de Chico Xavier, foi sacralizada uma determinada representação de Emmanuel que se tornou, portanto, um modelo a ser seguido, apesar de também ser passível de certa evolução da fisionomia dos espíritos representados. Quando Chico Xavier recebeu em sua casa dois quadros da amiga Guiomar Albanesi referente à Emmanuel e à Meimei em fevereiro de 1980, ele assim se expressou:

> – É lindo... Emmanuel revela um olhar de autoridade consciente... ele parece olhar para si mesmo... Como se estivesse vivendo conosco.
> – E ele está revelando mais ampla maturidade... Olhem os cabelos brancos...Aparece também a túnica romana... [...]
> – Emmanuel está escrevendo desde 1937, por nosso intermédio. Recebendo fluidos mediúnicos, terrenos, acredito que ele próprio impôs a si mesmo o aspecto de maturidade maior, na expressão de seu corpo espiritual, aceitando certa renovação, qual todos nós. Quando o Espírito é mais evoluído, ele plasma a própria fisionomia, como julga melhor, – elucidou Chico Xavier.[674]

Pode-se afirmar que, inclusive, tais experiências consolidaram um repertório visual que foi sendo constituído ao longo da própria prática espírita desenvolvida no contexto brasileiro. E foi influenciada pela ampliação das tecnologias e das possibilidades comunicacionais como também, internamente, pelas experiências das materializações que, pela primeira vez, tentaram expressar visualmente aspectos dogmáticos da Doutrina. Neste sentido, foram naquelas sessões de efeitos em Pedro Leopoldo que outros espíritos se tornaram “reais” sob a retina dos presentes, segundo relato do irmão de Chico Xavier:

> [...] tocávamos as músicas de que Meimei gostava [...] Primeiro aparecia o espírito da Scheilla, uma mulher meio aloirada para conversar com todos nós e depois curar as pessoas. [...] A Sheilla é quase o que se vê no retrato que fizeram dela. [...]
> Outra grande emoção foi ver o Espírito de Emmanuel, porque veio segurando uma cruz iluminada a ponto de o Joaquim Alves pedir permissão para desenhar. Emmanuel permitiu. O local tinha cheiro de éter. E não foi só uma vez não.[675]

Há notícias de que o artista Joaquim Alves, mais conhecido como Jô, solicitou a Waldo Vieira um esboço da imagem do espírito de André Luiz, seu guia espiritual,

---

[674] ARANTES, Hércio Marcus Cintra. Chico Xavier e a médium pintora falam sobre os recentes quadros de Emmanuel e Meimei. In: *Anuário Espírita*, ano XVIII, nº 18, 1981, p. 60.
[675] CARVALHO; MELO, 2010, p. 30-31.

fundamentado em sua clarividência. Atendido em seu pedido, em face de sua facilidade para desenhar, Jô efetuou a arte final daquele retrato, cuja imagem foi divulgada no primeiro Anuário Espírita lançado em 1964.[676]

Na medida em que circulavam e eram recebidas as imagens de espíritos comunicantes, autorizava-se também o uso de um determinado repertório visual que os representava e, portanto, figurava e traduzia a própria Doutrina. Algumas críticas foram tecidas internamente entre a comunidade no sentido da constituição de um culto à imagem, o que no contexto espírita não era aceito por uma questão de se rejeitar a idolatria, o misticismo e o materialismo decorrentes desta prática. Ao passo que o uso das imagens empregando o seu grande poder comunicacional e, portanto, doutrinário, dependia também da difusão em massa desta iconografia religiosa que começava a se estabelecer.

Chico Xavier, em particular, tentou manter o controle de sua imagem, com usos bastante estratégicos da consolidação de sua distinção moral e de sua autoridade espiritual na Doutrina. E, sobre isso, recriações artísticas a partir de sua imagem – que amplamente eram difundidas na imprensa e na mídia em geral – poderiam associar, por exemplo, elementos do nacionalismo com apelo político de integração do território brasileiro sob a égide do Espiritismo. Também, eram produzidas diversas versões de pastiches artísticos como um recurso intermídia. Chico era mostrado como uma liderança não somente religiosa, mas que representava a própria nacionalidade e, em outros termos, a figura que expressava a mediação.[677]

[676] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 130-131.
[677] LEWGOY, 2004.

Figura 424 – Imagens de encarnados e espíritos comunicantes de referência entre os espíritas. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 425 – Imagem em Eucatex de Meimei, quadro do acervo particular do médium. Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 426 a 428 – Pastiches, em diversos suportes e linguagens, a partir de fotografias de Chico Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 429 a 431 – Recriações artísticas, em diversos suportes e linguagens, a partir de fotografias

de Chico Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 432 – Chico Xavier representado com efeito de vinheta e composição utilizando as cores da bandeira nacional, s. d. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 433 – Detalhe da expografia da copa da casa de Chico, com destaque para a bandeira do Brasil. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 434 – Fotografia com composição de Chico Xavier sobre o território brasileiro, 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 435 – Fotografia com composição da bandeira do Brasil dentro de um grande coração. Fonte: Acervo CMLCX.

Em se tratando da questão da mediação, em termos religiosos mais explícitos, os símbolos católicos, por outro lado, fazem parte do acervo e do repertório estético de Chico Xavier. Esta pretensa ambivalência, no entanto, desperta o olhar para a interpretação do médium neste lugar de medianeiro entre mundos visíveis e invisíveis, bem como entre tradições religiosas que comungam entre si o culto à Jesus Cristo. Especialmente entre os católicos, matriz religiosa na qual Chico Xavier foi criado e, assim, também carrega elementos os quais compartilha com os espíritas. Uma das estratégias de grande êxito para a ampliação doutrinária de Chico Xavier e aderência dos devotos, esteve justamente em sua capacidade de construir pontes de comunicação entres estes universos devocionais.

Entre as diversas invocações de Nossa Senhora, presentes recebidos por padres, santos postos ao lado da cama, e representações da Umbanda, o médium tentava encarnar o ecumenismo como uma expressão da própria realidade brasileira.

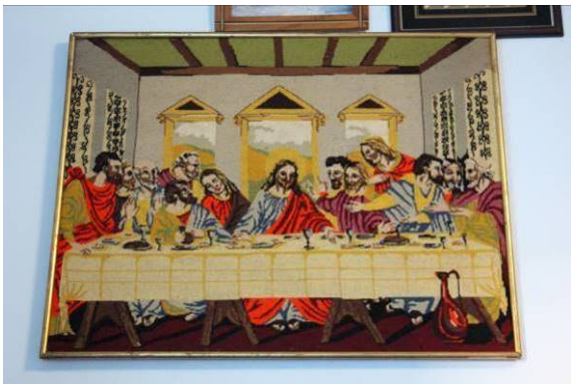


Figura 436 – Quadro da Santa Ceia presenteado a Chico pelos amigos Zilda e Weaker Batista em julho de 1982. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 437 – Crucifixo, acervo particular do médium. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 438 – Representação da Virgem Maria, quadro do acervo particular do médium. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 439 – Representação de Jesus Cristo, quadro do acervo particular do médium. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 440 – Uma Nossa Senhora junto aos brinquedos expostos na CMLCX. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figuras 441 e 442 – São Francisco e Nossa Senhora, acervo particular do médium. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 443 – Imagem da Cabocla Jurema pertencente à imaginária umbandista. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

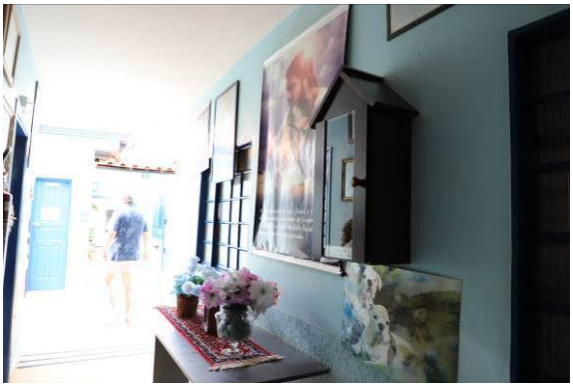


Figura 444 – A imagem da Cabocla Jurema fica exposta neste oratório localizado na área externa do museu-casa. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 445 – Chico Xavier colhendo em seu quintal algumas folhas de Guiné, planta de uso medicinal e ritualístico especialmente nas religiões de matriz afro-brasileira, [década de 1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 446 – Chico Xavier em fotografia com a Mãe Doca, liderança dos povos de terreiro de São Paulo, [1974]. Fonte: Acervo CMLCX.

4.4. Os territórios da memória de Chico Xavier: cartografias do esquecimento

A interligação entre os diversos territórios de atuação de Chico Xavier para a realização do seu Sistema de Informação do Espiritismo e promover inovação com impacto social demarcou lugares da memória de sua trajetória doutrinária. O que deixa entrever, inclusive, a relevância da CMLCX, posto sua centralidade na

interação entre estes outros pontos nodais. E, tal qual exposto pelo entrevistado Kemper, estes lugares também possuem “registros espirituais” da passagem não somente do médium, mas de todos os espíritos benfeitores que atuavam com ele e que, ainda hoje, ampara aqueles que procuram ou passam por estes espaços considerados, portanto, como locais sagrados para os espíritas.[678]

Com a missão de ser divulgador da Doutrina Espírita e tendo sido o maior representante do Espiritismo no Brasil e um dos maiores no mundo, era dali, daquela modesta casa que a orientação deste universo espírita era regida por Chico Xavier. E que ainda hoje recebe a visita de milhares por ano. Sob a batuta de uma rotina disciplinada de produção de obras espíritas e de ações assistencialistas, unia-se àquele epicentro outros lugares da prática espírita que conformaram, ao longo do tempo, um território espírita em rede e com seus circuitos tendo como ponto central o atual museu-casa. A pesquisa etnográfica desenvolvida procurou também identificar, portanto, como os territórios da memória espírita são formados por lugares não somente inseridos em uma geografia facilmente identificável na cidade de Uberaba, mas que contempla outros espaços e mesmo outros municípios fora do Estado de Minas Gerais e do Brasil, como ocorre com a França. A análise desta territorialidade concede suportes para uma discussão sobre os interesses na preservação de espaços e acervos, bem como sobre as disputas pelos lugares de memória e pelas diversas narrativas decorrentes, dando também a entrever uma cartografia dos esquecimentos que tem sido promovida.

E o turismo religioso é questão importante no desenvolvimento não somente econômico de Uberaba, mas da ampliação e exposição pública destes confrontos em torno da memória de Chico Xavier. Anualmente, milhares de turistas buscam na cidade em peregrinação os locais de atuação do médium: a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier (CMLCX); o Grupo Espírita da Prece (GEP); a sede da Comunhão Espírita Cristã (CEC) – sem saberem que ali ainda existe a primeira residência de Chico Xavier em Uberaba –; “os” Abacateiros – pois existem dois e não apenas um –; o mausoléu do médium no Cemitério São João Batista.

Mais recentemente, as disputas em torno da criação do Memorial Chico Xavier na Mata do Carrinho que tem sido implantado pragmaticamente na área circulante daqueles turistas, fizeram levantar um conjunto de tensionamentos e

[678] BORGES JÚNIOR, 2014.

contrastes sobre os limites e vicissitudes da apropriação de memórias, histórias, acervos e patrimônios (materiais e imateriais) em função da exploração econômica que também utiliza como estratégia ostracismos, apagamentos e esquecimentos de aspectos memoriais. De tal forma que, neste panorama, também se faz conhecer os locais que são dotados dos "registros espirituais" de Chico Xavier. Neste caso, trata-se de uma territorialidade entendida como sinônimo de pertencer àquilo que o pertencia, como o lugar onde a história do médium se realizou plenamente a partir das manifestações de sua existência, o que envolve a própria produção da identidade dos indivíduos e dos grupos nas várias dimensões da sua vida.

A exploração comercial da imagem e dos lugares de memória de Chico Xavier traz consigo muitas ambiguidades. Ao passo que possibilita a geração de emprego e renda para setores da hotelaria, restaurantes e comércio, também gera disputas em torno da memória do médium em âmbito de grande complexidade, como tem sido tratado ao longo deste estudo. Diversos grupos, espíritas ou não, encontram-se nesta competição, fazendo com que o acervo pertencente e referente ao médium localizado especialmente na CMLCX esteja sob a tentativa de sua dispersão para outras instituições, de modo a ser retirado e deslocado da casa onde Chico Xavier viveu até o seu falecimento. O que traz consigo rupturas nas fronteiras internas e externas do Espiritismo e disputas por autenticidade.

O olhar em rede e na interconexão das motivações destas controvérsias – que obrigatoriamente passa pelo nome e memória de Chico Xavier – dão amplitude a um mercado em franca expansão de forma a expor a conveniência da cultura[679] e os aspectos no contexto contemporâneo de como se pensa e se realiza a economia da cultura[680] e, especificamente, uma economia do turismo.[681] E que necessitam da força memorialística bastante atualizada e vigorosa em torno de Chico Xavier para que dê sentido à manutenção e mesmo ampliação deste roteiro turístico religioso. E que cresce no sentido de não ser um circuito procurado apenas por devotos espíritas, mas por católicos e adeptos de outras religiões que se sentem

---

679 YÚDICE, 2004.

680 TOLILA, Paul. *Cultura e Economia*: problemas, hipóteses, pistas. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2007.

681 "A economia do turismo não é um novo ramo da economia, mas sim uma área de trabalho baseada na indústria e no setor na qual opera e se aplica, uma evolução da economia em geral. [...] Da mesma forma como acontece com estas áreas, existem alguns aspectos da economia do turismo que foram, ou estão se tornando de particular importância [...]". In: DWYER, Larry; FORSYTH, Peter (eds.). *International Handbook of the Economics of Tourism*. Bodmin: MPG Books Ltd., 2006, p. 1. Tradução nossa.

contemplados moralmente pelas ações assistencialistas promovidas pela ritualística espírita. E a ideia de filantropia, neste ínterim, toma espaço nas narrativas oficiais que estão pautadas no nome de Chico Xavier, este, que precisa ter sempre seu nome retomado – em livros biográficos, em livros de psicografias inéditas, em editoras, em projetos e centros espíritas, em produtos comercializáveis.

O turismo religioso surgido a partir das ações doutrinárias de Chico Xavier, bem como do desejo de conhecer mais sobre a trajetória e a memória do médium, irradia de Uberaba de forma a contemplar outros municípios. Destacam-se pelos menos três circuitos dentro do chamado Roteiro Turístico Espírita, sendo este o mais importante naquele contexto comunitário desenvolvido no Brasil: o circuito de Pedro Leopoldo, o circuito do Triângulo Mineiro e o circuito de Uberaba.

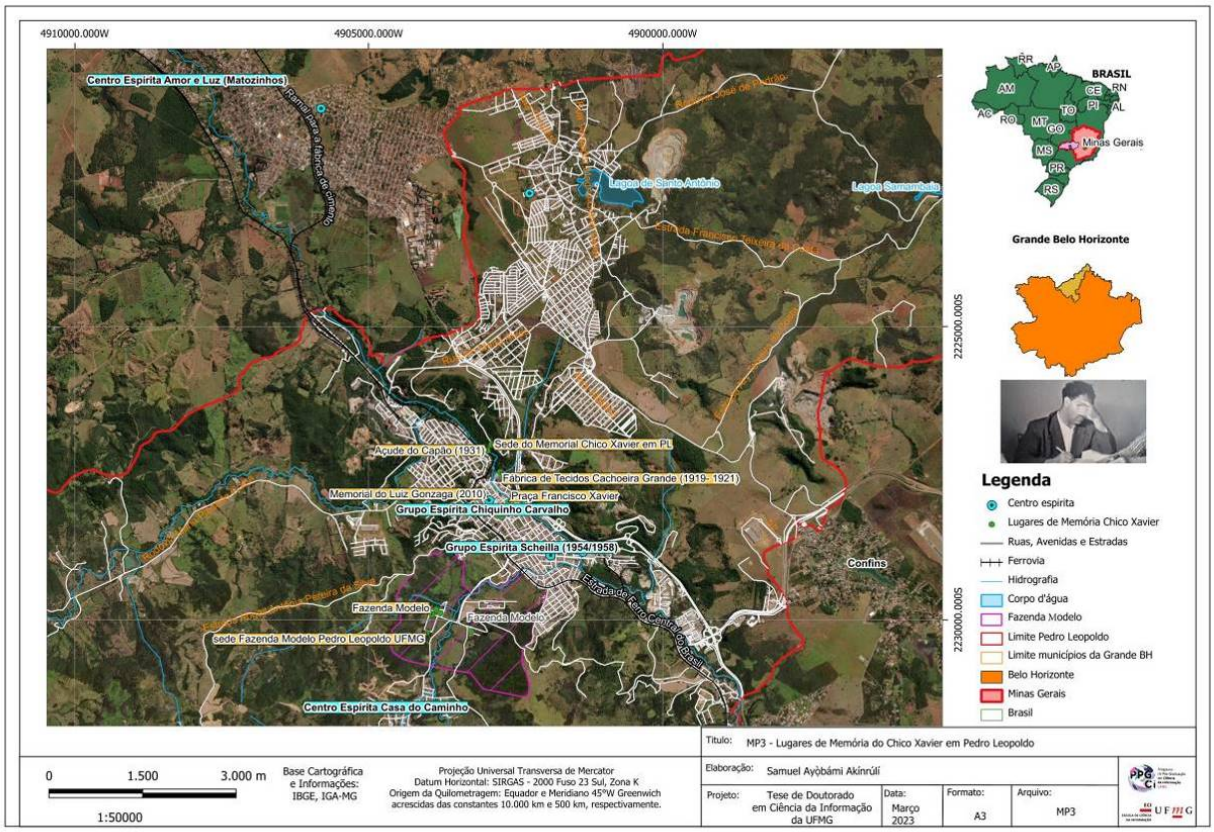


Figura 447 – Circuito turístico do Espiritismo em Pedro Leopoldo, com inclusão dos centros espíritas da cidade. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Sobre o circuito de Pedro Leopoldo e pela distância territorial em relação à Uberaba, este costuma ser realizado em contextos específicos, ou seja, não

interconectado à Uberaba ou ao Triângulo Mineiro em uma mesma situação.[682] Assim, os turistas deste roteiro espírita que para Pedro Leopoldo se deslocam, geralmente são em menor número e com visitas mais pontuais. E há, ainda, outras situações que promovem este comportamento: por também se tratar de um contexto temporalmente mais deslocado na própria trajetória e reconhecimento de Chico Xavier como um médium de grande influência; associado a existência de um patrimônio e acervos também em menor número ou talvez ainda não expostos à visitação pública; ou pela ausência de iniciativas respaldadas pelas discussões museológicas e patrimoniais que constituem um rede em atuação interligada associada aos lugares de memória de Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Adiciona-se, ainda, o fato de uma rixa constituída, ao longo do tempo, em relação ao título de cidade "Meca do Espiritismo" e mesmo pelo fato da mudança de Chico Xavier para Uberaba, onde viveu até sua morte.

Ressalta-se que, geralmente, este roteiro pode ser feito, em sua integralidade, em apenas um único dia. Alguns pontos de visitação são apenas explorados em seu exterior – posto não se destinarem a este tipo de receptivo, a exemplo da Escola Estadual São José e a Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande –, e outros são equipamentos culturais especificamente constituídos para este fim e, portanto, os visitantes adentram no interior destes ambientes. Aponta-se em dissonância, as ruínas do Memorial Chico Xavier em Pedro Leopoldo, obra abandonada e construída no Açude do Capão onde Chico Xavier viu Emmanuel pela primeira vez em 1931.

---

[682] Inicialmente, este circuito foi denominado de "Caminhos do Chico", tendo sido instituído em 2 de julho de 2005, como objetivo de "recuperar, preservar e divulgar os locais historicamente mais significativos na vida de Chico Xavier em Pedro Leopoldo, sua terra natal" Tal circuito estava associado à Fundação Cultural Chico Xavier "localizada na Fazenda Modelo" e na "Casa de Chico Xavier na Rua Pedro José da Silva, 67 B". "A Fundação Cultural Chico Xavier é uma organização da sociedade civil, constituída em 01 de julho de 2005, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e duração por tempo indeterminado". In: *Turismo, Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo*. Disponível em http://pedroleopoldo.mg.gov.br/?page_id=261, acesso em 7 de março de 2023. Posteriormente, este circuito passou a ser denominado de "Caminhos de Luz" e contempla os locais onde Chico Xavier primeiro exerceu sua mediunidade.

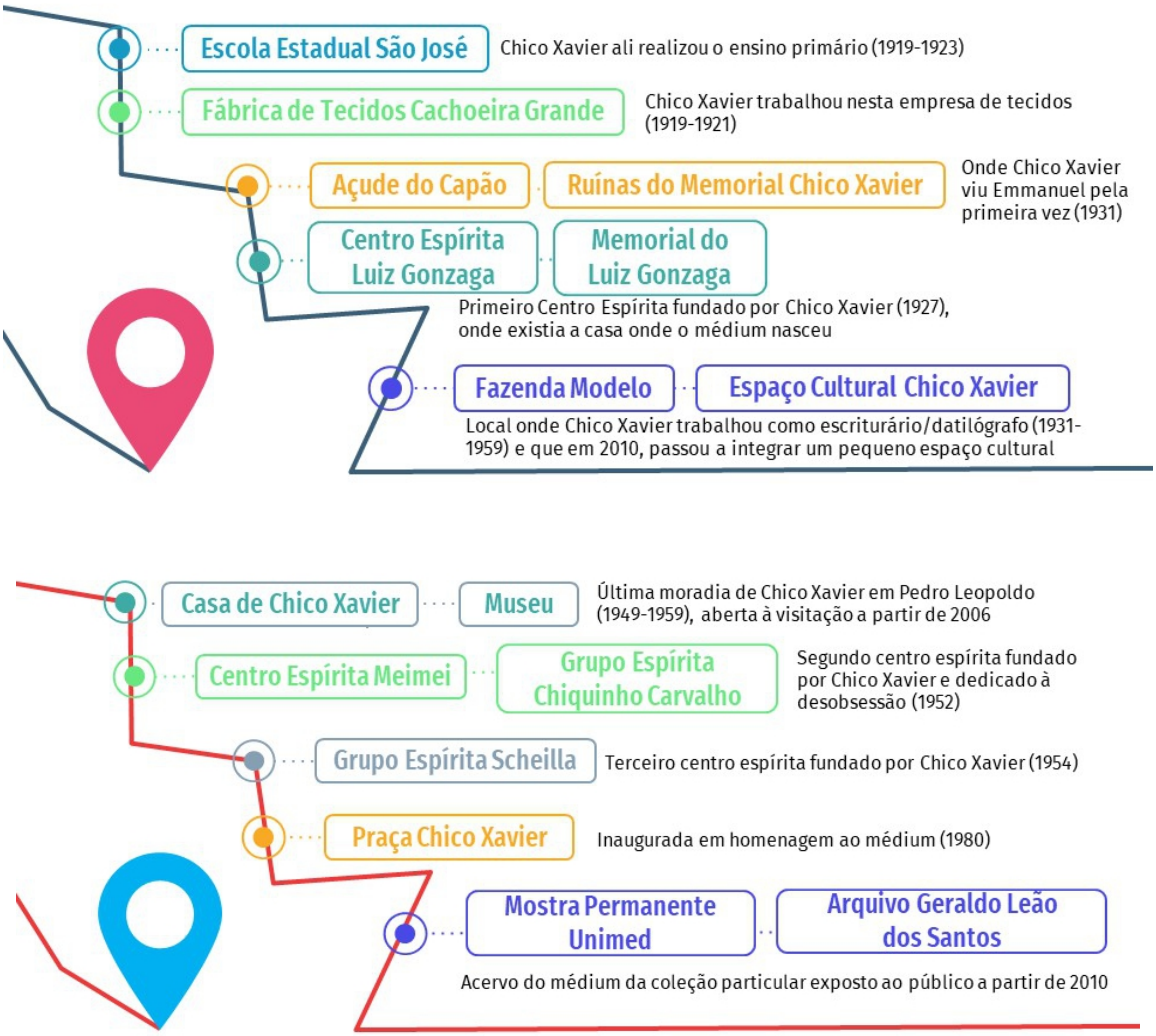


Figura 448 – Lugares de memória de Chico Xavier na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

No caso da Rota Turística do Triângulo Mineiro, de maneira mais complexa e podendo envolver vários dias de visitas, este pode ser entendido a partir de três municípios que são contemplados: Araxá, Sacramento e Uberaba. Costumeiramente realizados nesta composição, tendo variação relacionada ao número de dias disponíveis para sua execução e, portanto, tendo mais ou menos pontos visitados na cidade de Uberaba. Neste caso, exclusivamente nesta última, os turistas em busca do roteiro do Espiritismo podem passar ali de um a três dias a fim de realizar tal circuito. Esta variação se relaciona a um número ainda expressivo e vigoroso de manifestações espíritas não somente exclusivas a Chico Xavier, mas em grande medida por ele influenciadas desde que para lá se mudou. Fruto das caravanas, peregrinações e ampliação das ações assistencialistas, esta realidade se expandiu

para além de Uberaba, contemplando o Triângulo Mineiro. Em Araxá, por exemplo, com as peregrinações que

> vinham de várias partes do Brasil para conhecer Chico Xavier, Uberaba e também toda a região triangulina recebiam multidões. Os caravaneiros que chegavam à Casa da Prece em Uberaba, eram orientados por Chico Xavier a conhecer as obras deixadas por Eurípedes Barsanulfo em Sacramento, juntamente com o trabalho maravilhoso desenvolvido no Colégio Allan Kardec, além das importantes obras da Irmã Heigorina Cunha. Chico ainda destacava aos visitantes, que também fossem até a cidade vizinha de Araxá-MG, para presenciar o trabalho de um menino que estava iniciando uma obra muito bonita.[683]

O turismo religioso e espiritual possui muitos pontos de visada que podem ser explorados sob diversos aspectos e interpretações: a exemplo de suas interações territoriais; as mobilidades associadas às práxis religiosas; as dimensões do lazer, do bem-estar e das infraestruturas consorciadas; os trajetos de peregrinações; as experiências seculares e contemporâneas destes percursos; sua relação com o patrimônio cultural e ambiental; suas performances na manifestação do transcendental; até mesmo uma abordagem a partir da perspectiva de um "novo mercado espiritual". Viajar para esses e outros locais sagrados não apenas leva à criação de redes regionais de caminhos de peregrinação a locais considerados sagrados, como também promove economias que atendem e sustentam diversas cidades em um processo dinâmico de interlocução memorialística.[684]

---

[683] Sobre o "trabalho de um menino que estava iniciando uma obra muito bonita", trata-se da Casa do Caminho do Irmão Tadeu, iniciada em 22 de abril de 1980. In: SILVA, José Tadeu. *Brasil, o gigante dourado*. Pelo espírito do Irmão X. Araxá: Editora Chico Xavier, 2013, p. 104.

[684] OLSEN, Daniel H.; TIMOTHY, Dallen J. *The Routledge Handbook of Religious and Spiritual Tourism*. London; New York: Routledge, 2022.

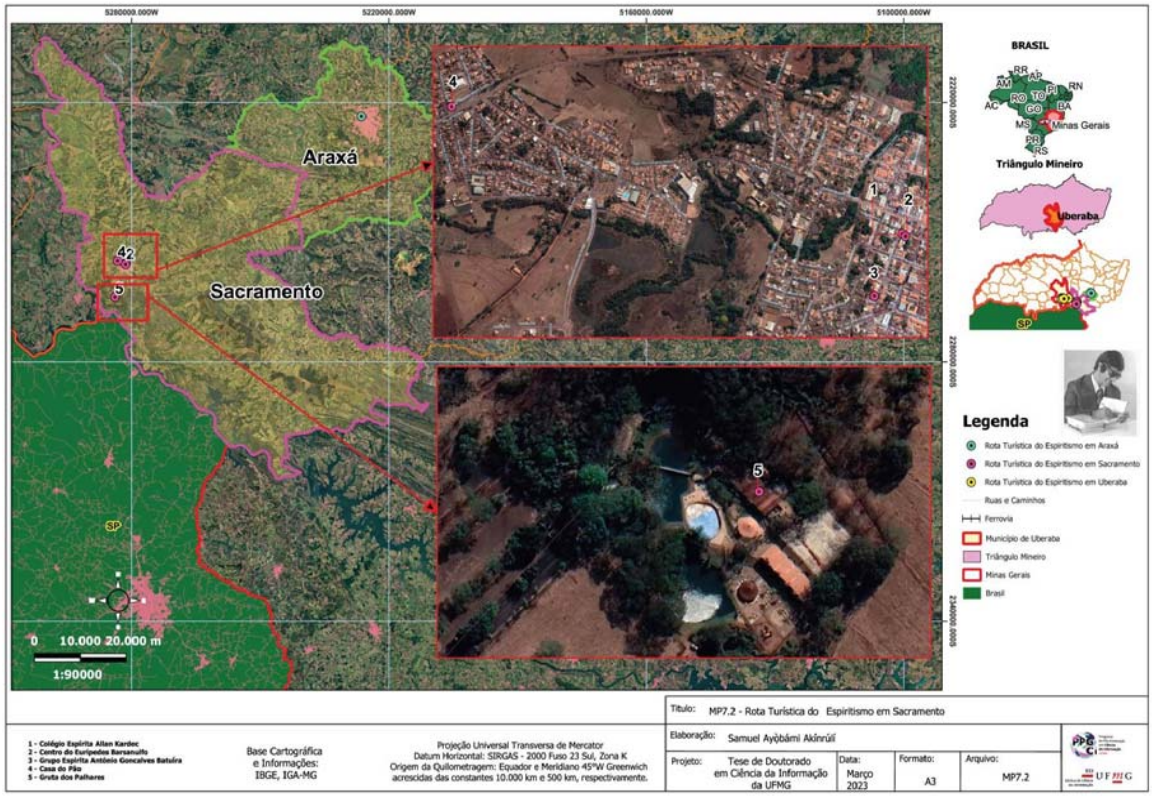


Figura 449 – Circuito turístico do Espiritismo em Sacramento – Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

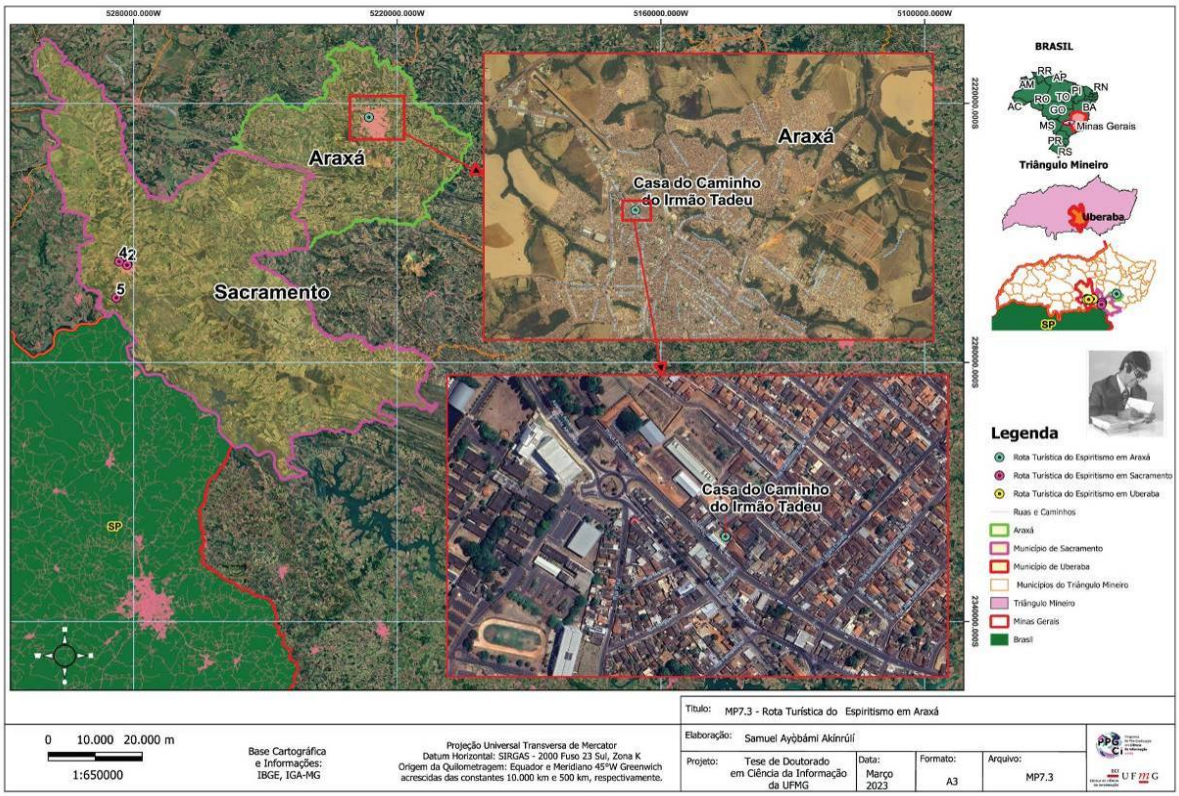


Figura 450 – Circuito turístico do Espiritismo em Araxá – Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

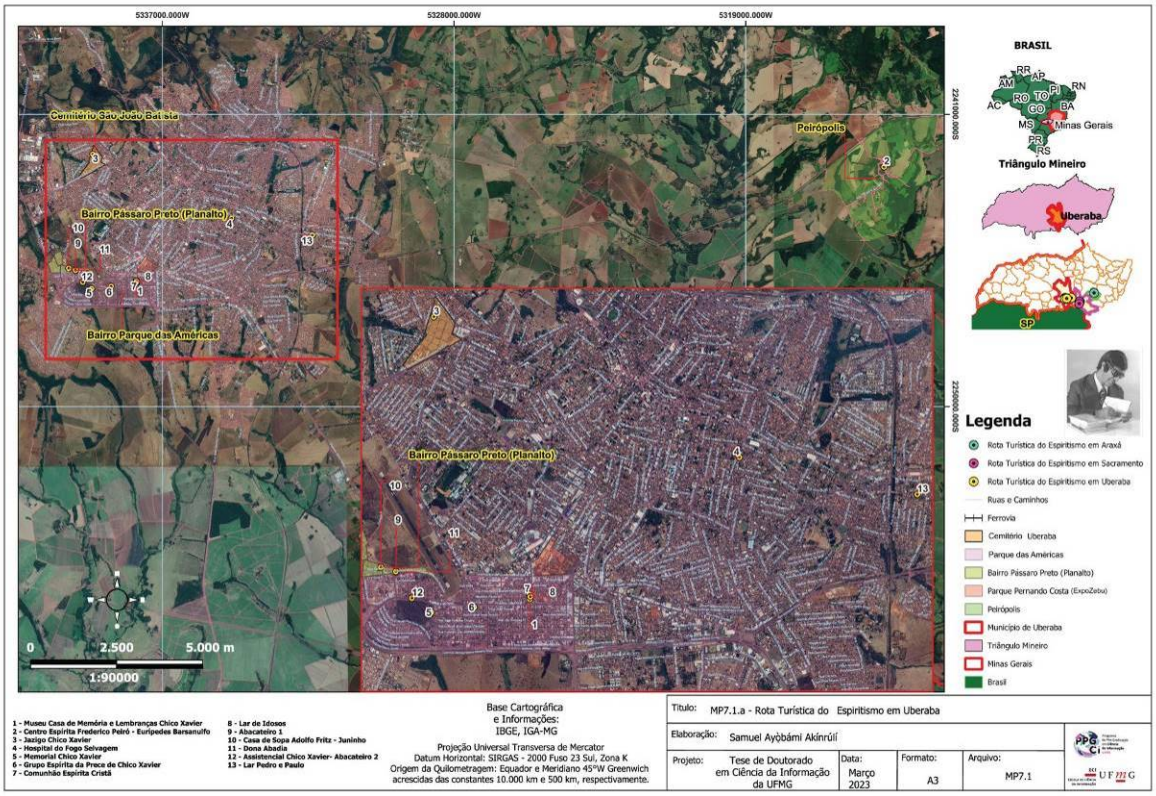


Figura 451 – Detalhe do circuito turístico do Espiritismo em Uberaba – Minas Gerais. Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

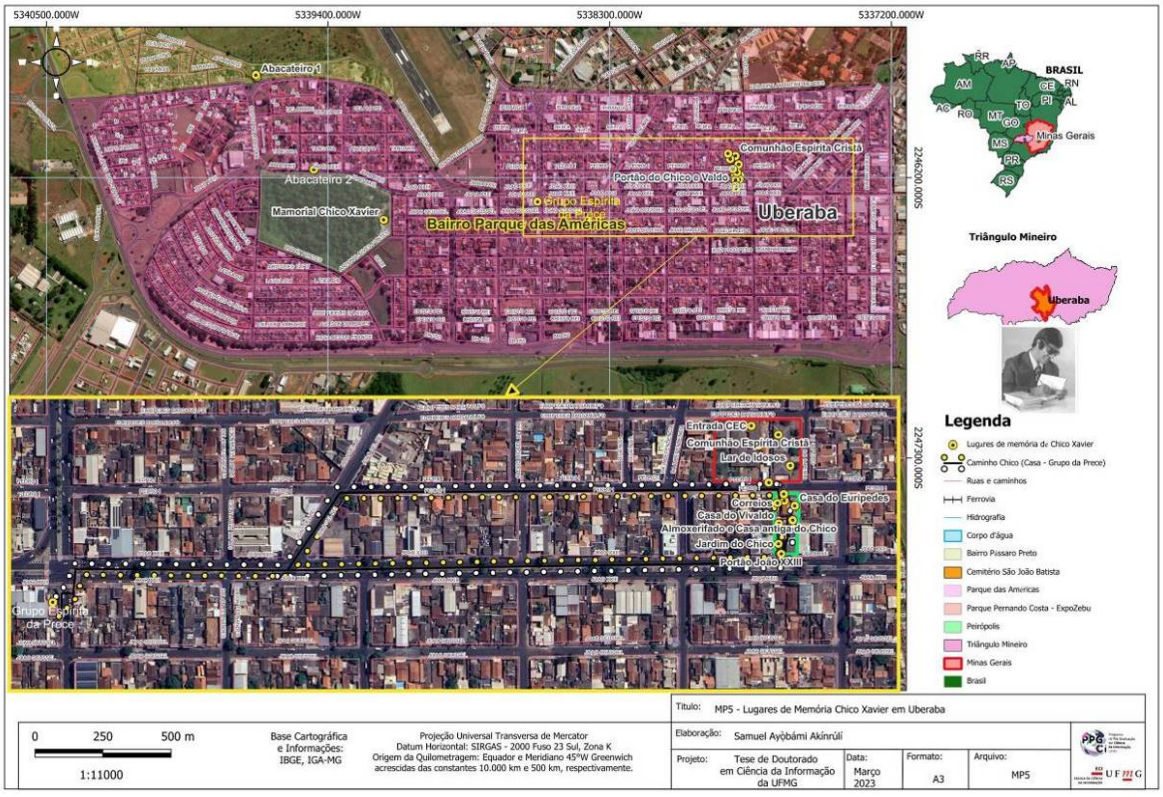


Figura 452 – Lugares de memória associados à Chico Xavier em Uberaba – Minas Gerais.
Fonte: Cartografia de Samuel Ayobami Akinruli, mar. 2023.

Em que pese os lugares de memória diretamente associados a Chico Xavier, que consorciam o patrimônio material e imaterial concatenado ao médium, e que não necessariamente constituem o Roteiro do Espiritismo em Uberaba e no Triângulo Mineiro, devem ser destacados os seguintes bens, cujos procedimentos entre lembrar e esquecer tendo sido operado de maneira muito estratégica por agentes e agências em interação com o Espiritismo:

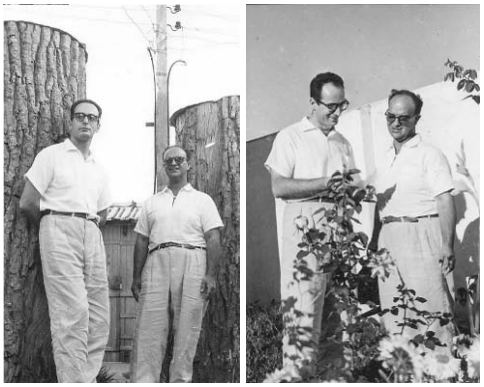
1 – Primeira Casa de Chico Xavier
2 – Comunhão Espírita Cristã
3 – Abacateiro 1
4 – Segunda Casa de Chico Xavier / Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier
5 – Grupo Espírita da Prece / Casa da Prece
6 – Assistencial Chico Xavier / Amigos Anônimos de Chico Xavier / Abacateiro 2
7 – Jazigo Chico Xavier

Figura 453 – Lugares de memória de Chico Xavier na cidade de Uberaba, Minas Gerais.
Elaboração: Samuel Ayobami Akinruli, 2023.

Em relação à primeira casa de Chico Xavier, em termos de edificação, esta foi construída logo após sua chegada em Uberaba no ano de 1959, e se situa no mesmo lote da sede da Comunhão Espírita Cristã (CEC) frontalmente oposta à CMLCX. Ambiente onde Chico Xavier residiu por 16 anos, sendo destes 7 anos

contando com a parceria de Waldo Vieira, é um bem que atualmente está em desuso e cuja existência é desconhecida pela maioria dos fiéis e turistas que acompanham o circuito religioso. Por muito tempo, o conjunto de imóveis que dividiam aquele mesmo terreno foi habitado por outros inquilinos após a saída de Chico Xavier da sua residência. No quintal que dá acesso à saída do imóvel, ao lado da entrada da CEC, vê-se dois robustos troncos de árvores cortados, parecendo mourões, atualmente bastante castigados pela ação do tempo e caídos no canteiro. Tratava-se da representação de Chico e Waldo e foi Emmanuel que havia recomendado que "fossem fincados, um de cada lado, na passagem por onde deveria transitar diariamente, para que lembrassem sempre o seu significado". E a sua interpretação era a norma a ser seguida do dever e da disciplina.[685]

> Em Chico, temos a humildade a serviço do bem, e em Waldo, a simplicidade a serviço do amor.
> Não há dúvidas de que as duas posições parecem equivaler-se. Na verdade, porém, se completam. Por isso mesmo, os dois formidáveis troncos de perobeira – na realidade um só, cortado em dois – plantados à frente da casa de ambos, representam o Dever e a Disciplina. Sem o primeiro não pode haver o segundo, e vice-versa. Ambos concretizam o símbolo da mediunidade pura e bem orientada, correspondendo, respectivamente e simultaneamente, a Chico e Waldo.[686]



Figuras 454 e 455 – Waldo Vieira e Chico Xavier, no quintal de casa ao lado da CEC.
Fonte: Acervo CMLCX

Figura 456 – Lançamento da primeira edição da revista "Anuário Espírita" em 15/12/1963.
Fonte: Acervo CEC.

[685] GRISI, Romeu; SESTINI, Gerson. *Inesquecível Chico*. São Bernardo do Campo: GEEM, 2008, p. 160.
[686] Apud "A Flama Espírita", Uberaba, 29/09/1962. In: BACCELLI, 1977, p. 93.

Figura 457 – Fotografia com colagens que ressaltam os dois troncos – dever e disciplina – e indicação de data para 1972.
Fonte: Acervo da CMLCX.

Figuras 458 e 459 – Vestígios dos mesmos troncos caídos. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul./2015.

Figura 460 – Área externa da primeira residência de Chico Xavier, [1971]. Fonte: JORGE, 1972.

Figura 461 – Quarto de Chico na primeira residência de Chico Xavier, [1971].
Fonte: JORGE, 1972.

Figura 462 – Quarto de Chico na primeira residência de Chico Xavier, [1971].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 463 – Detalhe dos bens pessoais de trabalho do médium em sua primeira residência, [1971]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figuras 464 e 465 – Detalhe dos bens pessoais de trabalho do médium em sua primeira residência, [1971]. Fonte: JORGE, 1972.

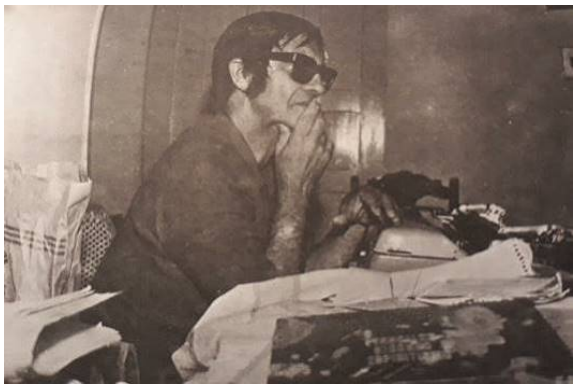


Figura 466 – Chico Xabier em seu momento de trabalho, [1971]. Fonte: JORGE, 1972.

Figura 467 – Chico posa para a foto defronte a sua antiga casa; [1969]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 468 – Primeira casa de Chico Xavier ao lado da CEC, [1971]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 469 – Chico com grupo de visitantes no corredor externo da sua casa, [princípios de 1970]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 470 – Chico posa para a foto defronte a sua antiga casa; [1969]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 471 – Área externa da primeira casa de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 472 – Área externa da primeira casa de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 473 – Corredor externo do imóvel. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 474 – Cozinha e copa da primeira casa de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Outro local de relevância na trajetória de Chico Xavier é o Grupo Espírita da Prece, carinhosamente chamado de Grupo da Prece:

> Esta é uma casa que nós poderíamos chamar de “Casa da Esperança” (Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, MG), onde vemos milhares de pessoas, de todas as partes do mundo, que procuram Chico Xavier, aqui na cidade de Uberaba. São emoções: é aquela mãe aflita que perdeu o filho, é o pai aflito; tdos os problemas são expostos e ele trata a todos com amor, porque a grande arma de Chico Xavier é o amor, coisa tão bonita que falta tanto nos homes do nosso próximo Terceiro Milênio. Amor por tudo e por todos.[687]

Este centro espírita, o quinto fundado diretamente pela intervenção de Chico Xavier, foi inaugurado no dia 8 de julho de 1975, estando distante cerca de 800 m da

[687] Especial com Chico Xavier. In: *Anuário Espírita*, ano XXVI, nº 26, 1986, p.51.

residência do médium, hoje seu museu-casa. Esteve em funcionamento desde até e até recentemente, quando a edificação foi vendida em meados de 2021, e as suas atividades religiosas passaram a ocorrer na CMLCX. Naquele dia de sua fundação, marcava a data do aniversário de 48 anos de atividades mediúnicas de Chico, sendo a 17ª instituição kardecista instalada em Uberaba. Sobre a inauguração da Casa da Prece, Chico Xavier assim narrou:

> Não tivemos qualquer solenidade inauguratória. Nosso amigo Jose Gonçalves Pereira, orientador da Casa Transitória de São Paulo, fez a prece inicial e a nossa reunião continuou nos velhos moldes habituais. O *Evangelho Segundo o Espiritismo* nos ofereceu o item 5 do seu capítulo XVII. Os comentários dos irmãos presentes foram os mais confortadores e significativos para nós todos.[688]

E a primeira psicografia recebida no seu novo lar espiritual foi de Emmanuel naquela noite de terça-feira do dia 8 de julho de 1975, também publicada no livro "Amanhece" (1976) cujo título é bastante alusivo a mais um recomeço de Chico Xavier, estando o médium naquele momento com 65 anos de idade. A mensagem comunicaria também um ensinamento para todos aqueles envolvidos com a nova instituição, incluindo o próprio médium.

> Servindo Sempre – Emmanuel
>
> Na seara da verdade, todos somos chamados a semear. Semear amor e luz que transbordem nas colheitas de progresso e elevação.
> Semeiam todos aqueles que se fazem guardiães da justiça e da cultura, da prosperidade e da influência, assegurando a proteção da vida comunitária. E semeiam todos aqueles outros que manejam o buril da palavra ou as letras do alfabeto, [...]
> Onde o Senhor te colocou, nunca te esqueças de que a fidelidade aos teus próprios encargos é a limpidez de tua fé e a razão de tua própria vida. O servidor se qualifica no préstimo da ação que executa. Sai, pois, de ti mesmo, na prodigiosa repetição do dia-a-dia e atende à tarefa que te cumpre, sem que se turbe o teu ânimo, ante a ventania das opiniões contraditórias, e sem que o calor da esperança se esfrie no teu espírito, perante o inseto daninho ou o escalracho destruidor.
> Age e segue. [...] Mobiliza os talentos que o Senhor te confiou, faze os depósitos de compreensão e bondade, paz e bênção que te sejam possíveis, e caminha para diante, trabalhando e servindo sempre. [...][689]

---

[688] XAVIER, Francisco Cândido. *Amanhece*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1976, p. 25.
[689] *Idem*, p. 25-26.

Após o desligamento oficial de Chico Xavier da CEC em 19 de maio de 1975, alegando problemas de saúde, o médium fez do GEP o reduto de sua fé e disseminação da Doutrina Espírita como religião, o que também chancelou socialmente sua autonomia. A imprensa espírita da cidade noticiava no “A Flama Espírita” de 17 de junho de 1975, que “Nosso Chico deverá retornar às atividades, em nossa cidade mesma, em local e dia que serão oportunamente conhecidos de todos”. O mesmo jornal divulgou pouco mais de um mês depois, em 19 de julho de 1975 que:

> Às 19 hs do dia 4 do corrente foi realizada a primeira reunião do Grupo Espírita da Prece, com a presença do irmão Francisco Cândido Xavier e um grande número de confrades, não só visitantes como desta cidade.
> Por enquanto está sendo observada a seguinte programação: às sextas-feiras, às 19 horas, reuniões com palestras e consequente divulgação doutrinária. Na parte final, recebimento de mensagens pelo nosso irmão Chico Xavier.
> Aos sábados, às 16 horas, peregrinação pela Vila da Matinha, iniciando-se a reunião noturna às 20 horas.
> A Diretoria da nova entidade, segundo fomos informados, está ainda em fase de formação.
> Fazemos nossos melhores votos para que o novo núcleo de atividades doutrinárias possa atingir plenamente os objetivos para os quais foi criado.
> Seu endereço é o seguinte: Avenida João XXIII, 1.495.[690]

O terreno de localização suburbana onde foi construída a Casa da Prece – sem benfeitorias localizado à Avenida João XXIII, esquina com a Rua Segismundo Carlos Ferreira no Parque das Américas –, era área integrante da Fazenda São Geraldo de propriedade de Mário de Almeida Franco (1910-1974). Era constituído pelo lote 12 da quadra 80, medindo quatro metros de frente para a Av. João XXIII, vinte e um metros de frente para Rua Segismundo Carlos Ferreira, quatorze metros na linha curva da Rua Segismundo Carlos Ferreira, e trinta metros de um lado, confrontando com o lote 11 e treze metros do outro lado, confrontando com o lote 13.[691]

A edificação que abrigava o GEP lembrava o Centro Luiz Gonzaga em Pedro Leopoldo: uma sala pequena e bem menor se comparado com CEC, uma varanda, um quarto modesto para os passes, uma cozinha com dimensão modesta nos

[690] BACCELLI, 1987, p. 103.
[691] Conforme consta em documento do Cartório de Registro de Imóveis de Uberaba, Matrícula 3.029, Ficha 001, 31 de março de 1977. Acervo CMLCX.

fundos. Sobre a mesa de madeira, diante dos bancos robustos, Chico Xavier afixou a inscrição: “Silêncio é prece”. Quando ele chegava ao local para iniciar os trabalhos do dia e tomava assento na cabeceira da mesa, juntamente com os médiuns amigos, é narrado que um cheiro de rosas invadia a sala e todos ali presentes entravam em sintonia com o mundo invisível, com a paz interior e com os espíritos. A permanência de olhos fechados, sentados de maneira confortável, com as mãos sobre as pernas, deixa explícita a ideia de elevação do pensamento a Deus. A prece inicial servia para dar as boas-vindas aos visitantes. O ambiente ficava tomado de uma atmosfera mística e em sintonia positiva, para que os mediadores pudessem transcender para a comunicação com os mortos.

Os passes aconteciam numa sala particular, sendo ministrados individualmente para melhor trabalhar as energias das pessoas que os recebiam. Em outra pequena saleta, por muito tempo Chico Xavier realizou a psicografia dos receituários de Bezerra de Menezes. Os interlocutores descrevem que Chico Xavier parecia flutuar entre as pessoas e as psicografias iam surgindo lentamente, causando fortes emoções entre os presentes. Aquele momento era sagrado e único. As pessoas se emocionavam e criavam uma atmosfera de devoção, que ia preenchendo o ambiente. A fila para o passe era grande. Muitas pessoas iam ali iam buscar a paz que precisam e até recentemente, entravam e descreviam a sensação de contarem com a presença de Chico Xavier mesmo após o desencarne. A toalha branca, as flores, a cor azulada do ambiente caracterizam a harmonia interior que Chico Xavier exteriorizava, durante suas palavras. O jardim, as plantas, os bancos da praça, o caráter bucólico do local, dão um ar de tranquilidade, que o médium apreciava. Por aqueles tempos, a rotina do lugar consistia em reuniões públicas às sextas e sábados, além de contemplar agenda para as peregrinações e distribuições no Abacateiro os sábados:

> P – Quais são os horários de seu contato com o público, lá no Grupo Espírita da Prece?
> R – Às sextas-feiras, das 4 da tarde até as primeiras horas da madrugada, aos sábados temos a nossa reunião das 4 da tarde às 6 para retornar ao término da reunião das 8 horas da noite, habitualmente até às 11 da noite.[692]

As reuniões na Casa da Prece que aconteciam às sextas feiras e aos

[692] XAVIER; ARANTES, 1979, p. 37.

sábados à noite, consistiam em palestras doutrinárias e recebimento de mensagens. O período das tardes de sábado ficava reservado para o culto do evangelho e para a distribuição de donativos à população, atribuições estas que ocorriam com destaque em dezembro, às vésperas do Natal. Até recentemente, através do grupo "Amigos Anônimos de Chico Xavier", também chamado de Assistencial Chico Xavier cuja sede era também localizada na Av. João XXIII, ocorriam doações de alimentos, roupas e refeições todos os sábados e domingos.

> O recinto do Centro sempre superlotado; centenas e centenas de pessoas de todos os recantos do país e, às vezes, do mundo, com objetivos diferentes, procuram no médium: uma palavra de consolo, alguma notícia de familiar falecido, uma entrevista para determinado canal de televisão, etc.
> Parte pequena dessa população heterogênea ali presente consegue, e muito rapidamente, cumprimentar o médium, antes do início das tarefas da noite que consistem no estudo do Evangelho Segundo o Espiritismo, ao mesmo tempo em que Chico Xavier, com rapidez vertiginosa, recebe inúmeras mensagens (em muitas ocasiões, até mesmo além de 10, de diferentes espíritos, numa única reunião que invariavelmente se prolonga madrugada a dentro).
> Após o encerramento da reunião, outra parcela do público presente consegue conversar rapidamente com o médium, de modo que Chico Xavier, e queremos destacar esse fato, via de regra, não chega a conhecer sequer os familiares dos Espíritos que por ele trazem suas mensagens do Além.[693]

Foi no período de funcionamento da Casa da Prece, depois que rompeu com a CEC em 1975, que Chico Xavier psicografou e organizou a maioria dos seus livros. Entre as décadas de 1970 e 1990, foram 313 livros, dos cerca de 416 que escreveu em vida. Este período de sua produção psicográfica ficou conhecido como "fase consoladora" e se estendeu dos anos de 1970 a 1990, sendo marcado pela publicação de livros de compilações de cartas familiares, o que representou uma mudança substancial em relação às temáticas e à linguagem da escrita de Chico Xavier, dando origem a uma chamada "literatura de consolação".

> As cartas do médium mineiro ganharam destaque na imprensa nas décadas de 1970 e 1980, quando foram levadas aos tribunais, em quatro casos de repercussão internacional, aparentemente os únicos na história da justiça. Aceitas como prova documental, as cartas atribuídas a vítimas já mortas foram utilizadas para provar a inocência de réus acusados de homicídio nos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná, entre os anos de 1976 e 1982.

[693] XAVIER, Francisco Cândido; RAMACCIOTTI, Caio. *Vida no Além*. São Bernardo do Campo: GEEM, 1980, p. 7.

> Apresentadas à justiça, em três dos casos, pela família das vítimas, tanto para comporem os autos, corroborando a versão dos réus sobre sua suposta inocência, quanto para interromperem o andamento dos processos, as cartas mostraram-se elementos decisivos nas sanções aplicadas.[694]

Filas se formavam nas ruas daqueles subúrbios de Uberaba, cujas reuniões de sexta (culto e psicografias) ocorriam das 19h até as 3hs, aproximadamente, enquanto no sábado, as reuniões (psicografia) começavam às 19hs e iam até as 3h, semanalmente. Por seu turno, na Casa da Prece, após o desencarne de Chico Xavier as atividades do grupo espírita sofreram modificações no trabalho assistencial, posto que ali não aconteciam mais as psicografias, mas, quanto às tarefas públicas, estas eram feitas em reuniões semanais de evangelização, estudos doutrinários e assistência espiritual na própria edificação até o ano de 2021, basicamente assim organizadas:

> Segunda: 19h – Desobsessão
> Terça: 19h30 – Grupo de Estudos
> Sexta: 19h30 – Vivências Chico Xavier
> Sábado: 14h – Culto
> 17h30 – Distribuição de Enxovais
> 19h – Culto

Houve também constituição da pessoa jurídica do Grupo Espírita da Prece em 10 de outubro de 2002, recebendo o nome Grupo Espírita da Prece Chico Xavier (CNPJ 05.381.426/0001-56) e, desde então, é gerido por tarefeiros sob a direção de Eurípedes dos Reis. É relevante destacar que ao longo dos anos as ações desenvolvidas por Chico Xavier, inclusive aquela no Grupo Espírita da Prece, contou com diversos voluntários, tarefeiros, colaboradores em múltiplas linhas de atuação.

Desde outubro de 2021, a Casa Espírita João Urzedo assumiu a propriedade e gestão da Casa da Prece, com a entrega das chaves ocorrida no dia 19 de outubro de 2021. O presidente do Grupo Espírita João Urzedo, Wellington Wagner de Sousa e sua esposa Roberta Wagner iniciaram as atividades naquele imóvel em 6 de novembro de 2021. O bem está em processo de tombamento em nível municipal, realizado pelo Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba (CONPHAU), com estudos técnicos iniciados naquele mesmo ano. Por outro lado, as ações doutrinárias associadas ao Grupo Espírita da Prece continuaram a partir de maio de

---

[694] SILVA, Cintia Alves da. *As cartas de Chico Xavier*: uma análise semiótica. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 22.

2021 sendo desenvolvidas na CMLCX. No mesmo momento, ocorreu a transferência do antigo mobiliário e demais bens móveis pertencentes ao GEP para o museu-casa. Desde então, as atividades então seguem os seguintes horários:

2ª a 6ª feira (7h30-9h00): passes
3ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
5ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
6ª feira (19h30): passes, estudos e palestras
Sábados (8h30): Mocidade Espírita Chico Xavier
Sábados (9h30): passes

Figura 475 – Fila para a distribuição de Natal no Grupo Espírita da Prece, dezembro de 1980. Observe que a Av. João XXIII ainda não possuía asfalto. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 476 – Fila para a distribuição de Natal no Grupo Espírita da Prece, dezembro de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 477 – Jardim do GEP em distribuição de Natal no Grupo Espírita da Prece, dezembro de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 478 – Donativos para a distribuição de Natal no Grupo Espírita da Prece, dezembro de 1980. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 479 – Fila para a distribuição no GEP, março de 1985. Observe que, neste momento, a Av. João XXIII já havia sido asfaltada.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 480 – Interior do GEP em uma sessão pública noturna, das sextas-feiras ou dos sábados, [meados da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 481 – Próximos de Chico no GEP estão Weaker e Zilda Batista, além de Yolanda Cezar [princípios da década de 1980].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 482 – Reunião no GEP tendo Eurípedes, Tio Pedro e Zilda próximos ao médium, [princípios da década de 1990].
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 483 – Distribuição no GEP tendo próximos ao médium, Zilda, Dinorá e Netinho, [princípios da década de 1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 484 – Chico sendo auxiliado por Zilda e Tio Pedro, [1999]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 485 – Implantação do Grupo da Prece e Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 486 – Culto na Casa da Prece. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, nov. 2015.

Figura 487 – Fachada do Grupo Espírita da Prece. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 488 – Busto de Chico Xavier localizado defronte ao GEP. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 489 – Vista dos jardins do Grupo Espírita da Prece em dia de sessão mediúnica. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2015.

Figura 490 – Sessão mediúnica em comemoração ao aniversário de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, abr. 2015.

Figura 491 – Sessão de desobsessão. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 492 – Sessão de desobsessão. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 493 – Encerramento da sessão de desobsessão com distribuição de água fluidificada. Destaque para Netinho de camisa azul listrada. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 494 – Encerramento da sessão de desobsessão com distribuição de água fluidificada. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 495 – Reunião pública do Grupo Espírita da Prece. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, set. 2014.

Figura 496 – Transferência e instalação dos bens móveis do Grupo Espírita da Prece para a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier, mai. 2021.
Fonte: Instagram @portalchicoxavieroficial.

Figura 497 – Cartaz de divulgação, mai. 2021.
Fonte: Instagram @portalchicoxavieroficial.

Figura 498 – Sessão pública do Grupo Espírita da Prece em junho de 2022 na CMLCX.
Fonte: Instagram @portalchicoxavieroficial.

Figura 499 – Sessão pública do Grupo Espírita da Prece em junho de 2022 na CMLCX.
Fonte: Instagram @portalchicoxavieroficial.

As peregrinações foram iniciadas por Chico Xavier ainda em Pedro Leopoldo: há relatos de que ocorria à tarde no Centro Espírita Luiz Gonzaga, certamente no dia de sábado, antes de que “milhões de pessoas” lhe beijassem as mãos e o rosto ou lhe ouvissem a palavra orientadora, quando o médium passava “mais de 12 horas consecutivas atendendo uma multidão que o espera ansiosa por uma palavra ou autógrafo”. E, “na peregrinação, o acompanhávamos num grupo pelas ruas da cidade, com lampiões e lanternas”. Há referências em Pedro Leopoldo, especificamente na data de 13 de dezembro de 1958, de uma passagem que explicita a realização daquela ritualística: “logo após uma peregrinação de assistência a irmãos em penúria” – sendo as peregrinações também chamadas de “caminhada de fraternidade”.[695]

Já em Uberaba, Chico Xavier continuou e mesmo ampliou as peregrinações, que se relatavam aos sábados e também em dias específicos, como no Natal e no

[695] XAVIER; GERMINHASI, 1977, p. 74-75.

Ano Novo. As peregrinações de sábado contemplavam diversos bairros, “praticamente a cidade toda”, segundo Netinho.[696] Partiam da Comunhão Espírita Cristã, entre os anos de 1959 a 1975 e, depois do Grupo Espírita da Prece, a partir de 1975, inicialmente indo em direção às casas de acamados até chegarem a uma casa com um grande abacateiro. Depois, na medida em que cresceram e a saúde de Chico Xavier ia se debilitando, as peregrinações rumavam exclusivamente para o antigo Abacateiro, onde eram lidas passagens do Evangelho e realizadas doações. Por aquelas bandas, ocorriam distribuições de alimentos, momentos de estudo e leitura, e uma multidão de fiéis era arrastada em busca de consolo material e espiritual.

Inicialmente dedicada às visitas aos acamados, as peregrinações de sábado se ampliaram ao longo das décadas de 1960-1970, de modo que ficaram conhecidas também como cultos no abacateiro, porque à sombra de uma enorme árvore desta espécie acontecia, a partir das 14hs, o estudo do Evangelho seguido de distribuição de donativos diversos incluindo, muitas vezes, uma moeda dada pelo próprio Chico Xavier a todos aqueles que esperavam na fila. Sabe-se que muitos guardavam (e ainda guardam) aquelas moedas entregues pelo próprio “Tio Chico” ou “Seu Chico” dentro de potes de alimentos, como de arroz ou feijão, para que a fartura e a abundância pudessem prosperar em seus lares. Por volta da década de 1981, já havia a alguma alteração daquele percurso, cujo ponto de apoio passava a estar mais próximo das imediações da Mata do Carrinho, local onde as nossas reuniões vespertinas passavam a ser realizadas.

As atividades de assistência social de Chico Xavier, notoriamente por meio da distribuição material, foram de grande envergadura, pois correspondiam à prática da evangelização, esta uma de suas principais missões. Portanto, ações direcionadas pelo próprio Chico Xavier foram realizadas em vida e perpetuadas após o seu desencarne, sendo as peregrinações uma ritualística de grande relevância em sua trajetória como evangelizador. Em diversas obras de Chico Xavier há dedicação à temática da peregrinação, sendo entendida como passos, caminhadas, o encontro à Cristo, um momento de caminho até se alcançar o Amigo Divino após o tempo de viagem e expiação terreno. Em mensagem psicografada de Emmanuel é esclarecida essa ideia de peregrinação como um momento também de consolo e ajuda

[696] CHAGAS NETO, 2014.

voluntária: “Faze por dia ou por semana, um horário de serviço gratuito, em auxílio aos companheiros da humanidade. Paz e Renovação”.[697]

E, em específico, as peregrinações se tratam de momentos de acolhimento e consolo às famílias acometidas por doenças graves – tratados como acamados – e que não conseguiam sair de seus lares, a exemplo dos paraplégicos, de modo que o próprio Chico Xavier ia ao encontro dos seus lares a fim de levar os ensinamentos de Jesus Cristo, notoriamente abordando assuntos do Evangelho que tratassem dos sofrimentos causados pelas doenças, além de também levar doações de alimentos, roupas, remédios e brinquedos. O corpo a corpo da situação das peregrinações dava a entrever a imagem de missionário de aura superior que se aproximava do povo, dos mais necessitados, de modo que o fato de estar fisicamente mais próximo de todos, selava e ampliava relações sociais em torno do Espiritismo. Nas palavras de Chico Xavier, as reuniões espíritas realizadas em circuitos fechados eram também necessárias, mas ir ao encontro dos “mais simples para que todos saibam, e nós também, que somos irmãos uns dos outros” significava a constituição de um forte vínculo social.[698]

Conta-se que Dona Alzira recebia a visita de Chico Xavier em sua residência em todo Natal, quando ela fazia peregrinações para distribuição de consolo material e espiritual às pessoas moradoras daquele subúrbio de Uberaba onde tinha ido morar em 1959. À época, aquelas vilas eram denominadas de São Benedito, Pássaros Pretos, Ozanan, Mata do Carrinho. Chico adorava café e chá de malva e, enquanto Dona Alzira os preparava, ele ficava olhando os quadros de santos católicos pendurados nas paredes de sua casa e exclamava: “- Que beleza, Alzira!”. Certa feita, Chico estava na casa de Dona Alzira e de repente colocou a mão na cabeça dela, olhou para o local onde havia o Abacateiro e disse em voz alta: “- Eles estão me chamando”! E disse: “- Vem pra cá! Vem pra cá!”. Nesse mesmo dia, Alzira torrava um café para Chico e, de repente, no meio da fumaça, surgiu o rosto de uma mulher clara e loira. Alzira não a reconheceu, mas Chico sim: era Sheilla. Depois daquele episódio se iniciou o culto naquele local. Nesse período, Dona Alzira emprestava os bancos de sua casa para a cerimônia. Três anos depois, certamente

---

[697] XAVIER, Francisco Cândido. *Calendário Espírita*. Por espíritos diversos. Uberaba: CEC, 1974, p. 5.
[698] BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier, à sombra do abacateiro*. São Paulo: IDEAL, 1986, p. 16.

em 1975, Chico passou a fazer o culto todos os sábados debaixo do abacateiro onde também ocorria a distribuição de alimentos aos necessitados.[699]

Desde então, a peregrinação feita a lares de pessoas acamadas passou a ter como ponto de encontro final o Abacateiro, onde o Evangelho e a distribuição material eram socializados a um número maior de pessoas. À sombra daquela árvore, que ainda hoje existe e está localizado na antiga Vila dos Pássaros Pretos, atual bairro Planalto, Chico Xavier chegava às 14hs dos sábados, assentava-se em um dos bancos ali colocados debaixo da árvore aos fundos de uma casa humilde e iniciava a reunião espírita ao ar livre. Grande quantidade de garrafas de águas eram colocadas à frente de Chico Xavier no início da sessão para serem fluidificadas. Sobre uma pequena mesa de madeira, um vaso com flores e dezenas destas garrafas, os estudos doutrinários aconteciam. Este é um dos eventos que marcou a amplitude da memória social relacionada ao médium mineiro, sendo descrita por muitos narradores que vindos de diversas partes do Brasil, impressionavam-se com a multidão que se aglomerava em torno de Chico Xavier e simplicidade com que esse conduzia semanalmente tais ritos.

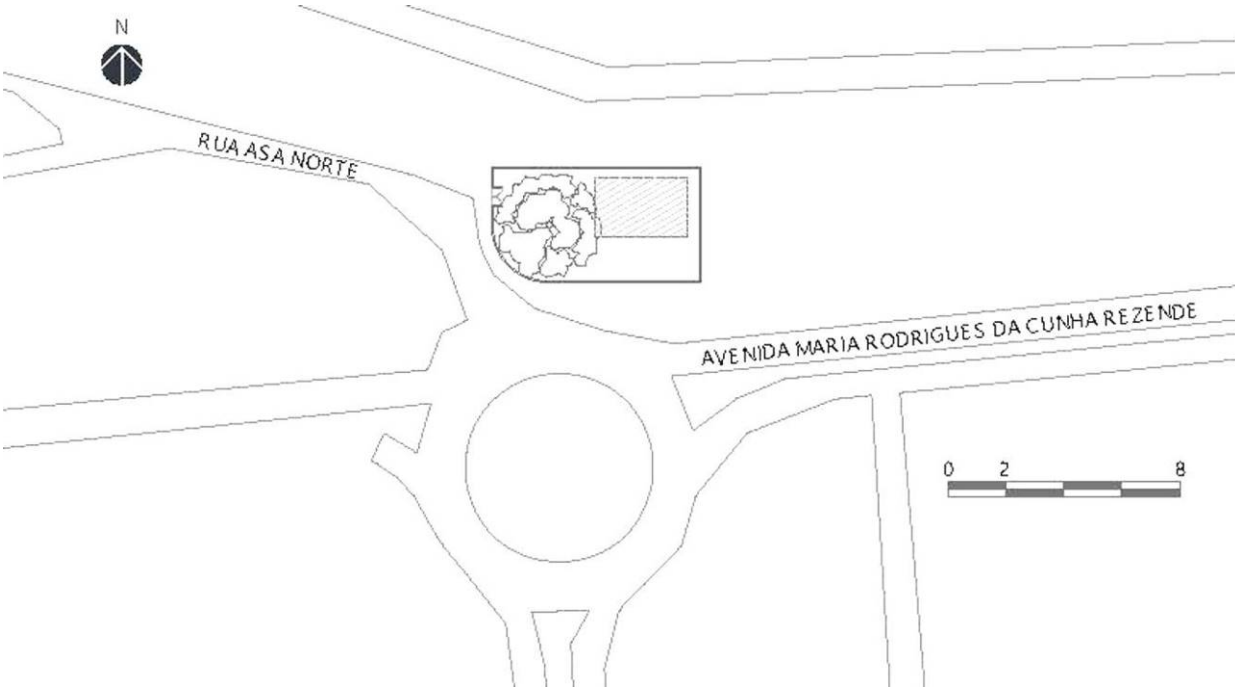


Figura 500 – Planta de situação da Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier. Elaboração: Januaceli Murta, nov. 2015. Fonte: INSOD, 2022.

[699] REIS, 2015.

Atualmente, o terreno onde se implanta o Abacateiro é de propriedade de Abadia da Silva Souza, mais conhecida como Dona Abadia, que ali possui uma modesta casa. O lugar é visitado por fiéis espíritas, simpatizantes e turistas que buscam se encontrar com os mentores espirituais de Chico Xavier. Ainda hoje ocorre distribuição, inspirada nos tempos de Chico Xavier, que é realizada pontualmente apenas no Dia das Crianças. Todavia, poucas as pessoas sabem daquela localidade, não tendo qualquer informação oficial sobre aquela localidade. Aqueles que ali chegam, efetivamente, vieram por indicação de antigos moradores da cidade.[700]

Dona Abadia, portanto, mantém a tradição das ações assistencialistas que eram desenvolvidas por Chico Xavier, especificamente realizando a distribuição do Dia das Crianças, de modo que ela cumpre anualmente esta importante celebração associada ao calendário espírita. Além de brinquedos, roupas, calçados, há distribuição de bolo com refrigerantes e o ambiente é decorado com balões coloridos e música infantil festiva toca no ambiente, o que é acompanhado com o desenvolvimento de atividades lúdicas. Ela também relata que comumente recebe peregrinos, caravaneiros e demais devotos e simpatizantes, que sabem da permanência do local e conhecem a sua história. Todavia, devido ao desconhecimento mais amplo de sua localização, muitos acabam por não conseguir identificar e mesmo conhecer o lugar relacionado à memória e história de Chico Xavier e do Espiritismo. Alguns também confundem este abacateiro com o outro lugar que deu sequência às atividades doutrinárias do médium, chamado de Assistencial Chico Xavier (ou Abacateiro 2), onde há uma muda desta mesma árvore.[701]

[700] SOUZA, Abadia da Silva (Dona Abadia). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 27 jul. 2015, mp3.
[701] SOUZA, Abadia da Silva (Dona Abadia). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 11 out. 2015, mp3.

Figura 501 – Chico Xavier ao Abacateiro: momento de leitura do Evangelho, [1970-1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 502 – Chico Xavier ao Abacateiro: momento de leitura do Evangelho, [1970-1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

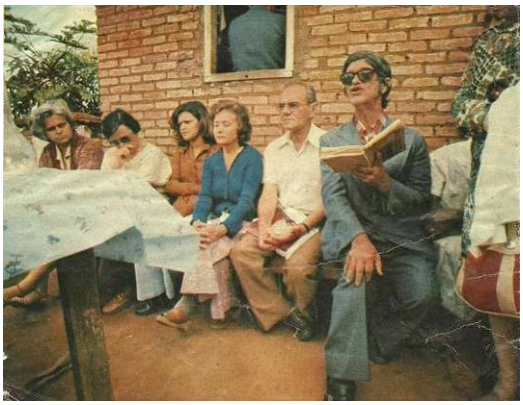


Figura 503 – Chico Xavier no momento do culto do Evangelho no Abacateiro, [1975]. Fonte: Acervo da CMLCX.

Figura 504 – Chico Xavier na reunião do Abacateiro, [1970]. Fonte: Acervo da CMLCX.

Figura 505 – Chico Xavier ao Abacateiro: momento da distribuição de donativos com “beija-mão”, [1970-1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 506 – Chico Xavier ao Abacateiro: momento da distribuição do óbolo, [1970-1980]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 507 – Mesmo abacateiro e mesmo local onde ocorriam os encontros nas tardes de sábado. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, mai. 2015.

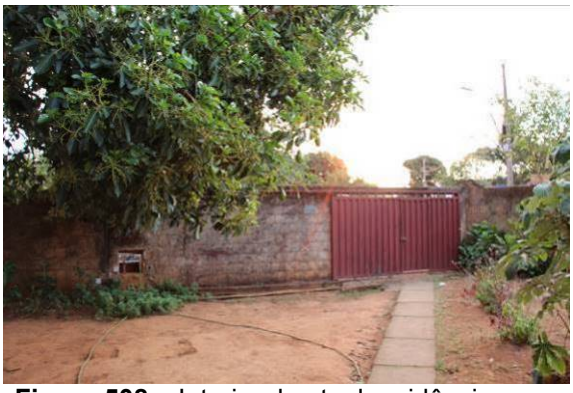


Figura 508 – Interior da atual residência, com quintal onde ocorriam as peregrinações do Abacateiro. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015

Figura 509 – O Abacateiro com banner em homenagem a Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jul. 2015.

Figura 510 – O Abacateiro nas comemorações do Dia das Crianças. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2015.

Figura 511 – O Abacateiro nas comemorações do Dia das Crianças. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2015.

Figura 512 – O Abacateiro e seus frutos. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2015.

Após o desligamento oficial de Chico Xavier da Comunhão Espírita Cristã em 19 de maio de 1975, e com consequente fundação do Grupo Espírita da Prece (GEP) em 8 de julho de 1975, as ações doutrinárias do médium estavam centradas nas reuniões às sextas feiras e aos sábados à noite no GEP, consistindo em

palestras doutrinárias e recebimento de mensagens. Por sua vez, o período das tardes de sábado ficava reservado para o culto do evangelho e para a distribuição de donativos à população no Abacateiro. Dali, as ações de distribuição passaram a se estender a um local mais próximo do GEP, defronte à Mata do Carrinho. Em 1980, consta a referência de que através do grupo Amigos Anônimos de Chico Xavier, cuja sede estava também localizada na Av. João XXIII, aconteciam doações de alimentos, roupas e refeições todos os sábados e domingos, para a população carente.

Tal ponto é uma questão de grande interesse, porque entende-se a existência do grupo Amigos Anônimos de Chico Xavier como um Departamento do Grupo Espírita da Prece e, certamente, relacionado à gestão dos diversos tipos de donativos recebidos em prol da causa conduzida pelo médium. A compra deste terreno onde então se instalou o Assistencial Chico Xavier (ou Abacateiro 2) deve ter sido em momento próximo à aquisição do terreno do GEP. O Assistencial representa uma continuidade das ações desenvolvidas especificamente de peregrinação, doutrinação e distribuição que eram realizadas até a década de 1990 no antigo Abacateiro. Atualmente, é comum que os dois lugares de memória sejam confundidos, especialmente pela falta de divulgação de informações coerentes com os fatos e a trajetória de Chico Xavier em Uberaba.

O Assistencial Chico Xavier ou Abacateiro 2, também chamado de Amigos Anônimos de Chico Xavier, já possuía edificação pelo menos desde o ano de 1994, e suas ações começaram a funcionar oficialmente em 1995, a fim de conceder atendimento à comunidade, tanto espiritual quanto materialmente, por meio da distribuição de donativos, realização de atendimento médico e dentário. A entrada era feita pela quadra onde existiam filas diferenciadas para idosos, gestantes e jovens que permaneciam sentados e, ao adentrar no conjunto, eram direcionados para as mais diferentes atividades e saiam pela Avenida João XXIII. No prédio localizado na Avenida João XXIII número 2246, refeições eram servidas às pessoas carentes seguindo o projeto de ajuda aos mais necessitados que Chico Xavier comandava em vida. Todos os sábados aconteciam distribuição de alimentos e cestas básicas às famílias, a partir das 14hs, dia no qual eram formadas grandes filas na Avenida desde o início da manhã. Em datas comemorativas também era oferecido bolo, guloseimas e presentes.

No ano de 2005, o Assistencial passou por ampliações e ganhou o Refeitório Amigos Anônimos de Chico Xavier, que todas as quintas-feiras promovia um jantar comunitário, apelidado de Sopa da Caridade, acompanhado de distribuição de pão e leite. Este novo anexo se localizava no número 2258 da Av. João XXIII, contíguo ao Assistencial. Em ampliação contou com o apoio de Arlindo Paludo e sua família, líderes da empresa Vipal Borrachas localizada no Rio Grande do Sul que, por anos, financiou tais distribuições. Há estimativa que cerca de R$ 40.000,00 mensais eram necessários para manter estas ações assistenciais. Todavia, as atividades do Assistencial Chico Xavier foram encerradas por Eurípedes dos Reis em princípios do mês de maio de 2013, sob a alegação da falta de segurança no local, tendo os voluntários passado por situações de roubo e ameaças com armas brancas. Desde então, o imóvel não possui uso e parte de seu terreno e edificações foi vendido no ano de 2017 para uma empresa automotiva que ali havia instalado parte de suas atividades comerciais.

Ainda em vida, todos os sábados entre os anos de 1995-2002, quando Chico Xavier já se encontrava em avançada idade, o médium se sentava à sombra daquele segundo Abacateiro quando às 14hs se desenvolvia pequeno estudo do Evangelho. Na sequência, ocorria a distribuição de alimentos, remédios e roupas. Com o encerramento das atividades assistenciais neste endereço, o culto das 14hs do sábado foi transferido para o GEP, sendo que no mesmo dia ocorria distribuição de enxovais para as gestantes. Ademais, distribuições de brinquedos e cestas básicas foram concentradas em datas específicas do ano, notoriamente no Dia das Crianças e no Natal.

Figura 513 – Distribuições de donativos no Assistencial Chico Xavier, [1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 514 – Distribuições de donativos no Assistencial Chico Xavier, [1990-2000]. Vista tomada a partir da entrada na Av. João XXIII. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 515 – Filas separadas por alambrados para a distribuição de donativos no Assistencial Chico Xavier, [1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 516 – Refeitório Amigos Anônimos Chico Xavier, [1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 517 – Distribuições de donativos no Assistencial Chico Xavier ao lado do segundo Abacateiro, [1990]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 518 – Chico Xavier no momento do culto do Evangelho no Abacateiro 2, [1990]. Fonte: Acervo da CMLCX.

Figura 519 – Oração realizada pelo grupo de voluntários antes de iniciarem as tarefas do Assistencial Chico Xavier. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 520 – Uma das últimas participações de Chico Xavier na distribuição do Abacateiro 2, [2001-2002]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 521 – Assistencial Chico Xavier com suas atividades já findadas. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

Figura 522 – Área onde se realizava o culto do Evangelho no Abacateiro 2. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, ago. 2015

Figura 523 – Fachada do Assistencial Chico Xavier, com atividades já encerradas. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

Figura 524 – Área onde se realizava o culto do Evangelho no Abacateiro 2, com destaque para a árvore filha do antigo abacateiro. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, ago. 2015.

Figura 525 – Distribuição de sopa para as crianças na CEC, [década de 1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 526 – Distribuição de refeições para as crianças no Assistencial Chico Xavier, [década de 1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 527 – Distribuição de sopa na CEC, [década de 1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 528 – Distribuição de refeições no Assistencial Chico Xavier, [década de 1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 529 – Distribuição de mantimentos na CEC, [década de 1960]. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 530 – Distribuição de mantimentos no Assistencial Chico Xavier, [década de 1990-2000]. Fonte: Acervo CMLCX.

Nascido em 2 de junho de 1910 e batizado como Francisco de Paula Cândido, mas que posteriormente alterou seu nome para Francisco Cândido Xavier, o médium mineiro ficou mundialmente conhecido como Chico Xavier. Ele faleceu de parada cardíaca por volta das 19h30 do domingo dia 30 de junho de 2002, aos 92 anos de idade em sua casa em Uberaba, Minas Gerais. No mesmo dia, o Brasil havia acabado de conquistar pela quinta vez a Copa do Mundo. Amigos do médium contam que ele pedia a Deus para morrer em um dia em que o país estivesse em festa.[702] Conforme suas instruções, seu corpo deveria ser velado no Grupo Espírita da Prece durante 48 horas, para que todos tivessem tempo de se despedir, sem confusão. O enterro seria feito no Cemitério São João Batista em Uberaba como havia deixado registrado em seu testamento com data de 23 de maio de 1988:

> Com relação ao item 8 (oito) desejo agora estabelecer que o meu corpo seja sepultado nesta Cidade de Uberaba, no Cemitério local,

[702] DIAS, Maria Elisa. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 12 set. 2014, mp3.

> no Jazigo de número 683, de Quadra "O", já adquirido pelo Dr. Eurípedes Humberto Higino dos Reis. É esta minha vontade, que seja em tudo observada. Francisco Cândido Xavier.[703]

O mausoléu, por sua vez, foi projeto do arquiteto residente em São Paulo, João Batista Degrande, a pedido de Eurípedes Humberto Higino dos Reis e doação do Instituto Divulgação Editora André Luiz e do Grupo de Ideal Espírita André Luiz, liderado pelos amigos Oswaldo de Godoy Bueno e Rubens Sílvio Germinhasi, tendo sido inaugurado em 25 de outubro de 2002. De acordo com o Ministério de Turismo, o mausoléu contendo os restos mortais de Chico Xavier, bem como seu museu-casa recebem, semanalmente, cerca de 2.500 visitas, o que totalizaria por mês cerca de 10 mil visitantes. O túmulo de Chico Xavier consta no rol dos cinco jazigos mais visitados no Brasil. É notória sua semelhança com o túmulo de Allan Kardec no Cemitério do Père-Lachaise em Paris, França, que também é um dos mais visitados no mundo. Seja pela presença de um memorial que toma uma forma específica pelas pedras instaladas que o definem, pela expressiva manifestação de deferência aos seus devotos ou pela ritualística de ali irem para se encontrarem com os espíritos benfeitores.

> O túmulo de Allan Kardec, no Cemitério de Père Lachaise, como disse Chico Xavier: “É uma mensagem”. Construído por Capiello, famoso escultor, tem a forma de “dolmens” ou altares de pedra rústica, que os druidas erguiam nas florestas. Isso em homenagem à encarnação anterior de Kardec, como sacerdote druida. E no alto do frontispício tem gravada a inscrição: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei”. Está sempre coberto de flores, que visitantes procedentes de tôdas as partes da França depositam todos os dias. Chico e Waldo o visitaram e ficaram emocionados com a luminosidade espiritual do local.[704]

Há relatos e até fotos tiradas por devotos de aparições do médium em seu próprio jazigo, além de outras narrativas que, de acordo com Eurípedes dos Reis, não teriam procedência que, contudo, expressam os usos simbólicos daquele lugar. A seguinte anotação de Eurípedes indica sua descrença:

> A senhora da floricultura inventou que saía água do busto de Chico Xavier o que é mentira, já desmentida em várias reportagens por

[703] Testamento de Chico Xavier, 1988. Fonte: Acervo CMLCX. Sobre o jazigo informado por Chico Xavier, sabe-se que no dia 04 de outubro de 1983, Eurípedes dos Reis arrematou perpetuamente a sepultura de nº 623 da quadra "O" onde também está sepultado seu pai e mãe biológicos, José da Cruz dos Reis (1920-1955) e Carmem Higino dos Reis (1921-1983).
[704] XAVIER; VIEIRA, 1965, p. 19.

> mim, brincando com a boa-fé das pessoas que amavam e continuam amando Chico Xavier. Obrigado pela compreensão de todos.
>
> Eurípedes Reis

O lugar recebe a visita de amigos, devotos do Espiritismo, simpatizantes, caravaneiros, peregrinos, turistas e demais interessados com o intuito de fazer homenagens mortuárias. Há grande respeito entre os devotos e crença de que Chico Xavier desencarnado possa dar proteção espiritual àqueles que oram por ele. No interior do mausoléu existem bens móveis e integrados de interesse histórico, como itens pessoais de Chico Xavier e bustos. Apesar disso, constam-se ações de vandalismo no Mausoléu de Chico Xavier que ocorreram, pelo menos, nos anos de 2015 e 2017. Em 19 de junho de 2015, uma trinca no vidro de proteção e algumas marcas de pancadas foram observadas e o túmulo foi protegido com grades. Em 30 de setembro de 2017, o vidro que protege o busto do médium apareceu trincado e com marcas de pancadas, pedaços de tijolos foram encontrados no chão, mas no vidro é possível que tenha sido atingido por um tiro. Os vidros foram trocados e foi instalado um gradil no busto que compõe o conjunto.

Figura 531 – Última aparição pública de Chico Xavier na sessão e distribuição no Assistencial Chico Xavier, 29 de junho de 2002.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 532 – Última aparição pública de Chico Xavier na sessão e distribuição no Assistencial Chico Xavier, 29 de junho de 2002.
Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 533 – Velório de Chico Xavier no GEP, 2 de julho de 2002. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 534 – Frente do GEP tomado de devotos durante o velório de Chico Xavier, julho de 2002. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 535 – Cortejo de despedida de Chico Xavier realizado pelas ruas do bairro Parque das Américas, 2 de julho de 2002. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 536 – Túmulo de Chico Xavier, 2002. Fonte: Acervo CMLCX.

Figura 537 – Mausoléu de Chico Xavier inaugurado em outubro de 2002. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 538 – Parte interna do Mausoléu de Chico Xavier. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2014.

Figura 539 – Parte externa do Mausoléu utilizada para depósito de flores. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, out. 2020.

Figura 540 – Homenagens feitas a Chico Xavier anualmente no dia de seu falecimento. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

Figura 541 – Turistas em visita ao jazigo sendo fotografados. Foto Digital: Samuel Ayobami Akinruli, jun. 2015.

****

Considerações Finais

Promover reflexões sobre um museu, notoriamente um museu-casa de Chico Xavier, exigiu o esforço biográfico em sua complexidade, notoriamente pela trajetória de liderança espírita diferenciada que o médium desenvolveu não somente no meio espírita, mas no panorama brasileiro. Pois, entender as múltiplas facetas daquele antigo morador da casa no lugar que se transformou em museu, necessitou interpretações críticas de sua trajetória profissional e pessoal ao longo de toda sua vida. Um recorte temporal estendido, mas necessário neste caso, posto que permitiu investigar as idiossincrasias do contexto íntimo, aquelas que ficam “da porta de casa para dentro”, e que concedem usos e significados àquele ambiente.

O que permitiu ainda dar foco na relação entre os “de dentro” e os “de fora”, cujas fronteiras e bordas – bem como as interseções – revelam estratégias de articulações que imbricam, de maneira muito peculiar, o público e o privado, criando redes de solidariedade, fraternidade, afinidade e consanguinidade com múltiplas e diversas interações. Panorama de interpretação da mediação informacional que deu a ver o universo do outro, os trânsitos entre os nós, que também outrossim estabeleceu propósitos, interesses, benefícios, influências, relações dadivosas, que nesta pesquisa esteve a fim de entender o processo de constituição daquele fenômeno que, ainda hoje, atrai uma multidão. Nesta tese a narrativa foi tomada pelo fio condutor do Sistema de Informação do Espiritismo criado por Chico Xavier, esta estrutura basilar da operacionalização de suas obras expressivo de um “modus operandi dos Espíritos” e que, ao mesmo tempo, gerou colaboração, inovação e impacto social, além de promover a divulgação da Doutrina que, ao que tudo indica, parece ter sido a missão de Chico Xavier.

Todavia, ao desvelar contradições das articulações e dos interesses controversos que se processam na realização das atividades doutrinárias, compreende-se que um ponto de visão estratégico e necessário que foi escolhido nesta pesquisa e se relacionou à perquirição dos repertórios mnemônicos da comunidade espírita, notoriamente a dos kardecistas, que ainda hoje tem como maior liderança a figura de Francisco Cândido Xavier, atrás apenas de Allan Kardec, tratado como Codificador da Doutrina. As disputas que se processam no ato de lembrar e esquecer, revelaram ainda artifícios que sustentam seu paradigma, os quais foram destacados ao longo do texto e se conjugam, em grande monta, ao

patrimônio cultural do médium que está sob conflitos inclusive judiciais. Neste sentido, entendendo que o patrimônio seria esta herança material e imaterial do médium mineiro, é relevante jogar luz para o fato de que estes bens são passíveis de vantagens econômicas, o que também influencia e organiza os interesses em torno da memória do médium.

E, nestas disputas, vários agentes e agências atuam com jogos de forças sob o agenciamento de informações e autoridades, que vão desde estratégias de filiação à história do médium a fim de construir chancelas no meio espírita – o que pode se dar por meio de fotografias em comum, palestras com temas das relações de amizade entre ambos, livros de memórias, biografias ou o lançamento infindável de livros com “escritos inéditos” ou *post-mortem* de Chico Xavier –, até as tentativas de apagamento dos lugares de memória associados ao médium; ou, ainda, pela tentativa de construção de uma narrativa monopolizada sobre sua trajetória por meio da manipulação seus acervos documentais, bibliográficos e museológicos.

A permanência das ações e ritualísticas relacionadas àquele Sistema de Informação criado pelo médium ainda têm sido passíveis de manutenção, especialmente por Eurípedes dos Reis, mas a imanência é expressa na alteração de pessoas nas mesmas funções e no explícito vácuo de liderança deixado por Chico Xavier. O sentido de conjunto criado pelo médium por meio do seu Sistema de Informação do Espiritismo deu a ver as intenções e propósitos das interrelações entre os elementos, dos recursos estratégicos, dos padrões de interseção, dos dissensos e convergências. E como a memória precisa de um suporte, tal qual a tinta um quadro, é fundamental promover sua existência para as próximas gerações, questão que é o enredo do acesso à informação. Ao identificar e contrastar os objetos, eventos, datas, situações, contextos e interações, sendas e caminhos, intentou-se nesta pesquisa contrastar os regimes de memória assumidos na esfera social sobre o médium mineiro, notoriamente interpretados à luz dos paradigmas indiciários que indicaram meios de produção, reprodução e transmissão do conhecimento sobre sua vida e trajetória no Espiritismo, que deixaram rastros. Procedimentos que também auxiliaram na qualificação das narrativas e valorização dos interlocutores da comunidade espírita, levando ao entendimento das formas de solidariedade, coesão social, relações de amizade e apadrinhamento, os laços consanguíneos ali existentes.

Neste sentido, a pesquisa sob o viés etnográfico, especificamente a etnografia do museu-casa, exigiu uma descrição pormenorizada dos processos e procedimentos, de forma a possibilitar a apreensão da complexidade da realidade estudada e contemplar a identificação de atores e significados atribuídos ao contexto, bem como sobre as ritualísticas pertinentes. A mediunidade no contexto espírita, por exemplo, ocorre assim no cotidiano, em todos os ambientes para os espíritas, mas é um definidor na relação entre humanos e os espíritos, entre encarnados e desencarnados, entre vivos e mortos. A investigação foi também consubstanciada por referências bibliográficas e documentais, além de incluir a produção de registros audiovisuais de caráter etnográfico visando os aspectos patrimoniais relevantes que incluíram a interpretação sobre conformação e continuidade histórica do acervo material e imaterial do médium, assim como suas transformações ocorridas ao longo do tempo.

O que ensejou a aproximação e o diálogo estabelecido com o território e, assim, com a categoria lugar de memória, de modo a entender a Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier como um território-fonte do Espiritismo, espaço que possui sentido diferenciado para a comunidade que participa e usufrui de suas interações. E que é também considerado espaço sagrado e ponto de visitação não somente da comunidade espírita, como para simpatizantes e demais interessados. Portanto, ao evidenciar as múltiplas dimensões deste lugar, notoriamente seus aspectos históricos, identitários e devocionais, esta pesquisa esteve centrada na interpretação da atribuição de valores à CMLCX em sua articulação enquanto um espaço museal. Por outro lado, os elementos materiais que a compõem, notoriamente seu acervo arquivístico, bibliográfico e museológico, ocupam um lugar central no interesse de valorização daquele museu-casa. Considerado enquanto território-fonte, a CMLCX opera como uma unidade que agrega os referenciais tangíveis e intangíveis não somente sobre o médium mineiro, mas também em relação ao Espiritismo, de modo que aqueles bens existem de determinada forma porque se realizam naquele espaço e a partir da convivência e valoração das práticas sociais ali impulsionadas pela comunidade.

Ao considerar a CMLCX enquanto um lugar em sua categoria imaterial, significa dar realce ao fato desta referência participar vigorosamente, ainda hoje, na produção de sentidos e significados específicos relacionados à prática do Kardecismo em níveis local, regional, nacional e mesmo internacional, posto que

carrega, transmite e conforma a memória de uma das maiores lideranças da Doutrina. E, assim, a CMLCX é um bem de interesse diferenciado para determinado grupo social – relacionado não somente aos espíritas, como a cristãos e demais simpatizantes –, uma vez que invoca Chico Xavier enquanto autoridade suprema do Espiritismo no Brasil, trazendo à tona diversas facetas de sua vida pública e privada. O que envolve as representações sociais associadas ao médium, as narrativas que se conservam a seu respeito, e não somente as edificações que abrigam o museu-casa, como também seus bens móveis ali abrigados, com destaque para o acervo arquivístico e museológico, em sua relação com os usos que se desenvolvem e sustentam na interlocução com a comunidade interessada e com outros lugares de memória de Chico Xavier e do Espiritismo.

O lugar congrega ações de devotos, caravaneiros, peregrinos e turistas que vão até ali para espiritualmente também se conectarem com os mentores espirituais diversos que acompanhavam Chico Xavier em seu trabalho mediúnico, de modo que aquele lugar permite a conexão com o sagrado, o divino e o próprio espírito do médium desencarnado. Por outro lado, os lugares de memória de Chico Xavier congregam em rede, em maior ou menor escala, as intenções votivas diversas que podem conceder respostas espirituais que os encaminhem para a devoção à Doutrina. A narrativa de vida e obra de Chico Xavier engendrada pelo lugar também estimula a prática de ações em prol da ajuda humanitária e respeito à diversidade religiosa, uma vez tomada como referência o modelo de assistencialismo difundido por Chico Xavier.

A CMLCX representa a possibilidade de manutenção e continuidade histórica da memória social e das práticas sociais que a comunidade detentora valoriza, sendo o lugar de grande relevância para a perpetuação do Espiritismo para as presentes, futuras e gerações já passadas. Trata-se de um lugar de expressividade nacional, posto representar as multiplicidades das identidades formadoras da sociedade brasileira, notoriamente pela expressão da diversidade religiosa em território brasileiro, que lhe conferem a um só tempo singularidade e ressonância em todo o país e mesmo no exterior.

A investigação sobre este museu-casa, de um modo geral, foi também provocada pela seguinte indagação – o que este lugar, seus objetos e acervos têm a nos contar? – o que permitiu o desenvolvimento das atividades a partir dos crivos, conteúdos, percepções e pontos de vista da própria comunidade espírita. Esta, por

sua vez, responsável por também produzir muitos registros memorialísticos de diversas naturezas e suportes, que tem como hábito a leitura e a escritura, evidenciou a existência de grande intertextualidade na prática memorialística praticada pelos espíritas.

Desta forma, objetos museológicos e dispositivos midiáticos possuem um diálogo constante e dinâmico, de modo que a procedência do acervo que ali é exibido e que compõe a CMLCX é também reproduzido e produz uma predominante representação espírita sobre a trajetória de Francisco Cândido Xavier. Ao passo em que deve ser refletido sobre o que predomina nas narrativas memorialísticas relacionadas ao médium mineiro, tenciona-se também quais outras narrativas são postas em ostracismo, silenciadas ou mesmo dirimidas pelos seus interlocutores. Memórias notoriamente administradas pelo viés da coesão religiosa e, especificamente em se tratando do Espiritismo, tendem a dogmaticamente produzir memórias consensuais, consonantes e afeitas às dissonâncias ou às desarmonias.

Ao mesmo tempo, outra pergunta que nos orientou ao longo da pesquisa, relacionava-se às identidades dos narradores da memória de Chico Xavier, nossos interlocutores, a comunidade espírita que aparece ambientada nos cômodos da CLMCX suportadas pelos seus objetos. Neste sentido, entre o material e o imaterial do patrimônio decorrente da experiência espírita, o suporte das narrativas tem encontro nesta imbricação sutil. Por vezes, a interlocução se dava com o coletivo espírita representado pelos milhões de devotos e, por outros caminhos, era com as pessoas, discursos e ações de um grupo seleto que esteve mais próximo de sua intimidade, do cotidiano do médium e deste ponto nuclear da prática espírita. Nestas posições, circuitos e escalas diferentes de privilégios e narrativas, a contradição entre o mundo público e o privado passou a ser tônica no entrever deste lugar de memórias que se constitui a CMLCX e ali testemunham a transfiguração identitária da personalidade do médium: desde Francisco de Paula Cândido, passando por Francisco Cândido Xavier, indo para Chico Xavier até o desbravar do “Tio Chico” ou o “Seu Chico”. Somente Chico.

Nesta tessitura narrativa que teve como suporte o museu a partir da experiência etnográfica, emaranhavam-se histórias sobre a interiorização do Espiritismo no Brasil, que passou a ser prioritariamente praticado por um modelo Kardecista defendido por Chico Xavier e que foi também exportado. Transformaram-se territórios, costumes e devoções, tendo como amparo uma articulação simbiótica

entre ações assistencialistas e produção de livros, ambos pilares da divulgação da Doutrina. A leitura do território espírita em diversas escalas e dinâmicas de relações, permitiu decifrar um universo cosmológico específico, entender aquele sistema de valores, contrastar diversas narrativas e interesses memoriais. E, de modo a construir essa tessitura complexa, Chico Xavier manejou o processo informacional a ponto de criar um sistema próprio para atender aos seus desígnios, de forma a também deixar sua marca para a posteridade.

Ao refletir sobre a experiência museal da CMLCX à luz das discussões contemporâneas do campo museológico, algumas questões foram norteadoras e serviram de contraponto para uma postura investigativa sobre esta instituição, mas que se colocam de maneira mais ampla em termos de condução da criação, consolidação, gestão, administração e acesso aos museus-casa como um todo. Em primeiro lugar, tratou-se de levar em consideração e refletir a relação da instituição, seus acervos e coleções com seus territórios. Por outro lado, é importante tensionar em que medida as narrativas de museus expressas em sua expografia são também definidoras das ações e programas da instituição e se estas levam em consideração (ou não) as múltiplas vocalidades, histórias e identidades que ali coexistem. Neste entendimento, é fundamental considerar se as escolhas museológicas que são carregadas de uma ambiência de disputas, de contrapontos em relação às narrativas museais, também permitem e mesmo fomentam as reflexões críticas e autônomas por parte de seus usuários. O que diz muito sobre o estabelecimento (ou não) de uma estrutura administrativa e deliberativa da instituição museal, e o direcionamento com quem representa ou com quem deseja dialogar. Também, em termos ainda mais complexos, como lidamos com a materialidade e a imaterialidade das coleções museológicas, os significados profanos e sagrados daqueles acervos?

Ao fim, a proposta da tese em termos gerais também visou abordagens que projetam e mesmo demandam por ações no sentido de avaliar as ambivalências e promover alternativas às práticas estabelecidas no sentido de expandir os conhecimentos, compreender o direito à diferença, compartilhar responsabilidades, promover negociações e interações mais horizontalizadas e incluir as múltiplas comunidades de maneira simétrica no espaço museal.

******

5. Referências Bibliográficas e Documentais

5.1. Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Lapa/Rocco, 1996.

ABREU, Silvino Canuto de. *Bezerra de Menezes*: subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895: São Paulo: FEESP, 1981.

AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Direito à memória, direito à história: reflexões sobre as relações entre património cultural e etnografia. In: *Emblemas*, vol. 15, p.15-26, 2018.

AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Do lado de cá dos muros: entre centros e periferias do cotidiano escolar, para uma pedagogia dos (des)enquadramentos. In: *Plural*, Antropologías desde América Latina y del Caribe, vol. 3, p. 513-529, 2021.

AKINRULI, Samuel Ayobami; AKINRULI, Luana Carla Martins Campos. Memórias em disputa e as reconfigurações do patrimônio cultural: para uma etnografia de museus. In: *Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS*, p. 1-25, 2017.

AKINRULI, Samuel Ayobami; MOURA, Maria Aparecida. Etnografando museus: apropriações e mediações do conhecimento sobre o patrimônio cultural em espaços de memória. In: FROTA, Maria Guiomar da Cunha Frota; SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da; GOMES, Pablo (orgs.). *Anais da 4ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi*: mediações da informação, democracia e saberes plurais. 4ª ed. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação; Universidade Federal de Minas, p. 208-225, 2020.

AKINRULI, Samuel Ayobami; MOURA, Maria Aparecida. Etnografar museus e narrar pós-memórias: aproximações entre museus-casa. In: *Anais do XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB*, p. 1-16, 2021.

ALMEIDA, Adriana Mortara. A observação de visitantes em museus: sobre ratos e seres humanos. In: I*nterdisciplinaridade*, vol. 1, nº 2, p. 10-29, jul.-dez. 2012.

ALMEIDA, Angélica Aparecida Silva de. *Uma Fábrica de Loucos: Psiquiatria X Espiritismo no Brasil (1900-1950)*. Belo Horizonte: Dialética, 2021.

ALMEIDA, Angelica Aparecida Silva de; GOMES, Adriana; PIMENTEL, Marcelo Gulão (orgs.). Dossiê Espiritismo em Perspectivas. In: *Interações*, vol. 17, nº 2, 2022.

ALMEIDA, Jasmim *et. al.* Design e tecnologia social: construindo uma perspectiva decolonial. In: SOUZA, Paulo Fernando de Almeida (org.). *Design para inovação social*: perspectivas metodológicas e casos relevantes. Salvador: Edufba, p. 127-158, 2021.

AMARAL, Flávio. *O homem por trás do mito*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2021.

AMARAL, Flávio. Resenha do livro Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira, de Mabel Teles. In: *Jornal de Estudos Espíritas*, nº 3, 2015.

AMARAL, Flávio. Waldo Vieira. *O homem por trás do mito*. Florianópolis: Ed. do Autor, 2021.

ANDRADE, Mário de. *As Melodias do Boi e outras peças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

ANJOS, Luciano dos. *Iluminando os Bastidores*. Salvador: LEAL, 2013.

ANSEOLI, Vanessa. Chico Xavier, Haddad and the First Spiritist Center in the USA, editorial. In: *The Spiritist Magazine*, nº 25, p.3, apr.-jun. 2014.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº 49, p. 7-32, 1997.

ARANTES, Hércio Marcos Cintra; GENTILE, Salvador. *Chico Xavier – Entrevistas*. Araras: IDE, 1972.

ARAÙJO, Augusto César Dias de (org.). Dossiê Espiritismos e Neo-espiritismos: doutrinas, narrativas e práticas. In: *Religare*, vol. 14, nº 1, 2017.

ARAÚJO, Ordália da Conceição Pires de *et. al.* (org.). *As Denominações Urbanas de Minas Gerais*. 2ª ed. Belo Horizonte: Instituto de Geociências Aplicadas; Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1997.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal espiritismo é religião?* A doutrina espírita na diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Alameda, 2010.

ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas de todo o Brasil, uni-vos! Meandros da unificação Espírita na primeira metade do século XX. In: *Religião e Sociedade*, vol. 3, nº 37, p. 150-172, 2017.

ARRIBAS, Celia da Graça. *No princípio era o verbo*: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARRIBAS, Célia da Graça. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. In: *Contemporânea*, vol. 10, nº 2, p. 613-638, mai./ago. 2020.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação*: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AUBRÉE, Marion. Entre história e mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil. In: *Caminhos*, vol. 10, nº 2, p. 145-156, jul./dez. 2012.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *La Table, le Livre et les Esprits*. Naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil. Paris: JC Lattès, 1990.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *O livro, a mesa e os espíritos*. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BACCELLI, Carlos Antônio. *100 Anos de Chico Xavier*: fenômeno humano e mediúnico. Uberaba: Livraria Espírita Edições Pedro e Paulo, 2010.

BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier mediunidade e coração*. São Paulo: IDEAL, 1985.

BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier, à sombra do abacateiro*. São Paulo: IDEAL, 1986.

BACCELLI, Carlos Antônio. *Chico Xavier, mediunidade e luz*. São Paulo: Ideal,1989.

BACCELLI, Carlos Antônio. *O Espiritismo em Uberaba*. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1987.

BACCELLI, Carlos Antônio. *O Evangelho de Chico Xavier*. Votuporanga: Didier, 2000.

BALZAC, Honoré de. *Séraphita (and Louis Lambert & Thes Exiles)*. Sawtry: Dedalus, 2012 [1835].

BARBOSA, Elias. *Presença de Chico Xavier*. São Paulo: Editora Calvário, 1970.

BARROS, Brasil Fernandes de Um pouco de Chico Xavier por Suely Caldas Schubert.

BASTIDE, Roger. *Aspects sociologiques du spiritisme à São Paulo*. Fribourg: Feres, 1961. BASTIDE, Roger. Le spiritisme au Brésil. In: *Archives de Sociologie des Religions*, n° 24, p. 3-16, 1967.

BATTLES, Matthew. *Palimpsest*: a history of the written word. New York; London: W. W. Norton & Company, 2015.

BAUBÉROT, Jean. *Histoire de la laïcité en France*. Paris: PUF, 2010.

BENNETT, Tony *et al.* (orgs.). *Collecting, ordering, governing*: anthropology, museums, and liberal government. Durham: Duke University Press, 2017.

BOBBIO, Norberto et.al. (orgs.). *Dicionário de Política*. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BORGES, Vivaldo da Cunha. *Índice Geral das Mensagens Psicografadas por Francisco Cândido Xavier*. Belo Horizonte: UEM, 1988.

BORGES, Vivaldo da Cunha. *Jornada de Amor*. São Paulo: CEU, 1998.

BORGES, Vivaldo da Cunha. *Luzes Esparsas*. São Paulo: CEU, 1991.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. *Usos & Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, p. 183-191, 2006.

BRASIL. *Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

BRASIL. *Lei nº 14.354, publicada em 31 de maio de 2022*. Institui o Dia Nacional do Espiritismo.

BRASIL. *Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CADERNO de Diretrizes Museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006.

CADERNO de Diretrizes Museológicas 2. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Aspectos sociológicos del espiritismo en São Paulo*. Bogotá: Oficina Internacional de Investigaciones Sociales de FERES, 1961.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1961.

CAMPOS, Luana Carla Martins. *"Instantes como esse serão seus para sempre"*: práticas e representações fotográficas em Belo Horizonte (1894-1939). Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Espiritismo em sete lições*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. 5ª ed. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 2007 [1977].

CARMO, Osvaldo Gonçalo do. *Esta Pedro Leopoldo!* Fatos, coisas e pessoas da minha cidade. [s.l.]: [s.n.], 1995.

CARVALHO, Antônio Cesar Perri; MELO, Oceano Vieira de. *Depoimentos sobre Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

CARVALHO, Larissa Camacho; LOUSADA, Vinícius Lima. Uma história do livro e de todos os livros: Catálogo Racional – Obras para se fundar uma biblioteca espírita (1869). In: *Anais do IX Congreso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana*, Rio de Janeiro, p. 1-9, 2009.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: SENAC, 2001.

CASTRO, Oswaldo de. *Notáveis casos de Chico Xavier*. São Bernardo do Campo: GEEM, 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Espiritismo. In: LANDIM, Leilah (org.). *Sinais dos Tempos*: diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, p. 147-155, 1990.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. In: *Debates no NER*, ano 15, nº 26, p. 85-91, jul./dez. 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O mundo invisível*: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CAYER, Nelson Alexis; SCHEINER, Teresa Cristina. Casas históricas e museus-casa: conceitualização e desenvolvimento. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. 16, nº 2, p. 1-17, 2021.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 6 set. 2014, mp3.

Chico Xavier: 60 anos de mediunidade. 2ª ed. São Paulo: FEESP, 1991 [1987].

CLIFFORD, James. Museologia e contra-história: viagens pela costa noroeste dos Estados Unidos. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, Unirio, p. 254-302, 2003.

COLLARO, Antônio Celso. *Produção gráfica*: arte e técnica da mídia impressa. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COMBEAU; Yvan. *Paris*: uma história. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

COMTE, Auguste. *Coleção Os Pensadores*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

COSTA E SILVA, Luciano Napoleão da. *Nosso amigo Chico Xavier*. 8ª ed. São Paulo: Editora ALF, 1997.

COUTINHO, Pedro dos Reis. *Uberaba, Matriz da Civilização do Brasil Central – Folder História e Imagens de Uberaba*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

CRAPANZANO, Vincent. On The Writing of Ethnography. In: *Dialectical Anthropology*, ed. 01-04, nº 02, p. 69-73, jan. 1977.

CUCHET, Guillaume. *Lex voix d'outre-tombe*: tables tournantes, spiritisme et societé au XIX^{e} siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

CURY, Marília Xavier. *Exposição*: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2015.

CURY, Marília Xavier. The sacred in museums, the museology of the sacred – the spirituality of indigenous people. In: *ICOFOM Study Series*, vol. 47, nos 1-2, p. 89-104, out. 2019.

DAMÁSIO, João; ROSA, Ana Paula da. Para pensar a imagem em uma religião das letras: uma revisão bibliográfica sobre Espiritismo e Comunicação. In: *Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p. 1-13, 2020.

DAMAZIO, Sylvia. *Da Elite ao Povo*. Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

DENIS, Léon. *O Espiritismo na Arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Publicações Lachâtre, 1994 [1922].

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Dicionário Enciclopédico de Museologia*. Paris: Armand Colin, 2011.

Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura de Portugal. *Mediação Cultural*: objetos, modelos e públicos, nº 20, 2020.

DODEBEI, Vera. Tempos Memoriais e patrimoniais: notas de pesquisa sobre memória e informação. In: NETTO, Carlos Xavier de Azevedo (org.). *Informação, Patrimônio e Memória*: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Ed. UFPB, p. 44-64, 2015.

D'OTTAVIANO, Itala Maria Loffredo. O logos da arte e a lógica da ciência. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *A República dos Saberes*: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DULCI. Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DWYER, Larry; FORSYTH, Peter (eds.). *International Handbook of the Economics of Tourism*. Bodmin: MPG Books Ltd., 2006.

Ecos da Grande Viagem. In: *Kardebraile – Órgão da Sociedade Pró-Livro-Espírita em Braile*, ano VII, nos 25-26, p. 21-22, set.-dez.1965.

FABIAN, Johannes. *The Time and the Other*: how anthropology makes its object. 2ª ed. New York: Columbia University Press, 2002.

FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 out. 2014, mp3.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Orientação ao Centro Espírita*. Brasília: FEB, 2006 [1980].

FÉLIX, Franklin. Os espíritas vão continuar afirmando que Moro é Emmanuel reencarnado? In: *Carta Capital*, 10 de junho de 2019. Disponível em https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-espiritas-vao-continuar-afirmando-que-moro-e-emmanuel-reencarnado/, acesso em 21 de maio de 2022.

FERNANDES, Gilberto Pereira; MARQUES, Maria Inês Corrêa Marques (orgs.). *Tecnologia social e difusão do conhecimento*: epistemologias multirreferenciais, redes e inovação. Salvador: Edufba, 2020.

FERNANDES, Magali Oliveira. *Chico Xavier*: um herói brasileiro no mundo da edição popular. São Paulo: Annablume, 2008.

FERNANDES, Magali Oliveira. *Vozes do céu – os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*. São Paulo: Mandacaru Edições, 2003.

FERNANDES, Washington L. N. O Espiritismo em Cuba. In: *Boletim GEAE*, nº 460, 29 de julho de 2003.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus*: do Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique. *Autonomia*: a história jamais contada do Espiritismo. São Paulo: FEAL, 2019.

FIORAVANTI, Carlos. Radiografia do campo. In: *Pesquisa FAPESP*, ed. 289, p. 92-95, mar. 2020. Disponível em https://revistapesquisa.fapesp.br/radiografia-do-campo/, acesso em 10 de junho de 2022.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Informação e patrimônio imaterial. In: SILVA, Helen de Castro; BARROS, Maria Helena Toledo Costa de (org.). *Ciência da Informação*: múltiplos diálogos. Marília: Oficina Universitária Unesp, p. 23-30, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998 [1973].

FRANÇA, Dilaine Soares Sampaio de (org.). Dossiê Religiões Afro-brasileiras e Espiritismo. In: *Religare*, vol. 9, nº 1, 2012.

FROSH, Stephen. *Those Who Come After*: Postmemory, Acknowledgement and Forgiveness. London: Palgrave Macmillan, 2019.

GAGNEUX, Yves. *Le Musée Imaginaire de Balzac*: les 100 chefs-oeuvre au coeur de La Comédie Humaine. Paris: Beaux Arts Editions, 2012.

GAGNEUX, Yves; MAGGIORE, Evelyne; MARÉCHAL, Severine. *Maison de Balzac*. Paris: Paris Musées, 2019.

GALVES, Nena. *Amor & Renúncia*: traços de Joaquim Alves. São Paulo: CEU, 2006.

GALVES, Nena. *Até sempre Chico Xavier*. São Paulo: CEU, 2008. GALVES, 2012.

GALVES, Nena. *Luz em nossas vidas*. São Paulo: CEU, 2012.

GAMA, Ramiro. *Lindos casos de Chico Xavier*. São Paulo: Lake, 1973.

GENDREAU, Andrée. Musée et savoir: la question du privé et du public. In: *Anthropologica*, vol. 41, nº 1, p.13-23, 1999.

GIEBELHAUSEN, Michaela. In the museum's ruins: staging the passage of time. In: MACLEOD, Suzanne; HANKS, Laura Hourston & HALE, Jonathan (eds.). *Museum Making*: narratives, architectures, exhibitions. London; New York: Routledge, 2012.

GILABERTE DA SILVA, Cristiane Ferraro. *Comunidade Conscienciológica*: voluntariado, migração e territorialidades. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2020.

GILLARD, Marc. *Paris au Temps de Balzac*: l'epoque romantique. Etrepilly: Presses du Village, 2001.

GINZBURG, Carlo. Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*: morfologia e história. 4ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143-179, 1989.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. Espiritismo (Brasil). In: BLANCARTE, Roberto (coord.). *Diccionario de religiones em América Latina*. México: FCE; El Colegio de México, p. 167-171, 2018.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. *O cuidado dos mortos*. Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GODOY, Paulo Alves. Emanuel Swedenborg – 3º Centenário de Nascimento. In: *Anuário Espírita*, nº 25, p. 117-127, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). *Memória e patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, Unirio, p. 21-29, 2003.

GRISI, Romeu; SESTINI, Gerson. *Inesquecível Chico*. São Bernardo do Campo: GEEM, 2008.

GRUPO DE DIVULGAÇÃO DE BIBLIOGRAFIA ESPÍRITA. *Biblioteca Espírita*: coletânea de assuntos abordados pela Doutrina Espírita e em obras que comprovam, embasam ou ratificam os seus postulados. 2 vols. Salvador: GBDE, 1996.

HARLEY, Jhon. *Nas trilhas da garça*: Chico Xavier em Minas Gerais. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2016.

HARLEY, Jhon. *O voo da garça*: Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010.

HARRISON, Rodney. On Heritage Ontologies: rethinking the material worlds of heritage. In: *En Anthropological Quarterly*, nº 91, vol. 4, p. 1365-1384, 2018.

HARRISON, Rodney. *Understanding the Politics of Heritage*. Manchester: Manchester University Press, 2009.

HASLAM, Andrew. *O livro e o design II*: como criar e produzir livros. 2ª ed. São Paulo: Rosari, 2007.

HESS, David J. *Samba in the Night*: Spiritism in Brazil. New York: Columbia University Press, 1994.

HESS, David J. *Spirits and Scientists*. Ideology, Spiritism and Brazilian Culture. University Park: Penn State University Press, 1991.

HIGINO, Vicente. *Eurípedes, o filho de Chico Xavier*: relatos de vivências biográficas. Uberaba: Ed. do Autor, 2016.

HIRSCH, Marianne. *Family frames*: photography, narrative, and postmemory. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

HUYSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto; Museu de Arte do Rio, 2014.

HUYSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBSEN, Stig Roland. Chico Xavier, 60 anos de mediunidade – 300 livros. In: *Chico Xavier*: 60 anos de mediunidade. 2ª ed. São Paulo: FEESP, p.65-71, 1991 [1987].

IBSEN, Stig Roland; IBSEN, Edith Nóbrega Canto (orgs.). *Catálogo Geral da 100 Obras e do Anexo-1970*. São Paulo: LAKE, 1972.

IMBASSAHY, Carlos de Brito. Dr. Canuto de Abreu. In: *Mundo Espírita*, 31 de agosto de 1980.

IMBASSAHY, Carlos de Brito; SALOMÃO, Jamil. J. B. Roustaing, o Judas do Espiritismo. In: *CF do ABC*, jan. 1990.

INCONTRI, Dora. *Pedagogia Espírita*: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Resultados Formulário de Visitação Anual*. Brasília: IBRAM, 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Manual de aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). *IPAC MG*: inventário de proteção do acervo cultural de Minas Gerais. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 1985.

ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

JACINTHO, Roque. *Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade*. 4ª ed. São Paulo: Editora Luz no Lar, 1991 [1967].

JORGE, Fred. *Chico Xavier – Sua verdadeira história*. São Paulo: Saber, 1972.

JULIÃO, Letícia. Patrimônio imaterial e museus. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (orgs.). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, p. 85-106, 2015.

KARDEC, Allan. *Catálogo racional*: obras para se fundar uma biblioteca espírita. Ed. Fac-similar bilíngue histórica. São Paulo: Madras, 2004 [1869].

KARDEC, Allan. Constituição Transitória do Espiritismo In: *Revue Spirite – Journal d`Études Psychologiques*, ano XI, p. 476-507, dez. 1868.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 41ª ed. Brasília: FEB, 2019.

KARDEC, Allan. *Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec*. 2ª ed. 2ª reimp. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2011.

KARDEC, Allan. *Viagem Espírita em 1862*. Matão: Casa Editora O Clarim, 1968.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LAGE, Mirian Silva. *Manual de serviços de bibliotecas espíritas*. Vitória: FEEES, 1991.

LANDIM, Leilah (org.). *Sinais dos Tempos*: diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1990.

LAUDON, Jane Price; LAUDON, Kenneth Charles. *Sistemas de Informação Gerenciais*. 11ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LEMOS NETO, Geraldo (org.). *Mandato de Amor*. Belo Horizonte: UEM, 1992.

LEMOS NETO, Geraldo. *Candeia da Alma*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2020.

LEMOS NETO, Geraldo. Learning from Chico Xavier's trips to the United States. In: *The Spiritist Magazine*, nº 22, p. 22-27, jul.-sept. 2013.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

LEWGOY, Bernardo. *O Grande Mediador. Chico Xavier e a Cultura Brasileira*. Bauru: Edusc, 2004.

LEWGOY, Bernardo. O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos. In: *Ciências Sociais e Religião*, ano 6, nº 6, p.51-69, out. 2004.

LEWGOY, Bernardo. *Os espíritas e as letras*: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LEWGOY, Bernardo. Uma religião em trânsito: o papel das lideranças brasileiras na formação de redes espíritas transnacionais. In: *Ciências Sociais e Religião*, ano 13, nº 14, p. 93-117, set. 2011.

LIMA FILHO, Manuel; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato (orgs.). *Museus e atores sociais*: perspectivas antropológicas. Recife: Editora UFPE, 2016.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. In: *Ciência da Informação*. vol. 42, nº 3, p. 379-398, set.-dez. 2013.

LLARENA, Rosilene Agapito da Silva; DUARTE, Eneide Nóbrega; NAVARRO, Miguel Angel Esteban. *Gestão do conhecimento nas redes dos programas para a juventude*: modelo baseado nas políticas públicas. João Pessoa: Ed. UFPB, 2017.

LOMBROSO, Cesare. *O Homem Delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007 [1876].

LOPES, Bruno. *A história da criação de Pedro Leopoldo contada pelo Arquivo Geraldo Leão*. Monografia. Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, 2010.

LOPES, Maria Antonieta Borges; MARQUEZ, Eliane Mendonça. *ABCZ 100 anos – história e histórias*. 3ª ed. rev. São Paulo: Bela Vista Cultural, 2019.

LUCENA, Antonio de Souza; GODOY, Paulo Alves. *Personagens do Espiritismo*. São Paulo: Edições FEESP, 1982.

LÚCIO, Vera. *No Roteiro do Evangelho*. Pelo espírito de Ottilia. Araras: IDE, 1989.

LYNCH, Kevin. *The image of city*. Cambridge: The MIT Press, 1960.

MACDONALD, Sharon et al. No Museum is an Island: Ethnography beyond Methodological Containerism. In: *Museum & Society*, vol. 16, nº 2, p. 138-156, 2018.

MACDONALD, Sharon; FYFE, Gordon. *Theorizing Museums*: representing identity and diversity in a changing world. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias*: deuses ou demônios? São Paulo: Unipro, 1997.

MACHADO, Ubiratan Paulo. *Chico Xavier*: uma vida de amor. Arara: IDE, 1992.

MAIRESSE, François (ed.). *Museology and the Sacred*: materials for a discussion. Paris: ICOFOM, 2018.

MANFROI, Isabel. *Empreendedorismo Reurbanizador de Hércules Galló e Waldo Vieira*. Foz do Iguaçu: Editares, 2020.

MARIOTTI, Humberto. *Victor Hugo Espírita*. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno do ABC, 1989.

MARTINS, Júnia Maria Lopes; MARTINS, Marcos Lobato. *Vera Cruz de Minas*: história de um distrito de Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo: Faculdades Pedro Leopoldo, 2000.

MARTINS, Marcos Lobato. *Pedro Leopoldo*: memória histórica. 2ª ed. Pedro Leopoldo: Gráfica Ed. Tavares, 2006.

MATOS, Marival Veloso de (org.). *Chico no Monte Carmelo*. Belo Horizonte: UEM, 2004.

MATURANA, Humberto. *A ontologia da realidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

MÉHEUST, Bertrand. *Somnambulisme et médiumnité (1784-1930)*. Tome II – Le choc des scences psychiques. Nancy: Institut Synthélabo, 1999.

MELLO, Simone Homem de. Centro de Estudos de Tradução Literária da Casa Guilherme de Almeida. In: *Anais do VII Encontro de Museus-Casas Literários*, 2022, p. 3. Disponível em: https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/publicacoes-encontros/publicacoes.php?id=26, acessado em 30 de outubro de 2022.

Memorial Chico Xavier. Uberaba: Rios Editora e Gráfica, s./d [2005], s./p.

MENEZES, Bethânia Alves de. *O mito de Chico Xavier*: os usos, apropriações e seduções do simbólico em Uberaba/MG. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre "neutralidade" conservadora e aspirações socialistas. In: *Sæculum*, vol. 25, nº 42, p. 86-104, 2020.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Identificando competências Informacionais. In: *Ciência da Informação*, vol. 33, nº 2, p. 112-122, mai./ago. 2004.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho (org.). *Anuário Histórico Espírita 2004*. São Paulo: Madras; USE, 2004.

MONZOTE, Reinaldo Funes. The Short-Lived Zebu and Beef Boom in Cuba Before the 1959 Revolution. A Socio-Environmental Approach. In: *Global Environment*, nº 16, p. 124-140, 2023.

MORIN, Edgar. *Os Meus Demônios*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

MOTTA, Antônio Motta. Direitos culturais e ações museais. In: TAMASO, Izabela; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone (orgs.). A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, p. 268-281, 2019.

NASSER, David; MANZON, Jean. *Mergulho na aventura*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.

NETO SOBRINHO, Paulo da Silva. *Kardec e Chico*: dois missionários. Vol. II. Divinópolis: Grupo Educação Ética e Cidadania, 2019.

NICOLAI, Humberto. *História do Espiritismo no Brasil*. São Paulo: Phenix, 1996.

NIEMEYER, Oscar. *As curvas do tempo*. Rio de Janeiro: Revan, 1998. SCOTTÁ, Luciane. *Arquitetura religiosa de Oscar Niemeyer em Brasília.* Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NOBRE, Marlene Rossi Severino. *Chico Xavier: meus pedaços do espelho*. São Paulo: Fé Editora, 2014.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*, São Paulo, nº 10, dez.1993.

NOVELINO, Corina. *Eurípedes, o Homem e a Missão*. Araras: IDE, 2007.

NYE JR., Joseph Samuel. *Soft Power*: the means to success in world politics. Public Affairs, 2005.

OLIVEIRA, Murilo Luiz Gentil de. *A análise documental do projeto interdisciplinar*: dimensões da sustentabilidade da Fazenda Modelo da UFMG. Dissertação (Mestrado), Departamento de Arquitetura, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Murilo Luiz Gentil de. História da Fazenda Modelo da UFMG em Pedro Leopoldo – MG. In: *Revista Científica Semana Acadêmica*, vol. 1, p. 1-23, 2018.

OLSEN, Daniel H.; TIMOTHY, Dallen J. *The Routledge Handbook of Religious and Spiritual Tourism*. London; New York: Routledge, 2022.

PARDUE, David. “Uma só língua, uma só bandeira, um só pastor”: Spiritism na Esperanto in Brazil. In: *Esperanto Studies*, nº 2, p. 11-27, 2001.

PASTORINO, Carlos Torres. *Minutos de Sabedoria*. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

PERES, Mônica Regina. Competência informacional: educação e sociedade. In: *RICI*, vol. 3, nº 1, p. 22-33, jan.-jul. 2011.

PIETRA, Ana Carolina Malaquias. *“Complexo Banda”*: a prática das corporações musicais em Pedro Leopoldo/MG. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação da Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: ROMANO, Ruggiero (dir.). *Enciclopédia Einaudi – 1. Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v. 1, p. 51-86, 1984.

PONTES, Hildebrando. *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

POULOT, Dominique. O modelo republicano de museu e sua tradição. In: BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). *Inovações, coleções, museus*. Belo Horizonte: Autêntica, p.13-24, 2011.

POULOT, Dominique. *Une histoire des musées de France*: XVIII^{e}-XX^{e} siècle. Paris: La Découverte, 2005.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos*: uma introdução ao espiritismo. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. *Guia Turístico Geopark*. Uberaba: s.d.

Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.

PRIMO, Judite Santos. O Social como objeto da museologia. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, vol. 47, nº 3, p. 5-28, jun. 2014.

PRIORE, Mary del. *Do outro lado*: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

QUEIROZ, Sônia (org.). *Editoração*: arte e técnica. 2ª ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

RAMIRO, Mario. *O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil*: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de

fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

RAMOS FILHO, Osmar. *O avesso de um Balzac contemporâneo*: arqueologia de um pasticho. Niterói: Lachâtre, 1994.

RAMOS, Clóvis. *50 anos de Parnaso*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

RANIERI, Rafael Américo. *Forças Libertadoras*. Rio de Janeiro: Ed. Eco, 1967.

RANIERI, Rafael Américo. *Materializações Luminosas*. 3ª ed. São Paulo: Ed. FEESP, 1989.

RANIERI, Rafael Américo. *O Prisioneiro de Cristo*. São Paulo: LAKE, 1978.

RANIERI, Rafael Américo. *Recordações de Chico Xavier*. 2ª ed. Guaratinguetá: Editora Fraternidade, 1986 [1976].

REIS, Alcenir Soares dos. Informação e patrimônio cultural: aproximações. In: REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (orgs.). *Patrimônio imaterial em perspectiva*. Belo Horizonte: Fino Traço, p. 107-125, 2015.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos Reis; TELES, Ariston. *Chico Xavier – Apóstolo do Brasil*. Uberaba: Livraria FCX, 2010.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Uma vida com Chico Xavier – 100 anos.* Uberaba: Livraria FCX, 2010.

RENSHAW, J. Parke. *Sociological Analysis of Spiritism in Brazil*. University of Florida, 1969.

RESTREPO, Eduardo. *Etnografía*: alcances, técnicas y éticas. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2018.

Revista Chico Xavier, 10 anos de Saudades, 2012.

RIBEIRO, Adalberto. O Instituto Benjamin Constant e os nossos cegos. In: *Revista do Serviço Público*, ano V, vol. III, nº 2, p. 60-72, 1942.

RIZZINI, Jorge. *Escritores e Fantasmas*. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno, 1992.

RIZZINI, Jorge. *Eurípedes Barsanulfo*: o Apóstolo da Caridade. São Bernardo do Campo: Correio Fraterno do ABC, 1979.

RIZZINI, Jorge. *Kardec, Irmãs Fox e Outros*. Capivari: Editora EME, 1994.

RIZZINI, Jorge. *Materializações de Uberaba*. São Paulo: Nova Luz, 1964.

ROCHA, Alberto de Souza; ROCHA, Arnaldo; RODRIGUES, Wallace Leal Valentim. *Meimei, vida e mensagem*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Matão: Casa Editora O Clarim, 2012.

ROCHA, Nedyr Mendes de. *Fenômenos de Materialização*. Capivari: EME, 2011.

SANTOS, Dalmo Duque dos. *Nova História do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Editora Corifeu, 2010.

SANTOS, Geraldo Leão dos; LEMOS NETO, Geraldo (orgs.). *Pedro Leopoldo vista por Chico Xavier*: 1910-1959, 49 anos da presença do maior médium de todos os tempos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2011.

SANTOS, José Luiz. *Espiritismo*: uma religião brasileira. São Paulo: Moderna, 1997.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SARDANO, Miguel de Jesus. Viajes de Divaldo Pereira Franco al Exterior. In: *Anuario Espírita*, ano I, nº 1, p.156-167, 1986.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

SARLO, Beatriz. *Tiempo Presente*: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001.

SARR, Felwine; SAVOY Bénédicte. *Pour la restitution du patrimoine culturel africain*: vers une nouvelle éthique relationnelle. Paris: Ministère de la Culture/CNRS, 2018.

SCARPIONI, Marcos. Espíritas de esquerda: rupturas, dissidências e (re)construção de novo ou (do novo). In: *Interações*, vol. 17, núm. 2, p. 376-393, 2022.

SCHERER, Bruno. *Combate à "heresia espírita": os enfrentamentos entre Espiritismo e Catolicismo no campo religioso (Rio Grande do Sul, 1953-1965)*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

SEVERINO, Paulo Rossi. *Aprendendo com Chico Xavier*: um exemplo de vida. São Paulo: Fé Editora, 1996.

SHENKAR, Oded; YUCHTMAN-YAAR, Ephraim. Reputation, image, prestige, and goodwill: an Interdisciplinary approach to organizational standing. In: *Human Relations*, vol. 50, nº 11, p. 1361-1381, 1997.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e Política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. In: *Caminhos*, vol. 17, p. 138-154, 2019.

SIGNATES, Luiz; DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contra hegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. In: *Tropos – Comunicação, Sociedade e Cultura*, vol. 10, nº 1, p. 1-29, 2021.

SILVA NETO, João Damasio da. *O caso dos museus espíritas*: iconicidade do imaginário na midiatização. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.

SILVA, Cintia Alves da. *As cartas de Chico Xavier*: uma análise semiótica. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SILVA, José Tadeu. *Brasil, o gigante dourado*. Pelo espírito do Irmão X. Araxá: Editora Chico Xavier, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Vanderlei Silva e Maciel Henrique. 2ª ed. 2ª reimp. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Luciano Napoleão da Costa e. *Chico Xavier*: o mineiro do século. 2ª ed. Bragança Paulista: Lachâtre, 2004.

SOARES, Ana Lorym. *O livro como missão*. A publicação de textos psicografados no Brasil (1944-1968). Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

SOBRINHO, Geraldo Campetti. *Biblioteca Espírita*: princípios e técnicas de organização e funcionamento. Brasília: FEB, 1995.

SÓLER, Amália Domingo. *Memórias do Padre Germano*. Pelo espírito do Padre Germano. Rio de Janeiro: FEB, 1931.

SOUSA, Rosilene Paiva Marinho de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Informação e patrimônio cultural: uma definição

jurídica de informação patrimonial. In: *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 20, nº 03, p. 101-115, jul./set. 2015,

SOUTO MAIOR, Marcel. *As Vidas de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SOUZA, André Ricardo de; TORRES, Natália Cannizza. As duas faces evangélicas do espiritismo brasileiro. In: *Religião & Sociedade*, vol. 42, nº 1, p. 221-240, 2022.

STAIR, Ralph Martin; REYNOLDS, George Walter. *Princípios de Sistemas de Informação*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

STÉPHANE; Bernard. *Dictionnaire des noms de rue*. Paris: Éditions Mengès, 2000.

STOLL, Sandra Jacqueline. Dos mortos e sua volta: biografia e família na literatura espírita. In: *Debates do NER*, ano 10, nº 15, p. 151-174, jan.-jun.2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. Encenando o Invisível: a construção da pessoa em ritos mediúnicos e performances de “auto-ajuda”. In: *Religião e Sociedade*, vol. 29, nº 1, p. 13-29, 2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline. Espiritismo: entre Francia y Brasil. Versiones de uma misma doctrina. In: BLANCARTE, Roberto (coord.). *Diccionario de religiones en América Latina*. México: FCE; El Colegio de México, p. 172-177, 2018.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (eds.). *Memória e Novos Patrimônios*. Marseille: OpenEdition Books, 2015.

TAVARES, Clóvis. *Amor e Sabedoria de Emmanuel*. Araras, IDE, 1989.

TAVARES, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*. Araras: IDE, 1967.

TELES, Mabel. *Zéfiro*: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira. Foz do Iguaçu: Editares, 2014.

THIESEN, Francisco; WANTUIL, Zêus. *Allan Kardec*: meticulosa pesquisa bibliográfica. Vol. I. Rio de Janeiro: FEB, 1979.

TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*. 4ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

TOLILA, Paul. *Cultura e Economia*: problemas, hipóteses, pistas. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2007.

TROYAT, Henri. *Balzac*. Paris: Flammarion, 1995.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: UFF, 2008, p. 155-214 (Capítulo 5 – Peregrinações como processos sociais [1977]).

VELOSO, Marival; VELOSO, Eurípedes. *Elias Barbosa*: o amigo de Chico Xavier. Araguari: Minas Editora, 2021.

VIEIRA FILHO, Fernando. *Jesus em Nós*. Pelo espírito de Elias Barbosa. Uberaba: Centro de Cura dos Sentimentos, 2015.

VIEIRA, Eurípedes Tahan. Chico Xavier 100 anos: um pouco mais. In: *Chico Xavier, 100 anos*. Uberaba, Livraria FCX, 2010.

VIEIRA, Waldo. *Cristo Espera por Ti*. Pelo espírito de Honoré de Balzac. Catanduva: Candeia, 1965.

VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. Foz do Iguaçu: Editares, 1986.

VIEIRA, Waldo. *Projeções da Consciência*: diário de experiências fora do corpo humano. Foz do Iguaçu: Editares, 1981 [1979].

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência Informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados. In: *Ciência da Informação*, vol. 38, nº 3, p. 130-141, set./dez. 2009

WAGNER, Roberta Afonso Vinhal. *O Coronelismo Despótico de Uberaba (MG)*: dos coronéis da Princesa do Sertão aos coronéis do zebu na nova configuração hegemônica das elites uberabenses no período de 1960 a 2007. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

WALKER, Barbara Gertrude. *Dicionário dos símbolos e objetos sagrados da mulher*. Lisboa: Planeta Editora, 2002.

WARREN JR., Donald. Spiritism in Brazil. In: *Journal of Inter-American Studies*, vol. 10, nº 3, p. 393-405, jul.-aug. 1968.

WARREN JR., Donald. The Portuguese Roots of Brazilian Spiritism. In: *Luso-Brazilian Review*, vol. 5, p. 3-33, dec.1968.

WEBER, Max. Sociologia da Religião – Tipos de relações comunitárias religiosas. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade:* fundamentos da Sociologia Compreensiva. São Paulo; Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; UNB, p. 279-418, 1999.

WINTHROP, Robert H. *Dictionary of Concepts in Cultural Anthropology*. New York: Greenwood Press, 1991.

WOLFART, Graziela. “O espiritismo se vê como uma religião cristã”. Entrevista com Maria Laura Viveiros de Castro. In: *IHU on-line*, ed. 349, 1º de novembro de 2010. Disponível em https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3624-maria-laura-viveiros-de-castro, acesso em 14 de dezembro de 2022.

XAVIER, Francisco Cândido. *50 Anos Depois*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1940.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

XAVIER, Francisco Cândido. *A saudade é o metro do amor*. Pelo espírito de Clóvis Tavares. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2015.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Terra e o Semeador*. Pelo espírito de Emmanuel. São Paulo: IDEAL, 1975.

XAVIER, Francisco Cândido. *Alvorada do Reino*. Pelo espírito de Emmanuel. São Paulo: IDEAL, 1988.

XAVIER, Francisco Cândido. *Amanhece*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1976.

XAVIER, Francisco Cândido. *Amor e Luz*. Por espíritos diversos. São Paulo: IDEAL, 1977.

XAVIER, Francisco Cândido. *Auta de Souza*. Pelo espírito de Auta de Souza. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1977.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. São Paulo: LAKE, 1938.

XAVIER, Francisco Cândido. *Calendário Espírita*. Por espíritos diversos. Uberaba: CEC, 1974.

XAVIER, Francisco Cândido. *Cândida Missão*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2022.

XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas de uma Morta*. Pelo espírito de Maria João de Deus. São Paulo: Editora LAKE, 1935.

XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas do Alto*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2017.

XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier e suas mensagens no Anuário Espírita*. Por espíritos diversos. Araras: IDE, 2017.

XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier, a aurora de uma vida entre o Céu e a Terra*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2012.

XAVIER, Francisco Cândido. *Chico Xavier*: o Primeiro Livro. Pedro Leopoldo: Grupo Espírita Scheilla, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. *Christian Agenda*. Dictated by the spirit André Luiz. Londres: Allan Kardec Publishing Ltd., 1998.

XAVIER, Francisco Cândido. *Colheita do Bem*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. *Depois da Travessia*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Depois da travessia*. Por espíritos diversos. Votuporanga: Didier; Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Deus conosco*. Pelo espírito de Emmanuel. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2007.

XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da Vida*. Pelo espírito do Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, 1969.

XAVIER, Francisco Cândido. *Há 2000 Anos...* Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

XAVIER, Francisco Cândido. *Iluminuras*. Pelo espírito de Emmanuel. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções para a Vida*. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2018.

XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções Psicofônicas*. Por espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

XAVIER, Francisco Cândido. *Luz na Escola – Chico Xavier na Escola Jesus Cristo de Campos (RJ)*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010 [1940].

XAVIER, Francisco Cândido. *Marcas do Caminho*. Por espíritos diversos. São Bernardo do Campo: IDEAL, 1979.

XAVIER, Francisco Cândido. *Militares com Jesus*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Militares no Além*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2008.

XAVIER, Francisco Cândido. *Militares no Além*. Por espíritos diversos. 2ª ed. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

XAVIER, Francisco Cândido. *O Esperanto como Revelação*. Pelo espírito de Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: IDE, 1976.

XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras Sublimes*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014.

XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além Túmulo*. Por espíritos diversos. 10ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1978 [1932].

XAVIER, Francisco Cândido. *Pérolas de Sabedoria*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2014.

XAVIER, Francisco Cândido. *Registros Imortais*. Por espíritos diversos. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido. *Renúncia*. Pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1943.

XAVIER, Francisco Cândido. *Sementeira de Luz*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2006.

XAVIER, Francisco Cândido. *Sementeira de Paz*. Pelo espírito de Neio Lúcio. Belo Horizonte: Vinha de Luz, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do Grande Além*. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

XAVIER, Francisco Cândido; ARANTES, Hércio Marcos Cintra. *Encontros no Tempo*. Por espíritos diversos. São Paulo: IDE, 1979.

XAVIER, Francisco Cândido; BARBOSA, Elias. No Mundo de Chico Xavier. Pelo espírito de Emmanuel. Araras: IDE, 1967.

XAVIER, Francisco Cândido; CUNHA, Heigorina. *Cidade no Além*. Pelo espírito de André Luiz. Araras: IDE, 1983.

XAVIER, Francisco Cândido; RAMACCIOTTI, Caio. *Crianças no Além*. Pelo espírito de Marcos. São Bernardo do Campo: GEEM, 1976.

XAVIER, Francisco Cândido; RAMACCIOTTI, Caio. *Vida no Além*. São Bernardo do Campo: GEEM, 1980.

XAVIER, Francisco Cândido; TAVARES, Clóvis. *Tempo e amor*. Por espíritos diversos. Araras: IDE, 1984.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Ecos da Grande Viagem*, ano VI, nº 62, out. 1965.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Entre Irmãos de Outras Terras*. Por espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1966.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo espírito de André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

5.2. Fontes documentais

5.2.1. Acervo físico

Arquivo Geraldo Leão dos Santos – Pedro Leopoldo/MG
Acervo fotográfico e documental.

Arquivo Pessoal – Belo Horizonte/MG
Anuario Espírita, ano I, nº 1, 1986. Venezuela.
Anuario Espírita, ano V, nº 5, 1990. Venezuela.
Anuario Espírita, ano VI, nº 6, 1991. Venezuela.
Anuario Espírita, ano VII, nº 7, 1992. Venezuela.
Anuario Espírita, ano IX, nº 9, 1994. Venezuela.
Anuario Espírita, ano X, nº 10, 1995. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XI, nº 11, 1996. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XII, nº 12, 1997. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XIII, nº 13, 1998. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XV, nº 15, 2000. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XVI, nº 16, 2001. Venezuela.
Anuario Espírita, ano XVII, nº 17, 2002. Venezuela.
Anuário Espírita, ano XX, nº 20, 1973. Brasil.
Anuário Espírita, ano XI, nº 11, 1974. Brasil.
Anuário Espírita, ano XII, nº 12, 1975. Brasil.
Anuário Espírita, ano XIII, nº 13, 1976. Brasil.
Anuário Espírita, ano XIV, nº 14, 1977. Brasil.
Anuário Espírita, ano XV, nº 15, 1978. Brasil.
Anuário Espírita, ano XVI, nº 16, 1979. Brasil.
Anuário Espírita, ano XVII, nº 17, 1980. Brasil.
Anuário Espírita, ano XVIII, nº 18, 1981. Brasil.
Anuário Espírita, ano XIX, nº 19, 1982. Brasil.
Anuário Espírita, ano XX, nº 20, 1983. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXI, nº 21, 1984. Brasil.

Anuário Espírita, ano XXII, nº 22, 1985. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXIII, nº 23, 1986. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXIV, nº 24, 1987. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXV, nº 25, 1988. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXVI, nº 26, 1989. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXVII, nº 27, 1990. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXVIII, nº 28, 1991. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXVIII, nº 29, 1992. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXX, nº 30, 1993. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXI, nº 31, 1994. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXII, nº 32, 1995. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXIII, nº 33, 1996. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXIV, nº 34, 1997. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXV, nº 35, 1998. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXVI, nº 36, 1999. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXVII, nº 37, 2000. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXVIII, nº 38, 2001. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXIX, nº 39, 2002. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXXI, nº 41, 2004. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXXV, nº 45, 2008. Brasil.
Anuário Espírita, ano XXXXVI, nº 46, 2009. Brasil.

Arquivo Público de Uberaba – Uberaba/MG
Acervo Cartográfico.

Bibliothèque nationale de France (BnF) – Paris/FR
Acervo Fotográfico.
AUBERT, Marcel; LELIÈVRE, Pierre. *Bibliothèque d'art et d'archéologie*. 1945-1947. Paris: Société des amis de la Bibliothéque d'art et d'Archéologie, 1951.
Bulletin de la Société historique d'Auteuil et de Passy, vol. LXVII, tomo VI, nº 9, 1909.
GAUTIER; Théophile. *Honoré de Balzac*. Paris: Poulet-Malassis et de Broise Laibraires-Éditeurs, 1859.
KARDEC, Allan. *Catalogue Raisonné des ouvrages pouvant servir a fonder une bibliothèque spirite*. Paris: Librairie Spirite et des Sciences Psychologiques, 1869.

Paris. *Conseil Municipal. Proposition relative à la fondation d'une Maison de Balzac*. Présentée par M. Léon Riotot Conseiller Municipal. 1921.
ROYAUMONT, Louis Étienne Baudier de. "*Pro Domo" (La Maison de Balzac)*. Histoire et description, catalogue du Musée. Comment a été fondée la Maison de Balzac par Jean-Pierre Barbier. Paris: Eugène Figuière & Cia., 1914.

Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier – Uberaba/MG
Acervo Fotográfico.
Acervo Documental.
Acervo Museológico.
Coleção revista "Anuario Espírita". Caracas/Venezuela. 1986-2002.
Coleção revista "Anuário Espírita". Araras/São Paulo. 1983-1994.

Comunhão Espírita Cristã (CEC) – Uberaba/MG
Acervo Fotográfico.
Livro de Atas Comunhão Espírita Cristã (1959-1985).

Maison du Balzac – Paris/FR
Acervo Fotográfico.
Acervo Documental.

Ministério Público Federal (MPF) – Uberaba/MG
Ação Civil Pública nº 7942-75.2011.4.01.3802.
Inquérito Civil Público nº 1.22.0022.000120/2009-11.
Inquérito Civil Público nº 1.22.000.000724/2017-97.
Procedimento Administrativo nº 1.22.002.000104/2014-95.

Musée Carnavalet – Paris/FR
Acervo Fotográfico.

5.2.2. Acervo virtual

Agência O Globo – Rio de Janeiro/RJ

Coleção jornal “O Globo”. 1925-2023.

Arquivo Público de Uberaba – Uberaba/MG
Coleção jornal “Lavoura e Comércio”. Uberaba/MG. 1899-1943.

Arquivo Público Mineiro (APM) – Belo Horizonte/MG
Cachoeira das Moças no Ribeirão da Mata em Pedro Leopoldo (MG). Casa Bromberg. [1900-1910]. Fotografia NCS-127. Fundo Iconográfico.
MINAS GERAIS, Secretaria da Agricultura. *Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

Biblioteca Nacional (BN) – Rio de Janeiro/RJ
Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial, 87º ano, vol I, 1931.
Coleção jornal “Flan: O Jornal da Semana”. Rio de Janeiro/RJ. 1953-1954.
Coleção revista “A Cigarra”. São Paulo/SP.1917-1975.
Coleção revista “O Cruzeiro”. Rio de Janeiro/RJ. 1928-1985.
Coleção revista “Manchete”. Rio de Janeiro/RJ. 1952-2007.
SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1906.
SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1907.
SENNA, Nelson de. *Annuario de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1913.

Federação Espírita Brasileira (FEB) – Brasília/DF
Coleção revista “Reformador”. Rio de Janeiro/RJ e Brasília/DF. 1883-2021.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Brasília/DF
Coleção Documentos Cartográficos.
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XXVI. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

5.3. Fontes eletrônicas

Agência Brasileira de ISBN – Busca de Publicações: https://www.cblservicos.org.br/isbn/pesquisa/?page=1&q=97865882940 93&filtrar_por%5B0%5D=todos&ord%5B0%5D=relevancia&dir%5B0%5D=asc.

Aqui.PL, Coluna Memória: https://www.aquipl.com.br/category/memoria/.

Associação Internacional Editares: https://editares.org.br/.

Bíblia do Caminho: http://bibliadocaminho.com/.

Blog Escola Jesus Cristo: http://escolajesuscristo1935.blogspot.com/.

Busca Marca Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI): https://busca.inpi.gov.br/pePI/jsp/marcas/Pesquisa_classe_basica.jsp.

Casa de Memórias e Lembranças Chico Xavier: http://chicoxavieruberaba.com.br/.

Centro de Documentação de Obras Raras, da Fundação Espírita André Luiz (CDOR): https://feal.com.br/.

Centro de Documentação Espírita Peixotinho: https://fraternidadepeixotinho.org/memorial-3/.

Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CDPdoc): https://www.cpdocespirita.com.br/portal/.

Centro de Referência da Pecuária Brasileira – Zebu: http://zebu.org.br/.

Congresso Espírita Pan-americano (CEPA): https://www.cepabrasil.org.br/portal/index.php.

Consulta Sepultados, Prefeitura Municipal de Uberaba/MG: http://servico.uberaba.mg.gov.br/cemiterio/cemiterio/sepultados.php.

E-Dicionário de Termos Literários: https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia.

Emissão de Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral - Receita Federal: https://solucoes.receita.fazenda.gov.br/Servicos/cnpjreva/cnpjreva_solicitacao.asp.

Escola Jesus Cristo – Instituição Espírita de Cultura e Caridade: https://www.escolajesuscristo.org.br/.

Espiritualidade e Sociedade: https://www.espiritualidades.com.br/index.htm.

Estações Ferroviárias do Brasil: http://www.estacoesferroviarias.com.br/.

Estante Virtual: https://www.estantevirtual.com.br/.

Genea Minas: https://www.geneaminas.com.br/.

GoogleBooks: https://books.google.com.br/.

Instagram Portal Chico Xavier Oficial: https://www.instagram.com/portalchicoxavieroficial/.

IPatrimônio: http://www.ipatrimonio.org/.

Jorge Rizzini – vida e obras: http://jorge-rizzini.blogspot.com/2010/.

Livraria Traça: https://www.traca.com.br/.

Memorial Chico Xavier: https://www.memorialchicoxavier.com/.

Ministério Público Federal (MPF), Portal do Cidadão: https://apps.mpf.mp.br/aptusmpf/portal.

Museu Allan Kardec (AKOL): https://www.allankardec.online/.

Nepe Search: https://www.nepe.wab.com.br/.

O Consolador, Revista Semanal de Divulgação Espírita: http://www.oconsolador.com.br/.

O Consolador, Vocabulário Espírita: http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/vocabulario/principal.html.

Plataforma Museusbr: http://museus.cultura.gov.br/.

Pedro Leopoldo e sua História: https://www.facebook.com/groups/historiadepedroleopoldo.

Portal de Visualização do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (VARSALIC): http://versalic.cultura.gov.br/#/home.

Projeto Allan Kardec: https://projetokardec.ufjf.br/.

Resgatando as Obras Originais de Chico Xavier: https://obrasoriginais.chicoxavier.ca/ e https://www.facebook.com/ObrasOriginais.ChicoXavier.

Uberaba em Fotos: https://www.facebook.com/421925791229928.

Vade Mecum Espírita: https://www.vademecumespirita.com.br/.

WorldCat: https://worldcat.org/pt.

5.4. Fontes orais

ALVES, Nereu Nice de Sousa. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 23 jul. 2015, mp3.

ASSIS, Neusa Aparecida de (Donda). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 11 out. 2015, mp3.

BORGES JÚNIOR, Henrique Kemper. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 out. 2014, mp3.

BORGES, Silma Alves. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 17 jul. 2015, mp3.

CARVALHO, Celeste Helena. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 7 set. 2015, mp3.

CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 6 set. 2014, mp3.

CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 jul. 2015, mp3.

CHAGAS NETO, Belmiro (Netinho). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 27 jul. 2015, mp3.

DIAS, Maria Elisa. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 12 set. 2014, mp3.

FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 25 out. 2014, mp3.

FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 21 nov. 2015, mp3.

FABIANO, Dinorá Cândida. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 24 nov. 2015, mp3.

FLÁVIO, Sidney Pereira (Antônio). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 23 jun. 2015, mp3.

GONÇALVES, Sérgio Luiz Ferreira. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Pedro Leopoldo/MG, Brasil. 14 ago. 2015, mp3.

MADEIRA, José da Silva (Dr. Madeira). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 23 jul. 2015, mp3.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 4 set. 2015, mp3.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 5 set. 2015, mp3.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 10 out. 2015, mp3.

REIS, Eurípedes Humberto Higino dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 22 nov. 2015, mp3.

RODRIGUES, Célia Diniz. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Pedro Leopoldo/MG, Brasil. 14 ago. 2015, mp3.

SANTOS, Geraldo Leão dos. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Pedro Leopoldo/MG, Brasil. 14 jan. 2016, mp3.

SANTOS, Sonia Maria Barsante. *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 28 set. 2014, mp3.

SOUZA, Abadia da Silva (Dona Abadia). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 27 jul. 2015, mp3.

SOUZA, Abadia da Silva (Dona Abadia). *Entrevista concedida a Luana Carla Martins Campos Akinruli e Samuel Ayobami Akinruli*. Uberaba/MG, Brasil. 11 out. 2015, mp3.

******

6. Apêndice

6.1. Relação dos livros publicados por Chico Xavier (1927-2002)

Nº	Título	Ano Publicação	Editora	Autoria Espiritual	Autoria	Coautoria	Edições	Páginas e Produção
1	Parnaso de Além-Túmulo	1932	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1932 (2.000 exemplares) 2ª ed. 1935 3ª ed. 1938 10ª ed. 1978 (41º ao 45º milheiro) Rev. e aum. 15ª ed. 1994 16ª ed. 2002	10ª ed. 512 p. Capa e aguadas de Cecconi 15ª ed. 510 p. 16ª ed. 462 p.
2	Cartas de uma Morta	1935	LAKE	Maria João de Deus	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1935 2ª ed. 1937 Rev. e aum.	
3	Palavras do Infinito	1936	LAKE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1936 (5.000 exemplares) 6ª ed. 1982	6ª ed. 123 p.
4	Crônicas de Além-Túmulo	1937	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed.1937 12ª ed. 1990 (81º ao 95º milheiro)	12ª ed. 218 p. Capa de Renato Mello
5	Emmanuel	1938	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1937 2ª ed. 1938 4ª ed. [1951]	
6	Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho	1938	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1938 7ª ed. 1965 8ª ed. 1969 9ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 60.000 exemplares 34ª ed. 2013	8ª ed. 188 p. 34ª ed. 206 p.
7	Lira Imortal	1939	LAKE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1938 2ª ed. 1966	
8	A Caminho da Luz	1939	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1939 22ª ed. 1996 (219º ao 243º milheiro)	22ª ed. 218p.
9	Há Dois Mil Anos...	1939	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1939 5ª ed. 1952 Rev. 29ª ed. 1996 (386º ao 410º milheiro)	29ª ed. 441p.
10	Novas Mensagens	1940	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		6ª ed. 1978 10ª ed. 2009 13ª ed. 2011	6ª ed. 160 p. 10ª ed. 160 p. 13ª ed. 160 p.
11	50 Anos Depois	1940	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
12	O Consolador	1941	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
13	Cartas do Evangelho	1941	LAKE	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1983	1ª ed. 144 p.
14	Boa Nova	1941	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1941 10ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 53.000 exemplares	1ª ed. 204 p.
15	Paulo e Estevão	1942	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			

16	Renúncia	1943	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1944	1ª ed. 464 p.
17	Reportagens de Além-Túmulo	1943	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier		
18	Cartilha da Natureza	1944	FEB	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier		
19	Nosso Lar	1944	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 12ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam120.000 exemplares Livro mais vendido	
20	Os Mensageiros	1944	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		
21	Missionários da Luz	1945	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	42ª ed. 2007	42ª ed. 464 p.
22	Coletânea do Além	1945	FEESP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 4ª ed. 1971 (3.000) [...] Até 1971, totalizam 18.000 exemplares	
23	Lázaro Redivivo	1945	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		
24	Obreiros da Vida Eterna	1946	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1946 (5.000 exemplares) 8ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 55.000 exemplares	1ª ed. 306 p.
25	O Caminho Oculto	1947	FEB	Veneranda	Francisco Cândido Xavier		
26	Os Filhos do Grande Rei	1947	FEB	Veneranda	Francisco Cândido Xavier		
27	Mensagem do Pequeno Morto	1947	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier		
28	História de Maricota	1947	FEB	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier		
29	Jardim da Infância	1947	FEB	João de Deus	Francisco Cândido Xavier		
30	Volta Bocage	1947	FEB	Manuel Maria de Barbosa du Bocage	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1947 (5.000 exemplares) 2ª ed. 1968 5ª ed. 1977	5ª ed. 64 p.
31	No Mundo Maior	1947	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		
32	Agenda Cristã	1948	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1948 11ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 116.000 exemplares 13ª ed. 1974	13ª ed. 160 p.

33	Luz Acima	1948	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		
34	Alvorada Cristã	1948	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1948 4ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 35.000 exemplares 7ª ed. 1983	7ª ed. 200 p.
35	Voltei	1949	FEB	Irmão Jacob (Frederico Fígner)	Francisco Cândido Xavier		
36	Caminho, Verdade e Vida	1949	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 319 p.
37	Libertação	1949	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1949 (20.000 exemplares) 5ª ed. 1971 (10.000) [...] Até 1971, totalizam 55.000 exemplares	1ª ed. 263 p.
38	Jesus no Lar	1950	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier		
39	Pão Nosso	1950	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		
40	Nosso Livro	1950	LAKE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. (5.000) 2ª ed. 1971 (20.000) [...] Até 1971, totalizam 25.000 exemplares	
41	Pontos e Contos	1951	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		
42	Falando à Terra	1951	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		
43	Páginas do Coração	1951	LAKE	Irmã Candoca	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. (5.000) 2ª ed. 1971 (5.000) [...] Até 1971, totalizam 10.000 exemplares	
44	Vinha de Luz	1952	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1952 (11.000 exemplares) 2ª ed. 1958 (Do 11º ao 20º milhar)	1ª ed. 372 p. 2ª ed. 372 p.
45	Pérolas do Além	1952	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		
46	Roteiro	1952	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1952 (11.000 exemplares) 2ª ed. 1967? (Do 11º ao 20º milhar) 4ª ed. 1978 7ª ed. 1986	1ª ed. 161 p. 2ª ed. 161 p. 4ª ed. 170 p.
47	Pai Nosso	1952	FEB	Meimei	Francisco Cândido Xavier	28º ed. 2008	28º ed. 104 p.
48	Cartas do Coração	1952	LAKE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		

49	Gotas de Luz	1953	FEB	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1953 (5.000) 2ª ed. (5.000) 3ª ed. 1971 (5.000) [...] Até 1971, totalizam 15.000 exemplares	
50	Ave, Cristo!	1953	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
51	Entre a Terra e o Céu	1954	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		7ª ed. 1980 18ª ed. 2000	7ª ed. 268 p. 18ª ed. 272 p.
52	Palavras de Emmanuel	1954	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
53	Nos Domínios da Mediunidade	1955	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		3ª ed.1964 22ª ed. 1994	22ª ed. 286 p.
54	Instruções Psicofônicas	1955	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1955 6ª ed. 1991	1ª ed. 295 p. 6ª ed. 298 p. (Encad. com espiral)
55	Fonte Viva	1956	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1956 (11.000 exemplares)	1ª ed. 388 p.
56	Ação e Reação	1957	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1957	1ª ed. 267 p.
57	Vozes do Grande Além	1957	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
58	Contos e Apólogos	1958	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier			
59	Pensamento e Vida	1958	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1958 (15.384 exemplares) 2ª ed. 1960	1ª ed. 104 p.
60	Evolução em Dois Mundos	1959	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1959 (20.000 exemplares) 2ª ed. (10.000) 3ª ed. 1971 (15.000) [...] Até 1971, totalizam 45.000 exemplares 4ª ed. 1977 8ª ed. 1985	1ª ed. 219 p. 4ª ed. 222 p. 8ª ed. 222 p.
61	Mecanismos da Mediunidade	1960	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1960 (15.000 exemplares) 10ª ed. 1987 25ª ed. 2006	1ª ed. 175 p. 25ª ed. 200 p.
62	Evangelho em Casa	1959	FEB	Meimei	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1959 3ª ed. 1975 (16° ao 27° milheiro) Rev. e ampl. 14ª ed. 2014	3ª ed. 56 p. Il. col. Capa e ilustr. Cecconi 14ª ed. 78 p.
63	Religião dos Espíritos	1960	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1960	1ª ed. 216 p.
64	A Vida Escreve	1960	FEB	Hilário Silva	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		

65	Almas em Desfile	1961	FEB	Hilário Silva	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
66	Seara dos Médiuns	1961	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
67	Juca Lambisca	1961	FEB	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
68	O Espírito da Verdade	1962	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
69	Justiça Divina	1962	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1962 (15.000 exemplares)	1ª ed. 178 p.
70	Cartilha do Bem	1962	FEB	Meimei	Francisco Cândido Xavier			
71	Relicário de Luz	1962	GEF FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
72	Timbolão	1962	FEB	Casimiro Cunha	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
73	Antologia dos Imortais	1963	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
74	Ideal Espírita	1963	CEC FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
75	Leis de Amor	1963	FEESP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
76	Opinião Espírita	1963	FEB CEC	Emmanuel André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
77	Sexo e Destino	1963	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1963 15ª ed. 1991	15ª ed. 362 p.
78	Desobsessão	1964	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1964 (10.000 exemplares)	1ª ed. 157 p. il. p&b (Fotos de Maria A. P. Gonçalves. Cpaa Jô)
79	Contos Desta e Doutra Vida	1964	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1964	1ª ed. 194 p.
80	Livro da Esperança	1964	FEB CEC	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1964 17ª ed. 2002	17ª ed. 240 p.
81	Dicionário da Alma	1964	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1964 5ª ed. 2004	5ª ed. 408 p.
82	Trovadores do Além	1964	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1964 3ª ed. 1983 (11º ao 20º milheiro)	3ª ed. 160 p. Capa de Cecconi / Prefácio de Elias Barbosa (1964)
83	Palavras de Vida Eterna	1964	CEC FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
84	Estude e Viva	1965	FEB	Emmanuel André Luiz	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	1ª ed. 1965 (10.000 exemplares)	1ª ed. 173 p.

85	O Espírito de Cornélio Pires	1966	FEB	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira	2ª ed. 1974 (6º ao 15º milheiro) 4ª ed. 2002	2ª ed. 76 p. Capa de Cecconi e Retrato por Messias / Apresentação de Elias Barbosa (1965) 4ª ed. 80 p.
86	Entre Irmãos de Outras Terras	1966	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Waldo Vieira		
87	Cartas e Crônicas	1966	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		2002	2002 184p.
88	Antologia Mediúnica do Natal	1967	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
89	Caminho Espírita	1967	CEC	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
90	Encontro Marcado	1967	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		2008	2008 232 p.
91	No Portal da Luz	1967	CEC	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1967 (15.000 exemplares) 2ª ed. 1972 (10.000 exemplares) 3ª ed. 1986	2ª ed. 96 p. Capa de Jo 3ª ed. 104 p.
92	No Mundo de Chico Xavier	1967	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa	1ª ed. 1967 2ª ed. 1975 5ª ed. 1983 1986	
93	Trovas do Outro Mundo	1968	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1968	1ª ed. 136 p.
94	E a Vida Continua...	1968	FEB	André Luiz	Francisco Cândido Xavier			
95	Luz no Lar	1968	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
96	À Luz da Oração	1969	CLARIM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1969 5ª ed. 1993	5ª ed. 198 p.
97	Orvalho de Luz	1969	CEC FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
98	Passos da Vida	1969	CEC	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
99	Estante da Vida	1969	FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1969 9ª ed. 2005	9ª ed. 184 p.
100	Alma e Coração	1969	PENS	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1988 33ª ed. 2016	1988 132 p. 33ª ed. 132 p.
101	Poetas Redivivos	1969	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		4ª ed. 2007	4ª ed. 162 p.
102	Idéias e Ilustrações	1970	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			

103	Paz e Renovação	1970	CEC IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1970 4ª ed. 1979 (1970-1979 CEC) 6ª ed. 1989 (34º ao 36º milheiro)	4ª ed. 158 p. 6ª ed. 142 p. Capa de Jô
104	Vida e Sexo	1970	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1970 (15.000) 2ª ed. 1971 (20.000) [...] Até 1971, totalizam 35.000 exemplares	
105	Mais Luz	1970	GEEM	Batuíra	Francisco Cândido Xavier			
106	Correio Fraterno	1970	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1970 (10.000) 5ª ed. 1998 (31º ao 40º milheiro)	1ª ed. 136 p. 5ª ed. 144 p. Capa de Cecconi
107	Trovas do Mais Além	1971	CEC	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (5.000)	1ª ed. 120 p.
108	Benção de Paz	1971	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (10.000)	1ª ed. 148 p.
109	Mãe - Antologia Mediúnica	1971	CLARIM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (10.000) 1974 5ª ed. 1987	1ª ed. 224 p. 1974 230 p. 5ª ed. 230 p.
110	Antologia da Espiritualidade	1971	FEB	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (5.000)	1ª ed. 116 p.
111	Rumo Certo	1971	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (15.000) 3ª ed. 1982	1ª ed. 210 p. 3ª ed. 212 p.
112	Pinga Fogo com Chico Xavier	1971	EDICEL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
113	Coragem	1971	CEC FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (15.000) 8ª ed. 1983 (CEC)	1ª ed. 152 p. 8ª ed. 156 p.
114	Sinal Verde	1971	CEC FEB Petit	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1971 (10.000) 16ª ed. 1985 43ª ed. 1997 (CEC) 2004 (Petit)	1ª ed. 114 p. 16ª ed. 118 p. 43ª ed. 120 p. 2004 152 p.
115	Entrevistas	1972	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		6ª ed. 1987	6ª ed. 158 p.
116	Chico Xavier - Dos Hippies aos Problemas do Mundo	1972	FEESP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
117	Através do Tempo	1972	LAKE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982 2ª ed. 1983	1ª ed. 2ª ed. 136 p.
118	Mãos Unidas	1972	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1972 (8.000) 2ª ed. 1973 (7.000) 3ª ed. 1974 (5.000) 4ª ed. 1976 (10.000)	3ª ed. 160 p. 4ª ed. 158 p. Capa Cláudio de Oliveira Santos
119	Taça de Luz	1972	LAKE FEESP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		4ª ed. 1990	4ª ed. 144 p.
120	Chico Xavier Pede Licença	1972	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	José Herculano Pires	1980	1980 176 p. Inclui bibliografia de Chico Xavier.

121	Mãos Marcadas	1972	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		17ª ed. 1998 (86º ao 87º milheiro)	17ª ed. 152 p. il. p&b Ilustrações de Messias Mello / Capa de Jô / Fotografia de Spinosa
122	Ceifa de Luz	1980	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. (Do 1º ao 10º milheiro) 3ª ed. 1989 5ª ed. 1998	1ª ed. 213 p. 3ª ed. 216 p. 5ª ed. 216 p.
123	Natal de Sabina	1973	GEEM	Francisca Clotilde	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1973 (10.000 exemplares)	1ª ed. Capa e Diagramação Laerte Agnelli. Arte e Produção Rubens Silvio Germinhasi. Prefácio de Meimei (1973)
124	Escrínio de Luz	1973	CLARIM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
125	Segue-me!...	1973	CLARIM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		14ª ed. 2012	14ª ed. 208 p.
126	Encontro de Paz	1973	CEC	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
127	Na Era do Espírito	1973	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	José Herculano Pires		
128	Rosas com Amor	1973	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1973 2ª ed. 1974 12ª ed. 1986 16ª ed. 1992	2ª ed. 160 p. 12ª ed. 160 p. 16ª ed. 160 p.
129	Bezerra, Chico e Você	1973	GEEM	Bezerra de Menezes	Francisco Cândido Xavier			
130	Entre Duas Vidas	1974	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa		
131	Retratos da Vida	1974	FEB	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1974 2ª ed. 1986	2ª ed. 144 p.
132	Calendário Espírita	1974	CEC FEESP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
133	Instrumentos do Tempo	1974	CEC	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed.1974	1ª ed. 170 p.
134	Astronautas do Além	1974	FEB	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	José Herculano Pires		
135	Diálogo dos Vivos	1974	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	José Herculano Pires		
136	Respostas da Vida	1975	GEEM	André Luiz	Francisco Cândido Xavier			
137	Jovens no Além	1975	FEESP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1975 22ª ed. 1989 Vendeu mais de 50 mil exemplares, best-sellers dos livros de "cartas"	1ª ed. 224 p.

138	Conversa Firme	1975	CEC GEEM	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1975 (10.000)CEC 2ª ed. 1985	1ª ed. 1975 168 p. il. Texto e diagramação Vivaldo Cunha Borges. Capa Messias 2ª ed. 144 p.
139	A Terra e o Semeador	1975	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
140	Chão de Flores	1975	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1975 4ª ed. 1986	4ª ed. 150p.
141	Caminhos de Volta	1975	CEC GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1980 GEEM 7ª ed. 1984 (35.000 exemplares)	7ª ed. 128 p. Capa e diagramação Gessé
142	O Esperanto como Revelação	1976	IDE	Francisco Valdomiro Lorenz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985 (10.000 exemplres) 2ª ed. 1985 (3.000 exemplares)	2ª ed. Capa Cláudio de oliveira Santos / Arte Rubens Sílvio Germinhasi. Prefácio de Elias Barbosa
143	Busca e Acharás	1976	IDEAL	Emmanuel / André Luiz	Francisco Cândido Xavier			
144	Amanhece	1976	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1976 5ª ed. 1976	5ª ed. 140 p.
145	Recanto de Paz	1976	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
146	Deus Sempre	1976	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
147	Somos Seis	1976	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1976 2ª ed. 1976 12ª ed. 1982 15ª ed. 1989 16ª ed. 1993 17ª ed. 1996 (115.000 exemplares)	1ª ed. 2ª ed. 242 p. 12ª ed. 242 p. 15ª ed. 242 p. 16ª ed. 200 p. 17ª ed. 200 p. Capa e Diagramação Décio Ambrósio
148	Tintino... O Espetáculo Continua	1976	FMG	Francisca Clotilde	Francisco Cândido Xavier			
149	Crianças no Além	1976	GEEM	Marcos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1976 5ª ed. 1977	5ª ed. 80 p. Capa e ilustrações Henrique S. Martin. Texto e diagramação Vivaldo Cunha Borges. Direção de Arte Gessé Alves Pereira
150	Baú de Casos	1977	GEEM	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1977 4ª ed. 1993 (13º ao 18º milheiro)	1ª ed. 158p. Texto e diagramação de Vivaldo Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi 4ª ed. 158p.
151	Amizade	1977	IDE	Meimei	Francisco Cândido Xavier			

152	Companheiro	1977	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1977 6ª ed. 1980 15ª ed. 1985	6ª ed. 144 p. 15ª ed. 144 p.
153	Maria Dolores	1977	IDEAL	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			
154	Auta de Souza	1977	IDEAL	Auta de Souza	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1976 (3.000 exemplares) 2ª ed. 1980 (4º ao 19º milheiro) Rev. e ampl. 10ª ed. 2004	2 ed. 128 p. Capa e arte Cláudio de Oliveira Santos. Prefácio Clóvis Tavares e pesquisas de Stig Roland Ibsen
155	Momentos de Ouro	1977	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1977	1ª ed. 142 p.
156	Amor e Luz	1977	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
157	Coisas Deste Mundo	1977	CLARIM	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
158	Chico Xavier em Goiânia	1977	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1977	1ª ed. 110p.
159	Luz Bendita	1977	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1992 (15º ao 20º milheiro)	1992 248p.
160	Amor sem Adeus	1978	IDE	Walter Perrone	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes	1ª ed. 1978 (20.000 exemplares)	1ª ed. 1978 Texto e diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Ilustrações Cláudio de Oliveira Santos
161	Recados do Além	1978	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
162	Enxugando Lágrimas	1978	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978 6ª ed. 1983	6ª ed. 192 p.
163	Coração e Vida	1978	IDEAL	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			
164	Assim Vencerás	1978	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978 8ª ed. 2010	8ª ed. 85 p.
165	Caridade	1978	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978 4ª ed. 1983 (34º ao 38º milheiro)	4ª ed. 152 p. Texto e diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Montagem Wanderley Tadeu Martines. Capa e Ilustrações Cláudio de Oliveira Santos

166	Falou e Disse	1978	GEEM	Augusto Cezar Netto	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978	1ª ed. 136 p. il. col. Ilustração de Capa e Direção de Arte Décio Ambrósio. Produção Waldir Cassio Lucas. Colaboração especial Vivaldo da Cunha Borges. Apresentação de Caio Ramacciotti
167	Inspiração	1978	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
168	Tempo de Luz	1978	Fundação Marieta Gaio	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978	1ª ed. 110p. Il. cor Texto e diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi. Ilustrações Marcos Eduardo Alves.
169	Somente Amor	1978	IDEAL	Maria Dolores / Meimei	Francisco Cândido Xavier			
170	Calma	1978	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1978 2ª ed. 1979 8ª ed. 1987 10ª ed. 1991	2ª ed. 98p. 8ª ed. 98 p. 10ª ed. 96 p. il. Capa de Gessé Alves Pereira
171	Na Hora do Testemunho	1978	PAIDÉIA	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	José Herculano Pires		
172	Sinais de Rumo	1979	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1979	1ª ed. 100 p.
173	Encontros no Tempo	1979	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes		
174	Amigo	1979	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
175	Marcas do Caminho	1979	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1979 1994 (15º ao 20º milheiro)	1994 136 p. Texto e Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi
176	Claramente Vivos	1979	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1979 3ª ed. 1982 8ª ed. 1998	3ª ed. 160 p. 8ª ed. 158 p.
177	Antologia da Criança	1979	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1979 3ª ed. 1992 (20º ao 25º milheiro)	3ª ed. 136 p. ft. Texto e diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi

178	Janela para a Vida	1979	FERGS Metrópole	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Fernando Worm	1ª ed. 1979	1ª ed. 112 p. Capa Ruben Herrmann. Apresentação Fernando Worm
179	Urgência	1979	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1980	1980 131 p.
180	Gaveta de Esperança	1979	IDE	Laurinho	Francisco Cândido Xavier	Priscilla Pereira da Silva Basile		
181	Vida em Vida	1980	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1980 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Texto e Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens S. Germinhasi
182	Livro de Respostas	1980	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
183	Algo Mais	1980	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
184	Irmã Vera Cruz	1980	IDE	Vera Cruz	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa	1ª ed. 1980 2ª ed. 1980 (16º ao 25º milheiro)	2ª ed. 152 p. il. p&b Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Arte Cláudio de Oliveira Santos. Introdução de Elias Barbosa (1980)
185	Irmão	1980	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1980 3ª ed. 1985 (20º ao 25º milheiro)	3ª ed. 112p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens S. Germinhasi. Ilustrações Marcos Eduardo Alves.
186	Deus Aguarda	1980	GEEM	Meimei	Francisco Cândido Xavier			
187	A Vida Conta	1980	CEU	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			
188	Momentos de Paz	1980	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
189	Vida no Além	1980	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti		
190	Rumos da Vida	1980	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Joaquim Alves (Jô). Ilustração Messias.
191	Pronto Socorro	1980	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1980 3ª ed. 1981	1ª ed. 96 p. 3ª ed. 96 p.
192	Caminhos	1980	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			

193	Notícias do Além	1980	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Eurícides Formiga	1ª ed. 1980 (15.000 exemplares)	1ª ed. 112p. Capa e ilustrações Cláudio de Oliveira Santos. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges.
194	Viajores da Luz	1981	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1981 (15.000 exemplares)	1ª ed. 150 p. Capa e Diagramação Décio D. Andrade. Participação Especial Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo. Apresentação Caio Ramacciotti
195	Feliz Regresso	1981	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 3ª ed. 1996 (20º ao 25º milheiro)	1 ed. 128 p. 3ª ed. 128 p. ft. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens S. Germinhasi.
196	Eles Voltaram	1981	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 8ª ed. 1995 (53º 58º milheiro)	8ª ed. il. p&b Capa Cláudio de Oliveira Santos. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
197	Augusto Vive	1981	GEEM	Augusto Cezar Netto	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 (30.000 exemplares)	1ª ed. 112 p. Capa e ilustração Gessé Alves Pereira. Participação Especial Vivaldo da Cunha Borges. Produção Gráfica Walter Mittelstaedt
198	Família	1981	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
199	Aulas da Vida	1981	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
200	Linha Duzentos	1981	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
201	Atenção	1981	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 3ª ed. 1982	3ª ed. 128 p.
202	Paz e Alegria	1981	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
203	Vivendo Sempre	1981	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1981 (1º ao 15º milheiro)	1ª ed. 128 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens S. Germinhasi
204	Intervalos	1981	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
205	Seara de Fé	1981	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
206	Nascer e Renascer	1982	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982	1ª ed. 112 p.

207	Sentinelas da Alma	1982	IDEAL	Meimei	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982 3ª ed. 2011 (17.000 a 18.500 exemplares)	3ª ed. 64 p.
208	Quem São	1982	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa		
209	Mais Vida	1982	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Eurícides Formiga		
210	Filhos Voltando	1982	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti		
211	Reencontros	1982	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes		
212	Praça da Amizade	1982	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982	1ª ed. 116 p.
213	Material de Construção	1982	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982	1ª ed. sem paginação. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi. Ilustrações Marcos Eduardo Alves
214	Palavras do Coração	1982	CEU	Meimei	Francisco Cândido Xavier			
215	Adeus Solidão	1982	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti		
216	Lealdade	1982	IDE	Maurício Garcez Henrique	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes		
217	Gabriel	1982	IDE	Gabriel	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa		
218	Seguindo Juntos	1982	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982 2ª ed. 1983	2ª ed. 128 p.
219	Entes Queridos	1982	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1982	1ª ed. 144 p. Capa e programação visual Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Apresentação Caio Ramacciotti
220	Endereços de Paz	1982	CEU	André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1982 (20.000 exemplares)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Joaquim Alves (Jô) e Orlando Fiaminghi
221	Educandário de Luz	1982	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1984	1984 44p.

222	Venceram	1982	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1982 2ª ed.1983	2ª ed. 136 p. Capa e programação visual Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo. Apresentação de Caio Ramacciotti
223	Estamos no Além	1983	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes		
224	Paciência	1983	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
225	Diário de Bençãos	1983	IDEAL	Cristiane Rodrigues de Moraes	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1983 (1º ao 20º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi.
226	Recados da Vida	1983	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986	1ª ed.112p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo
227	Ninguém Morre	1983	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa		
228	Mais Perto	1983	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
229	Mensagens que Confortam	1983	GEEM	Ricardo Tadeu	Francisco Cândido Xavier			
230	Antenas de Luz	1983	IDE	Laurinho	Francisco Cândido Xavier	Priscilla Pereira da Silva Basile		
231	E o Amor Continua	1983	LEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Divaldo Pereira Franco	1998	1998 104 p.
232	Caminhos do Amor	1983	CEU	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			
233	Os Dois Maiores Amores	1983	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1983 2ª ed. 1983 (25.000 exemplares)	2ª ed. 120 p. Papel couchet il. cor Capa e Programação Visual Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo
234	Humorismo no Além	1983	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1989	1989 120p.

235	Correio do Além	1983	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1983 (10.000 exemplares) 4ª ed. 2019 (?) 5ª ed. 1998	1ª ed. 120 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção João Santoro, Orlando Fiaminghi. Coordenação e revisão Beatriz Lourenço Peixoto Glaves 2019 208 p. 5ª ed. 144 p.
236	Cidade no Além	1983	IDE	André Luiz / Lucius	Francisco Cândido Xavier	Heigorina Cunha	1ª ed. 1983 12ª ed. 1989 (124º ao 128º milheiro)	1ª ed. 80 p. 12ª ed. il. cor A3 da Cidade do Além chamada "Nosso Lar". Organização Salvador Gentile. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos.
237	Paz	1983	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
238	Vida Nossa Vida	1983	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1983	1ª ed. 110 p.Capa e Programação Visual Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo.
239	Quando se Pretende Falar da Vida	1983	GEEM	Roberto Muszkat	Francisco Cândido Xavier	David Muszkat	1ª ed. 1983 3ª ed. 1993 (20.000 exemplares) 6ª ed. 2009	3ª ed. 122 p. Capa David Muszkat. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Apresentação Caio Rammacciotti. Notas de rodapé: David Muszkat e Caio Ramaccíontti. 6ª ed. 152 p.
240	Entender Conversando	1983	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		3ª ed. 1984	3ª ed. 152 p.
241	Tocando o Barco	1984	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
242	Tempo e Amor	1984	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Clóvis Tavares	1ª ed. 1984 (20.000 exemplares) 2ª ed. 1987	1ª ed. 112 p. il. p&b Diagramação de Vivaldo da Cunha Borges. Capa de Cláudio Oliveira Santos 2ª ed. 110 p.
243	Convivência	1984	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
244	Agora é o Tempo	1984	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			

245	Alma e Vida	1984	CEU	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier			
246	Confia e Segue	1984	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
247	Sorrir e Pensar	1984	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
248	Retornaram Contando	1984	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes	1ª ed. 1984 5ª ed. 1991 (34º ao 36º milheiro)	1ª ed. 144 p. 5ª ed. 146 p. il. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos.
249	Hoje	1984	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
250	Presença de Luz	1984	GEEM	Augusto Cezar Netto	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1984	1ª ed. 94 p.
251	Novamente em Casa	1984	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Caio Ramacciotti	1ª ed. 1984	1ª ed. 132 p. Capa e Programação Visual Gessé Alves Pereira. Produção Ademir de Carlo. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges.
252	Horas de Luz	1984	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa	1ª ed. 1984 1998	1ª ed. 142 p. 1998 144 p.
253	Fé	1984	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli	1ª ed. 1984	1ª ed. 76 p.
254	Bastão de Arrimo	1984	UEM	William	Francisco Cândido Xavier			
255	Loja de Alegria	1985	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985	1ª ed. 94 p. Capa Gesse Alves Pereira. Produção Ademir de Carlo. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Foto capa Nelson Murar Janizelle. Produção Foto: Lilian Sprencher.
256	Esperança e Vida	1985	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
257	Tão Fácil	1985	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
258	Viajor	1985	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985	1ª ed. 96 p.
259	Espera Servindo	1985	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			

260	Jóia	1985	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985 (20.000 exemplares)	1ª ed. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Produção e Capa João Santoro. Past-Up Orlando Fiamenghi. Foto da Capa Dercílio. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
261	Neste Instante	1985	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985	1ª ed. 80 p.
262	Bazar da Vida	1985	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985	1ª ed. 88p. Capa e Programação Visual Gessé Alves Pereira. Produção Ademir de Carlo. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges.
263	Monte Acima	1985	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1985	1ª ed. 86 p.
264	Amor e Saudade	1985	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1985 2ª ed. 1995 (21º ao 25º milheiro)	2ª ed. 136p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi.
265	Viajaram Mais Cedo	1985	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
266	Caravana de Amor	1985	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes	1ª ed. 1985 2ª ed. 1986	2ª ed. 130 p.
267	Festa de Paz	1985	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986 (20.000 exemplares)	1ª ed. 110p. Capa Gessé Alves Pereira. Produção Walter Mittelstaedt. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
268	Juntos Venceremos	1985	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
269	Nós	1985	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
270	Agência de Notícias	1985	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986	1ª ed. 92 p. Capa Gessé Alves Pereira. Produção Walter Mittellstaedt. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
271	Crer e Agir	1985	IDEAL	Emmanuel / Irmão José	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
272	Luz e Vida	1985	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
273	Mediunidade e Sintonia	1986	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
274	Dinheiro	1986	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			

275	Reconforto	1986	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo
276	O Essencial	1986	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
277	Ponto de Encontro	1986	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier			
278	Apelos Cristãos	1986	UEM	Bezerra de Menezes	Francisco Cândido Xavier			
279	Abrigo	1986	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986 (30.000 exemplares)	1ª ed. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Ilustrações Cláudia de Oliveira Santos
280	Resgate e Amor	1986	GEEM	Hélio Ossamu Daikuara (Tiamo ou Tiaminho)	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986	1ª ed. 96 p. Capa Jarbas J. Souza. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Direção de Arte Lincoln B. Costa. Arte Final João Pereira dos Santos.
281	Canais da Vida	1986	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1986 (20.000 exemplares)	1ª ed. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Produção e Capa João Santoro. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Foto da Capa Eduardo Pozella. Produção da foto Maurício Nahas
282	Estrelas no Chão	1986	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed.1987	1ª ed. 112p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Foto da capa Forster Brehm. Produção Ademir de Carlo
283	Jesus em Nós	1986	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
284	Sementes de Luz	1986	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli	1ª ed. 1986 (5.000 exemplares)	1ª ed. 96 p.Capa e produção Rubens Silvio Germinhasi. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Páginas números pares de Chico e números ímpares Baccelli
285	Hora Certa	1986	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
286	Apostilas da Vida	1986	IDE	André Luiz	Francisco Cândido Xavier			

287	Intercâmbio do Bem	1987	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1987	1ª ed. 128 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Ademir de Carlo
288	Vozes da Outra Margem	1987	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes		
289	Estradas e Destinos	1987	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
290	Tende Bom Ânimo	1987	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
291	Esperança e Alegria	1987	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1987 (10.000 exemplares)	1ª ed. 128 p. Coordenação e Revisão Beatriz L. P. Galves. Produção e Capa João Santoro. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
292	Temas da Vida	1987	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. (20.000 exemplares)	1ª ed. 80 p. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Produção e Capa: João Santoro. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Foto da Capa Eduardo Pozzela
293	Doutrina e Vida	1987	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
294	Trevo de Idéias	1987	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
295	Visão Nova	1987	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
296	Vitória	1987	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa	1ª ed. 1987 3ª ed. 1996 (20º ao 22º milheiro)	3ª ed. 206 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos. Livro em papel bíblia
297	Escultores de Almas	1987	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1987 (20.000 exemplares)	1ª ed. 88 p. il. p&b Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Produção e Capa: João Santoro. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Foto da Capa Eduardo Pozzela
298	Ação e Caminho	1987	IDEAL	Emmanuel André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1987	1ª ed. 80 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi. Contém cronologia das obras

299	Palco Iluminado	1987	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1987	1ª ed. 72 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittelstaedt. Revisão Mário Augusto R. Vilela. Ilustração da capa Nemésio Marcos Gonçalves
300	Cura	1987	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
301	Fonte de Paz	1987	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
302	Brilhe Vossa Luz	1987	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
303	Roseiral de Luz	1987	UEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
304	Plantão da Paz	1988	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1988	1ª ed. 100 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittelstaedt. Revisão Mário Augusto R. Vilela. Ilustração da capa Nemésio Marcos Gonçalves
305	Palavras da Coragem	1988	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli	1ª ed. 1988	72 p.
306	Vida Além da Vida	1988	CEU	Lineu de Paula Leão Jr.	Francisco Cândido Xavier			
307	Alvorada do Reino	1988	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1988 (10.000 exemplares)	1ª ed. 106 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi
308	Páginas de Fé	1988	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli	1ª ed. 1988 (10.000 exemplares)	1ª ed. 88 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi. Mensagens pares Chico Xavier e mensgaens ímpares Baccelli
309	Relatos da Vida	1988	CEU FEB	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1988 CEU (20.000 exemplares) 1ª ed. 2019 FEB	1ª ed. 1988 144 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Foto da Capa Eduardo Possela. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves 1ª ed. 2019 92 p.

310	Assembléia de Luz	1988	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1988	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittelstaedt. Revisão Mário Augusto Rodrigues Vilela. Ilustração da capa Nemésio Marcos Gonçalves
311	Gratidão e Paz	1988	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes	1ª ed. (15.000 exemplares)	1ª ed. 1988 200 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos
312	Aceitação e Vida	1988	UEM	Margarida Soares	Francisco Cândido Xavier		1991	1991 96 p.
313	Lar - Oficina, Esperança e Trabalho	1988	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
314	Irmãos Unidos	1988	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittelstaedt.
315	Comandos do Amor	1988	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
316	Uma Vida de Amor e Caridade	1988	FV	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Izabel Bueno		
317	Construção do Amor	1988	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
318	Fotos da Vida	1989	GEEM	Augusto Cezar Netto	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 100 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Foto da capa Miguel Uchôa
319	Escola no Além	1988	IDEAL	Cláudia Pinheiro Galasse	Francisco Cândido Xavier			
320	Corações Renovados	1989	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989 (1º ao 10º milheiro) Ed. Rev.	1ª ed. 128 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi
321	Fé, Paz e Amor	1989	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Ilustração da capa Nemésio Marcos Gonçalves

322	Doutrina e Aplicação	1989	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
323	Confia e Serve	1989	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Carlos Antônio Baccelli		
324	Indulgência	1989	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 102 p.
325	Semeador em Tempos Novos	1989	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
326	Rapidinho	1989	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 72 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Ilustração da capa Nemésio Marcos Gonçalves
327	Refúgio	1989	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1989	1ª ed. 86 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi
328	Histórias e Anotações	1989	CEU	Irmão X (Humberto de Campos)	Francisco Cândido Xavier			
329	Servidores no Além	1989	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
330	A Semente de Mostarda	1989	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
331	Doutrina de Luz	1989	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
332	Sentinelas da Luz	1990	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
333	Porto de Alegria	1990	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Hércio Marcos Cintra Arantes	1ª ed. 1990 (10.000 exemplares)	1ª ed. 192 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Ilustrações Cláudio de Oliveira Santos
334	Trilha de Luz	1990	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990 (10.000 exemplares) 2ª ed. 2009	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Ilustrações Cláudio de Oliveira Santos 2ª ed. 160 p.
335	Pétalas da Primavera	1990	UEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			

336	Perante Jesus	1990	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi.
337	Excursão de Paz	1990	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990 (20.000 exemplares)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Foto da Capa Studio A - Dercilio. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves
338	A Verdade Responde	1990	IDE	Emmanuel André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges
339	Harmonização	1990	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Ilustração da capa Bilau
340	Vereda de Luz	1990	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
341	Alma e Luz	1990	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990	1ª ed. 96 p.
342	Moradias de Luz	1990	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990 (20.000 exemplares)	1ª ed. 88 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves
343	Dádivas de Amor	1990	IDEAL	Maria Dolores	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1990 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 72 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi.
344	Ante o Futuro	1990	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1990 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi.
345	Continuidade	1990	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1990 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi.
346	Ação, Vida e Luz	1990	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
347	Queda e Ascensão da Casa dos Benefícios	1990	GER	Bezerra de Menezes	Francisco Cândido Xavier			

348	Assuntos da Vida e da Morte	1991	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Paulo de Tarso Ramacciotti	1ª ed. 1990	1ª ed. 160 p. Revisão Caio Ramacciotti. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Foto da capa Norberto Isnengui.
349	Carmelo Grisi, Ele Mesmo	1991	GEEM	Carmelo Grisi	Francisco Cândido Xavier	Gerson Sestini		1ª ed. 136 p. Revisão Caio Ramacciotti. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt. Foto da capa Norberto Isnengui.
350	Fulgor no Entardecer	1991	UEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1991 (3.000 exemplares)	1ª ed. 86 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa com montagem de Luiz Augusto da Costa sobre tela a óleo de Eliana da Cunha Borges Lemos
351	Novo Mundo	1991	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção Rubens Silvio Germinhasi.
352	Pérolas de Luz	1992	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
353	Estamos Vivos	1993	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Elias Barbosa	1ª ed. 1993 (8.000 exemplares)	1ª ed. 128 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos
354	Levantar e Seguir	1992	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
355	Tempo e Nós	1992	IDEAL	Emmanuel / André Luiz	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1992	1ª ed. 88 p. ft. il. Cor. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
356	Revelação	1992	GEEM	Jair Presente	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1992	1ª ed. 88 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
357	Mentores e Seareiros	1992	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1992	1ª ed. 80 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.

358	Luz no Caminho	1992	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
359	Migalha	1992	UEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
360	Centelhas	1992	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
361	Tesouro de Alegria	1992	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
362	Bençãos de Amor	1992	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993 (20.000 exemplares)	1ª ed. 84 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves
363	O Ligeirinho	1992	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
364	Semente	1992	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
365	Gotas de Paz	1992	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
366	Momento	1992	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
367	Preito de Amor	1993	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
368	Compaixão	1993	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
369	Abençoa Sempre	1993	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
370	Viveremos Sempre	1993	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1993 (1º ao 10º milheiro)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
371	Esperança e Luz	1993	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993 (10.000 exemplares)	1ª ed. 95 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Foto da capa Dercilio
372	As Palavras Cantam	1993	CEU	Carlos Augusto	Francisco Cândido Xavier			

373	Pássaros Humanos	1993	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993	1ª ed. 72 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
374	A Volta	1993	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1993 (10.000 exemplares)	1ª ed. 103 p. il. p&b Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa Cláudio de Oliveira Santos
375	Renascimento Espiritual	1993	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1993	1ª ed. 112 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
376	União em Jesus	1993	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
377	Dádivas Espirituais	1993	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
378	Pingo de Luz	1994	IDEAL	Carlos Augusto	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1994	1ª ed. 40 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
379	Vida e Caminho	1994	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1994	1ª ed. 112 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
380	Antologia da Paz	1994	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1994	1ª ed. 42 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
381	Antologia da Esperança	1994	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
382	Antologia da Caridade	1994	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
383	Indicações do Caminho	1994	GEEM	Carlos Augusto	Francisco Cândido Xavier			
384	Plantão de Respostas - Pinga Fogo II	1994	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
385	Notas do Mais Além	1994	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1994 (10.000 exemplares)	1ª ed. 48 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e ilustrações Cláudio de Oliveira Santos
386	Recados da Vida Maior	1994	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			

387	Elenco de Familiares	1994	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1994	1ª ed. 48 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
388	Antologia da Juventude	1995	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		1ª ed. 1995	1ª ed. 40 p. Capa Gessé Alves Pereira. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Produção Walter Mittestaedt
389	Anotações da Mediunidade	1995	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
390	Palavras de Chico Xavier	1995	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		11ª ed. 2005	11ª ed. 94 p.
391	Sínteses Doutrinárias	1995	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
392	Antologia da Amizade	1995	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier			
393	Doutrina - Escola	1995	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
394	Saudação do Natal	1995	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
395	Alma do Povo	1995	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
396	Novos Horizontes	1996	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	Rubens Silvio Germinhasi	1ª ed. 1996 (5.000 exemplares)	1ª ed. 112 p. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.
397	Paz e Amor	1996	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
398	Antologia do Caminho	1996	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
399	Paz e Libertação	1996	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier			
400	Degraus da Vida	1996	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
401	Toques da Vida	1996	IDEAL	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
402	Pedaços da Vida	1996	IDEAL	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
403	Oferta de Amigo	1996	IDE	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
404	Caminhos da Vida	1996	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			
405	Pétalas da Vida	1996	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier			

406	Trovas do Coração	1996	IDE	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		
407	Caminhos da Fé	1997	IDEAL	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		
408	Senda para Deus	1997	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1997 (5.000 exemplares)	1ª ed. 96 p. Diagramação Vivaldo da C. Borges. Capa e Produção João Santoro. Revisão Beatriz L. Peixoto Galves. Prefácio de Beatriz Peixoto Galves (1997)
409	Caminho Iluminado	1997	CEU	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier		
410	Escada de Luz	1997	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		
411	Trovas da Vida	1998	CEU	Cornélio Pires	Francisco Cândido Xavier		
412	Viagem Sem Adeus	1999	IDEAL	Cláudio Rogério A. Nascimento	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 1999 (2.000 exemplares)	1ª ed. 72 p. Este livro é uma iniciativa particular com os direitos autorais reservados para a instituição Casa da Prce e Caridade Cláudio Rogério A. Nascimento Sarapuí - SP
413	Agenda de Luz	1999	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		
414	Canteiro de Idéias	1999	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		
415	Perdão e Vida	1999	CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier		
416	Amor e Verdade	2001	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier	1ª ed. 2001	1ª ed. 112 p. Compilação Vivaldo da Cunha Borges. Diagramação Vivaldo da Cunha Borges. Capa e Produção: Rubens Silvio Germinhasi.

6.2. Relação dos livros *post-mortem* de Chico Xavier (2002-2023)

N	Título	Ano Publicação	Editora	Autoria Espiritual	Autoria
417	A vida fala I	1973	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
418	A vida fala II	1973	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
419	A vida fala III	1973	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
420	Mensagens de luz	1978	Interagil	Andre Luiz	Francisco Cândido Xavier
421	Presença de Laurinho	1983	IDE	Laurinho	Francisco Cândido Xavier
422	A Ponte	1983	FERGS	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
423	Momentos de encontro	1984	CEU	Rosângela	Francisco Cândido Xavier
424	Flores de outono	1984	LAKE	Jesus Gonçalves	Francisco Cândido Xavier
425	Educandario de luz	1985	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
426	Chico Xavier - Mediunidade e coração	1985	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
427	Chico Xavier a sombra do abacateiro	1986	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
428	Chico Xavier - Mediunidade e vida	1987	LEEPP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
429	Freitas Nobre e a Constituinte - Manifesto aos espiritas	1987	Fé Editora	Bezerra de Menezes	Francisco Cândido Xavier
430	Chico Xavier - Mediunidade e luz	1989	IDEAL	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
431	Chico Xavier - Mediunidade e ação	1990	IDEAL	Emmanuel Andre Luiz	Francisco Cândido Xavier
432	Doações de amor	1992	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
434	Chico Xavier	1993	UEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
435	Crianças e jovens	1995	Fonte Viva	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
436	Chico Xavier e Emmanuel	1996	DIDIER	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
437	Chico Xavier - Mediunidade e paz	1996	DIDIER	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
438	Chico Xavier - 70 anos de mediunidade	1997	DIDIER	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
439	O Evangelho de Chico Xavier	2000	DIDIER	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
440	Mensagens de luz	2000	Interagil	Andre Luiz Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
442	Notáveis reportagens com Chico Xavier	2002	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
443	Chico no Monte Carmelo	2002	UEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
444	Chico Xavier	2002	LEEPP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
445	Tudo vira a seu tempo	2003	Madras	Elcio Tumenas	Francisco Cândido Xavier
446	Mensagens de alemtumulo	2003	Madras	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
447	Missão cumprida... 413...	2004	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
448	Chico Xavier inédito: psicografias ainda não publicadas	2004	Madras	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
449	Realmente... 414...	2005	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
450	A morte e simples mudança	2005	Madras	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier Carlos Mussa Tavares
451	Orações de Chico Xavier	2005	LEEPP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
452	Cartas de Chico Xavier	2005	LEEPP	Emmanuel Francisco Cândido Xavier	Francisco Cândido Xavier
453	Sementeira de luz	2006	Vinha de Luz	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
454	Mensagens de Inês de Castro	2006	GEEM	Inês de Castro	Francisco Cândido Xavier
455	Do outro lade da vida	2006	Inovação	Paulo H. D. Bresciane	Francisco Cândido Xavier
456	Abençoando nosso Brasil, com Jesus e por Jesus.. 416..	2007	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier

457	Deus conosco	2007	Vinha de Luz	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
458	Um amor muitas vidas	2007	Lachâtre	César Burnier e Cezinha	Francisco Cândido Xavier
459	O elogio da abelha	2007	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
460	A lição inesquecível	2007	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
461	O remédio imprevisto	2007	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
462	O burro de carga	2007	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
463	Militares no além	2008	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
464	Chico Xavier: coração missionário	2008	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
465	No roteiro de Jesus	2008	FEB	Humberto de Campos	Francisco Cândido Xavier
466	O aprendiz desapontado	2008	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
467	A galinha afetuosa	2008	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
468	O carneiro revoltado	2008	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
469	O poder da gentileza	2008	FEB	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
470	Chico Xavier	2008	LEEPP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
471	Maria, mae de Jesus	2008	Aliança	Yvonne Pereira	Francisco Cândido Xavier
472	Caderno de mensagens	2008	LBV	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
473	Iluminuras	2009	Vinha de Luz	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
474	Perolas de sabedoria	2009	Vinha de Luz	Emmanuel Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
475	Meditações diarias I	2009	IDE	Andre Luiz	Francisco Cândido Xavier
476	Meditaçoes diarias II	2009	IDE	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
477	Meditações diarias III	2009	IDE	Bezerra de Menezes Meimei	Francisco Cândido Xavier
478	Pinga-Fogo com Chico Xavier	2009	Intervidas	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
479	Emmanuel responde Publicação independente	2010	Emmanuel	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
480	Chico Xavier 100 anos de amor	2010	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
481	Chico Xavier o referencial	2010	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
482	Sementeira de paz	2010	Vinha de Luz	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
483	2010 - 100 anos de amor - Homenagem	2010	IDEAL	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
484	Chico Xavier - O primeiro livro	2010	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
485	Colheita do bem	2010	Vinha de Luz	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
486	Luz na Escola - Chico Xavier na Escola Jesus Cristo de campos | RJ	2010	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
487	Evangelho e astronomia na obra de Chico Xavier	2010	Sirius	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
488	Chico Xavier - Uma luz no caminho	2010	Sumaryus	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
489	Momentos de oração	2011	Verdade e Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
490	Chico Xavier exemplo de amor	2011	Livraria FCX	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
491	Mementos de reflexao	2011	Creative Books	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
492	Chico Xavier - O medium dos pes descalços	2011	Vinha de Luz	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
493	Liçoes para Angelita	2012	Vinha de Luz	João de Deus	Francisco Cândido Xavier
494	Chico Xavier - A aurora de uma vida entre o ceu e a Terra	2012	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
495	As bernçãos de Chico Xavier	2012	DIDIER	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier

496	Depois da travessia	2013	Vinha de Luz DIDIER	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
497	Rolando: uma vida de renuncia e trabalho	2013	GEEM	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier Rolando Ramacciott
498	Chico Xavier com você	2013	Vinha de Luz	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
499	Militares com Jesus	2013	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
500	Registros imortais	2013	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
501	Obras da fé	2014	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
502	O Evangelho por Emmanuel - Mateus | Volume 1	2014	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
503	O Evangelho por Emmanuel - Marcos | Volume 2	2014	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
504	Ignez e Pedro	2014	GEEM	Inês de Castro	Francisco Cândido Xavier
505	Palavras sublimes	2014	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
506	Sementes do Evangelho | Amor	2014	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
507	Fé e vida	2014	FEB CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
508	Palavras de luz	2014	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
509	Ainda hoje	2014	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
510	O Evangelho por	2015	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
511	Verdade e amor	2015	FEB CEU	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
512	Dia a dia com Chico Xavier e Emmanuel	2015	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
513	Sementes do Evangelho Caridade	2015	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
514	Todo dia | Manha	2015	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
515	Todo dia | Noite	2015	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
516	A saudade e o metro do amor	2015	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier Clóvis Tavares
517	O Evangelho por Emmanuel	2016	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
518	Lições de Chico Xavier de A a Z	2016	LEEPP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
519	O Evangelho por Emmanuel	2016	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
520	Número infinito	2016	Ser	Augusto dos Anjos	Francisco Cândido Xavier
521	Na oficina da fé	2016	LEEPP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
522	Chico Xavier - Só mediunidade	2016	LEEPP	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
523	Sementes do Evangelho | Fé - Volume 3	2016	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
524	Sementes do Evangelho | Paz - Volume 4	2016	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
525	Sementes do Evangelho | Trabalho - Volume 5	2016	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
526	Preces e orações	2016	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
527	Chico Xavier e suas mensagens no Anuário Espírita	2017	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
528	Cartas do Alto	2017	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
529	O Evangelho por Emmanuel	2018	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
530	Chico Xavier - E foi assim ...	2018	LEEPP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
531	Instruções para a vida	2018	Vinha de Luz	Neio Lúcio	Francisco Cândido Xavier
532	Mensagens - Iluminação interior	2018	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
533	Mementos de luz para mulheres	2018	Clarim	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
534	Cartas de Mauro	2019	Fecfas	Mauro Augusto Caíque Andrade	Francisco Cândido Xavier

535	O Evangelho por Emmanuel - Cartas universais e Apocalipse | Volume 7	2019	FEB	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
536	Boas vibrações - Bem-estar com Chico Xavier	2019	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
537	Cartas de Chico Xavier - Reflexões entre amigos	2019	Nelpa	Lindolfo Fernandes Neto	Francisco Cândido Xavier
538	Páginas de gratidão	2020	GEEM	Emmanuel	Francisco Cândido Xavier
539	Antes da prece	2020	IDE	Andre Luiz	Francisco Cândido Xavier
540	Chico Xavier e Carlos Baccelli Amizade e parceria	2020	LEEPP	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
541	Chico Xavier - Diálogos e mensagens	2021	IDE	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier
542	Cândida Missão	2022	Vinha de Luz	Espíritos Diversos	Francisco Cândido Xavier

6.3. Relação de biografias de Chico Xavier acessadas para esta pesquisa

Título	Autor	Editora	Ano	Outras Edições	Paginação	Cidade	Estado	País
Chico, de Francisco	Adelino da Silveira	CEU	1987	2013	160	São Paulo	São Paulo	Brasil
Kardec Prossegue	Adelino da Silveira	CEU LEEPP	1991	2009 2020	124	São Paulo	São Paulo	Brasil
Momentos com Chico Xavier	Adelino da Silveira	Mirassol	1999		160	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier – O homem, a obra e as repercussões	Antonio Cesar Perri Carvalho	EME	2019		224	Capivari	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: o homem e a obra	Antônio Cesar Perri Carvalho	USE	1997		94	São Paulo	São Paulo	Brasil
Depoimentos sobre Chico Xavier	Antônio Cesar Perri Carvalho Oceano Vieira de Melo	FEB	2010	1ª ed. 2010 (1º ao 5º milheiro) 1ª ed. 1ª reimp. (6º ao 8º milheiro)	186	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
Nas Bênçãos de Chico Xavier	Antonio Demarchi	Intelitera	2015		224	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: o homem, o médium, o missionário	Antônio Matte Noroefé	EME	2000		144			Brasil
Traços de Chico Xavier	Autores Diversos	CEU	1997		96	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: do calvário à redenção	Carlos Alberto Braga Costa	EME	2019	1ª ed. 3.000 exemplares	264	Capivari	São Paulo	Brasil
Chico, diálogos e recordações... histórias inesquecíveis (relatos de Arnaldo Rocha)	Carlos Alberto Braga Costa	UEM CLARIM	2006	1ª ed. 2006 3ª ed. rev. ampl. 2008 (9.001 a 12.000) 2017 (366 p.)	318	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
As Bênçãos de Chico Xavier	Carlos Antônio Baccelli	DIDIER	2008		122	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Chico Xavier e Emmanuel	Carlos Antônio Baccelli	DIDIER	1996	1ª ed. 1996 3ª ed. 1997 4ª ed. 2000	136	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, a Reencarnação de Allan Kardec	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2005		222	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, mediunidade e ação	Carlos Antônio Baccelli	IDEAL	1990		168	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, mediunidade e luz	Carlos Antônio Baccelli	IDEAL	1989		184	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, mediunidade e paz	Carlos Antônio Baccelli	DIDIER	1986	1ª ed. 2ª ed. 1996	212	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, mediunidade e vida	Carlos Antônio Baccelli	IDEAL	1987		160	São Paulo	São Paulo	Brasil
Orações de Chico Xavier	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2003	2006 2012 2015	156	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
100 Anos de Chico Xavier: fenômeno humano e mediúnico	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2010		464	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier - E foi assim...	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2018		288	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier & Carlos Baccelli: amizade e parceria	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2020		200	Uberaba	Minas Gerais	Brasil

Chico Xavier com você	Carlos Antônio Baccelli	Vinha de Luz	2013	1ª ed. 2013 (2.000 exemplares) 2ª ed. 2013 (2.000 exemplares)	144	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier responde	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2007	2011	168	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, 70 anos de mediunidade	Carlos Antônio Baccelli	DIDIER	1997	2002 2003	206	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, à sombra do abacateiro	Carlos Antônio Baccelli	IDEAL	1986	1987 2010 (170 p.)	128	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, mediunidade e coração	Carlos Antônio Baccelli	IDEAL	1985	1ª ed. 1985 (5.000 exemplares)	144	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: o amigo dos animais	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2008	2012 4ª ed. 2014	160	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier: o Apóstolo da Fé (75 anos de mediunidade)	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2002	1ª ed. 2002 2ª ed. 2002 3ª ed. 2007 2020	168	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier: o médium dos pés descalços	Carlos Antônio Baccelli	Vinha de Luz	2011	1ª ed. 2011 (5.000 exemplares) 2ª ed. 2014 (5.000 exemplres) 3ª ed. 2022 (500 exemplares)	328	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Fundação Emmanuel	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2006	2007	326	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Hilárias e sábias lições de Chico Xavier	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2022		320	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Na Oficina da Fé	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2016		384	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
O Espírito de Chico Xavier	Carlos Antônio Baccelli	LEEPP	2004		158	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
O Evangelho de Chico Xavier	Carlos Antônio Baccelli	DIDIER	2000	1ª ed. 2000 (1º ao 10º miilheiro) 5ª ed. 2002 2007 2011	202	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Allan Kardec: Chico Xavier identidade e missão	Carlos Antônio Baccelli Fernando Peron	LEEPP	2009		552	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Lições de Chico Xavier de A a Z	Carlos Antônio Baccelli Márcia Queiroz Silva Baccelli	LEEPP	2016		648	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier – Lembranças de Grandes Lições	Cezar Carneiro de Souza	IDE	2007	2010 2013 2020	160	Araras	São Paulo	Brasil
Encontros com Chico Xavier	Cezar Carneiro de Souza	Centro Espírita Aurélio Agostinho	1986	1989 2001	164	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Valiosos Ensinamentos com Chico Xavier	Cezar Carneiro de Souza	IDE	2008		222	Araras	São Paulo	Brasil

Amor e Sabedoria de Emmanuel	Clóvis Tavares	IDE	1980	1981 1983 1984 1985 1986 1987 1989 (35º ao 37º milheiro) 1991 1996	178	Araras	São Paulo	Brasil
Francisco Cândido Xavier em Campos	Clóvis Tavares	Tipografia Soares	1940			Campos	Ro de Janeiro	Brasil
Trinta Anos com Chico Xavier	Clóvis Tavares	Calvário CEC IDE FEB	1967	1ª ed. 1967 (Calvário) 2ª ed. 1967 (Calvário) 3ª ed. 1981 (IDE) 1983 4ª ed. 1987 1991 6ª ed. 2001 2023	278	Araras	São Paulo	Brasil
Chico Xavier em Pedro Leopoldo	Divaldinho Mattos	DIDIER	2000		178	Votuporanga	São Paulo	Brasil
De amigos para Chico Xavier	Divaldinho Mattos	DIDIER	1997		250	Votuporanga	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: uma missão de amor	Eduardo Araia	Claridade	2007	2010 2023	80	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier Inédito: psicografias ainda não publicadas	Eduardo Carvalho Monteiro	Madras	2000	2004 2006 2010 2016	134	São Paulo	São Paulo	Brasil
Humberto de Campos e Chico Xavier: a mecânica do estilo	Elias Barbosa	IDE	2005		270	Araras	São Paulo	Brasil
No Mundo de Chico Xavier	Elias Barbosa	IDE	1967	1ª ed. 1967/1968 2ª ed. 1975 1980 1982 1983 1986 7ª ed. 1988 8ª ed. 1992 1997 2006	158	Araras	São Paulo	Brasil

Presença de Chico Xavier	Elias Barbosa	Calvário IDE	1968	1971 (IDE) 1979 1983 1986 1988	138	Araras	São Paulo	Brasil
No Mundo de Chico Xavier	Elias Barbosa Francisco Cândido Xavier	IDE	1967	2ª ed. 1975 5ª ed. 1983 1986 9ª ed. 1997	166	Araras	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: o empresário de Deus	Eurípedes Humberto Higino dos Reis	Livraria FCX	2008		156	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Uma vida com Chico Xavier	Eurípedes Humberto Higino dos Reis	Livraria FCX	2010		156	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Uma vida com Chico Xavier – 100 anos	Eurípedes Humberto Higino dos Reis	Livraria FCX	2010		200	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier – Apóstolo do Brasil	Eurípedes Humberto Higino dos Reis Ariston Teles	Livraria FCX	2010		170	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
A ponte: diálogos com Chico Xavier/Emmanuel	Fernando Worm	LAKE	1977	2ª ed. 1982 3ª ed. 1992 1996 2016	116	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier – Sua verdadeira história	Fred Jorge	Saber	1972		89	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier – Mandato de Amor	Geraldo Lemos Neto	UEM	1992	2007	476	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Pedro Leopoldo vista por Chico Xavier: 1910-1959: 49 anos da presença do maior médium de todos os tempos	Geraldo Lemos Neto Geraldo Leão Sérgio Luiz Ferreira Gonçalves	Vinha de Luz	2011	1ª ed. 2011 (2.000 exemplares)	318	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier: amor sem renúncias	Hércio Marcos Cinta Arantes	IDE	2008		171	Araras	São Paulo	Brasil
Notáveis reportagens com Chico Xavier	Hércio Marcos Cinta Arantes	IDE	2002	1ª ed. 2002 (10.000 exemplares) 2ª ed. 2003	254	Araras	São Paulo	Brasil
Chico Xavier – Entrevistas	Hércio Marcos Cinta Arantes Salvador Gentile Francisco Cândido Xavier	IDE	1972	6ª ed. 1987	158	Araras	São Paulo	Brasil
Uma vida de amor e caridade	Isabel Bueno	Fonte Viva	1992		98	Belo Horizonte		
Tributo à Chico Xavier	Jarbas Varanda	Caminho da Luz	2000	2013 2015	316			Brasil
Nas trilhas da garça: Chico Xavier em Minas Gerais	Jhon Harley	Vinha de Luz	2016	1ª ed. 2016 (2.000 exemplares)	576	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil

O voo da garça: Chico Xavier em Pedro Leopoldo	Jhon Harley	Vinha de Luz	2010	1ª ed. 2010 (2.000 exemplares) 2ª ed. 2010 (2.000 exemplares) 3ª ed. 2013 (2.000 exemplares) 4ª ed. 2018 (1.000 exemplares) 5ª ed. 2019 (500 exemplares)	322	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, amor e sabedoria	João Cuin	DPL	2001	2006	148	São Paulo	São Paulo	Brasil
Comenda Paz Chico Xavier	Joaquim Cabral Netto	Epeed Editora	2012	2013 2ª ed. 2014	228	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chiquito	Julieta Marques	Vinha de Luz	2008	2009 2012	28	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, o mineiro do século	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Lachâtre	2001	1ª ed. 2001 2ª ed 2004 (8.000 exemplares)	144	Bragança Paulista	São Paulo	Brasil
Nosso amigo Chico Xavier	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Editora ALF	1977	1ª ed. 1977 2ª ed. 1987 6ª ed. 1995 7ª ed. 1996 8ª ed. 1997 9ª ed. 1998 10ª ed.	330	São Paulo	São Paulo	Brasil
Novíssimas Revelações do nosso amigo Chico Xavier	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Editora ALF	1971	2000	190	São Paulo	São Paulo	Brasil
A fascinante história de Chico Xavier	Luis Eduardo de Souza	Universo dos Livros	2011		122	São Paulo	São Paulo	Brasil
O homem que falava com espíritos	Luis Eduardo de Souza	Universo dos Livros	2010	2011 2013 2014 2016 2018	176	São Paulo	São Paulo	Brasil
Romaria da Graça	Manuel Quintão	FEB	1939		48	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
As Lições de Chico Xavier: para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar	Marcel Souto Maior	Planeta	2005	2006 2008 2009 2014 2017 2022	96	São Paulo	São Paulo	Brasil

O voo da garça: Chico Xavier em Pedro Leopoldo	Jhon Harley	Vinha de Luz	2010	1ª ed. 2010 (2.000 exemplares) 2ª ed. 2010 (2.000 exemplares) 3ª ed. 2013 (2.000 exemplares) 4ª ed. 2018 (1.000 exemplares) 5ª ed. 2019 (500 exemplares)	322	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, amor e sabedoria	João Cuin	DPL	2001	2006	148	São Paulo	São Paulo	Brasil
Comenda Paz Chico Xavier	Joaquim Cabral Netto	Epeed Editora	2012	2013 2ª ed. 2014	228	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chiquito	Julieta Marques	Vinha de Luz	2008	2009 2012	28	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
Chico Xavier, o mineiro do século	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Lachâtre	2001	1ª ed. 2001 2ª ed 2004 (8.000 exemplares)	144	Bragança Paulista	São Paulo	Brasil
Nosso amigo Chico Xavier	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Editora ALF	1977	1ª ed. 1977 2ª ed. 1987 6ª ed. 1995 7ª ed. 1996 8ª ed. 1997 9ª ed. 1998 10ª ed.	330	São Paulo	São Paulo	Brasil
Novíssimas Revelações do nosso amigo Chico Xavier	Luciano Napoleão da Costa e Silva	Editora ALF	1971	2000	190	São Paulo	São Paulo	Brasil
A fascinante história de Chico Xavier	Luis Eduardo de Souza	Universo dos Livros	2011		122	São Paulo	São Paulo	Brasil
O homem que falava com espíritos	Luis Eduardo de Souza	Universo dos Livros	2010	2011 2013 2014 2016 2018	176	São Paulo	São Paulo	Brasil
Romaria da Graça	Manuel Quintão	FEB	1939		48	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
As Lições de Chico Xavier: para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar	Marcel Souto Maior	Planeta	2005	2006 2008 2009 2014 2017 2022	96	São Paulo	São Paulo	Brasil

Notáveis casos de Chico Xavier	Oswaldo de Castro	GEEM	2010	2015 2016 4ª ed. 2017 (8.000 exemplares) 2018	136	São Bernardo do Campo	São Paulo	Brasil
Nossos momentos com Chico Xavier: o homem chamado amor	Oswaldo Godoy Bueno	IDEAL	2007		172	São Paulo	São Paulo	Brasil
A Vida Triunfa: pesquisa sobre mensagens que Chico Xavier recebeu	Paulo Rossi Severino	Fé Editora	1990	1992	302	São Paulo	São Paulo	Brasil
Aprendendo com Chico Xavier: um exemplo de vida	Paulo Rossi Severino	Fé Editora	1996	1ª ed. 1996 (10.000 exemplares) 2013	132	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: um santo para nossos dias	Rafael Américo Ranieri	Editora Eco	1970	2ª ed. 1973 1988	168	São Paulo	São Paulo	Brasil
O Prisioneiro de Cristo: fatos da vida de Francisco Cândido Xavier	Rafael Américo Ranieri	LAKE	1978		160	São Paulo	São Paulo	Brasil
Recordações de Chico Xavier	Rafael Américo Ranieri	LAKE EdiFrate	1976	1ª ed. 1978 (10º milheiro) 2ª ed. 1986 (11º ao 15º milheiro)	222	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier na Intimidade	Ramiro Gama Baptista de Souza	NECB LAKE	1974	1ª ed. 1974 2003 (LAKE)	112	São Paulo	São Paulo	Brasil
Lindos Casos de Chico Xavier	Ramiro Gama Baptista de Souza	Tipografia Baptista de Souza Editores LAKE	1955	2ª ed. 1956 1960 1966 (LAKE) 1973 1986 1995 1998 19ª ed. 2000 2001 2002 20ª ed. 2006 2007 21ª ed. 2010 (135º ao 149º milheiros) 2014 2019	248	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
Rindo e Refletindo com Chico Xavier (vol.2)	Richard Simonetti		2007	1ª ed. 2007 (10.000 exemplares)	129			
ABC de Chico Xavier	Rodolfo Coelho Cavalcante	Do autor	1972			Salvador	Bahia	Brasil

Inesquecível Chico	Romeu Grisi Gerson Sestini	GEEM	2008	2009 2010 2015 2017 2021	182	São Bernardo do Campo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, quarenta anos no mundo da mediunidade	Roque Jacinto	Edicel Editora Luz no Lar	1967	1968 4ª ed. 1991 (1º ao 3º milheiro)	302	São Paulo	São Paulo	Brasil
Luz Bendita	Rubens Silvio Germinhasi Francisco Cândido Xavier	IDEAL	1977	1992 (15º ao 20º milheiro)	248	São Paulo	São Paulo	Brasil
Pinga Fogo com Chico Xavier	Saulo Gomes	InterVidas	2009	2010 2012	272	Catanduva	São Paulo	Brasil
As mães de Chico	Saulo Gomes	InterVidas	2011		416	Catanduva	São Paulo	Brasil
Nosso Chico	Saulo Gomes	InterVidas	2018		284	Catanduva	São Paulo	Brasil
Chico Xavier, um doce olhar para o além	Sebastião Aguiar	Editora Globo	2010		**110**	São Paulo	São Paulo	Brasil
Personagens que marcaram Época – Chico Xavier	Sebastião Aguiar	Editora Globo	2006		112	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier por ele mesmo	Stig Roland Ibsen	Editora Martin Claret	1994	2002 2004 2007 2011	200	São Paulo	São Paulo	Brasil
Catálogo Geral da 100 Obras e do Anexo-1970	Stig Roland Ibsen Edith Nóbrega Canto Ibsen	LAKE	1972		64	São Paulo	São Paulo	Brasil
Catálogo Geral da 100 Obras	Stig Roland Ibsen Edith Nóbrega Canto Ibsen	LAKE	1970		56	São Paulo	São Paulo	Brasil
O semeador de estrelas	Suely Caldas Schubert	Livraria Espírita Alvorada LEAL	1989	1990 1995 4ª ed. 1998 (26º ao 28º milheiro) 2001 2003 2007 4ª ed. 2010 2014 2016	326	Salvador	Bahia	Brasil
Testemunhos de Chico Xavier	Suely Caldas Schubert	FEB	1986	1ª ed. 1986 (15º milheiro) 2ª ed. 1991 (16º ao 25º milheiro)	418	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil

Chico Xavier: uma vida de amor	Ubiratan Paulo Machado	IDE	1984	1ª ed. 1984 1992 (10.000 exemplares) 1994 1998 5ª ed. 2006 7ª ed. 2007	136	Araras	São Paulo	Brasil
Eurípedes: o filho de Chico Xavier (relatos de vivências biográficas)	Vicente Higino	Ed. do autor	2016		192	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
O Apóstolo do Século XX: Chico Xavier	Weimar Muniz de Oliveira	FEEGO	2001		336	Goiânia	Goiás	Brasil
Chico Xavier, Casos Inéditos	Weimar Muniz de Oliveira	FEEGO	1998		256	Goiânia	Goiás	Brasil
A Volta de Allan Kardec	Weimar Muniz de Oliveira	FEEGO	2007		458	Goiânia	Goiás	Brasil
Chico Xavier - Caridade e Doação ao Próximo Além da Vida	Worney Almeida de Souza	Escala	2010		96	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier: Conhecendo Nosso Lar	Worney Almeida de Souza	Escala	2010		112	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier e André Luiz	Worney Almeida de Souza	Escala	1991	2000	112	São Paulo	São Paulo	Brasil
O Espiritismo Segundo Chico Xavier e Allan Kardec	Worney Almeida de Souza	Discovery Publicações	2012		80	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier e Allan Kardec: a origem e mistérios do Espiritismo	Worney Almeida de Souza	GEEK	2010		80	São Paulo	São Paulo	Brasil
Allan Kardec & Chico Xavier: origem, palavras e ensinamentos	Worney Almeida de Souza	GEEK	2012		80	São Paulo	São Paulo	Brasil
Chico Xavier - O Espiritismo no Brasil	Worney Almeida de Souza	Nova Sampa	2015		96	São Paulo	São Paulo	Brasil
Desvendando o Espiritismo: Chico Xavier e Allan Kardec	Worney Almeida de Souza	History	2017		80	São Paulo	São Paulo	Brasil

6.4. Lista de honrarias recebidas por Chico Xavier

Ano	Data	Categoria da Honraria	Título Honorífico	Votação	Entrega	Outorgante	Cidade	Estado	País
1967		Título de Cidadania	Cidadão Benemérito Pedroleopoldense		Presencial 28/01/1968	Câmara Municipal	Pedro Leopoldo	Minas Gerais	Brasil
1968	24/08/1968	Título	Placa em homenagem				Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1968	08/05/1968	Título de Cidadania	Cidadão Uberabense		Presencial 28/06/1969	Câmara Municipal	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1969	28/06/1969	Título	Placa em homenagem		Presencial	União Espírita Mineira (UEM)	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
1970	16/05/1970	Título	Placa em homenagem - Lançamento 100º livro mediúnico de Chico Xavier						Brasil
1971	30/07/1971	Título	Placa em homenagem			Comunidade Espírita de Ituiutaba	Ituiutaba	Minas Gerais	Brasil
1971	15/09/1971	Diploma	Servidor Emérito			Rotary Clube	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1971	31/12/1971	Título	Personalidade do Ano - Jornal "Lavoura e Comércio"		Presencial 31/12/1971	Jornal "Lavoura e Comércio"	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1971	05/07/1971	Troféu	Palma de Ouro Programa Silveira Lima			TV (PRE-5)	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1972	20/09/1972	Título de Cidadania	Cidadão Honorário de Belo Horizonte		Presencial 08/11/1974	Câmara Municipal	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
1972	02/09/1972	Título de Cidadania	Cidadão Uberlandense			Câmara Municipal	Uberlândia	Minas Gerais	Brasil
1972	25/11/1972	Título de Cidadania	Cidadão Campista			Câmara Municipal	Campos dos Goytacazes	Rio de Janeiro	Brasil
1972	xx/06/1972	Título	Placa Sociedade Literária CMRJ		Sociedade Recreativa Literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro		Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
1972	22/09/1972	Título de Cidadania	Cidadão Carioca - Cidadão do Estado da Guanabara		Presencial 22/09/1972	Assembleia Legislativa	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
1972		Título de Cidadania	Cidadão Francano		Presencial	Câmara Municipal	Franca	São Paulo	Brasil
1972	19/02/1972	Título de Cidadania	Cidadão Ribeirãopretano		Presencial 19/02/1972	Câmara Municipal	Ribeirão Preto	São Paulo	Brasil
1972	29/04/1972	Título de Cidadania	Cidadão Sambernardense		Presencial 29/12/1972	Câmara Municipal	São Bernardo do Campo	São Paulo	Brasil
1972	21/12/1972	Título de Cidadania	Cidadão Paulistano		Presencial 19/05/1973	Câmara Municipal	São Paulo	São Paulo	Brasil
1972	26/11/1972	Título	Placa em homenagem						Brasil
1973		Título de Cidadania	Cidadão Capixaba			Câmara Municipal	Vitória	Espírito Santo	Brasil
1973	31/07/1973	Título de Cidadania	Cidadão Araguarino		Presencial	Câmara Municipal	Araguari	Minas Gerais	Brasil
1973	15/01/1973	Título de Cidadania	Cidadão Fluminense		Presencial 30/11/1974	Câmara Municipal	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil

1973	26/05/1973	Medalha	Medalha			Prefeitura Municipal	Guarujá	São Paulo	Brasil
1973	26/03/1973	Diploma	Membro correspondente			Instituto Campograndense de Cultura			Brasil
1974		Título de Cidadania	Cidadão Goianiense			Câmara Municipal	Goiânia	Goiás	Brasil
1974		Título de Cidadania	Cidadão Ararense			Câmara Municipal	Araras	São Paulo	Brasil
1974	27/07/1974	Título de Cidadania	Cidadão Campineiro		Presencial 27/07/1974	Câmara Municipal	Campinas	São Paulo	Brasil
1974	27/08/1974	Título de Cidadania	Cidadão Catanduvense		Presencial 27/08/1974	Câmara Municipal	Catanduva	São Paulo	Brasil
1974	xx/10/1974	Título de Cidadania	Cidadão Cravinhense			Câmara Municipal	Cravinhos	São Paulo	Brasil
1974	24/10/1974	Título de Cidadania	Cidadão Itapirense			Câmara Municipal	Itapira	São Paulo	Brasil
1974	03/10/1974	Título de Cidadania	Cidadão Emérito Santista			Câmara Municipal	Santos	São Paulo	Brasil
1974		Título de Cidadania	Cidadão Sul-Caetanense			Câmara Municipal	São Caetano do Sul	São Paulo	Brasil
1975	29/11/1975	Título	Placa em homenagem			Câmara Municipal	Franca	São Paulo	Brasil
1975	14/04/1975	Título de Cidadania	Cidadão Jacareiense			Câmara Municipal	Jacareí	São Paulo	Brasil
1975	12/10/1975	Título	Placa em homenagem				Ribeirão Preto	São Paulo	Brasil
1976		Título de Cidadania	Cidadão Bauruense			Câmara Municipal	Bauru	São Paulo	Brasil
1976	01/06/1976	Medalha	Medalha Ana Neri		01/06/1976	Sociedade Brasileia de Educação e Integração	São Paulo	São Paulo	Brasil
1977	23/07/1977	Título	Placa em homenagem			Clary, Hilda e Hildori	Brasília	Distrito Federal	Brasil
1980	15/11/1980	Título	Praça Chico Xavier			Prefeitura Municipal	Pedro Leopoldo	Minas Gerais	Brasil
1980	20/03/1980	Título de Cidadania	Cidadão Natalense			Câmara Municipal	Natal	Rio Grande do Grande	Brasil
1981	21/04/1981	Medalha	Medalha da Inconfidência			Governo do Estado	Ouro Preto	Minas Gerais	Brasil
1981		Indicação	Prêmio Nobel da Paz	±2.000.000		Academia Sueca de Ciências Fundação Nobel	Oslo	Oslo	Noruega
1981		Prêmio	XXV Troféu Roquete Pinto - Categoria Especial		Presencial 07/12/1981	TV Record	São Paulo	São Paulo	Brasil
1981	10/03/1981	Título	Placa em homenagem						Brasil
1983		Diploma	Construtor do Progresso- Área Fraternidade			Câmara Municipal	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1983	26/07/1983	Título	Placa em homenagem			Aliança Municipal Espirita de Uberaba (AME-Uberaba)	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1984	31/03/1984	Título	Cascadura (bairro)				Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
1985	02/04/1985	Título	Placa em homenagem			Caravana da Amizade			Brasil
1987	02/04/1987	Título	Placa em homenagem			Neusia			Brasil
1989	17/07/1989	Medalha	Medalha Bicentenário Tiradentes			Governo do Estado	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil

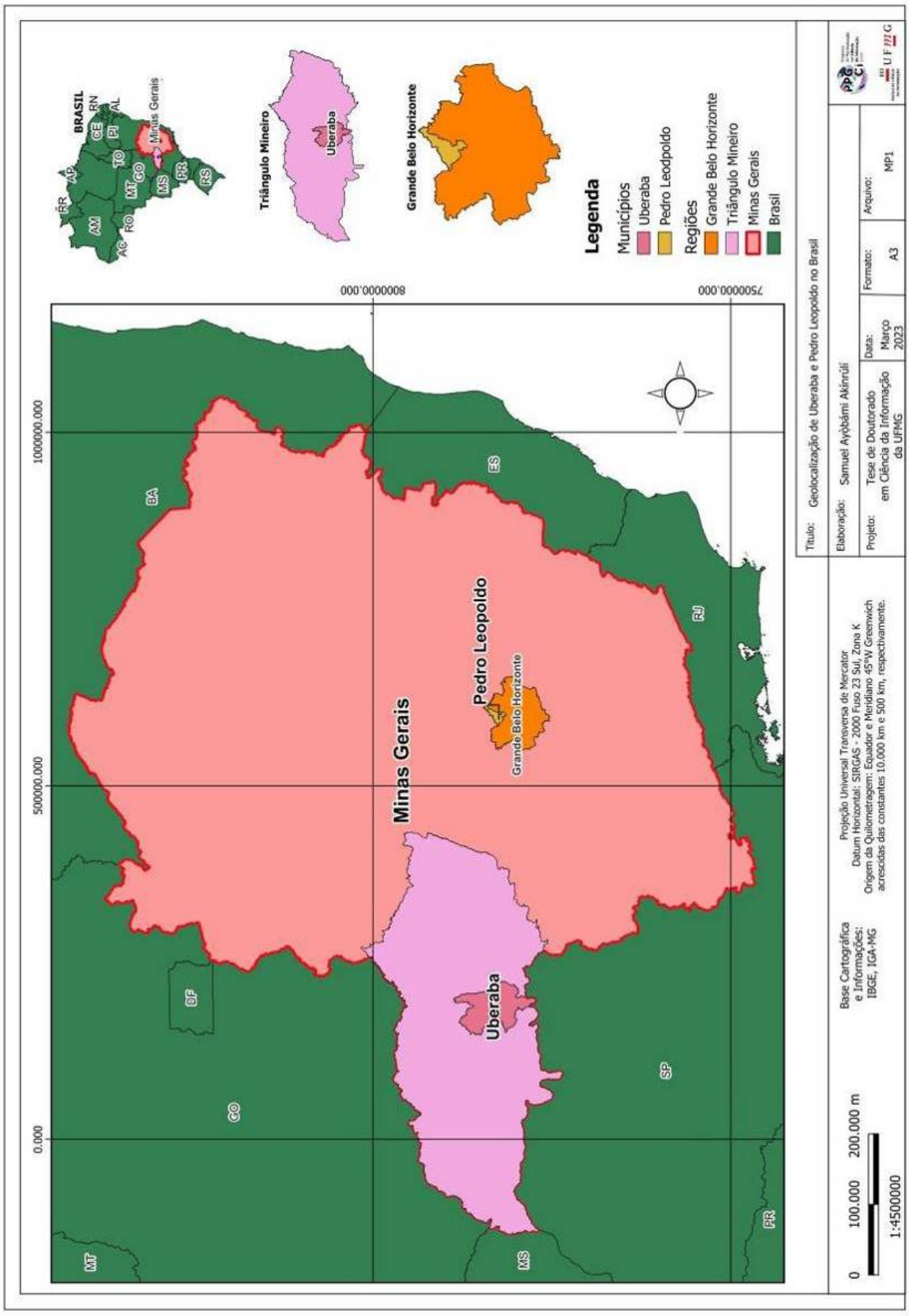
1991	25/07/1991	Título	Irmão Remido da Terra Santa			Comissário da Terra Santa	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
1995	04/10/1985	Moção	Moção de reconhecimento e agradecimento			Federação Espírita Brasileira	Brasília	Distrito Federal	Brasil
1995		Comenda	Comenda Chico Xavier (criação)			Câmara Municipal	Pedro Leopoldo	Minas Gerais	Brasil
1996	25/10/1996	Título de Cidadania	Cidadão Piracicabano			Câmara Municipal	Piracicaba	São Paulo	Brasil
1996	13/01/1996	Diploma	Sócio honorário			Sociedade Espírita Mariano do Nascimento	Ribeirão Preto	São Paulo	Brasil
1997		Título	Ordem ao Mérito			Legião da Boa Vontade (LBV)	Brasília	Distrito Federal	Brasil
1997	02/04/1997	Título	Placa em homenagem				Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1997		Título	Prêmio UNIPAZ						Brasil
1997		Título	Placa em homenagem - 70 anos de Mediunidade						Brasil
1998	20/02/1998	Medalha	Monumento Nacional ao Imigrante			Câmara Municipal	Caxias do Sul	Rio Grande do Sul	Brasil
1998		Título	Placa em homenagem			Orlando Gonçalves e família			Brasil
1999	07/12/1999	Comenda	Comenda da Paz Chico Xavier (criação) - Lei 13.394/1999			Governo do Estado	Pedro Leopoldo Uberaba	Minas Gerais	Brasil
1999	30/11/1999	Título de Cidadania	Cidadão Fluminense			Assembleia Legislativa	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil
2000	15/11/2000	Título	Mineiro do Século	704.030		Telemar Rede Globo Minas	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
2000	02/04/2000	Título	Placa em homenagem - Comemorações dos 90 anos de Chico Xavier			Prefeitura Municipal	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
2000	02/04/2000	Título	Placa em homenagem				Uberaba	Minas Gerais	Brasil
2000	30/11/2000	Diploma	Voto de congratulação pelo título Mineiro do Século			Câmara Municipal	Vespasiano	Minas Gerais	Brasil
2000	19/02/2000	Título	Placa em homenagem			Carava da Fratenidade			Brasil
2001	03/03/2001	Comenda	Comenda da Paz Chico Xavier recebida por Chico Xavier			Assembleia Legislativa	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
2001	10/03/2001	Título	Placa em homenagem - Mineiro do Século			UFV	Viçosa	Minas Gerais	Brasil
2001			Comenda da Paz Chico Xavier (criação)			Assembleia Legislativa			Brasil
2002	07/08/2002	Comenda	Comenda Chico Xavier (criação) - Decreto Legislativo 108/02		*In Memorium*	Câmara Municipal	Uberlândia	Minas Gerais	Brasil
2002	12/09/2002	Diploma	Homenagem a Chico Xavier e a Eurípedes Higino dos Reis		*In Memorium*	Câmara Municipal	Viamão	Rio Grande do Sul	Brasil
2003	05/12/2003	Diploma	Grau cavalheiresco de Comendador (Soberana Ordem do Mérito Empreendedor Juscelino Kubistchek)		*In Memorium*	Centro de Integração Cultural e Empresarial de São Paulo (CICESP)	São Paulo	São Paulo	Brasil
2003		Título	Troféu Mednesp		*In Memorium*	AME Brasil			Brasil
2006	11/09/2006	Título	Maior Brasileiro da História	Júri de 33 personalidades		Revista Época (O Globo)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil

2007		Comenda	Comenda da Paz Chico Xavier (criação)		*In Memorium*	Assembleia Legislativa	João Pessoa	Paraíba	Brasil
2010		Medalha	Medalha Comemorativa do Centenário de Chico Xavier			Casa da Moeda do Brasil	Brasília	Distrito Federal	Brasil
2010		Selo	Selo e Cartão-Postal em homenagem ao Centenário Chico Xavier		*In Memorium*	Correios	Brasília	Distrito Federal	Brasil
2010	06/04/2010	Título	Placa em homenagem - Centenário de Chico Xavier		*In Memorium*	Câmara Municipal	Caratinga	Minas Gerais	Brasil
2010	05/04/2010	Diploma	Homenagem ao Centenário de Nascimento de Chico Xavier		*In Memorium*	Câmara Municipal	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
2010	18/07/2010	Título	Placa em homenagem - 3º Encontro Nacional dos Amigos de Chico Xavier		*In Memorium*		Uberaba	Minas Gerais	Brasil
2010	06/06/2010	Título	Troféu Comenda da Paz Chico Xavier		*In Memorium*	Assembleia Legislativa	João Pessoa	Paraíba	Brasil
2010	09/09/2010	Diploma	Grau cavalheiresco de Comendador (Soberana Ordem do Mérito Empreendedor Juscelino Kubitschek)		*In Memorium*	Centro de Integração Cultural e Empresarial de São Paulo (CICESP)	São Paulo	São Paulo	Brasil
2010	09/09/2010	Título	Troféu JK - Personalidade Brasileira da Década (Soberana Ordem do Mérito Empreendedor Juscelino Kubitschek)		*In Memorium*	Centro de Integração Cultural e Empresarial de São Paulo (CICESP)	São Paulo	São Paulo	Brasil
2010		Medalha	Medalha Cem Anos Chico Xavier		*In Memorium*				Brasil
2011	28/09/2011	Título	Placa em homenagem - Chico Xavier como médico das almas		*In Memorium*	ONG Senhora de Lourdes			Brasil
2012	03/10/2012	Título	O Maior Brasileiro de Todos os Tempos	71,40%	*In Memorium*	Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)	São Paulo	São Paulo	Brasil
2013	17/12/2013	Medalha	Medalha Chico Xavier concedida ao Grupo Espírita da Prece		*In Memorium*	Câmara Municipal	Uberaba	Minas Gerais	Brasil
2013		Diploma	Diploma Chico Xavier, um homem chamado Amor (criação)		*In Memorium*	Câmara Municipal	Itapira	São Paulo	Brasil
2013	30/06/2013	Prêmio	Prêmio Chico Xavier de Reconhecimento Humanitário (criação) - Resolução 8/2013		*In Memorium*	Câmara Municipal	São Paulo	São Paulo	Brasil
2015		Medalha	Illumination Book Awards		*In Memorium*		Traverse City	Michigan	EUA
2017		Nomeação	Semana Cultural Chico Xavier		*In Memorium*	Câmara Municipal	Pedro Leopoldo	Minas Gerais	Brasil
2020		Comenda	Comenda Chico Xavier (criação) - Comenda de Incentivo à Caridade Chico Xavier		*In Memorium*	Senado	Brasília	Distrito Federal	Brasil
2021	06/06/2021	Título	Inscrito pela Lei 14.201/2021no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria - Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves (Praça dos Três Poderes)		*In Memorium*	Senado	Brasília	Distrito Federal	Brasil
[1977]		Medalha	Comenda da Águia			Grande Loja Maçônica			Brasil
1968≤1977		Título de Cidadania	Cidadão Santa-luzense			Câmara Municipal	Santa Luz	Bahia	Brasil
1968≤1977		Título de Cidadania	Cidadão Fortalezense			Câmara Municipal	Fortaleza	Ceará	Brasil

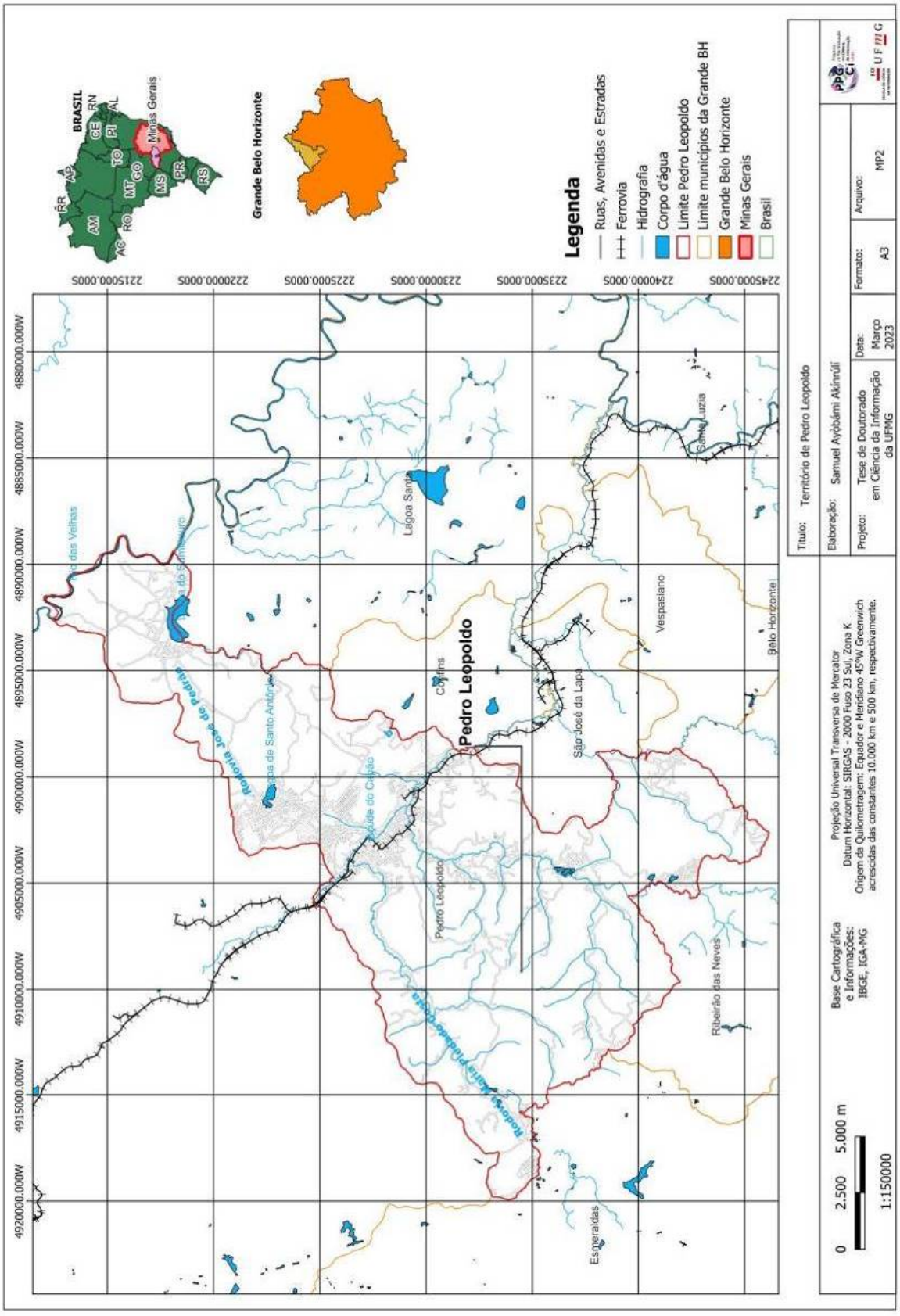
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Vila-velhense	Câmara Municipal	Vila Velha	Espírito Santo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Anapolino	Câmara Municipal	Anápolis	Goiás	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Buriti-alegrense	Câmara Municipal	Buriti Alegre	Goiás	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Cuiabano	Câmara Municipal	Cuiabá	Mato Grosso	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Campo-grandense	Câmara Municipal	Campo Grande	Mato Grosso do Sul	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Três-lagoano	Câmara Municipal	Três Lagoas	Mato Grosso do Sul	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Araxaense	Câmara Municipal	Araxá	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Cataguasense	Câmara Municipal	Cataguases	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Centralinense	Câmara Municipal	Centralina	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Conceição Alagoano	Câmara Municipal	Conceição das Alagoas	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Frutalense	Câmara Municipal	Frutal	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Itabirano	Câmara Municipal	Itabira	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Ituiutabano	Câmara Municipal	Ituiutaba	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Juiz-forano	Câmara Municipal	Juiz de Fora	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Lavrense	Câmara Municipal	Lavras	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Montealegrenses	Câmara Municipal	Monte Alegre	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Carmelitano	Câmara Municipal	Monte Carmelo	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Montes-clarense	Câmara Municipal	Montes Claros	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Poços-caldense	Câmara Municipal	Poços de Caldas	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Sete-lagoano	Câmara Municipal	Sete Lagoas	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão São-verissimense	Câmara Municipal	Veríssimo	Minas Gerais	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Ponta-grossense	Câmara Municipal	Ponta Grossa	Paraná	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Niteroiense	Câmara Municipal	Niterói	Rio de Janeiro	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Paracambiense	Câmara Municipal	Paracambi	Rio de Janeiro	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Volta-redondense	Câmara Municipal	Volta Redonda	Rio de Janeiro	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Adamantinense	Câmara Municipal	Adamantina	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Araçatubense	Câmara Municipal	Araçatuba	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Araraquarense	Câmara Municipal	Araraquara	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Bauruense	Câmara Municipal	Baurú	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Cravinhense	Câmara Municipal	Cravinhos	São Paulo	Brasil

1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Guarujaense	Câmara Municipal	Guarujá	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Ituveravense	Câmara Municipal	Ituverava	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Lorenense	Câmara Municipal	Lorena	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Mauaense	Câmara Municipal	Mauá	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Mogiano	Câmara Municipal	Mogi das Cruzes	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Osasquense	Câmara Municipal	Osasco	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Prudentino	Câmara Municipal	Presidente Prudente	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Santa-fé-sulense	Câmara Municipal	Santa Fé do Sul	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Andreense	Câmara Municipal	Santo André	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão São-vicentino	Câmara Municipal	São Vicente	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Votuporanguense	Câmara Municipal	Votuporanga	São Paulo	Brasil
1968≤1977	Título de Cidadania	Cidadão Aracajuano	Câmara Municipal	Aracajú	Sergipe	Brasil
	Diploma	Ordem do Mérito da Fraternidade Ecumênica na categoria religião - Parlamento Mundial da Fraternidade Ecumênica (ParlaMundi)	Legião da Boa Vontade (LBV)	Brasília	Distrito Federal	Brasil
	Medalha	Ordem ao Mérito da Fraternidade Ecumênica Parlamundi	Legião da Boa Vontade (LBV)	Brasília	Distrito Federal	Brasil
	Título	Placa Comemorativa		Leiria	Leiria	Portugal
	Medalha	Medalha do Mérito Legislativo de Minas Gerais	Assembleia Legislativa	Belo Horizonte	Minas Gerais	Brasil
	Medalha	Comenda Mário de Almeida Franco		Uberaba	Minas Gerais	Brasil
	Título	Troféu Associação Médica Espirita		São Paulo	São Paulo	Brasil
	Título	Placa em homenagem	Câmara Municipal	Salvador		Brasil
	Diploma	Sócio honorário	Centro de Estudos Espíritas Allan Kardec			Brasil
	Medalha	Medalha Empreendedor Centro de Integração	Cesesp			Brasil
	Medalha	Medalha Caravana Chico Xavier				Brasil
	Medalha	Ordem do Mérito Legislativo do Estado de Minas Gerais				Brasil
	Título	Companheiro Paul Harris	Rotary Clube			Brasil
	Título	Troféu Círculo Espirita Evolution				Brasil
	Título	Troféu Beija-Flor				Brasil
	Título	Troféu COPN Tiradentes				Brasil
	Título	Placa Homenagem - 2ª Feira da Primavera Bíblia				Brasil

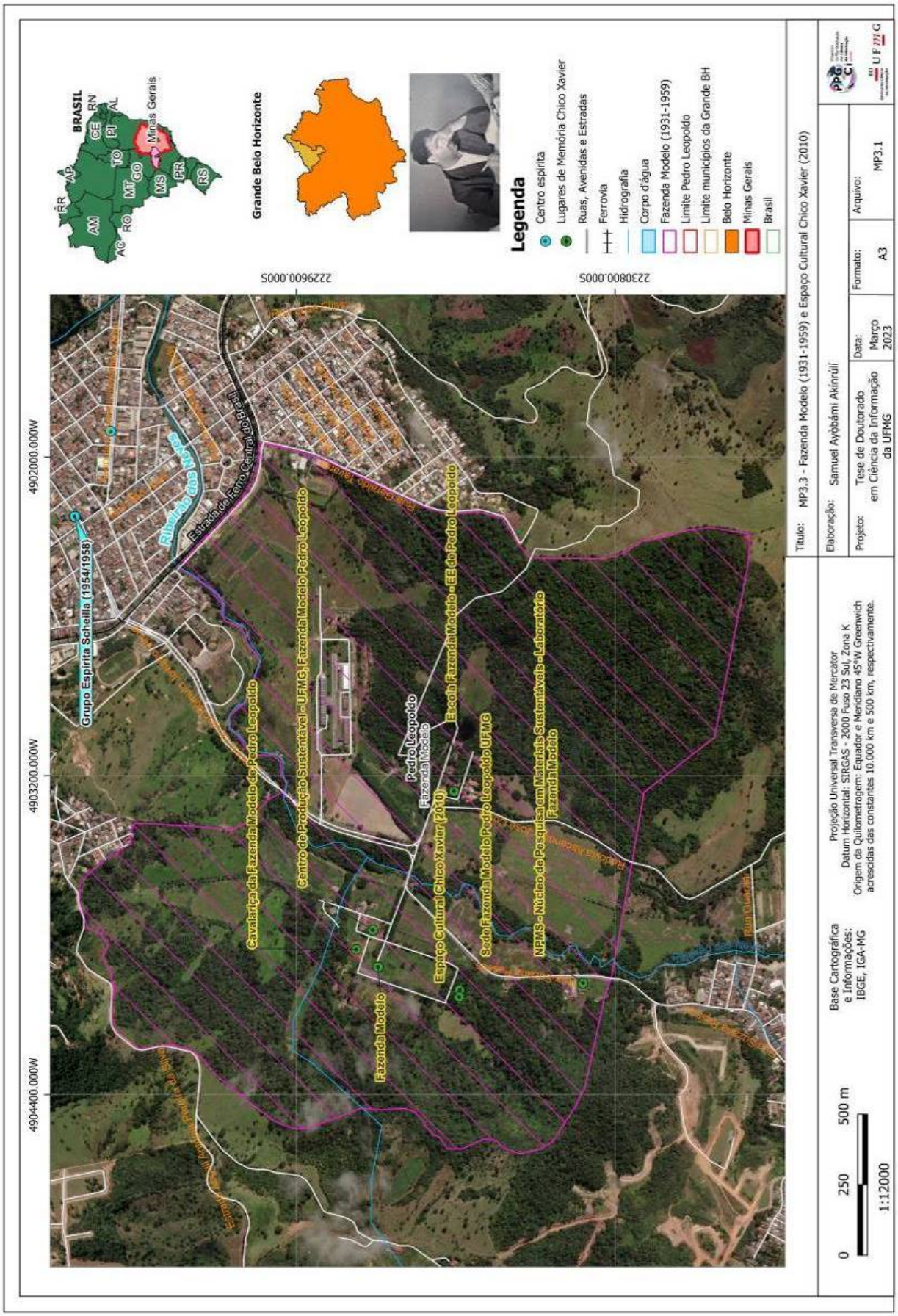
6.5. Localização das cidades de Pedro Leopoldo na Grande Belo Horizonte e Uberaba no Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais



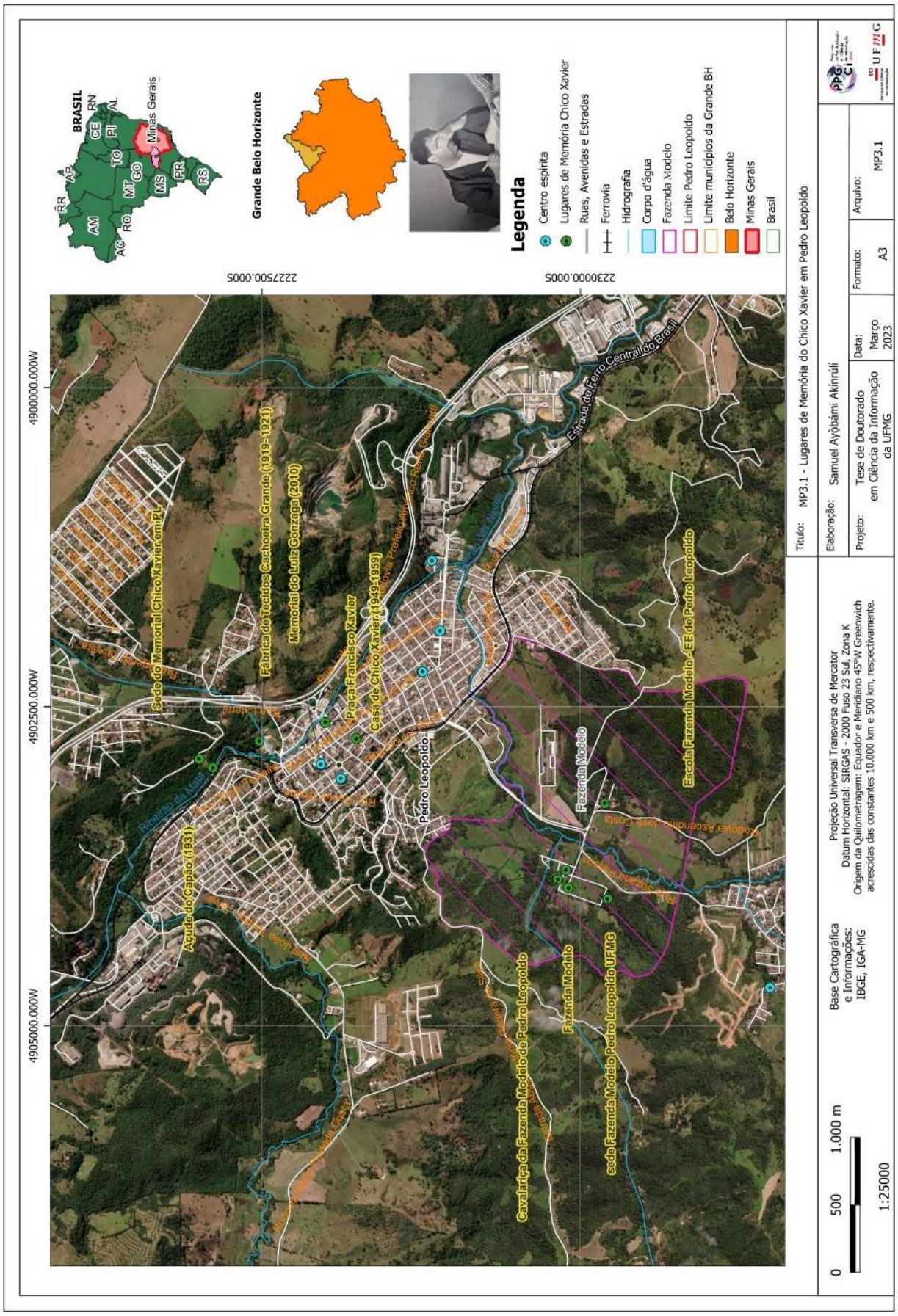
6.6. Localização de Pedro Leopoldo tomando suas referências territoriais, hidrográficas e da via ferroviária



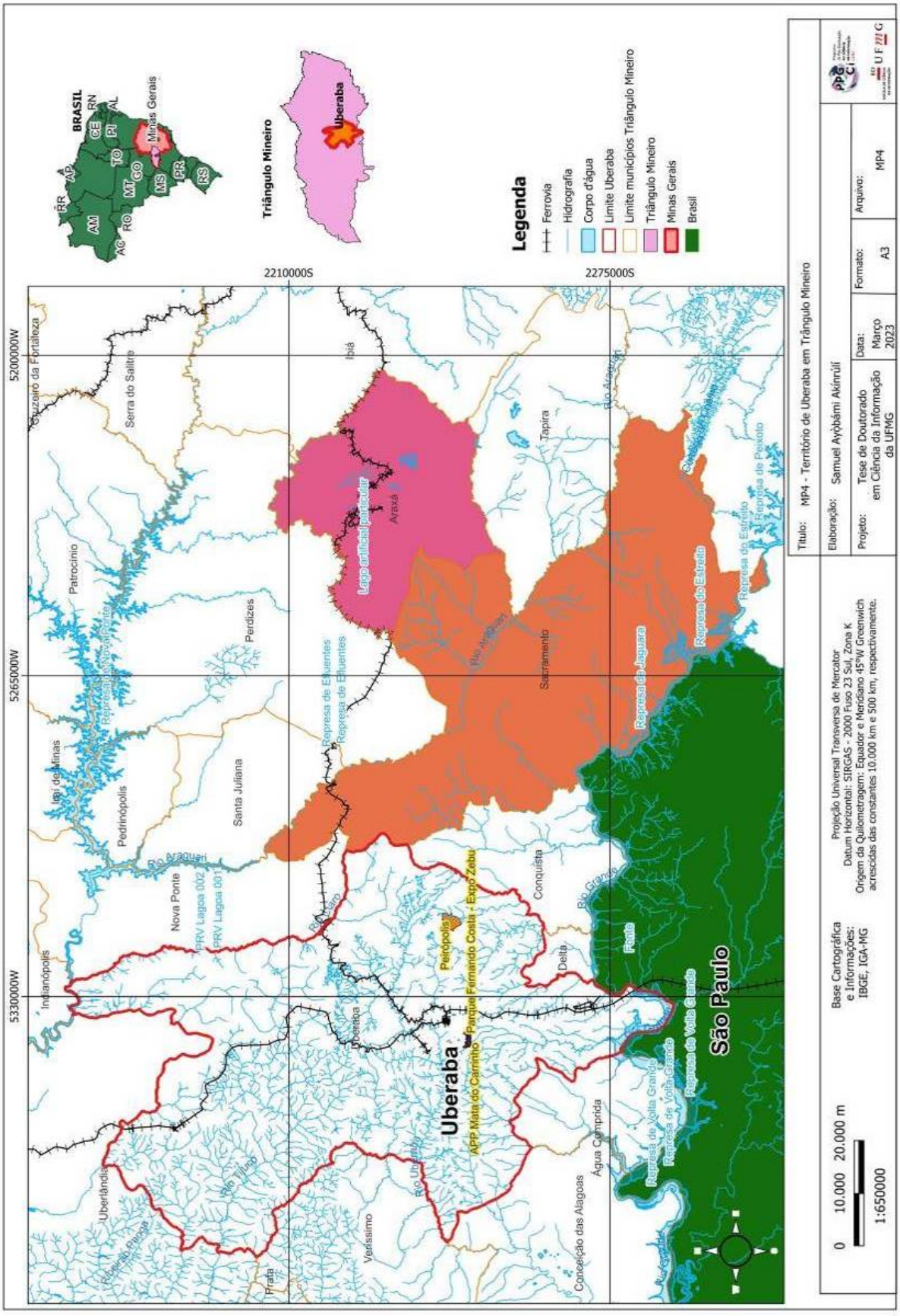
6.7. Área pertencente à Fazenda Modelo, Pedro Leopoldo – Minas Gerais



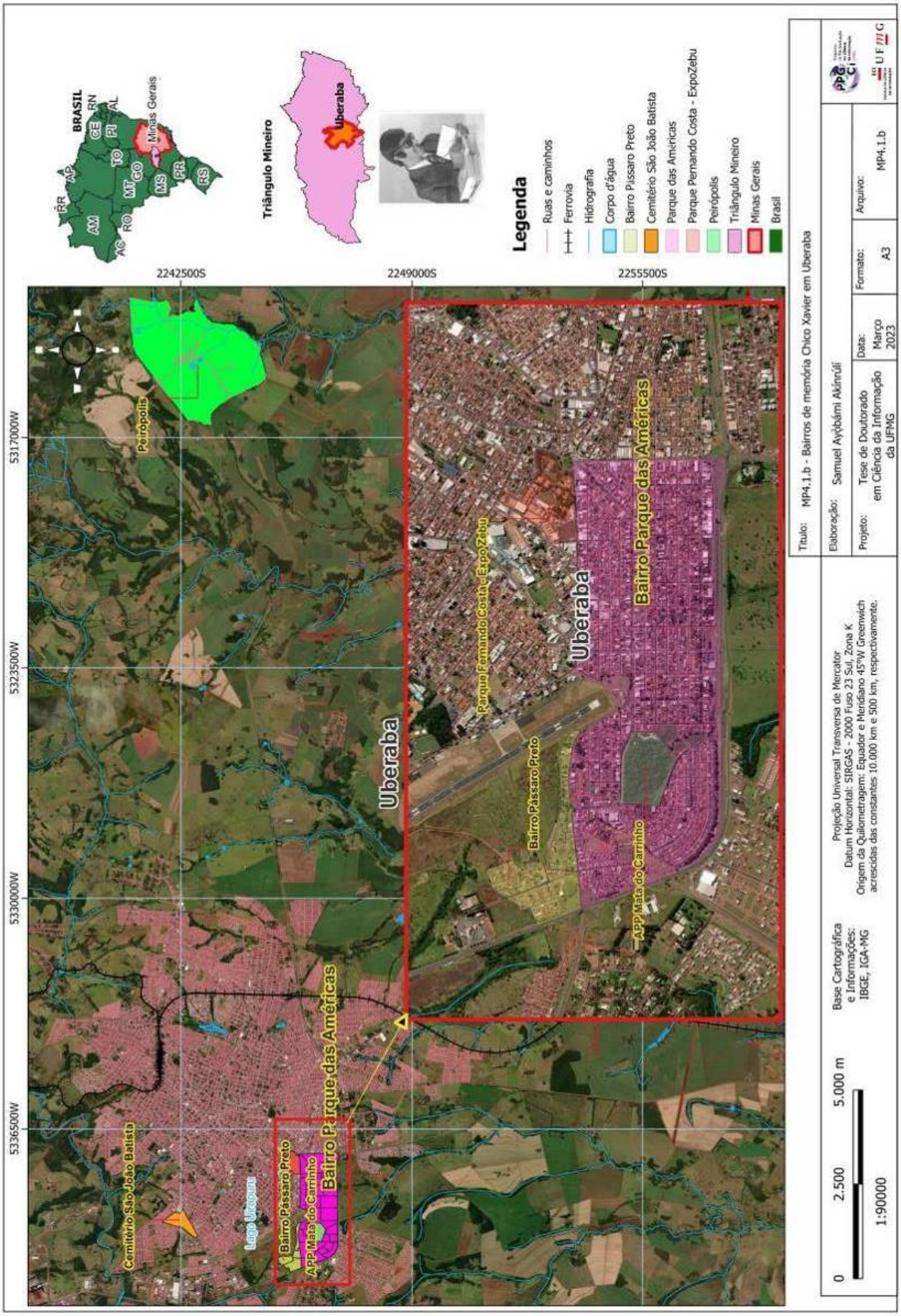
6.8. Lugares de memória de Chico Xavier em Pedro Leopoldo – Minas Gerais



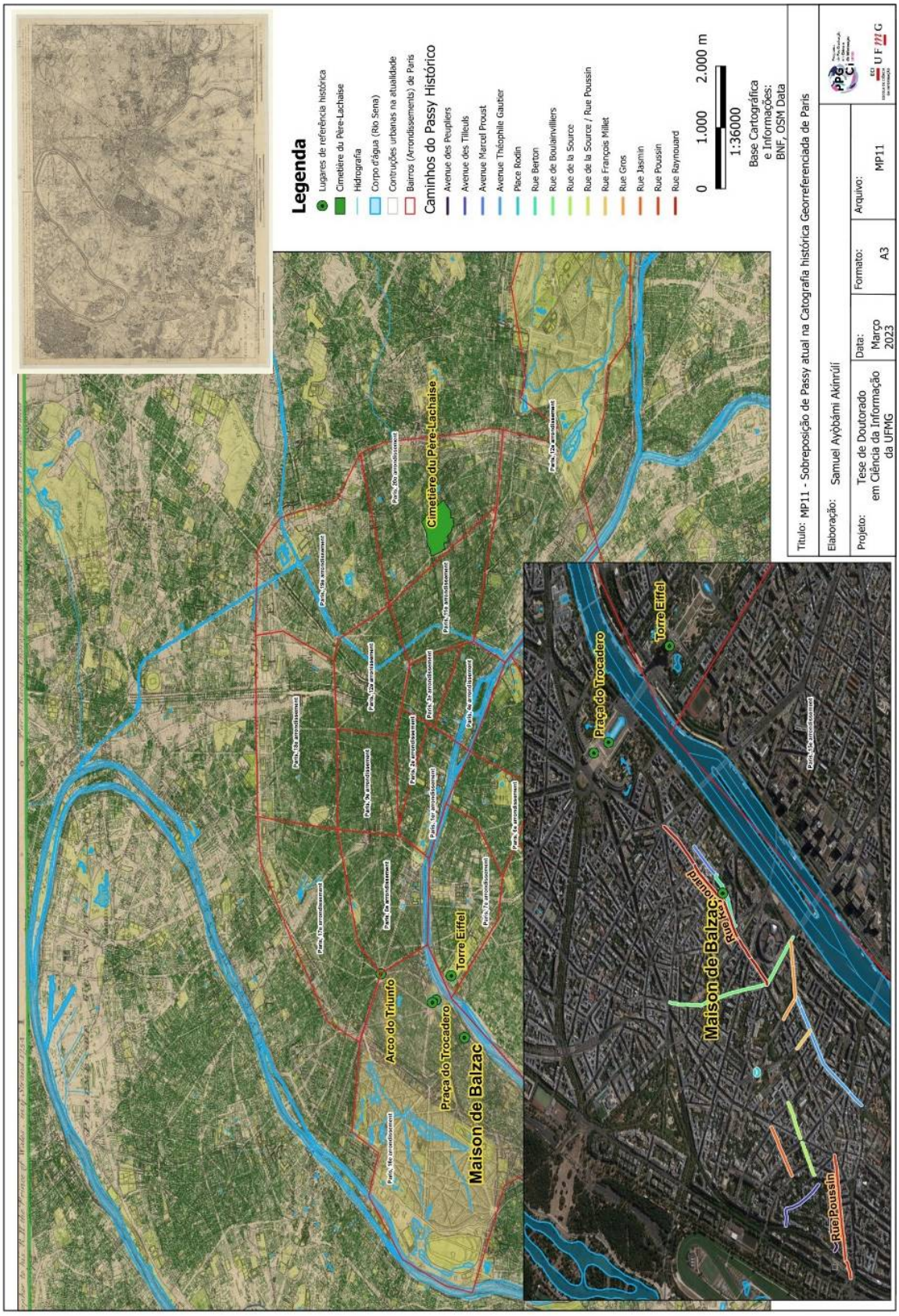
6.9. Localização de Uberaba tomando suas referências territoriais, hidrográficas e da via ferroviária



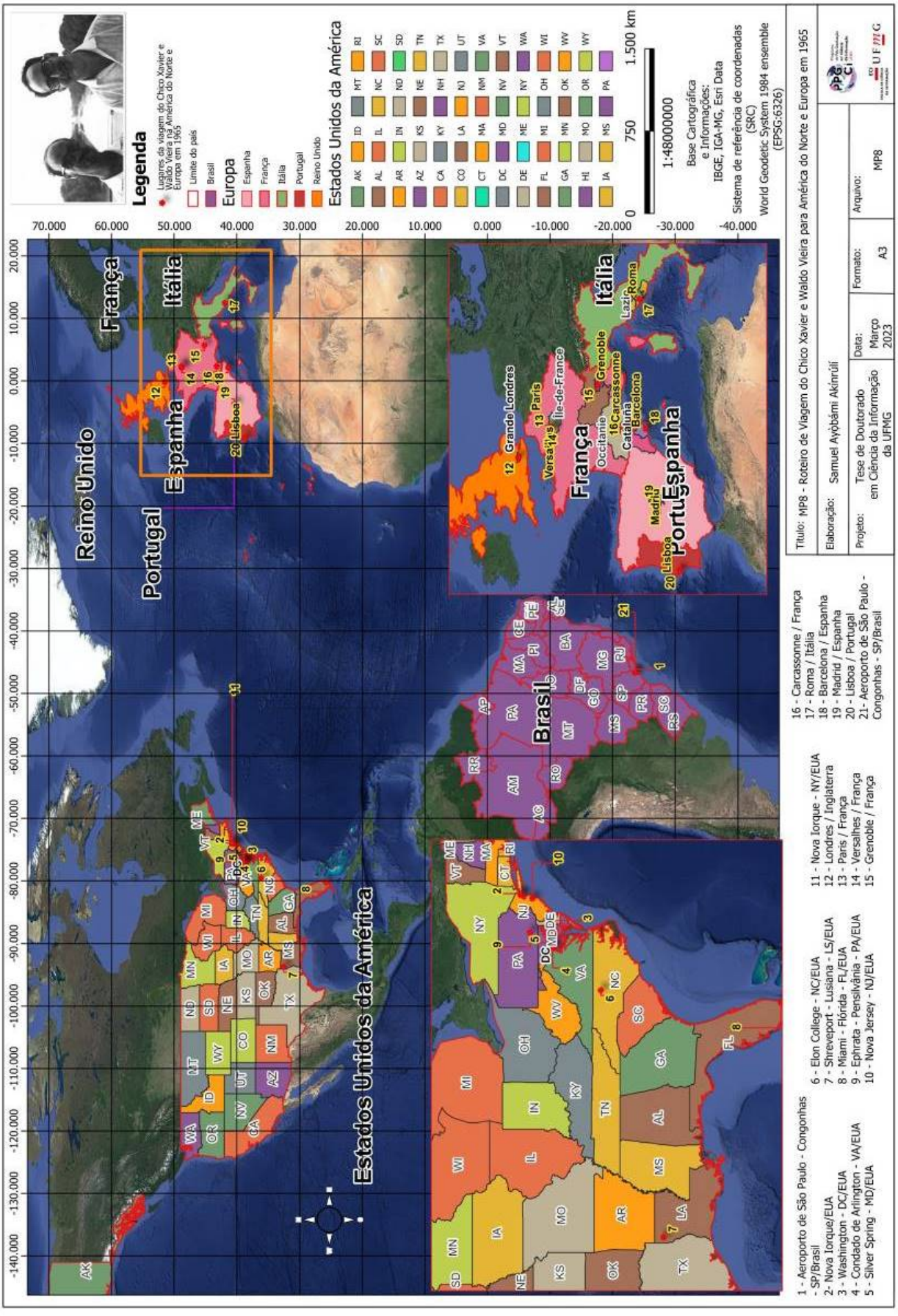
6.10. Delimitação do bairro Parque das Américas na sede urbana do município de Uberaba – Minas Gerais



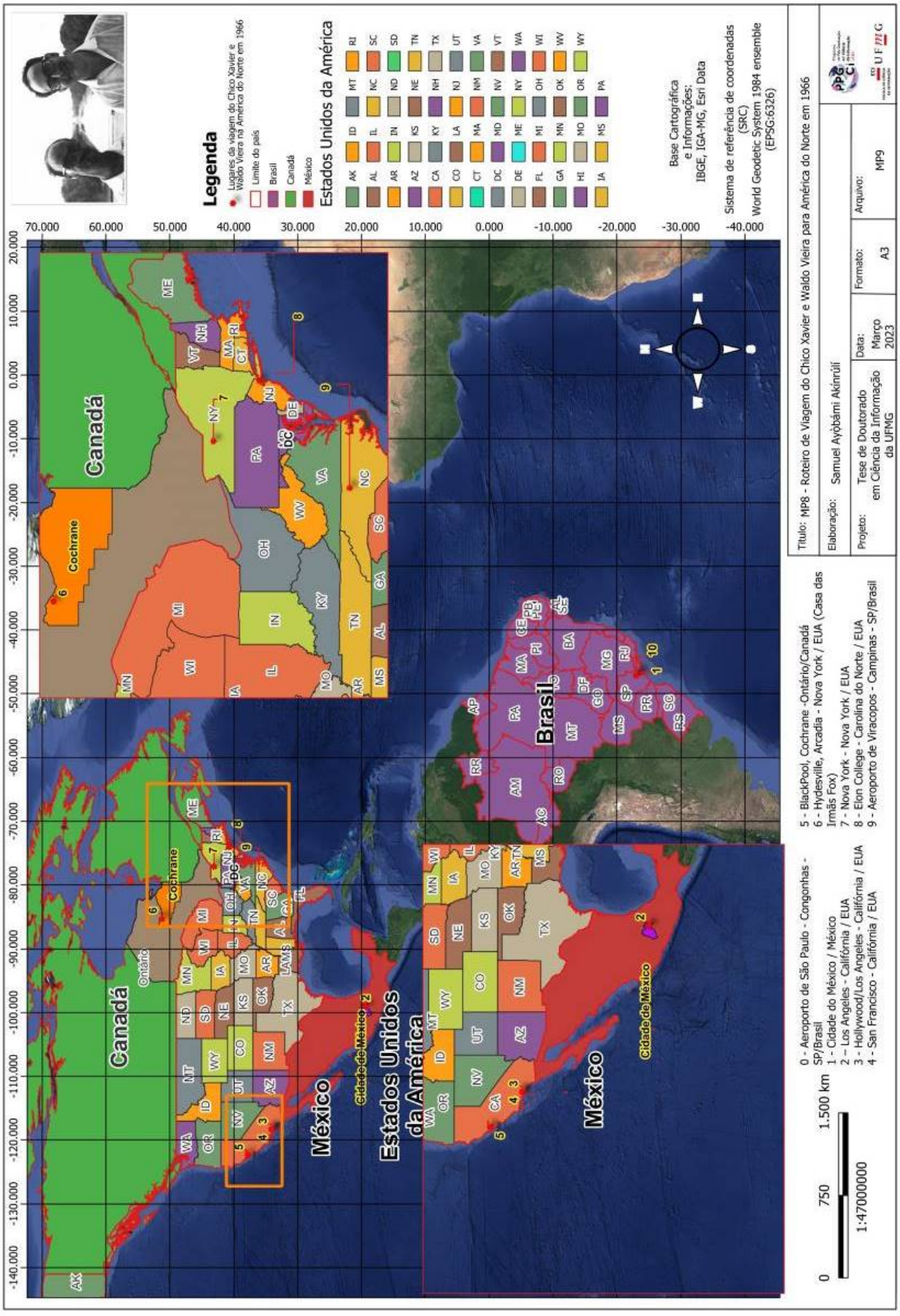
6.11. Sobreposição de *Passy* na cartografia histórica georreferenciada de Paris – França



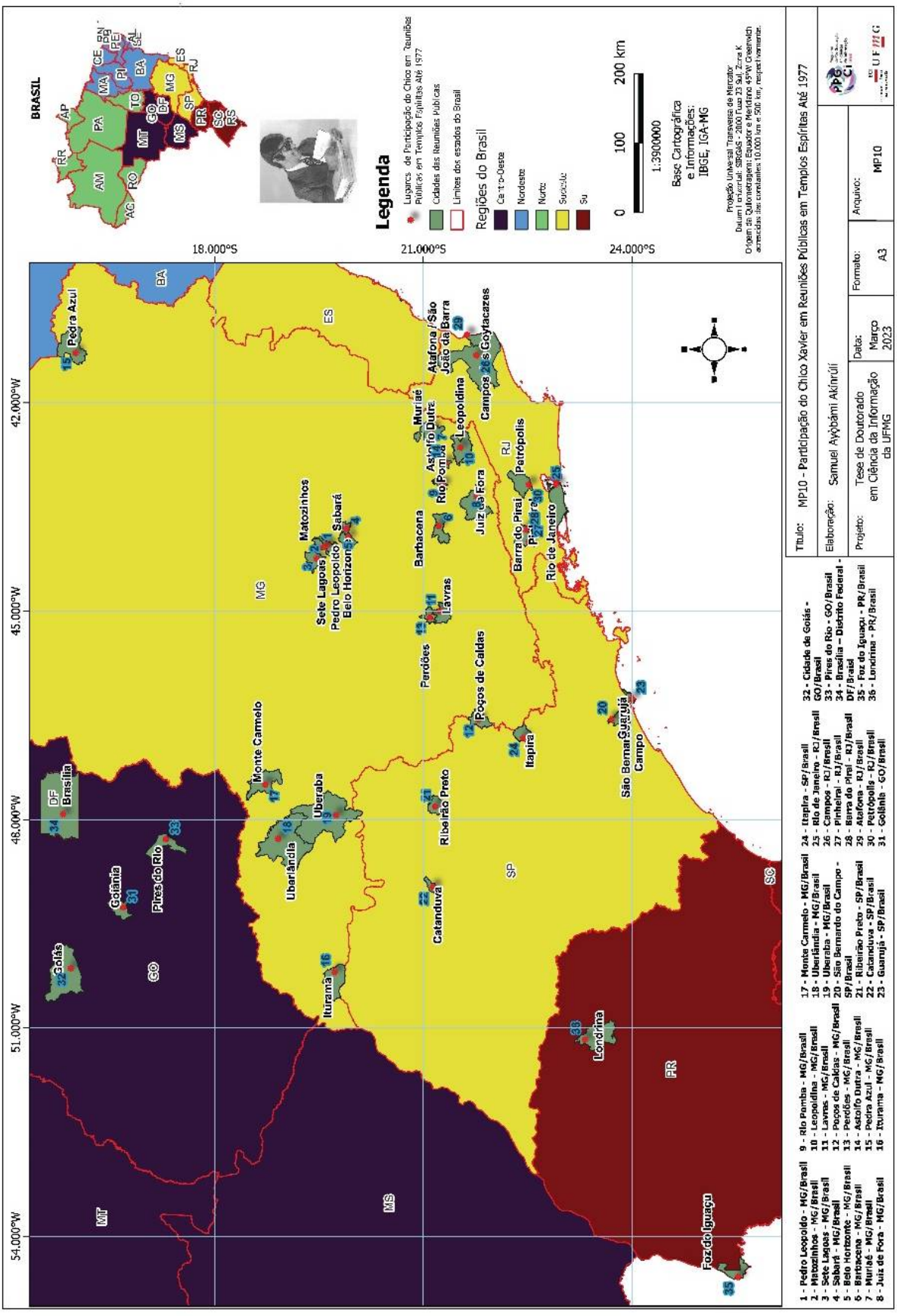
6.12. Roteiro de viagem em 1965, contemplando a América do Norte e a Europa



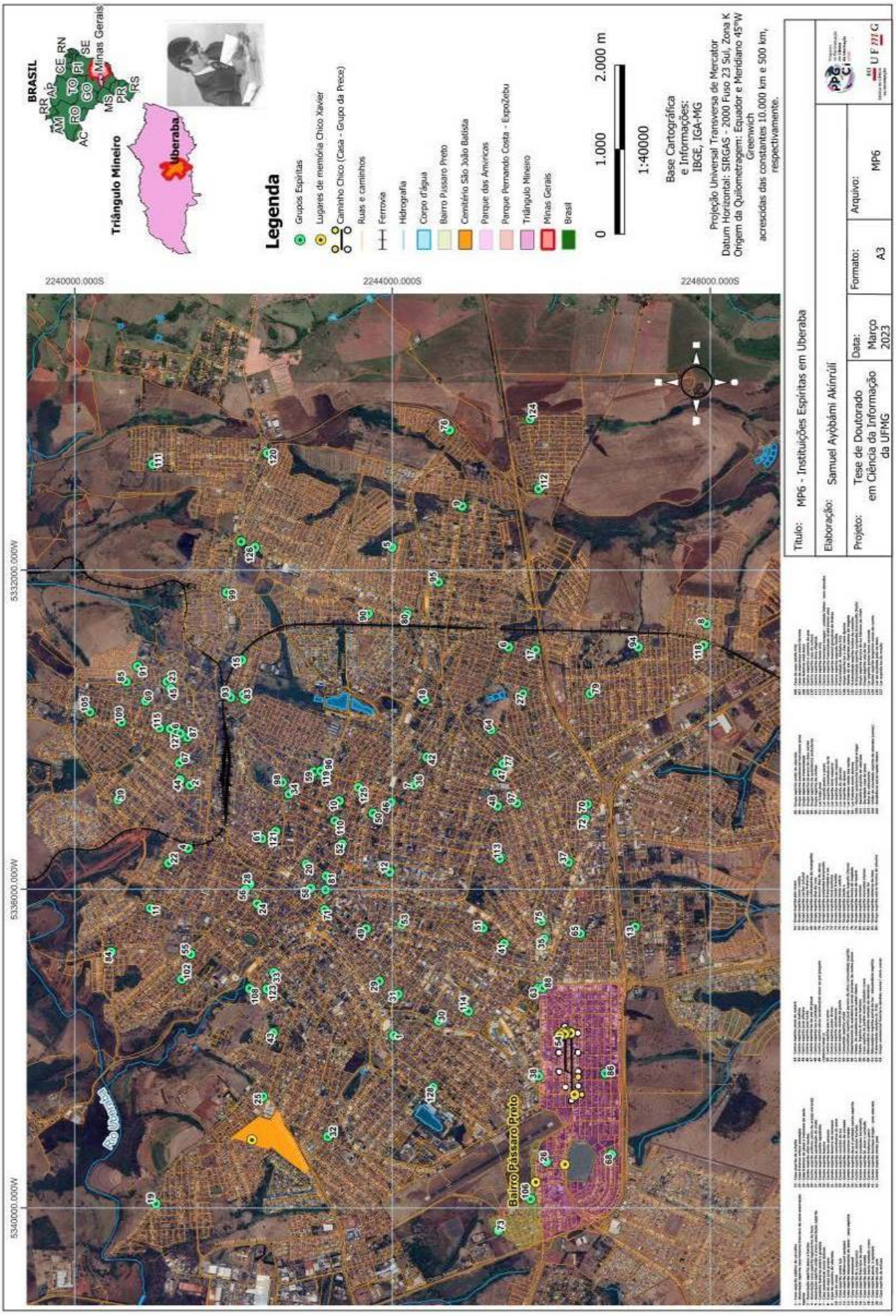
6.13. Roteiro de viagem em 1966, contemplando a América do Norte



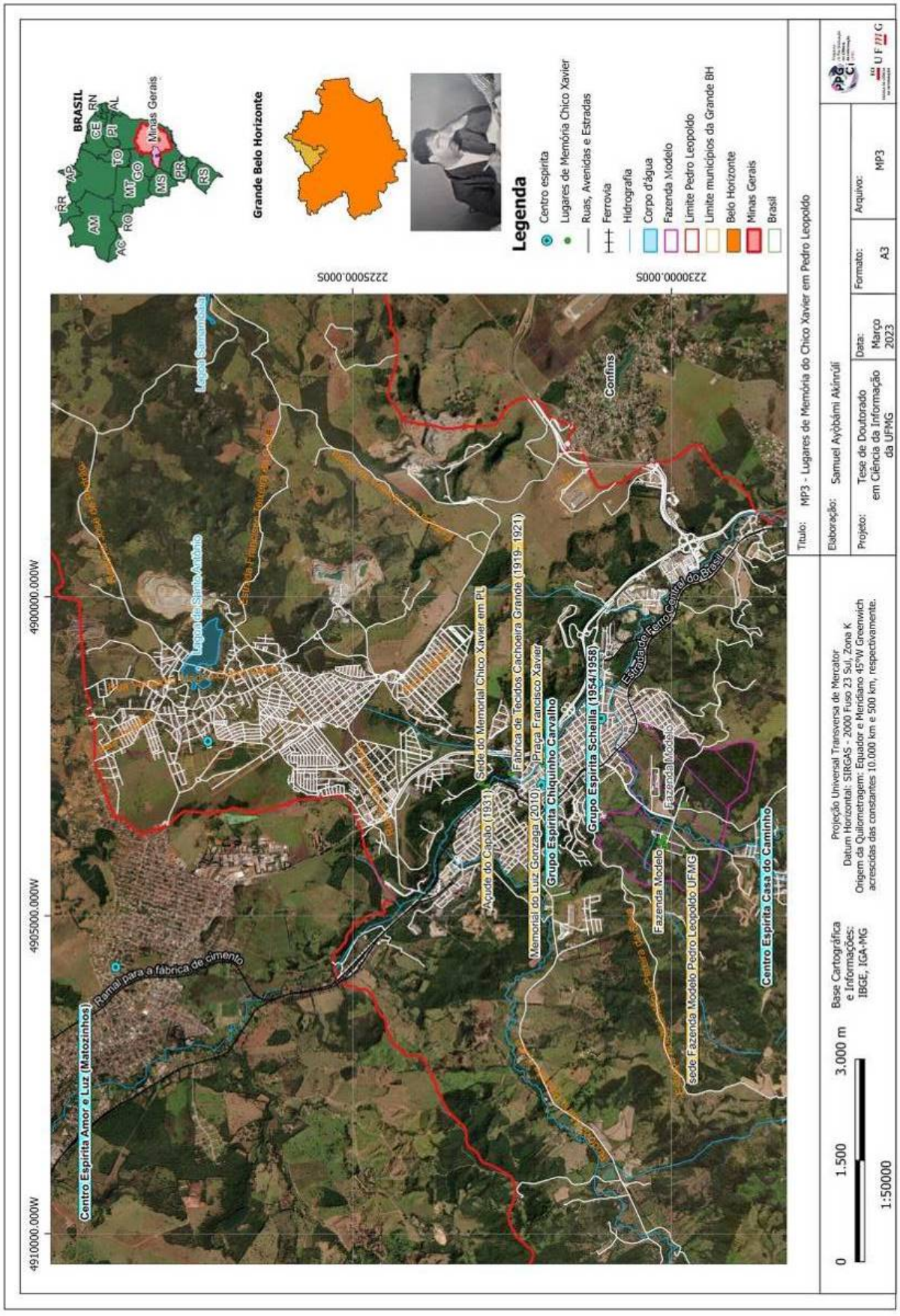
6.14. Participação de Chico Xavier em reuniões públicas em templos espíritas, de acordo com XAVIER & GERMINHASI, 1977



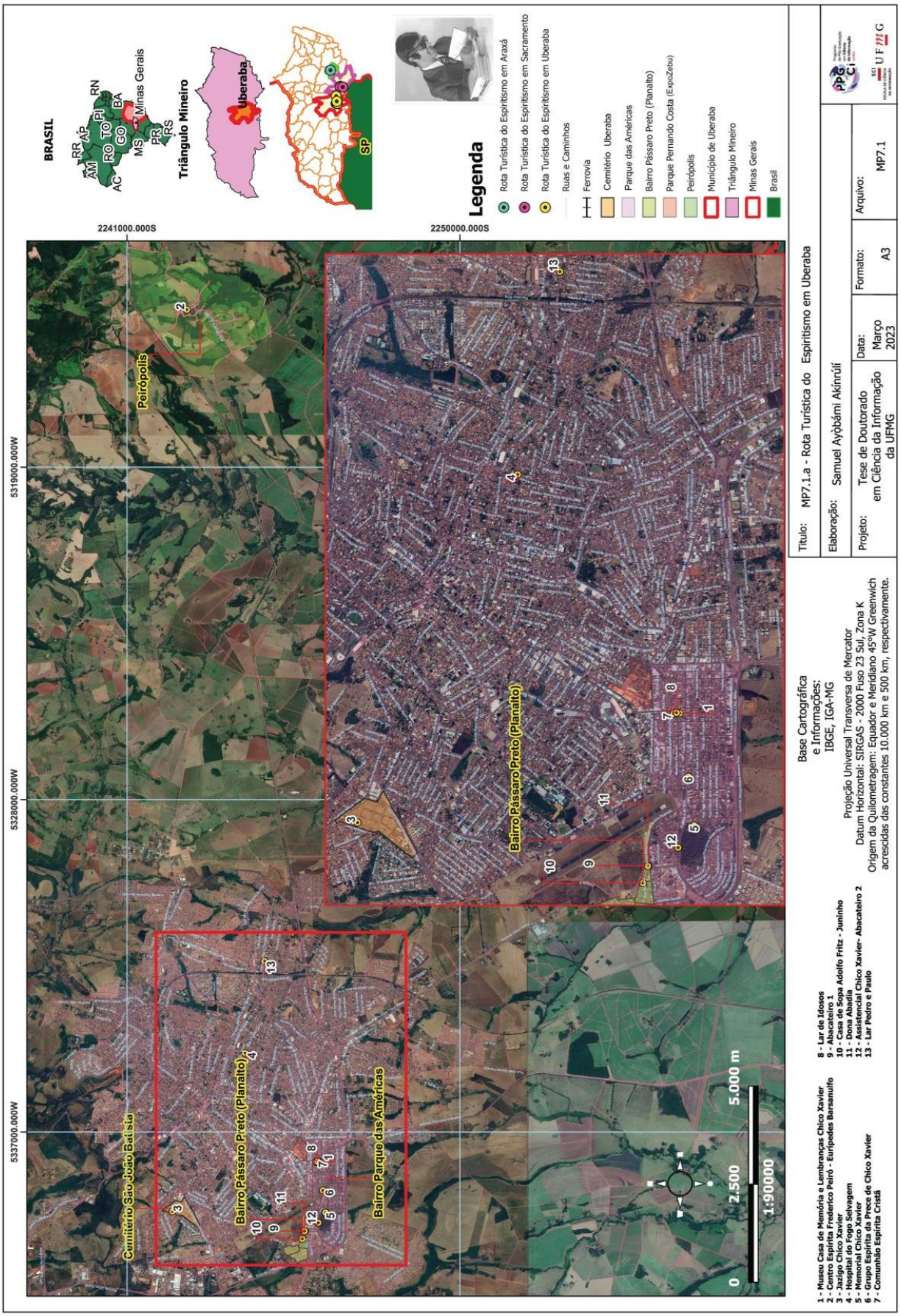
6.15. Centros espíritas de Uberaba – Minas Gerais, cadastrados na AME



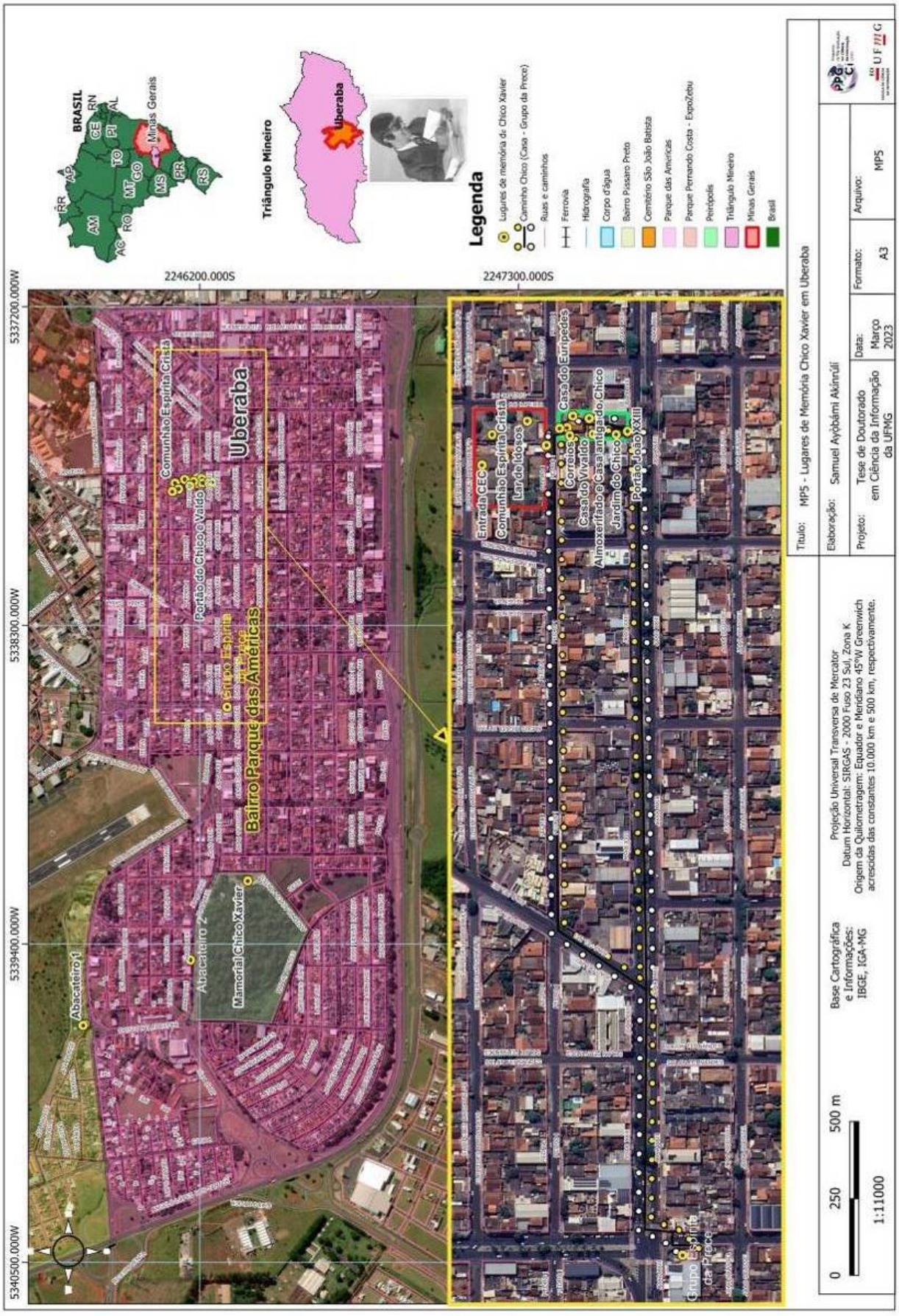
6.16. Circuito Turístico do Espiritismo em Pedro Leopoldo – Minas Gerais



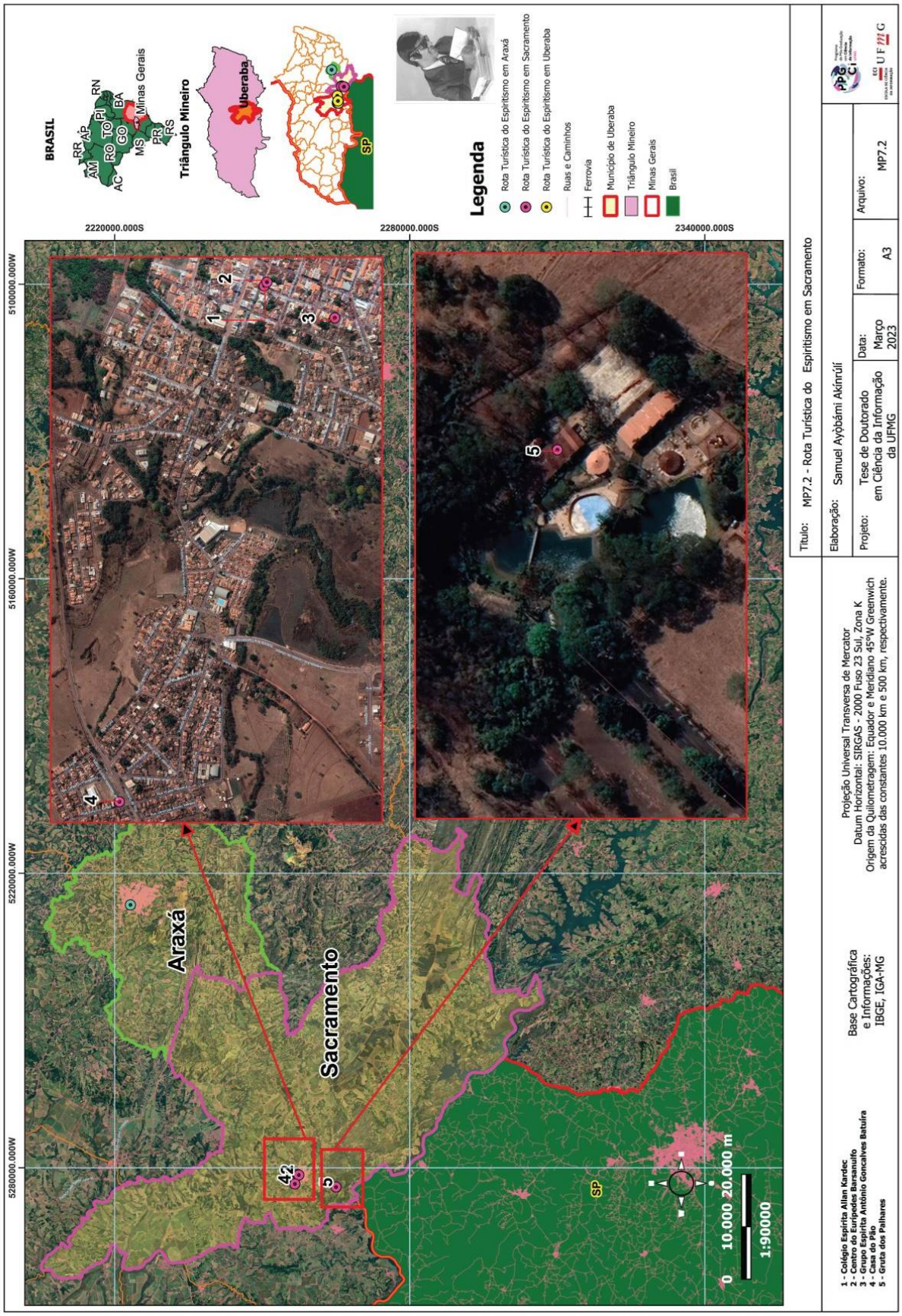
6.17. Circuito Turístico do Espiritismo em Uberaba – Minas Gerais



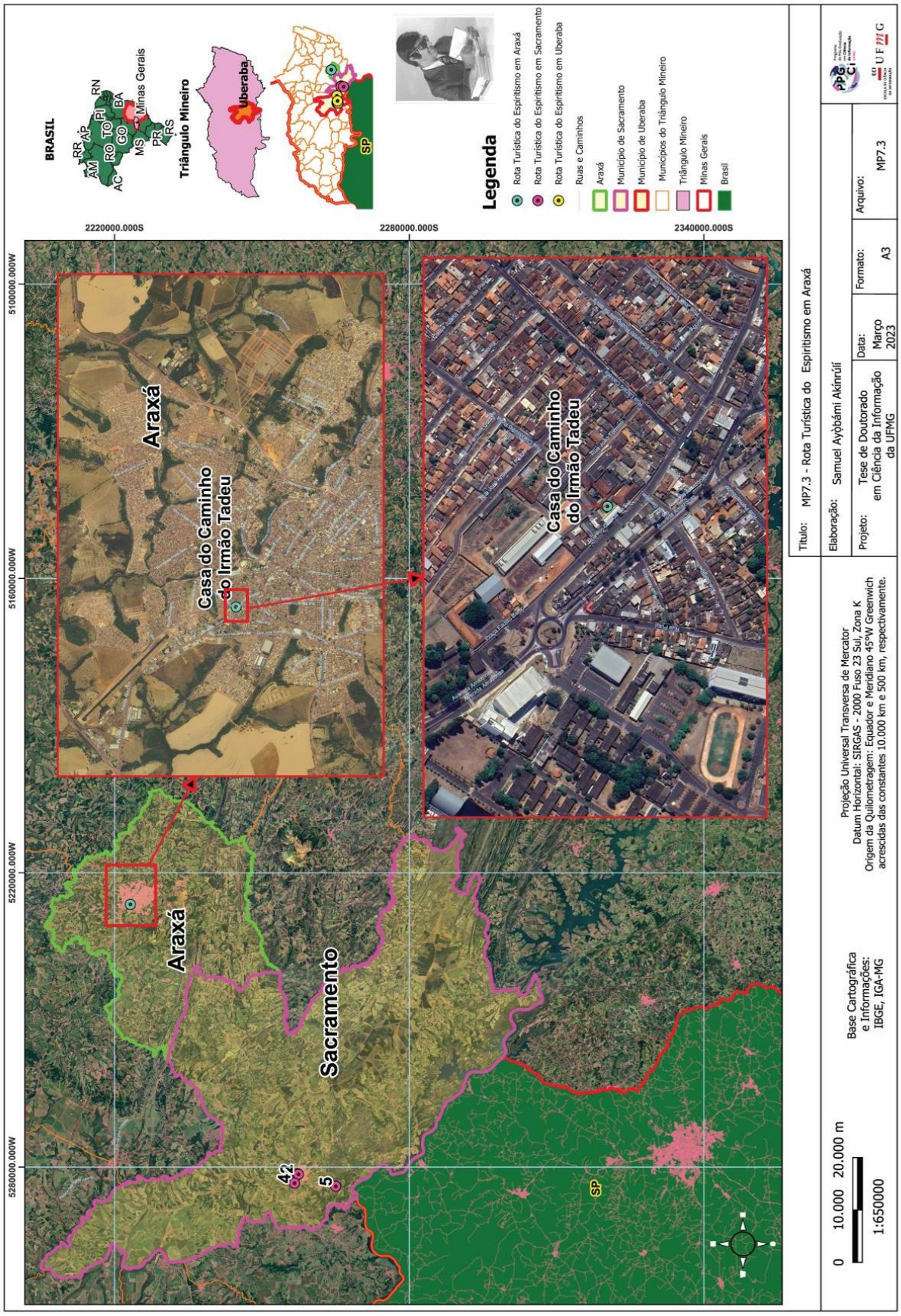
6.18. Lugares de memória associados à Chico Xavier em Uberaba – Minas Gerais



6.19. Circuito Turístico do Espiritismo em Sacramento – Minas Gerais



6.20. Circuito Turístico do Espiritismo em Araxá – Minas Gerai



*****